

**Rosa Lília Torres do Couto Coimbra-e-Silva**

**ESTUDO LINGUÍSTICO DOS  
TÍTULOS DE IMPRENSA EM PORTUGAL:  
A LINGUAGEM METAFÓRICA**



**Universidade de Aveiro**

**1999**

**Rosa Lília Torres do Couto Coimbra-e-Silva**

**ESTUDO LINGUÍSTICO DOS  
TÍTULOS DE IMPRENSA EM PORTUGAL:  
A LINGUAGEM METAFÓRICA**

Dissertação de doutoramento  
no ramo de Linguística,  
especialidade de Linguística Portuguesa  
apresentada à Universidade de Aveiro.



**Universidade de Aveiro**

**1999**

## AGRADECIMENTOS

O meu mais profundo agradecimento é dirigido à Professora Doutora Lurdes de Castro Moutinho, não só pela orientação deste trabalho, como pela confiança em mim depositada para a sua concretização e pelo entusiasmo, disponibilidade e amizade que sempre me dispensou.

De maneira especial, quero também agradecer ao Professor Doutor John Morris Parker pelo incentivo, apoio e amizade demonstrados ao longo destes anos.

Agradeço a todos os Professores, colegas e restantes elementos do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, de quem sempre recebi simpatia e amizade.

Aos meus amigos e familiares agradeço todo o apoio que me permitiu abraçar uma carreira que, sendo exigente, os torna ainda mais queridos.

Ao programa PRODEP e ao Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro agradeço o suporte financeiro que me permitiu desenvolver acções de estudo e investigação no âmbito da Linguística conducentes a esta pesquisa.

## RESUMO

Além de alguns estudos lexicais, não existe em Portugal nenhuma tradição de análise linguística da imprensa. Entre os aspectos que oferecem especial interesse, incluem-se os títulos das notícias, em parte porque propõem uma gramática diferente da da norma discursiva, mas também devido aos jogos linguísticos, nomeadamente o emprego de linguagem metafórica, a que os redactores recorrem para incentivar a leitura dos textos. O trabalho em curso debruça-se sobre os vários níveis da realização linguística deste tipo textual, partindo de um corpus informatizado de 2.060 títulos de notícia portugueses com linguagem metafórica. Assim, no nível sintáctico, interessou-nos estudar a configuração sintáctica do título e os constituintes que nele correspondem ao veículo metafórico. No nível semântico, identificámos, seguindo um enquadramento teórico subordinado à teoria dos espaços múltiplos de Fauconnier e Turner, as metáforas conceptuais presentes no corpus. No nível fonológico, foi feito um estudo sobre padrões sonoros de aliteração, rima e jogos de palavras concomitantes com a linguagem metafórica do título. O nível gráfico debruçou-se sobre os diversos processos de destacar graficamente o veículo metafórico e suas consequências na descodificação da mensagem. Finalmente, no nível intertextual, apresentou-se uma pesquisa sobre as relações internas do título com outros componentes do co-texto noticioso e as relações externas com textos mais ou menos distantes, mas culturalmente partilhados. Os resultados da pesquisa revelaram os processos através dos quais a linguagem metafórica no título de imprensa permite a verbalização de conceitos, a condensação de significados e motiva à leitura do texto.

**ABSTRACT**

*Apart from some lexical studies, there is not tradition in Portugal of linguistic analysis of the press. Among other things, however, newspaper headlines are especially interesting, partly because they present a different grammar from the discursive norm, but also due to linguistic play, namely the use of metaphoric language which editors use in order to increase newspaper reading. This thesis studies the different linguistic levels of this text type, based on a corpus of 2,060 Portuguese newspaper headlines containing metaphoric expressions. At the syntactic level, the headlines' syntactic configuration was studied as well as the constituents that correspond to the metaphoric vehicle. At the semantic level, we identified the different conceptual metaphors in the corpus following Fauconnier and Turner's theoretical model. At the phonological level, there was made a study on the sound patterns of alliteration, rhyme and puns, which are concomitant with the metaphoric language of the headline. The graphic level dealt with the different processes of highlighting the metaphoric vehicle and its consequences on text reading. Finally, at the intertextual level, we present research on the internal relations between the headline and its co-text, and its external relations with other texts, closer or more distant but culturally shared. The results of this research show the processes through which metaphoric language allows concept verbalisation and the condensing of meaning and stimulates text reading.*

## ÍNDICE GERAL:

1.	Introdução .....	1
2.	Fundamentos teóricos da pesquisa .....	9
2.1.	Sobre metáfora .....	12
2.1.1.	Uma breve panorâmica histórica .....	12
2.1.1.1.	De Aristóteles às teorias da interacção semântica .....	13
2.1.1.2.	Os estudos sintácticos sobre metáfora .....	21
2.1.1.3.	Outras teorias semânticas .....	35
2.1.1.4.	A pragmática da metáfora .....	37
2.1.2.	As teorias actuais sobre metáfora .....	43
2.1.2.1.	Projecções entre dois domínios .....	43
2.1.2.2.	Integração conceptual e espaços múltiplos .....	61
2.2.	Sobre títulos de imprensa .....	67
2.2.1.	O que é um título? .....	67
2.2.2.	A autonomia do título como objecto de estudo .....	73
2.3.	Quadro teórico em que se insere a pesquisa.....	80
3.	Delimitação da tese e descrição do corpus .....	83
3.1.	Hipótese de trabalho .....	85
3.2.	O corpus em análise .....	87
3.2.1.	A escolha do corpus .....	87
3.2.2.	O fichamento dos títulos .....	88
4.	A análise dos dados .....	97
4.1.	Nível sintáctico: a configuração sintáctica da metáfora no título .....	99
4.1.1.	As configurações sintácticas do corpus e os veículos da linguagem metafórica .....	120
4.1.1.1.	Os títulos frase .....	125
4.1.1.2.	Os títulos sintacticamente elípticos .....	157
4.1.1.3.	Os títulos bissegmentais .....	184
4.1.2.	Conclusões parciais .....	206
4.2.	Nível léxico-semântico: as metáforas conceptuais utilizadas nos títulos .....	219
4.2.1.	Os domínios conceptuais confrontados nas metáforas do corpus.....	223
4.2.1.1.	ACONTECIMENTOS INTERLIGADOS SÃO NOVELAS .....	224

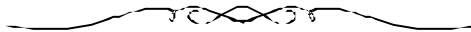
4.2.1.2. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É CAÇA .....	225
4.2.1.3. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É DISPARAR .....	226
4.2.1.4. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É ENTRAR EM CASA .....	233
4.2.1.5. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É EXAME .....	235
4.2.1.6. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É LUTA/GUERRA .....	238
Variantes .....	245
a) COMPETITIVIDADE ECONÓMICA É GUERRA .....	245
b) DESPORTO É LUTA .....	246
c) POLÍTICA É GUERRA .....	248
d) TRATAR UMA DOENÇA É TRAVAR UMA BATALHA .....	249
Pontos comuns .....	249
4.2.1.7. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É MOVIMENTO .....	250
4.2.1.8. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É SUBIR AO TRONO ..	252
4.2.1.9. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM .....	254
Variantes .....	258
a) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É CAMINHADA .....	258
b) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM DE AUTOMÓVEL .....	261
c) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM DE COMBOIO .....	263
d) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM DE BARCO .....	264
e) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É CAVALGADA .....	265
f) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VOO .....	265
g) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É PATINAR .....	266
Pontos comuns .....	267
4.2.1.10. AUMENTAR É ENGORDAR/ DIMINUIR É EMAGRECER .....	269
4.2.1.11. BOM É BRANCO/ MAU É NEGRO .....	271
4.2.1.12. BOM É DOCE/ MAU É AMARGO .....	273
4.2.1.13. BOM É EM CIMA/ MAU É EM BAIXO .....	274
4.2.1.14. BOM É GRANDE/ MAU É PEQUENO .....	276
4.2.1.15. BOM É LIMPO/ MAU É SUJO .....	277
4.2.1.16. BOM É LUZ/ MAU É ESCURIDÃO .....	278
4.2.1.17. BOM É PARAÍSO/ MAU É INFERNO .....	280
4.2.1.18. BOM É PRENDA .....	281
4.2.1.19. BOM É QUENTE/ MAU É FRIO .....	282
4.2.1.20. BOM É SAUDÁVEL/ MAU É DOENTE .....	284
4.2.1.21. BOM É SONHO/ MAU É PESADELO .....	286
4.2.1.22. COMPETIÇÃO É CORRIDA .....	287
4.2.1.23. CONFLITO É AGITAÇÃO .....	288
4.2.1.24. CONFLITO É CALOR .....	289
4.2.1.25. CONFLITO É JOGO DE XADREZ .....	290
4.2.1.26. CONFLITO É TEMPESTADE .....	291
4.2.1.27. CONTROLAR/INSISTIR É APERTAR .....	291
4.2.1.28. DESORGANIZADO/CONFUSO É DO AVESSE .....	292

4.2.1.29. DESONESTIDADE É PIRATARIA .....	292
4.2.1.30. DESPORTO É EXECUÇÃO/ DESTRUIÇÃO.....	293
4.2.1.31. DESPORTO É JOGO DE MESA .....	294
4.2.1.32. DESPORTO É ESPECTÁCULO DE PALCO .....	295
4.2.1.33. DESTRUIÇÃO GENERALIZADA É VARRER/LIMPAR	296
4.2.1.34. DINHEIRO É LÍQUIDO .....	296
4.2.1.35. ENTIDADES DIVISÍVEIS SÃO BOLOS .....	297
4.2.1.36. ENTIDADES EM EVOLUÇÃO SÃO PLANTAS .....	297
4.2.1.37. ENTIDADES INTERLIGADAS SÃO TECIDOS .....	299
4.2.1.38. ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO CAPOEIRAS. ....	301
4.2.1.39. ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO CORPOS HUMANOS	301
4.2.1.40. ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO MÁQUINAS .....	304
4.2.1.41. EXISTÊNCIA É VIDA .....	304
4.2.1.42. FALTA/DÍVIDA É BURACO .....	308
4.2.1.43. GRANDE AFLUÊNCIA É INVASÃO .....	309
4.2.1.44. GRANDE QUANTIDADE É CHUVA .....	309
4.2.1.45. GRANDE QUANTIDADE É MAR .....	310
4.2.1.46. IMPEDIR A PROGRESSÃO É CONGELAR .....	311
4.2.1.47. INACTIVO É ADORMECIDO/ ACTIVO É ACORDADO.	312
4.2.1.48. MÁQUINAS SÃO ANIMAIS .....	313
4.2.1.49. MODIFICAÇÕES SÃO DANÇAS .....	313
4.2.1.50. MUDANÇAS SÃO ERAS .....	314
4.2.1.51. OBTER É GANHAR DINHEIRO/ HERDAR .....	314
4.2.1.52. POLÍTICA É JOGO/ DESPORTO .....	314
4.2.1.53. POLÍTICA É ESPECTÁCULO .....	317
4.2.1.54. PREJUDICAR É DEVORAR .....	317
4.2.1.55. PROBLEMAS SÃO NÓS .....	318
4.2.1.56. PROBLEMAS SÃO QUEBRA-CABEÇAS .....	319
4.2.1.57. PROJECTOS PARA O FUTURO SÃO APOSTAS .....	319
4.2.1.58. PRÓXIMO É COLADO .....	319
4.2.1.59. REALIZAÇÕES HUMANAS SÃO CONSTRUÇÕES .....	320
4.2.1.60. REALIZAÇÕES HUMANAS SÃO COZINHADOS .....	321
4.2.1.61. RECOLHER É PESCAR .....	322
4.2.1.62. RELACIONAMENTO É CONTACTO FÍSICO .....	322
4.2.1.63. RELACIONAMENTO É PARENTESCO .....	324
4.2.1.64. RELACIONAMENTO É SOM .....	325
4.2.1.65. (RE)ORGANIZAR É ARRUMAR .....	326
4.2.1.66. ROUBAR É ACTIVIDADE HONESTA .....	327
4.2.1.67. SERES HUMANOS SÃO ANIMAIS .....	328
4.2.1.68. SOFRIMENTO É TORTURA/ MARTÍRIO .....	331
4.2.1.69. TRÂNSITO É LÍQUIDO .....	331
4.2.1.70. ZONAS CONTRASTANTES SÃO ILHAS.....	332
4.2.2. Conclusões parciais .....	333



4.3.	Nível fonológico: os jogos sonoros envolvendo a linguagem metafórica do título .....	345
4.3.1.	A aliteração .....	348
4.3.2.	A rima .....	350
4.3.3.	Os jogos de palavras .....	351
4.3.3.1.	baseados na homonímia e homofonia .....	353
4.3.3.2.	baseados na polissemia .....	357
4.3.3.3.	baseados na paronímia .....	368
4.3.4.	Conclusões parciais .....	373
4.4.	Nível gráfico: o destaque gráfico dos veículos metafóricos nos títulos de imprensa .....	379
4.4.1.	Caracteres tipográficos: o itálico .....	382
4.4.2.	As aspas .....	385
4.4.3.	Os parênteses .....	388
4.4.4.	Os punctemas suspensivos .....	393
4.4.5.	Conclusões parciais .....	397
4.5.	Nível intertextual: a relação da linguagem metafórica do título com o co(n)texto e com o intertexto .....	401
4.5.1.	Intertextualidade interna: o título e o seu co(n)texto imediato .....	406
4.5.1.1.	O papel do co-texto na descodificação da metáfora do título .....	409
a)	Antetítulo .....	409
b)	Subtítulo .....	410
c)	Chamada .....	411
d)	Lead e super-lead .....	412
e)	Ilustração .....	413
f)	Legenda de ilustração .....	416
g)	Corpo da notícia .....	418
4.5.1.2.	A linguagem metafórica do cotexto .....	420
a)	Repetição .....	421
b)	Extensão .....	425
c)	Diversificação .....	429
4.5.1.3.	A linguagem literal do co-texto .....	432
4.5.1.4.	Quando a notícia tem dois títulos .....	435
4.5.2.	Intertextualidade externa: palimpsestos verbais no título .....	448
4.5.2.1.	O título e o intertexto no mesmo jornal .....	448
4.5.2.2.	O título e o intertexto exterior ao jornal .....	451
a)	Provérbios .....	452
b)	Frases bíblicas .....	456
c)	Títulos de obras literárias .....	459

	d) Títulos de filmes .....	461
	e) Letras de canções .....	462
	f) <i>Slogans</i> publicitários .....	463
	g) Cognomes reais .....	464
	h) Expressões idiomáticas .....	465
	i) Manchetes de outros jornais .....	467
	j) Relatos e citações .....	468
	k) Outros pequenos textos .....	473
	4.5.3. Conclusões parciais .....	474
5.	Conclusões finais .....	483
6.	Apêndices .....	499
6.1.	Apêndice 1: O corpus de títulos .....	501
6.2.	Apêndice 2: Inventário das configurações sintáticas dos títulos do corpus .....	539
6.3.	Apêndice 3: Inventário dos esquemas fonológicos utilizados em alguns títulos metafóricos do corpus .....	551
6.4.	Apêndice 4: Inventário dos destaques gráficos dos veículos metafóricos nos títulos do corpus .....	553
7.	Referências bibliográficas .....	557
8.	Índice dos quadros, gráficos e diagramas .....	603
8.1.	Quadros .....	605
8.2.	Gráficos .....	608
8.3.	Diagramas .....	610
9.	Anexo .....	611



# ***1. Introdução***

## 1. Introdução

Neruda meteu a mão no bolso e tirou uma nota vermelha “mais que regular”. O carteiro disse “obrigado”, não tão aflito pela quantia como pela iminente despedida. Essa mesma tristeza pareceu imobilizá-lo a um grau alarmante. O poeta, que se dispunha a entrar, não pôde deixar de se interessar por uma inércia tão pronunciada.

– O que tens?

– Dom Pablo?

– Ficas aí parado como um poste.

Mario torceu o pescoço e procurou os olhos do poeta de baixo a cima.

– Cravado como uma lança?

– Não, quieto como uma torre de xadrez.

– Mais tranquilo que gato de porcelana?

Neruda largou a maçaneta do portão, e acariciou o queixo.

– Mario Jiménez, além das *Odes elementares* tenho lido livros muito melhores. É indigno que me submetas a todo o tipo de comparações e metáforas.

– Don Pablo?

– Metáforas, homem!

– Que coisas são essas?

O poeta pôs uma mão no ombro do rapaz.

– Para te esclarecer mais ou menos imprecisamente, são maneiras de dizer uma coisa comparando-a com outras.

– Dê-me um exemplo.

Neruda olhou para o relógio e suspirou.

– Bem, quando tu dizes que o céu está a chorar, o que é que queres dizer?

– Que fácil! Que está a chover, pois.

– Bem, isso é uma metáfora.

– E porque é que sendo uma coisa tão fácil, se chama uma coisa tão complicada?

– Porque os nomes não têm nada a ver com a simplicidade ou complicação das coisas. Segundo a tua teoria, uma coisa pequena que voa não devia ter um nome tão comprido como *mariposa*. Pensa que *elefante* tem o mesmo número de letras que *mariposa* e é muito maior e não voa – concluiu Neruda exausto. Com um resto de ânimo, apontou a Mario o caminho para a calheta. Mas o carteiro ainda teve a presença de espírito para dizer:

– Poça, como eu gostava de ser poeta!

– Homem! No Chile todos são poetas. É mais original que continues a ser carteiro. Pelo menos andas muito e não engordas. No Chile todos os poetas são barrigudos.

Antonio Skármeta, *O Carteiro de Pablo Neruda (Ardente Paciência)*, Lisboa, Editorial Teorema, 1986, pp. 29-30.

Podemos dizer que a metáfora nasce com a própria necessidade de comunicar. E desde que o homem da ciência se interessou pelo estudo da linguagem, que não pôde ignorar a sua face metafórica. Os estudos sobre esta figura têm despertado o interesse não apenas de áreas a ela tradicionalmente ligadas, como a literatura, mas também de áreas diversas do conhecimento, nomeadamente, a Linguística, a Filosofia, a Antropologia Cultural, a Psicologia, a Didáctica e outras. Assim, ao longo dos séculos e

principalmente nos nossos dias, teorias, experiências e estudos aplicados envolvendo a metáfora não cessaram de se multiplicar, de tal modo que hoje podemos falar de uma verdadeira "indústria" da metáfora, apoiada inclusivamente por periódicos especializados no assunto<sup>1</sup>.

Em relação à língua portuguesa, porém, este estágio de industrialização não parece ter ainda chegado. Os estudos sobre a linguagem metafórica não abundam e os que existem centram-se, na grande maioria das vezes, na sua utilização em texto literário. A caracterização linguística da metáfora nos títulos das notícias na imprensa não parece, até ao momento, ter recebido muita atenção da parte dos estudiosos da língua portuguesa. No decurso desta tese, fizemos várias pesquisas bibliográficas que o confirmam. Consultámos bases de dados informatizadas como a PORBASE, ERIC, PSYCLIT e MLA e localizámos as obras que nos pareceram mais relevantes. Foram, além disso, consultadas recolhas bibliográficas especializadas (SHIBLES, 1971; NOPPEN et al., 1985; NOPPEN & HOLS, 1990; ROHRER, 1996 e 1997a; SAMANIEGO-FERNÁNDEZ, 1998; VEALE, s.d.) e efectuadas pesquisas na Internet e *in loco* em diversas bibliotecas e editoras nacionais e estrangeiras. Um rápido olhar pelas nossas referências bibliográficas revelará imediatamente, nesta área, a hegemonia quase absoluta dos estudos no âmbito das línguas inglesa, alemã e francesa.

Mais escassos ainda são os estudos que, no âmbito da Linguística Portuguesa, visam a análise do título de imprensa. Sendo este um tipo de texto com características

---

<sup>1</sup> A revista mais conhecida nesta área é *Metaphor and Symbol*, a qual, até 1996, apresentava o nome de *Metaphor and Symbolic Activity*. A nível da Internet, encontramos ainda uma *mailing list* especializada em estudos sobre linguagem figurada, intitulada *FLN - Figurative Language Network*, onde estudiosos de todo o mundo trocam artigos, ideias e questões relacionadas com essa problemática. A maior parte deste intercâmbio diz respeito à metáfora.

muito peculiares, como veremos no decorrer deste trabalho, merece, pelo seu impacto e crescente importância na nossa sociedade, a atenção da Linguística Textual na sua análise e caracterização.

Partindo da hipótese de que a linguagem metafórica nos títulos das notícias se adequa ao cumprimento dos objectivos de condensação da informação e de estímulo à leitura, procuraremos mostrar em que mecanismos linguísticos se baseia esta tese. Assim, com este trabalho, propomo-nos fazer uma análise linguística da linguagem metafórica utilizada nos títulos das notícias da imprensa diária portuguesa. O jornal, e os meios de comunicação de massas em geral, utilizam precisamente a linguagem figurada como um dos meios mais penetrantes e, ao mesmo tempo, mais subtis de modelar perspectivas, ideologias e pontos de vista. As restrições de tempo e espaço com que os redactores se deparam levam à necessidade de um meio eficaz de comunicar ideias complexas, compactando-as numa linguagem apelativa e acessível ao público. De entre todas as formas de linguagem figurada, a metáfora destaca-se, nomeadamente no que diz respeito à linguagem dos títulos, pela sua versatilidade e facilidade em transmitir ideias complexas associando-as a vivências, conhecimentos e imagens previamente adquiridos e interiorizados pela comunidade linguística.

Por outro lado, com a necessidade de conquistar o potencial público para a leitura das notícias, as manchetes revelam-se, hoje, um tipo textual em que o efeito perlocutório de captação da atenção do leitor só tem paralelo nos slogans publicitários.

O presente trabalho procura dar algumas respostas e contribuições no sentido de preencher as lacunas que referimos, juntando-as numa mesma problemática: a dos títulos

de notícia com linguagem metafórica.

Em primeiro lugar, apresentamos uma breve abordagem a algumas pesquisas anteriores, quer no âmbito da linguagem metafórica, quer no âmbito do estudo dos títulos. Os principais pressupostos teóricos que estiveram na base desta pesquisa são, igualmente, expostos.

Segue-se um capítulo onde se apresenta a hipótese de trabalho e a metodologia subjacente à análise do corpus<sup>2</sup> de textos.

Este corpus, constituído por 2.060 títulos de notícias retirados dos diários *Correio da Manhã*, *Comércio do Porto*, *Jornal de Notícias* e *Público*, é, neste trabalho, estudado de acordo com os diversos níveis de análise linguística. Na secção sobre o nível sintáctico, depois de uma panorâmica das pesquisas anteriores no âmbito da configuração sintáctica da expressão metafórica, por um lado, e do título de imprensa, por outro, propomos uma tipologia tripartida, segundo a qual os títulos do corpus são analisados e classificados. No nível léxico-semântico, identificamos as metáforas conceptuais predominantes nos títulos em análise, assim como os domínios lexicais nelas actuantes. Segue-se uma abordagem ao nível fonológico, onde se estudam os casos em que a linguagem metafórica se encontra, de algum modo, ligada a padrões sonoros de aliteração, rima ou jogos de palavras. Também ligado ao lado formal, mas desta vez gráfico, segue-se o estudo dos diversos destaques gráficos da expressão linguística

---

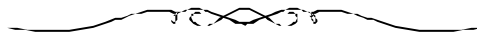
<sup>2</sup> Em Linguística, entende-se por corpus “A collection of linguistic data, either written texts or a transcription of recorded speech, which can be used as a starting-point of linguistic description or as a means of verifying hypotheses about a language” (CRYSTAL, 1986). Um corpus é encarado como um conjunto de textos recolhidos de acordo com determinados parâmetros e com determinados fins específicos (ao contrário de um arquivo, por exemplo, em que cada texto é considerado individualmente). O interesse do corpus é permitir caracterizar um estado, variedade linguística ou tipo de discurso através do levantamento das suas características mais recorrentes.

metafórica e seu papel na produção e descodificação do texto. Finalmente, a um nível intertextual, quebram-se os limites do pequeno texto que é o título, enquadrando-o no respectivo co(n)texto e identificando possíveis alusões a outros textos que lhe são exteriores.

A dissertação termina com um capítulo de conclusões no qual procuramos realçar, de uma forma sistemática, os aspectos que, ao longo da pesquisa, se revelaram mais importantes nos diversos níveis da caracterização linguística dos títulos de imprensa com linguagem metafórica.

Os diversos capítulos incluem um total de 267 notas de rodapé, onde se fornecem comentários adicionais, esclarecimentos e sugestões de outras pesquisas onde se poderão encontrar diferentes facetas dos assuntos em questão.

Fazem, ainda, parte do trabalho quatro apêndices, onde se transcrevem todos os títulos do corpus com a respectiva localização e diversas listagens de dados inventariados, bem como a bibliografia, onde se referenciam as obras citadas e referidas nos capítulos anteriores, e um índice dos gráficos, diagramas e tabelas. No final do volume, em anexo, apresenta-se uma disquete contendo a totalidade da base de dados que sustentou a pesquisa.





## ***2. Fundamentos teóricos da pesquisa***

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Nesta parte da tese, pretendemos abordar duas questões fundamentais que servirão de suporte a todo o trabalho de tratamento e análise dos dados que constitui o ponto fulcral desta pesquisa e que permitirá chegar às conclusões que daí se forem retirando.

A primeira destas grandes questões diz respeito aos estudos anteriores que, no âmbito da problemática da linguagem metafórica, se foram desenvolvendo em Linguística. Focaremos uma breve perspectiva cronológica destes estudos e salientaremos aqueles que, pela sua actualidade e pertinência, mais elementos teóricos forneceram como suporte do presente trabalho. Uma perspectiva ecléctica, em que diversos elementos instrumentais se revelaram úteis, será a abordagem aqui favorecida.

A segunda questão abordada neste capítulo prende-se com o próprio objecto de estudo: o título de imprensa. Faremos uma caracterização, apoiada em estudos no âmbito da Linguística e dos Estudos Literários, do texto titular e suas particularidades, nomeadamente o seu carácter textual autónomo mas não independente.

Numa palavra, este pretende ser um capítulo que vai introduzir e situar a problemática da linguagem metafórica e da linguagem dos títulos de imprensa. Assim, o estudo desta figura não surge como um fim em si mesmo, mas como um modo de melhor compreender a forma e o conteúdo dos enunciados que são o nosso objecto de análise.

## 2.1. SOBRE METÁFORA

O primeiro aspecto a considerar prende-se com a teorização sobre a linguagem metafórica. Nesta secção, abordaremos três pontos fundamentais. Em primeiro lugar, recuaremos no tempo e apresentaremos, em traços gerais, algumas das teorias que mais marcaram a evolução dos estudos neste domínio. Em segundo lugar, atentaremos particularmente nas teorias mais recentes no âmbito da Linguística Cognitiva. Por fim, após uma abordagem ao tipo textual em estudo, o título de imprensa, realçaremos os pontos mais marcantes que constituem a fundamentação teórica do presente trabalho.

### 2.1.1. UMA BREVE PANORÂMICA HISTÓRICA

A maior grandiosidade é sem dúvida ser-se mestre na metáfora. É a única coisa que não pode ser aprendida dos outros. É a marca do génio.

ARISTÓTELES (*Poética*, §22)

Antes de procedermos ao trabalho de análise propriamente dito e de dizermos seja o que for acerca de uma figura como a metáfora, evocaremos, ainda que em breves pinceladas, alguns dos estudos<sup>1</sup> que, ao longo dos tempos, mais contribuíram para o conhecimento do processo metafórico.

---

<sup>1</sup> Num nosso anterior trabalho académico (COIMBRA-E-SILVA, 1990: 5-15), apresentámos também uma panorâmica histórica sobre os estudos que, ao longo dos tempos, mais marcaram a evolução do conhecimento sobre a metáfora. Aqui, apresentamos uma visão mais abrangente e actualizada. No entanto, o nosso destaque vai para o ponto 2.1.2, onde se apresentam as teorias actuais sobre este fenómeno que serviram de base à nossa análise, nomeadamente ao capítulo sobre o nível léxico-semântico.

### 2.1.1.1. DE ARISTÓTELES ÀS TEORIAS DA INTERACÇÃO SEMÂNTICA

Os primeiros estudos sistemáticos datam do séc. IV a.C. e foram desenvolvidos pelo grande filósofo estagirita Aristóteles. Ele encarava a linguagem metafórica como abarcando simultaneamente os domínios da Retórica e da Poética, e definia-a, na sua obra *Arte Poética*, em termos muito gerais: "A metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do género para a espécie, ou da espécie para o género, ou da espécie à espécie, ou por via da analogia" (op.cit., cap.XXI, 7)<sup>2</sup>. A transferência baseada na analogia de quatro termos era considerada a forma mais popular de metáfora. Dados os termos A está para B tal como C está para D, podemos substituir A por C e vice-versa. Também podemos criar um elo genitivo entre A e D ou entre C e B. Por exemplo, se a velhice está para a vida como o entardecer para o dia, podemos falar metaforicamente da velhice do dia e do entardecer da vida. A expressão "transposição do nome" tem sido objecto de análise por alguns linguistas que chegam à conclusão de que ela, de facto, pode dar uma falsa ideia do que realmente Aristóteles entendia por metáfora, uma vez que, na sua argumentação, ele acaba por a situar, não ao nível formal, mas ao nível conceptual:

"Aristotle sees metaphoric expressions as conceptually anchored: although the Poetics contains a potentially misleading sentence describing metaphor as the transfer of an expression from one thing to another, the context makes it clear that Aristotle sees the linguistic transfer as motivated by a conceptual relation-- either of category (genus to species, species to genus, species to species) or of analogy. In his view, the conceptual transfer induces the linguistic transfer. A few paragraphs later, he defines metaphor as conceptual in explaining that metaphor comes from considering (θεωρεῖν) likenesses: "τὸ γὰρ εἶ μεταφέρειν τὸ τὸ ὅμοιον θεωρεῖν ἐστίν." (Poetics, Book 22, chapter 17)." (TURNER, 1998).

---

<sup>2</sup> Ver em ECO, 1984: 50-60 e 1994: 207-221 a apresentação e discussão da metáfora em Aristóteles. Eco defende que as duas primeiras categorias de Aristóteles não são metáforas mas sinédoques; que a terceira categoria pode ser incluída na quarta; e que a metáfora proporcional (de quatro termos) de Aristóteles não explica o seu mecanismo de construção mas apenas, eventualmente, o efeito final da figura (explica-nos a conclusão à qual essa metáfora nos leva mas não porque e como ela é construída). Ricoeur (1983) apresenta a complexidade da posição aristotélica face a esta figura e Gordon (1990) salienta o seu aspecto enigmático e quase contraditório.

A visão aristotélica da metáfora foi, erradamente ou não, interpretada pelos estudiosos posteriores como significando a epífora do nome, a transposição de um nome estranho (*allogrios*), ou seja, que designa outra coisa. Estavam lançadas as bases da hipótese da substituição que via a metáfora como um pedido de empréstimo, a um domínio estranho, de um termo que vem ocupar o lugar de um *substituens* com um significado literal. O mesmo percurso se verificava na comparação que era encarada como uma expansão da metáfora por analogia em que o confronto era explicitado por um termo ("como", por exemplo). Posteriormente, Cícero e Quintiliano inverteram este ponto de vista e apresentaram a metáfora como uma comparação abreviada, visão que, durante muito tempo se sobrepôs à de Aristóteles. É esta a posição de, por exemplo, Lausberg (1967: 163), que segue o conceito de metáfora dominante na Retórica Clássica, definindo-a como a

substituição (*mmutatio*) de um *verbum proprium* ("guerreiro") por uma palavra cujo significado entendido *proprie*, está numa realção de semelhança (*similitudo*) com o significado *proprie* da palavra substituída ("leão")./ A metáfora, por esse motivo, é definida também como "comparação abreviada", na qual o que é comparado é identificado com a palavra que lhe é semelhante. À comparação (*similitudo*) "Aquiles lutava como um leão" corresponde a metáfora "Aquiles era um leão na batalha"<sup>3</sup>.

Em meados do século XVII, Emanuele Tesauro, em *Luneta Aristotélica*, retoma as teses do velho mestre estagirita. Atribui, igualmente, um âmbito muito lato à metáfora, abarcando todo o tropo e figura. Analisa o mecanismo metafórico não só na linguagem mas também na pintura, escultura, medalhística, arquitectura, etc. Defende a ideia de que o poder de construção da metáfora impõe um trabalho laborioso de leitura de

---

<sup>3</sup> Esta relação entre a metáfora e a comparação tem gerado alguma controvérsia entre linguistas com pontos de vista diferentes. David Copper (1989), por exemplo, defende o ponto de vista segundo o qual o simile (comparação retórica) é sempre verdadeiro, enquanto a metáfora é sempre logicamente falsa (ver recensões em MÜHLHÄUSLER, 1989 e HERMAN, 1994). Tal como Ricoeur (1983), este autor coloca o simile no domínio do literal e a metáfora, pelo contrário, no do não-literal e da "falsidade", estabelecendo, deste modo, uma bipolarização. Outros autores, como é o caso de Teresa Bridgeman, salientam os aspectos comuns entre as duas figuras e argumentam que o simile pode ser tão "poético" e afectivo como se considera que a metáfora é, e a metáfora, por sua vez, pode ser simples e fácil como um simples simile (BRIDGEMAN, 1996, p.67). Esta autora segue a perspectiva de Eva Kittay (1990) segundo a qual o simile e a metáfora, apesar de diferentes, partilham do mesmo potencial expressivo, não podendo a sua percepção ser reduzida às diferenças nas suas condições de verdade.

uma grande quantidade de obras e realizações, num convite óbvio à intertextualidade, o qual será seguido da aprendizagem de uma combinatória. Nesta fase, Tesouro sugere a elaboração de um índice de categorias em fichas ou tabelas onde, para construir uma metáfora sobre determinada realidade, se poderia consultar e descobrir quais as realidades que, metaforicamente, serviriam para transmitir a ideia de determinada propriedade. Por exemplo, para fazer uma metáfora sobre um anão, consultava-se o índice das Coisas Pequenas dentro da categoria Quantidade (ECO, 1994: 223-225).

Um século mais tarde, Giambattista Vico, em *A Ciência Nova*, questiona esta existência de campos e universos semânticos presidindo à produção e interpretação da metáfora. Esta é vista como um elemento de comunicação interpessoal, não se resumindo a fórmulas linguísticas. Para Vico, linguagem e metáfora, em parte, constituem e determinam o pensamento (SHIBLES, 1971: 297).

A retórica posterior reduz o âmbito da metáfora à figura aparentada à quarta espécie definida por Aristóteles – a via da analogia. É assim que, já no século XIX, Pierre Fontanier inclui as metáforas nos tropos por semelhança, definindo-as como as figuras que "consistent à présenter une idée sous le signe d'une autre idée plus frappante ou plus connue, qui, d'ailleurs, ne tient à la première par aucun autre lien que celui d'une certaine conformité ou analogie." (FONTANIER, 1968: 99). Identifica a metáfora como o tropo de uma palavra por semelhança e demonstra que esta figura abarca todas as classes de palavras, ao contrário da sinédoque e da metonímia cujos domínios se limitam ao nome. Fontanier apresentava como parente da metáfora a figura da alegoria que se distinguiu daquela (mesmo que desenvolvida, a que ele chama alegorismo) por um traço

fundamental: enquanto a metáfora oferece apenas um só verdadeiro sentido, o sentido figurado, na alegoria o sentido literal e o sentido espiritual coexistem num duplo sentido. Ou seja, ao contrário das metáforas, as alegorias não transformam nem modificam os objectos, antes os reflectem (op.cit. p.205). Esta ideia vem de encontro às palavras de Du Marsais que, no século anterior, explicava o uso da metáfora como uma conversão do sentido próprio de um nome num outro sentido, que só pode ser suportado por esse nome em virtude de uma comparação que reside na mente (SHIBLES, 1971: 90).

Já no século vinte, I.A. Richards, em trabalhos publicados a partir da década de 30, desenvolve a ideia, já apontada por P. Fontanier, de que a metáfora apresenta uma ideia sob o signo de uma outra e propõe designar por teor (*tenor*) a ideia em questão, que pode ou não estar expressa na superfície textual, e por veículo (*vehicle*) a ideia sob cujo signo a primeira é apreendida. O traço ou traços de sentido que estes dois termos apresentam em comum constituem o fundamento (*ground*) da figura. A metáfora não se resume ao veículo mas consiste no conjunto dos dois termos; engendra-se precisamente da sua percepção simultânea e da sua *interacção*<sup>4</sup>. Ao considerarmos a interdependência do teor e do veículo, estamos a aprender a considerar o mesmo tipo de relação que se estabelece entre a linguagem e o pensamento (BERTHOFF, 1991: 283). Na metáfora surge deste modo uma tensão (*tension*), mais sentida na metáfora viva<sup>5</sup>, não apenas

---

<sup>4</sup> Nas teorias da interacção metafórica, o relacionamento veículo/teor é encarado como levando à redescoberta de sentidos em relação a ambos os termos: “Une figure comme la métaphore repose tout d’abord sur une rupture de l’isotopie de l’énoncé, que nous appellerons ici allotopie./ (...) le rapprochement ainsi effectué entre le terme allotope et l’isotopie contextuelle ne consiste pas seulement à assimiler celui-là à celle-ci. L’isotopie elle-même ne sort pas intacte de cette confrontation, elle en est profondément *altérée*. Au contact du comparant, le comparé se découvre autre” (COLLOT, 1987: 86-87).

<sup>5</sup> A metáfora viva, ao contrário da metáfora morta, como veremos mais adiante, faz-se sentir como figura pela evocação simultânea dos termos em conflito.

entre dois termos mas entre duas interpretações diferentes do mesmo enunciado. O efeito metafórico surge, assim, do absurdo revelado na tentativa de uma interpretação literal. Ortony (1980: 350) ilustra estas noções de Richards com o seguinte exemplo:

"(...) consider *The man is a wolf* uttered by someone intending to speak metaphorically. The tenor is *man*, the vehicle is *wolf*, the ground is the comparative relationship between the two, and the tension is, or is caused by, the literal incompatibility between men and wolves. Thus, there is a sense in which the total meaning is exhausted by the conjunction of the ground and the tension of a metaphor".

O trabalho de Richards apresenta, assim, a metáfora já não como uma figura que diz apenas respeito à denominação, mas como algo que envolve a semântica de toda a frase, constituindo, na sua essência, um fenómeno de predicação (RICOEUR, 1976: 49-50). As teorias da interacção consideram tanto o fundamento como a tensão metafóricas e, portanto, lugar idêntico é dado à semelhança e à dissemelhança de sentido entre veículo e teor. Em relação à semelhança entre os dois termos, Richards distingue duas espécies de metáfora: objectiva (*sense metaphor*) e emotiva (*emotive metaphor*), conforme a semelhança se destaque respectivamente entre os objectos a que os termos correspondem ou entre os sentimentos por eles evocados:

"A metaphor is a shift, a carrying over of a word from its normal use to a new use. In a sense metaphor the shift of the word is occasional and justified by a similarity or analogy *between the object* it is usually applied to and the new object. In an emotive metaphor the shift occurs through some similarity *between the feelings* the new situation and the normal situation arouse" (RICHARDS, 1978: 221).

As noções de Richards sobre a estrutura intrínseca do enunciado metafórico são retomadas e desenvolvidas por Max Black. A dualidade de referência dos dois sujeitos, literal e figurado, da metáfora – respectivamente sujeito principal (*primary*) e sujeito secundário (*secondary*)<sup>6</sup> – é marcada pela distinção entre as expressões que,

---

<sup>6</sup> No estudo intitulado "Metaphor", publicado em 1962 na obra *Models and Metaphors*, Black utilizava a terminologia *principal/subsidiary*. Mais tarde, no artigo "More About Metaphor" (1988,



no enunciado, são reconhecidas como metafóricas e as que, no mesmo enunciado, são tomadas literalmente. Em "The chairman plowed through the discussion", a palavra "plowed" é tomada metaforicamente, as outras não (ao contrário do provérbio, da alegoria e do enigma, em que todas as palavras estão em sentido figurado). Neste processo de distinção, Black introduz as noções respectivamente de foco (*focus*), correspondendo à expressão figurada, e quadro (*frame*), ao seu contexto literal. É precisamente da sua relação com o quadro que resulta o uso metafórico do foco. Este autor não se limita, no entanto, a sugerir uma nova terminologia. Assim, Max Black divide as teorias sobre a metáfora em três grupos: a teoria da substituição, na qual a metáfora é reduzida à substituição de um nome por outro; a teoria da comparação, que é um caso especial da categoria anterior, sendo a metáfora encarada como uma comparação abreviada; e a teoria da interação, no âmbito da qual ele insere o seu ponto de vista. Critica o postulado da teoria da substituição segundo o qual a metáfora se resumiria a uma função de catácrese ou de ornamentação, sendo que qualquer substituição por um termo metafórico não resultaria numa alteração do conteúdo cognitivo do enunciado. M. Black introduz a noção de "sistema de lugares comuns associados", conjunto de opiniões e pressupostos que a comunidade linguística une aos empregos literais da palavra, e acrescenta que "as metáforas podem ser apoiadas por sistemas de implicações especialmente construídos, assim como por lugares comuns já recebidos" (apud RICOEUR, 1983: 136). O processo metafórico constitui-se, assim, como uma operação com conteúdo informativo próprio ao organizar um sujeito principal pela interação com

---

p.28), modifica-a para *primary/secondary*. Seja qual for a terminologia, os pares de termos correspondem à distinção "teor/veículo" de Richards.

um sujeito secundário. No que respeita à interacção metafórica, Black segue, portanto, a formulação de Richards: 'In the simplest formulation, when we use a metaphor we have two thoughts of different things active together and supported by a single word, or phrase, whose meaning is a resultant of their interaction' (RICHARDS, *The Philosophy of Rhetoric*, 1936, apud SCHEFFLER, 1979: 107)<sup>7</sup>.

Monroe Beardsley toma um ponto de partida idêntico ao de Richards e Black ao definir a metáfora como um caso de "atribuição", que requer um "tema" e um "modificador". A interpretação é regulada por dois princípios: o da congruência e o da plenitude. O primeiro trata de decidir qual das conotações convém ao tema; o segundo permite que, num texto poético, várias conotações se atribuam ao tema metafórico, desde que se adequem ao resto do texto.

Apesar das teorias da interacção semântica terem contribuído para o avanço dos estudos sobre a metáfora e de terem proporcionado o progresso da sua compreensão, elas têm sido objecto de algumas críticas. Resumidamente, as falhas que lhes são apontadas por Searle (1979: 86-93) são as seguintes:

1. Nas teorias da interacção, a metáfora é apresentada como um fenómeno de mudança de significado em pelo menos uma expressão linguística. No entanto, na metáfora nunca há mudança de significado (excepto diacronicamente com a "morte" da figura). Numa metáfora viva, a figura é sentida precisamente porque as expressões não mudam de significado. A expressão metafórica significa, de facto, algo diferente do

---

<sup>7</sup> Ver uma crítica à teoria de Black em DAVIDSON, 1992 e respectiva resposta em BLACK, 1992. Segundo Eva Samaniego-Fernández (1998a) "Quizá el gran fallo de Black reside en que no explica como funcionan los mecanismos de cambio semántico y como se produce esa interacción. Sus detractores afirman además que no tiene en cuenta estructuras en las que aparecen tanto tenor como vehículo, en las cuales ya no se puede afirmar que una tenga preeminencia sobre la otra. Roger White (1996: 9-20), por sua vez, analisa o modelo de Black sob o ponto de vista da Filosofia da Linguagem, e utiliza a expressão "os dois vocabulários da metáfora" para referir as noções de Black: foco, parte da frase que corresponde à linguagem metafórica e o quadro, parte da frase que abarca a linguagem literal, embora admita que, em casos limite, toda a linguagem usada na frase seja, de facto, metafórica. Esta dupla linguagem existente na frase leva-o ainda a utilizar a expressão "híbridos linguísticos" em relação às metáforas.

significado das palavras, não porque tenha havido uma mudança a nível semântico nos elementos lexicais, mas porque o locutor quis dizer algo diferente com elas, ou seja, não existe coincidência entre o significado do enunciado e o significado da frase.

2. Para haver uma interacção entre uma expressão usada metaforicamente e outras expressões usadas literalmente, todos os usos metafóricos teriam necessariamente de ocorrer, segundo a teoria, em frases contendo expressões literais. Mas, na realidade, existem produções linguísticas em que todo o contexto frásico de uma expressão metafórica é, também ele, igualmente metafórico.
3. O significado da metáfora é, nestas teorias, apresentado como o resultado da interacção entre os elementos da frase. No entanto, na maior parte dos casos, não há qualquer interacção entre os significados dos sujeitos da metáfora. Por exemplo, na metáfora "Susana é um bloco de gelo", "Susana", sendo um nome próprio, nem sequer tem um sentido que possa interagir com o do SN "um bloco de gelo". Além disso, podemos usar outras expressões diferentes como sujeito principal (ex.: "A Sr<sup>a</sup> Joana é um bloco de gelo" ou "Aquela rapariga ali no canto é um bloco de gelo") sem que a predicação metafórica se altere.

Na realidade, em termos fregeanos, enquanto as teorias da comparação tentavam explicar a metáfora como uma relação entre referências, as interactivas tentam explicá-la como uma relação entre os sentidos e as associações ligados às referências. Os defensores de uma abordagem interactiva viram, assim, correctamente, que os processos mentais e semânticos envolvidos na produção e compreensão dos enunciados metafóricos não dizem respeito propriamente aos referentes, mas dependem da intencionalidade, envolvendo relações de significados, associações, crenças, etc. O seu erro foi descreverem todas estas relações como uma interacção entre um quadro literal e um foco metafórico.

Numa visão mais recente da interacção metafórica, Tanya Reinhart (1980: 96-98) apresenta dois tipos de interpretação da figura distinguindo, por um lado, a interpretação pelo foco (*focus interpretation*) e, por outro, a interpretação pelo veículo (*vehicle interpretation*). Defende que a metáfora literária é caracterizada por uma explícita interpretação pelo veículo, enquanto a compreensão da metáfora não literária se limita à

interpretação pelo foco. Ilustra estas noções com o verso de T.S. Eliot "I have seen the mermaids riding seawards on the waves", no qual podemos entender *riding* como *floating* (interpretação pelo foco) e/ou ler *waves* como *horse* (interpretação pelo veículo)<sup>8</sup>. Esta hipótese da polivalência da metáfora poética é controversa. O problema do fenómeno da dupla visão não precisa de implicar um significado bi-partido por definição (STEEN, 1989: 128).

### 2.1.1.2. OS ESTUDOS SINTÁCTICOS SOBRE METÁFORA

A metáfora é um fenómeno textual, não existe sem co-texto. Nenhum lexema ou expressão pode, isoladamente, ser classificado como metafórico. Daí que um ponto de vista lexicalista não esgote a sua descrição, pois a inserção no texto faz com que a metáfora co-ocorra com outras expressões às quais se encontra sintáctica e gramaticalmente ligada<sup>9</sup>. Qualquer estudo sobre a metáfora que não contemple as diversas possibilidades neste campo corre o risco de atingir generalizações falaciosas. Max Black, ao apoiar a sua teoria da interacção metafórica no único exemplo "Man is a wolf", concebeu facilmente uma troca de traços conceptuais entre os dois nomes. Talvez não tivesse desenvolvido esta noção se tivesse partido de uma metáfora verbal, *in absentia*.

---

<sup>8</sup> Um outro exemplo apresentado pela autora (REINHART, 1980): "The yellow fog that rubs its back against the window panes" (T.S.Eliot, *The Love Song of Alfred Prufrock*) is similar in meaning to "the yellow fog that touches the window panes" but not to "The cat that rubs its back upon the window panes". (...) *Focus interpretation* assigns a reading to the focus expression which is a matter of selecting those properties associated with the focus expression which are relevant to the context (Thus among the properties of rubbing one's back, those of physical contact and of being in movement are consistent with the context of Eliot's metaphor, hence they can be selected). (...) The procedure of *vehicle interpretation* does not have to assign a reading to the vehicle (since once the vehicle is construed its reading is known). Rather it has to do with establishing the relation between the two concepts involved (the fog and the cat: motion, fuzziness, warmth, sensuous).

<sup>9</sup> Van Dijk (1972: 250) designa esta importante característica do processo da metaforização pela expressão "carácter relacional" (*relational character*).

Isto não implica que a metáfora se distinga, sob o ponto de vista gramatical, dos outros usos da linguagem. Este foi um erro em que caíram alguns linguistas que, influenciados pelo modelo Chomskiano de *Aspects* em que as restrições seccionais (*selectional restrictions*) eram apresentadas como sendo de natureza sintáctica, ergueram teorias explicativas da metáfora como um fenómeno de violação ou desvio a nível gramatical. Esta posição foi defendida, no início dos anos 70, por Matthews, Abraham e outros, que consideravam a violação de uma restrição seccionial como condição necessária e suficiente para a distinção desta figura (MATTHEWS, 1971: 416; ABRAHAM, 1975: 17)<sup>10</sup>. Nesse sentido, Matthews rebateu os argumentos que Bickerton (1969) e Reddy (1969) tinham apresentado contra a teoria. No entanto, segundo Stroik (1988: 2), desde que McCawley e outros semanticistas generativistas apresentaram uma demonstração convincente de que as restrições seccionais não são de natureza sintáctica, a base daquela teoria sobre a figura perdeu credibilidade. As atenções neste domínio voltaram-se, então, não para a natureza sintáctica da metáfora, mas para a problemática da sua configuração sintáctica.

Também aqui parece já provado que não existe uma sintaxe do figurado (MORINET, 1988; TAMINE, 1979), ou seja, não parecem existir configurações sintácticas que distingam e assinalem a presença da figura. Isto não implica que o ponto de vista gramatical não possa ser aplicado ao estudo da metáfora, uma vez que uma coisa é a

---

<sup>10</sup> Abraham, por exemplo, afirma: “All metaphors have their origin in a violation of the compatibility of lexemes in a syntactic structure. The syntactic regularities (constituent rules of base and derived structures), on the other hand, remain unaffected. In such a grammar, which interprets also violations of a syntactic nature (...), the rules of strict subcategorization and selection rules will thus mark distinctly syntactic non-interpretability (...) on the one hand and metaphoric interpretability on the other. As Mathews (1971: 416) has rightly observed, such a marking serves only as a *sufficient*, but not as a *necessary*, condition for the distinction of metaphorical utterances and those which cannot be interpreted at all” (ABRAHAM, 1975: 17).

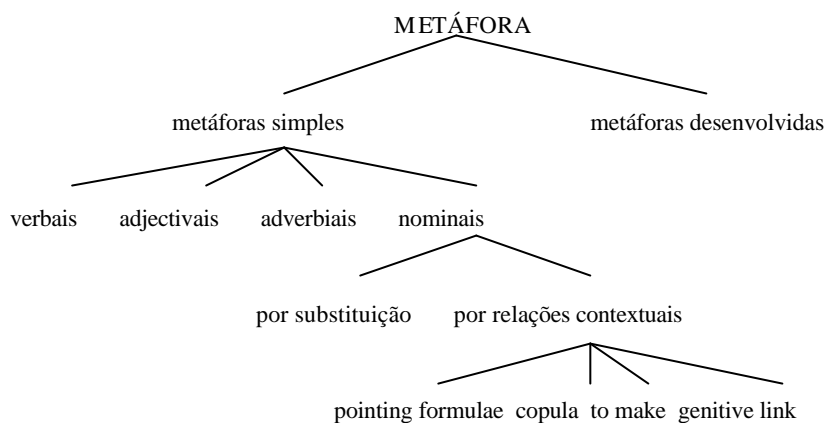
sua identificação e distinção, que será de ordem semântica e pragmática, e outra coisa é o seu estudo, descrição e caracterização, que envolverá necessariamente todos os aspectos da linguagem. Utilizando as palavras de Halliday:

"What the metaphorical interpretation does is to suggest how an instance in the text may be referred to the system of the language as a whole. It is therefore an important link in the total chain of explanations whereby we relate the text to the system. A text is meaningful because it is an actualization of the potential that constitutes the linguistic system; it is for this reason that the study of discourse ('text linguistics') cannot properly be separated from the study of the grammar that lies behind it" (HALLIDAY, 1985: 345).

É, pois, num quadro sintáctico particular que se verifica a associação metafórica de elementos que não estariam normalmente associados. Os estudos sobre a gramática da metáfora começaram por partir da observação das diferentes classes de palavras a que o termo metafórico pertencia e, deste modo, eram construídas tipologias.

Uma das mais conhecidas, nesta base, surge em 1958 com *A Grammar of Metaphor* de Christine Brooke-Rose, onde se faz o primeiro estudo sistemático dos diversos processos combinatórios resultantes das diferentes configurações metafóricas. Esta autora começa, na sua obra, por fazer uma breve abordagem a várias tipologias anteriores à sua, desde o séc. XIII até à altura, às quais vai apontando várias falhas como por exemplo: não abarcar todas as possibilidades; constituir uma mera tabulação da qual não é feito qualquer uso; não se basear num corpus de exemplos reais mas sim em intuições que não são posteriormente fundamentadas; não distinguir convenientemente os vários tipos entre si; não conter comentários nem exemplificações; ou até conter contradições internas. A tipologia apresentada por Brooke-Rose utiliza como corpus uma série de textos de quinze poetas, desde Chaucer a Dylan Thomas, e parte do princípio de que a análise gramatical não é puramente descritiva nem uma mera classificação de fenómenos sem interesse. A indiferença pelo estudo da gramática do figurado nos diversos autores tinha por base a consideração de que o poeta se exprime numa dada língua e terá de usar verbos e nomes, sendo a proporção na metáfora simplesmente fortuita. Contrariando este ponto de vista, o objectivo dos estudos de Brooke-Rose vai no sentido de mostrar que os diferentes usos

da linguagem na metáfora por poetas individuais revelam pelo menos tendências, se não mesmo escolha consciente (BROOKE-ROSE, 1958: 22). A tipologia apresentada divide as metáforas pelas classes de palavras: metáforas nominais, verbais, adjetivais e adverbiais. Esquemáticamente, pode ser apresentada do seguinte modo (cf. MOLINO et al., 1979: 27, sob indicação de Brooke-Rose):



Esta tipologia pode ser considerada precisa e detalhada mas está já ultrapassada, na medida em que se baseia nos princípios da gramática tradicional e toma como único critério as partes do discurso, ignorando o quadro sintáctico (MOLINO et al., 1979: 27-28; MESCHONNIC, 1970: 130). Tem, no entanto, a vantagem de salientar que a metáfora não se resume ao esquema 'A é B' e apresenta-a em toda a sua versatilidade. Nas palavras de Mac Cormac (1990: 45), Brooke-Rose redescobriu a complexidade da metáfora.

Alguns estudos posteriores sobre a metáfora incidiram sobre o aspecto da configuração sintáctica como um meio de a distinguir da comparação. É assim que Morier (1961: 646) distingue as duas figuras pela ausência ou não de *como* e seus equivalentes (*parecido com*, *tal*) e apresenta as possíveis configurações da metáfora (sendo A o termo comparado e B o termo comparante):

A,B ou B,A	- aposição	- "La chair, cette argile" ou "Cette argile, la chair"
AB ou BA	- justaposição	- "La chair-argile" ou "L'argile-chair"
A é B	- assimilação	- "La chair c'est l'argile"
A de B	- qualificação	- "Une chair d'argile"
B de A	- atribuição	- "L'argile de la chair"
B	- apagamento	- "L'argile"

Através destes exemplos, inspirados em Paul Valéry, Morier ilustra o seu ponto de vista, segundo o qual a origem da figura reside na captura simultânea de duas ou mais afinidades através de uma intuição que caracteriza o espírito poético.

Genette (1970) apresenta uma terminologia própria num percurso da comparação à metáfora segundo a presença ou ausência não só do comparante e do comparado mas também do modalizador comparativo (*como, tal que, parecer, etc.*) e do motivo (fundamento) da comparação:

-comparação motivada	- "Mon amour brule comme une flamme"
-comparação não motivada	- "Mon amour ressemble à une flamme"
-identificação motivada	- "Mon amour (est) une flamme ardente"
-identificação não motivada	- "Mon amour (est) une flamme"
-identificação motivada sem comparado	- "Mon ardente flamme"
-identificação não motivada sem comparado	- "Ma flamme"

No mesmo ano, o Grupo  $\mu$  propõe uma lista de configurações que vão da comparação canónica à metáfora *in absentia* e que, segundo os autores, se destinam geralmente a atenuar o carácter relacional do *como*, que insiste sobre o aspecto parcial da similitude (Dubois et al, 1974 (trad.port): 162-165):

- ' <i>como</i> ' e seus derivados	- "Éternel et muet <i>ainsi</i> que la matière" (Baudelaire)
- emparelhamento	- "Voie lactée ô <i>soeur</i> lumineuse/ Des blancs ruisseaux de Chanaan" (Apollinaire)
- ' <i>é</i> ' de equivalência	- "La nature <i>est</i> un temple..." (Baudelaire)
- aposição	- "L'ennui... cet aigle aux yeux crevés" (Bernier)
- substantivo e verbo	- "Le coeur me piaffe de génie" (Laforgue)
- genitivo e atribuição	- "Aux moroses caillots de l'âtre incarnadin" (Vivier)

Temos pois, nestas duas últimas tipologias, não a preocupação com a configuração sintáctica da metáfora mas com os diversos graus de sobreposição de sentido entre os termos da figura: uma série crescente de "elipses", para Genette; e



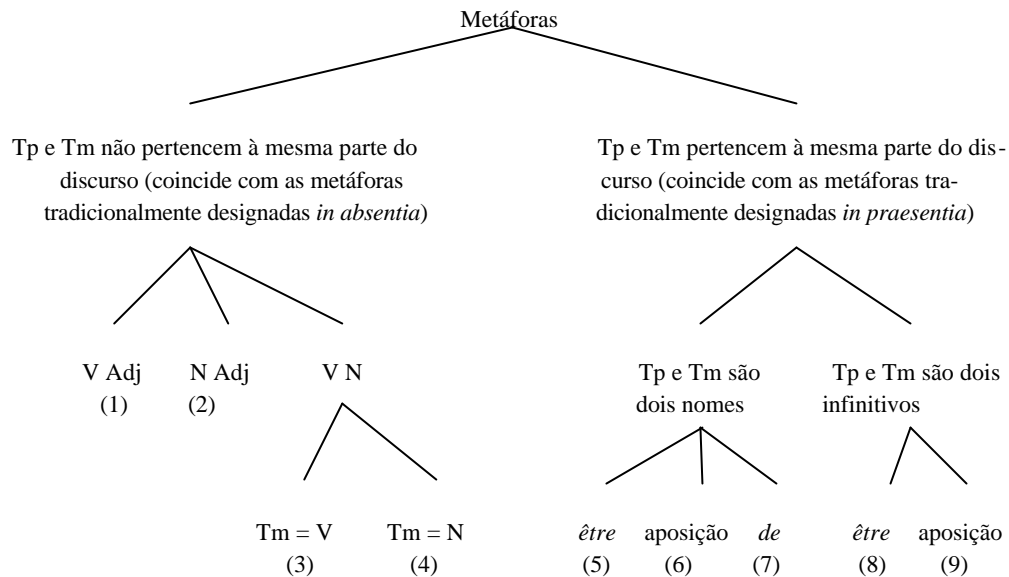
uma gradação na afirmação da "identidade", para o Grupo  $\mu$ .

Segundo Irène Tamba-Mecz (1981: 45), é, no entanto, a Françoise Soublin (1971) que cabe o mérito de ter contribuído de forma decisiva para a resolução do problema da relação metáfora/comparação no nível sintático. Demonstrando a inexistência de homogeneidade na classe das comparações, F. Soublin prova a impossibilidade de transformar, por uma operação sintática de supressão, todos os enunciados comparativos em metáforas. Tal possibilidade restringe-se à fórmula metafórica 'A é B', que poderá resultar do apagamento do 'como' e do atributo, como no exemplo "um homem encolerizado é um leão" *equivalente* metafórico da comparação "um homem encolerizado é feroz como um leão". Já exemplos como “Mais la tristesse monte en moi comme une mer” (SOUBLIN, 1971: 105) não poderão ser transformados em enunciados metafóricos pela simples supressão de “comme”, o que prova que, no seu conjunto, as figuras da comparação não se distinguem sintacticamente dos enunciados metafóricos por meio de uma operação de elipse.

A abordagem da configuração sintática da metáfora surge também em Joelle Tamine (1979: 65-81) que pretende juntar às diferentes formas compiladas por Brooke-Rose a consideração do quadro sintático global em que esta figura se insere. Deste modo, designa por Tp o termo próprio, por Tm o termo metafórico e por R a relação que entre eles é sintacticamente estabelecida, resumindo o esquema geral das metáforas em:

**Tp R Tm**

Divide as metáforas segundo as diversas configurações, contemplando também a classificação dos termos de acordo com as partes do discurso a que pertencem:



Exemplos:

- (1) "Exécuter religieusement un décret" (Saint-Just)
- (2) "une voix chaude"
- (3) "Et mon âme dansait, dansait" (Baudelaire); "La mer que ton oeil baigne" (Éluard)
- (4) "Mais en (Lina) réside un diamant couvert de boue" (Béalu)
- (5) "Mon coeur est un palais flétri par la cohue" (Baudelaire)
- (6) "La piété, lierre qui s'enracine" (Hugo)
- (7) "Le visage des tentations" (Éluard)
- (8) "Etre poète, c'est avoir de l'appétit pour un malaise" (Char)
- (9) "Etre poète, avoir de l'appétit pour un malaise"

Esta tipologia apresenta, de facto, sobre as anteriores a vantagem da consideração do enquadramento sintáctico da figura mas, no nosso entender, este enquadramento não é feito de um modo muito preciso. Por exemplo, no segundo caso considerado, em que o confronto metafórico é estabelecido entre um nome e um adjetivo, não se distingue, no modelo de Tamine, qual a relação gramatical final do sintagma nominal. Parece-nos que a figura terá um impacto diferente conforme este SN seja, por exemplo, um sujeito ou um objecto directo. Estas diferenças não aparecem contempladas no modelo. Tamba-Mecz critica ainda em Tamine o facto desta tipologia assentar num ponto de vista lexicalista, conforme à concepção tropológica, que reconhece o papel da sintaxe, mas que situa *a priori* o sentido figurado no âmbito de um vocábulo (TAMBA-MECZ, 1981: 63).

Irène Tamba-Mecz (1981), na sua tese de doutoramento publicada com o título *Le Sens Figuré*, define o sentido figurado, não como um desvio, uma anomalia em relação à norma, mas como uma prática significativa ligada à actividade figurativa de um enunciador e às possibilidades combinatórias de uma língua. Distingue o *sentido figurado diacrónico*, próprio de um vocábulo cujas acepções mudam ao longo do tempo, e o *sentido figurado discursivo* que resulta da combinação de pelo menos duas expressões numa determinada estrutura sintáctica e referencial. Sob o ponto de vista sintáctico, é nesta junção das expressões linguísticas que assenta a estrutura da relação figurada:

1. Estruturas de uma relação figurada assente numa junção anafórica (interfrásica):  
Courtial des Pereires (...) était vraiment affecté par *le dernier trafalgar*

2. Estruturas de uma relação figurada assente numa junção mista (anafórica e sintáctica):

- 2.1. substitutos nominais com função de juntor misto

D'abord une bourrasque. Elle aboya.

- 2.2. adjectivos possessivos com função de juntor misto

le silence a (...) plongé son glaive

- 2.3. construções apositivas e junção anafórica

le lendemain vint quand même, cette chaudière

- 2.4. copulativo de dois nomes e função anafórica

La faculté, c'est une armoire bien fermée

3. Estruturas de uma relação figurada assente numa junção sintáctica:

- 3.1 relação sintáctica de dependência unilateral

- 3.1.1. substantivo dependente de um substantivo

- 3.1.1.1. substantivo em apóstrofe

Ça va! *ma charogne!* boucle ta gueule

- 3.1.1.2. substantivo dependente de outro por assíndeto

(...) de petites additions en *chiffres-insectes*, en *chiffres-grains de sable*

- 3.1.1.3. substantivo ligado a um outro substantivo por intermédio de uma preposição ou de uma locução prepositiva

les naufrages dans la poche (Prédét.1 + N1) + (Prép.) + (Prédét.2 + N2)

- 3.1.1.4. substantivo ligado a outro por intermédio de um verbo atributivo

Il pensa que *l'amour était une cocaïne* (Préd.1 + N1) + V.attr. + )Préd.2 + N2)

- 3.1.2. adjectivo dependente de um substantivo

## 3.1.3. substantivo ou advérbio dependente de um adjetivo

La route *ardente* de *poussière*/ incurablement *généreuse*

## 3.1.4. substantivo dependente de um verbo

## 3.1.4.1. directamente

je ne prétendais que *feuilleter ma mémoire*

## 3.1.4.2. indirectamente

Je me cramponne à la lucidité V + Prép. + Préd. + N

## 3.1.5. advérbios dependendo directamente de um verbo

Il se mit à écrire convulsivement

## 3.2. relação sintáctica de interdependência

(entre verbo e seu sujeito gramatical)

Les orteils riaient

## 4. Estruturas de uma relação figurada assente em duas junções sintácticas:

## 4.1. figuras construídas em torno de um eixo verbal

## 4.1.1. relações figuradas intervindo entre o nome sujeito e o grupo formado pelo verbo e um dos seus complementos

## 4.1.1.1. relação figurada entre o substantivo sujeito e o verbo seguido de um complemento de objecto directo ou indirecto

la nature hausse le ton

## 4.1.1.2. relação figurada entre o substantivo sujeito e o verbo passivo acompanhado de um nome complemento de agente ou de meio

notre appartement parisien était décoré par les paroles de Françoise

## 4.1.1.3. relação figurada intervindo entre o substantivo sujeito e o grupo formado pelo verbo e seu complemento de lugar

Ta mémoire ouvre sur une oubliette

## 4.1.1.4. relação figurada ligando um substantivo sujeito ao verbo completado por um advérbio em -mente, um gerúndio ou um sintagma preposicional estabelecendo uma relação de modo (por vezes comparativa) e de meio

l'air (...) redescend (...) en gerbes douces

Les toits laissent glisser en roucoulant une goutte de pluie

## 4.1.1.5. relação figurada intervindo entre o nome sujeito e o conjunto que compõe o verbo e seu complemento de objecto, de modo ou de lugar acompanhado de um determinante nominal (substantivo introduzido por "de" ou adjetivo de relação)

## a) complemento de objecto

La mariée avait des beaux yeux immobiles des boeufs

## b) complementos de modo, de meio ou de lugar

Vanessa se mit a marcher (...) de son grand pas élastique de lionne

## 4.1.2. relações figuradas entre o verbo ligado a seu objecto e um outro dos seus complementos

## 4.1.2.1. relação figurada intervindo entre o grupo do verbo e de seu objecto e um segundo complemento preposicional de atribuição

Quelle pâture donneras-tu à son activité morale et physique?

## 4.1.2.2. relação figurada intervindo entre o complemento de

objecto e seu atributo (directo ou indirecto) nominal

La paralysie a fait de son long cou maigre un pieu immobile

4.1.2.3. relação figurada intervindo entre o grupo do verbo e de seu objecto, e um nome complemento de lugar

Desnos (...) qui a des navires étranges dans chaque pli de sa cervelle

4.1.2.4. relação figurada intervindo entre o grupo do verbo e de seu objecto, e um segundo complemento preposicional de meio ou de modo

Je distribue l'ombre et la lumière à la serpe

4.1.3. relações figuradas resultando da união, a um mesmo verbo, de dois substantivos coordenados (zeugma)

nous restions accrochés aux phrases et aux coussins

4.2. figuras construídas em torno de um eixo adjectival

Ce regard plein de sève

Les oliviers étaient pâles comme de petites fumées

l'écumeuse humidité des torrents (hipálage)

4.3. figuras construídas em torno de um eixo nominal

Sa grande bouche, grotte d'ogre, se referma (Préd. N1 appos. préd. N2 de art. zéro N3)

ses interdictions devinrent un véritable réseau de barbelés (Préd. N1 verb.attribut. préd. N2 de art. zéro N3)

l'air aux vibrations de cloche (Préd. N1 prép. N2 prép. N3)

4.4. figuras construídas em torno de um duplo eixo verbal (ou adjectival) e nominal

Le vent de la défaite soufflait sur Rome

5. Estruturas de duas relações figuradas assentando sobre uma dupla junção sintáctica e estruturas complexas:

5.1. estruturas de duas relações figuradas

5.1.1. construções de duas relações figuradas resultando da junção sintáctica de um verbo (ou de um adjectivo) a dois nomes

5.1.1.1. relação de sujeito e verbo associada a:

a) uma relação de verbo com objecto directo ou indirecto

Le phare écarquille la nuit

b) uma relação de verbo passivo com complemento de agente ou de meio

les corps bus par le sable

c) uma relação de verbo com complemento de lugar

Dans la tête de Franca était assise (...) la vérité

d) uma relação de verbo com complemento de modo, de instrumento, de comparação

le bateau râle de toute sa vapeur

Mon père (...) mugissait comme un trombone

5.1.1.2. relação de verbo e objecto associada a:

a) uma relação de verbo com complemento indirecto

Les préoccupations néttés à la pensée de la mort

b) uma relação de verbo com complemento de lugar

Qu'on serve les cailloux sur les caresses

c) uma relação de verbo e compl. de modo ou de meio

5.1.2. construções de duas relações figuradas resultando da junção sintáctica de

três substantivos

Son rire, cette colique des sensations

5.1.3. construções de duas relações figuradas resultando da ligação de um verbo a um nome e deste nome ao seu complemento nominal preposicional

Il dénouera l'arc-en-ciel de la pudeur des femmes

5.2. estruturas complexas, de mais de duas relações figuradas

5.2.1. combinação de estruturas figuradas elementares

Sur l'Océan des prises flottaient des escadres de potiches

5.2.2. proliferação repetitiva

Le faisan comme une pierre, comme une pépite, comme une lampe à pétrole, comme une parole de trop, de son perchoir (...) vient de lâcher, (...) il tombe, (...) il tourne comme du feu, une feuille morte, un paquet de pommes frites, est-ce que je sais?

5.2.3. continuidade de um entrelaçamento bitemático (metáfora desenvolvida)

Une fois dans ma chambre, il fallut (...) creuser mon propre tombeau, en défaisant mes couvertures, revêtir le suaire de ma chemise de nuit. Mais avant de m'ensevelir dans le lit de fer, (...) j'eus un mouvement de révolte, je voulus essayer d'une ruse de condamné

Desta completa listagem de configurações possíveis das figuras de sentido, de entre as quais se destaca a metáfora, a autora conclui que a sintaxe é uma componente necessária mas não definitiva dos enunciados figurados, uma vez que estes se inscrevem nos mesmos quadros sintáticos que os enunciados não figurados.

Béatrice Lamiroy (1987), num estudo sobre verbos de movimento metafóricos, chega à conclusão de que as formas de superfície das frases metafóricas são inteiramente comparáveis às frases em que os mesmos verbos são utilizados no sentido próprio, mas, em contrapartida, as operações sintáticas que se podem efectuar sobre elas são mais restritas. A transformação passiva, por exemplo, é mais frequentemente interdita nos verbos de movimento metafóricos do que nos mesmos verbos não utilizados metaforicamente. Para além disso, o tipo de complementos preposicionais é mais restrito, certos complementos que seriam facultativos tornam-se obrigatórios e certos actantes não podem ser substituídos por clíticos. Ou seja, as operações que se podem efectuar sobre os verbos ou seus actantes tendem a restringir-se, quando se passa do sentido espacial próprio para o sentido figurado. Segundo a autora, a transferência metafórica passa por uma maior rigidez (*figement*) da estrutura canónica que define à partida o verbo de movimento. Neste estudo, Lamiroy apresenta uma tabela das estruturas possíveis em que os verbos de movimento são utilizados metaforicamente,

com complementos verbais (infinitivas ou completivas):

CONFIGURAÇÃO	EXEMPLO
Que P V N <sub>1</sub>	Que Marie dise cela a dégonflé Luc.
Que P V Prep N <sub>1</sub>	Il erre dans son esprit qu'il aime Marie.
N <sub>o</sub> V que P	Luc n'a pas encaissé que Marie le quite.
N <sub>o</sub> V à ce que P (Prep N <sub>2</sub> )	Luc parvient toujours à démontrer ce qu'il veut.
N <sub>o</sub> V de ce que P (Prep N <sub>2</sub> )	Les problèmes proviennent de ce que Luc est têtue.
N <sub>o</sub> V que P à N <sub>2</sub>	Luc a lancé à Marie qu'elle est une parfaite imbécile.
N <sub>o</sub> V que P Prep N <sub>2</sub>	Luc a déterré de sa mémoire que Marie lui doit de l'argent.
N <sub>o</sub> V N <sub>1</sub> à ce que P	Cela a amené Marie à penser que Luc a tort.
N <sub>o</sub> V N <sub>1</sub> de ce que P/de V-inf	On a déchargé Marie de faire cette corvée.
N <sub>o</sub> V que P Prep ce que P	On a rapproché (le fait) que Marie démissionne du fait qu'elle n'a pas obtenu ce qu'elle voulait.
Il V que P	Il est apparu qu'il y avait de la fraude dans cette affaire.
Que P V N <sub>1</sub> Prep N <sub>2</sub>	Que Marie ait dit cela a rempli Luc de joie.

LEGENDA: Que P = Que + frase completiva; V-inf = infinitiva; Prep = preposição; N<sub>o</sub>, N<sub>1</sub>... = os índices indicam a posição do sintagma nominal na frase, N<sub>j</sub> sendo normalmente o sujeito, N<sub>i</sub> o complemento de objecto, etc.

Trata-se, pois, de uma tipologia restrita, centrada exclusivamente nas metáforas verbais, e destinada ao estudo específico dos verbos de movimento.

Morinet (1988) sublinha que a metáfora é um fenómeno inteligível no contexto da frase ou de uma unidade superior, que não existe uma sintaxe do figurado, mas que a observação da problemática da configuração sintáctica da metáfora é fundamental no seu estudo. Faz uma análise do soneto *Pierrot* de P. Verlaine, onde encontra as seguintes configurações da metáfora, que ligam o sentido próprio ao figurado:

#### 1) Procedimentos ligados à construção da frase

ex.: coordenação: Sa gaîté, comme sa chandelle, hélas! est morte,  
Et son spectre aujourd'hui nous hante, mince et clair.

#### 2) Por retoma de SN1 → SV ou SV ~ V → SN2

exs.: - Sa pâle blouse a l'air (...)/ d'un linceul (...)  
SN1 V SN2  
- (...) il semble hurler sous les morsures (...)  
SN1 V SN2  
- Ses manches blanches font vaguement (...)/ Des signes fous (...)  
SN1 V + ADV SN2

#### 3) Por inserção de um SPrep

ex.: Avec le bruit d'un oiseau *de nuit* qui passe

#### 4) Por procedimentos pontuais

Outros procedimentos sintácticos, nomeadamente a presença de um adjectivo em posição de epíteto (ex.: Sa face exangue) ou em posição de atributo (ex.: rend plus effroyable).

Cirlene Almeida (1989: 147-162) analisa as produções metafóricas no âmbito da pregação e conclui que os predicadores semânticos caracterizadores da metáfora coincidem com as categorias sintáticas da teoria da regência e ligação. Assim, apresenta uma taxonomia estrutural com quatro categorias:

1. Metáforas verbais

1.1. de um lugar (O *chefe* rugiu)

1.2. de dois lugares (A *maldade* bebe a maior parte do veneno que produz)

1.3. de três lugares (Maria recebeu *confetes* do chefe)

2. Metáforas nominais

2.1. de um lugar (Um *romance* é um espelho)

2.2. de dois lugares (O povo quer que o *governo* seja um *pai* para todos)

3. Metáforas adjectivais

Todas de um lugar pois, segundo a autora, não se conseguem produzir metáforas com adjectivos de dois lugares (*Pessoas* frias me dão um calafrio)

4. Metáforas preposicionais

(Carlos tem *autoridade* sobre todos)

A autora acrescenta que os verbos com sujeito nulo (p.ex. chover, amanhecer, nevar) só podem ser usados metaforicamente quando acompanhados por um verdadeiro argumento (ex.: As civilizações amanhecem)

Lynne Tirrell (1991: 346-347), por sua vez, apresenta seis categorias em que os dois termos da metáfora, A e B, podem ou não estar presentes:

1) simples identidade do tipo 'A é B', em que B é um nome ou uma descrição definida:

Juliet is the sun.

2) predicções puras do tipo 'A é Ø':

Juliet is warm./ Juliet is brilliant.

3) predicções categoriais ("sortal predications") do tipo 'A é um K', que parecem combinar as duas primeiras categorias:

'Fran is a fox' é analisado como dizendo que há uma raposa que é Fran ou como dizendo que Fran tem certos traços que geralmente caracterizam as raposas.

4) metáforas de substituição ("substitution metaphors"), em que há a substituição por um termo que não se aplica literalmente:

pity this monster, manunkind/ not (e.e.cummings)

5) metáforas com função de nome ("noun-function metaphors") do tipo 'O B de A', em que se aplica, a um objecto A, a função B, a qual não tem, usualmente, um valor para esse



objecto:

- The countless gold of a merry heart./ The rubies and pearls of a loving eye (Blake)
- Argentina is the England of Latin America.
- a cloak of silence

6) metáforas com função de verbo ("verb-function metaphors"), talvez as mais usuais, do tipo 'O A x', em que x é algo que os Bs tipicamente fazem:

- When the green woods laugh with the voice of joy (Blake)
- The river sweats/ oil and tar (Eliot)
- Frequently the hills undress/ Behind my native town (Dickinson)

Andrew Goatly (1997) consagra dois capítulos da sua obra *The Language of Metaphors* ao nível sintáctico. Num dos capítulos ("The specification of topics"), são apresentadas várias configurações possíveis do enunciado metafórico, com a finalidade de demonstrar como as escolhas sintácticas efectuadas, com as suas opções a nível da ordem de palavras e de hierarquização sintagmática entre teor e veículo, podem afectar as interpretações das metáforas. Num outro capítulo ("The specification of grounds"), Goatly apresenta os diversos recursos sintácticos utilizados na especificação do fundamento da relação metafórica na superfície textual. As principais construções metafóricas são por ele condensadas na seguinte tabela:

Veículo	Teor	Fundament o	Marcador	Exemplo
Sim	Sim	Sim	Sim	<u>One or two tupaia species</u> run along branches like* <b>squirrels</b> .
Sim	Sim	Não	Sim	<u>The movement [of the bowels]</u> (is) like* <b>creamed soup</b> . <u>The boy</u> was <b>ravenous</b> *
Sim	Não	Sim	Sim	They pull themselves up into a kind of* <b>green aquarium</b> under the branches.
Sim	Sim	Sim	Não	<b>The bones</b> of the land, lumps of <i>smooth grey rock</i> .
Sim	Não	Não	Sim	A kind of* <b>autumn</b> fell over the first grade.
Sim	Sim	Não	Não	<u>Housework</u> is a <b>treadmill</b> . <b>The treadmill</b> of <u>housework</u> . <u>Housework</u> , <b>that treadmill</b> .
Sim	Não	Sim	Não	<i>Silly ass!</i>
Sim (coligação)	Não Sim	Não Não	Não Não	Attach <b>the mouse</b> to the keyboard. The <b>naked shingles</b> (of the world). <u>Winds stampeding the fields</u> .

Legenda das convenções tipográficas utilizadas na tabela: Negrito: Veículo metafórico; Sublinhado: Teor metafórico; Itálico: Fundamento metafórico; Asterisco: segue os marcadores da relação metafórica.

Para além das obras referidas nesta secção, muitos outros estudos existem sobre a sintaxe da metáfora, quase todos parcelares e ocupando-se de aspectos particulares pelos quais o enunciado metafórico se distingue de enunciados não metafóricos<sup>11</sup>. Pensamos, apesar de tudo, que esta amostragem atesta a grande complexidade e diversidade de configurações sintáticas sobre as quais assenta a linguagem figurada em geral e os enunciados metafóricos em particular.

### 2.1.1.3. OUTRAS TEORIAS SEMÂNTICAS

No estudo da linguagem metafórica, as atenções voltaram-se então novamente para as teorias semânticas, procurando identificar o tipo de relação entre o significado metafórico e o significado literal na linguagem.

Michel Le Guern (1973) já se tinha debruçado sobre a problemática semântica da metáfora e da metonímia, apresentando uma reformulação e desenvolvimento das teorias de Roman Jakobson (1963). Para Le Guern, a metáfora explica-se pela supressão, ou mais propriamente pela colocação entre parênteses, duma parte dos semas que constituiriam o lexema em questão. Por seu lado, a metonímia leva a uma escolha sintagmática que ultrapassa as estruturas paradigmáticas inerentes à linguagem, consistindo no "deslize de referência" entre duas entidades ligadas extralinguisticamente, o qual não está ligado à organização semântica da língua. A esta perspectiva têm sido apontadas algumas dificuldades (RICOEUR, 1983: 271-279),

---

<sup>11</sup> Ver, por exemplo, LACA & TASMOWSKY, 1994 sobre o plural indefinido e o atributo metafórico; BOONS, 1971 sobre a construção sintáctica SN-V-SN-de-SN; KNOP, 1987 sobre a formação de compostos metafóricos e sua relação gramatical final na frase.

nomeadamente a da ambiguidade resultante da combinação da relação sintagmática com a relação referencial.

Samuel Levin, em *The Semantics of Metaphor* (1979: 38), inclui as metáforas no conjunto das frases anómalas, as quais, segundo o seu ponto de vista, não são necessariamente desprovidas de sentido já que lhes podem ser impostas interpretações. A interpretação de uma frase anómala, é, para Levin, alcançada através da modificação da representação lexical, quer a nível do argumento, quer a nível do predicador, criando-se, assim, uma nova estrutura predicativa. Para tal, opera-se uma transferência de componentes de sentido operando por disjunção, conjunção ou deslocamento, quer no sentido argumento - predicador, quer no sentido inverso. Neste processo, resultam seis interpretações diferentes para uma mesma frase metafórica. Levin exemplifica com a metáfora *The stone died* para a qual propõe as seguintes seis interpretações diferentes (cf. op.cit. pp. 43 e segs: "The Six Modes of Construal"):

Por adjunção:

- a)  $N \leftarrow V$  leitura disjuntiva    The natural physical object died.
- b)  $N \leftarrow V$  leitura conjuntiva    The stone (as if human) died.
- c)  $N \rightarrow V$  leitura disjuntiva    The stone ceased to exist.
- d)  $N \rightarrow V$  leitura conjuntiva    The stone died (as though die were predicable of objects jointly human and mineral).

Por deslocamento:

- e)  $N \leftarrow V$                             The dolt died.
- f)  $N \rightarrow V$                             The stone desintegrated.

Este modelo tem sido muito criticado (STROIK, 1988: 7-12), nomeadamente porque a simples decomposição semântica não contempla os aspectos extralexicaís a nível da conotação de que dependem as interpretações da figura.

Umberto Eco (1979: 67-89) também se debruça sobre o nível semântico da

metáfora considerando que uma cadeia de conexões de tipo metonímico<sup>12</sup> está subjacente a cada uma destas figuras:

"A long white neck being a property of a beautiful woman and of a swan, the woman can be metaphorically substituted for by the swan. Apparently one entity is in the place of the other by virtue of a mutual resemblance. But the resemblance is due to the fact that in the code there exist already fixed relations of substitution which, in some way or other, link the substitute entities to those substituted for".

Estas redes metonímicas de contiguidades, mais frequentemente explicadas por convenções culturais do que por semelhanças originais, são, deste modo, os mecanismos que permitem quer a invenção quer o reconhecimento da metáfora. Para produzir/interpretar esta figura, Eco (1994: 235-242) propõe partir duma representação componencial dos termos, determinando, no contexto, as suas propriedades pertinentes e identificando as que são iguais e as que são opostas. Metaforizante e metaforizado unir-se-ão com base em propriedades gerais que são comuns e opor-se-ão nas propriedades mais específicas (ex.: ao metaforizar *mulher* como *rosa*, encontramos em comum os semas da cor, frescura, natureza, etc., e em oposição os semas animal/vegetal).

#### 2.1.1.4. A PRAGMÁTICA DA METÁFORA

O desenvolvimento das teorias de Austin, Searle e Grice<sup>13</sup>, entre outros, fizeram voltar as atenções para o nível pragmático da linguagem, campo a que não ficaram alheios os estudos sobre a metáfora. John Searle estuda e caracteriza o significado transmitido através de expressões literais, enunciados metafóricos, enunciados irónicos, metáforas mortas e actos de fala indirectos (SEARLE, 1985: 112-116). A base da sua teoria parte da associação de um termo P (significado das palavras)

---

<sup>12</sup> Eco não faz uma distinção absoluta entre sinédoque e metonímia: "Os limites entre sinédoque e metonímia são sempre obscuros. (...) Somente quando assumirmos que a enciclopédia é uma representação potencialmente infinita de todos os interpretantes, cairão todas as diferenças entre sinédoque e metonímia e permanecerão as marcas enciclopédicas e as marcas metalinguísticas, digamos, dicionariais" (1984, pp.95-96).

<sup>13</sup> Cf. AUSTIN, 1978; GRICE, 1993; SEARLE, 1974; SEARLE, 1985 e SEARLE et.al., 1980.

a um termo R (significado do enunciado). As duas faces da metáfora são, deste modo, encaradas como, por um lado, o significado das palavras ou da frase (*word or sentence meaning*) – o que as palavras querem dizer, ou seja, o que é considerado equivalente na língua em questão – e, por outro lado, o significado do falante ou do enunciado (*speaker's meaning or utterance meaning*) – o que o locutor quer de facto dizer, tenciona comunicar quando produz um pedaço de discurso<sup>14</sup>. Consequentemente, o alocutário partiria do reconhecimento do carácter anómalo do enunciado, se tomado literalmente, e procuraria um significado específico. Assim, o significado metafórico nunca corresponde ao significado das palavras, mas é sempre um significado do falante<sup>15</sup>. Tendo em mente esta distinção, Searle exemplifica com o enunciado “Está a aquecer aqui” (*It's getting hot here*) que, conforme as circunstâncias, poderá tratar-se de: uma afirmação literal quando se pretende realmente dizer que a temperatura no local em questão está a subir; um acto de fala indirecto se o que se pretende é dar a entender a alguém que abra a janela; uma afirmação irónica quando utilizada para lamentar o frio crescente; e, ainda, uma afirmação metafórica no caso de se reportar ao ambiente de agressividade numa discussão. Daí que seja necessário distinguir o uso metafórico não apenas do uso literal mas de outros usos que, não sendo metafóricos, ultrapassam o âmbito do literal.

---

<sup>14</sup> Sobre as noções de frase e enunciado e a distinção significado da frase/significado do enunciado, ver HURFORD & HEASLEY, 1985, p.3 e pp.15-24.

<sup>15</sup> Nas palavras de Searle: "Many writers on the subject try to locate the metaphorical element of a metaphorical utterance in the sentence or expressions uttered. They think there are two kinds of sentence meaning, literal and metaphorical. However, sentences and words have only the meanings that they have. Strictly speaking, whenever we talk about the metaphorical meaning of a word, expression, or sentence, we are talking about what a speaker might utter it to mean, in a way that departs from what the word, expression, or sentence actually means. We are, therefore, talking about possible speaker's intentions" (1985, p.77).

Têm sido apontadas diversas falhas (STROIK, 1989: 17-21; ROHRER, 1995b) à aplicação da teoria dos actos de fala ao estudo da metáfora como, por exemplo, a não captação das condições em que a figura é identificada e a não formulação de um procedimento para exprimir o sentido extraliteral que lhe é associado. Sob o ponto de vista da lógica formal, a teoria também apresenta falhas pois, segundo Veale (1995b), a distinção entre o literal e o figurado não é tanto uma questão de verdadeiro e falso, mas de convencional e não convencional.

A fim de colmatar estas lacunas, surge a abordagem da figura partindo do princípio de cooperação (ou cooperatividade) de Grice:

"Faça a sua contribuição conversacional de maneira a satisfazer, no momento em que o fizer, a finalidade ou a direcção da troca linguística em que está envolvido/a".

Grice desenvolve este princípio geral em quatro máximas:

- **Máxima da quantidade:** a contribuição deve incluir a informação necessária para os fins da troca linguística; não deve incluir um excesso de informação em relação às necessidades da troca.
- **Máxima da qualidade:** a contribuição deve ser verdadeira e fundamentada.
- **Máxima da relação (ou relevância):** a contribuição deve ser relevante, i.e., subordinar-se ao tópico da conversa.
- **Máxima do modo (ou maneira):** a contribuição deve ser clara, i.e., breve, não obscura, não ambígua, organizada.

O locutor viola deliberadamente (*flout*) uma ou mais destas máximas quando pretende transmitir significados não expressos na frase e que, no processo de recepção, serão inferidos pelo alocutário. Grice dá o nome de implicaturas conversacionais<sup>16</sup> a estas

<sup>16</sup> As inferências podem situar-se quer a nível da frase quer a nível do enunciado, distinguindo-se, assim, as **implicações** (ou implicaturas convencionais) das **implicaturas** conversacionais (ou implicaturas propriamente ditas). A implicação é produzida a partir da frase, sendo a sua verdade necessariamente decorrente desta. Por exemplo, da frase A Maria matou o galo podemos inferir, por implicação, O galo morreu. A verdade desta frase decorre necessariamente da verdade da primeira e, por consequência, a implicação não pode ser cancelada sem dar origem a uma frase que, semanticamente, é uma contradição: \*A Maria matou o galo mas o galo não morreu. Por sua vez, a implicatura é inferida do enunciado, no seu contexto particular, e é passível de cancelamento. Voltando ao mesmo exemplo, se o enunciado "A Maria matou o galo" constituir a resposta a uma pergunta sobre a origem de sangue no avental da Maria, é possível inferir a implicatura de que O sangue no avental da Maria é do galo que ela matou. Não se trata aqui de uma implicação mas de

inferências retiradas do enunciado. Stroik (1989: 22-33), defende que as interpretações das expressões metafóricas partem de um processo de inferência por implicatura e prova-o com três argumentos:

- 1) As leituras metafóricas ligadas a um enunciado são passíveis de cancelamento, o que é uma característica das implicaturas conversacionais.
- 2) É através das estratégias de inferência dependentes do princípio da cooperação que se opera identificação dos enunciados que podem receber interpretações metafóricas. O receptor reconhece a necessidade de uma leitura não literal porque o enunciado viola uma ou mais destas máximas.
- 3) O princípio da cooperação determina, ainda, o cálculo da própria interpretação metafórica. O facto de que o significado extraliteral deve ser relevante a um dado enunciado, a fim de satisfazer o princípio cooperativo, leva o receptor a encontrar uma relação de relevância (convencional ou contextualmente determinada) que vai delimitar as possibilidades da interpretação metafórica.

As leituras metafóricas são pois calculadas a partir do princípio da cooperação<sup>17</sup>. A descodificação resulta do pressuposto de que tal enunciado tem de ser lido extraliteralmente a fim de cumprir o princípio da cooperação e que este significado adicional, de acordo com a Máxima da Relevância, tem, de algum modo, de estar relacionado com a predicação do enunciado.

Umberto Eco, além de considerar, como vimos atrás, o aspecto semântico da metáfora, debruça-se ainda sobre a sua pragmática (1984: 76 e 1994: 202-204) e inclui o uso metafórico da linguagem entre as formas pragmáticas de implicatura.

---

uma implicatura conversacional, uma vez que a verdade da frase O sangue no avental da Maria é do galo que ela matou não decorre necessariamente da verdade da frase A Maria matou o galo. Tanto é assim que a implicatura pode ser cancelada dando origem a um enunciado que, embora estranho, não é uma contradição: "A Maria matou o galo mas o sangue no avental dela não é do galo e sim do peru que ela matou a seguir". Sobre o problema das inferências ver, por exemplo, LYONS, 1977, pp.592-606; HURFORD & HEASLEY, 1985, pp.278-288; KEMPSON, 1986, pp.58-79; MATEUS et al., 1992, pp.120-124. Ver, ainda, uma crítica ao modelo de Grice em STERELNY, 1984:187-194 e Van Der AUWERA, 1984: 399-400.

<sup>17</sup>Este mesmo princípio tinha sido defendido em 1986 por Sherill Jean Begres na sua Tese de Doutoramento, *Theories of Metaphor*. Noppen e Hols (1990: 22) resumem o fulcro desse trabalho: "Begres offers an alternative to intensional and extensional conversion theories by arguing for a "constancy" theory requiring no meaning or reference conversions. This view involves H.P.Grice's notions of conversational maxims and implicatures: metaphors retain their literal meaning, by virtue of which they generate implicatures. The recognition of metaphors and the ability to distinguish them from literal expressions involves violations of conversational maxims".

Apresenta o exemplo "Como é aquele sujeito? –É um avestruz" (significando que é uma pessoa que esconde a cabeça) como violando simultaneamente: a regra do modo, porque o enunciado não é claro nem perspicuo; a regra da qualidade, porque não é de facto verdadeiro; a regra da quantidade, porque não dá informação suficiente; e a da relação, porque não é relevante. Trata-se de um caso de implicatura em que se pretende, portanto, dizer outra coisa. Como uma coisa foi nomeada em lugar de outra, estaremos numa situação metafórica.

Estas abordagens pragmáticas da metáfora, ao contrário dos modelos anteriores, apresentam a vantagem de incluir praticamente todo o tipo de metáforas, não se limitando aos enunciados metafóricos que, numa leitura literal, se revelem falsos ou seccionalmente incorrectos (*sortally incorrect*). No entanto, em todos estes modelos, se chega à interpretação metafórica partindo do significado literal e aplicando-lhe algum processo algorítmico. Embora isto possa acontecer em alguns casos, o processo normal de funcionamento da metáfora não é hoje encarado desse modo, como veremos na secção seguinte. Além disso, a abordagem de Grice sobre a metáfora entra em inconsistência com a generalidade da sua teoria, na medida em que, no caso do uso figurado da linguagem, o significado que se pretende transmitir por implicatura *substitui* o significado das palavras, ao passo que, nas outras implicaturas, esse significado lhes é *adicional*<sup>18</sup>. Apesar destas limitações, as teorias pragmáticas da metáfora, especialmente depois da explicitação de Stroik, têm sido desenvolvidas. Um exemplo disso mesmo são os estudos de Begoña Vicente (1996), em que se propõe, como alternativa à abordagem griceana, uma abordagem pragmática da metáfora no

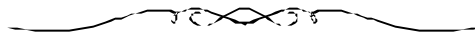
---

<sup>18</sup> A este propósito, ver o ponto intitulado "Metaphor as implicature" no artigo de B. Vicente (1996: 196-197) e ainda G.M. GREEN, 1989: 120-124.



âmbito da teoria da relevância<sup>19</sup>.

Muitos foram, ao longo do tempo, os estudos que tiveram como objecto a linguagem metafórica<sup>20</sup>. Não tivemos aqui a pretensão de apresentar uma abordagem exaustiva das várias teorias, mas antes a de fornecer uma pequena amostra dos vários pontos de vista, frequentemente contraditórios e mutuamente exclusivos. No subcapítulo que se segue, abordaremos as teorias que actualmente têm sido objecto de atenção por parte da Linguística no que concerne a abordagem do problema da metáfora.



---

<sup>19</sup> A teoria da relevância defende que a cognição humana tem um objectivo: prestamos mais atenção àquilo que nos parece mais relevante. Ao comunicar, o locutor requer a atenção do alocutário e, por consequência, sugere que a informação veiculada é relevante (SPERBER & WILSON, 1986).

<sup>20</sup> Já em meados da década de 70, comentando a história dos estudos sobre a metáfora, Booth (1974: 177) salientava: “It has ranged from a minute oratorical device, one among many, to an imperialistic word conqueror”.

## 2.1.2. AS TEORIAS ACTUAIS SOBRE METÁFORA

### 2.1.2.1. PROJECCÕES ENTRE DOIS DOMÍNIOS

Actualmente, uma lufada de ar fresco nos estudos e teorias sobre a metáfora surgiu-nos das pesquisas em Linguística Cognitiva. Desde os finais dos anos 70 que os estudos da metáfora orientados sob o ponto de vista psicológico têm aumentado pletoricamente. Em 1977, Pollio e seus colaboradores apresentam dados que provam a penetração da linguagem figurada em todos os níveis de comunicação. Calcularam, por exemplo, que a maioria dos falantes do inglês enuncia cerca de 3.000 novas metáforas e 7.000 expressões idiomáticas por semana (DANESI, 1989: 521). Diversos têm também sido os estudos que se debruçam sobre a capacidade de produzir/interpretar metáforas por crianças<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Sobre o estudo da aquisição da capacidade de produzir/interpretar metáforas pelas crianças, ver, por exemplo: PAPROTTÉ (1985) num estudo das primeiras metáforas em crianças que iniciam a sua aprendizagem linguística (cf. revisão em CASAD, 1989); EVANS & GAMBLE (1988) numa pesquisa que conclui que as crianças mais velhas interpretam correctamente mais metáforas que as mais novas mas que, em cada estágio escolar, não são observadas diferenças entre o número de interpretações correctas de metáforas em que um atributo conhecido é salientado (*predicate promotion metaphors*) daquelas que envolvem a introdução de um novo atributo ao tópico (*predicate introduction metaphors*); JOHNSON (1989) sobre o papel de factores cognitivos e linguísticos no desenvolvimento da interpretação da metáfora em crianças bilingues (também sobre bilingues, ver o interessante artigo de NELSON (1992) sobre a memorização da metáfora em bilingues não fluentes); BRODERICK (1990) que conduziu uma pesquisa em que se conclui que as crianças são capazes de relacionar conceitos tanto de um modo concreto como abstracto desde os primeiros estádios de desenvolvimento da linguagem, embora haja um progresso substancial na compreensão da metáfora entre a idade escolar e a idade adulta; DYSON (1990) sobre o papel da metáfora na aprendizagem da escrita pelas crianças, nomeadamente no desenho dos grafemas (sobre o papel da metáfora na compreensão e memorização de texto escrito, ver REYNOLDS & SCHWARTZ, 1983); sobre metáfora nos vários graus de competência linguística, ver JOHNSON & ROSANO (1993), que concluem que, em contexto, os alunos de inglês como segunda língua não se distinguem dos alunos de inglês como língua mãe no que diz respeito à interpretação de expressões metafóricas; FONSECA (1994) sobre a expressão metafórica na pedagogia da produção escrita; GOTTFRIED (1997) sobre a produção de compostos metafóricos pelas crianças. Bolinger (1990: 141) salienta a capacidade de descodificação metafórica das crianças: “The world is a vast elaborated METAPHOR. Its beginnings go back to the roots of perception in earliest childhood. Nature does not come to the child in ordered fashion, but the child is equipped to perceive parts of it, and is born with one intellectual capacity that surpasses all others: the ability to see resemblances – which may, to begin with, be the same as the inability to see differences”.

Apesar da atenção recente da parte dos cientistas cognitivos pela metáfora, a investigação experimental deste fenómeno já se localiza nos anos 50 e 60 com diversos trabalhos sobre o assunto na área do comportamento verbal humano (ver, por exemplo, em DANESI, 1989: 523). Antes de 1965, no entanto, os linguistas (nomeadamente os norte-americanos) que publicavam trabalhos sobre o uso quotidiano da linguagem raramente se debruçavam sobre a estrutura da metáfora, a qual era um assunto predominantemente do foro dos estudos literários<sup>22</sup>. Os estudos em ciência cognitiva em finais da década de 70 trazem uma nova maneira de encarar a linguagem, opondo-se ao que George Lakoff chama de 'cognição objectivista', que, segundo este autor, ignora o papel do corpo humano na caracterização de significados, bem como a capacidade humana imaginativa na criação de significados para além da realidade exterior desligada da mente (LAKOFF, 1988: 119).

As teorias cognitivas da metáfora criticam nas teorias clássicas o encarar desta figura como dizendo respeito à linguagem e não ao pensamento. Lakoff e Johnson (1980: 153)<sup>23</sup>, pelo contrário, salientam que a metáfora é em primeiro lugar uma questão de pensamento e só derivativamente uma questão de linguagem<sup>24</sup>. Forceville (1995: 189-190)

---

<sup>22</sup> Nas palavras de Shen e Cohen: "Recent studies of human cognition during the last 15 years or so have convincingly argued that figurative modes of thinking such as metaphor, analogy and personification are not restricted to poetry; furthermore, the argument is that these figurative modes play a central role in ordinary human cognition and, in particular, in such areas as ordinary language use and conceptual organization. For example, Lakoff and many of his followers (notably Gibbs, 1994) have convincingly argued that various modes of language and thought traditionally associated with poetic discourse, notably metaphor, constrain and structure many major aspects of our ordinary, common, non-poetic usage of language and thought" (SHEN & COHEN, 198:123). Ver também POWELL, 1987: 39).

<sup>23</sup> Ver as seguintes recensões desta obra: LAWLER, 1983; STEPNEY, 1997a.

<sup>24</sup> Isto explica também a dificuldade que se encontra na tradução. Hilary Nessi (1995: 272), a propósito do uso figurado de nomes de animais em diversas línguas, conclui que "Many common terms such as 'cat', 'cow' and 'mouse' were found to have a wide range of figurative meaning, and discussions with informants [from 38 geographical regions] revealed that even advanced learners tend to think in terms of the connotations of their first culture when they encounter or use these words in a figurative sense in English". Um dos recursos que certas expressões figuradas e idiomáticas exigem na tradução é, mesmo, o de uma paráfrase

sublinha este ponto, acrescentando que esta visão abre caminho para a noção de que a expressão da metáfora não só ocorre na linguagem, mas também em imagens visuais, e apresenta um estudo em que imagens de cartazes publicitários são encaradas como metáforas pictóricas (cf., também, MORRIS, 1993; KENNEDY, 1993; KENNEDY et al., 1993, GREEN & VERVAEKE, 1996, FORCEVILLE, 1996 e VEALE, 1998)<sup>25</sup>. No âmbito específico da Linguística, em que situamos o nosso trabalho, temos, então, o estudo da *linguagem metafórica*, ou seja, da expressão linguística da *metáfora*. Para esta distinção e o para estudo da linguagem metafórica assim encarada, muito contribuíram os estudos do linguista cognitivista George Lakoff, que temos vindo a referir.

A abordagem cognitiva da metáfora introduz a noção de projecção (*mapping*) entre domínios conceptuais, localizando a metáfora no modo de conceptualizar um domínio mental em termos de um outro. Um artigo de Dedre Gentner e Donald Gentner intitulado

---

explicativa, como conclui Danielle Bault (1990: 62) a propósito da tradução para alemão da expressão francesa “Je ne suis pas dans mon assiette aujourd’hui”: “Simplement la langue allemande ne possède pas cette image et on traduit le sens. C’est un cas de traduction-explication, la traduction étant parfois plus explicite que le text-source, puisqu’on l’a vu, le sens en ce cas, n’est pas dans les mots”.

<sup>25</sup> Nós acrescentaremos que, além de pictórica, a metáfora pode ainda ser tátil, olfactiva e sonora. Um exemplo de metáfora tátil surgiu na publicidade em Portugal através do lançamento na imprensa (ex.: Público de 9/3/97) do folheto que aqui reproduzimos e em que a dificuldade que o leitor sente na



sua abertura devido às tiras pretas de velcro aderente pretende, metaforicamente, significar a aderência das rodas do automóvel à estrada. Uma metáfora olfactiva pode, em sentido lato, ser encontrada, por exemplo, nas cartas perfumadas com que os enamorados pretendem significar metaforicamente o lado sublime, agradável e atraente que os une. Em relação às metáforas sonoras, musicais, por exemplo, estudos recentes no âmbito da ciência cognitiva aplicada à musicologia (cf. ZBIKOWSKI, 1997 e ZBIKOWSKI, no prelo) mostram como a relação poema música pode ser encarada como uma correlação

“Flowing Waters or Teeming Crowds: Mental Models of Electricity” (1983: 99-130) tem sido considerado (cf. ROHRER, 1997) como o artigo chave que prepara a teoria da projecção entre estruturas na analogia, teoria que, mais tarde, é retomada e transformada nas projecções conceptuais de metáforas nos trabalhos de Lakoff e Johnson. O estudo de Michael Reddy (1988) foi um outro grande marco na introdução de tais projecções com o clássico exemplo da metáfora da conduta (*conduit metaphor*) pela qual, no inglês e não só<sup>26</sup>, se apresenta metaforicamente a língua como uma conduta que possibilita a transferência de elementos do repertório de um falante para outro<sup>27</sup>. Uma lista de quase

---

conceptual entre dois domínios. A própria linguagem da crítica e análise musical é altamente metafórica (ZBIKOWSKI, 1998).

<sup>26</sup> Sobre a metáfora conceptual da conduta em francês, ver, por exemplo, LAMIROY, 1987: 49 e DILLER, 1991: 221-223. Lamiroy defende, mesmo, que os tipos de metáfora espacial em que ideias, sentimentos ou palavras são vistos como objectos transportáveis no espaço parecem ser uma constante se compararmos o francês com outras línguas, nomeadamente o inglês. Sugere ainda que a passagem do domínio concreto do espaço para certos domínios abstractos se faz segundo esquemas conceptuais que são constantes entre as línguas de culturas próximas. Algumas metáforas são tão constantes entre as línguas, que Danesi (1990), ao estudar a metáfora conceptual THINKING IS SEEING, coloca mesmo a hipótese de ela ser uma fórmula universal; pelo menos é encontrada em numerosas línguas não filogeneticamente relacionadas. Alguns estudos apontam que no ensino de língua estrangeira (mesmo que de cultura próxima) a tomada de consciência deste tipo de elos conceptuais revelar-se-á como um instrumento muito útil na aprendizagem de toda uma rede de itens linguísticos frequentemente utilizados (LOW, 1988; MAC LENNAN, 1994). Devido ao grande impacto dos estudos de Reddy, a metáfora da conduta tem sido estudada em diversas outras línguas (cf., no japonês, MASUHIRO, 1993). No entanto, nas nossas pesquisas, não encontramos dados relativos ao português.

A metáfora da conduta não é, obviamente, a única a ser utilizada em relação à comunicação. Ver, por exemplo, em LAPAIRE, 1994b um breve estudo sobre a metáfora WORDS ARE BUILDING MATERIAL, e ainda INTERNET IS A HIGHWAY em ROHRER, 1997b. Na realidade, em relação a qualquer domínio da experiência humana, podem surgir metáforas diferentes e incompatíveis entre si: “The study of our system of conceptual metaphors reveals that it is common for there to be many incompatible metaphorical models of important domains of experience” (LAKOFF, 1992).

<sup>27</sup> A metáfora da conduta tanto se aplica ao discurso oral como ao discurso escrito. Mosenthal (1987) refere que, na metáfora da conduta relativa à leitura, a informação é vista como estando armazenada quer na mente, quer em alguma representação linguística impressa, quer numa combinação destes dois lugares. É ainda a metáfora da conduta que está subjacente a certas expressões idiomáticas aparentemente arbitrarias como, no exemplo de Lakoff, “spill the beans”: “The beans correspond to information. The container corresponds to the head. Therefore, the information is supposed to be kept in the head; that is, it is supposed to be kept secret. Spilling corresponds to letting the information out, either accidentally or apparently by accident. The information “goes all over the place”, and the secret is out (the beans cannot be retrieved). The result is messy (LAKOFF, 1990: 450). Embora Lakoff não pretenda explicar tudo deste modo, não há dúvidas de que importantes pistas no sentido da penetração no significado destas expressões se abrem. Em relação à língua portuguesa, um exemplo paralelo seria o da expressão “tirar nabos da púcara”, em que a correspondência se faria entre a púcara e a cabeça, por um lado, os nabos e as informações, por outro, sendo o retirar correspondente à obtenção das mesmas.

centena e meia de exemplos diferentes é apresentada neste estudo, entre os quais:

Jane gives away all her best ideas.  
 Your thoughts here don't quite make it across.  
 Next time you write, send better ideas.  
 I can't seem to get these ideas into words.  
 His letter brought the idea to the French pilots.  
 Interesting ideas just seem to pour out of that man.  
 It was a notion I didn't catch right away.  
 In terms of the rest of the poem, your couplet contains the wrong kind of thoughts.

Usando as palavras de Lakoff (1990: 114)<sup>28</sup>, que desenvolvem estas primeiras intuições de Reddy, a metáfora da conduta para a comunicação projecta (*maps*) o nosso conhecimento acerca da transmissão de objectos dentro de contentores na compreensão da comunicação como a transmissão de ideias em palavras.

A palavra "metáfora" passa, assim, a ser entendida, no sistema conceptual, como uma projecção (no sentido matemático do termo) entre um domínio fonte (*source domain*), que serve como ponto de referência e onde se buscam conceitos e terminologia, e um domínio alvo (*target domain*)<sup>29</sup>, aquele que é explorado e expresso com os elementos fornecidos pelo primeiro<sup>30</sup>. O termo "expressão metafórica" refere-se à expressão linguística (palavra, sintagma, frase) que realiza, na superfície textual, a projecção entre os domínios (*cross-domain mapping*)<sup>31</sup>.

Uma das novidades desta teoria é a da reformulação da relação sentido

<sup>28</sup> Ver as seguintes recensões a esta obra de Lakoff: DAHL, 1989; WAXMAN, 1989; CASAD, 1992; STEPNEY, 1997b. Sobre uma apreciação geral das pesquisas de Lakoff, ver LAPAIRE, 1994a.

<sup>29</sup> Uma terminologia alternativa, que encontramos em alguns textos da especialidade, designa o domínio alvo por *reino* e o domínio fonte por *domínio*: “*Realms and domains*, themselves metaphorical terms, refer to the semantic fields of tenors and vehicles, respectively. Their use reflects the fact that a major function of metaphor is to explain in familiar terms remote, abstract, or recondite concepts or ideas. The vehicular semantic world might be regarded, therefore, as being “closer to home”, as it were.” (GOATLY, 1987: 144).

<sup>30</sup> O conhecimento dos domínios conceptuais envolvidos na metáfora é fundamental para a sua compreensão. Estudos com crianças (cf. WAY, 1994: 57-59) têm demonstrado que o grau com que elas entendem a linguagem metafórica depende do grau com que adquirem distinções ontológicas. Assim, metáforas envolvendo a aplicação de atributos animados a objectos não animados ( ex.: “O carro tem sede.”) eram compreendidas antes de metáforas totalmente baseadas em distinções concreto-abstracto ( ex.: “A ideia ainda não estava madura.”).

<sup>31</sup> Este fenómeno da projecção metafórica leva alguns linguistas cognitivos a classificarem a figura como um fenómeno dinâmico e não estático: “In semiotic terms a metaphor is a dynamic, as opposed to stable, sign, and this follows the etymology of the word, which suggests a transfer or displacement of names.” (VEALE, 1995: 2).

literal/sentido metafórico<sup>32</sup>. Vários autores ( ex.: PICKENS, POLLIO & POLLIO, 1985: 486; WALL, 1989: 46; DANESI, 1989: 524; LAKOFF, 1994: 205<sup>33</sup>) chamam a atenção para o erro de encarmos a metáfora como um fenómeno parasitário como se o descodificador só passasse à interpretação do significado metafórico depois de ter tentado, sem sucesso, encontrar um sentido na leitura literal. A presença de linguagem metafórica requereria, assim, maior tempo de processamento<sup>34</sup>. No entanto, várias pesquisas no âmbito da Psicolinguística (cf., por exemplo, POPIEL & McRAE, 1988; GERRIG, 1989; GIBBS & GERRIG, 1989; GLUCKSBERG, 1989; BISCHOFSHAUSEN et al., 1989 e SHRAW, 1995) demonstram que isso não se verifica quando o contexto se revela suficiente<sup>35</sup>. Também a sequência rígida destas duas etapas (leitura literal - leitura metafórica) é posta em causa. De facto, em grande parte dos casos, não se verificam estas duas etapas pois não há sequer este esforço para tornar significativa uma primeira leitura de tipo literal. Em metáforas mortas, expressões

---

<sup>32</sup> A este respeito, afirma Mininni: “As Lakoff and Johnson (1980) showed very well, our experiential system of relationships with reality is an organic whole of metaphorical arrangements. Radically (or ‘literally’) taken, the phrase ‘out of metaphor’ is an impracticable or an empty way of talking./ As a matter of fact, today’s most widespread conviction is that the distinction itself between ‘literal’ and ‘metaphorical’ meanings should be given up in favour of a view which deals with meaning in terms which are at the same time vaguer and more dynamic. This is the trend of both the (classic) theory of the *ubiquity of metaphor* in language use and the (latest) suggestion of a ‘metaphorical scale’” (MININNI, 1989: 236-237).

<sup>33</sup> Ver uma recensão desta obra em GOLA, 1996.

<sup>34</sup> Gibbs e Gerrig (1989) salientam, no entanto, que, do facto de a metáfora não requerer, em contexto apropriado, um maior tempo de processamento do que uma expressão literal semanticamente comparável, não se pode concluir que os mesmos processos metais estão envolvidos nos dois casos. Eles concluem que o que torna a metáfora “especial” está nos produtos da compreensão, e não no processo pelo qual os significados metafóricos são compreendidos (ver, ainda, SHEN, 1989 e GREGORY, 1993).

Esta observação terá, mesmo, segundo estudos recentes, uma base neuropsicológica: “Metaphor, like all figurative language, has been usually explained as a secondary linguistic process which takes place as a function taking place on literal language. However this explanation does not fit well with some of the recent work on right hemisphere processing of language or recent cognitive studies, both of which suggest that the figurative and literal language are processed simultaneously and share much structure” (ROHRER, 1995b).

<sup>35</sup> A equivalência verificada nos tempos de compreensão da metáfora e das expressões literais não significa, obviamente, que os mesmos processos cognitivos sejam realizados nos dois casos (KREUZ & ROBERTS, 1993: 156).

idiomáticas e, mesmo, em metáforas vivas com a ajuda do contexto, identificamos, imediatamente, o sentido metafórico e não passamos por uma leitura literal se para isso não houver motivo. Em alguns casos, encontramos mesmo o processo inverso: apreendemos primeiro o sentido figurado e depois o literal em função de um determinado contexto. É o caso de algumas charadas, enigmas e certos poemas. Noutros casos ainda, a que Droste (1986) chamou meta-metáforas (*meta-metaphors*) e Grésillon (1988) duplo-sentido (*double sens*), a expressão tem um valor extensional duplo, referindo-se figurativamente a um estado de coisas e simultaneamente, numa interpretação secundária, ao estado de coisas literal. Por outras palavras, a ocorrência mental é simultânea e conscientemente associada a dois contextos habitualmente incompatíveis. É o caso do slogan publicitário "Poupe água: ela não cai do céu" que surgiu em Portugal num dos últimos anos de seca. A expressão "não cai do céu" significará, aqui, em primeiro lugar e conotativamente, que a água é um bem precioso difícil de obter e, numa segunda interpretação que não exclui a primeira, refere literalmente a falta de chuva. Há uma conjunção total, simultânea e não-reduzível dos dois sentidos presentes<sup>36</sup>. Não é, pois, na metáfora que os sentidos literal e

---

<sup>36</sup> Na meta-metáfora, os dois sentidos presentes estão em conjunção **total** pois a totalidade dos sentidos é transmitida (ao contrário, por exemplo, de certos compostos como "cinzento-azulado", "agridoce", "saia-calça", que apenas conjugam uma parte de A e uma parte de B); **simultânea** pois não pressupõe uma hierarquia interna ou sucessividade ordenada (ao contrário, por exemplo, do caso citado por Kerbrat-Orecchioni "L'homme descend du singe... et le singe descend de l'arbre", em que há sucessividade dos dois sentidos em vez de simultaneidade); e **não-reduzível** pois não é possível reduzir o duplo sentido a um único (cf. GRÉSILLON, 1988: 15).

Esta simultaneidade de sentidos é particularmente procurada em texto publicitário na formulação de jogos de palavras apelativos. De facto, estudos sobre texto publicitário demonstram que um dos recursos estilísticos mais explorados no slogan consiste na *literalização* de uma expressão que normalmente seria tomada em sentido conotativo: "Os slogans também brincam, por vezes, com a "literalização" de uma lexia complexa que se baseia no (...) efeito de desmontagem de um automatismo linguístico. Nestes casos, normalmente, as duas interpretações possíveis ficam disponíveis – leitura com fórmula fixa vs leitura literal – sendo a imagem e o próprio conhecimento do mundo do receptor que ajudam a seleccionar uma delas. Repare-se nos exemplos: / *A cidade a teus pés.* (Sapatos Manhattan) / *A solução está na tua mão.* (Telebip TMN) (...)" (PINTO, 1997: 117).



figurado se confrontam, mas apenas na meta-metáfora.

A abordagem cognitiva da metáfora introduz a noção de metáfora conceptual (*conceptual metaphor*), que não reside nas palavras mas em imagens mentais, estabelecendo projecções de um domínio fonte num domínio alvo, imagens estas que permitem a construção e o reconhecimento das expressões metafóricas explícitas linguisticamente. Um exemplo muito conhecido de Lakoff é o da metáfora LOVE IS A JOURNEY. Lakoff e Johnson (1980) utilizam a convenção das maiúsculas pequenas (versaletes) indicando que não se trata de uma expressão linguística mas de uma mnemónica que sugere o nome do domínio fonte JOURNEY e do domínio alvo LOVE<sup>37</sup>. Esta mesma metáfora conceptual é realizada em diversos contextos e em expressões linguísticas diferentes como:

Our relationship has reached *a dead-end street*.  
 Look *how far we've come*.  
 It's been *a long bumpy road*.  
 We can't *turn back* now.  
 We're at *a cross-roads*.  
 We may have to *go our separate ways*.  
 The relationship isn't *going anywhere*.  
 We're *spinning our wheels*.  
 Our relationship is *off the track*.  
 The marriage is *on the rocks*.  
 We may have to *bail out* of this relationship.

Não se trataria, pois, aqui de várias metáforas, mas de uma mesma metáfora conceptual LOVE IS A JOURNEY que pode ser realizada em expressões linguísticas variadas. Paul Werth (1994: 79) fala em famílias de metáforas. A metáfora conceptual estabelece um conjunto de correspondências ontológicas. Neste caso, sendo a viagem projectada em amor, os

---

<sup>37</sup> Em relação a estas mnemónicas, Lakoff (1993b) salienta que as expressões em maiúsculas pequenas são nomes que se reportam às correspondências que efectivamente surgem nas produções textuais, não sendo elas próprias as projecções: “To make it easier to remember what mappings there are in the conceptual system, Johnson and I (Lakoff and Johnson, 1980) adopted a strategy for naming such mappings, using mnemonics which suggest the mapping. Mnemonic names typically have the form X IS Y, where X is the name of the target domain and Y is the name of the source domain. (...) When I speak of the LOVE IS A JOURNEY metaphor, I am using a mnemonic for a set of ontological correspondences that characterize a mapping, namely: THE LOVE-AS-JOURNEY MAPPING (...) It is a common mistake to confuse the name of the mapping, LOVE IS A JOURNEY, for the mapping itself. The mapping is the set of correspondences. Thus, whenever I refer to a metaphor by a mnemonic like LOVE IS A JOURNEY, I will be referring to such a set of correspondences”.

amantes corresponderão sempre aos viajantes, os seus objectivos ao destino da viagem, os momentos de decisão às encruzilhadas, etc. Não encontramos nesta metáfora, por exemplo, expressões metafóricas que projectem as encruzilhadas nos amantes. Lakoff formulou esta característica das metáforas através do princípio da invariabilidade (*invariance principle*):

As interpretações metafóricas preservam a tipologia cognitiva (ou seja, a estrutura do *shema* imagem) do domínio fonte, de modo consistente com a estrutura inerente do domínio alvo (LAKOFF, 1994: 215).

Isto não significa que todos os elementos de um domínio sejam de facto projectados no outro. Em qualquer projecção metafórica, apenas uma parte da estrutura do domínio fonte é tipicamente projectada no domínio alvo (JOHNSON, 1987: 106)<sup>38</sup>. Lakoff e Johnson (1980: 52-55) designaram-na a porção utilizada (*used portion*) da metáfora. Evidentemente que as expressões metafóricas novas podem estender as metáforas convencionais usando porções não convencionalmente utilizadas da metáfora. Por exemplo, a metáfora THEORIES ARE BUILDINGS é normalmente realizada em expressões como:

Is that the *foundation* for your theory?  
Quantum theory needs more *support*.  
You'll never *construct* a *strong* theory on those assumptions.  
He *buttressed* his theory with *solid* arguments.  
Evolutionary theory won't *stand* or *fall* on the *strength* of that argument.

Ou seja, ao metaforizar as teorias como edifícios, é vulgar projectarem-se as noções ligadas às paredes, às fundações, à solidez dos mesmos. No entanto, é perfeitamente aceitável recorrer à porção não utilizada da metáfora, focando aspectos do domínio fonte negligenciados pelas expressões convencionais como os quartos, as escadas, as fachadas, etc. Surgirão, deste modo, metáforas novas como:

His theories are Bauhaus in their pseudofunctional simplicity.  
He prefers massive Gothic theories covered with gargoyles.  
Complex theories usually have problems with the plumbing.  
(JOHNSON, 1987: 105-106)

---

<sup>38</sup> Para uma recensão desta obra, ver WAGNER, 1990.

Por vezes, a fonte é especificada através de um elemento que pertence ao alvo:

“Specifying the Source with Something That Belongs to the Target

Consider "Daniel Webster is a steam-engine." This is a bare metaphor, which we understand by means of THE GREAT CHAIN METAPHOR. We know that Daniel Webster is one form of being, a human being, and that a steam engine is a different form of being, a machine, and that our understanding of Daniel Webster metaphorically in terms of a steam-engine by means of THE GREAT CHAIN METAPHOR must bridge over exactly this distinction.

Many metaphoric expressions simply take the principal information separating the target from the source and pin it weirdly on the source, as in "Daniel Webster is a human steam-engine." This weird specification then emphasizes exactly that distinction which we must bridge over when we use THE GREAT CHAIN METAPHOR.

The information pinned on the source can also be something metonymic of the principal distinction separating the target from the source. For example, wearing trousers is metonymic of being human. Hence, "Daniel Webster is a steam-engine in trousers"" (TURNER, 1991).

Este tipo de utilização de linguagem metafórica é, segundo Turner, muito comum.

Um outro aspecto interessante da teoria dos domínios conceptuais diz respeito à possibilidade de efectuar várias projecções sobre o mesmo alvo. Lakoff (1994: 219) salienta que é possível, na mesma frase, a utilização simultânea de duas ou mais projecções metafóricas. As pesquisas ( ex.: EDWARDS & CLEVINGER, 1990) mostram que, quanto mais conhecido e popular é um tópico, maior é a quantidade e diversidade de metáforas sobre ele construídas. A hipótese que ficou conhecida nos anos trinta por lei de Sperber (SMITH et al, 1981: 912) já notava que os tópicos que produzem sentimentos intensos ou são de algum modo problemáticos tornam-se centros de atracção metafórica<sup>39</sup>. A utilização de diferentes expressões metafóricas para o mesmo tópico é muito comum em poesia. O verso de Dylan Thomas "Do not go gentle into that good night", por exemplo, activa a metáfora DEATH IS DEPARTURE na expressão "go", enquanto "gentle" reflecte LIFE IS A STRUGGLE em que a morte é a derrota, e "night" reflecte A LIFETIME IS A DAY em que a morte é a noite. Este verso apresenta, deste modo, três metáforas diferentes para a

<sup>39</sup> Sob o ponto de vista diacrónico, observamos, também, certas regularidade, como por exemplo a lei de Kronasser, segundo a qual há, nos processos de alteração semântica das palavras, uma tendência universal para a progressão do concreto em direcção ao abstracto (PAVEL, 1991: 47).

morte, cada uma delas projectada em diferentes partes da frase.

Na linguagem quotidiana, é também comum a utilização de expressões metafóricas provenientes de domínios diversos mas referindo-se ao mesmo tópico<sup>40</sup>. Danesi (1990: 221-225) apresenta exemplos em que o pensamento é metaforizado como visão:

I cannot *see* what you're getting at.  
There is more to this than *meets the eye*.  
That is my *point of view*.

como comida:

I just can't *swallow* that.  
That's *food* for thought.  
All the paper has in it are *raw* facts, *half-baked* ideas, and *warmed-over* theories.

ou ainda como uma planta (ver também LAKOFF & JOHNSON, 1980: 47):

His ideas have finally come to *fruition*.  
That's a *budding* theory.  
He has a *barren* mind.

e também como mercadoria:

It's important how you *package* your ideas.  
She won't *buy* that.  
There is always a *market* for good ideas.

Lakoff e Johnson (1980: 47) apresentam ainda exemplos em que as ideias são metaforizadas como pessoas:

Cognitive psychology is still in its *infancy*.  
The theory of relativity *gave birth* to an enormous number of ideas in physics.  
That's an idea that ought to be *resurrected*.

Em todos os casos se verifica um percurso do abstracto para o concreto. Neste caso, vários domínios fonte concretos (visão, comida, planta, mercadoria, pessoa) podem ser projectados no mesmo domínio alvo (ideias). O domínio do pensamento abstracto é projectado por domínios concretos diversificados, o que faz com que o mesmo tópico seja descrito por vários veículos metafóricos.

---

<sup>40</sup> George Lakoff, numa página da Internet (<http://cogsci.berkeley.edu>), apresenta um extenso índice de metáforas organizado pelo nome da metáfora, domínios fonte e domínios alvo. Aí, podemos ver, por exemplo, que a metáfora LOVE IS A JOURNEY não é a única que diz respeito ao amor; são apresentadas listas de exemplos que actualizam metáforas como LOVE IS MADNESS, LOVE IS MAGIC, LOVE IS A UNITY.

É interessante notar que, por vezes, os vários domínios fonte, apesar de diferentes entre si, têm algo em comum a dizer sobre o domínio alvo. Novek (1992), por exemplo, fez uma pesquisa sobre as diversas metáforas que, em documentos públicos e académicos (brochuras e jornais), eram utilizadas para referir a realidade do analfabetismo. Dividiu as expressões metafóricas encontradas de acordo com os domínios fonte em:

-metáforas de guerra

- to *attack* the intergenerational cycle of illiteracy
- engage more human and financial resources in the *fight to eradicate* illiteracy
- conquest* of illiteracy comes first

-metáforas de doença

- even the military is *plagued* by the problem of illiteracy
- illiteracy *can be "cured"* in one generation
- children *catch it* from their parents (...) *treat* it as a family *disease*

-metáforas de objecto

- literacy is the *key* to job training
- literacy (...) a critical *set of tools*
- the only available *ticket* to full citizenship

-metáforas de lugar

- illiteracy (...) the *dark country* of ignorance
- a *sea* of illiteracy
- Education was the most potent *avenue for escape*

-metáforas de força mágica

- illiteracy (...) *destroying* the life chances
- hurts* the entire nation
- Mass literacy would not only have *created* a world in which men's disunities were lessened (...)

Todas estas metáforas, embora utilizando linguagem diferente, têm em comum, segundo Novek, o facto de exagerarem a importância de certos conceitos (nomeadamente a impotência ou deficiência do analfabeto) e de ignorarem outros (particularmente os factores socioeconómicos e políticos que influenciam os níveis de alfabetização das populações).

A escolha do domínio fonte da linguagem metafórica não é irrelevante para a mensagem a ser transmitida. Segundo estudos de Mark Johnson, a metáfora consiste num modo de compreensão pelo qual projectamos padrões de um domínio da experiência,

nomeadamente da nossa experiência corporal<sup>41</sup>, a fim de estruturar um domínio de outro tipo (1987: XIV-XV). Mark Turner (1994) acrescenta que este é um reavivar da célebre máxima de Protágoras de que o homem é a medida de todas as coisas. Nesta linha, Nancy Nelson (1990: 17-24) salienta que, na linguagem jornalística, a escolha da fonte metafórica reflecte valores sociais e tende a variar com as modificações das realidades sociológicas. Apresenta vários exemplos em que as metáforas, nas notícias de economia e política de jornais americanos, variavam de acordo com as orientações políticas e económicas dos mesmos na época em questão. Outros estudos (CLEVENGER & EDWARDS, 1988) concluem que a distância semântica entre os possíveis veículos e o teor da expressão linguística metafórica é um factor determinante na selecção da metáfora aquando da produção do discurso.

A situação inversa também é possível, ou seja, alguns veículos metafóricos são usados para descrever mais do que um tópico (LOW, 1988: 131). É o caso, por exemplo, das metáforas LOVE IS HEAT e ANGER IS HEAT. Certos enunciados metafóricos (ex.: "It happened in the heat of the moment" ou "The temperature rose") podem, conforme o contexto, referir-se a um ou a outro domínio alvo. Já outras expressões são típicas do domínio LOVE ( ex.: "She's a red-hot performer", "a torrid affair" ou "to have hots for someone") ou específicos do domínio ANGER ( ex.: "He got hot under the collar", "She boiled over" ou "anger was quietly fermenting").

Uma outra característica das projecções metafóricas resulta do facto de não ocorrerem isoladas umas das outras, mas de se poderem organizar em estruturas hierárquicas em que as projecções mais baixas (*lower*) na hierarquia herdaram as estruturas

---

<sup>41</sup> Um exemplo muito óbvio é o da noção de simetria (cf. TURNER, 1986).

das projecções mais altas (*higher*). No exemplo de Lakoff (1994: 223), a metáfora LOVE IS A JOURNEY herda a estrutura da metáfora LIFE IS A JOURNEY. O que a metáfora LOVE IS A JOURNEY tem de especial é o facto de os dois amantes serem os viajantes e a relação amorosa o veículo. O resto da projecção é uma consequência da herança da metáfora LIFE IS A JOURNEY. Porque os amantes estão no mesmo veículo, eles têm destinos comuns, ou seja, objectivos de vida comuns; as dificuldades na relação são impedimentos da viagem, etc.

Segundo Lakoff (1994: 229), nem todas as metáforas funcionam deste modo, projectando um domínio conceptual noutro, com vários conceitos no domínio fonte projectados em conceitos correspondentes no domínio alvo. Há metáforas que apenas projectam uma imagem mental em outra. São metáforas imagem (*image metaphors*), funcionam do mesmo modo que as outras, só que aqui os domínios são imagens mentais singulares<sup>42</sup>. Ilustra com um exemplo de André Breton: "My wife... whose waist is an hourglass". Também aqui não são as palavras, mas as imagens mentais que nos levam a projectar a parte central da ampulheta na cintura da mulher.

Já a linguagem metafórica utilizada em tipos de discurso como o provérbio, a fábula, a alegoria, dependem, por sua vez, nesta perspectiva cognitiva, da nossa capacidade de extrair metáforas de nível genérico (LAKOFF & TURNER, 1989<sup>43</sup>;

---

<sup>42</sup> Peter Crisp (1996: 84) comenta a este propósito: "Metaphor is seen to attribute the definite structure for us of our bodies and bodily actions to spheres lacking such definite structure for us, and so to be indispensable to our understanding of ourselves and the world. Image metaphors depart from this prototype, since they map one concrete thing onto another, and so do not seem to be conceptually indispensable. This seems to be reflected in their not being, as Lakoff and Turner (1989: 92) note, conventionalised in the language, their detailed idiosyncratic nature making them one-off affairs. Lakoff and Turner (1989: 92) show that image metaphors can convey a distinctively conceptual content: the image mapping of a tree onto a man may activate the conventional, conceptual metaphor PEOPLE ARE PLANTS. Yet such an activation of conceptual metaphor does not seem to be a necessary but rather an optional property of image metaphors".

<sup>43</sup> Ver uma extensa e interessante recensão desta obra em JACKENDOFF & AARON, 1991: 320-338).

LAKOFF, 1994: 231-235). Lakoff e Turner designaram a relação entre uma estrutura de conhecimento específico e uma estrutura de nível genérico pela metáfora *GENERIC IS SPECIFIC*. Assim, determinado provérbio apresenta tantas possibilidades de interpretação quantas as maneiras de preencher o seu schema de nível genérico. Por exemplo, "Blind blames the ditch" pode ser aplicado a propósito de um candidato presidencial que se envolveu num escândalo sexual e que foi afastado das eleições depois da sua divulgação pela imprensa, uma vez que o candidato culpou a imprensa por ter invadido a sua privacidade. A metáfora *GENERIC IS SPECIFIC* projecta o schema de conhecimento do cego e do fosso no seu schema de nível genérico (para as pessoas que não reconhecem as suas limitações e culpam os obstáculos). O schema de nível genérico define uma categoria aberta de schemata de conhecimento. O schema do candidato é um membro dessa categoria, uma vez que se encaixa no schema de nível genérico. Estabelecem-se, assim, as correspondências:

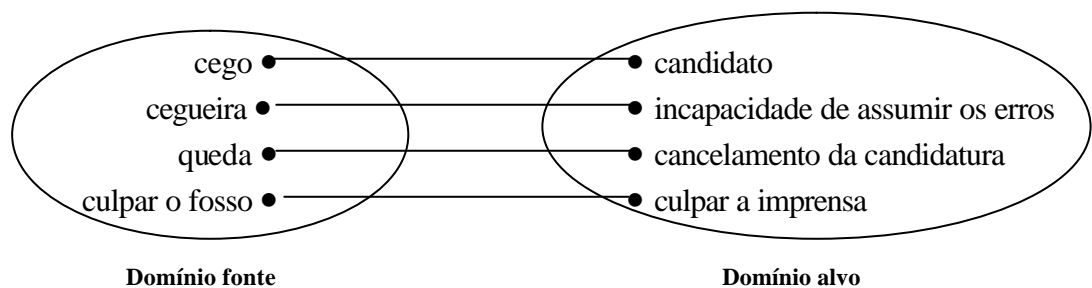
O cego corresponde ao candidato.

A cegueira corresponde à sua incapacidade de reconhecer as consequências dos seus erros pessoais.

A queda corresponde ao cancelamento da candidatura.

Culpar o fosso corresponde a culpar a imprensa.

Ou, numa representação esquemática:



**Diagrama 1** – Exemplo de uma projecção metafórica

As linhas curvas fechadas representam os conjuntos dos elementos pertencentes ao mesmo domínio conceptual e os pontos representam cada um desses elementos do conjunto. As rectas entre os pontos estabelecem as projecções metafóricas. Vemos, portanto, também



aqui, a aplicação do princípio da invariabilidade. Este princípio significa que a projecção entre duas estruturas não é um processo arbitrário. A organização experiencial do domínio fonte, com os seus padrões de inferências e juízos de valor associados, é, geralmente, preservada no domínio alvo<sup>44</sup>.

Para Lakoff e Turner (1989), há, assim, três mecanismos básicos que permitem a interpretação de expressões linguísticas como metáforas novas: as extensões das metáforas convencionais, as metáforas de nível genérico, e as metáforas imagem.

Não deixa de ser curioso, nesta abordagem cognitiva da metáfora, que a projecção do domínio-fonte no domínio-alvo, o transporte de atributos pertencentes a um domínio para o outro, vai de encontro à própria etimologia grega da palavra metáfora: *metapherein*, de *meta* (para além) + *pherein* (transportar) (DILLER, 1991: 210).

Lakoff (1994: 244-246) resume as características e novidades da teoria contemporânea da metáfora na seguinte lista de resultados (tradução nossa):

---

<sup>44</sup> Boers e Demecheleer (1997: 166) ilustram esta característica das projecções metafóricas com o seguinte exemplo: “According to the ‘logic’ of the PATH schema, for instance, the goal of the path is the desired location that one wants to reach. Motion towards the goal is positively valued, while immobility or motion away from the goal are negatively valued. The shortest way to the goal is generally preferred. Mapped into abstract experience, this means that activities which serve a clear purpose and which yield results fast are valued positively. Inactivity and indecisiveness are valued negatively, and so on. (...) the Invariance Hypothesis also applies to those metaphors that build on more specific and elaborate source domains. Gentner & Gentner (1983), for example, showed that people’s inferences about electricity differed, depending on the metaphorical model they used (fluid flow model versus moving crowd model).”

## A NATUREZA DA METÁFORA

A metáfora é o mecanismo principal através do qual compreendemos conceitos abstractos e realizamos pensamento abstracto.

Muitos assuntos, dos mais mundanos às mais abstrusas teorias científicas, só podem ser compreendidos via metáfora.

A metáfora é fundamentalmente conceptual, não linguística, por natureza.

A linguagem metafórica é a manifestação superficial da metáfora conceptual.

Apesar de grande parte do nosso sistema conceptual ser metafórico, uma parte significativa dele é não-metafórica.

A compreensão metafórica assenta na compreensão não metafórica.

A metáfora permite-nos compreender um assunto relativamente abstracto ou inerentemente não estruturado em termos de um assunto mais concreto, ou, pelo menos, mais estruturado.

## A ESTRUTURA DA METÁFORA

As metáforas são projecções entre domínios conceptuais.

Estas projecções são assimétricas e parciais.

Cada projecção é um conjunto fixo de correspondências ontológicas entre entidades num domínio fonte e entidades num domínio alvo.

Quando estas correspondências fixas são activadas, as projecções podem projectar padrões de inferência do domínio fonte em padrões de inferência no domínio alvo.

As projecções metafóricas obedecem ao princípio da invariabilidade: a estrutura do schema de imagem do domínio fonte é projectada no domínio alvo de um modo que é consistente com a estrutura inerente do domínio alvo.

As projecções não são arbitrárias, mas assentam no corpo e na experiência e conhecimento quotidianos<sup>45</sup>.

Um sistema conceptual contém centenas de projecções de metáforas convencionais, as quais formam um subsistema conceptual altamente estruturado.

Há dois tipos de projecções: projecções conceptuais e projecções de imagens; ambos obedecem ao princípio da invariabilidade.

## ALGUNS ASPECTOS DA METÁFORA

O sistema da metáfora conceptual convencional é fundamentalmente inconsciente, automático e utilizado sem nenhum esforço notável, tal como o nosso sistema linguístico e o resto do nosso sistema conceptual.

O nosso sistema da metáfora convencional está "vivo" no mesmo sentido que o nosso sistema de regras gramaticais e fonológicas está vivo; nomeadamente, está constantemente a ser utilizado, automaticamente, e abaixo do nível do consciente.

O nosso sistema metafórico é central para a nossa compreensão da experiência e para o modo de agirmos com essa compreensão.

As projecções convencionais são correspondências estáticas e não são, em si mesmas, algorítmicas por natureza. No entanto, isto não exclui de modo nenhum a possibilidade de que tais correspondências estáticas possam ser utilizadas no processamento linguístico que envolva passos sequenciais.

A metáfora é fundamentalmente baseada em correspondências com as nossas experiências, mais do que na similaridade.

O sistema metafórico desempenha um papel importante tanto na gramática como no léxico duma língua.

As projecções metafóricas variam em universalidade; algumas parecem ser universais, outras estão muito difundidas, e algumas parecem ser específicas de determinada cultura.

A metáfora poética é, na maior parte dos casos, uma extensão do nosso sistema convencional de pensamento metafórico quotidiano<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> Neste ponto, Lakoff segue, na linha de Whorf (1969) e Wittgenstein (1987), o princípio de que o modo através do qual o falante recebe e encara a realidade é dependente da própria língua, ou seja, entre a visão do mundo e a linguagem existe uma relação de interdependência.

<sup>46</sup> Numerosos estudos começam a surgir no âmbito dos Estudos Literários, partindo da aplicação da teoria cognitiva da metáfora à análise de textos literários. A título de exemplo, refira-se os estudos de Stockwell (1992) sobre ficção científica; Black (1993) sobre Golding; Freeman (1993a) sobre

Lakoff (1994: 246) termina dizendo que estas conclusões são as que melhor se encaixam nos estudos empíricos sobre metáfora conduzidos na última década. Embora algumas sejam inconsistentes com as visões tradicionais, não são de modo nenhum todas novas, e algumas ideias - por exemplo, a de que os conceitos abstractos são compreendidos em termos de conceitos concretos - já têm uma longa história.

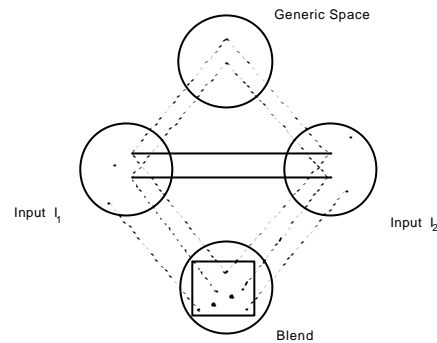
### 2.1.2.2. INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL E ESPAÇOS MÚLTIPLOS

Num extenso artigo publicado em 1994 e intitulado *Conceptual Projection and Middle Spaces*, Gilles Fauconnier e Mark Turner alargam o alcance das teorias que apresentámos no ponto anterior e consideram a projecção metafórica entre dois domínios como um caso especial de um processo cognitivo mais abrangente a que chamam o modelo dos espaços múltiplos (*many-space model*)<sup>47</sup>. Ao pretenderem abarcar uma multiplicidade de fenómenos cognitivos, e não apenas a linguagem metafórica, os autores propõem a substituição do termo “domínio conceptual” por “espaço mental”.

Neste novo modelo, a estrutura de dois ou mais espaços mentais é projectada num espaço amálgama (*blended space*), que herda parte da estrutura dos espaços de entrada (*input spaces*) e apresenta uma estrutura emergente própria (FAUCONNIER & TURNER, 1994a). Os autores propõem, pois, além dos dois espaços de partida – o domínio fonte e o domínio alvo, no caso da metáfora – a consideração de dois espaços intermédios (*middle spaces*): um espaço genérico (*generic space*) que contém a estrutura esquemática que se aplica aos dois espaços de entrada, e o espaço amálgama (*blended space*), que é um espaço fértil, integrando, de modo parcial, estruturas específicas de ambos os espaços de entrada e, eventualmente, incluindo outros elementos próprios (TURNER & FAUCONNIER, 1995). Este processo é esquematizado pelos autores no seguinte diagrama (FAUCONNIER & TURNER, 1997) em que se visualizam as intercomunicações entre os vários espaços e a existência de elementos não projectados de uns espaços nos outros, simbolizados pelos pontos isolados:

---

<sup>47</sup> O próprio Mark Turner evoluiu, nas suas pesquisas, de um modelo de dois domínios para o dos espaços múltiplos: “This “two-domain” model is highly parsimonious, and it is useful and effective for a number of purposes in cognitive studies--such as the ongoing hunt for conventional conceptual metaphors. But in Fauconnier and Turner (1994) we argue that the two-domain model is actually part of a larger and more general model of conceptual projection. We call this new and competing model the “many-space” model. The many-space model explains a range of phenomena invisible or untreatable under the two-domain model and reveals previously unrecognized aspects of even the most familiar basic metaphors” (TURNER & FAUCONNIER, 1995).



**Diagrama 2** – Os espaços múltiplos de Fauconnier e Turner

Como ilustração de uma amálgama conceptual, Fauconnier e Turner (1994a) apresentam vários exemplos entre os quais a seguinte adivinha (tradução nossa):

**Adivinha do monge budista e da montanha:** Um dia, ao amanhecer, um monge budista começa a subir uma montanha, alcança o cume ao pôr do Sol, medita no cume durante vários dias até determinado amanhecer, quando começa a caminhada de regresso até ao sopé da montanha, o qual é alcançado ao pôr do Sol. Não fazendo nenhuma suposição acerca das paragens e recomeços nem acerca do seu ritmo durante as caminhadas, prove que há um lugar no caminho que o monge ocupa na mesma hora do dia nas duas viagens distintas.

**Solução:** (...) imagine o monge budista simultaneamente a descer e a subir o caminho, no mesmo dia. Então, o lugar é onde ele se encontra consigo próprio. (...) Nesse lugar, o monge budista descendo tem de encontrar o monge budista subindo (ele próprio), de onde se infere que há um lugar, no caminho, que o monge budista tem de ocupar na mesma altura do dia nas suas duas caminhadas.

Neste exemplo, consideramos a existência de dois espaços de entrada (*input spaces*): um espaço que tem o monge a subir a montanha e outro espaço que tem o monge a descer a montanha. Os dois espaços apresentam elementos comuns que constituem o espaço genérico (*generic space*): os monges, a montanha, a caminhada, o decurso de um espaço de tempo de um dia. Da projecção destes elementos, forma-se a amálgama (*blend*), que é outro espaço mental e que é construído, uma vez que o encontro do monge consigo

próprio nunca ocorreu na realidade, resulta de uma integração conceptual (*conceptual integration*). Este exemplo ilustra, igualmente, as principais considerações teóricas do modelo:

a) As várias funções das amálgamas conceptuais

Neste caso, a fusão das duas viagens num único dia permite encontrar a solução da adivinha. As amálgamas podem, assim, ser construídas oportunisticamente<sup>48</sup>, para explorar relações úteis<sup>49</sup> entre os espaços em questão.

b) Projectação selectiva

Nem todos os elementos dos espaços de entrada são projectados no espaço amálgama, mas apenas alguns. Na solução da adivinha, a data da viagem, por exemplo, não tem lugar.

A projectação é, pois, selectiva.

c) Integração conceptual

Os elementos que são projectados dos vários espaços de entrada podem ser fundidos em

---

<sup>48</sup> Turner e Fauconnier (1995) utilizam o termo *opportunistic* e ilustram com um exemplo de uma integração simultaneamente conceptual e formal: "Consider single word integrations like "Chunnel," referring to the tunnel that runs under the English Channel. Clearly, there is a conceptual construction that integrates structure from both the generic frame of a tunnel and the knowledge frame of the body of water between England and France. (...) By fortuitous accident, a further integration of form is possible, given the phonemes in "Channel" and "tunnel". This integration is a formal blend, triggered by a partial phonological mapping between the two words channel and tunnel. Pressure to integrate produces in the case of English "Chunnel"; the corresponding accidents are lacking in French, leaving as the most integrated form "tunnel sous La Manche." This shows another important aspect of integration--that it is opportunistic. That this opportunism depends in any specific case upon apparently peripheral accidents can lead to the mistaken view that the operation is peripheral. Actually, the most central events and structures can arise exactly by opportunistic exploitation of accidents. Evolution teaches us that this is not paradoxical."

<sup>49</sup> Outras funções úteis da construção de espaços amálgama são, segundo os autores: integração de eventos, resolução de problemas, acções e *design* inesperados, inovação científica, humor, efeitos literários e outros efeitos artísticos, transferência de emoções, conceptualização, estratégias retóricas, etc. (FAUCONNIER & TURNER, 1997). De facto, as integrações conceptuais encontram-se nos mais diversos campos da actividade humana. Um exemplo interessante analisado pelo musicólogo Lawrence Zbikowski (no prelo) aplica a teoria de Fauconnier e Turner à análise da canção: "The methodology will rely on recent work on conceptual integration networks by Gilles Fauconnier and Mark Turner. The poetic text used in the song setting occupies one node (or domain) within the network; the music occupies another node (or domain); and the 'song', as the emergent product of the correlation of these two domains, occupies a third node.

elementos únicos no espaço de amálgama. A montanha, o caminho e o dia, no espaço amálgama deste exemplo, são fundidos em elementos únicos, ao contrário do monge e respectivo percurso, que, por não sofrerem o processo de fusão, se vão encontrar todos nesse mesmo espaço. A integração de vários elementos numa unidade integrada<sup>50</sup> é um factor fundamental que motiva a construção das amálgamas conceptuais.

#### d) Uma estrutura emergente

O novo espaço não é o resultado da mera soma dos espaços de entrada. O espaço amálgama herda parcialmente as estruturas destes espaços, mas apresenta uma estrutura emergente própria. No caso da adivinha do monge, este é o único espaço onde se dá um encontro entre duas pessoas, por exemplo. Assim, o espaço amálgama é simultaneamente mais e menos que os espaços de entrada<sup>51</sup>.

O processo de amálgama conceptual parece, segundo alguns estudos no âmbito da

---

The fourth node of the standard four-node model is occupied by the generic narrative structure common to the text, music, and song nodes”.

<sup>50</sup> Esta unidade integrada permite-nos operar cognitivamente dentro de um mesmo espaço (no exemplo dado, num espaço em que dois monges se encontram) sem perdermos, no entanto, o rasto da proveniência dos elementos que o integram (neste caso, sabemos que um dos monges significa o monge a subir a montanha, do espaço 1, e que o segundo monge significa o mesmo monge dias depois a descer a montanha, ou seja, o monge do espaço 2). Por outras palavras: “Once the blend is established, we can operate cognitively within that space, which allows us to manipulate the various events as an integrated unit. (...) We know the connection of the blend to the input spaces, and the way that structure or inferences developed in the blend translates back to the input spaces. We work over all four spaces simultaneously, but the blend gives us structure, integration, and efficiency not available in the other spaces” (FAUCONNIER & TURNER, 1996).

<sup>51</sup> Esta aparente contradição estrutural do espaço amálgama é sublinhada por Seana Coulson (1995) a propósito da metáfora-catácrese do vírus nos computadores: “The existence of integrated schemas which can be abstracted from both domains enables us to map elements from both source and target domains into the blended space. Schemas from the health domain of biological viruses are projected from the source space into the blend. Meanwhile, elements from the target space are projected into the blend in order to fill the slots of the virus schema./ Although the mapping which occurs is systematic, it is not comprehensive. There are many aspects of the health domain conceptualization of viruses which are not mapped into the domain of computer viruses. Further, although the blend receives only selected structure from its input spaces, the resultant blend can contain structure which was not present in either of the inputs. Properties unique to the blend emerge when background knowledge is activated in order to provide a coherent blending of projected aspects of the inputs. The resultant blend contains both more and less structure than the inputs: less, because only selected structure in the inputs is projected into the blend, and more, because the overall blend can contain novel structure which is unavailable from the inputs (Fauconnier & Turner, 1994)”.

neurologia, ter uma base neurológica, na actividade de zonas específicas do cérebro:

“Our implementation model takes the conceptual features of blending seriously, and assumes that each of the constructs appealed to at the conceptual level is a reflection of some aspect of the implementation architecture. This means in general that each of the input spaces as well as the blended space has a separate implementation base. Not only are separate cortical areas by and large responsible for storing the constructions and lexemes, but that there is a separate (at the very least functionally separate) cortical area whose responsibility is implementation of the blended space.” (GRUSH, 1997)

Estas pesquisas comprovam que a amálgama conceptual não é a simples soma de dois espaços de entrada, mas desenvolve um processamento próprio.

Segundo Fauconnier e Turner (1994b), a metáfora é um dos fenómenos que dá origem a espaços amálgama, uma vez que apresenta as características apropriadas:

- projecção parcial de espaços de entrada;
- estrutura emergente na amálgama;
- estrutura de correspondências entre os espaços de entrada;
- projecção de elementos de um domínio fonte;
- a amálgama não é usualmente percebida conscientemente, mas pode ser salientada;
- tarefa cognitiva específica da construção de amálgama (personificação, p.ex.).

Um exemplo de uma metáfora esclarecedora do envolvimento dos vários espaços mentais é apresentada (1994a), pelos autores (tradução nossa):

Considere exemplos como o seguinte, o qual pode ou não ser considerado intuitivamente metafórico pelos leitores:

Ele é um autêntico peixe.

O espaço fonte inclui peixe e água. O espaço genérico, mais abstracto, projectado a partir deste espaço fonte, abarca a informação de que há um agente que se move excelentemente na água. Este espaço genérico pode ser projectado sobre uma grande variedade de espaços alvo específicos, de tal modo que, por exemplo, uma pessoa possa dizer “O meu cão de água terra-nova é um verdadeiro peixe” ou “Este limpador de tanques é um peixe perfeito”. No caso em consideração – “Ele é um autêntico peixe” – o agente do espaço genérico é projectado num ser humano no espaço alvo. O espaço amálgama tem a estrutura esquemática do espaço genérico bem como mais informação da fonte e do alvo. No espaço amálgama, todas as coisas que se movem eficientemente na água são peixes, incluindo os peixes reais. De facto, no espaço amálgama, todas as coisas que se movem eficientemente na água são realmente peixes. Isto pode parecer confuso, mas é preciso lembrar que ser um verdadeiro peixe na amálgama não é a mesma coisa que ser um

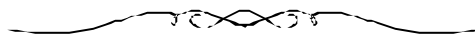


verdadeiro peixe na fonte ou no alvo. Isto levanta um ponto importante: o que é verdadeiro, o que é possível, o que é real, o que é o quê, tudo depende do espaço em relação ao qual estas questões são colocadas; as respostas em geral variam conforme nos deslocamos de um espaço para outro.

No espaço amálgama, uma nova categoria provisória foi construída, para fins locais. Ela toma o nome, como é de esperar, a partir da fonte, e, por isso, chama-se “peixe”. Tem sido considerado um mistério o motivo pelo qual a palavra “autêntico” é usada para caracterizar coisas que na realidade não pertencem à categoria. A resposta é que “autêntico” assinala uma mudança de espaço mental para uma realidade provisória.

(...) No espaço amálgama construído a partir de “Ele é um autêntico peixe” ou “O meu cão é um verdadeiro peixe”, algo pode ser simultaneamente um ser humano e um peixe ou um cão e um peixe. Considere o uso das palavras “autêntico” e “verdadeiro” nestas expressões. É completamente falso, tanto na fonte como no alvo, que o ser humano seja um peixe ou que um cão seja um peixe. “Ele é um autêntico peixe” e “O meu cão de água terra-nova é um verdadeiro peixe” são ambas falsas no que respeita à fonte e ao alvo. Mas são ambas verdadeiras no espaço amálgama que apresenta a categoria ampliada. Em relação ao espaço amálgama, o ser humano é na realidade um peixe e o cão é efectivamente um peixe. O efeito de “autêntico” e “verdadeiro” nestes casos é delimitador: indica que o *locus* de verdade é o espaço amálgama. Se os espaços amálgama não estivessem envolvidos na construção destas categorias conceptuais ampliadas, não haveria razão para “autêntico” e “verdadeiro” ocorrerem nessas expressões. Evidentemente, é importante lembrar que ninguém se confunde com a situação de cada um destes espaços: que o nadador no espaço amálgama conte como um “autêntico peixe” não leva ninguém a imaginar que ele conta como um “autêntico peixe” fora da amálgama. A ampliação da categoria é estritamente limitada à amálgama. Não se estende a outros espaços. Neste sentido, então, ela é local e temporária<sup>52</sup>. Serve um certo propósito num certo ponto da conversa, mas não estabelece um novo esquema conceptual. Em última análise, os peixes continuam a ser peixes e os cães continuam a ser cães.

Através deste e de muitos outros exemplos<sup>53</sup>, os autores demonstram a utilidade da aplicação deste modelo na descodificação da linguagem metafórica.



<sup>52</sup> Exceptuam-se desta regra os casos de introdução de novas terminologias, por exemplo, em que metáforas desenvolvidas por catácrese acabam por morrer e fazer aumentar a polissemia da palavra. Nesse caso, o mecanismo de projecção dos quatro espaços produzirá mudanças mais ou menos permanentes de categorização. (Nota nossa)

<sup>53</sup> Ver, a título de exemplo, TURNER & FAUCONNIER, 1998, onde se encontra uma análise da expressão metafórica “If Clinton were the Titanic, the iceberg would sink” (sobre a sobrevivência política do presidente aos escândalos relatados por K. Starr) e uma análise à personagem Bertran de Born, de Dante, condenada a vaguear pelo Inferno com a cabeça separada do corpo, carregada nas mãos, por ter, em vida, provocado a separação de pai e filho. Nos dois exemplos, uma teia de metáforas e metonímias é desmontada de acordo com o modelo da integração conceptual.

## 2.2. SOBRE TÍTULOS DE IMPRENSA

### 2.2.1. O QUE É UM TÍTULO?

A palavra título, etimologicamente, vem do latim *titulus* significando "inscrição", "marca"; designava a etiqueta apensa à extremidade do bastão sobre o qual se enrolava a banda de papiro que constituía o volume escrito, dispensando, assim, o acto de o desenrolar para identificar o autor da obra ou o seu assunto (HOEK, 1981: 5). Designava ainda as inscrições identificativas sob o retrato dos antepassados, os epitáfios e os escritos presos ao pescoço do escravo posto à venda (MACHADO, 1995, V vol., p.309). Não deixa de ser curiosa esta associação, que também aqui encontramos, entre o próprio homem, a sua representação icónica e a sua palavra escrita.

O título surge assim, em primeiro lugar, como anúncio e rótulo. Ele não surge por si só, mas para referir algo que lhe é exterior. Quando o título anuncia um outro texto (como é o caso dos títulos de imprensa, de romances, de poemas, etc.), ele é então um metatexto, um texto que se refere e relaciona com outro texto<sup>1</sup>. O acto de intitular torna-se um acto exegético e pode mesmo ser visto como um tipo de discurso crítico, como o resumo e o discurso analítico-descritivo (IAROVICI & AMEL, 1989: 443). Hans-Jürgen Wulff (cf. KNOP, 1987: 62) descreve do seguinte modo as diferentes relações possíveis

---

<sup>1</sup> Droste (1983: 684) considera o título como um dos empregos da metalinguagem:

(...) The question

(12) Anyone here been raped and speaks English?

though grammatically somewhat doubtful, is an expression of natural language. When it is used, however, as the title of a book - as it is - (12) has to be considered a metalinguistic expression. The author does not refer to phenomena or events in reality, at least not directly, but to the question itself as it was once posed in dubious circumstances. It is a name, therefore in two senses. First, it is the title (= proper name) of a book, and second, it is a rigid designator for a phenomenon that is the same in every possible world, namely, the sentence it is homophonous with.

entre o título e o seu co-texto (os exemplos são nossos):

- a) O título diz respeito ao conteúdo do texto. Os diversos componentes da estrutura semântica do texto podem nele ser referidos:
  - o tema, o motivo do texto (*História do Átomo*, de R.Carvalho),
  - o protagonista da narrativa (*O Malhadinhas*, de A.Ribeiro),
  - a ou as cenas da história (*Cenas da Vida Devota*, de E.Queirós),
  - o tempo da história (*1984*, de G.Orwell),
  - elementos da história: acontecimentos, situações, acções (*O Crime do Padre Amaro*, de E.Queirós),
  - enquadramentos que alteram o modo de todas as declarações seguintes (*Sonho de uma Noite de Verão*, de W.Shakespeare).
- b) O título diz respeito à forma do texto. Diversas possibilidades também aqui se oferecem:
  - mostra o género do texto que o segue (*Contos da Montanha*, de M.Torga),
  - caracteriza ( ex.: em texto científico) a índole do texto (*Pesquisas Semióticas*, de A.Bailin),
  - caracteriza o modo de construção do texto (*Antologia, Crestomatia...*).
- c) O título diz respeito ao emprego do texto:
  - caracteriza o fim ou o modo de emprego proposto para o texto (*Manual de Introdução a...*),
  - caracteriza o destinatário pretendido (*Poesia para a Infância*).
- d) O título diz respeito à formalidade do texto:
  - dedicatórias (*Para Elisa*, de L.van Beethoven),
  - (em colectâneas, p.ex.) indicação de série ou critério de recolha,
  - distinção numérica (*Op.15*).

Esta caracterização estará de certo incompleta mas, mesmo assim, podemos facilmente constatar, em todos os pontos, a referência do título à obra. Ele não surge como uma grandeza independente mas legitima-se através do texto. Isto é particularmente claro nos títulos que não se entendem sem a leitura do texto e que só ficam claros numa leitura retrospectiva. É o caso, que aqui nos interessa, de muitos títulos de imprensa, particularmente quando são elípticos. Esta será, aliás, uma forma de estímulo à leitura da notícia; é para ela que ele remete, para o seu conteúdo. Tanto é assim que, das possíveis características do título que apresentámos acima, apenas as da categoria a), em princípio, se aplicam a este tipo de títulos. As restantes três categorias podem ser encontradas

noutras produções textuais, nomeadamente literárias<sup>2</sup>.

O título de imprensa ocupa uma posição fixa e desempenha uma função temática específica ao exprimir, geralmente, o tópico textual de maior proeminência no texto noticioso. Deste modo, ao analisar a estrutura da notícia de imprensa, Van Dijk relaciona o título, como uma categoria da superestrutura textual, com a macroestrutura como representação formal do conteúdo global do texto (1985: 69).

O título, apesar desta dependência em relação ao texto, não deixa por isso de ser uma unidade textual autónoma com vida própria. Ele é frequentemente destacado e citado, não sendo raros os casos em que o título é o único pedaço da obra que a grande parte do público conhece. Esta autonomia, no que diz respeito aos títulos das notícias, é salientada, em primeiro lugar, como acontece com qualquer título, pelo destaque tipográfico que o distancia do resto do texto e ainda pela sua leitura sem a da respectiva notícia, hábito que vem sendo cultivado pelos meios de comunicação audio e audiovisual. Certos programas de informação dos nossos canais radiofónicos e televisivos apresentam rubricas em que o locutor lê, para o ouvinte, as manchetes dos principais diários que acabaram de sair (no caso do programa ser transmitido de manhã) ou que irão sair nas bancas no dia seguinte (no caso de programas de fim do dia). Do mesmo modo, as emissões de teletexto transmitidas por alguns canais televisivos contêm secções onde os principais títulos de imprensa do dia são transcritos, podendo vir ou não acompanhados pelo respectivo subtítulo e, em alguns casos, pelo lead da notícia ou um pequeno resumo da mesma. Um

---

<sup>2</sup> Vários estudos têm sido publicados sobre a linguagem dos títulos de obras literárias. Ver, por exemplo, FURET & FONTANA, 1968; MOLINO, et al., 1974; HOEK, 1981; REIS, 1981: 119-121; CARDONNE-ARLYCK, 1984; GENETTE, 1987; REIS & LOPES, 1990: 395-398. Os títulos de outras obras, nomeadamente de carácter didáctico, têm igualmente despertado a atenção dos estudiosos (ver,

outro uso, talvez mais recente ainda, dos títulos de imprensa de um modo autónomo, desligado do corpo da notícia, é o que se verifica nas compilações de títulos ambíguos, engraçados, com jogos de palavras, etc., que muitas vezes saem publicados nos jornais diários – frequentemente sem que o redactor, devido aos condicionalismos de tempo, se dê conta desses duplos sentidos – e que se podem encontrar em diversos *sites* na Internet<sup>3</sup>. Aliás, a leitura do título sem a leitura da notícia é praticada por qualquer leitor apressado que folheia um jornal<sup>4</sup>. Daí a grande importância da sua redacção, já que ele pode funcionar como um estímulo à leitura do resto da notícia e mesmo, no caso das

---

por exemplo, um estudo sobre os títulos de gramáticas setecentistas portuguesas em MENÉNDEZ, 1992).

<sup>3</sup>A título de exemplo, podemos referir que encontramos várias páginas na Internet onde se encontram compilações de títulos de imprensa em língua inglesa e que têm nomes como: *Syntactically Ambiguous Headlines; Headline Howlers; Actual Newspaper Headlines; Stupid Newspaper Headlines; Dumb Ads & Newspaper Headlines; Strange Newspaper Headlines; Hilarious Newspaper Headlines; Actual Newspaper Headlines*, etc. O facto de estes *sites* de recolha de títulos de imprensa serem de língua inglesa explica-se pelo domínio desta língua na Internet e, talvez, pela frequência com que, no inglês, se obtêm jogos de palavras, ambiguidades, etc. neste tipo de produção textual.

<sup>4</sup>Earl English (1944: 217) comparava a leitura dos títulos de imprensa com o acto de andar às compras: "The newspaper reader is often a shopper of headlines, so to speak, and may not allow sufficient time for a complete reading of the headline writer's message. The shopping may consist of a glance (one or two fixations) at some portion of the type display. In these fairly uniform fixation times of approximately 1-25 of a second duration, the reader determines whether or not he will examine the display type further or read into the story itself". Smith e Montgomery (1989: 31) utilizam uma imagem semelhante: "Reading a newspaper is often like walking through a linguistic bazaar: multisized headlines, like so many barkers, cry out for attention(...)". No entanto, e apesar deste tipo de leitura descontínua ser, por vezes, apressada, ela não deixa por isso de ser determinante na formação da opinião pública, como já em 1928 o notava Elmer Emig: "(...)the facts compiled in my recent survey indicate that out of 375 persons, 192 based their opinions concerning the day's news on reading or skimming the headlines, 118 on reading the news stories, and 144 on reading both the headlines and news stories" (EMIG, 1928: 53). Carmen Muñoz-Cachón (1990:215) define nestes termos a pertinência da leitura exclusiva do título: La rapidez con la que las ondas de radio y televisión propagan las noticias, relega a la prensa a un plano desde el que no puede competir en velocidad, pero sí en precisión y extensión. Un diario puede contener más de un centenar de artículos, por lo que es poco probable que se efectúe una lectura exclusiva de todos ellos. Para que el lector conozca las informaciones de forma extractada todos los artículos están encabezados por un titular./ El titular adquiere así un estatuto autónomo y se convierte en un texto en sí mismo que permite conocer lo esencial de cada información, diferenciar unas de otras o suscitar el interés del lector.

Uma pesquisa sobre a leitura de títulos de notícias isolados do contexto, permitiu-nos destacar as diversas dificuldades de processamento textual e concluir que "A ocorrência da metáfora revelou-se como um dos obstáculos mais frequentes(...). A presença desta figura, que afecta o significado transmitido pelo enunciado discursivo, conduziu por vezes os leitores a uma interpretação incorrecta da mensagem, quer através de uma leitura literal do título, quer pela atribuição de significados não pretendidos. Este último caso foi muito mais frequente que o primeiro, o que se explica pelo facto de que as leituras literais, resultando de algum modo absurdas ou pouco prováveis, levam ao reconhecimento da necessidade da busca de um outro sentido não explicitado" (PARKER & COIMBRA, 1993: 395)

manchetes que o transeunte consegue ler nos escaparates das bancas, à própria compra do periódico. Tanto é assim, que, em geral, as manchetes mais apelativas, sensacionalistas ou de algum modo estimulantes se encontram geralmente na metade superior da primeira página, local mais visível nos escaparates em que os vendedores dobram ou sobrepõem os jornais uns aos outros, escondendo assim a segunda metade da página<sup>5</sup>. Em certas épocas, como por exemplo em tempo de guerra, a importância destas manchetes na opinião pública torna-se ainda maior. Winship e Allport (1943: 205-210), por exemplo, durante a II Guerra Mundial, fizeram uma pesquisa sobre a influência da utilização de manchetes optimistas na venda de jornais. Estudando as tiragens e as manchetes de sete jornais norte-americanos, chegaram à conclusão de que não se podia encontrar, no corpus, uma relação directa entre um aumento de vendas e a publicação de manchetes optimistas. No entanto, os leitores não eram indiferentes ao tom destes títulos. Allport e Lepkin (1943: 211-221), na mesma altura, provaram que a manchete pessimista era significativamente mais eficaz no desenvolvimento de um sentimento bélico e instigador à participação na guerra pela parte dos leitores. Ainda relativamente à II Guerra Mundial, estudos semântico-sintácticos da imprensa japonesa (NORIKO, 1995) mostram que os títulos de imprensa eram, frequentemente, utilizados para sistematizar, transformar e, mesmo, mascarar a realidade, especialmente pela utilização do conceito semântico da transitividade na expressão de “quem faz o quê a quem”. Outros estudos demonstram, por exemplo, que o título que

---

<sup>5</sup> Girod salienta, em relação ao jornal francês *Libération* a grande preocupação com este facto, ao ponto de concentrar toda a atenção deste local numa única manchete: “À l’heure actuelle, la tribune de *Libération* comporte un seul gros titre qui, du fait de sa position unique, a un statut particulier: / C’est le (seul) titre qu’on peut lire avant de (ou sans) acheter le journal, lorsque la disposition des quotidiens le permet dans les lieux de vente - et c’est le plus souvent le cas. Il peut donc avoir une fonction incitative non seulement à la lecture de l’article, mais à la lecture et à l’achat du journal” (1985:64).

revela o assunto do texto tem um efeito positivo sobre o tempo de leitura e a memorização deste último (EHLICH & TARDIEU, 1986), o que confirma a perspectiva teórica de Kintsch e Van Dijk (1975)<sup>6</sup> segundo a qual a construção da macro-estrutura é um dos componentes essenciais da compreensão.

A autonomia textual do título de imprensa não se manifesta apenas através do seu destaque gráfico e do seu processo de recepção, mas está igualmente presente no momento da sua produção, quando ele é construído ou modificado aquando da paginação e composição gráfica do jornal. Assim, o jornalista que escreve a notícia, em princípio, não será o responsável pela redacção do seu título já que a extensão deste é ditada pela disposição gráfica da notícia na página, nomeadamente o número de colunas que ocupa. O arranjo gráfico da página é trabalho dos subeditores e não dos jornalistas (Bell, 1991: 186; Waterhouse, 1981: 8; Kniffka, 1980: 42). O subeditor deriva o título do lead e de um título provisório fornecido pelo jornalista que por vezes é apenas uma expressão chave que na imprensa de língua inglesa é conhecida por "slugline" (Bell, 1991: 186) e na de língua alemã por "Kennwort" (Kniffka, 1980: 41). Na imprensa de língua portuguesa, o processo é semelhante. Daniel Ricardo no seu *Manual do jornalista*, de "O Jornal", observa:

"A hierarquização dos textos, estabelecida a partir de critérios de natureza editorial, constitui uma tarefa da competência exclusiva dos editores e dos membros das chefias de Redacção, aos quais assiste o direito de alterar, em conformidade com as exigências da paginação e outras, os títulos apresentados pelos redactores, a fim de os tornar, por exemplo, menos palavrosos, ou de os **partir** num determinado número de linhas./ Nem por isso, contudo, podem os redactores sentir-se dispensados de sugerir títulos para as peças que escrevem - é que ninguém melhor que os autores saberá escolher, entre os elementos informativos constantes dos textos, aqueles que se impõe tomar como base para a elaboração dos títulos" (1989: 54).

---

<sup>6</sup> Ver, ainda, VAN DIJK & KINTSCH, 1983. Numa recensão a esta obra, Biber salienta o título noticioso como um exemplo do que os autores consideram uma macroestratégia estrutural: "Structural macrostrategies are direct expressions of macropropositions in the surface structure (e.g. a title or leading paragraph in a newspaper story); they typically occur at the beginning or end of paragraphs, and can be further highlighted by larger print or bold type". (BIBER, 1986: 666).

O processo de redacção do título difere um pouco de jornal para jornal, podendo ou não existir especialistas na sua redacção<sup>7</sup>. Esta pode, ainda, ser orientada por indicações gerais normalmente veiculadas num “livro de estilo”<sup>8</sup> próprio de cada jornal.

Esta autonomia, embora não independência, do título como unidade textual caracterizável, faz com que ele seja um possível objecto de estudo por parte da Linguística Textual.

### 2.2.2. A AUTONOMIA DO TÍTULO COMO OBJECTO DE ESTUDO

O texto escrito constitui uma das formas mais eficazes, duradouras e abrangentes de comunicar. A escrita alfabética oferece-se à sociedade actual como um instrumento imprescindível na comunicação de massas. Daí ter sido salientado o facto de ela ter sido, se não inventada, pelo menos aperfeiçoada pelos gregos, que descobriram também a democracia (PAGLIANO, 1983: 210).

---

<sup>7</sup> Quando contactámos o jornal "Público" sobre a problemática da redacção dos títulos, obtivemos a seguinte resposta de António Santos, coordenador do projecto "PÚBLICO na escola": "Em resposta à sua carta, na parte respeitante à titulação das notícias, informo que a prática habitual no PÚBLICO, e, em princípio, também na generalidade dos jornais portugueses, é a de o jornalista autor da notícia incluir uma proposta de título para a mesma, proposta esta que poderá ser alterada pelo editor responsável pela página. Neste jornal é relativamente frequente o editor alterar o título, normalmente por um de dois motivos: porque o título não é suficientemente conseguido, ou porque o espaço que ele ocupa não é o mais adequado à paginação que o editor pretende. Não há, pois, "especialistas" em títulos, ainda que alguns jornalistas possam ter mais jeito do que outros para encontrar títulos jornalisticamente significativos". Kniffka (1980: 42) refere a existência destes especialistas em títulos nos grandes jornais: "Die meisten -alle größeren- Zeitungen haben einen 'Schlagzeilenmann' ('headliner', 'headlineman'), der hauptberuflich nur Schlagzeilen (zu allen möglichen Berichten) formuliert. Die Basis seiner verbalen Aktivität ist (zumindest) die Lektüre des Lead, bei wichtigen Berichten liest er gelegentlich auch mehr". A propósito da importância destes especialistas, atente-se nestas palavras de A. Saraiva (1992: 9): "Fala-se frequentemente da importância dos títulos dos jornais, que às vezes se vendem de acordo com as manchetes, e que por isso querem ao seu serviço especialistas em títulos, que não só ou não simplesmente jornalistas. E de passagem se diga que há jornalistas que sabem inventar (rapidamente) títulos poéticos, sobretudo quando se trata de temas populares como o futebol e o desporto". Ver também HOEK, 1981: 152.

<sup>8</sup> Em Portugal, os jornais de maior tiragem têm, cada um, o seu livro de estilo. Wilton Fonseca (1996) faz uma análise comparativa dos livros de estilo do Jornal de Notícias, Diário de Notícias, Público, Correio da Manhã e da Agência Lusa e salienta que "os livros de estilo reflectem as preocupações dos jornalistas em relação à língua, o seu instrumento de trabalho mais fundamental" (p. 39).



Da grande quantidade produzida de textos escritos surgiu a necessidade de os individualizar e identificar. Daí a importância fundamental do título, que desempenha, à partida, entre outras funções, a de uma espécie de nome próprio de um texto particular, do seu co-texto, tal como cada pessoa, cidade, etc. é individualizada e identificada com o seu nome próprio. Este, sem se confundir com o identificado, com ele está relacionado, para ele remete e o refere. Embora nem todos os textos escritos tenham um título no sentido restrito do termo (ex. alguns panfletos, prospectos, manifestos, poemas), eles acabam por ser designados por substitutos - como as primeiras palavras do texto, o primeiro verso ou o assunto geral - os quais acabam por desempenhar esta função particular.

O texto jornalístico, e em particular o texto jornalístico noticioso, não é excepção neste ponto. Sem se confundir com o texto que encabeça, o título para ele remete, o designa e anuncia. Daí os títulos das notícias assumirem sempre, de algum modo, um carácter catafórico pois contêm, já em si mesmos, o anúncio das intenções comunicativas globais que o texto, que o segue, desenvolverá. Joaquim Fonseca (1992: 190) esquematiza esta relação da seguinte maneira

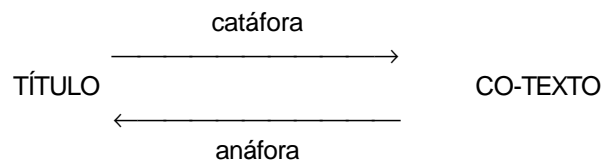
#### **Título x Texto**

catáfora      —————>      resolução da catáfora

e ilustra-o com um estudo sobre um texto de "O Jornal" em que uma longa cadeia coesiva de elos co-referenciais liga cada enunciado do texto ao título que o encabeça.

Este problema da relação título/texto pode, deste modo, ser objecto de uma dupla visão, como a que estabelece Hoek (1981: 152-157 e 298) ao distinguir dois sentidos na relação entre título e co-texto: o encadeamento do título no início do co-texto e a

referência do título ao corpo do co-texto. Esta relação, que, segundo Hoek, não consiste praticamente nunca numa continuação sintáctica imediata do título no co-texto<sup>9</sup>, é anafórica na medida em que o co-texto retoma, literalmente ou não, o seu título; e é catafórica na medida em que o título reenvia explicitamente ao co-texto que anuncia:



O título, por si só ou juntamente com o lead, é muitas vezes suficiente para o leitor, mesmo sem ler o artigo, identificar o seu tema. Uma pesquisa de Jack Haskins (1966: 333-335) demonstrou que a leitura do título e lead bastou para que um grupo de sujeitos identificasse correctamente as notícias de assuntos estrangeiros. A leitura do título, como demonstrou Tannenbaum (1953: 189-197) pode mesmo influenciar a interpretação da notícia e a impressão geral que esta deixa no leitor.

Mas a questão que aqui se coloca é - será o título realmente um texto, e, como tal, susceptível de constituir um objecto de estudo por parte da Linguística Textual?

Segundo Beaugrande e Dressler (1981), um texto é definido como uma ocorrência comunicativa<sup>10</sup> que apresenta sete níveis de textualidade (*standards of textuality*). Quando se considera que um dos níveis não foi satisfeito, então o texto não será

<sup>9</sup> Hoek refere-se particularmente aos títulos de obras literárias. Embora não muito frequente, a continuação sintáctica do título no co-texto pode ser encontrada em textos de imprensa, fazendo parte do estilo do periódico. Veja-se, por exemplo, o N° 438 do *Jornal de Letras*, em que quase todos os títulos são precedidos de um pequeno texto de entrada cuja continuação sintáctica é o próprio título. Exemplo da pág. 11: Texto introdutório em caracteres pequenos: O autor dos célebres e ultrapolémicos/ «Versículos Satânicos»/ acaba de publicar, em Inglaterra, / Haroun and the Sea of Stories. É o novo livro de/ . A este texto introdutório, segue-se o título em caracteres grandes e negros: Rushdie: as Mil e Uma Noites/ de um condenado à morte.

<sup>10</sup> Esta ocorrência comunicativa tem também sido chamada macro-signo: “Tout ce qui vient d’être dit présuppose la saisie du texte comme signe global, c’est-à-dire, comme le propose avec pertinence Lita Lundquist comme un macro-signe (...). La longueur d’un texte est donc variable: une histoire sans paroles, un silence, une simple interjection peuvent être considérés comme des textes. A l’opposé, un livre entier, voire l’ensemble des œuvres d’un auteur aussi productif que Balzac est également un texte. D’où la définition de Weinrich: ‘Un texte est une succession signifiante de signes linguistiques entre deux ruptures manifestes de communication’.” (CORTÉS, 1985: 30).

comunicativo, e será tratado como um não-texto. De um modo sucinto, os sete níveis definem-se nos seguintes termos (1981: 3-10):

**Coesão** - diz respeito aos modos através dos quais os componentes da superfície textual, i.e., as palavras que vemos ou ouvimos, estão mutuamente ligadas numa sequência.

**Coerência** - diz respeito aos modos através dos quais os componentes do mundo textual, i.e., a configuração de conceitos e relações que estão por detrás da superfície textual, são mutuamente acessíveis e pertinentes.

**Intencionalidade** - diz respeito à atitude do produtor do texto em fazer com que o conjunto de ocorrências constitua um instrumento textual coeso e coerente para a realização das suas intenções, p. ex., para veicular conhecimentos ou para atingir um objectivo (*goal*) especificado num plano.

**Aceitabilidade** - diz respeito à atitude do receptor do texto em fazer com que o conjunto de ocorrências constitua um texto coeso e coerente tendo alguma utilidade ou pertinência para si, p. ex., para adquirir conhecimentos ou cooperar num plano.

**Informatividade** - diz respeito à medida em que as ocorrências do texto são esperadas vs. inesperadas ou conhecidas vs. desconhecidas.

**Situacionalidade** - diz respeito aos factores que fazem um texto pertinente a uma dada situação de ocorrência.

**Intertextualidade** - diz respeito aos factores que fazem a utilização de um texto depender do conhecimento de um ou mais textos previamente recebidos.

Qualquer título de imprensa pode, pois, ser definido como um texto nos seus sete níveis:

Coesão - Nos títulos de imprensa, os componentes de superfície dependem uns dos outros de acordo com formas e convenções gramaticais. O título

(949) Natal ensombrado em Belém

não poderia, por exemplo, ser reformulado como

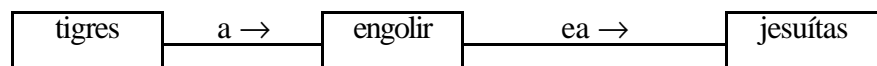
\* ensombrado Belém Natal em

sem que sérias perturbações comunicativas se gerassem.

Coerência - Os conceitos activados nos títulos de imprensa encontram-se ligados por relações no mundo textual. Por exemplo, no título:

(782) "Tigres" engolem "jesuítas"...

"tigres" é o agente (*agent*), "engolem" é a acção (*action*) e "jesuítas" a entidade afectada (*affected entity*), de tal modo que se poderia construir a seguinte rede transicional (*transition network*):



(a = agente de ; ea = entidade afectada)

**Diagrama 3** – Exemplo de rede transicional

Intencionalidade e Aceitabilidade - A configuração linguística do título de imprensa foi construída com a intenção de constituir um texto e como tal é aceite<sup>11</sup> num processo comunicativo<sup>12</sup>. Mesmo quando a coerência e coesão parecem perturbadas, como é o caso da utilização da linguagem metafórica que estudamos neste trabalho, as descontinuidades textuais são toleradas e restauradas através de estratégias de resolução

<sup>11</sup> O papel da intencionalidade e aceitabilidade no que diz respeito a produções incluindo linguagem figurada tem sido objecto de interessantes pesquisas. Gibbs et al (1991), por exemplo, confrontaram um grupo de sujeitos com frases onde se faziam comparações. Eles tinham de as classificar como literais (ex.: "An art gallery is like a museum"), metafóricas (ex.: "A cigarette is like a time bomb") ou anómalas quando as não conseguiam interpretar (ex.: "A library is like a suburb"). Chegaram à conclusão de que, quando diziam aos sujeitos que as frases tinham sido geradas aleatoriamente por computador, o número de frases rejeitadas como anómalas era manifestamente superior ao número de frases rejeitadas como anómalas quando lhes era dito que elas tinham sido escritas por poetas do séc XX. Neste último caso, os sujeitos, ainda assim, tentavam encontrar um sentido nestas frases, demorando mais tempo na sua rejeição.

<sup>12</sup> Este processo comunicativo, no entanto, não é de tipo dialógico imediato, como acontece com as interacções verbais. Isto confere ao texto um carácter unidireccional. Lena Jayyusi (1991) aponta para esta característica do texto mediático nos seguintes termos: "The text-as-given can be treated as self-contained, as all that its producer has to say on this subject here. Given the 'public' character of texts, this can turn out to be very consequential".

de problemas.

**Informatividade** - Os títulos de imprensa apresentam graus diversos de informatividade; podem ser mais ou menos inesperados; a sua linguagem pode ser mais ou menos fácil de decodificar.

**Situacionalidade** - Estes títulos são textos construídos de acordo com a sua situação de ocorrência. A sua brevidade e densidade, por exemplo, são apropriadas a uma situação em que o receptor dedica à leitura uma quantidade de tempo e atenção limitadas.

**Intertextualidade** - Dizem-lhe respeito questões ligadas à tipologia textual, às alusões a outros textos. Os títulos

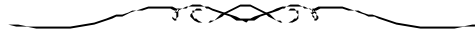
(188) Não há *estrelas* no céu...

(1475) Há "Estrelas" no céu...

por exemplo, apesar de encabeçarem notícias sobre acontecimentos desportivos diferentes e com mais de um mês de distância (o primeiro refere-se à derrota do Estrelas da Avenida face ao Benfica em basquete; o segundo à vitória do Estrela da Amadora sobre o Campomaiorense em futebol) têm em comum (além do jogo de palavras com os nomes dos clubes) uma alusão ao poema de uma conhecida canção de Rui Veloso.

Assim, podemos dizer que o título de uma notícia constitui um texto no verdadeiro sentido do termo, em relação a todos os níveis de textualidade. Podemos falar da sua autonomia textual, que o torna um possível objecto de estudo linguístico. Mas temos

também de ter em mente a sua não independência em relação ao texto que encabeça, o qual não pode ser ignorado neste estudo. Autonomia e dependência são, assim, duas características que tornam este tipo textual um desafio ao estudioso da linguagem em geral e do texto titular em particular.



### 2.3 QUADRO TEÓRICO EM QUE SE INSERE A PESQUISA

Depois da abordagem que, nos pontos anteriores, fizemos das diversas teorias e estudos sobre o fenómeno da metáfora, por um lado, e do texto titular, por outro, cumpre, antes de avançarmos no nosso estudo, clarificarmos o quadro teórico que servirá de base à nossa pesquisa.

A metáfora será, por nós, encarada como um fenómeno que, tendo uma essência cognitiva, pode ter a sua expressão através da linguagem, expressão que aqui é estudada no âmbito do discurso noticioso. Neste tipo de texto, como em qualquer outro, a expressão linguística da metáfora transmite um conteúdo cognitivo próprio e institui-se como um elemento participante no texto em todos os seus níveis de análise.

No que diz respeito à metalinguagem utilizada neste trabalho, procuraremos que esta seja o mais clara e precisa possível. Empregaremos a terminologia que nos parece mais corrente nos estudos actuais sobre o assunto e procuraremos, sempre que isso se torne relevante, explicitar os termos "técnicos" antes da sua utilização.

Assim, o enquadramento teórico que aqui privilegiamos, em relação à abordagem da metáfora, é o da Linguística Cognitiva, que expusemos, em linhas gerais, no subcapítulo precedente, nomeadamente os estudos de Lakoff, Turner e Fauconnier. Reservaremos, à semelhança do que fazem muitos linguistas na actualidade (cf., por exemplo, CRISP, 1996: 90, nota 6), os termos “domínio fonte” e “domínio alvo” para a identificação da metáfora conceptual e utilizaremos os termos tradicionais “veículo” e “teor” em relação à expressão

metafórica, ou seja, ao nível das expressões linguísticas<sup>1</sup>. Deste modo, o veículo metafórico será encarado como um elemento proveniente do espaço de entrada constituído pelo domínio fonte da linguagem metafórica, e o teor metafórico como um elemento pertencente a um segundo espaço de entrada que é o domínio alvo dessa mesma projecção metafórica. É precisamente esta projecção do primeiro elemento no segundo, e que permitirá a construção de uma amálgama conceptual, que constitui a própria essência da figura.

Na identificação das metáforas conceptuais, utilizaremos mnemónicas como as de Lakoff e Johnson (ver atrás a secção 2.1.2.) por nos parecerem uma forma ao mesmo tempo concisa e clara de referir um objecto conceptual complexo.

Em relação ao tipo textual em estudo, o título de imprensa, este será encarado como um texto autónomo, embora não independente do seu co-texto, e esta dependência será visível quer na interpretação da linguagem metafórica, através da identificação dos seus termos, quer em relações intertextuais e em jogos de palavras concomitantes com o emprego metafórico da linguagem no título e que serão também objecto de análise neste trabalho.

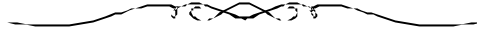
Assim, nos capítulos que se seguem, depois da apresentação da tese e do corpus de trabalho, proceder-se-á à apresentação da análise dos dados a partir da pesquisa

---

<sup>1</sup> Na realidade, os termos “teor” e “veículo”, embora tenham sido introduzidos no âmbito das teorias da interacção, devido à sua grande divulgação, são mantidos em estudos no âmbito das teorias conceptualistas. Assim, para uma definição básica da noção de metáfora, podemos remeter para Tony Veale: “In semiotic terms a metaphor is a dynamic, as opposed to stable, sign, and this follows the etymology of the word, which suggests a transfer or displacement of names. We can begin then by describing metaphor as the act or process of denoting one concept (the tenor) with a sign conventionally tied to another (the vehicle), with the purpose of (i) emphasising certain associations of the tenor over others (my dentist is a barbarian); (ii) enriching the conceptual structure of the tenor by analogy with another domain (the CPU is the brain of the computer); (iii) conveying some aspect of the tenor which defies conventional lexicalization (the leg of the chair, the neck of the bottle), a process which is called *catachresis* by Black (1962)” (VEALE, 1995: 2).



efectuada sobre os 2.060 títulos estudados.



### ***3. Delimitação da tese e descrição do corpus***

### 3. DELIMITAÇÃO DA TESE E DESCRIÇÃO DO CORPUS

#### 3.1. HIPÓTESE DE TRABALHO

Neste trabalho, procuraremos abarcar simultaneamente os dois objectos de estudo que expusemos nos dois pontos anteriores – o da linguagem metafórica e o do título da notícia na imprensa escrita portuguesa.

À partida, admitimos a hipótese de que a utilização de linguagem metafórica vá de encontro aos princípios da máxima condensação de informação no menor espaço possível, da possibilidade de verbalização de conceitos e nuances de sentido dificilmente transmissíveis de outro modo e, finalmente, do estímulo à leitura dos textos de tipo noticioso. Com o objectivo de testarmos esta nossa hipótese, verificaremos, a todos os níveis de análise linguística, quais os processos que mais marcadamente poderão contribuir para que estes três objectivos possam ser atingidos.

Na senda desta tese, considerámos que o procedimento mais adequado seria o de utilizar um método indutivo. Partimos, como já foi referido na Introdução, de exemplos reais retirados de jornais diários portugueses de grande circulação. A amostragem recolhida, de mais de dois mil títulos, é, de longe, a maior de que temos conhecimento em trabalhos sobre títulos de imprensa no âmbito da Linguística. Daí que os quadros de frequência, tratamento estatístico, observações e conclusões que, ao longo do trabalho, se apresentam possam ser encarados, à partida, como bastante fiáveis no que respeita à caracterização linguística da problemática abordada. Assim, as afirmações e

reflexões que vamos produzindo procedem de uma descrição feita a partir da observação e análise de um corpus, utilizando, indutivamente, o caminho que vai dos exemplos concretos para as afirmações gerais conclusivas.

Se a nossa hipótese se verificar, deveremos encontrar uma condensação de linguagem em estruturas sintáticas simples e elípticas; uma riqueza semântica através da escolha de vocabulário próximo da experiência pessoal do leitor médio; um atractivo retórico a nível de jogos de palavras gráficos e sonoros; e um apelo à cumplicidade do público na relação intertextual com um universo cultural partilhado.

Procuraremos, deste modo, identificar e caracterizar, através da análise linguística processada nos seus diversos níveis, os procedimentos que permitem atingir os objectivos referidos.

## 3.2. O CORPUS EM ANÁLISE

### 3.2.1. A ESCOLHA DO CORPUS

Para este trabalho foi seleccionado, como atrás já se referiu, um corpus de dois mil e sessenta títulos de notícias publicadas em quatro dos jornais diários nacionais portugueses de maior tiragem. Escolhemos dois jornais do Porto e dois de Lisboa, respectivamente: Jornal de Notícias (JN), Comércio do Porto (CP), Público (P) e Correio da Manhã (CM) e recolhemos todos os dias um exemplar de cada um dos jornais desde o dia 1 de Dezembro de 1992 até ao dia 31 de Janeiro de 1993, num total de 248 exemplares. Em seguida, foi feita a recolha e o fichamento dos títulos que integravam metáforas. Esta tarefa não foi de modo nenhum isenta de problemas já que existem sempre os casos de metáforas mortas, de uso, não sentidas como figura e, consequentemente, desprovidas de carácter apelativo no título. Tentámos, na nossa recolha, fazer o levantamento de metáforas vivas e de metáforas que, embora banais, tivessem ainda a capacidade de causar efeito retórico. Às dificuldades que nos surgiram devido à nebulosidade da fronteira metáfora/polissemia<sup>1</sup>, juntaram-se ainda as da fronteira, não menos obscura, de metáfora/metonímia<sup>2</sup>. Este problema surgiu particularmente nos títulos

---

<sup>1</sup> Não pretendemos aqui discutir o problema levantado por Charles Ruhl sobre a existência ou não de polissemia nas palavras. Remetemos a discussão para os artigos de BIRCH (1990), CRUSE (1992) e YNGE (1991).

<sup>2</sup> Muitos são os autores que insistem na impossibilidade de distinguir metáfora de metonímia. Alguns, como Di Pietro (1978), resumem as várias figuras como metonímia, sinédoque, hipérbole, oximoro, etc. a processos de transferência metafórica. Low (1988: 125) salienta a ausência de fronteiras rígidas entre metáfora e metonímia. Uma solução, embora parcial, para a distinção das interpretações figuradas metafóricas e metonímicas é esboçada por Iréne Tamba (1994: 26-34). Baseia-se no facto de que certos modalizadores graduais da enunciação figurada, como *verdadeiro*, *uma espécie de* e *literalmente*, não

da secção desportiva, como veremos mais adiante. Num corpus com uma quantidade tão grande de itens, julgamos, de qualquer modo, não ser significativa a existência de alguns casos problemáticos que poderiam, sem grande prejuízo para a análise e tratamento dos dados, ser ignorados.

### 3.2.2. O FICHAMENTO DOS TÍTULOS

Para cada um dos títulos seleccionados foi elaborada uma ficha em base de dados. Cada uma destas fichas é constituída por vinte e três campos onde foram anotadas informações relativas à notícia em que o título se encontra e onde foi feita uma primeira análise linguística do título em questão. Este fichamento permitiu a consulta fácil do corpus, a detecção de regularidades, e o tratamento estatístico dos dados. Apresentamos aqui três fichas, a título de exemplo, dos itens (62), (111) e (256) do corpus e, em apêndice (cf. Apêndice 1), incluímos todos os títulos estudados mas não as fichas na sua

---

são utilizados indiferentemente com qualquer interpretação. O artigo mostra que há pelo menos três níveis diferentes de gradação - o nível da ocorrência (*todo, inteiro...*), o nível do tipo (*verdadeiro, mesmo, puro, do género, espécie de...*) e o nível da proposição (*verdadeiramente, literalmente, quase, por assim dizer...*) - e demonstra que a metáfora requer um modificador do nível do tipo, enquanto a metonímia só é compatível com modificadores do nível da ocorrência. Ex.:

Le Passage se régale. (Passage = les gens qui y demeurent)

Tout le Passage se régale.

\* Le *vrai* Passage se régale.

Lakoff e Johnson (1980) encaram a sua divisão como envolvendo um crescendo de relacionamento entre os termos da figura. Ainda no âmbito da Linguística Cognitiva, Ungerer e Schmid (1996: 128) distinguem a metáfora conceptual da metonímia conceptual: “To begin with, it should be emphasized that the main claims made by cognitive linguists in the description of metaphor also apply to metonymy (Lakoff and Turner 1989: 103): both are seen as being conceptual in nature, both can be conventionalised (i.e. automatic, unconscious, effortless and generally established as a model of thinking), both are means of extending the resources of a language and both can be explained as mapping processes. The main difference between the two is that while metaphor involves a mapping across different cognitive models, metonymy is a mapping within one model. One category within a model is taken as standing for another category within the same model.”

Anna Papafragou (1996), também numa perspectiva cognitivista, estuda os diversos graus de convencionalização dos tropos, como a metáfora e a metonímia.

totalidade, as quais se encontram em anexo, em suporte informatizado (cf. página 611).

<b>FICHA 62</b>			
<b>TÍTULO:</b> CARAMBOLA TRÁGICA ESMAGA/ CICLISTA DEBAIXO DE AUTOCARRO			
<b>ANETÍTULO:</b>			
<b>SUBTÍTULO:</b> Um morto e seis feridos no viaduto do porto de Leixões			
<b>JORNAL:</b> JN	<b>DATA:</b> 02/12/92		
<b>PÁGINA:</b> 10	<b>SECÇÃO:</b> Grande Porto		
<b>CHAMADA:</b>	<b>LEAD:</b> N	<b>INTRATÍTULOS:</b> N	
<b>FOTOS:</b> S	<b>LEGENDA:</b> S	<b>BYLINE:</b> N	<b>COLUNAS:</b> 04
<b>VEÍCULO:</b> carambola			
<b>TEOR:</b> despiste sucessivo			
<b>FUNDAMENTO:</b> embate sucessivo provocando uma mudança brusca de direcção no percurso			
<b>PISTAS:</b> lead: ciclista morreu (...) debaixo de um rodado de um autocarro depois da motorizada que tripulava ter sido abalroada por um automóvel despistado			
<b>DOMÍNIO FONTE:</b> carambola			
<b>INTERPRETAÇÃO:</b>			
<b>SINTAXE:</b> SU v od x			
<b>PALAVRAS CHAVE:</b> acidente morte			
<b>OBSERVAÇÕES:</b>			

<b>FICHA 111</b>			
<b>TÍTULO:</b> REVISORES/ DE CONTAS/ –ESTATUTO/ É “PRENDA/ DE NATAL” ...			
<b>ANETÍTULO:</b>			
<b>SUBTÍTULO:</b>			
<b>JORNAL:</b> JN	<b>DATA:</b> 12/03/92		
<b>PÁGINA:</b> 1	<b>SECÇÃO:</b> 1ª Página		
<b>CHAMADA:</b> N	<b>LEAD:</b>	<b>INTRATÍTULOS:</b>	
<b>FOTOS:</b> S	<b>LEGENDA:</b> N	<b>BYLINE:</b> N	<b>COLUNAS:</b>
<b>VEÍCULO:</b> prenda de Natal			
<b>TEOR:</b> estatuto			
<b>FUNDAMENTO:</b> a concretizar-se brevemente			
<b>PISTAS:</b> aspas e reticências			
<b>DOMÍNIO FONTE:</b>			
<b>INTERPRETAÇÃO:</b>			
<b>SINTAXE:</b> sn: su vpred PREDSU			
<b>PALAVRAS CHAVE:</b> economia			
<b>OBSERVAÇÕES:</b> Título interior (pág. 35):			
REVISORES DE CONTAS/ TERÃO ESTATUTO DENTRO DE DIAS			

<b>FICHA 256</b>			
<b>TÍTULO:</b> A morte dos intelectuais			
<b>ANETÍTULO:</b> Pacheco Pereira na Casa de Serralves, no Porto			
<b>SUBTÍTULO:</b>			
<b>JORNAL:</b> P	<b>DATA:</b> 07/12/92		
<b>PÁGINA:</b> 34	<b>SECÇÃO:</b> Cultura		
<b>CHAMADA:</b>	<b>LEAD:</b> S	<b>INTRATÍTULOS:</b> N	
<b>FOTOS:</b> S	<b>LEGENDA:</b> S	<b>BYLINE:</b> S	<b>COLUNAS:</b> 05
<b>VEÍCULO:</b> morte			
<b>TEOR:</b> crise			
<b>FUNDAMENTO:</b> perda			
<b>PISTAS:</b> lead: perda da relação entre a sociedade e a classe dos intelectuais texto: a função dos intelectuais está hoje notoriamente em crise			
<b>DOMÍNIO FONTE:</b> morreu; morreram de vez; passava uma certidão de óbito; a morte (2x); ao som de uma marcha fúnebre			
<b>INTERPRETAÇÃO:</b>			
<b>SINTAXE:</b> N + Prep + N			
<b>PALAVRAS CHAVE:</b> cultura			
<b>OBSERVAÇÕES:</b> Notícia sobre o 6º colóquio do ciclo "O Século XX Português" em que P.Pereira sintetiza o debate na frase: "O papel dos intelectuais na sociedade actual não está vago. Morreu."			

O primeiro elemento da ficha é o **título** da notícia. Foram respeitadas as particularidades gráficas originais no que respeita à utilização de maiúsculas, itálicos, bem como as aspas e outros sinais de pontuação. Nos casos em que o título ocupa mais do que uma linha, a separação é indicada no local apropriado com uma barra oblíqua. O mesmo foi feito em relação ao **antetítulo** e ao **subtítulo** sempre que estes existiam.

Em seguida, a ficha contém uma série de elementos para localizar o título: o **jornal** (usámos as iniciais por uma questão prática), a **data**, a **página** em que o título se encontra e o nome da respectiva **secção** do jornal. A localização do título dentro do jornal, além de facilitar o acesso ao corpus sempre que necessário, poderia revelar-se fundamental na interpretação de certos títulos. Um título como

(199) "ÁGUIA" CONTINUA SEM ENCONTRAR NINHO

por exemplo, começará a ser decodificado pelo leitor em determinada direcção só pelo



facto de o saber na secção desportiva.

Segue-se uma lista de características em relação às quais, no âmbito da notícia em questão, nos limitámos a constatar a sua presença ou ausência (assinaladas na ficha respectivamente por S e N):

- **Chamada** - pequeno texto que acompanha alguns títulos de primeira página do jornal ou dos seus destacáveis e que remete o leitor para a notícia a ser desenvolvida na página interior assinalada. Este campo, uma vez que diz respeito aos títulos de primeira página (do jornal ou dos seus destacáveis) surge em branco nas fichas de títulos de página interior, já que não se lhes aplica.

- **Lead**<sup>3</sup> - primeiro parágrafo da notícia, que lhe serve de introdução e que contém um resumo do material jornalístico mais importante. Este parágrafo é, por vezes destacado graficamente. O S/N da ficha refere-se respectivamente à presença ou ausência de destaque gráfico no lead.

- **Intratítulos** - geralmente muito condensados, raramente excedendo as três palavras, podem surgir ao longo da notícia, delimitando e introduzindo as suas diversas partes. Tal como o lead, os intratítulos são componentes do corpo da notícia, pelo que os títulos de primeira página apresentam estes dois campos em branco, uma vez que, geralmente, remetem para uma notícia que é apresentada no interior do jornal (onde se apresentará com novo título).

- **Fotos** - uma ou mais imagens podem ilustrar a notícia.

- **Legendas** - referentes às imagens que acompanham a notícia.

---

<sup>3</sup> Adoptámos, aqui, a grafia inglesa pois, como salienta Luiz Garcia: “A maioria dos jornalistas não está familiarizada com a grafia “lide” (toscamente definida no Aurélio como resumo das informações contidas numa matéria); já a palavra “abertura” é genérica demais: serve para qualquer texto. E *lead*, por significar “guia”, expressa exactamente a função das primeiras linhas do texto de jornal: guiar o leitor, atraí-lo, num processo bem próximo da sedução” (1993: 23).

- **Byline** - verificámos também a presença ou não do nome do jornalista incluindo os casos em que esta identificação se resumia às suas iniciais<sup>4</sup>.

- **Colunas** - número de colunas ocupado pelo texto da notícia.

O levantamento destas sete características teve como principal objectivo a caracterização do contexto tipográfico em que a metáfora surge. A existência de uma foto do futebolista Lothar Mathaeus a acompanhar o título (1380) *É difícil ser 'rei' jovem na Europa*, por exemplo, fornece imediatamente ao leitor as pistas para a descodificação da metáfora do "rei" antes mesmo da leitura do corpo da notícia.

Os três itens que se seguem – veículo, teor e fundamento – dizem respeito à desmontagem da metáfora<sup>5</sup>.

Em relação ao **veículo**, transcrevemos neste campo as expressões que os títulos apresentam como veículos da figura, pertencentes, portanto, ao domínio-fonte da metáfora.

No campo intitulado **teor** tentámos fornecer uma expressão literal, do domínio-alvo (sempre que possível retirada do texto da notícia), que identificasse o elemento metaforizado. Esta tentativa de identificação do teor metafórico pressupõe uma interpretação da figura, o que nem sempre é uma tarefa unívoca. Nas palavras de Miller (1988: 240):

"It would be futile to view the interpretative process as a search for the uniquely correct interpretation of a simile or metaphor. Nevertheless, there is a set of alternative interpretations that are plausible. (...) Interpretation is not a search for a unique paraphrase of the implicit comparison, but rather a search for grounds that will constrain the basis of the comparison to a plausible set of alternatives".

No campo **fundamento** resumimos os componentes semânticos que os dois itens

---

<sup>4</sup> Este elemento parece, no entanto, não ser muito relevante para a descodificação e destaque do título da notícia, e acabou por não ser aproveitado na nossa pesquisa. Em trabalhos em língua inglesa, uma experiência cujos resultados foram publicados na revista *Journalism Quarterly* (nº 43, 1966, pp. 333-335) conclui-se que "The byline itself, did little to enhance the credibility of the newspaper articles, nor the indication that the authors were experts. Finally the data do not support the notion that the perceived sex of a writer will affect the attitudes of readers, even when the writer is invading the domain of the opposite sex".

<sup>5</sup> Para uma distinção dos termos *veículo*, *teor* e *fundamento* e apresentação do sentido em que, neste trabalho, os empregámos, ver capítulo 2.3.

anteriores apresentam em comum, quando isso se verifica, de acordo com a interpretação da figura que considerámos mais plausível no contexto. Estes elementos pertencem, no enquadramento da teoria dos espaços múltiplos, ao espaço genérico.

Os restantes campos da ficha fornecem informações complementares para uma caracterização da linguagem do título.

No campo intitulado **pistas** foi feito o levantamento dos elementos de que o leitor dispõe para identificar e/ou interpretar a metáfora do título. Incluímos aqui, e sempre que isso se verificou, a indicação do tipo de destaque gráfico do veículo metafórico. Na realidade, a utilização de aspas ou itálico facilitam a identificação da figura, o que é o primeiro passo para a sua interpretação. Além deste aspecto, também incluímos expressões ou mesmo frases que, não pertencendo ao título, continham de uma forma implícita ou explícita a informação necessária para a sua compreensão. Neste caso, indicámos ainda a sua proveniência dentro da notícia (antetítulo, subtítulo, lead, corpo da notícia, legenda).

O campo denominado **domínio fonte** foi destinado ao levantamento de expressões do texto que, sendo também metafóricas, pertencem ao mesmo domínio conceptual do veículo metafórico presente no título, ou seja, ao domínio fonte da projecção metafórica. Um domínio conceptual equivale à noção de *frame* no sentido em que, bebendo na teoria cognitiva, o utilizam, entre outros, Van Dijk (1980: 159) e Beaugrande e Dressler (1981: 90): as estruturas globais que contêm conhecimentos de senso comum acerca de um conceito geral<sup>6</sup> ("morrer", "certidão de óbito" e "marcha fúnebre", por exemplo, pertencem ao mesmo *frame* relacionado com a morte). Ou seja, um *frame* representa uma parte dos conhecimentos acerca do mundo extralinguístico, de certas propriedades de objectos, acções e acontecimentos que tipicamente formam um

---

<sup>6</sup> Este conjunto de conhecimentos é também designado por *schema*: "The reader brings a large repertoire of knowledge structures to the understanding task. Elsewhere these structures have been called 'frames' (Minsky, 1975) and 'schemata' (Rumelhart, 1976)" (SCHANK & ABELSON, 1977: 10).

conjunto coerente, uma unidade. Este campo foi pois utilizado para fazer o levantamento de outras expressões que, no texto da notícia (incluindo o lead), retomassem a metáfora do título. Este é um ponto interessante que pode apresentar várias situações: o texto simplesmente não retoma a figura, que apenas surge no título (neste caso o campo fica em branco); a notícia retoma a metáfora do título sem a alterar havendo portanto uma simples repetição da expressão metafórica que surgiu no título; ou o texto na notícia apresenta uma ou mais expressões metafóricas que, não sendo iguais às do título estabelecem, contudo, o confronto entre os mesmos *frames*, chegando em certos casos a haver um autêntico desenvolvimento da metáfora naquilo a que, por exemplo, Riffaterre (1969) chamou *métaphore filée* ou Leech *extended metaphor* (1983: 159), ou seja, sempre que outros componentes do mesmo domínio-fonte sejam projectados no mesmo domínio-alvo da metáfora do título. Desenvolve-se assim, na notícia, um código especial já que as várias figuras são apenas entendidas em função da primeira, cada uma exprimindo um aspecto particular de um todo representado pela primeira metáfora da série. O jornalista na notícia que aqui fichámos com o n.º 256, por exemplo, diz que Pacheco Pereira passou uma certidão de óbito aos intelectuais, retomando a metáfora de morte que este tinha utilizado, e continua em todo o texto a usar metáforas cujo veículo pertence a esse domínio conceptual.

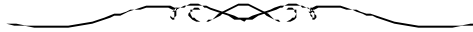
No campo intitulado **interpretação**, foram anotadas, sempre que isso se apresentou pertinente, informações acerca de outros aspectos menos claros no título para além da presença da metáfora. Essas informações foram transcritas da notícia.

O campo **sintaxe** foi destinado à esquematização da configuração sintáctica do título. Foram utilizadas abreviaturas (ver adiante o capítulo 4.1.) para indicar as relações gramaticais que o compõem. A relação gramatical que corresponde a um veículo metafórico foi distinguida das outras através do uso de maiúsculas. Os títulos elípticos constituídos apenas por um sintagma nominal ou preposicional ou que, de qualquer modo, não correspondem a uma frase apresentam, neste campo, os componentes do sintagma

mas não a indicação da sua relação gramatical final na frase, já que esta não está completa.

No campo denominado **palavras chave**, foram anotadas palavras que rapidamente permitissem o agrupamento de fichas por assuntos.

Finalmente, a ficha contém um campo para **observações**, onde puderam ser incluídas algumas informações que não estavam contempladas nos outros campos. Aqui se anotaram, no caso das fichas de títulos de primeira página (cf. a ficha 111, atrás reproduzida), o título de página interior da notícia correspondente, ou (como no caso da ficha 256), especificam-se alguns elementos informativos presentes no corpo da notícia que se revelaram importantes para uma melhor compreensão do texto titular.



## ***4. A análise dos dados***

# ***NÍVEL SINTÁCTICO***

#### 4.1. NÍVEL SINTÁCTICO: A CONFIGURAÇÃO SINTÁCTICA DA METÁFORA NO TÍTULO

Como vimos na secção 2.1.1.2 (pp. 21 a 35), existem diversos estudos sobre a linguagem metafórica que se debruçam sobre o nível sintáctico. Como tivemos oportunidade de salientar, estes estudos, principalmente os mais recentes, não visam encontrar características gramaticais que distingam a metáfora dos usos não figurados da linguagem, já que não é a esse nível que elas se distinguem, mas procuram identificar os diversos tipos de configuração sintáctica do enunciado metafórico.

Na realidade, o nível sintáctico da análise linguística revela-se como um dos pontos de análise fundamentais no estudo de qualquer produção discursiva em geral e da linguagem metafórica em particular. Assim, como apresentámos na secção 2.1.1.2, têm sido construídas, a partir dos mais variados tipos de *corpora* metafóricos, diferentes tipologias, onde se pretende atingir este objectivo.

No nosso estudo, pretendemos também apresentar a tipologia que mais se adequa à descrição do corpus estudado. Uma vez que juntámos, no mesmo estudo, a linguagem metafórica e a linguagem dos títulos de imprensa, não queremos deixar de, antes de iniciar a análise dos dados, apresentar, tal como fizemos na secção 2.1.1.2 em relação à linguagem metafórica, alguns estudos que, no âmbito da análise do título de imprensa, se debruçaram sobre a sua configuração sintáctica por ser este o principal aspecto que, no decorrer da nossa pesquisa bibliográfica encontrámos analisado de um modo mais exaustivo no âmbito dos estudos linguísticos.



Referiremos aqui alguns desses estudos a título de exemplo, uma vez que não nos interessa uma abordagem exaustiva do problema da estrutura gramatical dos títulos de imprensa, em geral, mas apenas das configurações sintácticas que, efectivamente, surgem na especificidade do corpus analisado.

Geoffrey Leech faz, na sua obra *English in Advertising* (1966: 90-97), uma pequena referência aos títulos de imprensa que aponta, juntamente com o telegrama<sup>1</sup> e os pequenos anúncios, como exemplos do modo abreviado (*abbreviated mode*), o qual está

<sup>1</sup> O tipo de estrutura encontrado em telegramas parece ter muito em comum com o dos títulos de imprensa. Tesak e Dittman (1991) apresentam uma tipologia bastante completa das configurações sintácticas encontradas no estilo telegráfico (língua alemã):

I- Construções nominais:	HOTEL KRONE NEUHAU	
II- Construções participiais e adjectivais:	KRANK/BIN KRANK	([estou] doente)
III- Construções nome-adjectivo:	AUTO DEFEKT	(carro avariado)
IV- Construções com verbos modais:	KANN NICHT KOMMEN	(não posso vir)
V- Construções com verbos plenos:	FLUG FÄLLT AUS	(voo é-cancelado)
VI- Imperativos:	HOL MICH AB	(vem-me buscar)
VII- Infinitivos:	BITTE ABHOLEN	(por favor, vir buscar)
VIII- Construções complexas:	AUSFALL REFERAT DA PLÖTZLICH ERKRANKT	(cancelamento comunicação porque subitamente doente)
IX- Outras construções:	SOS	
	KANNST DU?	(podes?)

Mesmo Jürgen Tesak, num estudo posterior sobre o estilo telegráfico do holandês (1994: 325-344), verifica que, nesta língua, as omissões mais frequentes são os artigos, pronomes, preposições e verbos semanticamente vazios (haver/ser). As estruturas básicas são: SNs isolados, construções participiais e adjectivais sem sujeito, construções nome-adjectivo sem auxiliares, infinitivos e imperativos. Neste estudo, Tesak utiliza a tipologia do estudo anterior e ainda a que Ben Hofstede propõe na sua tese de doutoramento (não publicada) na qual estuda o estilo telegráfico holandês falado por pessoas afectadas por agramatismo, bem como a fala dos estrangeiros e dos falantes normais:

<b>Estrutura:</b>	<b>Exemplo:</b>	<b>Elaboração:</b>
A. Predicado isolado		
1. verbo não-finito	born in China	SP
2. SN	beautiful house	adjectivo
3. SP	to a party	determinante
4. adjectivo	very normal	advérbio
5. advérbio	again one more time	SN
B. Sujeito + predicado		
6. SN + verbo não-finito	I never seen	advérbio
7. SN + SN	red wine ten guilders	adjectivo
8. SN + SP	son in bed two days	SP
9. SN + adjectivo	people in Spain friendly	SP
10. SN + advérbio	my wife back	determinante

(apud TESAK, 1994: 330)

Tesak chega à conclusão de que parece haver uma ligação muito maior entre o agramatismo dos afásicos e o estilo telegráfico no holandês do que no alemão, o que indica que estes registos simplificados têm de ser investigados em cada língua separadamente, e que não é aconselhável transferir conclusões de uma língua para outra mesmo que muito próxima. Em relação aos problemas levantados pela construção de regras gramaticais para o estilo telegráfico em língua inglesa, ver KITTO, 1984.

ligado a contextos que exigem brevidade física da mensagem em termos de espaço ou tempo. Este modo gramatical está incluído no modo disjuntivo (*disjunctive mode*) que pertence a contextos em que, por uma razão ou outra, a mensagem é de natureza simples devido às circunstâncias em que é transmitida<sup>2</sup> e que se opõe ao modo discursivo (*discursive mode*) da norma gramatical, o discurso conectado por particularidades de estrutura sintática. Este autor não considera as fórmulas apresentadas no modo disjuntivo como um desvio propriamente dito, uma vez que elas não podem ser encaradas como frases incompletas sob o ponto de vista gramatical, até porque não é possível determinar quais os elementos que estariam omissos. Já no modo abreviado, e uma vez que os títulos podem ser facilmente reconstruídos dando frases aceitáveis, as fórmulas sintáticas encontradas prestar-se-iam mais a um paralelo com a gramática discursiva em que se verificaria a omissão de determinados elementos de baixo teor informativo. Leech defende ainda que neste modo, ao contrário do modo discursivo, as orações menores e não-finitas são independentes e apresenta uma série de títulos do jornal *The Times* ilustrando algumas fórmulas estruturais deste tipo de oração (em que Pn significa predicador não-finito):

S Pn A	Curfew/ renewed/ in silent Singapore
S A C	Riots death toll/ now eight
S Pn A C	Newspaper/ to hand/ over/ photograph
S Pn	Tory Political Centre Chief/ leaving

Além de se caracterizarem pela omissão de elementos de pouco valor informativo, Leech salienta que as orações do modo abreviado, particularmente na variedade usada nos títulos de imprensa de língua inglesa, caracterizam-se pela utilização mais livre que o normal da pré-modificação dos nomes. Outras particularidades relacionadas, por exemplo, com a determinação dos nomes e a utilização do infinitivo levam o autor a concluir que o inglês abreviado não é apenas inglês discursivo com algumas palavras a menos; tem, em certa medida, uma gramática própria independente.

---

<sup>2</sup> Exemplos utilização do modo disjuntivo: letreiros e sinalizações ao público; cartazes; catálogos, inventários e outros materiais tabelados; endereços postais; marcas comerciais, etiquetas e rótulos; títulos.

David Crystal e Derek Davy, no seu livro *Investigating English Style*, publicado pela primeira vez em 1969, dedicam um capítulo à abordagem estilística das notícias de jornal (CRYSTAL & DAVY, 1983: 173-192) em que consideram que a função do título é complexa: este tem de conter uma mensagem clara, sucinta e, se possível, apelativa para atear o interesse do leitor potencial que, normalmente, é alguém cujos olhos descem rapidamente pela página e param quando algo lhe prende a atenção (daí também a importância dos contrastes graféticos). Estes autores, nos parágrafos sobre o nível gramatical, não dedicam grande espaço aos títulos de imprensa devido à exigência de um tratamento diferente daquele que aplicam à linguagem jornalística em geral. Referem, nomeadamente, a necessidade de estudar os tipos de palavras que tendem a ser omitidos para obter a compressão desejada, os tipos de ambiguidade resultantes da ausência de constituintes estruturais importantes, e os tipos de frase que aparecem nos títulos de imprensa de língua inglesa.

Loffler-Laurian (1975), num estudo baseado num pequeno corpus constituído pelos títulos de oito diários parisienses sobre um mesmo acontecimento (um incêndio num colégio de crianças) encontra as seguintes constituições:

Enunciados verbais:

S-V-Atr	15 enfants meurent carbonisés
X: S-V-Atr	Parents et élèves:/ les règles de/ sécurité n'étaient pas/ toutes observées
X: S-V-Atr+S-S-S-S	C.E.S: qui est responsable?/ Le gaz? l'électricité? la construction?/ la fatalité?
X: S(+A(N))-V-Atr	L'incendie du C.E.S de la rue Pail-/ leron: les causes de la catastrophe/ seront longues à déterminer
S-V-O	Le chagrin et la colère accablent les/ malheureuses familles
S-V-O(A)	Le gouvernement ordonne une double/ enquête:/ administrative et judiciaire
S-V-Oi-O	23 innocents/ ont payé de leur vie/ l'irresponsabilité de l'administration
V-O	Fallait-il payer ce prix affreux?

Enunciados nominais:

S-A(N)-X(L)	Lycée en feu rue E.-Pailleron
S-A(+nb+X(L))+apos.int.	La tragédie des 20 enfants brûlés dans/ un C.E.S à Paris/ Pourquoi?
A-S-X(L)	Tragique incendie dans un C.E.S./ de la rue Edouard-Pailleron
A(nb)-S-A(v)-X(L,L)	Quinze enfants brûlés vifs/ dans l'incendie d'un C.E.S./ annexe du lycée Bergson/ rue Edouard-Pailleron
A(nb)-S-A(v)-X(T)-X(L)	15 enfants brûlés vifs/ hier soir, rue Edouard-Pailleron
A(nb)-S, A(nb)-S	Dix-neuf morts, trois disparus

A(nb)-S-A(dt), A(nb)-S, A(nb)-S-A	Dix-sept morts/ dont quatorze enfants/ cinq disparus/ sept rescapés intoxiqués
S-X(L)-X(T)-X(L): A(nb)-S-A(v)	Incendie au lycée Bergson hier soir à/ Paris: 15 enfants morts
S-A	Le prix d'une vie d'enfant
S(pr)-A(rel)	Ce qui reste du C.E.S. tragique
S+S+S-A	Gaz, électricité/ ou... construction dangereuse?
A-S-A(nb)	Un tragique bilan des économies sur/ l'école
A(nb)-S-A(v),pr+A,pr+A	Deux enquêtes ouvertes/ l'une judiciaire, l'autre administrative
N: A(nb)-S-A(dt)	Le sinistre bilan:/ 20 morts, dont 15 enfants/ et 3 disparus
N: A(nb)-S-A(v)-A(dt)	Dernier bilan:/20 corps retrouvés(dont 15 enfants,3 professeurs/la femme du concierge et un autre adulte)
N: "S-V-C(L)"	Le général Férauge/ (commandant des pompiers):/ "Paris vit sur un bûcher"
S-coord-S	Des hypothèses et des incertitudes
N: A(nb)-S-apos. S-A+S-A+S-A	Le C.E.S. tragique: trois accusations/ 1 le terrain "pourri"/ 2 la structure du bâtiment pré- /fabriqué/ 3 la nature des matériaux

Símbolos utilizados: S = sintagma nominal, função sujeito; O = sintagma nominal, função objecto; Oi = objecto indirecto; V = sintagma verbal; C = adjectivação sobre elemento verbal em enunciado verbal; X = adjectivação sobre elemento nominal em enunciado verbal; A = adjectivação sobre elemento nominal em enunciado nominal; Atr = atributo; N = nocional; T = temporal; L = local; nb = numérico; dt = extracção numérica; v = participio (adjectivo); pr = pronome; rel = relativa.

Não se trata aqui, portanto, de uma tipologia no verdadeiro sentido do termo, mas de uma simples enumeração das constituições sintácticas que ocorrem no corpus analisado. Não foi feita uma tentativa de sistematização e apenas duas grandes categorias são apresentadas: os enunciados verbais e os enunciados nominais.

Roger Fowler (1977: 36-48)<sup>3</sup> faz um estudo sintáctico comparativo, no âmbito da gramática transformacional, de três títulos publicados em três jornais ingleses sobre o mesmo acontecimento. Apresentando os três títulos a mesma estrutura de superfície e apenas pequenas variantes lexicais, revelavam, numa análise mais detalhada, diferenças a vários níveis. Um dos aspectos focados na linguagem dos títulos de imprensa - o uso de nominalizações - leva à conclusão que esta característica origina falta de clareza acerca dos

---

<sup>3</sup> Um resumo deste artigo é publicado em FOWLER, 1986: 22-26.

papéis quando os SNs sujeito e objecto são omitidos ou quando se utilizam possessivos ou preposições ambíguas.

Num outro estudo (1987), Fowler faz a abordagem dos títulos de 6 jornais britânicos sobre o mesmo acontecimento. Aponta aspectos estruturais como a transitividade, a utilização de modais e o tipo imperativo na representação da autoridade. Esta representação da autoridade no discurso espelha o modo como os participantes são tratados e como o poder que os relaciona é expresso no texto.

Kniffka, por sua vez, salienta que, actualmente, com a quantidade de informação fornecida por agências noticiosas e partilhada com jornais concorrentes, o título a dar à notícia é uma oportunidade importante para o jornal imprimir a sua individualidade (*Individualitätsmarke*) num produto que, sob outros aspectos, é massificado (1980: 41). No seu livro *Soziolinguistik und empirische Textanalyse*, Kniffka faz uma análise comparativa de leads e títulos de notícias e encontra uma grande correspondência entre os dois, uma vez que o redactor do título<sup>4</sup> tende a reproduzir neste os padrões sintácticos do lead. Mais tarde, Bell (1991: 186-187) viria a confirmar esta conclusão, afirmando que o título deriva principalmente do lead, uma vez que, apesar deste poder conter informação que não está presente no desenvolvimento da história, o título é inteiramente extraído da história e, na maior parte dos casos, apenas do lead. Além dos elementos informativos, também padrões linguísticos são transpostos. Kniffka salienta que a presença, por exemplo, de voz activa ou passiva no lead é transportada para o título. Isto acontece uma

---

<sup>4</sup> Este redactor do título, como vimos na secção 2.2.1., não é necessariamente o mesmo jornalista que redigiu a notícia.

vez que as três componentes título-lead-corpo da notícia são apresentadas e lidas nesta ordem mas foram produzidas na ordem lead-corpo-título<sup>5</sup>.

Uma das conclusões mais interessantes que Kniffka retira do seu trabalho é que a estrutura dos títulos parece ser muito regular de umas línguas para as outras. Na sua análise de textos das imprensas americana e alemã, encontrou uma estrutura idêntica a nível de títulos e leads, sendo a regularidade tão consistente que ele defende haver uma gramática internacional comum no que diz respeito à escrita destas duas produções (1980: 333).

Urrutia-Cárdenas (1981), partindo de um corpus de 997 títulos de primeira página de 6 jornais chilenos, todos pertencentes ao âmbito político, tenta mostrar os procedimentos lexicais que cumprem propósitos comunicativos, apelativos à leitura e de compressão do discurso. Como recursos mais frequentes, destaca os seguintes:

1) Utilização de afixos:

1.1) sufixos:

a) em derivados adjetivos que fazem parte da sequência N + Adj + Sufixo (este esquema substitui uma oração relativa no nível subjacente):

Calurosa despedida al presidente

La lucha democrática 1972

b) no uso de participios passados que funcionam como marcas residuais de orações passivas subjacentes:

Firmado canje del tratado sobre arbitrages

Rechazadas disposiciones gubernativas sobre delito económico

c) em substantivos com um sufixo agentivo que abrevia o sujeito implícito de um sintagma oracional:

Funcionarios de Dirinco en Mercado Negro

Terroristas salen libres

1.2) prefixos:

Os prefixos encontrados no corpus configuram valores nocionais de negação e de gradação:

Gobierno *re*pone ítems presupuestarios negados por oposición ociosa

<sup>5</sup> O título é assim o último ponto em que a informação da notícia é sumariada. Segundo Bell (1991: 186), isto induziu em erro alguns investigadores (como por exemplo Van Dijk, 1985: 84) que encararam o processo jornalístico como começando no título e expandindo-se através do lead até ao corpo da notícia.

*Desintegración y escándalo en Industrias del Área Social*

Frei: retraso *incalicable*

2) Sintemas<sup>6</sup> que, segundo o seu grau de integração, se podem classificar em compostos e complexos. Categorias mais frequentes:

a) N + Adj

*Mano dura* com mafia especuladora

b) N + Prep + N

No puede permitir-se otro *paro de octubre*

c) V + N

El General Prats *toma las riendas*

3) Uso de sequências de lexias textuais ou textemas em jogos de palavras:

Pobrecitos de los ricos: tendrán que pagar el reajuste

La familia que trafica unida, permanece unida

¡Racionan el pan! Sólo queda el circo

Neste artigo, Urrutia-Cárdenas foca ainda algumas regras transformacionais sintáticas e semânticas que explicam a aplicação dos afixos e construção de sintemas.

Alcoba e Perez-Tornero (1985: 401-402) apresentam cinco configurações linguísticas<sup>7</sup> dos enunciados titulares da imprensa de língua espanhola, considerando-os como uma categoria frásica simples ou complexa:

1. Frases simples:

a) Malta se aproxima a los países árabes

b) Huyen dos pistoleros

2. Frases com dois membros (*bi-member structure*) com topicalização de um locativo (a) ou de um verbo *dicendi* (b):

a) Francia: Barre presenta su segundo plan económico

b) Arrabal: siempre he sido un anarquista

<sup>6</sup> O autor define sintema em termos semelhantes aos de Martinet: "El sintema, según hemos apuntado, es una secuencia de lexemas conjuntos, con un comportamiento sintáctico equivalente al de las lexías simples. El comportamiento sintáctico autónomo, su frecuencia y su disponibilidad son los rasgos genéricos y comunes para su delimitación" (op cit., p. 410, nota 9).

Este tipo de unidades lexicais pode existir já estabelecido na língua ou ser criado no discurso. Piacentini (1981), por exemplo, analisa os diferentes métodos que são utilizados, conscientemente ou não, pelo criador de sintemas na linguagem publicitária em língua francesa e sua eventual integração na língua corrente.

Maria João Marçalo (1994), num pequeno mas interessante artigo sobre sintemas na imprensa portuguesa, apresenta vários exemplos destas unidades encontrados em três semanários portugueses. Ver ainda: MARÇALO, 1993 e 1995. Acerca da distinção entre sintagma e sintema, ver, por exemplo, DEBATY-LUCA, 1988.

<sup>7</sup> As primeiras quatro categorias do modelo são, segundo os autores, baseadas no seguinte estudo: ALARCOS, E., "Lenguaje de los Titulares", in: ALARCOS, E. et al. (coord.), *Lenguaje en Periodismo Escrito*, Madrid: Fundación Juan March, 1977.

### 3. Redução da categoria verbal:

- a) Carter, partidario de la incorporacion de España a la CEE
- b) Hoy, a las seis de la tarde, el festival de la Asociación de la Prensa

### 4. Redução da função predicativa:

- a) Desaire de los cristiano-demócratas alemanes al canciller Schmidt
- b) Expulsión masiva de norteamericanos en Etiopía

### 5. Tematização semântica com redução de categorias (como em 3.) e de funções (como em 4.):

- a) Viaje a Paris
- b) La derrota de Arafat
- c) Negociación imprescindible
- d) A quién benefician las detenciones
- e) Euzkadi como cuestión de estado

Os autores consideram que as diferentes configurações dos títulos dos enunciados jornalísticos podem ser explicadas como o resultado de diferentes processos dentro de uma única e mesma categoria estrutural: a estrutura da frase simples ou complexa. Diferentes processos de redução de categorias e funções explicariam as diferenças apresentadas pelos títulos. Tais funções e categorias são encaradas como recuperáveis uma vez que constituem um segmento da sequência título-notícia da qual resulta o enunciado jornalístico.

Alguns aspectos estruturais dos títulos também foram focados por Van Dijk em *News as Discourse* (1988b), obra que constitui um grande contributo teórico para a análise da linguagem jornalística e que suplementa um volume de estudos aplicados, *News Analysis* (1988a). Aqui, Van Dijk apresenta dois estudos num dos quais analisa mais de 400 títulos da imprensa holandesa sobre a questão Tamil de 1985 em que ocorreram tensões raciais entre holandeses e imigrantes e verificou que as autoridades dominavam a primeira posição no título, com verbos na voz activa; quando os Tamis eram mencionados primeiro, o verbo tendia a ser passivo. Ou seja, aspectos estruturais da frase, como, por exemplo, quem ocupa a primeira posição no título ou em que voz se apresenta o verbo, podem ser ideologicamente reveladores.



Maria José Coracini (1989: 235-254) apresenta um estudo com um corpus de 120 títulos de artigos retirados de revistas e jornais franceses e faz uma breve análise pragmático-enunciativa. No que respeita aos procedimentos linguísticos (em que inclui alguns aspectos relacionados com a estrutura sintáctica do título) mais utilizados no corpus, ela destaca quatro:

#### 1) nominalizações

Bébé, sirop,/ dodo  
 La façade qui bouge  
 Femmes:/ l'autre pilule  
 Ces/ chaînes/ qu'on/ n'a/ pas  
 L'INTELLIGENCE ARTIFICIELLE  
 Le secret de la potion magique

#### 2) frases gramaticais completas

Tragique rentrée de bal: deux jeunes footballeurs/de Veyrins(Isère) se tuent en voiture/ en heurtant violemment un arbre  
 Les grands voient grand  
 La descente s'amorce  
 Mais qu'est-ce donc/ que la sémiotique?  
 Cohabiter?  
 Parents: se battre/ ou accepter?  
 Paris n'est/ pas la France

#### 3) recursos poéticos

Cinq ans de sécheresse/ après cinq siècles d'oubli	(rima; paralelismo sintático)
Pas de sabotage/ mais panne d'allumage	(rima; paralelismo fonético)
Le noble art aux Beaux-Arts	(jogo de palavras)
L'ETHÉ OU LE BEL ÉTÉ	(idem)
Léotard mange/ son pain noir	(polissemia e metáfora)
Chirac fait sa cour	(idem)
Des puces/ sur/ la plage	(idem)
Privatisations: petits poissons/ et gros requins	(idem)

#### 4) referências culturais nas expressões linguísticas

Ainsi font, font, font/ trois petits tours et puis...	(a uma canção sobre marionetas)
La jeune femme et la mer	(à obra <i>O Velho e o Mar</i> )
Que le laser/ abreuve/ nos sillons	(a um verso da <i>Marselhesa</i> )

Estas formas de apresentação do título, juntamente com o assunto (tema) constituem, para a autora, estratégias que permitem ao sujeito enunciativo atingir o seu enunciatário, implicando-o na leitura.

Smith e Montgomery, num trabalho em que estudam os títulos da secção desportiva americana que dizem respeito ao futebol profissional e académico, fazem uma

abordagem estrutural e semântica de 930 destes títulos, que incluíam as ideias de "perder" ou "ganhar". Este corpus foi dividido, para o estudo da configuração gramatical, em seis categorias diferentes (1989: 35-38):

**Categoria I - SVO simples (títulos que usam apenas a forma Sujeito-Verbo-Objecto incluindo passivas; sem modificadores):**

Purdue Trims Wisconsin (Purdue 12 - Wisconsin 6)  
Navy Submarines Villanova (Navy 24 - Villanova 15)  
Texas Tech Spills Rice (Texas Tech 10 - Rice 3)

**Categoria II - SV simples (forma Sujeito-Verbo incluindo passivas, onde apenas uma das equipas é mencionada; sem modificadores):**

Minnesota Wins (Minnesota 21 - Illinois 18)  
Stanford Strolls (Stanford 48 - Washington State 34)  
Eagles Soar (Southern Mississippi 35 - East Carolina 14)

**Categoria III - SVO modificado (categoria do mesmo tipo da categoria I mas em que algum tipo de modificação é acrescentado: adjectivos ou advérbios descrevendo alguma acção no jogo, comentários sobre as consequências do jogo, como a vitória ou derrota foi conseguida, etc):**

Panthers Punish Careless Cadets (Pittsburgh 45 - Army 7)  
Frogs Finally Beat Hogs (Texas Christian University 28 - Arkansas 24)  
Wolverines Put Thorn to Buckeyes, Steal the Roses (Michigan 9 - Ohio State 3)  
Terps Torment Tigers on Tice's Torrid Tosses (Maryland 34 - Clemson 7)

**Categoria IV - SV modificado (categoria do mesmo tipo da categoria II mas em que, tal como na categoria III, algum tipo de modificação é acrescentado: modificação adjectival do sujeito, modificação adverbial do verbo, consequências do jogo, um jogador na posição do sujeito ou uma acção do jogo incluída num SP no final da construção):**

Crafty Cardinals Prevail (Louisville 27 - Indiana State 17)  
Memphis State Falls Again (Louisville 38 - Memphis State 14)  
Walker Cracks Record As Dogs Romp (Georgia 38 - Georgia Tech 20)  
Craig, Cornhuskers Romp (Nebraska 45 - Colorado 7)  
Tide Flows in Offensive Show (Alabama 59 - Ole Miss 35)

**Categoria V - Pseudo-Agente (nesta categoria, um elemento da equipa ou alguma acção no jogo recebe o maior foco e torna-se Pseudo-Agente para a própria equipa):**

Bennet Rifles Army over Holy Cross (Army 28 - Holy Cross 7)  
Second-Half Push Catapults Sooners (Oklahoma 29 - Kent State 7)

**Categoria VI - Outras Referências (nesta categoria, os títulos afastam-se da acção do jogo, da especificidade do perder e ganhar, e referem-se mais às suas consequências, às vezes no contexto de todo o campeonato):**

Majors: "Our Mistakes Were Deciding Factor" (Georgia 16 - Tennessee 15)  
Yes, Vols... There's a Virginia (Virginia 16 - Tennessee 13)  
Vandy Claims 1st SEC Win Since 1975 (Vanderbilt 27 - Ole Miss 23)  
Baylor Menu: Cup of Boiled Rice and Bowl of Cotton (Baylor 16 - Rice 6)  
Never Mind J.R.: Who Shot Dallas? (It was Denver) (Denver 41 - Dallas 20)

Os autores sugerem que estas seis categorias representam os diferentes tipos de comentários e descrições que os redactores dos títulos fazem acerca dos jogos em questão. Trata-se, pois, de um caso em que a taxonomia é construída com base na especificidade do corpus de títulos a descrever.

No mesmo ano de 1989, Iarovici e Amel apresentam um trabalho em que, partindo de um corpus unitário de títulos de artigos publicados na *Newsweek* entre 1978 e 1984, formulam uma tipologia com base nos exemplos encontrados:

1) N (conj) N ((conj) N)

Life and Limb  
A Deadly Feast and Famine  
Williamsburg: Tea, Talk and Summity

2) (det) Adj + N

Touchy Times  
The Great Watery Hope

3) (det) N + N

Power Play  
A New Oil Crunch

4) (det) N + Prep + N

A Pope from Poland  
From Foe to Friend

5) Estruturas nominais em que o primeiro N é gerado por composição e conversão ou por redução e conversão de uma estrutura verbal

Beatlemania at the Ballet  
The Won't-Do Congress

6) Nominalização

Reviving the Wright Stuff  
Bringing Back the Butcher

7) Estrutura Frásica

Bavaria's Boss Makes a Stunning U-Turn  
Weinberger Woos the Jews

8) Estrutura Interrogativa

How Bad the Drug Lag?  
Does Anyone Speak Lapp?

9) Estrutura Imperativa

Immigrant, Go Home  
Hey, Let's Steal a Sub!

Os autores defendem que a intenção subjacente à produção do texto é um factor determinante da natureza formal do título. Assim, por exemplo, se a intenção é a de ir ao encontro das virtuais questões e expectativas do possível leitor, o título poderá assumir a forma interrogativa ("What's Teddy up to?"). Já um título imperativo ("Keep Your Double Chins Up") exprimirá uma intenção prescritiva ou incitativa.

Partindo de um pequeno corpus de três jornais espanhóis (1 exemplar do *El País*, 1 exemplar do *Diario 16* e 1 exemplar do *Diario de Cadiz*), Concepción Torres (1990) apresenta nove categorias sintácticas para os títulos:

1. Sintagma nominal  
Fiebres, traperos y sombrillas  
La arboleda perdida
2. Estruturas com pausa como traço fundamental  
Paquirri, cuatro meses después  
Paul Newman: cumplir 60 a los 40
3. Sintagma preposicional  
Después de la batalla  
Con gasolina
4. Estruturas encabeçadas por um participio  
Publicado un message de Chermenko  
Firmados ayer
5. Orações transitivas e orações de suplemento  
Morodo abandona la embajada en la UNESCO  
Las Juventudes Musicales contarón con una orquesta infantil
6. Orações impessoais, passivas com se, pronominais e medio-reflexivas  
No hay localidades  
En Crimea no se perdió Europa  
Un presunto homicida se escapa de los juzgados de la plaza de Castilla  
El noruego Husbey se presenta hoy ante la afición de los Cármenes
7. Orações atributivas e orações passivas  
Esto no es Hollywood, colega  
Francisco Moral fue trasladado desde Carabonchel para la práctica de una prueba
8. Orações intransitivas  
Asistió Verstrynge  
El recuerdo de Paquirri flota sobre Barbate
9. Orações complexas e orações compostas  
Washington acusa a Moscú de violar acuerdos y preparar su 'guerra de las galaxias'  
España abandonará la OTAN si el Gobierno pierde el referéndum, asegura Felipe González

Este corpus acaba por ser um pouco heterogéneo, já que engloba todo o tipo de títulos na mesma análise (notícia, reportagem, artigos de opinião, etc.), bem como os respectivos subtítulos e antetítulos.

Metzeltin e Candeias (1990: 198-199) apresentam uma breve estatística de 100 estruturas de frases simples não condensadas<sup>8</sup>, não subordinadas e sem clíticos que funcionaram como títulos de um jornal diário em 1980, apresentando os seguintes tipos de estrutura: 1) sintagma regente (SRE) seguido de sintagma regido (SRO), 2) sintagma regido seguido de sintagma regente e 3) frases sem sintagma regente. Estas categorias apresentam a seguinte distribuição:

ESTRUTURA	Nº DE CASOS	EXEMPLOS
1. SRE + SRO	94	
1.1. com verbo transitivo seguido de objecto directo	67	Álvaro Cunhal criticou partidos eurocomunistas
1.2. com verbo intransitivo	18	Debate do orçamento principia no dia 22 Congresso de Sociologia abre hoje na Gulbenkian  A proposta da UNIMAP começa logo à tarde II grande festa da Emigração decorreu em Paris  Escolha de Soares Carneiro resultou de intenso debate  Professores aderem à greve no dia 17
1.3. com verbo no passivo	17	Eventual recandidatura de Eanes será decidida na devida altura
1.4. com predicado nominal	2	Centro de Protecção civil vai ser realidade em breve
2. SRO + SRE	2	Triplicou movimento TIR na fronteira de Valença  Vão funcionar em Macau os 11º e 12º anos
3. Frases sem SRE	4	
3.1. com SRE subentendido	3	
3.2. com o verbo <i>haver</i>	1	

Os autores terminam esta breve apresentação com a advertência: "Não se esqueça, porém, que nos títulos dos jornais predominam as frases condensadas" e não as frases dos tipos apresentados.

Num artigo em que se debruça sobre a elipse nos títulos de imprensa em língua inglesa, Helen Jenkins (1990: 349-362) começa por enunciar, brevemente, os diversos tipos sintácticos de título encontrados na sua pesquisa:

<sup>8</sup> Os autores entendem por condensadas as frases que se podem introduzir numa resposta enquadrada por *Acontece que* depois de se acrescentar um verbo ou uma locução verbal conjugada não copulativos, como no seguinte exemplo: "Vens? – Não" → "Que acontece? Acontece que eu digo que não vou".

1. Proposição (frase com S + Pred (elíptico) + X)  
Road toll rises to 257  
Help needed
2. Proposição elíptica (frase com S + Pred vazio + X)  
Old court a majestic setting
3. DIZER-elíptico (discurso directo com verbo elíptico)  
Boot for Marcus: survey
4. Etiqueta (um grupo nominal)  
Good blend of caution and action
5. Tópico-comentário (SN + SN ou SN + oração)  
Soviet secrecy and lies: an international scandal
6. Tipo “marcado” (perguntas, imperativos, exclamações)  
Did Skeletons help Tuxworth?  
Protect those antiques
7. Predicado/atributo (ausência de sujeito e auxiliar ou copulativo)  
Potty about fountain pens
8. Outros  
Where the chips are down  
From a nervous minister to a smelly flock

Esta tipologia é baseada na análise de títulos de imprensa de diferentes tipos, tais como reportagens, breves, entrevistas, editoriais e outros.

Roger Fowler em *Language in the News* (1991<sup>9</sup>: 70-80) faz uma abordagem dos títulos de imprensa tomando como quadro teórico a noção de transitividade, tal como ela é encarada por Halliday (1985), e estuda os casos particulares das transformações passivas e das nominalizações, que ocorrem, frequentemente, neste tipo de produção linguística.

Ginette Demers (1994), num estudo em que compara diferenças estilísticas entre títulos de imprensa de língua inglesa e francesa, apresenta, em relação ao corpus utilizado, as seguintes configurações:

1. Frases completas (entendidas como as que incluem um verbo conjugado e não apresentam elipses em relação às outras partes do discurso)  
Deux candidats à la présidentielle veulent se retirer  
Britain finds it hard to reject isolation
2. Elipses  
-de sujeito + verbo (a mais vulgar nos jornais em língua francesa, diz respeito à supressão dos impessoais do tipo *il y a*, *there is*)  
Coupes sombres au Pentagone  
Grief at the loss of nerve

<sup>9</sup> Ver uma recensão desta obra em THOMAS, 1993: 115-121.

-de verbo (inclui a elipse dos auxiliares, frequente nos títulos em língua inglesa, sendo a supressão de *to be* três vezes mais frequente que a do verbo *être*)

-de artigos

Construction of controversial temple halted by Indian judge

-de preposições

Pologne: les étudiants font la grève

No quadro da gramática funcional, Halliday (1994: 392-397) inclui os títulos de imprensa num grupo de textos que designa por textos pequenos (*little texts*) juntamente com os telegramas, outros títulos, rótulos, algumas instruções, letreiros e notas de conferências. São textos que precisam de condensar muito num espaço muito limitado e, para atingir esse objectivo, tendem a possuir uma gramática própria que difere, em certos aspectos, da gramática de outros registos não constringidos por tais limitações. As tendências gerais constatadas neste tipo de texto são as seguintes:

#### 1) Nominais sem deixis

Tanto os grupos nominais como os grupos verbais tendem a omitir os elementos de estrutura que servem para os ligar ao aqui-e-agora. Assim, os grupos nominais ocorrem sem determinantes:

BANDIT THREATENS TO KILL MAN  
CRAMBO HITS BULLSEYE AS CAR OF YEAR

#### 2) Verbais sem deixis

Do mesmo modo, os grupos verbais ocorrem sem o elemento finito. Aqui, o tempo déictico é omitido, e o grupo verbal torna-se não-finito:

CABINET SEARCHING FOR A WAY OUT  
LAWYERS TO STAND FIRM ON FREE RISE  
PUBLIC CONFIDENCE SHAKEN

#### 3) Modo

3.1) Um elemento da oração que é obrigatório na gramática geral pode ser omitido num texto pequeno. Isto pode acontecer porque o desempenho que ele realiza pode ser facilmente recuperado, ou porque a referência se aplica a todos os casos ou a casos claramente definidos. Talvez a supressão mais comum seja a do verbo *be* finito em orações atributivas:

TURNER UNFIT TO PLAY

3.2) Em alguns casos, a oração simplesmente omite a escolha do modo. Aqui seria impossível atribuir uma classe particular de modo, ou melhor, seria possível mas fazê-lo seria fornecer um significado específico não

claramente presente.

TINTERN ABBEY REVISITED

DESTINATION PEKING

FACTS FROM FIGURES

Estes casos diferem dos nominais absolutos (ver abaixo) pelo facto de apresentarem uma estrutura Tema-Rema.

3.3) Num terceiro tipo, temos a selecção do modo, mas de um modo que não segue as regras da gramática geral:

MOTHER WILL MIND CHILD IN GOOD HOME

(num anúncio; a ser interpretado não como uma asserção mas como uma oferta)

3.4) Outras variantes incluem modulações não-finitas:

ESSENTIAL ADVISE AVAILABILITY SEPTEMBER MISSION

(num telegrama significando "tell us whether you can get away on a job next September")

#### 4) Nominais destacados

Muitos textos pequenos consistem em apenas um grupo nominal em função absoluta. Algumas características:

4.1) Pre-modificadores do tipo oração permitem que algumas relações da oração sejam incorporadas, enquanto continuam a não requerer todas as características de uma oração:

THE EASY-TO-SERVE SNACK CRACKER BISCUITS

THE ANCOL WIN A FAMILY HOLIDAY COMPETITION

SAME DAY EMERGENCY PLUMBING SERVICE

4.2) Longas listas de classificadores:

POKER MACHINE LOBBY INTERESTS

OIL WINDFALL PROFITS TAX BILL

4.3) Também se encontram, nestes textos pequenos, colocações, especialmente de Classificador e Coisa, que seriam difíceis, e frequentemente ambíguas, na gramática geral:

BONE WORRY IN SPACE

(não é entendido sem a leitura do texto, que refere o facto de os ossos dos astronautas enfraquecerem e não se desenvolverem normalmente, no espaço)

Halliday sublinha que nem todos os textos pequenos têm o mesmo tamanho, e alguns estão ligados a textos maiores. No entanto, apresentam características interessantes em comum que derivam das suas funções muito especializadas e que estão, de alguma maneira, ligadas ao limite do tamanho.

Macchi (1995), num estudo sobre títulos de imprensa em língua espanhola, propõe uma tipologia tripartida no que diz respeito à representação do acontecimento. Esta tripartição reflecte-se na configuração sintáctica dos títulos, a saber:

1. O actor do acontecimento é o suporte temático do enunciado, o qual é caracterizado linguisticamente pela utilização da voz activa, do presente do indicativo, do aspecto



imperfectivo e da focalização sobre o agente:

Castro autoriza a los cubanos de más de 20 años a viajar al exterior  
 Europa se declara incapaz para detener la guerra en Yugoslavia  
 Dos legionarios intentan secuestrar un avión en Fuerteventura

2. O acontecimento em si (e não mais o agente) é posto em evidência. O título retira-se do campo temporal do verbo para entrar no campo espacial do substantivo, fornecendo uma visão estática, extratemporal:

Nuevo asentamiento judío en Cisjordania  
 Huelga en RTVE sin acuerdo sobre servicios mínimos

3. Um terceiro tipo toma por tema da mensagem o ser afectado pelo acontecimento. O título comporta um verbo no particípio passado sem auxiliar conjugado, o que faz com que este tipo de frase não seja nem completamente nominal (como o tipo 2) pois contém um verbo, nem inteiramente verbal (como o tipo 1) pois a ausência de conjugação indiscrimina a pessoa e o tempo. Ex:

Interrumpida un mes la línea férrea entre Madrid y Cádiz  
 Hallada muerta la pareja desaparecida en Ubrique  
 Apuñalado en Madrid un hombre que escapaba con una niña de dos años

O autor debruça-se sobre este último tipo, considerando que, entre as duas vias extremas, a da predicação total e a da predicação nula, ela abre a via intermediária do modo quase-nominal, limítrofe entre o do nome e o do verbo conjugado.

Lopez Maestre (1995: 299-489), por sua vez, apresenta uma tipologia igualmente tripartida mas com base, não na representação temática, mas apenas na configuração sintáctica final dos títulos:

1. Títulos verbais
  - 1.1. Títulos simples  
 Tories win Bradford and Bolton
  - 1.2. Títulos complexos (contendo orações subordinadas)  
 Yard chief says PLO investigation is not welcome
  - 1.3. Títulos compostos  
 Victory is lighter but her load is heavier
2. Títulos constituídos por sintagmas não verbais
  - 2.1. Sintagmas nominais  
 Kinnock vision of Dickensian future
  - 2.2. Sintagmas preposicionais  
 By, about, and for adults
  - 2.3. Sintagmas adjectivais  
 Strangely tentative
3. Casos especiais
  - 3.1. Combinações de sintagmas  
 Thames: Television decision on film

### 3.2. Sintagmas e orações

Luca Giordano: Celerity was the mother of invention

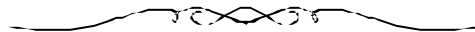
### 3.3. Oração simples + oração simples

Auditors give a warning on Lockheed finances: More orders are needed

Trata-se de uma taxonomia bastante abrangente, destinada a uma pesquisa em que se estudou a idiossincrasia do jornal *The Times* durante duas décadas de publicação (1970-1990) por amostragem estatística.

Estes são alguns dos estudos que, nas diversas línguas, se debruçam sobre a configuração sintáctica dos títulos de imprensa. Não pretendemos, nesta pesquisa, abarcar tudo o que, até ao presente, foi escrito sobre a sintaxe do enunciado titular, mas apenas apresentar um leque de estudos que mostre que este é um problema complexo, passível de diversas abordagens e que, seguramente, o seu estudo nunca estará esgotado.

Na próxima secção, proporemos uma tipologia tripartida onde enquadraremos os títulos do corpus que serve de base a este trabalho e que constituirá um instrumento de análise para títulos metafóricos portugueses. Tal como na base de dados, os exemplos de títulos do corpus serão apresentados, em todo o capítulo 4, com o grafismo original (maiúsculas/minúsculas, aspas, itálicos, etc.) e as quebras de linha originais serão assinaladas com barra oblíqua. Sempre que se revele importante para a compreensão do título, acrescentaremos informação adicional entre parênteses rectos.



#### **4.1.1. AS CONFIGURAÇÕES SINTÁCTICAS DO CORPUS E OS VEÍCULOS DE LINGUAGEM METAFÓRICA**

Na presente pesquisa, deparámo-nos com um duplo problema: por um lado, o facto de o corpus ser constituído por um conjunto de títulos, unidades textuais autónomas com as suas particularidades sintácticas e, por outro, o facto de estes incluírem expressões metafóricas. Por esta razão, procederemos à apresentação de uma tipologia que nos serviu de instrumento de análise e que foi elaborada após uma análise prévia dos dados recolhidos.

Como já foi referido no capítulo 3.2.2., o presente trabalho baseia-se na recolha e fichamento de um corpus de títulos em que um dos elementos em análise é precisamente a sua configuração sintáctica. Interessou-nos neste trabalho apenas a forma final das frases e não o estudo sintáctico aprofundado da sua estrutura, uma vez que uma análise exaustiva de todas as particularidades gramaticais dos exemplos se tornaria demasiado minuciosa, saindo do âmbito do trabalho, que é apenas o de apontar as características linguísticas mais salientes nos títulos de imprensa metafóricos.

Para o estudo deste nível sintáctico, surge, como momento crucial do trabalho, a descrição e sistematização de um corpus à partida tão diversificado sob o ponto de vista sintáctico. Não utilizámos, à partida, nenhuma das tipologias apresentadas nos capítulos 2.1.1.2. (pp. 21-35) e 4.1. (pp. 101-119), uma vez que não encontramos nenhuma que se tenha apresentado, por si só, como adequada a esta tarefa. No entanto, algumas das subcategorias que propomos no nosso modelo, encontram-se já consignadas nestas

taxonomias. Estas constituíram, portanto, ao mesmo tempo, um ponto de partida e uma forma de confronto com a análise que fomos fazendo. Assim, embora tenhamos partido de alguns pontos já apresentados nesses estudos, não podemos dizer que tenha havido um único estudo no qual baseámos a nossa análise. De facto, além de estes estudos não se referirem a títulos de imprensa em língua portuguesa, o grande problema na sua adaptação ao presente trabalho foi o de não se mostrarem suficientemente completos e, portanto, capazes de abarcar a grande variedade de configurações sintáticas com que nos deparámos ao analisar o corpus em estudo.

Assim, construámos a nossa própria taxonomia, classificando cada título do corpus a partir de características recorrentes. Aplicando um princípio geral da análise linguística por corpus, chegámos à constituição de classes mais ou menos estreitas, no interior das quais todos os títulos são considerados equivalentes sob o ponto de vista da análise sintática, uma vez que retivemos, na sua identificação, apenas as características gerais definidoras da classe. Como salientam Molino et al. (1974, p.88), em qualquer taxonomia, a análise poderia sempre ser levada cada vez mais longe, já que a saliência de uma nova característica no interior de uma classe levaria a dividi-la em duas classes: a dos enunciados possuidores da característica e a dos enunciados que não a possuem. Em geral, as análises detêm-se antes que as classes fiquem reduzidas a um elemento singular, já que a pesquisa do singular leva a determinações demasiado numerosas e pouco produtivas, por definição, bem como a verdadeiros procedimentos *ad hoc* sem interesse geral, tanto mais que aqui nos interessa a caracterização de determinado tipo de discurso.

Onde parar na caracterização é, pois, determinado pela eficácia empírica dos resultados<sup>1</sup>, uma vez que, se assim não procedêssemos, e dado o grande número de títulos em análise, tornaríamos este capítulo incomportavelmente vasto sem que daí se tirasse maior proveito para a caracterização do tipo textual em estudo.

Tendo em mente estes princípios, construímos uma tipologia que nos pareceu adequada à descrição do corpus. Assim, começámos por considerar três grandes categorias entre as quais dividimos os títulos do corpus:

A) - Títulos constituídos por uma frase completa, quer com uma única oração independente, podendo, no entanto, apresentar uma ou mais orações mais baixas, constituintes da primeira, quer apresentando construções de coordenação de orações, isto é, envolvendo duas ou mais orações em que nenhuma delas se apresenta como constituinte da outra. Incluem-se, no primeiro caso, títulos como:

- (246) DESPORTO É TRAMPOLIM/ PARA CARREIRA DIPLOMÁTICA
- (304) Cavaco mostra o amarelo
- (683) Ministério envenena relações médico-doente
- (402) Cadete e Juskoviak são grandes "quebra-cabeças"
- (1240) BARROSO FECHA-SE COM DIPLOMATAS/ PARA COZINHAR POLÍTICA EXTERNA
- (1277) Governo de Angola/ prepara "limpeza" do Huambo

E, no segundo caso, títulos como:

- (167) MAASTRICHT ABRE PORTAS/ MAS NÃO IMPÕE CAMINHOS
- (411) CÂMARAS FECHARAM/ -AUTARCAS REABRIRAM O "LIVRO DE RECLAMAÇÕES"
- (593) BENFICA/ NÃO FUGIU/ À "SINA/ ITALIANA"/ -JUVENTUS/ VEM À LUZ
- (993) AUTARQUIAS/ NÃO PEDEM CÉU/ MAS RECUSAM/ O INFERNO
- (1538) Camac baralha e volta a dar
- (1949) AZEITE 'ESCORREGOU' E PRODUÇÃO CAIU PARA 50%

B) - Títulos sintacticamente elípticos, normalmente constituídos por um sintagma nominal ou preposicional e, de qualquer modo, caracterizando-se pela ausência da forma finita do

---

<sup>1</sup> Ver em BARDIN, 1977, cap. III, uma breve mas incisiva abordagem da problemática da categorização como operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género, com os critérios pré-definidos.

verbo, como se verifica nos exemplos que a seguir se transcrevem:

- (248) Pedradas no charco
- (426) À PROCURA DA SAÍDA DO BECO
- (391) Portugal atrás do "quebra-gelo"
- (1229) DORMIR EM CIMA/ DO VULCÃO
- (1513) Paris Saint-Germain a dois pontos do 'céu'
- (1854) O Homem-Caixa

C) - Títulos que apresentam uma forma bissegmental em que um SN é separado por dois pontos de um outro SN ou de uma frase, como por exemplo:

- (265) 'RESTAURAR A ESPERANÇA':/ OS ESPINHOS DA MISSÃO
- (410) EDIMBURGO: UMA LUZ AO FUNDO DO TÚNEL
- (1210) TELEFONES: SOOU O "DESPERTAR"/ PARA A MUDANÇA DA QUALIDADE
- (1233) Sesimbra: reconversão de pedreiras marca passo
- (1300) ARTUR:/ A ESTRELA AUSENTE
- (1301) BESSA: ALTAR DO FUTEBOL/ SEM SÍMBOLOS NAZIS

Devemos referir que o total de 2060 títulos que formam o corpus em análise não se reparte de um modo equitativo pelas diferentes categorias, como podemos verificar pelo quadro 1, que seguidamente se apresenta:

	CM	CP	JN	P	TOTAL
A. Títulos frase	410	191	380	148	1129
B. Títulos elípticos	111	234	217	252	814
C. Títulos bissegmentais	6	15	77	11	109
D. Títulos mistos	1	0	7	0	8
<b>TOTAL</b>	<b>528</b>	<b>440</b>	<b>681</b>	<b>411</b>	<b>2060</b>

**Quadro 1** – Distribuição das quatro categorias sintáticas dos títulos do corpus por jornal (quadro de frequências absolutas)

Pela leitura do quadro, constata-se que a primeira categoria é a que mais exemplos recolhe no corpus, seguindo-se a segunda e, a uma maior distância, a terceira. Há ainda uma pequena quantidade de títulos (8) que, por combinarem, na sua configuração sintática, características de duas das categorias anteriores, não foram incluídos em nenhuma das três categorias consideradas e constituem um grupo que denominamos de títulos mistos. Estão neste caso os seguintes títulos:

- (383) TENSÃO AO RUBRO /EM MOSCOVO/ -IELTSINE/ DECLARA GUERRA/ AO CONGRESSO RUSSO  
 (655) O "ARARA" FOI MESMO... ARARA/ -"BOMBAY" COM RUMO NO "BCP"  
 (860) F.C. PORTO A BARALHAR/ -FAMALICÃO DÁ CARTAS  
 (1266) BOAVISTA COM A "MÃO" NA SUPERTAÇA/ -F.C. PORTO VAI TENTAR A FINALÍSSIMA...  
 (1818) PAULO FUTRE À BEIRA/ DE UM ATAQUE DE NERVOS/ -TREINOU MEIA HORA/ E EVAPOROU-SE...  
 (1843) SENADO DERROTOU CLINTON/ -JUSTIÇA SEM MÃO DE MULHER  
 (1929) EMPRESÁRIOS PESSIMISTAS/ E ECONOMIA DESACELERA  
 (1989) BENFICA FOI ÁGUIA NA LUZ/ -F.C. PORTO FORA DOS "QUARTOS"

Estes títulos, curiosamente, pertencem quase todos ao JN e dividem-se em duas partes, separadas pela mudança de linha e travessão, exceptuando o (1929), o único que não é do JN, mas do CM e que não apresenta travessão. A sua estrutura bipartida, no entanto, distingue-se da dos títulos bissegmentais, os quais apresentam características muito particulares e que serão estudadas no capítulo 4.1.1.3. Eles aproximam-se antes dos títulos (411) e (593), apresentando uma estrutura de coordenação:

- (411) CÂMARAS FECHARAM/ -AUTARCAS REABRIRAM O "LIVRO DE RECLAMAÇÕES"  
 (593) BENFICA/ NÃO FUGIU/ À "SINA/ ITALIANA"/ -JUVENTUS/ VEM À LUZ

No entanto, enquanto que os títulos (411) e (593) não apresentam problemas de categorização pelo facto das duas partes pertencerem à mesma categoria A, os títulos mistos combinam uma parte que pertence à categoria A e outra que pertence à B.

Abordaremos, em seguida, para as três categorias consideradas, cada uma das configurações sintáticas em particular. Serão, ainda, consideradas, no decorrer da nossa análise, as diferentes subdivisões que possam apresentar-se no interior de cada uma das configurações sintáticas gerais. Assim, para os títulos frase, observam-se 16 configurações sintáticas, no caso dos títulos elípticos 5. Em relação aos bissegmentais, não apresentaremos subdivisões, uma vez que cada um dos segmentos pode ser analisado em termos das categorias anteriores. Assim, enquanto que o primeiro segmento é sempre um SN, o segundo segmento pode ser elíptico ou frásico.

#### 4.1.1.1. OS TÍTULOS FRASE

Como observámos atrás no quadro 1 (p.123), os títulos frase, ou seja, aqueles cuja configuração sintáctica inclui, ao contrário dos títulos que estudaremos no próximo subcapítulo, um verbo flexionado, constituem, em termos quantitativos, a categoria mais representativa do corpus, atingindo um total de 1129 ocorrências.

A. CONFIGURAÇÕES SINTÁCTICAS DOS TÍTULOS FRASE					
CONFIGURAÇÃO	CM	CP	JN	P	TOTAL
A.1. SU-V-OD	184	94	154	76	508
A.2. SU-V	55	49	58	23	185
A.3. SU-VPRED-PREDSU	44	12	54	14	124
A.4. SU-V-OBL	37	12	35	14	98
A.5. SU-V-OD-OI	28	7	22	4	61
A.6. SU-V-OD-OBL	13	5	20	5	43
A.7. SU-V-OI	7	1	3	1	12
A.8. SU-V-OD-PREDOD	8	0	2	0	10
A.9. V-OD	3	3	2	0	8
A.10. SU-V-OBL-OBL	1	0	0	0	1
A.11. IMPERATIVAS	1	0	2	0	3
A.12. INTERROGATIVAS	1	0	2	4	7
A.13. PASSIVA DE SER	4	0	0	0	4
A.14. PASSIVA DE SE	4	2	4	2	12
A.15. outras configurações	2	0	0	0	2
A.16. COORDENADAS	18	6	22	5	51
<b>TOTAL</b>	<b>410</b>	<b>191</b>	<b>380</b>	<b>148</b>	<b>1129</b>

**Quadro 2** – Distribuição das configurações sintáticas da categoria A (títulos frase) por jornal (frequências absolutas)

No quadro 2, podemos observar as várias configurações sintáticas que os **títulos frase** apresentam, sua frequência total e sua distribuição por jornal analisado. Em relação a cada categoria contemplada neste quadro, estão incluídos os casos em que o título apresenta uma configuração em que os constituintes indicados se apresentam pela ordem básica e, ainda que isso não seja frequente, os títulos que invertem esta ordem. Estão também incluídos, no quadro 2, tanto os títulos que se limitam aos constituintes indicados em cada categoria, como aqueles que lhes acrescentam elementos opcionais,



como é o caso dos adjuntos circunstanciais. Todas estas particularidades foram individualmente assinaladas na ficha de cada título, na base de dados, a fim de facilitar a elaboração dos quadros de frequências que se incluem neste capítulo. Em relação a cada título, e tendo em mente a especificidade do objecto de estudo, vimos ainda a que constituintes correspondiam os veículos metafóricos. Este último aspecto é assinalado na ficha através do uso convencional das maiúsculas. Assim, a um título como

(1708) Neve «engole» 300 pessoas

corresponderá a expressão su-V-od, em que o V maiúsculo indica que, nesta frase, o veículo metafórico corresponde ao verbo. Já o título

(869) "Casca de noz"/ enfrenta o Atlântico

embora apresentando a mesma configuração sintáctica, inclui, na base de dados, a expressão SU-v-od, pelo facto de ser SU o veículo metafórico. Estes dois títulos não apresentam grande dificuldade na identificação do constituinte correspondente ao veículo metafórico, uma vez que até o assinalam graficamente pelo uso das aspas. Mas, mesmo quando isso não acontece, a identificação é igualmente possível. Em todos os casos, a principal pista para esta identificação parte do confronto entre os constituintes do título e o texto que este encabeça. Assim, o (869), por exemplo, apresenta um SV que é congruente, semanticamente falando, com o texto da notícia, o qual fala da travessia do Atlântico por um barco com pouco mais de metro e meio. O SN "casca de noz" será facilmente identificado como veículo metafórico já que a notícia não tem como um dos seus tópicos textuais nem as nozes nem as cascas. Do mesmo modo, o (1708) apresenta no verbo esta incongruência semântica, e é ele que é identificado como o veículo da metáfora. É evidente que a metáfora não se resume à expressão "engole". Ela engendra-se, precisamente, da sua inserção numa frase em que o sujeito é a neve. Ou seja, a metáfora

afecta toda a frase, é um fenómeno de frase e de texto e não um fenómeno da palavra, como já vimos em capítulos anteriores. O que este uso convencional das maiúsculas pretende identificar é, não a metáfora, mas o seu veículo metafórico, ou seja, o termo pertencente ao domínio fonte da projecção metafórica. Ao longo deste capítulo, sempre que uma configuração sintáctica for referida através de uma expressão em que se misturem maiúsculas e minúsculas, estaremos, pois, a seguir esta mesma relação convencional que utilizámos na base de dados. Por outro lado, quando pretendermos referir determinada configuração independentemente da localização do veículo metafórico, colocaremos toda a expressão em maiúsculas. Assim, por exemplo, *su-v-OD* significará uma configuração gramatical de sujeito, verbo e objecto directo em que o veículo metafórico coincide com este último; a expressão *SU-V-OD* servirá para referir todas as construções de sujeito, verbo e objecto directo independentemente da localização do veículo metafórico.

Vejamos, em seguida, cada uma das categorias sintácticas em que dividimos os títulos frase, ilustrando as nossas observações e conclusões com exemplos do corpus (a classificação de todos os títulos encontra-se no apêndice 2, pp. 539 a 549).

### A.1. SU-V-OD

Em relação aos títulos frase, esta é a categoria que, na nossa tipologia, apresenta um maior número de elementos<sup>11</sup>. Os 508 títulos com a configuração que aqui descrevemos constituem 45% de todos os títulos frase do corpus. Trata-se de estruturas em que o verbo, sendo transitivo, de dois lugares, selecciona um argumento externo, com a relação gramatical de sujeito, e um argumento interno, com a relação gramatical de objecto directo.

No quadro 3 podemos ver a distribuição de frequências entre as diversas variantes<sup>12</sup> desta configuração:

CONFIGURAÇÃO	CM	CP	JN	P	TOTAL
SU-V-OD	131	84	101	68	384
SU-V-OD-X	37	9	35	5	86
SU-V-X-OD-X	1	0	2	0	3
SU-V-X-OD	3	0	6	1	10
SU-X-V-OD	11	0	5	2	18
SU-X-V-OD-X	1	0	3	0	4
X-SU-V-OD	0	0	1	0	1
OD-SU-V	0	0	1	0	1
SU-X-OD-V	0	1	0	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>184</b>	<b>94</b>	<b>154</b>	<b>76</b>	<b>508</b>

**Quadro 3** – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintáctica A.1 (SU-V-OD) por jornal

Constatamos, pela observação do quadro, que a maior parte dos títulos desta categoria (mais precisamente 75,6%) não inclui outros constituintes para além do sujeito, verbo e

<sup>11</sup> Neste aspecto, os títulos frase integrando linguagem metafórica (que são o objecto em estudo neste capítulo) não diferem de outros usos da linguagem. Maria Gabriela Bernardo, num estudo sobre a ordem dos constituintes da frase em português, ao analisar um corpus de 994 frases (retiradas de duas obras literárias e de seis números do Diário de Notícias), constata que este esquema funcional é aquele que indubitavelmente mais ocorrências apresenta (1985: 147). Metzeltin e Candeias (1990: 198-199), num pequeno corpus de 100 títulos frase, classificam 67 com esta configuração.

<sup>12</sup> Neste quadro, bem como nos quadros 4 a 11, neste capítulo, apresentamos, para cada categoria, em primeiro lugar a configuração básica sem constituintes opcionais, seguindo-se as configurações em que a ordem básica é respeitada mas constituintes opcionais são acrescentados e, finalmente, apresentamos as configurações em que a ordem é invertida.

objecto directo e, além disso, apresentam-nos precisamente nesta ordem, considerada canónica no português, uma das chamadas línguas SVO<sup>13</sup>. Vejamos alguns exemplos.:

- (268) Temporal semeou pobreza...
- (277) MAR DE LAMA/ FAZ DESCARRILAR COMBOIO
- (677) "MINISTÉRIO QUER ENVENENAR/ RELAÇÃO MÉDICO/DOENTE"
- (1595) César procura "gerais"
- (1917) Croatas e sérvios reocupam a cena
- (2026) Brasil crucifica Portugal

De notar que o exemplo (277) é um caso típico da construção união de orações<sup>14</sup>. Como o que nos interessa aqui é a forma final da frase e não a sua estrutura profunda bi-oracional, incluímos este tipo de construções nesta categoria, considerando que o verbo conjugado (o predicado de união) é o predicador da frase.

Também numerosos são os exemplos em que se juntam a esta configuração um ou mais constituintes opcionais, em geral adjuntos circunstanciais, locativos de tempo ou lugar. A posição mais frequente é a pós-verbal<sup>15</sup>.

- (193) CRIANÇAS "INVADEM" FIL/ DURANTE QUATRO DIAS
- (257) Benfica afina 'motor'/ para receber o Dínamo
- (330) Lama/ "engoliu"/ centenas/ na Bolívia
- (846) TRÊS DA FRENTE JÁ CRIAM FOSSO
- (919) FC PORTO "SEMEIA"/ NO CAMPO DE FÉRIAS/ CRAQUES DO FUTURO
- (1906) BENFICA 'ESMAGA' VALONGO NA LUZ

Muito menos numerosos, com apenas duas ocorrências, são os casos de alterações na ordem dos constituintes obrigatórios desta configuração:

- (162) Temporal até árvores *varreu*
- (1492) E TUDO/ O LOBO COMEU

É muito interessante o decalque que o título (1492), com a variante OD-SU-V, faz do

<sup>13</sup> “O Português é uma língua SVO, ou seja, é uma língua em que a ordem básica de palavras é Sujeito – Verbo – Objecto(s)” (MATEUS et al. 1992, p. 157)

<sup>14</sup> Para uma descrição deste tipo de construções, ver RAPOSO, 1981.

<sup>15</sup> Também neste aspecto da ordem dos constituintes, os títulos de imprensa não se afastam das outras produções no português, em que, segundo a ordem básica, os circunstanciais se podem encontrar à direita dos constituintes do SV (cf. MATEUS et al., 1992: 170; BERNARDO, 1985: 146; CAMPOS & XAVIER, 1991: 75-76).

famoso título de filme *E TUDO O VENTO LEVOU*, que levará à justificação da ocorrência de uma deslocação à esquerda do objecto directo “tudo” e à presença da conjunção “e” em posição inicial de frase. Simultaneamente, há um jogo de palavras com o nome Lobo, o qual, referindo Abel Lobo, o árbitro acusado de ter prejudicado o Trofense a favor do Leça, constitui um motivador<sup>16</sup> da escolha do verbo *comer* tomado metaforicamente com o sentido de *prejudicar*.

Debruçando-nos especificamente sobre a utilização da linguagem metafórica nos títulos desta primeira categoria, verificamos, recorrendo às fichas da base de dados como explicámos atrás, que a grande maioria dos títulos desta categoria faz coincidir o veículo da linguagem metafórica presente no texto com o sintagma verbal. Assim, encontramos casos em que o verbo é um veículo metafórico, como acontece nos títulos (1035) e (1948):

- (1035) Diego Maradona já "perfuma" relvados
- (1948) Gás/ em fuga/ esventra/ prédio/ de/ habitação

Existem outros em que o veículo metafórico é o objecto directo:

- (494) JARDINS-DE-INFÂNCIA/ TÊM ALGUNS "ESPINHOS"
- (1952) Torres Couto condena/ 'capelinhas' no Japão

Pode ainda ocorrer a situação em que os dois, verbo e objecto directo são veículos metafóricos. Disso são exemplos os títulos:

- (128) PSD-Barreiro "arruma" a casa
- (1426) Saddam "encolhe as garras"

De qualquer modo, exemplos como

- (94) "AVALANCHA" DE REFORMAS/ VAI MUDAR ENSINO SUPERIOR
- (202) "GIGANTES" ECONÓMICOS/ DESPEDEM TRABALHADORES

em que o sujeito é o único veículo de linguagem metafórica no título, constituem apenas 4,5% dos títulos desta categoria.

---

<sup>16</sup> Utilizaremos o termo *motivador* significando, para nós, o factor que leva à escolha de determinada linguagem metafórica. Estes factores podem ser de ordem linguística - jogo de palavras, aliteração, rima, etc. com outro termo presente no co-texto - ou de ordem extralinguística - caso em que o leitor terá de recorrer ao contexto para entender a escolha do domínio metafórico. Para exemplos dos dois tipos de motivador, ver o nosso trabalho COIMBRA, 1996: 161-169.

## A.2. SU-V

Outra categoria que procurámos no corpus foi a dos títulos constituídos por um verbo de um lugar, quer inergativo quer inacusativo (ou como tal utilizado), e por um único argumento nuclear, externo, assumindo a relação gramatical final de sujeito. Esta é, em relação à totalidade dos títulos frase, a segunda configuração mais frequente em todos os jornais, abarcando um total de 185 títulos. Dentro deste esquema relacional SU-V, verificámos ainda a ocorrência de inversões na ordem canónica (neste caso, a configuração V-SU) e a possibilidade destes constituintes aparecerem, não isolados, mas acompanhados por outros elementos de natureza adverbial. Neste caso, verificámos ainda a sua posição na frase. No quadro 4, apresentamos a distribuição de frequências de acordo com as várias possibilidades que encontrámos no corpus.

CONFIGURAÇÃO	CM	CP	JN	P	TOTAL
SU-V	6	15	4	7	32
SU-V-X	38	24	39	13	114
SU-X-V-X	1	0	3	0	4
SU-X-V	2	7	1	0	10
X-SU-V	0	0	3	0	3
SU-V-X-X	3	0	4	0	7
X-SU-V-X	1	0	0	0	1
V-SU	0	2	0	3	5
X-V-SU	1	1	1	0	3
V-X-SU	1	0	0	0	1
X-V-X-SU	1	0	0	0	1
V-SU-X	1	0	3	0	4
<b>TOTAL</b>	<b>55</b>	<b>49</b>	<b>58</b>	<b>23</b>	<b>185</b>

**Quadro 4** – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintáctica A.2 (SU-V) por jornal

Assim, de entre os 185 títulos desta categoria, 32 seguem a ordem canónica SU-V e não incluem constituintes opcionais. Ex:

- (254) COMÉRCIO EMPALIDECEU
- (481) «Rato» não escapou
- (665) O social-imperialismo morreu
- (798) Barcelona «cai»
- (1798) RTP desliga...
- (2009) MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO VAI ENCOLHER

No entanto, a configuração mais frequente nesta categoria acrescenta a este esquema um ou mais elementos opcionais (sob o ponto de vista sintáctico, obviamente) em várias posições na frase, sendo a mais frequente a posição pós verbal:

- (243) BELENENSES/ "NAUFRAGOU"/ EM ESPINHO
- (991) PROMESSAS DE SURPRESA/ DESMAIARAM DE REPENTE
- (1247) CONGRESSO DOS EUA/ ABRE COM UMA AGENDA 'PESADA'
- (1290) GILLESPIE "ADORMECEU"/ AO SOM DO SEU TROMPETE
- (1504) Bulls tropeçam de novo
- (1840) SECTOR TÊXTIL/ TRABALHOU A MEIO GÁS

Os casos de inversão na ordem básica são muito poucos, afectando apenas 14 dos 185 títulos desta categoria. Ex:

- (101) «Morreu» o símbolo da resistência
- (180) COM JUSKOWIAK 'FUNDIDO'/ BRILHOU A LUZ DE CADETE
- (977) NASCE UMA ESPERANÇA/ PARA DOENTES ESQUIZOFRÉNICOS
- (1343) Morreu o pássaro mítico
- (1772) Em Hope renasceu a esperança
- (1773) Brilhou a "Festa das Fogaceiras"

Esta inversão do SU para a posição final de frase, que em Português só é facilmente admitida em verbos de um lugar (MATEUS et al, 1992: 213), destaca-o com a função textual de foco da informação (op. cit., p.153).

Em todas as variantes desta segunda categoria, verifica-se o predomínio do verbo como veículo metafórico. Apenas 25 dos 185 títulos estudados apresentam o sujeito como o termo pertencente ao domínio fonte da projecção metafórica. E, mesmo assim, apenas 10 de entre estes concentram a linguagem metafórica exclusivamente neste constituinte. Os restantes 15 apresentam uma de duas situações: ou se trata de títulos em que toda a frase se enquadra no mesmo domínio fonte da linguagem metafórica, ou apresentam uma

combinação de duas projecções metafóricas, uma feita pelo sujeito e outra, diferente, pelo predicado. Como exemplos do primeiro caso, podemos citar:

- (180) COM JUSKOWIAK 'FUNDIDO'/ BRILHOU A LUZ DE CADETE
- (310) "VENTOS" DA REFORMA/ TAMBÉM SOPRAM EM ESPANHA
- (393) Febre nacionalista sobe nos Balcãs
- (516) O fantasma sueco saiu ao intervalo
- (1398) "CABEÇAS"/ ROLARAM/ EM ADELAIDE
- (1698) ESTRELA DA SORTE BRILHOU/ NOS ÚLTIMOS SEGUNDOS

No segundo caso, encontramos os títulos:

- (1715) "Pulmão"/ de Lisboa nasce/ na Encosta/ da Saúde
- (1785) EUROPA A DUAS VELOCIDADES/ "PASSA" EM ESTRASBURGO

Assim, apenas no primeiro caso a linguagem figurada presente no sujeito é continuada no verbo, estabelecendo-se uma unidade semântica congruente entre si, mas em tensão com o co-texto. Os pares de lexemas luz/brilhou, ventos/sopram, febre/sobe, fantasma/saiu, cabeças/rolaram, estrela/brilhou são alguns exemplos do que acabámos de referir. O segundo caso, por sua vez, condensa, no mesmo título, duas metáforas diferentes.

### A.3. SU-VPRED-PREDSU

Esta é a terceira categoria mais produtiva no corpus dos títulos frase, com um total de 124 ocorrências. Trata-se de frases em que o verbo predicativo (também chamado copulativo) exige um predicativo do sujeito, ou de frases equativas (com predicadores estativos identificacionais)<sup>17</sup>, como por exemplo:

- (28) DISCURSO FATALISTA/ É UM CANCRO QUE CORRÓI/ A INOVAÇÃO DO ENSINO
- (113) ESPÍRITO DE MAASTRICHT/ ESTÁ ADORMECIDO
- (483) O primeiro golo foi o diabo...
- (1457) "Fundos estruturais/ não são o ouro do Brasil"
- (1763) ECONOMIA ALEMÃ/ CONTINUA SAUDÁVEL
- (1871) 'Isso é papel/ molhado'

<sup>17</sup> Ver MATEUS et al., 1992: 167 e 217-221; PERES, 1984: 154-164; CAMPOS & XAVIER, 1991: 197-201.



Alguns títulos desta categoria apresentam um predicador adjectival ou nominal de dois lugares, ocorrendo, nesse caso, um complemento oblíquo:

- (115) DROGA É A "MÃE"/ DE QUASE TODOS OS CRIMES
- (117) ITAMAR FRANCO É ALVO/ DE UMA TEMPESTADE/ DE CRÍTICAS
- (325) Lei de Bases é obra/ de 'cristãos novos'
- (421) PROJECTO QUEIRÓS É IGUAL/ AO TRATADO DE MAASTRICHT!...
- (940) MEIA-MARATONA DE LISBOA/ ESTARÁ RECHEADA DE 'ESTRELAS'
- (1687) Mostovoi foi 'pai' do empate

Os elementos opcionais surgem em várias posições na frase, embora predomine, tal como nas categorias anteriores, a posição final. Ex:

- (153) OS 'QUATRO/ MOSQUETEIROS'/ ESTÃO JUNTOS/ NOVAMENTE
- (597) NEM TUDO SÃO ROSAS/ NA PRAÇA DAS FLORES
- (1325) PARAÍSO/ ESCOCÊS/ É AGORA/ UM/ INFERNO
- (1514) RUSSOS FORAM 'REIS'/ NA CAPITAL ALGARVIA
- (1590) PONTE DO FREIXO/ AINDA É MIRAGEM/ ENTRE AS DUAS MARGENS/ DO DOURO
- (1730) QUANDO A TARDE É DE PRATA(S)/ O SILÊNCIO É DE... OIRO

Em relação à inversão da ordem básica dos constituintes, verificámos a ocorrência de apenas 4 casos:

- (8) LONGE VAI O TEMPO... DA "DEGOLA"
- (26) É URGENTE/ INVESTIR/ NO COMBATE/ À SIDA
- (1262) TURVAS/ ANDAM/ AS ÁGUAS
- (1380) É difícil ser 'rei' jovem na Europa

No quadro 5, podemos observar a distribuição de frequências de acordo com as diversas possibilidades encontradas, nesta categoria, nos quatro jornais pesquisados:

CONFIGURAÇÃO	CM	CP	JN	P	TOTAL
SU-VPRED-PREDSU	31	12	34	10	87
SU-VPRED-PREDSU-X	10	0	11	2	23
SU-VPRED-X-PREDSU	0	0	2	1	3
SU-X-VPRED-PREDSU	0	0	1	1	2
X-SU-VPRED-PREDSU	1	0	2	0	3
SU-VPRED-PREDSU-X-X	0	0	1	0	1
SU-X-VPRED-PREDSU-X	0	0	1	0	1
PREDSU-VPRED-SU	1	0	1	0	2
VPRED-PREDSU-SU	0	0	1	0	1
VPRED-PREDSU-SU-X	1	0	0	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>44</b>	<b>12</b>	<b>54</b>	<b>14</b>	<b>124</b>

**Quadro 5** – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintáctica A.3 (SU-VPRED-PREDSU) por jornal

No que respeita à linguagem metafórica, os títulos com esta configuração sintáctica apresentam-se como metáforas 'in praesentia' do tipo **A é B**, em que **A** corresponde ao teor metafórico e **B** ao respectivo veículo. Os dois domínios da projecção metafórica estão, deste modo, expressos e em confronto directo no título. Assim, na esmagadora maioria dos casos, o sujeito do título frase, nesta categoria, é congruente com o texto, e o predicativo do sujeito pertence a um domínio fonte de linguagem metafórica. Do total destes 124 títulos, a correspondência do veículo metafórico com o predicativo do sujeito apenas não acontece em 11 casos. Tal como na categoria anterior, também nesta é acentuada a tendência para situar os veículos metafóricos no predicador da frase. Em qualquer dos casos, o facto da metáfora se realizar 'in praesentia' traz consigo duas consequências no processo de descodificação. Em primeiro lugar, facilita a sua identificação através da tensão semântica sentida entre os seus termos. Nas palavras de Reeder (1986: 117), "metaphors contain the tension of logical contradiction at their hearts, in the 'is and is-not' of their nature". É devido à contradição entre o **é** afirmado na metáfora e o **não-é** proveniente do conhecimento dos significados dos termos em confronto, que a identificação da figura sai facilitada para o leitor. Uma segunda consequência da utilização destas metáforas do tipo **A é B** nos títulos de imprensa prende-se com a ligação catafórica do veículo metafórico ao co-texto. Assim, um título como

(483) O primeiro golo foi o diabo...

leva o leitor a interrogar-se "Diabo porquê/como?", ou seja, leva-o a procurar no texto a explicação para a presença do lexema incongruente. Neste caso, o texto da notícia cita as palavras de um dos envolvidos no jogo em que o Boavista derrotou o Beira Mar por

2-0 e que acabam por explicar a linguagem metafórica do título:

"O Beira Mar estava a jogar melhor do que nós quando surgiu o primeiro golo e isso foi decisivo".

Usando a terminologia de Beaugrande e Dressler (1981), a alta informatividade do título é reduzida através de um processo de pesquisa no texto mais à frente ("forward downgrading"). Este é um processo altamente motivador do prosseguimento da leitura. Neste caso particular, isso é ainda mais explorado, já que as palavras chave para a redução da metáfora, que transcrevemos acima, são colocadas praticamente no fim do texto da notícia.

#### A.4. SU-V-OBL

Esta configuração abarca os 98 títulos que são constituídos por um verbo de dois lugares cujos argumentos seleccionados são o sujeito e um argumento oblíquo, ou seja, um complemento regido de preposição. Não incluímos nesta categoria os títulos com objecto indirecto (cf. categoria A.7, pp. 142 e 143) apesar deste também ser um complemento regido de preposição, pois tem a particularidade de poder ser comutado paradigmaticamente por um pronome dativo, ao contrário dos que contemplamos nesta secção. Assim, englobaremos aqui os casos em que o argumento oblíquo é de natureza nominal, uma vez que pode ser substituído por pronome pessoal tónico (*nela*). Exemplo:

(657) LAVRADORES DO OESTE/ "DESANCAM" NA GNR

Incluem-se, também aqui, os títulos que, embora aparentemente da mesma natureza, apresentam um argumento oblíquo de natureza adverbial, isto é, substituível por advérbio (*lá*). Exemplo:

(1999) A procissão ainda vai no adro

O conjunto destes títulos constitui a quarta categoria, em termos de frequência, no corpus deste trabalho. No quadro 6, podemos verificar as variantes estruturais deste esquema.

CONFIGURAÇÃO	CM	CP	JN	P	TOTAL
SU-V-OBL	30	10	27	13	80
SU-V-OBL-X	2	0	4	0	6
SU-V-X-OBL	2	0	3	0	5
SU-X-V-OBL	2	1	0	1	4
OBL-SU-V	0	0	1	0	1
V-OBL-SU	1	0	0	0	1
OBL-V-SU	0	1	0	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>37</b>	<b>12</b>	<b>35</b>	<b>14</b>	<b>98</b>

**Quadro 6** – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintática A.4 (SU-V-OBL) por jornal

Tal como vimos nas categorias anteriores, também nesta é indubitavelmente predominante a configuração que não altera a ordem canónica dos constituintes de frase. Neste caso, as inversões só acontecem em 3 dos 98 títulos. Também confirmando o que já verificámos anteriormente, os títulos sem constituintes opcionais predominam em relação àqueles que apresentam esse tipo de constituintes, com a excepção da categoria A.2 que é a única em que isso não acontece. Deste modo, 80 dos 98 títulos da categoria A.4 apresentam o esquema básico SU-V-OBL, como nos exemplos:

- (300) BENFICA/ DE ALTA TENSÃO/ REBENTOU/ COM/ O DÍNAMO
- (1111) Dante desce ao Inferno
- (1246) START II pode 'esbarrar'/ no Congresso russo
- (1256) Proleite aposta em duas frentes
- (1439) INDÚSTRIA DO MINHO/ VIVE NUMA ENCRUZILHADA
- (1931) 'CIRCO' DA F-1/ REGRESSOU/ AO ESTORIL

Os restantes 15 títulos que também não alteram a ordem destes constituintes fazem-nos, no entanto, acompanhar de elementos gramaticalmente opcionais, não exigidos pelo predicador diádico da frase. Tal como seria de esperar, estes constituintes ocupam várias posições sendo mais frequente, no corpus, a posição final na frase:

- (24) CUNHA E SILVA/ SUBIU EM FLECHA/ NO "RANKING" ATP  
 (64) JUVENIS PARTEM PARA ITÁLIA/ NA MIRA DO TÍTULO EUROPEU  
 (211) Crise bate com força/ à nossa porta  
 (1446) SANTA MARIA FOI A BANHOS... NAS TAIPAS  
 (1999) A procissão ainda vai no adro  
 (2035) CARRO "DESCALÇO"/ ASSENTA EM TIJOLOS/ NA AVENIDA DA LIBERDADE

Em todas as variantes desta categoria A.4, verificamos, como parece ser habitual neste tipo de produção textual, uma tendência para a presença do veículo da linguagem metafórica no interior do SV. São apenas 12 os títulos desta categoria em que o sujeito corresponde ao veículo da metáfora. Nestes casos, o grupo verbal é geralmente congruente com o co-texto. Exceptua-se o título (1999), que transcrevemos acima, em que é a frase como um todo que apresenta essa incongruência. Assim, não sendo o sujeito semanticamente incompatível com o predicado, a linguagem metafórica só é reconhecida no confronto catafórico com o co-texto. Por si só, a frase *A procissão ainda vai no adro* poderia, em outro contexto, ser tomada literalmente, ligada a uma produção textual sobre o tema religioso. No entanto, o texto da notícia que ela intitula tem como tópico principal o recomeço dos protestos dos estudantes sobre o aumento das propinas no ensino superior. O próprio subtítulo *Propinas de novo na ordem do dia* enceta esse confronto metafórico entre título e co-texto.

#### A.5. SU-V-OD-OI

A quinta categoria de títulos frase inclui os 61 exemplos que seguem o esquema típico das frases em que o predicador triádico é um verbo ditransitivo. Destes, 51 seguem a ordem canónica no que diz respeito aos constituintes sintácticos e não apresentam elementos exteriores ao esquema funcional básico:

- (82) Overdose rouba/ vida a jovem

- (184) REVOLVER ESPANHOL/ DISPAROU ROCK A LISBOA  
 (794) Doze dão «prenda» a Portugal  
 (912) UEFA MOSTROU/ CARTÃO VERMELHO/ A PORTUGAL  
 (1560) OCIDENTE PUXA/ ORELHAS/ A SADDAM  
 (1950) "Fechámos a porta"/ a 22 brasileiros

Há apenas 5 casos em que a este esquema se juntam adjuntos circunstanciais, quer na posição final da frase, quer entre o verbo e o objecto directo:

- (285) PORTUGUESES ABRIRAM/ EM OVIEDO/ "CAÇA" AOS GRANDES MESTRES  
 (414) CAMPEONATO/ ALEMÃO/ VAI DAR HOJE/ UM PONTAPÉ/ NO RACISMO  
 (1312) Maioria corta "vazas" ao PC/ no horário de trabalho  
 (1359) BUSH GANHA/ BRAÇO DE FERRO/ A SADDAM/ NO ÚLTIMO "ROUND"  
 (1547) COUTO DOS SANTOS/DÁ UMA SEMANA À FPF PARA "ATACAR"/DESORDEM NO FUTEBOL

Os restantes 4 títulos são os únicos, nesta categoria, em que o esquema relacional é alterado, optando pela ordem SU-V-OI-OD, ou seja, antepondo o objecto indirecto ao directo:

- (136) GONZÁLEZ PEDE A CAVACO/ QUE AJUDE A 'PUXAR O CARRO'  
 (464) Guterres pede ao Governo/ cuidado com segundo "pacote"  
 (1751) BUSH DEIXA A CLINTON/ UM PRESENTE ENVENENADO  
 (1910) MONTEIRO PROMETE À DIREITA/ "VISTAS" PARA O PODER

No quadro 7, podemos ver a distribuição total e por jornal pesquisado das variantes desta categoria:

CONFIGURAÇÃO	CM	CP	JN	P	TOTAL
SU-V-OD-OI	24	7	17	4	52
SU-V-OD-OI-X	1	0	2	0	3
SU-V-X-OD-OI	0	0	2	0	2
SU-V-OI-OD	3	0	1	0	4
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>7</b>	<b>22</b>	<b>4</b>	<b>61</b>

**Quadro 7** – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintáctica A.5 (SU-V-OD-OI) por jornal

Nestes títulos, como seria de esperar dados os resultados obtidos nas categorias anteriores, o veículo da linguagem metafórica situa-se dentro do SV.

Apenas 2 títulos apresentam o sujeito como veículo metafórico:

- (1033) PORTUGAL "AZEDO" COM EUA/ COMPRA CAÇAS À HOLANDA  
 (1686) DEZ MINUTOS DE 'OURO'/ DÃO VITÓRIA A 'TRICOLORS'

Assim, é mais uma vez na predicação que a linguagem figurada nestes textos encontra o

seu lugar. Curiosamente, destes 59 títulos, apenas 1 situa o veículo no OI:

(43) JAPÃO UNE-SE AO CORO/ CONTRA ACORDO GATT

Em todos os restantes, o veículo metafórico coincide com o V ou com o OD ou mesmo com estes dois constituintes tomados em conjunto em expressões como *puxar as orelhas a*, *puxar lustro a*, *mostrar cartão vermelho a*, *abrir portas a*, *bater o pé a*. Algumas destas expressões tornaram-se habituais no nosso uso da linguagem e não são mais sentidas como metáforas vivas. Na hipótese de as encarmos em bloco indissociável como uma lexia complexa, isso levaria a deslocar esses exemplos para a categoria A.4<sup>18</sup>. No entanto, a sua utilização em títulos de imprensa consegue dar-lhes uma nova vida, reanimando a figura através de estratégias que consistem quase sempre no seu confronto com outros lexemas pertencentes ao domínio fonte da linguagem metafórica mas que, no mesmo título, são utilizados no seu sentido denotativo. O

<sup>18</sup> Aqui optámos por não o fazer devido à reanimação da figura (através dos processos referidos mais à frente) e também devido às dificuldades adicionais de categorização que isso iria acarretar para o trabalho. Em BERNARDO, 1985: 144-240, as expressões *fazer de conta*, *entrar em vigor*, *fazer espécie*, por exemplo, aparecem categorizadas como lexias complexas (substituíveis respectivamente por *fingir*, *vigorar*, *impressionar*) funcionando como V. No entanto, a expressão *ir pelos ares*, por exemplo, é apresentada, na frase *Qualquer dia vai tudo isto pelos ares*, como actualizando uma variante do esquema SU-V-OBL (na inversão X-V-SU-OBL) e, como tal, não é apresentada como lexia complexa (sintema) equivalente a *explodir*. Os exemplos que estão aqui em questão, no nosso trabalho, parecem aproximar-se mais deste último caso. De qualquer modo, é aqui nítida, tal como acontece em outras áreas da linguagem, a dificuldade em estabelecer fronteiras bem definidas. Sobre este assunto, ver POTTIER, 1978: 270-272. Ainda a propósito da distinção sintagma/sintema, esclarece Debaty Luca (1988: 146-147): “Se demander par exemple si (*la*) *France profonde* est un syntème ou un syntagme revient à examiner si aucune expansion ne peut porter sur l'un des constituants, ou si au contraire des séquences telles que *la France très profonde*, *La France la plus profonde*, *La France profonde et cachée* sont plausibles. Dans un tel cas, l'embarras du descripteur ne fera que traduire le caractère instable du complexe de signes dans l'usage des locuteurs: (*la*) *France profonde* sera peut-être un syntème pour certains et un syntagme pour d'autres, voire, chez un seul locuteur, tantôt un syntagme et tantôt un syntème selon les circonstances. Ce qu'il importe de remarquer, c'est que cette instabilité affecte uniquement les figements, qui à la différence des autres types de syntèmes ne sont pas créés instantanément sur des modèles de composition, de dérivation ou de confixation, mais sont issus de la lexicalisation progressive d'un syntagme. (...) En syntaxe, le danger est ici de ne pas identifier la présence d'un syntème dans l'énoncé: puisqu'un syntème doit compter syntaxiquement pour une seule unité et qu'on le fait compter pour plusieurs en ne l'identifiant pas comme tel, on se livrera inmanquablement à une analyse erronée, ou, dans le meilleur des cas, on soulèvera des questions qui ne sont en réalité que de faux problèmes syntaxiques. (...) *respirer la santé* est un syntème et s'interroger sur la fonction de *la santé* est hors de propos en syntaxe”.

jogo de palavras assim conseguido vai salientar as duas acepções da expressão:

- (184) REVOLVER ESPANHOL/ DISPAROU ROCK A LISBOA  
 (811) FESTA DA COOPERATIVA "A TELHA"/ ABRIGOU CRÍTICAS ÀS TAXAS DE JURO  
 (912) UEFA MOSTROU/ CARTÃO VERMELHO/ A PORTUGAL  
 (933) S. JOÃO/ DA MADEIRA/ PUXA LUSTRO/ À TECNOLOGIA/ DO CALÇADO  
 (1293) Torre(s) dá xeque ao governo  
 (1547) COUTO DOS SANTOS/ DÁ UMA SEMANA À FPF PARA "ATACAR"/ DESORDEM NO FUTEBOL

Nestes seis títulos, as expressões metafóricas *disparou*, *abrigou*, *mostrou cartão vermelho a*, *puxa lustro à*, *dá xeque a*, e *atacar* são revivificadas no confronto, respectivamente com as expressões *revólver*, *A Telha*, *UEFA*, *calçado*, *Torre(s)*, e *FPF* num processo que, como explicámos no subcapítulo 2.1.2 (p. 49) deste trabalho, ficou conhecido como a criação de uma meta-metáfora.

#### A.6. SU-V-OD-OBL

Pertencem a esta sexta categoria os títulos frase constituídos por um predicado em que o verbo selecciona um argumento OD e um OBL. Isto é, estamos em presença de um verbo transitivo de dois lugares em que um dos seus argumentos nucleares é um SP. Pelas mesmas razões que distinguimos a categoria A.4 da categoria A.7, distinguiremos aqui a categoria A.6 da categoria A.5, que vimos acima. No quadro 8, podemos rapidamente observar a distribuição de frequências nas diversas variantes deste esquema pelos jornais em estudo:

CONFIGURAÇÃO	CM	CP	JN	P	TOTAL
SU-V-OD-OBL	11	5	16	5	37
SU-V-OD-OBL-X	2	0	1	0	3
SU-V-X-OD-OBL	0	0	1	0	1
SU-X-V-OD-OBL	0	0	1	0	1
SU-X-V-OBL-OD	0	0	1	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>5</b>	<b>20</b>	<b>5</b>	<b>43</b>

**Quadro 8** – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintáctica A.6 (SU-V-OD-OBL) por jornal



A primeira constatação que fazemos ao ler o quadro é, mais uma vez, a do predomínio - aqui quase absoluto - da ordem básica sem a introdução de constituintes não argumentais, como nos exemplos:

(276) OBRAS TORNARAM A CASA/ NUMA ESPONJA BOLORENTA  
 (768) "Conquista da maioria absoluta/ lançará Gomes noutros voos"  
 (779) G.P. Natal deixou/ prenda no sapato/ de Luís Jesus  
 (1342) Cabo Verde coloca jornalistas na prateleira  
 (1521) PORTUGAL TRANSFORMA-SE/ NUM IMENSO "MUCEQUE"  
 (1777) DINAMARCA/ NÃO LEVARÁ/ 'BARCO' EUROPEU/ A BOM PORTO

Em relação à localização do veículo da linguagem metafórica no título, verificamos, recorrendo à base de dados, que este coincide com o sujeito da frase em apenas 8 exemplos, dominando, portanto, mais uma vez, o predicado como o lugar por excelência dos veículos metafóricos neste tipo de texto.

#### A.7. SU-V-OI

Bastante menos significativa, em termos estatísticos, que as categorias anteriores, a categoria A.7 apresenta apenas 12 ocorrências distribuídas como se indica no quadro 9:

CONFIGURAÇÃO	CM	CP	JN	P	TOTAL
SU-V-OI	4	1	2	1	8
SU-V-OI-X	1	0	1	0	2
V-SU-OI-X	2	0	0	0	2
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>12</b>

**Quadro 9** – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintáctica A.7 (SU-V-OI) por jornal

Trata-se de títulos frase em que o verbo selecciona um argumento externo, sujeito, e um complemento regido de preposição com a relação gramatical de objecto indirecto, o que o distingue da categoria A.4, como já foi referido acima.

A maior parte dos títulos desta categoria, mais uma vez à semelhança das anteriores, apresenta uma configuração desprovida de constituintes não argumentais e segue a ordem básica dos constituintes na frase. São disto exemplo as seguintes frases:

- (772) 'Azuis' de Belém/não/ resistem/ à fúria/ do 'leão'
- (778) Barca de Aveiro resistiu à tormenta das Antas
- (1094) "FAVA" DO BOLO-REI/ SAIU AOS COMERCIANTES
- (1319) Honecker *sobrevive* ao juiz
- (1509) GNR 'DEITA MÃO'/ A DROGA E ARMAS
- (1802) Mota Amaral acena a Clinton

Encontramos apenas dois casos de inversão na ordem canónica, nas frases que a seguir citamos:

- (3) FALTA DINHEIRO AOS HOSPITAIS/ PARA COMBATER A EPIDEMIA
- (469) FALTOU ALMA AOS LOCAIS/ PARA VISITANTE INSPIRADO

Mais uma vez se verifica o predomínio do predicado na localização do veículo da linguagem metafórica nos títulos frase. Apenas os títulos (778) e (1094), que transcrevemos acima, o localizam também no argumento externo.

#### A.8. SU-V-OD-PREDOD

Os títulos desta oitava categoria sintáctica apresentam uma construção predicação do complemento directo, também chamada construção predicação do objecto, em que o SV tem como núcleo um verbo transitivo predicativo, o qual selecciona, além do sujeito, um objecto directo e um predicativo do objecto directo. Segundo Joaquim Fonseca, estes verbos "apresentam uma configuração semântico-sintáctica característica, pois que cumulam o clasema *transitividade* e o que designarei por *traços de auxiliarização do Predicado*" (1993: 47). Com apenas 10 ocorrências no corpus deste trabalho, os títulos com esta configuração têm a distribuição que

apresentamos no quadro 10:

CONFIGURAÇÃO	CM	CP	JN	P	TOTAL
SU-V-OD-PREDOD	8	0	1	0	9
SU-V-OD-PREDOD-X	0	0	1	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>10</b>

**Quadro 10** – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintáctica A.8 (SU-V-OD-PREDOD) por jornal

Os exemplos, no corpus, são predominantemente construídos com os verbos *deixar* (5 ocorrências) e *pôr* (2 ocorrências). Com 1 ocorrência cada, temos ainda os verbos *querer*, *dizer* e *ver*. Todos os títulos seguem a ordem básica SU-V-OD-PREDOD e a grande maioria (9 em 10) não acrescenta a este esquema qualquer outro elemento:

- (532) 'NOVA TRAIÇÃO DA UGT/ DEIXA AUMENTOS PENDURADOS'
- (868) ESTACIONAMENTO DEIXA/ RESIDENTES 'PELOS CABELOS'
- (936) TECNOLOGIA DO CALÇADO/ NÃO DEIXA EMPRESAS DESCALÇAS
- (1138) CABEÇA DO 'REI MAGO' TONI/ PÔE PINTO DA COSTA FELIZ
- (1612) CAVACO SILVA 'ALFAIATE'/ QUER REGIÕES À MEDIDA
- (1639) Collor/ diz-se vítima/ da sua/ transparência

Apenas o título (1205) BUTROS GHALI/ VIU-SE GREGO/ EM MOGADÍSCIO acrescenta um adjunto, neste caso um locativo espacial, ao esquema básico.

Em relação à utilização da linguagem figurada, 8 dos 10 títulos apresentam veículos metafóricos no predicado. O (1612) estende os mesmos a toda a frase.

## A.9. V-OD

Nesta categoria incluímos os títulos construídos com verbos impessoais com complemento<sup>19</sup>. É, curiosamente, a única categoria em que todos os exemplos contêm na

<sup>19</sup> A propósito deste tipo de construção, dizem Busse e Vilela (1986: 50-51): “A classe tradicional dos verbos impessoais, que inclui os verbos sem sujeito nem objecto, tem de ser ampliada para verbos impessoais com complemento, a que correspondem, nas estruturas frásicas nucleares, outras estruturas que contêm apenas um actante diferente de A1: A2: [V+N] *Há uvas (ao almoço). Aqui tem galinha, tem quintal, tem quase tudo* (bras.). A4: [V+pN] *Trata-se de uma colectânea de estudos etnográficos*”.

sua estrutura frásica um ou mais adjuntos:

- (91) HÁ/ 'PODRIDÃO'/ A MAIS/ NO/ 'CALCIO'!!!  
 (188) Não há *estrelas* no céu...  
 (327) Há/ árvores/ 'assassinas'/ numa/ estrada/ de/ Mafra  
 (953) NO RESCALDO DO NATAL/ HÁ SEMPRE MAIS LIXO  
 (1292) Hoje há reis/ na supertaça  
 (1475) Há «Estrelas» no céu...  
 (1668) NO UNIVERSO DA SUCATA/ NÃO HÁ REI NEM ROQUE  
 (2011) Há 'redes' a meter cá brasileiros

Como seria de esperar neste esquema, não se verificam alterações na ordem básica dos constituintes obrigatórios. Os adjuntos são predominantemente colocados em fim de frase, com três excepções em que também aparecem em posição inicial. No quadro 11, podemos contabilizar estas variantes nos quatro jornais analisados:

CONFIGURAÇÃO	CM	CP	JN	P	TOTAL
V-OD-X	3	2	0	0	5
X-V-X-OD	0	0	1	0	1
X-V-OD-X	0	1	0	0	1
X-V-OD	0	0	1	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>8</b>

**Quadro 11** – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintáctica A.9 (V-OD) por jornal

Em quase todos os casos desta categoria, a sua inclusão no corpus deste trabalho ficou a dever-se à utilização de linguagem metafórica em que o veículo afecta o OD da frase. O único exemplo em que isso não acontece é o (953) em que o complemento *No rescaldo de* é a expressão que actualiza esse componente do discurso figurado.

#### A.10. SU-V-OBL-OBL

Com este tipo de configuração encontramos um único exemplo:

- (1049) ESTREIA DE MACAÉ/ ATIROU COM CHAVES/ PARA FORA DA TAÇA

Neste título, do CM, o verbo selecciona, além do sujeito, dois complementos regidos de

preposição. Esta não é, pois, uma categoria sintáctica produtiva no corpus do trabalho. De salientar, neste exemplo, a escolha do verbo *atirar* em acepção metafórica na construção de uma interessante metáfora combinada com jogo de palavras. A expressão *taça* é, assim, sentida simultaneamente na acepção "futebolística" do termo e no sentido de contentor (de onde algo pode sair). Atirar Y para fora da taça traz consigo, ao mesmo tempo, o significado de eliminar Y da prova (Taça de Portugal, neste caso) e, conseqüentemente, impedir Y de obter o respectivo troféu (taça). Os dois empregos - próprio e comum - do nome TAÇA são aqui confrontados e o problema do uso da maiúscula no caso do nome próprio (Taça de Portugal) não se põe, uma vez que todo o título se encontra em maiúsculas (geradoras, por isso mesmo, de ambigüidade e dupla leitura).

#### A.11. FRASES IMPERATIVAS

Apenas três títulos do corpus se caracterizam sintacticamente pelo facto de serem constituídos por frases de tipo imperativo<sup>20</sup>:

(262) ABRAM JÁ OS PÁRA-QUEDAS/ QUE A COISA ESTÁ PRETA...

(385) NÃO SE CRUCIFIQUE VÍTOR BAÍA/ PELO ECLIPSE DO F.C.PORTO

(728) FAÇA FAVOR DE SE METER/ NA SUA ÁREA

Em relação à distribuição por jornal analisado, o primeiro exemplo é do CM e os dois seguintes do JN, não apresentando o CP e o P nenhuma ocorrência desta categoria.

O exemplo (262) apresenta sujeito nulo, o verbo no plural com um sentido de

---

<sup>20</sup> Verificamos, nos exemplos recolhidos, a indiferenciação entre os modos verbais do conjuntivo e do imperativo na expressão da ordem. Como salienta Fernanda Irene Fonseca, "C'est un fait bien connu que le subjonctif "remplace" l'impératif a la première et à la troisième personnes, formes que l'impératif, mode allocutif, ne possède pas. En portugais, ce phénomène entraîne un emploi très réduit de l'impératif, étant donné que la troisième personne est devenue la forme d'interpellation la plus courante: au singulier dans le vouvoiement (le "você" tout à fait généralisé au Brésil et coexistant avec le "tu" au Portugal) et, au pluriel, comme forme presque unique (la deuxième personne ne survit que dans quelques variétés régionales, dans l'oratoire – surtout religieuse – et dans certaines formes du langage soutenu, senties comme "démodées"). Il devient donc impossible de distinguer, quant à la valeur, les formes d'imperatif et de subjonctif présentes dans des énoncés tels que "Sai!", "Saia!", "Saia!" (1994: 29-30).

indeterminação e contém, como elementos sintacticamente opcionais, um adjunto e uma subordinada. A frase principal situa no OD o veículo de linguagem metafórica em que a menção do *pára-quedas* significa um apelo à protecção indispensável; a subordinada situa o veículo no respectivo PREDSU em que, numa nova metáfora, se sugere o perigo da violência no futebol. O carácter apelativo do título, dirigido aos leitores do suplemento desportivo do CM e potenciais espectadores de jogos de futebol, é assim reforçado pelo uso das metáforas, do tipo imperativo e das reticências em final de frase.

Duas metáforas diferentes no mesmo título encontram-se também no exemplo (385). A primeira tem como veículo o verbo *crucificar* no sentido de culpabilizar/condenar; a segunda tem como veículo o nome *eclipse* referindo a derrota.

O exemplo (728) contém uma fórmula de atenuação, encontrando-se o verbo *meter* no infinitivo. É curiosa a escolha da linguagem figurada neste título, o qual, inserido na secção de desporto, utiliza linguagem própria deste domínio, dando-lhe um sentido diferente (trata-se de uma advertência da Federação a Carlos Queirós para, como se diz no lead, se "meter nas áreas que lhe dizem respeito").

Trata-se, portanto, de tipos de frase pouco frequentes nos títulos das notícias, até porque neste tipo de texto escrito não é de esperar o confronto locutor-alocutário(s), típico das frases imperativas. Isso talvez explique o facto de os dois primeiros casos apresentarem, respectivamente, um sujeito nulo plural e um pronome *se*, não se dirigindo a um alocutário determinado. O mesmo não acontece no exemplo (728), mas, uma vez que se trata de discurso citado, o alocutário do acto directivo não é, obviamente, o leitor do

título.

De salientar, ainda, é o facto de não termos encontrado este tipo de ocorrências fora da rubrica desportiva do jornal. Como veremos mais adiante, as secções desportivas parecem gozar de uma maior variedade e criatividade linguística nos seus títulos.

## A.12. FRASES INTERROGATIVAS

Embora em número não muito elevado, as frases interrogativas são mais frequentes que as imperativas. Em todo o corpus, encontramos um total de sete ocorrências:

- (60) XANANA SOFREU/ LAVAGEM/ AO CÉREBRO?
- (125) Houve lavagem ao cérebro?
- (208) Bill Gates jogará mesmo limpo?
- (1369) Saddam já pestanejou?
- (1537) Será africana a estrela de amanhã?
- (1759) SOCIALISTAS/ FRANCESES/ VÃO SER/ ESMAGADOS/ NAS ELEIÇÕES?
- (1768) Há alternativa à escola biodegradável?

Todos os exemplos são interrogativas globais<sup>21</sup> afirmativas. Sintacticamente, não apresentam qualquer alteração face às declarativas correspondentes, apenas se distinguindo delas pela curva de entoação específica assinalada, a nível gráfico, pelo ponto de interrogação. Assim, podemos categorizá-las de acordo com as declarativas correspondentes, uma vez que a ordem de constituintes é idêntica. No quadro 12 podemos observar a distribuição das frequências por jornal analisado.

---

<sup>21</sup> As frases interrogativas globais também são chamadas totais, proposicionais, fechadas ou de sim/não e caracterizam-se pelo facto de apresentarem “uma ordem de constituintes idêntica à de uma construção Declarativa, sendo apenas diferente a curva melódica de uma e de outra” (CAMPOS & XAVIER, 1991: 256)

CATEGORIA	CM	CP	JN	P	TOTAL
A.1.	0	0	1	1	2
A.2.	0	0	0	1	1
A.3.	1	0	0	0	1
A.9.	0	0	0	2	2
A.14.	0	0	1	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>7</b>

**Quadro 12** – Distribuição dos títulos frase interrogativos pelas categorias correspondentes (frequências absolutas por jornal)

O uso da linguagem metafórica não se distingue, nestas frases, daquele que é feito nas declarativas. Mais uma vez, os veículos metafóricos tendem a localizar-se no SV, exceptuando o exemplo (1537) em que aquele corresponde ao SU da frase.

### A.13. FRASES PASSIVAS DE *SER*

Encontrámos, no corpus deste trabalho, 4 títulos frase ilustrando passivas de *ser*<sup>22</sup>:

- (468) Jejum de seis semanas/ foi interrompido
- (473) Fomos atropelados/ por um Ferrari!
- (1172) Foram injectados de 85 para cá/ 420 milhões na Agricultura
- (1951) Novo Código/ de Avaliações/ foi chumbado

O exemplo (473) distingue-se sintacticamente dos outros por ser o único que apresenta sujeito nulo (subentendido), mas, em compensação, é o único dos quatro em que o adjunto agente da passiva se encontra expresso<sup>23</sup>. O (1172) é, por sua vez, o único

<sup>22</sup> Para alguns autores, estas construções aproximam-se, em certos aspectos, das construções que aqui incluímos na categoria A.3. Segundo Alarcos, por exemplo, “las llamadas estructuras pasivas se identifican – en cuanto a sus elementos y relaciones gramaticales – con los predicados caracterizados por la atribución” (1987, cap. 8; cf. TORRES LOPEZ, 1990: 196).

<sup>23</sup> Mateus-Silva (1994: 425), num corpus de 300 frases passivas seleccionadas do Português corrente escrito, na maioria textos informativos, observou que 54% apresentava o agente expresso, enquanto em 46% se verificava o apagamento do mesmo. A autora acrescenta: “alguns verbos exigem a presença do agente da passiva, mas nenhum exige o seu apagamento (...) [o qual] não depende de imposições de ordem sintáctica”.



caso em que se verifica a alteração da ordem canónica dos constituintes neste tipo de frase através da posposição do SU em relação ao V. É também o único exemplo em que o V não selecciona um só argumento interno mas dois, sendo um deles regido de preposição.

Se fizéssemos corresponder estas frases passivas às respectivas activas, teríamos uma distribuição pelas seguintes categorias:

CATEGORIA	CM	CP	JN	P	TOTAL
A.1.	3	0	0	0	3
A.6.	1	0	0	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>4</b>

**Quadro 13** – Distribuição dos títulos frase na voz passiva pelas categorias activas correspondentes (frequências absolutas por jornal)

A primeira constatação que fazemos ao ler o quadro 13 é a de que a distribuição das ocorrências pelos jornais se concentra, exclusivamente, no CM. Isto não significa que os outros jornais ignorem totalmente este tipo de construção nos títulos metafóricos. Para a pequena frequência deste tipo de frase no CM e a sua total ausência nos outros três jornais poderemos encontrar uma explicação que se relaciona com a tendência "telegráfica" dos títulos de imprensa leva, entre outras coisas, à supressão dos auxiliares, fazendo com que este tipo de frase - em que o auxiliar é imprescindível - tenda a ser elíptico. Por essa razão, abordaremos o seu tratamento no subcapítulo seguinte, o dos títulos elípticos, na categoria B.4. Assim, um título como o (468) poderia, eventualmente, apresentar a configuração *Jejum de seis semanas interrompido*, ou, em lugar do (1951), poderíamos ter *Novo Código de Avaliações chumbado*. Neste caso, eles seriam categorizados em B.4.2.1, onde poderemos encontrar exemplos semelhantes.

No que diz respeito à localização dos veículos de linguagem metafórica, também nesta categoria, eles se encontram preferencialmente no predicado. O título (468) é o único em que um veículo metafórico *jejum*, significando a ausência de vitórias do

Tirsense em futebol) não se localiza no SV da frase.

#### A.14. FRASES PASSIVAS DE *SE*

As passivas de *se*, também chamadas passivas de clítico<sup>24</sup>, são em número de 12 no corpus do nosso trabalho. Exemplos:

- (35) Levanta-se o pano
- (415) VÊ-SE UMA LUZ/ AO FUNDO DO TÚNEL
- (776) NÃO SE FAZEM 'EINSTEINS'/ SÓ COM LÁPIS E PAPEL
- (914) FEBRE DE NATAL/ CONSOME-SE NO "HIPER"
- (1940) Não se faz política com capelas
- (1995) Luta das propinas/ reacende-se hoje

São, como podemos constatar, três vezes mais numerosos os exemplos de passivas de clítico em relação às passivas de *ser* nesta secção dos títulos frase.

Ao contrário do que temos vindo a verificar nas categorias anteriores, nesta categoria encontramos um equilíbrio entre o número de veículos de linguagem metafórica no sujeito e no predicado da frase.

---

<sup>24</sup>Estas construções V+se nem sempre são fáceis de classificar. Enquanto as construções de *se* reflexo (como em *O Pedro lava-se*) e de *se* recíproco (como em *Eles odeiam-se*) não oferecem grandes dificuldades, já a distinção entre o *se* "impessoal" e o *se* "passivo" nem sempre é fácil, principalmente se o verbo é transitivo e está no singular. A este propósito, dizem Busse e Vilela (1986): "Ao nível da língua, a construção V+se tem um valor único, o de reduzir sintacticamente o número dos actantes do verbo. Os diferentes significados atribuídos a esta construção dependem do contexto (do verbo e dos actantes) e, às vezes, uma construção pode ser interpretada de várias maneiras".

Peres e Mória (1995: 235) explicam assim esta dificuldade: "No que respeita aos casos em que a forma verbal é transitiva e singular, pode verificar-se uma de duas situações: ou o segundo argumento do verbo é plural - caso em que não concorda com o verbo -, e estamos perante uma construção impessoal (...) *ouve-se ruídos durante a noite* -, ou o segundo argumento é singular, como em *comprou-se um livro encadernado*. Admitimos duas possibilidades de análise estrutural deste último tipo de frases - como construções passivas (em que o argumento interno - neste caso, *um livro encadernado* - é sujeito) e como construções impessoais (em que temos um sujeito indeterminado e o argumento interno é complemento directo). Podemos, pois, dizer que [estas frases] são estruturalmente ambíguas. Trata-se, no entanto, de uma ambiguidade estritamente sintáctica, que não tem consequências ao nível semântico, já que a informação veiculada é a mesma nas duas construções".

### A.15. OUTRAS CONFIGURAÇÕES

Não estão incluídos em nenhuma das categorias anteriores os títulos

(467) Quem 'tropeçou'/ foi o Belenenses

(903) BENFICA ACERTA/ (COM) PAÇOS/ NA PERSEGUIÇÃO/ AO LÍDER

O (467) apresenta-se como a única estrutura pseudo-clivada que encontramos no corpus. Neste caso, a frase tem em comum com a nossa categoria A.2 a presença do verbo intransitivo e respectivo argumento externo, e com a nossa categoria A.3 a presença do verbo predicativo.

O (903) também não foi incluído em nenhuma das categorias anteriores, uma vez que se trata de uma frase estruturalmente ambígua. De facto, ela utiliza um recurso gráfico, o parêntesis, que permite fazer duas leituras: uma ignorando o seu conteúdo, outra levando-o em conta. Assim, a primeira leitura encararia a expressão *acertar passos* significando que a vitória do Benfica o colocou em boa posição para disputar a liderança do campeonato; no segundo caso, o verbo *acertar* é visto no seu significado de atingir o objectivo e a expressão *com Paços* referir-se-ia ao facto de que a vitória se verificou frente ao Paços de Ferreira. Há, pois, um jogo de palavras entre o nome *passos* e o seu homófono *Paços*. Mais uma vez, a escolha das maiúsculas para todo o título facilita a comutação entre o nome próprio e o comum. Ainda no caso de se contemplar a expressão parentética, uma terceira leitura será possível, de acordo com a sequência fónica da expressão *acerta com passos*. Trata-se da hipótese de considerar a expressão *acerta compassos*. No entanto, a presença de um espaço branco imediatamente antes de PAÇOS talvez revele esta hipótese como não intencional da parte do redactor.

## A.16. FRASES COORDENADAS

Finalmente, incluímos numa categoria à parte os 51 títulos que incluem duas frases coordenadas. Devemos ainda referir que não encontramos casos em que a coordenação se efectuasse entre mais do que duas frases. Nesta categoria podemos encontrar uma de duas situações: por um lado, temos os exemplos em que as duas frases que estão coordenadas apresentam a mesma estrutura. Neste caso encontramos frases que apresentam a configuração que estudámos na categoria A.1 (SU-V.OD) e títulos em que as duas frases tem uma estrutura idêntica às por nós incluídas na categoria A.2 (SU.V):

(332) REHN(A) 'REINOU'/ E ERIKSSON MARCOU	(A.2 + A.2)
(440) O FC de Perafita sonhou/ e o novo complexo nasceu	(A.2 + A.2)
(463) Estoril rasteira Sporting/ árbitro rasteira Estoril	(A.1 + A.1)
(993) AUTARQUIAS/ NÃO PEDEM CÉU/ MAS RECUSAM/ O INFERNO	(A.1 + A.1)
(1618) GHALI "ABENÇO" ATAQUE/ -DEPUTADOS RUSSOS/ QUEREM EXPLICAÇÕES	(A.1 + A.1)
(1959) CAI A ÁGUIA/ OU TOMBA O DRAGÃO	(A.2 + A.2)

Por outro lado, as duas frases coordenadas podem apresentar estruturas diferentes entre si e podem-se combinar de diversas maneiras:

(169) CHOVEU A POTES.../ E FORAM RIOS DE PROBLEMAS	(V-X + A.3)
(181) 'MASSACRAR' NÃO CHEGA/ É NECESSÁRIO ALGO MAIS	(A.2 + A.3)
(291) "É uma criança saudável/ e vai sobreviver"	(A.3 + A.2)
(314) Álbum dos "Zero" é bem feito/ mas não faz ferver o sangue	(A.3 + A.1)
(593) BENFICA/ NÃO FUGIU/ À "SINA/ ITALIANA"/ -JUVENTUS/ VEM À LUZ	(A.7 + A.4)
(1949) AZEITE 'ESCORREGOU' E PRODUÇÃO CAIU PARA 50%	(A.2 + A.4)

O título (169) apresenta uma construção de coordenação em que a primeira frase não corresponde a nenhuma das nossas categorias anteriores, já que é constituída por um verbo impessoal. Pelos outros exemplos, vemos que várias são as combinações possíveis.

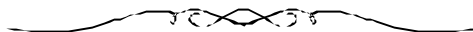
Tendo, deste modo, em conta a análise em estruturas que apresentámos nas categorias anteriores, podemos, no quadro 14, verificar o tipo de combinações que os 51 títulos desta categoria apresentam. A combinação A.2 + A.2, com um total de 20 ocorrências, é, sem qualquer dúvida, a que mais exemplos contabiliza.

CATEGORIAS COORDENADAS	CM	CP	JN	P	TOTAL
A.1 + A.1	4	0	4	0	8
A.1 + A.2	1	0	1	0	2
A.1 + A.3	1	0	1	0	2
A.1 + A.5	1	0	0	0	1
A.1 + A.6	1	0	1	0	2
A.2 + A.1	1	0	1	1	3
A.2 + A.2	5	6	7	2	20
A.2 + A.3	2	0	0	0	2
A.2 + A.4	1	0	1	0	2
A.3 + A.1	0	0	2	0	2
A.3 + A.2	0	0	1	1	2
A.4 + A.3	1	0	0	0	1
A.5 + A.1	0	0	0	1	1
A.6 + A.1	0	0	1	0	1
A.7 + A.4	0	0	1	0	1
V-X + A.3	0	0	1	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>	<b>6</b>	<b>22</b>	<b>5</b>	<b>51</b>

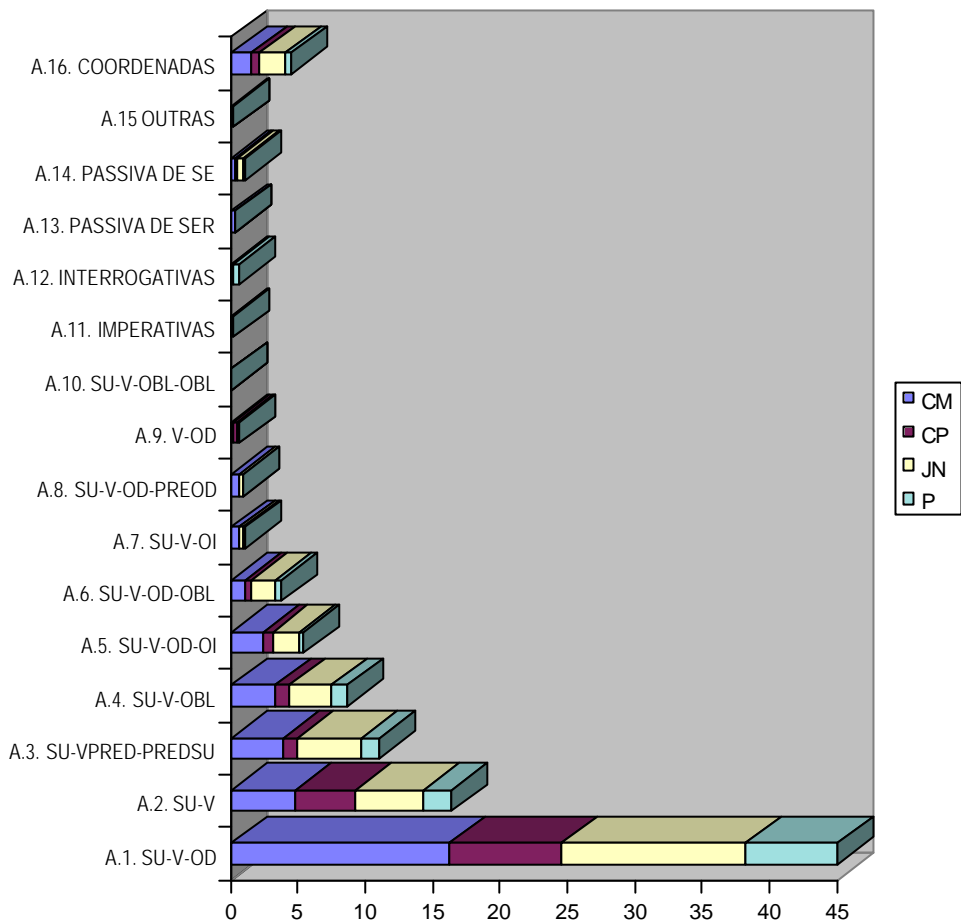
**Quadro 14** – Distribuição dos títulos constituídos por frases coordenadas pelas combinações de configurações sintáticas (frequências absolutas por jornal)

Em relação à utilização da linguagem metafórica, este tipo de construção mantém as mesmas características observadas relativamente às categorias anteriores em que as respectivas estruturas foram apresentadas. É interessante, no entanto, observar que aqui as frases podem ambas conter veículos metafóricos – como é o caso dos exemplos (291), (440), (993), (1959) e (1949) que transcrevemos acima – ou apenas a primeira delas – como nos exemplos (332), (1618), (181) e (593) – ou apenas a segunda – como em (463), (169) e (314). No caso em que apenas uma das frases

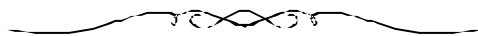
contém linguagem metafórica, é interessante notar que, por vezes, a mesma expressão linguística (ou uma expressão linguística pertencente ao mesmo domínio conceptual) surge na outra frase mas tomada no seu sentido literal. Isto acontece nos exemplos (169) e (463), criando jogos de palavras com um efeito retórico muito interessante e que abordaremos na secção 4.3.3. (pp. 351-372).



No decorrer desta análise, verificámos, pois, que os títulos frásicos se apresentam com uma grande diversidade de configurações sintácticas possíveis. Como podemos facilmente visualizar no gráfico 1, constata-se aqui o claro predomínio quantitativo da estrutura SU-V-OD no interior destes títulos. Verificamos, ainda, que as seis primeiras configurações sintácticas (A.1 a A.6) repartem entre si a grande maioria das ocorrências de títulos frase, sendo, em termos quantitativos, relativamente pouco significativa a presença de cada uma das categorias A.7 a A.15. Assim, embora diversas hipóteses de configuração diferente da frase se ofereçam, os títulos frase estudados tendem a concentrar-se num número restrito de possibilidades, reduzindo, assim, a diversidade linguística a este nível.



**Gráfico 1** - Percentagem das configurações sintáticas da categoria A (títulos frase) por jornal (cf. distribuição das frequências absolutas apresentada no quadro 2)



#### 4.1.1.2. OS TÍTULOS SINTACTICAMENTE ELÍPTICOS

A segunda configuração mais frequente nos títulos recolhidos (39,5% do total) é a dos títulos sintacticamente elípticos, normalmente constituídos por um SN ou SP e, em qualquer caso, caracterizando-se pela ausência da forma finita do verbo<sup>24</sup>. O facto de esta configuração não ser a que predomina no corpus aponta para uma especificidade do título noticioso, já que são geralmente de tipo elíptico, não frásico, os títulos que encontramos noutras produções – quadros, livros, filmes, etc. Mas é, de facto, tendencialmente o domínio frásico aquele que determina a construção dos títulos de imprensa – a notícia centra-se em geral sobre um acontecimento realizado por determinado sujeito e é na predicação que são transmitidos estes elementos essenciais. Daí que a linguagem destes títulos seja encarada pelos linguistas como frases – completas ou recuperáveis contextualmente (LEECH, 1966; ALCOBA & PEREZ-TORNERO, 1985). Em qualquer dos casos, trata-se de exemplos de linguagem "telegráfica" que geralmente omite artigos definidos, verbos auxiliares e verbos predicativos<sup>25</sup>. Há muitas diferenças a nível sintático entre a gramática dos títulos e a gramática discursiva, mas as omissões dos verbos constituem uma das "violações" mais salientes e comuns nos

---

<sup>24</sup> Para André Martinet, por exemplo, a frase é “l'énoncé dont tous les éléments se rattachent à un prédicat unique ou à plusieurs prédicats coordonnés” (1995: 131). Nesta linha, Claude Tatilon divide as frases em frases **completas** e frases **truncadas** e, dentro destas últimas, distingue as frases **elípticas** das frases **interrompidas**: “La phrase tronquée c'est la phrase du dialogue: «elle prend sa valeur en contexte et elle est syntaxiquement inanalysable», précise André Martinet (*Syntaxe Générale*, p. 194). Mais, elle peut fort bien s'interpréter syntaxiquement en fonction de son contexte; en effect, ce type de phrase, que je dirais *elliptique* (par rapport à la phrase *interrompue*, laissé en suspens pour diverses raisons imputables à la situation ou au locuteur et qui est, elle, impossible à interpreter), fait partie d'un mécanisme facile à décrire, permettant une élaboration relayée du texte dialogique, faite d'ellipses et de permutations” (1995: 261-262).

<sup>25</sup> O carácter frásico não é exclusivo dos títulos de imprensa. Os títulos de romances e outras obras literárias narrativas, estudados por Leo Hoek em *La Marque du Titre* (1981), apresentam-se, sob o ponto de vista sintático, como fundamentalmente nominais, e nesse sentido aponta toda a sua análise. No entanto, não deixa de notar nas suas conclusões finais: “Indépendamment de sa forme grammaticale, le titre fonctionne comme un substantif; cela ne l'empêche pas de se manifester sous la forme des constituants les plus divers: constituants nominaux, adverbiaux, adjectifs, phrastiques et interjectifs. (...) / **Malgré sa forme elliptique, le syntagme nominal que forme le titre spécifique fonctionne comme une phrase complète et sa structure profonde est parfaitement grammaticale**; par rapport à la séquence grammaticale, la spécificité syntaxique du titre est donc repérable au niveau de la surface textuelle. Une transformation de suppression (en général non récupérable) permet de rendre compte de la structure superficielle du titre à base du co(n)texte” (HOEK, 1981: 294).



títulos. Esta saliência resulta do facto de os verbos serem centrais no estabelecimento de relações de sentido, de tal modo que, segundo experiências de Perfetti et al. (1987: 693), em relação à imprensa de língua inglesa, o leitor de um título sem verbo, frequentemente, categorizava incorrectamente algumas palavras como sendo verbos<sup>26</sup>. A língua portuguesa talvez não se preste a este tipo de confusões, mas o problema dos títulos elípticos nem por isso deixa de se pôr.

Os 814 títulos elípticamente construídos não são elípticos da mesma maneira, ou seja, os elementos que, em relação à gramática discursiva, estariam omissos não são sempre os mesmos. Assim, vamos encontrar títulos constituídos por unidades gramaticais diferentes. A primeira tarefa na sua caracterização será, portanto, a de os agrupar segundo eventuais regularidades a este nível. Para isso, tal como aconteceu com os títulos estudados no subcapítulo anterior, uma vez que nenhuma das taxinomia apresentadas no capítulo 4.1. (pp. 101-119) nos pareceu suficientemente adequada e capaz de abarcar toda a gama de configurações sintácticas que encontrámos no corpus, construímos a nossa própria tipologia. No quadro 15, podemos observar, esquematicamente, os principais tipos e subtipos de títulos elípticos encontrados.

---

<sup>26</sup> Os autores dão o exemplo do título "Purdue Game It for Winless Pitt" que não tem verbo mas em que alguns leitores tentaram interpretar "Game" como tal. Este fenómeno gerador de ambiguidades é de tal modo sentido na imprensa de língua inglesa que **Gloria Cooper**, em 1980, publica uma obra intitulada *Squad Helps Dog Bite Victims and other Flubs from the Nation's Press* (outros títulos interessantes fazem parte de uma colectânea, também de Gloria Cooper, publicada em 1987 com o título *Red Tape Holds Up New Bridge, and more Flubs From The Nation's Press*). **Waterhouse** (1981: 97) caracteriza este tipo de títulos (em que o leitor tem dificuldade em distinguir se os lexemas são substantivos, adjectivos ou verbos) como um tipo de "Esperanto" primitivo (no Esperanto estas categorias são mutuamente permutáveis no que diz respeito à sua posição na frase). Ele conclui que, se o leitor é perito neste tipo de "Esperanto", isso será uma enorme ajuda para a compreensão dos títulos de imprensa em língua inglesa. E exemplifica com um título publicado pelo jornal *The Sun*: JAIL THREAT TO DRUG ROW STONE em que um leitor entendeu TO DRUG como um verbo quando na realidade o título se referia a Keith Richards (um Rolling STONE) a quem a justiça canadiana deu uma pena suspensa por delito ligado à droga (DRUG ROW) e ameaça prendê-lo (JAIL THREAT). **Bell** (1991: 189) utiliza, para este mesmo fenómeno, uma expressão de Michael Frayn: "unit headline language" que permite ao redactor a construção de títulos através da junção sucessiva de componentes monossilábicos e sintacticamente ambíguos, como este caso extremo: STRIKE THREAT PLEA PROBE MOVE SHOCK HOPE STORM.

<b>B. CONFIGURAÇÕES SINTÁTICAS DOS TÍTULOS ELÍPTICOS</b>					
<b>CONFIGURAÇÃO</b>	<b>CM</b>	<b>CP</b>	<b>JN</b>	<b>P</b>	<b>TOTAL</b>
<b>B.1. SNs</b>					
B.1.1. N (Adj)	2	16	12	22	52
B.1.2. N + F	0	1	1	2	4
B.1.3. N + SP					
B.1.3.1. N + Prep + N (Prep + N) (Prep + N)	74	154	122	183	533
B.1.3.2. N + Prep + Infinitiva	5	7	13	3	28
B.1.4. N + Epíteto	1	1	0	3	5
B.1.5. Outros SNs	2	0	4	4	10
<b>B.2. SPs</b>					
B.2.1. Prep + N (Prep + N) (Prep + N)	1	16	5	9	31
B.2.2. Outros	0	3	4	2	9
<b>B.3. Orações subordinadas</b>					
B.3.1. Orações conjuncionais	1	1	0	1	3
B.3.2. Orações participiais	0	1	1	0	2
B.3.3. Orações gerundivas	0	0	0	2	2
B.3.4. Construções com infinitivo inicial não flexionado:					
B.3.4.1. Inf + N	0	4	0	1	5
B.3.4.2. Inf + N + Prep + N	1	0	0	0	1
B.3.4.3. Inf + Prep + N (Prep + N) (Prep + N)	0	1	4	2	7
B.3.4.4. Outras	2	0	0	0	2
<b>B.4. Frases predicativas e passivas elípticas</b>					
B.4.1. Construções com adjectivos em posição predi- cativa: reduções de frases predicativas					
B.4.1.1. N + Adj + Prep + N (Prep + N)	4	4	7	0	15
B.4.1.2. N + Adj + Prep + Inf + N	2	0	2	0	4
B.4.2. Títulos incluindo participípios: reduções de frases passivas ou de construções predicativas					
B.4.2.1. N + Part	0	10	6	5	21
B.4.2.2. N + Part + Prep + N (Prep + N) (Prep + N)	13	9	32	11	65
B.4.2.3. N + Part + N	1	2	0	0	3
B.4.2.4. Outros	2	0	0	1	3
<b>B.5. Outras configurações elípticas</b>	0	4	4	1	9
<b>TOTAL</b>	<b>111</b>	<b>234</b>	<b>217</b>	<b>252</b>	<b>814</b>

**Quadro 15** Distribuição das configurações sintáticas da categoria B (títulos elípticos) por jornal (frequências absolutas)

À partida, quatro grandes tipos de estrutura dividem entre si os títulos em questão.

Assim, estes são constituídos por sintagmas nominais, por sintagmas preposicionais, por

orações subordinadas ou ainda por frases predicativas ou passivas elípticas. Cada uma destas grandes categorias apresenta-se ainda dividida em subcategorias, de acordo com a constituição estrutural interna dos referidos sintagmas ou orações.

Vejamos cada uma delas em particular, as quais serão sempre, por nós, ilustradas com exemplos retirados do corpus (para uma classificação completa de todos os casos, consultar o apêndice 2, pp. 539 a 549).

### B.1. SN

Numa primeira grande categoria, incluímos todos os títulos que apresentam um grupo nominal com função absoluta, visto que, não se encontrando esse grupo nominal inserido numa frase completa, não desempenha, conseqüentemente, uma relação gramatical inequívoca. Estes nominais destacados são, segundo Halliday (1994: 395), os pequenos textos em que a engenhosidade gramatical é maior. Eles podem compactar grandes quantidades de informação e a razão, segundo aquele autor, é que apenas os nominais podem desenvolver qualquer variação temática possível. Não havendo uma estrutura Tema-Rema independente dentro do grupo nominal, ele pode, por si só, comunicar, efectivamente, sem as amarras desnecessárias – no contexto – que levaria uma construção frásica completa.

Esta grande classe dos grupos nominais inclui, pois, todos os títulos elípticos que carecem de sintagma verbal e em que o núcleo gramatical é um nome, mais ou menos acompanhado por especificadores e/ou complementos, tornando-se, na maior parte dos

casos, impossível a reconstituição de uma frase completa<sup>27</sup>. É esta configuração, que aqui contemplamos na categoria B.1, que abarca a grande maioria (632 num total de 814) dos títulos elípticos estudados, traduzindo-se numa percentagem de 77,6.

O nome que forma o núcleo destas estruturas raramente surge isolado, nos títulos de imprensa. De facto, não encontramos nenhum caso no corpus em que o título fosse constituído apenas por um nome, ocorrendo apenas um exemplo de um núcleo de tipo pronominal:

(1279) Tudo em família

Estas ausências talvez se devam ao facto de aqueles casos constituírem estruturas de tal modo simplificadas que reduziriam demasiado a eventual informação veiculada no título da notícia, o qual não transmitiria suficientes elementos informativos ao leitor.

Dos vários elementos que acompanham o núcleo nominal, surgem os cinco subtipos na nossa tipologia:

---

<sup>27</sup> Segundo a terminologia de Timothy Shopen (cf. HOEK, 1981: 60-61), estaríamos aqui perante elipses de função *functional ellipsis*, ou seja, enunciados elípticos que apresentam um argumento que não é acompanhado do seu predicado (por oposição a elipse de constituinte *constituent ellipsis*), onde se constata a presença de um predicado que não é acompanhado de todos os seus argumentos). No entanto, esta questão não é pacífica. Shopen, defendendo o carácter predicativo do título, supõe-lhe uma estrutura predicativa ilocucionária do tipo

[O livro intitula-se] *O Primo Basílio*

[O quadro intitula-se] *Os Malmequeres*

[A composição intitula-se] *Sinfonia Pastoral*.

Deste modo, o título elíptico nominal seria visto como constituindo um predicado nominal e formaria, enquanto tal, um predicado e não um argumento. Logo, se o título tem o carácter de uma predicação, tratar-se-á antes de uma elipse de constituinte. Além disso, uma vez que a parte suprimida do título tem como referente a obra - livro, quadro, composição, etc. - para a qual focaliza a atenção do locutor, ela é, segundo Shopen, uma elipse deíctica.

Especificamente em relação aos títulos de imprensa, Demers (1994: 525) situa estes títulos nominais no âmbito dos títulos com elipse de sujeito + verbo. E precisa, ainda, que este tipo de elipse só é possível no caso da supressão de impessoais do tipo *il y a* ou *there is*, como nos exemplos:

Coupes sombres au Pentagone

Accord de principe entre Téhéran et Washington

Crisis in way of life in Korea despite three years of democratic rule

Grief at the loss of nerve

### B.1.1. N (Adj)

O nome, que pode ser próprio ou comum, pode vir simplesmente antecedido por especificadores e/ou acompanhado por sintagmas adjectivais, como acontece nos exemplos que a seguir transcrevemos:

- (66) CONQUISTA POLACA
- (348) NOITE PORTISTA DEMASIADO FRIA
- (1215) UMA POBREZA FRANCISCANA
- (1218) UMA ÚNICA/ AZEITONA
- (1476) Brilhante Ermezinde!
- (1947) A «guerra» informática

O adjectivo, nestes casos, pode ser posposto, como no título (1215), ou, mais raramente, anteposto, como é o caso do exemplo (1476). Além disso, neste tipo de configuração, o núcleo do sintagma pode ainda ser constituído não por um único nome, mas por dois (ou mais) coordenados:

- (47) Muita 'parra' e pouca 'uva'
- (294) Fernando Couto e Filipe muito frios
- (1007) Três flechas e um arco
- (1030) Nem cautelas, nem "caldinhos"
- (1119) Seleccionadores e *vassouradas*
- (1797) Testemunha "fantasma"/ e advogado suspenso

Embora não seja muito frequente, os nomes que integram os títulos desta categoria podem também ser compostos<sup>28</sup>:

- (959) Carrinhas-piratas
- (1164) Quebra-cabeças

---

<sup>28</sup> Apesar de não serem frequentes na imprensa portuguesa, este tipo de compostos, em que um dos constituintes é tomado em sentido metafórico, é relativamente frequente nos títulos metafóricos em língua alemã, dada a tendência aglutinante desta língua. Sabine De Knop, na sua tese de doutoramento publicada com o título *Metaphorische Komposita in Zeitungsoberschriften*, analisa palavras compostas utilizadas em títulos na imprensa alemã em que um dos constituintes do composto é utilizado metaforicamente. Partindo de um corpus de 243 títulos, De Knop não apresenta, no entanto, um estudo da configuração sintáctica dos títulos, limitando-se a classificar a classe morfológica a que pertencem os constituintes do composto e a relação gramatical final do mesmo (1987: 77-79 e 174-206). Trata-se de um dos poucos trabalhos, no âmbito da Linguística (embora restringido à análise da palavra composta) em que a linguagem metafórica dos títulos de imprensa é estudada.

(1765) O Presidente-Sol

(1854) O Homem-Caixa

Deste subtipo – N (Adj) – encontramos um total de 52 exemplos, o que significa que não é o grupo dominante dentro do tipo B.1. A grande maioria dos títulos da categoria B.1 tende, pois, a ser mais elaborada, com um ou mais sintagmas preposicionais à direita do núcleo, como veremos em seguida.

### B.1.2. N + F

Além dos adjectivos, outro complemento possível do nome é a oração relativa de tipo restritivo, embora se trate de uma possibilidade pouco utilizada (apenas 4 casos em todo o corpus):

(79) A MÁQUINA QUE DEVOROU GEORGE MICHAEL

(233) UM "PINTO" QUE QUIS SER "GALO"

(849) As férias que morreram no avião

(1024) O ano em que o dinheiro/ caiu do céu

Esta subcategoria engloba, pois, as construções em que o núcleo nominal é antecedente do pronome relativo e, tal como todos os exemplos da categoria B.1, não faz parte integrante de uma proposição expressa na superfície textual

### B.1.3. N + SP

A maioria dos títulos elípticos é constituída por um núcleo nominal seguido de um ou mais sintagmas preposicionais incluindo, eles próprios, outros sintagmas nominais ou orações com infinitivo não flexionado.

#### B.1.3.1. N + Prep + N (Prep + N) (Prep + N)

A configuração sintáctica B.1.3.1, em que os SPs incluem SNs, atinge os 533

casos, ou seja, 65,5 % do total de títulos elípticos do corpus. São muito variadas as preposições e locuções prepositivas que encontramos nestas construções. Os nomes, tal como nos outros subtipos, também podem vir acompanhados por especificadores e/ou adjectivos. Encontrámos 301 casos em que um único SP seguia o núcleo nominal:

- (4) A ponta de um ícebergue
- (221) "Profes" em sentido
- (267) Reforma a meio gás
- (272) "Arma Alimentar" contra a fome
- (391) Portugal atrás do "quebra gelo"
- (943) Têxtil com Natal negro

A configuração N + Prep + N destaca-se por ser, por uma larga margem, a maioritária de entre todas as configurações elípticas encontradas no corpus de trabalho. Tal como acontece em outros casos, também aqui encontramos exemplos em que a configuração sintáctica é dobrada em estruturas de tipo paralelístico binário:

- (599) PESADELO DE CRAXI/ -SONHO DE BOSSI
- (1014) "REVEILLON" FORA DE CASA/ -CASAMENTO COM A DIVERSÃO
- (1284) INCIDENTES DO RESTELO/ E PRENDAS DO SPORTING
- (1654) Nuvens na Europa./ guerras em África
- (2020) UM "RATO" COM AZAR/ E OUTRO COM SORTE

Já nos títulos em que ao SN inicial se juntam, não um, mas, respectivamente, dois e três SPs, não encontramos este tipo de paralelismo, talvez devido ao facto de isso produzir, como consequência, um título excessivamente longo.

Os exemplos com a configuração N + Prep + N + Prep + N totalizaram 169 ocorrências, de entre as quais destacamos, por exemplo:

- (9) Agências contra/ "guerra" na aviação
- (17) O gigante com pés de barro
- (186) Golpe na praga dos esticões
- (1154) PRINCESA SEM "MOURO" NA COSTA...
- (1392) SAVIMBI/ COM/ A CORDA/ NA/ GARGANTA
- (1793) Imprensa na mira do PSD

Com um total de 63 casos, encontramos uma situação ainda mais complexa, N +

Prep + N + Prep + N + Prep + N, como nos títulos:

- (5) Hospitais/ sem verba/ para/ combate/ à Sida
- (48) 'MATUTINOS' NA FRENTE.../ COM ARCO-ÍRIS 'À PERNA'
- (196) VIVEIROS DE MARISCO/ "DE LUTO" NA GALIZA
- (201) A "MAGIA" DE MARQUES/ DE REGRESSO À RAQUETA
- (279) ÍNDIA A FERRO E FOGO/ APÓS DESTRUIÇÃO DE MESQUITA
- (1271) ECLIPSE DOS SUNS/ A CINCO SEGUNDOS DO FIM

Estas duas últimas construções, pela sua complexidade, aproximam-se já de frases elípticas e, em alguns casos, seria possível mesmo admitir a elisão de um verbo predicativo. No entanto, esta reconstrução nem sempre seria isenta de problemas. Além disso, uma vez que nos limitamos aqui a uma análise da superfície textual, não seria proveitosa a criação de mais subtipos nesta classificação. Também não distinguimos os casos em que os SPs são complementos do N dos casos em que são adjuntos, embora existam diferenças estruturais (CAMPOS & XAVIER, 1991: 123) e dos casos em que são argumentos oblíquos (MATEUS et al., 1992: 169, 181, 202), uma vez que, dado o carácter elíptico dos títulos em questão, essas distinções seriam muito difíceis de fazer.

### B.1.3.2. N + Prep + Infinitiva

Os sintagmas preposicionais que se seguem ao núcleo podem, em vez de um SN, conter orações com infinitivo não flexionado (encontrámos um total de 28 exemplos). Estes SPs podem ser mais ou menos complexos. Em 6 casos registados, o SP complemento do nome era apenas constituído, além da preposição (que é quase sempre a preposição *a*, como seria de esperar<sup>29</sup>), por um infinitivo:

- (119) DEMOCRACIA A EMAGRECER / E PRESIDENTE A "DORMIR" (2x)
- (460) A esperança a morrer
- (511) Belém a resvalar
- (689) Planetas a nascer
- (1126) Preços a flutuar...
- (1661) Santa Clara a «arder»

<sup>29</sup> Apresentam esta preposição todos os exemplos fornecidos por Cunha e Cintra (1986: 483) a propósito do emprego da forma não flexionada do infinitivo que, “quando em frase nominal (...), tem sentido narrativo ou descritivo (infinitivo de narração): Meus criados e vassalos/ Por essa torre a dormir (...) A mãe a fenecer em casa, a ouvir e a obedecer (...) E Catarina a piorar.”



A esta configuração podem juntar-se, no entanto, um ou mais SPs em várias posições na frase, embora geralmente eles surjam em posição final:

- (39) Hipermercados/ para dançar/ a sul/ do Porto
- (552) SELECÇÃO DE SUB-20/ A ENSAIAR/ PARA O "MUNDIAL"/ DA AUSTRÁLIA
- (979) F.C.PORTO A PATINAR/ NA LINHA DA FRENTE
- (1155) HÓQUEI AZUL E BRANCO/ A ROLAR SOBRE ESFERAS
- (1402) HOTÉIS E PENSÕES DA CURIA/ A "ARDER" COM CALOTES DA CE
- (1542) UMA CRISE DE CORTAR À FACA/ NA INDUSTRIA VIDREIRA

Em (39) encontramos uma construção com *para*, a qual tem propriedades comuns às construções relativas não finitas com antecedente (MATEUS et al., 1992: 295-296).

Para além destes títulos, encontramos ainda casos em que o verbo no infinitivo é complementado por um objecto directo. Ex.:

- (145) SALGUEIROS EM ODIVELAS/ PARA DEFRONTAR NA "TAÇA"/ SOBREVIVENTE DA 3ª DIVISÃO
- (450) SALGUEIROS COM ALMA/ PARA QUEBRAR O ENGUIÇO CASEIRO...
- (451) BOAVISTA EM AVEIRO/ PARA RECUPERAR O FÔLEGO
- (1076) CONVICÇÃO/ E PONTARIA/ PARA BRINDAR/ NOVO ANO
- (1197) Mar de expectativas a abrir o ano
- (1294) Plano para «fintar» dificuldades

Uma dificuldade que surge, em relação às estruturas que aqui agrupámos na categoria B.1.3 – N + SPs – é a de saber qual a função desta categoria SP. De facto, se encontramos casos em que o SP claramente funciona como um complemento do nome, como acontece com o título (4) A ponta de um icebergue transcrito acima, outros casos há em que a função de complemento circunstancial de um verbo elidido parece ser a interpretação mais plausível, como no acontece, por exemplo, no (48) ‘MATUTINOS’ NA FRENTE.../ COM ARCO-ÍRIS ‘À PERNA’, por exemplo. No entanto, não achámos produtivo fazer ainda mais divisões dentro desta categoria. Essa seria uma tarefa, em parte dos exemplos, impossível de concretizar, dado o carácter elíptico das frases, o que traria questões que fogem ao âmbito deste trabalho.

#### B.1.4. N + Epíteto

Uma configuração não muito frequente, com apenas 5 casos, ocorre quando à direita do núcleo do SN se encontra um epíteto:

- (510) Morgado, o mau da fita
- (614) Agnelli, o príncipe imperfeito
- (851) Artur, rei de xadrez!
- (1345) Marlon, "killer" das ilusões azuis
- (2049) NOVAMENTE ISAÍAS, O 'QUEBRA-MONOTONIAS'

Estas estruturas com aposição têm algo em comum com as da categoria C, que apresentaremos no subcapítulo 4.1.1.3: a divisão do enunciado em duas partes separadas por pausa. No referido ponto, explanaremos as respectivas diferenças. Os cinco casos que aqui considerámos caracterizam-se pelo facto do segundo elemento se tratar de um SN, tal como o elemento núcleo que antecede a pausa. A esta igualdade categorial não corresponde, no entanto, uma igualdade informativa, já que o primeiro SN se constitui como um nome próprio, e o segundo SN como uma sua explicitação e caracterização. É interessante notar que o veículo metafórico se encontra, em todos estes casos, identificado com o epíteto, enquanto o teor se reporta ao núcleo do SN, constituído por um nome próprio. Assim, a entidade identificada pelo núcleo surge metaforizada no epíteto, o qual destaca uma das suas características mais relevantes em relação àquilo que vai ser desenvolvido na notícia correspondente.

#### B.1.5. Outros SNs

Alguns títulos, num total de 10 ocorrências, embora constituídos por SNs, não se enquadram em nenhuma das categorias anteriores, principalmente devido ao facto de resultarem da combinação de duas categorias. São disso exemplo:

- (845) UM PORTO DE ROLHA ESTRAGADA/ E A "FAMA" QUE VEIO DE LONGE (B.1.3. + B.1.2.)
- (1529) Portagens bem, funil na ponte (B.1.1. + B.1.3.)
- (1887) A surpresa Garrafeira do Lino/ e o brilho da estrela Tampinha (B.1.1. + B.1.3.)

A utilização de linguagem metafórica nestas estruturas da categoria B.1, em que

não há o confronto expresso na superfície textual entre um sujeito e um predicado, não deixa de trazer alguns problemas de descodificação. Assim, um título como:

(1218) UMA ÚNICA AZEITONA

tomado literalmente, sem o contexto em que se insere, não fornece, por si só, nenhuma indicação para o facto de que o leitor o deve tomar numa acepção metafórica. É o confronto com o co-texto que o alerta para tal. O facto de este título encabeçar uma notícia na secção desportiva, com o subtítulo Resultado escasso para o domínio local, leva o leitor a identificar um conflito entre o frame típico do desporto e o vocábulo "azeitona", que lhe não pertence. Há, usando a terminologia de Beaugrande e Dressler (1981: 144), um excesso de informatividade por discrepância, ou seja, há padrões que não coincidem com os padrões do nosso conhecimento adquirido. O leitor será levado a efectuar uma pesquisa de motivação (*motivation search*) – um tipo de resolução de problemas – para descobrir o que esta ocorrência significa, porque foi seleccionada e, ainda, como é que pode ser novamente integrada na continuidade que é a base da comunicação. Para isso, necessita de reduzir o grau demasiado elevado de informatividade (*downgrading*). No exemplo citado, o leitor, confrontando-se com o lead

Fracamente colheita no relvado de Oliveira de Azeméis, onde o Oliveira do Hospital apenas permitiu que uma "azeitona" amadurecesse, ficando cravada no marcador.

começa a identificar, à medida que a leitura prossegue (*forward downgrading*), o confronto entre os *frames* futebolístico e botânico motivado pelos nomes das duas equipas em questão. Pelo seu conhecimento acerca de jogos de futebol, equipas, marcadores, etc. (*outward downgrading*), identifica facilmente esta azeitona com o único golo que foi marcado no encontro.

Já um título como

(1126) Preços a flutuar...

não necessita de um conhecimento prévio do co-texto para uma identificação da presença de linguagem metafórica. O próprio título contém dentro de si essa discrepância provocada pelo confronto do lexema "preços" com o lexema "flutuar", o qual leva o leitor, como diria Lakoff (cf. cap. 2.1.2.1, pp. 43 a 60), a projectar uma imagem mental noutra. O leitor coloca, à partida, a hipótese de uma leitura metafórica que confirmará pela leitura do texto:

(...) aumentos (...) não houve acordo entre Governo e parceiros sociais, situam-se entre os 3 e os 11%.

Em geral, quanto mais elíptico for um título, mais dificuldades poderá trazer a identificação da linguagem metafórica, pois menor será a probabilidade de encerrar, entre os seus componentes, este tipo de discrepância, já que uma parte dos constituintes sintácticos se encontra simplesmente omissa. Daí que a categoria B.1. talvez seja aquela que maiores problemas apresentará neste aspecto.

## B.2. SP

Numa segunda grande categoria, são contemplados os títulos constituídos por SPs. É uma categoria bem menos utilizada que a anterior, representando apenas 4,9% do total de títulos elípticos do corpus. Inclui todos os títulos cuja construção é encabeçada por uma preposição ou locução preposicional. Outro traço característico, e daí a sua inclusão na grande categoria dos títulos elípticos, é a ausência de um sintagma nominal ou verbal dominante. Resulta desse facto uma grande dificuldade em precisar o valor circunstancial destes sintagmas.

### B.2.1. **Prep + N (Prep + N) (Prep + N)**

A forma mais simples é constituída por uma preposição em posição inicial seguida de um nome, mais ou menos modificado. Encontramos 7 destes casos:

- (226) A ferro e fogo
- (852) Obviamente... ao ataque (+ adv)
- (1129) CONTRA A CORRENTE
- (1225) ÀS TRÊS PANCADAS!...
- (1304) "A conta gotas"

Tal como verificámos para a categoria B.1, também nesta podemos encontrar construções de coordenação. Aqui, elas verificam-se quer dentro do SP

- (1213) SEM ANZÓIS/ NEM PEIXE

quer entre dois SPs

- (2006) De *alma* e sem corpo!

Um pouco mais elaborada e quantitativamente mais significativa, com 23 ocorrências, é a construção Prep + N + Prep + N:

- (480) Às voltas por Maastricht
- (667) No coração das trevas
- (1005) Por uma torrente de solidariedade
- (1083) Com um pé na Europa
- (1473) Sem espírito de *conquistador*!
- (1757) DE UMA ERA/ À "NOVA ERA"

Tal como aconteceu em categorias anteriores, o segundo SP pode desempenhar várias funções na construção gramatical.

Finalmente, encontrámos um caso em que o título é ainda mais elaborado que os anteriores, do tipo Prep + N + Prep + N + Prep + N:

- (426) À PROCURA DA SAÍDA DO BECO

### B.2.2. **Outros SPs**

Nesta secção, agrupámos os 9 títulos que não seguiam as configurações anteriores. Considerámos aqui, por exemplo, os títulos que eram constituídos por um

SP em posição inicial, ao qual se seguia uma pausa (assinalada por reticências, travessão e/ou mudança de linha) e finalmente um SN:

- (190) De Espanha... um bom casamento
- (352) NOS ACESSOS À PONTE DE MONÇÃO/ A MAIOR "FATIA" DO ORÇAMENTO
- (918) CONTRA/ OS "RATOS"/ -MÍSSEIS/ ANTITANQUE!
- (1211) NO CALOR DOS BRINDES/ O FIM DA GUERRA FRIA

Estes títulos aproximam-se já de frases em que o verbo, elíptico, se situaria no local da pausa central da construção.

### B.3. Orações subordinadas

A terceira grande categoria de títulos elípticos contempla os casos em que estes são constituídos por orações subordinadas. Esta é a categoria que, em relação aos títulos elípticos do corpus, se apresenta menos significativa, abarcando apenas 2,7% destes títulos.

Tal como nas categorias anteriores, também aqui encontramos uma subdivisão em tipos mais específicos:

#### B.3.1. Orações conjuncionais

Orações conjuncionais de tipo temporal: 2 ocorrências

- (1141) Quando a vida/ é um pesadelo!
- (1183) Quando a velocidade/ ...custa a engatar

Segundo Mateus et al. (1992: 311), "enunciados deste género são orações temporais que funcionam como catáforas, localizando temporalmente a acção narrada pelo livro, filme ou notícia".

Para além das orações temporais, encontramos ainda, dentro das subordinadas conjuncionais, um caso de subordinada em que o título é constituído por uma oração completiva argumento interno (OD) de um verbo volitivo que se encontra elidido:

(1376) Que mil foguetões/ desabrochem!

Esta completiva é introduzida pelo complementador *que*<sup>30</sup>, e comporta o verbo no modo conjuntivo.

### B.3.2. Orações participiais<sup>31</sup>: 2 ocorrências

(416) ESBOÇADOS OS CAMINHOS/ DO RELANÇAMENTO ECONÓMICO  
(1539) Despejadas 60 famílias em Loures

### B.3.3. Orações gerundivas: 2 ocorrências

(360) Cavalgando as ondas do Inverno  
(1502) Recuperando do pesadelo

### B.3.4. Construções com infinitivo inicial não flexionado

A maioria dos títulos da categoria B.3 é constituída por orações com infinitivo não flexionado.

Esta forma verbal pode vir seguida de um SN, desenvolvendo com ele uma relação de objecto directo (6 casos):

(269) Morder os calcanhares...  
(900) Caçar euromilhões/ só com plano  
(1073) Arrumar a casa  
(1149) Levantar o turismo interno  
(1353) Mudar a fachada, manter a filosofia (2x)  
(1469) Ressuscitar o transporte marítimo

O exemplo (900) destaca-se dos outros por conter ainda, em posição final, um oblíquo opcional. O (1353), por sua vez, inclui uma construção de coordenação.

Com 7 ocorrências, encontramos os títulos em que o verbo no infinitivo não é complementado por objecto directo, mas seguido de um ou mais SPs:

<sup>30</sup> Na terminologia da gramática tradicional, este *que* é uma conjunção subordinativa integrante (CUNHA & CINTRA, 1986, p. 584).

- (33) INVESTIR/ NO COMBATE/ À SIDA  
 (198) VOAR PARA O PASSADO!...  
 (453) ACABAR COM A MALAPATA/ DOS EMPATES EM CASA  
 (687) Lutar por um Norte coeso  
 (831) Bater com a cabeça na rocha  
 (1229) DORMIR EM CIMA/ DO VULCÃO  
 (1559) Despertar para o golfe

Estes títulos com infinitivo não flexionado aproximam-se, pelo seu carácter nominal (CUNHA & CINTRA, 1986: 480; XAVIER & MATEUS, 1992: 214), dos títulos que estudámos na categoria B.1. A propósito do efeito estilístico desta forma verbal, Gladstone Chaves de Melo (1976: 169) salienta: "O infinito flexionado é mais concreto, mais vivo, mais forte, já que, pelas desinências, se reporta nitidamente a um sujeito A ou B, enquanto o infinito impessoal é mais genérico, mais impreciso, menos dinâmico, menos verbo, equivalente a substantivo"<sup>62</sup>.

Em relação à linguagem metafórica aqui utilizada, é interessante notar que os veículos metafóricos coincidem, nos títulos com construções participiais, gerundivas e infinitivas, precisamente com estas formas verbais não finitas (isto acontece em 17 das 19 ocorrências). Como consequência, a linguagem metafórica sai destacada, já que estas formas se encontram em posição inicial no título. O resto da frase pode manter a linguagem metafórica – como acontece nos exemplos (786), (1073), (1353), (1229), (831), (1879) – ou, como se verifica em todos os outros casos, pertencer ao domínio do literal, tornando, assim, mais visível o confronto entre os dois espaços de entrada da linguagem metafórica.

<sup>31</sup> Estas orações também podem ser vistas, à semelhança das consideradas mais à frente, na categoria B.4.2, como reduções de frases passivas (*foram esboçados/foram despejadas...*).

<sup>32</sup> Esta é uma questão que tem gerado muita polémica entre os estudiosos da matéria e coloca-se, não apenas em relação ao Português, mas também a outras línguas, como o Espanhol. Num interessante artigo intitulado 'La Naturaleza Morfosintáctica del Infinitivo: ¿Verbo o Sustantivo?', Elisa Rodríguez-González (1995) analisa os argumentos pró e contra as diversas teorias e acaba por defender a ideia de que, pela sua natureza morfosintáctica e suas funções, o infinitivo pertence à categoria do verbo: "el infinitivo sería la capacidad que tiene el verbo de funcionar como sustantivo, lo cual no obsta para que sigamos considerándolo como un miembro del sistema verbal. (...) el verbo, en forma de infinitivo, puede comportarse como un sustantivo de cara el exterior (realización exonominal); mientras que en su propio sintagma puede combinarse con los complementos habituales del verbo (realización endoverbal)."



#### B.4. Frases predicativas e passivas elípticas

Numa quarta categoria, considerámos os títulos que, embora elípticos numa perspectiva da frase, podem facilmente ser reconstituídos em frases completas já que os verbos que se encontram omissos são ou auxiliares (no caso da passiva) ou copulativos (no caso das frases predicativas). Não encontramos nesta categoria outras frases, já que a ausência de outro tipo de verbos, tal como acontece com os adjectivos e os nomes, torna problemática a reconstituição da frase completa. Tesak e Dittman manifestam também esta dificuldade em relação à linguagem telegráfica (1991: 1123; 1994: 336).

Duas subcategorias são consideradas dentro deste tipo.

##### B.4.1. Construções com adjectivos<sup>33</sup> em posição predicativa (reduções de frases predicativas)

Alguns títulos que incluem adjectivos à direita de um N inicial não se podem, no entanto, enquadrar na categoria B.1.1, pois neles se distingue, já claramente, a estrutura de uma frase predicativa, embora o verbo predicativo esteja ausente. Esta distinção é nítida se compararmos, por exemplo, os dois títulos seguintes:

(107) Governo andaluz em «xeque»

(592) Portugal «pródigo» em nado-mortos

---

<sup>33</sup> De entre os 19 títulos que constituem esta subcategoria B.4.1, encontram-se 4 casos em que o elemento predicador, na realidade, não é um adjectivo mas um nome:

(152) Contratados nas escolas vítimas do jogo do empurra

(281) BARCELONA "REI E SENHOR"/ NA LIGA ESPANHOLA

(477) FC Porto mais líder/ de corpo e alma

(1425) Benfica e Sporting «irmãos»/ no teste em terras nortenhas

No entanto, sendo as fronteiras entre estas duas classes de palavras tão pouco nítidas e apresentando estes nomes aqui um comportamento semântico-sintáctico idêntico ao dos adjectivos, optámos por não os isolar.

Os dois títulos são constituídos por um nome a que se segue um adjetivo, uma preposição e um outro nome. No entanto, apresentam diferenças sintáticas, de tal modo acentuadas, que não poderiam ser colocados na mesma categoria. Assim, enquanto no primeiro não é possível a reconstituição da frase com a colocação de um verbo predicativo entre o primeiro nome e o adjetivo, no segundo essa será a reconstituição que o leitor fará instantaneamente:

\* Governo é andaluz em «xeque»  
Portugal é «pródigo» em nado-mortos

De facto, enquanto *Governo andaluz* constitui um único sintagma, o mesmo não se passa com *Portugal "pródigo"*. Tanto é assim que o leitor fará uma pausa entre o N e o Adj no segundo caso, mas nunca no primeiro:

\* Governo # andaluz em «xeque»  
Portugal # «pródigo» em nado-mortos

A unidade sintagmática entre N e Adj pode ainda ser provada ao reconstituirmos uma frase em que estes dois componentes funcionem juntos no mesmo SN com função de sujeito. Isso será viável no primeiro caso, mas não no segundo:

Governo andaluz está em «xeque»  
\* Portugal «pródigo» está em nado-mortos

Concluindo, poderemos afirmar que, enquanto o título (107) se enquadra, pelas suas características, na subcategoria B.1.3.1, o (592) pertence à B.4.1.1 (cf. quadro 15, p. 159)

Não fizemos uma distinção equivalente nos casos em que ao N se seguia um SP em vez de um Adj, já que o problema não se coloca com a mesma nitidez. Não é pacífico que títulos como

(191) Um «jardim» de cimeira  
(866) Sopa Seca em queda  
(931) Trancas à porta  
(984) "Demónios sociais" à solta na China

sejam encarados como reduções de frases predicativas em que o predicador é um SP.

Se esta reconstrução é possível nalguns casos

"Demónios sociais" estão à solta na China

a verdade é que o título também pode ser encarado como bem mais elíptico:

"Demónios sociais" à solta na China [agravam a situação da república]

Isto significa que os títulos com SPs da categoria B.1.3. podem sempre ser encarados como apresentando o predicador elidido e o SN encontra-se, assim, em posição absoluta, não estabelecendo relação gramatical nem de sujeito nem de complemento com um predicador<sup>34</sup>.

Pelos mesmos motivos, não distinguimos nos títulos de B.1.1 uma subcategoria à parte (a incluir em B.4.1.) em que os Adj funcionassem inequivocamente em posição predicativa.

Assim, na categoria B.4.1., reunimos os títulos em que um adjectivo nitidamente funciona como predicador, pois não pode desempenhar uma função atributiva, devido às restrições que referimos acima. São títulos, portanto, em que a configuração sintáctica se aproxima de uma frase predicativa completa, estando apenas ausente o verbo predicativo. Dentro desta categoria, distinguimos ainda duas subcategorias:

---

<sup>34</sup> Os títulos elípticos constituídos por um N e um SP não se revelam sempre facilmente passíveis de uma reconstrução. Em PARKER & COIMBRA, 1992: 317-329, menciona-se um caso problemático: "Sida em Fátima" reza um título arrasador em letras negras e gordas(...) Geoffrey Leech (LEECH, 1966) [considera que] os títulos podem ser reconstruídos facilmente para darem frases aceitáveis./ Que pode não ser tanto assim, mostra o o exemplo citado(...), pois a reconstrução provável, sem referência ao antetítulo, seria, por exemplo, "Há Sida em Fátima" ou mais completa "Há casos de Sida em Fátima", quando, em função da notícia, teríamos de ampliar a frase para "Vai haver um congresso sobre a Sida em Fátima".

#### B.4.1.1. N + Adj + Prep + N (Prep + N)

Encontrámos 15 casos em que ao Adj se seguiam um ou mais SPs; por exemplo:

- (152) Contratados nas escolas vítimas do jogo do empurra
- (273) BACALHAU/ RADIOACTIVO/ SÓ NO PREÇO
- (477) FC Porto mais líder/ de corpo e alma
- (874) DUPLA "CM"-CREA/ FIRME NO COMANDO
- (1425) Benfica e Sporting «irmãos»/ no teste em terras nortenhas
- (1748) Sporting sozinho/ na luta pelo título

#### B.4.1.2. N + Adj + Prep + Inf + N

Menos frequente, com apenas 4 casos, é a configuração que inclui um verbo no infinitivo. Trata-se de títulos em que os Adj seleccionam dois argumentos, um externo, outro interno. Assim, à sua esquerda encontra-se o SN sujeito superior, e à direita uma completiva infinitiva com o sujeito (nulo) co-referente do sujeito da oração superior (cf. Mateus et al., 1992: 279-283):

- (301) "Dragões" prontos/ a cuspir lume/ em Gotemburgo
- (529) BASQUETE/ DO/ BENFICA/ PRONTO/ A/ 'ENCESTAR'/ UCRANIANOS
- (890) PROFESSOR NECA/ DISPOSTO/ A "APAGAR" A LUZ
- (1591) PSD INDISPONÍVEL / PARA "DESCONGELAR"/ VENCIMENTOS

Todos estes títulos da categoria B.4.1 têm em comum o facto de se apresentarem como reduções de frases predicativas em que o predicador é um sintagma adjectival e em que o verbo predicativo se encontra omisso. É curioso verificar que a linguagem metafórica contida nos títulos da subcategoria B.4.1.1 tem, quase sempre, como veículo, precisamente, o adjectivo em posição predicativa, facto observado em 10 dos 15 títulos registados, sendo mesmo frequente o seu destaque através da mudança de linha e/ou utilização de aspas. No grupo B.4.1.2, em todos os casos se verifica que são os verbos no infinitivo os elementos provenientes do domínio fonte da metáfora. Isto leva-nos a concluir que parece ser no domínio da predicação que a linguagem metafórica é mais utilizada nesta categoria.

#### B.4.2. Títulos incluindo participípios (reduções de frases passivas ou de construções predicativas)

Uma quantidade apreciável de títulos faz seguir ao nome inicial não um Adj, como na categoria que acabámos de abordar, mas uma forma de participípio passado de um verbo. Podemos considerar que se trata, devido à elisão sistemática do verbo flexionado, de reduções de frases passivas ou predicativas. Distinguimos, nesta categoria, três subtipos:

##### B.4.2.1. N + Part

Na sua forma mais reduzida, a construção limita-se a um N seguido da forma do participípio passado. Registámos 21 ocorrências desta estrutura, de entre as quais destacamos:

- (229) Guimarães destronado
- (350) ESPERANÇAS "DERRETIDAS"
- (908) Rede decapitada
- (1063) COLLOR "MORTO"/ ITAMAR "POSTO" (2x)
- (1196) Vila Real esmagado!
- (1224) ALGARVIOS/ ASFIXIADOS

Não subdividimos estes títulos entre as reduções de predicativas, por um lado, e de passivas (de estado e de ser), por outro, uma vez que, em quase todos os casos, as várias interpretações são possíveis. Ex:

- Vila Real [está] esmagado
- Vila Real [foi] esmagado [pelo seu adversário]

Aliás, os participípios passados ocorrentes nestas construções são itens formados derivacionalmente (são as chamadas formas irregulares de participípio passado, como se constata no título (1063) através da ocorrência de "morto" e não de "matado", e que

concordam em género e número com o N, tal como os adjectivos) e, portanto, comuns às construções predicativas e passivas (Mateus et al., 1992: 223 e 382).

#### B.4.2.2. N + Part + Prep + N (Prep + N) (Prep + N)

Com um total de 65 ocorrências, encontramos a configuração que acrescenta à anterior uma quantidade variável (entre um e três) de SPs:

- (166) MADEIRA ESCOLHIDA PARA SÍMBOLO/ DA APOSTA IBÉRICA EM MAASTRICHT
- (242) CHAVE DE OURO/ ENTREGUE A NOGUEIRA/ PARA "ABRIR CAMINHOS"
- (461) Famalicão encostado à parede
- (491) ACORDO TIRADO A FERROS/ PELA FORÇA ESPANHOLA
- (1583) EMÍLIO ECLIPSADO/ NOS "COURTS" DE SYDNEY
- (1666) "Duche gelado" servido por Nelson Bertolazzi

Mais claramente que na categoria anterior, encontramos aqui a identificação das construções passivas de ser, em que, em alguns casos, o argumento agente<sup>35</sup> se encontra expresso – como vimos nos exemplos (1666) e (491) acima – num SP em que o SN é regido pela preposição "por". Dada a ausência do verbo ser, no entanto, estas configurações podem ser encaradas como SNs, dominando construções passivas, em que a forma participial ocorre em posição atributiva e recebem uma interpretação análoga à de uma oração relativa com antecedente (ver Mateus et al., 1992: 224).

#### B.4.2.3. N + Part + N

Em apenas 3 casos encontramos um tipo de construção em que ao participio passado se segue um SN predicando o SN inicial:

- (441) Sonho tornado realidade!
- (591) Uma «arma» chamada NAFTA
- (1461) UMA EFICIENTE RECEITA/ CHAMADA CONTRA-ATAQUE

---

<sup>35</sup> O argumento agente da passiva, um SN regido por uma preposição (em geral "por"), tem, na paráfrase activa, a relação gramatical de sujeito (MATEUS et al., 1992: 222). Na gramática relacional, este argumento assume a relação gramatical de "chômeur" (RAPOSO, 1981: 68-69).

Sob o ponto de vista sintático, os títulos da subcategoria B.4.2 não deixam de se caracterizar por uma certa ambiguidade. Um título como

(908) Rede decapitada

levanta a dificuldade de delimitação entre SN e SV; podemos analisar a sequência como SN1 = "Rede" + SV = "decapitada" em que o verbo estaria elidido e o SV se resume à forma do particípio passado (esta foi a perspectiva que adoptámos aqui); ou podemos analisá-la como um único SN em que "decapitada" tem uma função adjectivante em relação a "rede"<sup>36</sup>. Esta dificuldade levanta problemas de categorização pois, a optar pela segunda hipótese, todo o grupo B.4.2 seria deslocado, na nossa tipologia, para a categoria B1. Optámos por não o fazer, por nos parecer que estes títulos concentram elementos informativos que se aproximam mais de uma frase, do que propriamente de um único SN.

Em relação à linguagem metafórica utilizada em toda esta categoria B.4.2, verificamos que apenas 7 dos 92 títulos apresentam veículos metafóricos, exclusivamente à esquerda do particípio passado. Na maioria dos casos, portanto, ou o próprio particípio é metafórico ou o são as expressões que o seguem, o que confirma a tendência deste tipo de linguagem se situar na parte predicativa da construção.

---

<sup>36</sup> Este problema de ambiguidade sintáctica é muito comum nos títulos de imprensa elípticos, não só na nossa mas também noutras línguas: "Des énoncés tels que "15 enfants brûlés vifs" posent le problème de la délimitation entre verbal et nominal: on analyse SN1 = "enfants" + SV = "brûlés", avec élision du verbe (auxiliaire) ou bien on analyse SN2(Adj), "brûlés" étant adjectivation incidente à "enfants" (LOFFLER-LAURIAN, 1975: 113, nota 1).

### B.5. Outras configurações elípticas

À parte, agrupámos os 9 títulos que não se enquadravam em nenhuma das categorias apresentadas acima. Aqui foram consideradas, por exemplo, construções interrogativas elípticas (é interessante notar como alguns destes títulos parecem conter uma espécie de diálogo interno):

- (274) MAIS/ UM COMPASSO/ DE ESPERA/ -ATÉ QUANDO?  
 (1384) Esquerda igual ao lince da Malcata?  
 (1357) Chicotada? É mentira!

Também incluímos títulos constituídos por adjectivos coordenados com SPs, como por exemplo os títulos (799) e (1491):

- (799) Justo mas sem brilho  
 (1491) MASTIGADO/ E SEM GOSTO

ou exclamativas não frásicas em que o escopo ou foco da exclamação recai sobre um adjectivo:

- (495) Que grande carecada!

Outro tipo de títulos que aqui se encontram contemplados são aqueles em que duas das subcategorias apresentadas nesta secção surgem combinadas:

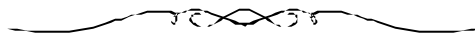
- (956) SER GIGANTE DE NATAL/ -A TENTACÃO DO INFESTA (B.3.4.2 + B.1.3)  
 (1735) Telefones mortos, bomba na companhia (B.4.2.1 + B.1.3)

Ao contrário de Hoek (1981) e A. Saraiva (1992), não encontramos, no nosso corpus, títulos elípticos constituídos exclusivamente por sintagmas adjectivais, sintagmas adverbiais ou interjeições. Os autores apresentam exemplos de títulos de obras com configurações que não ocorrem no nosso corpus jornalístico. Referem títulos constituídos por:



- um só grafema (*V.*, de T.Pynchon; *L.*, de P.Sollers; *S.*, de C.Morales);
- um prefixo (*In*, de A. Saraiva);
- um pronome (*Eu*, de A.Anjos; *Tu*, de Emmanuel; *Meu*, de G.Almeida);
- um advérbio (*Ainda*, de S.Dias; *Hier et Demain*, de Verne);
- uma conjunção (*Mas...*, de F.Castro);
- um adjetivo (*Leviana*, de A.Ferro; *Só*, de A.Nobre);
- um numeral (*1984*, de G.Orwell; *Quatre-vingt-treize*, de Hugo);
- uma interjeição (*Adeus*, de B.Passos).

Na realidade, sendo o domínio dos títulos das notícias, como já vimos acima, predominantemente do tipo frásico, não serão, à partida, de esperar tais configurações que levam a elipticidade ao extremo. Tal motivo deve permitir justificar a sua ausência no tipo de texto que constitui o nosso objecto de análise.

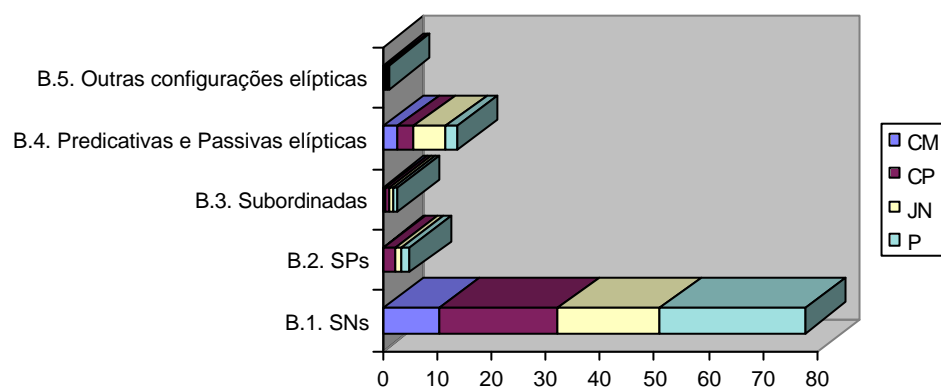


Poderemos considerar que, globalmente, os títulos elípticos apresentam alguns aspectos que são comuns a todas as categorias estudadas nesta secção.

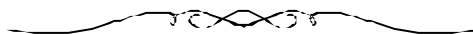
Em primeiro lugar, é bastante notório o facto de, em todas elas, predominarem os casos em que os títulos contêm um ou mais sintagmas preposicionais, quer complementando nomes ou funcionando como seus adjuntos, quer funcionando como argumentos oblíquos. Em qualquer dos casos, estes sintagmas preposicionais são essenciais à veiculação de elementos informativos importantes em títulos que, por serem elípticos, seriam à partida menos informativos que os títulos frase. Estes sintagmas preposicionais, de algum modo, compensam essa situação.

Em segundo lugar, é também de destacar o facto de que a linguagem metafórica utilizada nestes títulos elípticos apresenta, na maior parte dos casos, o seu veículo com características predicativas. Isto é, não são tanto as realidades que o título refere que são metaforizadas, mas sim aquilo que se afirma acerca dessas mesmas realidades é dito em linguagem metafórica.

Uma observação importante, nesta secção, prende-se com a distribuição dos títulos elípticos pelas suas subcategorias. Como podemos observar no gráfico 2, constata-se, em todos os jornais, um claro predomínio dos títulos constituídos por um sintagma nominal.



**Gráfico 2** - Percentagem das configurações sintácticas da categoria B (títulos elípticos) por jornal (cf. distribuição das frequências absolutas apresentada no quadro 15)



#### 4.1.1.3. OS TÍTULOS BISSEGMENTAIS

Um número apreciável de títulos do nosso corpus, embora não muito significativo em termos percentuais (apenas 5,3% do total), apresenta uma configuração binária a que Bosrendon e Tamba (1992) chamam bissegmental. Trata-se de fórmulas que são muito características do estilo jornalístico, próprias dos títulos e que, ao contrário das que vimos anteriormente, não se encontram noutras produções textuais. Estes títulos apresentam dificuldades de análise segundo o quadro canónico da frase já que se compõem de dois segmentos (que passaremos a referir por S1 e S2) sem qualquer articulação sintáctica entre si. O primeiro segmento, sendo um SN, não tem no entanto nenhuma relação sob o ponto de vista estrutural com a sequência que o segue e que dele se encontra separada por dois pontos (ou outro mecanismo, como veremos adiante). Se atentarmos em títulos como

(377) Rússia: crise política ao rubro  
(911) BAIRRO DA SÉ:/ O PARAÍSO DA DROGA/ É UM INFERNO/ PARA/ MORADORES  
(1210) TELEFONES: SOOU O "DESPERTAR"/ PARA A MUDANÇA DA QUALIDADE

vemos que os SNs da primeira parte do título não se assumem como constituintes nominais destacados de uma construção sintáctica integrante que lhes atribua uma função sintáctica e um âmbito referencial. De facto, um título como o (377) poderia ser reconstruído como *A crise política está ao rubro na Rússia* ou ainda *A Rússia apresenta uma crise política ao rubro* em que *Rússia* poderia estabelecer várias relações gramaticais possíveis, o que indica que não estabelece de facto nenhuma delas. Os títulos (911) e (1210), por sua vez, apresentam no S2 uma sequência gramaticalmente completa e, sob este ponto de vista, não articulada com o S1.

Uma configuração do tipo tema/remas<sup>37</sup> também não serve para explicar a articulação dos dois segmentos pelas razões apontadas por Bosrendon e Tamba (1992: 37), nomeadamente a separação dos dois elementos pelos dois pontos, a apresentação do primeiro elemento como um nome sem qualquer determinante, e a não articulação, a nível de referência, dos dois segmentos. Estes autores defendem a ideia de que o primeiro SN, sem determinante, não aponta para um referente na situação discursiva, ao passo que a segunda parte se refere a um facto do dia, tendo um alvo referencial situacionalmente determinado. O primeiro segmento é assim visto como um nome de dossier. É uma denominação isolada que serve como especificador para distinguir um dossier particular. É assim que no nosso corpus encontramos títulos em que o segundo elemento difere, mas que, devido ao assunto, poderiam fazer parte de um mesmo dossier, sendo o nome deste último fornecido no primeiro segmento deste tipo de títulos. Vejamos, a título de exemplo, os seguintes títulos:

- (342) F.C.PORTO: NOITE DE ECLIPSE EM GOTEMBURGO (0-1)  
(384) F.C.PORTO:/ RETOMAR/ EM MARÇO/ O FÔLEGO/ PERDIDO/ EM/ GOTEMBURGO  
(1265) F.C.PORTO: VIRAGEM DE CAMPEÃO

De facto, enquanto que o (342) e o (384) referem o jogo com o Gotemburgo, o (1265) refere-se ao final da primeira volta do campeonato nacional. O primeiro segmento destes títulos não está, pois, referencialmente definido: não se refere no (342) à equipa específica do F.C.Porto que jogou com o Gotemburgo naquele dia.

---

<sup>37</sup> Fradin (1988) distingue várias construções de destaque baseando-se em quatro parâmetros: a natureza do elemento destacado, a entoação, a posição do elemento destacado e a natureza do elemento anafórico. Tomando o jogo de possibilidades que estes parâmetros permitem, distingue como principais as construções: topicalizadas (*De cette histoire, il se souviendra longtemps*), destacadas sem elemento anafórico (*L'armée, j'ai déjà donné*), construções de tema destacado (*Le directeur, il menace de fermer l'usine*), de deslocação à esquerda (*A Paul elle lui pardonne tout*) e de deslocação à esquerda com pausa (*A Paul, la police lui a retiré son permis*). Os títulos bissegmentais de que falamos, apesar de conterem um elemento destacado à esquerda, não se enquadram, como se vê, em nenhuma destas categorias.

Este carácter de nome de dossier aproxima-se de certa maneira da função desempenhada pelos nomes das rubricas ou secções<sup>38</sup> em que os jornais normalmente dividem e classificam as notícias. Seriam, deste modo, como aquilo a que E. Veron chamou de pseudo-rubricas ou pseudo-secções, ou seja, "nom d'une classe d'évènements qui apparaît à la place d'une rubrique ou d'une section, mais est manifestement inventée en fonction de l'évènement en cause" (VERON, 1981: 83-84). Os jornais sobre os quais nos debruçámos para este trabalho apresentam normalmente, nas suas páginas, rubricas e secções com nomes como "Internacional", "Cultura", "Educação", "Desporto", "Futebol" (cf. quadro 17, pág. 340). Mas nenhum tem habitualmente uma secção intitulada "Telefones". No nosso exemplo (1210) que transcrevemos acima, o JN, dentro de uma rubrica a que habitualmente chama "Grande Porto", cria essa pseudo-secção usando o estratagema do título bissegmental. Pode até não a tornar a utilizar mais, pois a variedade dos nomes com esta função e a possibilidade ilimitada de escolha explica, quanto a nós, a razão da existência destes títulos nos jornais.

Achámos curioso observar, pelo fichamento do nosso corpus, que há jornais que têm uma maior tendência que outros para classificar as notícias em rubricas e secções a que são dados nomes. O CM, por exemplo, apesar de demonstrar, tal como os outros, uma tendência para agrupar as notícias por assuntos, não os identifica explicitamente com este tipo de etiqueta. De facto, os títulos que estudámos deste diário encontravam-se nestas condições. Este jornal apenas identificava o nome da

---

<sup>38</sup> E. Veron (1981: 83-84) faz a seguinte distinção: "Rubrique: Nom d'une classe d'évènements qui est utilisé d'une façon plus ou moins régulière par un quotidien: par exemple "Etranger", "Société" (le Monde), "L'évènement" (le Matin). Section: Nom d'une sous-classe d'évènements à l'intérieur d'une rubrique. Par exemple "Education", "Religion", "Sports" apparaîtront dans *le Monde* comme des sous-divisions internes coiffées par la rubrique "Société", il se peut pourtant qu'une même dénomination apparaisse soit comme rubrique, soit comme section".

rubrica e das secções no que dizia respeito aos títulos desportivos, os quais constituíam, como aliás é habitual na nossa imprensa diária, um caderno destacável. Todos os outros jornais analisados apresentam para as suas notícias o nome da rubrica a que pertencem, colocando-o junto ao número da página (cf. quadro 17, pág. 340) e, por vezes, ainda a dividem em secções, também elas, com o respectivo nome destacado. A única página que pode não apresentar estas etiquetas é a primeira página. Curiosamente, nesta tendência do CM para a não rotulagem das rubricas reside talvez a explicação para o facto de ser este o jornal, no nosso corpus, em que este tipo de títulos, bissegmental, se encontra em menor percentagem em relação à totalidade dos títulos analisados no mesmo jornal. Na verdade, apenas 1,1% dos títulos do CM apresentam esta configuração, o mesmo não acontecendo com o JN, cuja percentagem atinge os 11,3%. Este último, até na primeira página, classifica e rotula os títulos por rubricas, o que não acontece, normalmente, com os outros três (pelo menos no que respeita aos números que fizeram parte do corpus aqui em estudo).

Estes factos parecem confirmar a hipótese de Bosrendon e Tamba de que o primeiro segmento dos títulos bissegmentais seria um nome de dossier, sem articulação sintáctica ou referencial com o segundo segmento.

No que diz respeito à pontuação que separa o S1 do S2, muitos comentários se poderiam tecer. No entanto, não nos vamos alongar em considerações que consideramos marginais no âmbito deste trabalho<sup>39</sup>. Importa, no entanto, acrescentar que a separação de S1 e S2 nem sempre é feita pelos dois pontos, embora este seja, sem qualquer dúvida, o recurso mais frequente. Encontramos ainda a utilização do

travessão, normalmente associado a uma mudança de linha:

- (496) BAIRRO DA TELHEIRA/ -O "PARÁISO" DAS BARATAS
- (559) METEOROLOGISTAS/ -APROXIMA-SE/ A "TEMPESTADE"
- (691) CAMPO ALEGRE/ -A LUZ AO FUNDO/ DOS TÚNEIS
- (725) MITHARSKI E REBELO/ -OS "MÍSSEIS" PARA BARCELOS
- (943) CEDOFEITA/ -PEÃO JÁ É REI
- (1667) OFTALMOLOGIA/ DE COIMBRA/ -OS OLHOS/ DA ESPERANÇA

Encontrámos também dois casos em que se recorre ao uso das reticências:

- (537) Dinamarca... esse «enfant terrible»
- (747) Fevereiro... um mês chave

A utilização da vírgula como marcador deste tipo de construção bissegmental só se verifica, segundo Bosrendon e Tamba (1992: 40), no padrão sintático em que o S1 corresponde a um nome próprio e o S2 a uma construção nominal, geralmente determinada, designando, na situação discursiva, um referente de tipo específico ou genérico. Daí serem considerados, nesta classificação títulos como

- (209) Erikson, Ivic, Toni,/ a mesma luta

e dela serem eliminados outros do tipo dos que a seguir se indicam:

- (851) Artur, rei de xadrez!
- (614) Agnelli, o príncipe imperfeito
- (1345) Marlon, "killer" das ilusões azuis

Nestes últimos, o segmento à direita da vírgula, funciona sintacticamente como um aposto, tendo, logicamente, uma articulação sintático-referencial com o nome à sua esquerda (estes títulos foram considerados no capítulo anterior na categoria B.1., a dos títulos constituídos por um SN).

Por vezes, a separação dos dois segmentos dos títulos bissegmentais é simplesmente feita através da mudança de linha:

- (368) ALGARVE/ CRISE BATE À PORTA
- (971) V.SETÚBAL-ATLÉTICO/ DUELO DE EMOÇÃO

Seja qual for o recurso utilizado, estes títulos têm em comum o facto de

---

<sup>39</sup> Sobre a utilização dos dois pontos e da vírgula neste tipo de títulos, ver BOSREDON & TAMBA (1991). Estes autores seguiram, sobre a produção e compreensão da pontuação, a abordagem psicolinguística de FAYOL (1989).

serem compostos por dois constituintes heterogéneos e sintacticamente livres.

Em relação ao aspecto que nesta pesquisa nos interessa, que é o problema da metáfora no título, seria de esperar, à partida, que, se o título apresentasse uma metáfora, o seu veículo se situaria no S2 e não no S1, visto este ser, normalmente, constituído por um nome próprio, funcionando como nome de dossier. Isso aconteceria, não porque o nome próprio não possa funcionar como veículo metafórico<sup>40</sup>, mas porque não seria de esperar que um nome de dossier fosse uma metáfora já que se trata de um rótulo, uma etiqueta identificativa que tem como objectivo situar o leitor em determinado enquadramento.

Esta nossa hipótese veio-se a confirmar pela análise dos títulos recolhidos durante o presente trabalho. Quando o S1 correspondia a um nome próprio, não registámos casos em que este fosse metafórico. Apenas quando o S1 era formado por um SN cujo núcleo era um nome comum isso se podia verificar, embora, mesmo assim, os casos fossem bastante raros. Apenas os títulos

- (383) TENSÃO AO RUBRO/ EM MOSCOVO/ -IELTSINE/ DECLARA GUERRA/ AO CONGRESSO RUSSO
- (863) "Wind shear": um assassino de aviões
- (1014) "REVEILLON" FORA DE CASA/ -CASAMENTO COM A DIVERSÃO
- (1303) "GUERRA DAS AUDIÊNCIAS"/ -CINEMAS E VIDEOCLUBES/ ATINGIDOS PELOS ESTILHAÇOS

apresentam esta estrutura, revelando-se, de qualquer modo, pouco significativos, em termos de efeito retórico, por se tratar de expressões praticamente lexicalizadas e apresentando uma projecção metafórica mais saliente no S2.

Curiosamente, e apesar disso, o nome próprio no S1 não é alheio ao processo metafórico. Em alguns casos ele é mesmo um motivador, chamemos-lhe assim, da metáfora que surge no S2. Isto é, certos veículos metafóricos que se situam no S2 relacionam-se com o S1 através de um jogo de palavras. É o que

---

<sup>40</sup> Sobre a construção e interpretação dos nomes próprios como veículos metafóricos, ver JONASSON (1991).



acontece nos títulos:

- (65) DIANA: DEUSA DE PALMO E MEIO/ À CAÇA DE UM GRANDE FUTURO  
 (820) ARTUR: UM REI/ NA CORTE DO BESSA  
 (958) ORANGE BOWL: O PRIMEIRO SUMO/ COM SABOR A FUTURO PRÓXIMO  
 (1963) CLUBE DE CAÇADORES DE MATOSINHOS/ -UMA NOITE DE GRANDES TIROS...

Os jogos de palavras entre o veículo metafórico presente no S2 e o nome próprio, não metafórico, apresentado no S1 são bastante óbvios e não deixam de ter uma função apelativa, lúdica mesmo, fazendo lembrar certos jogos de interpretação e opacidade que se encontram no texto publicitário (cf. DOUAY, 1988). A génese de exemplos como o (65) e o (820) parte do confronto entre duas entidades (aqui, duas pessoas) que, apesar de distintas e de pertencerem até a realidades e épocas diferentes, têm em comum o mesmo nome e, simultaneamente, uma ou mais características que, através desse jogo de palavras, o título consegue salientar de um modo curioso. Já o (958) e o (1963) assentam o jogo de palavras no confronto entre dois lexemas pertencentes ao mesmo domínio conceptual: ORANGE/SUMO e CAÇADORES/TIROS, respectivamente. O efeito retórico é aqui atingido pela discrepância provocada pelo facto do primeiro lexema fazer parte de uma expressão funcionando como nome próprio (de um torneio, no primeiro caso, e de um clube, no segundo) e do lexema pertencente ao S2 que com ele entra em jogo ser, pelo contrário, tomado metaforicamente. Vale talvez a pena, pela sua especificidade, debruçarmo-nos um pouco sobre estes casos encontrados no corpus:

(65) DIANA: DEUSA DE PALMO E MEIO/ À CAÇA DE UM GRANDE FUTURO  
 Este título do JN refere a ginasta Diana Teixeira de 11 anos de idade que obteve o melhor resultado nos campeonatos nacionais da modalidade. O texto da notícia qualifica-a como "ágil" e transcreve as suas palavras: "O meu sonho é participar nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996". Estes dois aspectos, agilidade e ambição, são condensados no título através do uso simultâneo do jogo de palavras e da metáfora. O título, através das palavras "deusa" e "caça", estabelece um confronto com a deusa romana com o mesmo nome próprio. A metáfora da deusa Diana, ao mesmo tempo que transmite as ideias de superioridade e agilidade, é motivadora da metáfora da caça significando aqui a persecução de um objectivo, um "sonho" nas palavras da ginasta.

## (820) ARTUR: UM REI/ NA CORTE DO BESSA

Este título do JN refere Artur, o jogador do Boavista que marcou os dois golos com que este clube ganhou ao Marítimo 2-1. O texto da notícia considerava-o um dos "melhores jogadores boavisteiros" e em antetítulo classificava-o como "O protagonista". Este destaque de Artur levou o título a confrontá-lo com o bem-amado rei Artur da Bretanha medieval. Daí a presença da palavra "rei". Por sua vez, este termo, tal como tinha acontecido no título (65), vai motivar uma segunda figura: trata-se da metaforização da equipa boavisteira em "corte" num claro desenvolvimento da metáfora inicial.

## (958) ORANGE BOWL: O PRIMEIRO SUMO/ COM SABOR A FUTURO PRÓXIMO

Este título do JN, ao contrário dos anteriores, encontra no texto uma explicação para as figuras nele utilizadas: "O credenciado torneio 'Orange Bowl' (...) na Florida (...) é uma espécie de primeiro sumo do ténis mundial juvenil, dado que, ao longo das suas últimas edições, por lá passaram muitas das actuais vedetas do ténis mundial".

## (1963) CLUBE DE CAÇADORES DE MATOSINHOS/ -UMA NOITE DE GRANDES TIROS...

O subtítulo que acompanha este exemplo explica sucintamente em linguagem literal a que "tiros" se refere o título: Galardoados os titulares europeus e mundiais e a presença de Manuel Marinho Júnior em "Barcelona-92". A presença no S1 do nome próprio do clube, Clube de Caçadores de Matosinhos, motivou claramente a escolha de "tiros" como veículo metafórico dos galardões referidos no S2. Aliás, todo o texto da notícia desenvolve este paralelo metafórico em que o domínio da caça serve de fonte. Ex.: "(...)sem esquecer (...) a mais modesta pontaria do clube, a que se direcciona à mira do desenvolvimento do tiro português./ (...) Foi uma festa simples. Sem grandes **cartuchos** queimados (...)".

Como se vê através destas breves explicações, o leitor precisa de um mínimo de conhecimentos enciclopédicos para descodificar e tirar todo o partido pretendido deste tipo de títulos. De facto, eles confrontam sempre duas realidades distintas (ginasta/deusa, jogador/rei, torneio/sumo, galardões/tiros) e a notícia só vai falar acerca da primeira delas. Aqui entra em jogo a problemática da separação entre o conhecimento da língua e o conhecimento do mundo, enciclopédico, vivencial. Na verdade, estes dois aspectos são inseparáveis. Não basta saber português para entender estes títulos. Searle (1985: 78-81) chama a atenção para esta impossibilidade, salientando que mesmo o significado literal, não metafórico, de uma frase só determina um conjunto de condições de verdade em relação a um conjunto já assumido de pressupostos que não fazem parte do seu conteúdo semântico. É o que nos permite, usando o seu exemplo, dizer, sem hesitar, quais as condições de verdade da

asserção "A mosca está no tecto" mas não de "O gato está no tecto", sendo esta, não uma questão de significado, mas de informação factual adquirida, não presente no conteúdo semântico da frase, e que, para que a comunicação seja bem sucedida, tem de ser compartilhada pelo emissor e pelo receptor do discurso. A quantidade deste tipo de informação requerida aumenta nestas frases em que são feitas alusões, mais ou menos explícitas, a outras realidades (deusas, reis, etc.) que não as do conteúdo informativo visado pela notícia em questão. Quando isto acontece, se o leitor não possui esses conhecimentos, pode tentar obtê-los no co-texto do título. O (958), como vimos, apresenta no corpo da notícia a informação factual necessária.

A motivação da metáfora, através de um jogo de palavras, não é exclusiva dos títulos em que o S1 apresenta um nome próprio. Assim, o jogo de palavras pode, igualmente, ser estabelecido com um S1 em que o núcleo é um nome comum:

- (1018) TAÇA: SALGUEIROS BORDA FORA/ POR OBRA E GRAÇA DO ODIVELAS
- (1041) TALHA/ DOURADA/ DAS CARMELITAS/ -RESTAURO/ EM MEIAS/ TINTAS...
- (1303) "GUERRA DAS AUDIÊNCIAS"/ -CINEMAS E VIDEOCLUBES/ ATINGIDOS PELOS ESTILHAÇOS
- (1541) INDÚSTRIA VIDREIRA/ -ESTILHAÇOS À VISTA

Nestes títulos, o jogo de palavras baseia-se na utilização de um lexema em S2 que pertence ao mesmo domínio conceptual de outro lexema do S1, embora, normalmente, este seja usado em sentido literal e aquele metaforicamente. São deste modo feitos os confrontos: taça/borda, dourada/tintas, guerra/estilhaços, vidreira/estilhaços.

O envolvimento, que verificámos nestes títulos bissegmentais, do veículo metafórico num jogo de palavras faz com que se desenvolva em certos casos um fenómeno que ficou conhecido como "remetaforização" ou "ressurreição" da metáfora morta. Isto acontece, porque as metáforas mortas retêm uma imagem potencial revivificável que passa despercebida no nosso uso quotidiano da

linguagem<sup>41</sup>. É assim que, por exemplo no (1041), à expressão metafórica banal das

<sup>41</sup> Muitos têm sido os estudos em que o problema da lexicalização da metáfora é abordado.

**Morier** (1961: 699) define a metáfora morta nos seguintes termos: "Si l'image concrète cesse d'être projetée sur l'écran de la conscience, si le mot n'est plus qu'un signe arbitraire, parfaitement abstrait, pareil aux autres, et qu'on puisse lui assigner un synonyme non imagé sans perte de substance stylistique, la métaphore a cessé d'être: c'est une «métaphore morte»".

**José Herculano de Carvalho** (1962: 16-17) põe o problema nos seguintes termos: "Em muitas expressões (...) - *conclusão, projecto, estímulo, flagelo* - toda a imagem está ausente: a metáfora original extinguiu-se, já não se pode falar de metáfora./ Em muitas outras - como a *perna da mesa, o braço da cadeira, o coração da melancia, abrir a alma, perder o fio ao discurso* - a repetição das palavras no seu uso translato levou a um desgaste do seu valor metafórico (...). É neste caso que podemos falar de *metáforas mortas*, eu preferiria dizer *metáforas latentes*./ A metáfora é um acto criador, é uma criação de momento (...) este acto pode repetir-se sempre que o falante *descobre* [na expressão metafórica latente] esse conteúdo que nele estava oculto mas potencialmente presente. Então renasce a metáfora (...). A recriação pode tornar-se explícita quando a reconstituição do conteúdo metafórico é acompanhada pela reconstrução da totalidade do seu poder referencial e pelo que chamámos "desenvolvimento inesperado da metáfora" [o exemplo apresentado é o da metáfora latente *abrir a alma* desenvolvido por Machado de Assis em *Dom Casmurro*: "Escobar veio abrindo a alma toda, desde a porta da rua até ao fundo do quintal. A alma da gente (...) é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro"].

**George Whalley** (1975: 491) considera que uma metáfora morreu quando "the user forgets or does not know that a metaphorical relation was in the past implied or is still capable of being implied (e.g., "arrive" = late latin *arribare, adripare, ad ripam [appelere, venire]* = to call ashore, to come ashore or into harbour)".

**Lakoff e Johnson** (1980: 139) aplicam o termo *convencional* com o significado de "reflectido na nossa linguagem de todos os dias" e não inovativo, i.e., congelado ou tornado cliché. Esta definição permite distinguir as metáforas "mortas" embora as fronteiras entre a metáfora morta e convencional seja por vezes difícil de identificar. Num artigo de 1987 intitulado "The Death of Dead Metaphor", Lakoff vai ainda mais longe. Hoppen e Hols (1990: 154) resumem o ponto de vista aí defendido: "The term "dead metaphor" must be redefined or dropped. What have been called "dead" metaphors differ widely in at least four major ways, involving source-domain structure, conceptual mapping, source domain terminology and linguistic mapping".

**Newmark** (1985) distingue: metáforas mortas (*reflect* como *think*); metáforas cliché (*leave no stone unturned*); metáforas de inventário, "stock metaphors" (*ray of hope, sunny smile*); metáforas recentes ou neologismos metafóricos (*a tug of love*); e metáforas originais ou inovadoras ("*A coil of cord, a colleen coy, a blush on a bush turned first men's laughter into wailful mother*") verificando-se sobreposições entre as várias classes.

**Searle** (1985: 115), em termos pragmáticos, identifica a morte da metáfora com o momento em que o significado da frase original é contornado e a frase adquire um novo significado literal idêntico ao anterior significado metafórico do enunciado.

**Traugott** (1985: 50) identifica a morte da figura com o momento em que esta deixa de convidar o alocutário a construir a diferença entre o significado da frase e o significado do enunciado e, por isso mesmo, deixa de funcionar como metáfora.

**Winfried Nöth** (1985: 6) resume o processo da morte da figura em quatro estádios de convencionalização: 1) uma metáfora originalmente *criativa* torna-se por convencionalização 2) uma metáfora *lexicalizada* (ex: *bottle neck*), 3) que pode então tornar-se uma metáfora *opaca* (ex: *radical*: literalmente: "da raíz") e finalmente 4) uma metáfora *morta* (ex: *news magazine*: originalmente *magazine* significava "armazém"). Estes quatro estádios diacrónicos de demetáforização diferem tanto no seu grau de inovação como na decrescente *transparência semântica* dos significados figurativos face aos significados literais. Este processo de convencionalização pode ser reversível pelo processo de *remetáforização* ou *ressurreição* da metáfora morta.

**Costermans e Elosúa** (1988: 374) apresentam exemplos em que o mesmo item lexical, conforme o contexto, é utilizado no sentido prototípico ("Elle a quitté sur le *seuil* de la maison"), como metáfora morta ("Au *seuil* de la mort, elle s'est montré courageuse") e como metáfora viva ("Il en était resté au *seuil* d'un je t'aime").

**Max Black** (1988: 26) considera que as metáforas mortas não são na realidade metáforas, tal como um cadáver não é um caso especial de pessoa. Sugere substituir o contraste binário viva/morta por um conjunto de distinções mais subtis. Assim, distingue a metáfora extinta (*extinct*) cuja etimologia,

"meias tintas" é dada novamente a força de uma figura fazendo o leitor pensar, para além da informação de que há obstáculos à prossecução do trabalho, nas tintas, no sentido literal do termo, que se utilizariam no restauro da talha dourada. Neste caso, a metáfora é revitalizada através do contexto literal, pertencente ao mesmo *frame*, que a cerca. Já no exemplo (1303), uma metáfora banal do S1 é ressuscitada por uma extensão metafórica no S2. De qualquer modo, este processo é conseguido pela colocação da expressão metafórica no *frame* a que ela pertenceria quando tomada em sentido literal. Quando isto se verifica, duas leituras são apercebidas simultaneamente, o que, usando as palavras de Apter (1982: 66) torna estas expressões sinérgicas, ou seja, ao contrário das metáforas mortas, a experiência de propriedades mutuamente exclusivas é sentida em relação à mesma entidade, e o receptor fica

genuína ou fantasiosa, sugere uma metáfora com poucas hipóteses de ser ressuscitada (ex: "a muscle as a little mouse, *musculus*"); a metáfora latente (*dormant*) em que a metáfora original, agora geralmente despercebida, pode ser restaurada (ex: "obligation as involving some kind of *bondage*"); e a metáfora activa (*active*) que é captada como activamente metafórica.

**M. Gomes da Torre** (1992) prefere a divisão tripartida: metáfora morta (formas lexicalizadas como "Ele foi a *cabeça* daquela rebelião"), metáforas convencionais (aquela que os falantes utilizam com a consciência de que estão a recorrer a uma forma especial de linguagem como no exemplo "Ter um nó na garganta") e metáforas originais (criativas, como "Paris esturricava debaixo dos holofotes da recriminação") e apresenta um estudo dos principais problemas que cada um dos tipos apresenta ao tradutor.

**Picoche & Honeste** (1994), por sua vez, identificam as figuras lexicalizadas ou extintas como aquelas que fazem evoluir certos termos em direcção à polissemia e afirmam que uma metáfora extinta pode ser retornada à vida se for desenvolvida (*filée*), ou seja, utilizada em toda uma sucessão de metáforas coerentes entre si. A ideia de que a polissemia evolui, em parte, devido à metáfora tem sido objecto de vários estudos, alguns dos quais (ex.: LEE, 1990) provam que as palavras mais antigas e as mais frequentes tendem a ser também as mais polissémicas.

**Eco** (1994: 243-244) apresenta cinco processos de reanimação da metáfora apagada, em que o contexto desempenha o papel fundamental.

**Gemma Fiunara** (1995: 132) salienta o "sucesso" da metáfora morta: "A salient feature of dead metaphors is that they are unquestionably the most successful inasmuch as they have gained access and citizenship into the domain of literal language (...)".

**Haynes** (1995: 13-17) prefere os termos "original"/"convencional" à dicotomia "viva"/"morta".

**Ungerer e Schmid** (1996: 118-119), na senda de Lakoff, portanto, no âmbito da Linguística Cognitiva, concluem: "the notion of "dead metaphor" is rejected. (...) the idea behind the "death" of metaphors is that the conventionalised metaphorical extensions (e.g. *head of department*) get their own entries in the lexicon and are thus considered part of the literal meaning of a word. From a cognitive point of view, this is highly misleading. In the words of Lakoff and Turner (1989: 129) "the mistake derives from a basic confusion: it assumes that those things in our cognition that are most alive and most active are those that are conscious. On the contrary, those that are most alive and most entrenched, efficient, and powerful are those that are so automatic as to be unconscious and effortless"./ The conclusion from a cognitive perspective is that the metaphors that have unconsciously been built into the language by long-established conventions are the most important ones".

consciente dessa conjunção de opostos. Numa metáfora ressuscitada, a experiência das duas realidades envolvidas é realçada no sentido em que ambas são sentidas mais viva e intensamente do que o seriam de qualquer outro modo.

Um caso particular que encontramos no corpus analisado, e que não é referido no trabalho de Bosrendon e Tamba, é o dos títulos bissegmentais em que o S1 é um nome próprio de pessoa e em que o S2 constitui uma reprodução em discurso directo<sup>42</sup> de um acto ilocutório previamente produzido pelo falante referido em S1:

- (282) GUÍMARO: "FOI SÓ FUMAÇA..."  
 (550) PAULO CARDOSO: "PROBLEMAS DO FUTEBOL/ RESIDEM NA QUALIDADE DOS HOMENS"  
 (926) ANTÓNIO PINTO: "AZAR IMPEDE-ME/ DE COLHER FRUTOS DE 1992"

M. Short (1991: 65-69), debruçando-se sobre alguns títulos da imprensa de língua inglesa, verifica que apenas o discurso directo e o directo livre<sup>43</sup> são

<sup>42</sup> Utilizaremos aqui os termos "discurso directo" como sinónimo de "discurso citado" e "discurso indirecto" como sinónimo de "discurso relatado" (cf. MATEUS et al.: 82-83).

<sup>43</sup> Neste artigo, M. Short utiliza a tipologia apresentada em Leech e Short (1981, cap. 10) para a representação do discurso em texto narrativo. Esta é sintetizada num esquema que apresentamos aqui numa tradução e adaptação nossas:

A REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO NO TEXTO NARRATIVO  
 (Leech & Short)

Aparente não controlo do narrador	—————→				Controlo total do narrador
DDL Discurso directo livre	DD Discurso directo livre	DIL Discurso indirecto	DI Discurso indirecto	RNAF Relato nar- rativo de acto de fala	
"Voltarei aqui amanhã para te visitar".	Ele disse: "Voltarei aqui amanhã para te visitar".	Ele voltaria lá no dia seguinte para a visitar.	Ele disse que volta- ria lá no dia seguinte para a visitar.	Ele prometeu voltar.	
-destaque gráfico ou -oração introdutória ou -nenhum	-destaque gráfico e -oração introdutória	-omissão da oração introdutória -pronomes etc. li- gados ao DI -verbos no imper- feito	-oração introdutória -palavras do narrador	-relata apenas que o acto de fala foi rea- lizado -útil para resumir par- tes pouco importantes da conversa	

Leech (1991: 79-80), depois da análise de vários exemplos de texto jornalístico, chega à conclusão de que esta tipologia também pode ser utilizada nesse tipo de produção textual.

neles utilizados para representar o discurso. Os restantes três modos de representação do discurso – indirecto, indirecto livre e relato narrativo do acto de fala<sup>44</sup> – embora ocorram em texto jornalístico no corpo da notícia, não parecem ser muito utilizados na linguagem dos títulos. Mais uma vez, a condensação de linguagem exigida pelo título leva à necessidade da omissão de orações introdutórias do discurso e respectivos *verba dicendi*<sup>45</sup>. Isto não implica que o título de uma notícia não possa incluir o relato do discurso de alguém. Quando determinado acto de fala assume relevância jornalística suficiente para ser notícia, ele pode mesmo constituir o seu título, como ponto mais destacado. Essa situação ocorrerá, principalmente, quando o locutor se apresenta perante a comunidade onde se constitui o público do jornal como alguém conhecido, famoso e as suas palavras serão,

---

<sup>44</sup> Além das cinco categorias referidas (cf. nota anterior), Short (1991: 74) introduz, em relação ao texto jornalístico, uma possibilidade denominada *resumo do discurso (speech summary)* e explica-a nos seguintes termos: "Speech report in novels (...) would appear to be untypical of many speech-report situations, precisely because novels are fictions. In newspapers, as in most other text types where speech report occurs, the report of a speech event always has the possibility of being different from what occurred in the anterior speech event itself. One result of this is that what in the novel would normally be thought of as indirect speech, might in fact be speech summary. By speech summary I mean a string which reports in an abbreviated form some longer piece of discourse. Hence the following, fabricated example: / *He told me that he did not like his sister*/ could be an indirect report of an original string like 'I don't like Mary' or of a whole series of propositions which can be summarised by: / *Mary really gets on my nerves. She's always bossing me around and whenever I say something she says I'm too young to have an opinion. I'll be glad when she goes to university next month.*/ In fact the speech summary interpretation of indirect speech strings is possible in the novel too. It is just that it is a relatively unlikely reading, as evidence of an abbreviated account will tend to be difficult to come by" (cf. recensão desta obra em SEMINO, 1992). Este resumo do discurso não é propriamente uma sexta categoria no *continuum* da representação do discurso (apresentado em esquema na nota anterior) mas antes se lhe sobrepõe já que em qualquer das categorias pode ocorrer resumo do discurso.

<sup>45</sup> Sobre a utilização e os tipos mais frequentes de *verba dicendi* na linguagem jornalística, ver, por exemplo, o artigo de MONVILLE-BURSTON (1993) que inclui um estudo sobre 120 artigos dos jornais "Monde", "France-Soir" e "Nouvelles Calédoniennes". Sobre a utilização de fórmulas metafóricas na representação do discurso em texto jornalístico, ver VERSCHUEREN (1985) onde se apresenta um estudo sobre as chamadas descrições metapragmáticas (incluindo metáforas metapragmáticas), ou seja, termos linguísticos utilizados para descrever um comportamento verbal anterior. Este estudo utiliza como corpus de análise as notícias publicadas em Maio de 1960 no *The New York Times* sobre o incidente com o U-2 entre os Estados Unidos e a União Soviética (para uma síntese deste estudo, ver JUCKER, 1992: 41-42). No âmbito da gramática funcional, ver HALLIDAY (1994: 250-173).

por isso mesmo, dignas da atenção desse mesmo público<sup>46</sup>. De facto, usando as palavras de A. Wierzbicka, não será exagero dizer que a vida pública pode ser concebida como uma gigantesca rede de actos de fala. A transmissão mediática da informação diz respeito tanto às palavras como aos gestos das personalidades que fazem a actualidade (MONVILLE-BURSTON, 1993:48).

Estes títulos bissegmentais em discurso directo constituem, pensamos, uma excepção à hipótese de Bosrendon e Tamba de que o S1 seria um nome de dossier sem articulação gramatical nem referencial com o S2. De facto, o S1 parece-nos condensar na identificação do nome do locutor toda uma oração introdutória que iria tornar o título desnecessariamente longo. A tendência para o carácter telegráfico deste tipo de produção faz-nos ver em [GUÍMARO:], no exemplo (282), uma substituição condensada de [GUÍMARO DISSE:]. Deste modo, S1 teria uma articulação sintáctica com S2 em que o nome próprio de pessoa assumiria a relação gramatical de sujeito (de um verbo, como vimos, ausente) e em que S2 funcionaria como objecto directo (do mesmo verbo ausente).

A nível referencial, conseqüentemente, a relação estaria estabelecida. O S1, constituindo não uma etiqueta de dossier mas referindo-se ao locutor responsável pelo acto de fala reproduzido em S2, assume com este o mesmo plano referencial. É isso que permite a construção de elos coesivos por referência<sup>47</sup> entre os dois

---

<sup>46</sup> O título pode, em relação a estas pessoas, jogar com os seus idiolectos. Assim, mesmo sem reproduzir (directa ou indirectamente) actos de fala por elas emitidos, o leitor captará algo da sua produção discursiva e as palavras acabarão por lhes ser subtilmente atribuídas. Goodman (1997) apresenta um interessante estudo sobre títulos de imprensa britânicos que imitam o idiolecto da Rainha (ex: emprego de “one” em vez de “I”).

<sup>47</sup> Entendemos aqui o elo coesivo por referência no sentido de Halliday e Hasan (1985: 31) caracterizado pela natureza específica da informação que é assinalada para recuperação. No caso da referência, a informação a ser recuperada é o significado referencial, a identidade da coisa particular ou da classe de coisas que está a ser referida; e a coesão consiste na continuidade de referência, pela qual a mesma coisa entra no discurso uma segunda vez.



segmentos. O exemplo (926) que transcrevemos acima inclui o pronome [ME] que não tem uma função exofórica, não refere o redactor do título, mas uma função endofórica estabelecendo, anaforicamente, uma relação com o antecedente [ANTÓNIO PINTO] no S1. Este elo coesivo por referência diz-nos que [ME] e [ANTÓNIO PINTO] têm o mesmo referente extralinguístico. A articulação a nível de referência terá necessariamente de existir nos títulos bissegmentais de discurso directo.

Esta apresentação do discurso faz com que este tipo de títulos, por um lado, se aproxime das fórmulas bissegmentais de que nos falam Bosrendon e Tamba já que, na ausência de *verbum dicendi*, não há de facto uma articulação sintáctica expressa na superfície textual entre S1 e S2 mas, por outro lado, não podemos deixar de encontrar entre eles uma articulação a nível da referência. Nestes casos, não é só o S2 mas são os dois segmentos do título que se reportam a um facto do dia, mais propriamente a um locutor e acto de fala situacionalmente determinados.

O procedimento formal de veiculação do discurso directo neste tipo de títulos afigura-se-nos semelhante ao utilizado em texto dramático em que a transmissão do discurso das personagens é antecedida do nome das mesmas, sem oração introdutória, mas destacado graficamente. O mesmo tipo de procedimento, com uma mancha gráfica semelhante, pode ser também encontrado na transcrição escrita de entrevistas. No caso dos títulos bissegmentais, o destaque gráfico do discurso citado é assumido pelos dois pontos e pela utilização de aspas no S2. A utilização de aspas no S2 leva o leitor a atribuir as palavras desse segmento ao locutor identificado em S1, como vimos nos exemplos anteriores. Já o S2 de títulos

como:

(168) ÁLVARO CUNHAL: A LUTA CONTINUA/ ENQUANTO TIVER UM SOPRO DE VIDA  
(1589) ANTÓNIO/ CARLOS:/ ESTAR INACTIVO/ É UMA TORTURA

não será, em princípio<sup>48</sup>, interpretado como sendo a transmissão de um acto de fala, mas sim como um comentário do redactor, sendo o S1 um nome de dossier, no sentido que vimos acima. Se o S2 deste título fosse incluído entre aspas, o leitor seria levado a interpretá-lo como uma reprodução em discurso directo, vendo, no sujeito nulo do verbo ter, no caso do (168), e do verbo estar, no caso do (1589), uma primeira pessoa co-referencial ao nome fornecido em S1, ou seja, Álvaro Cunhal e António Carlos, respectivamente.

Em relação à utilização de linguagem metafórica nos títulos bissegmentais em discurso directo, o S2 pode apresentar uma de duas situações, dependendo da fidelidade com que o discurso do locutor referido em S1 foi reproduzido.

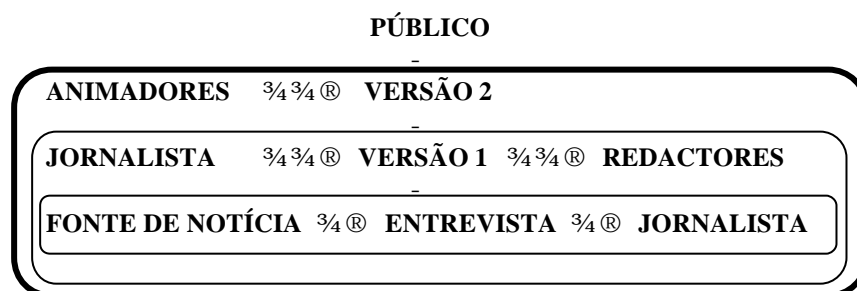
A primeira situação ocorre quando o discurso citado no título não reproduz com fidelidade a linguagem utilizada pelo locutor identificado em S1.

Ao contrário do texto narrativo literário, em que um mundo fictício é construído, o texto jornalístico reporta-se ao mundo real e relata factos ocorridos normalmente num passado recente. Assim, no texto literário, não se põe geralmente o problema do confronto revelador de uma possível diferença de veracidade entre o que o narrador relata em discurso directo e aquilo que a personagem teria "na

---

<sup>48</sup> Dizemos “em princípio” pois, quando muito, podemos encarar estes títulos como apresentando uma ambiguidade a este nível. O S2 poderá ser interpretado de duas maneiras: ou como a reprodução de um acto de fala do enunciador identificado em S1, ou como um comentário, uma informação transmitida no título sobre essa personagem. De qualquer modo, se o S2 estivesse entre aspas, esta segunda hipótese nunca seria considerada.

realidade" dito (Short, 1991: 74). Já no texto jornalístico será possível estabelecer esse confronto. Bell (1991: 52-54)<sup>49</sup> explica que a comunicação do discurso, desde o emissor primeiro até ao receptor último, passa por várias "camadas". A história origina-se num acto de fala que proporciona informação ao jornalista - uma entrevista com fonte de notícia<sup>50</sup>. O jornalista transforma esta informação numa história, que é recebida e redigida por uma série de redactores. Finalmente é recebida e transmitida por animadores, ou seja, transmissores e técnicos que a canalizam para o público. Bell (citando H.Burger, *Sprache der Massenmedia*, 1984: 67) apresenta o seguinte diagrama síntese:



**Diagrama 4** – Percurso comunicativo do discurso noticioso segundo H. Burger

O processo pode ainda ser mais complexo e a história percorrer mais versões, por exemplo através de agências noticiosas, etc. O que aqui nos importa focar é que, nalgum ponto da transmissão da mensagem esta pode ser alterada distanciando-se a sua linguagem da que foi originalmente utilizada pelo locutor primeiro do acto de fala. Não é raro, na nossa sociedade actual, uma celebridade recusar, por exemplo, dar entrevistas com base na queixa de que as palavras que são publicadas pela

<sup>49</sup> Ver uma recensão a esta obra em THOMAS, 1993: 115-121.

<sup>50</sup> A preocupação com a fidedignidade das fontes é uma constante neste tipo textual: "Media writers are critically tuned conduits of information. Information is their stock in trade, but it is information of a verifiable kind, nor hearsay, not fiction. Unlike fiction writers, who are free to write from the depths of their imagination, journalists are expected to write from a bank of information checked and re-checked through a series of valid sources in the real world. Without substantiated information, they have nothing to communicate" (PARSIGIAN, 1992: 1).

imprensa não correspondem àquilo que ela disse<sup>51</sup>. O leitor, não tendo acesso à versão original, pode nunca detectar estas alterações, excepto se, mais tarde, o locutor citado vem reclamar da falta de veracidade, deturpação, descontextualização, etc.

Pondo de parte as deturpações intencionais com fins menos claros ou acidentais por alguma falha na comunicação, que não nos interessam neste trabalho, as modificações na mensagem, que podem ocorrer quando o discurso de alguém é citado ou relatado em texto jornalístico, podem resultar da própria passagem do código oral para código escrito<sup>52</sup> e da necessidade de compactar grandes passagens de discurso eventualmente repetitivo ou excessivamente pormenorizado. A este último recurso Short (1991: 74) atribui a designação de resumo do discurso (*speech summary*)<sup>53</sup>. No corpo da notícia, ocorrências de discurso indirecto podem deste modo ser interpretadas como resumo do discurso, embora o leitor só possa ter a certeza, se assistiu (na televisão, por exemplo) à entrevista original.

Quando o título do texto jornalístico contém uma citação de discurso, como é o caso dos títulos que temos vindo a referir nos parágrafos anteriores, o leitor pode sempre confrontar as palavras que o título atribui ao falante (e que nestes títulos são reproduzidas no S2, como vimos) com a reprodução que, no corpo do texto, se fornece das mesmas palavras. Como dissemos atrás, nem sempre se verifica uma coincidência. No que respeita ao emprego de linguagem metafórica, pode mesmo

---

<sup>51</sup> Num exemplo retirado da própria imprensa, uma notícia sobre o julgamento do actor brasileiro Guilherme de Pádua (implicado no assassinio da actriz Daniela Perez) termina com as seguintes palavras: “Na audiência, ele limitou-se a repetir a sua confissão de culpa e afirmou que não diria mais nada pois, segundo disse, a imprensa deturpa tudo o que ele diz” (CM, 17/01/93, p.32).

<sup>52</sup> Sobre as características dos códigos oral e escrito bem como a "tradução" de discurso oral em escrito, ver, por exemplo, a abordagem sociolinguística de Kress (1979: 46-62) e a interessante obra de Halliday (1989). Sobre as estruturas dos dois códigos, ver Davies e Widdowson (1974), Simon (1980) e ainda Kress (1990). Biber (1991) apresenta uma pesquisa aprofundada e quantitativamente extensiva sobre as relações da linguagem oral e da linguagem escrita. Firbas (1992) confronta os dois códigos sob o ponto de vista da perspectiva funcional da frase.

<sup>53</sup> Ver na nota 44 (pág. 196) a explicação de Short em relação a este ponto.

acontecer que essa linguagem não tenha sido utilizada pelo locutor original.

Retomando os exemplos que referimos acima, verificamos isso mesmo:

(282) GUÍMARO: "FOI SÓ FUMAÇA..."

Este título é seguido de um subtítulo que, em linguagem não metafórica, transmite resumidamente em discurso indirecto o que Guímaro, o locutor citado no título, terá dito ao jornalista: Árbitro de Coimbra diz nada ter sofrido em Paranhos. O corpo da notícia apresenta a mesma mensagem em discurso directo livre de um modo mais desenvolvido e, aparentemente, mais próximo da entrevista que originou a notícia: José Guímaro, o árbitro que, segundo testemunhas oculares, sofreu um "grande susto" durante o Salgueiros-Gil Vicente, a que assistiu, confessou ao "JN" que, afinal, não sofreu "qualquer ferimento" e que "os incidentes se deram pelo facto de me terem reconhecido, que não por qualquer outro motivo, e com uma meia dúzia de exaltados, ao contrário da grande maioria, que me incomodaram, bem como à minha esposa, que também assistiu ao jogo, claro está, por sermos amigos do Carlos Pinto, o "juiz" dessa partida". (...) / "não tive grandes problemas - de outro modo não estaria agora a trabalhar, nem sequer teria ido ao Bessa". (...) / Não deixou até de vincar "a minha simpatia pelo Salgueiros (...) independentemente daquele "burburinho" passado na bancada. São coisas sem grande importância". Se o subtítulo condensa em poucas palavras todas estas intervenções do árbitro, o título consegue, através da metáfora "Foi só fumaça...", condensá-las ainda mais. Este título, além de ser curto, desperta a atenção do leitor pois insinua, sem explicar, que a notícia irá tratar de algum incidente que não teve consequências graves (o que, por implicatura, deixa inferir que poderia ter tido). Este carácter insinuante do título é ainda reforçado através da utilização das reticências. O subtítulo já fornece mais informação, mas o leitor só a terá de um modo mais completo, obviamente, no corpo da notícia.

(550) PAULO CARDOSO: "PROBLEMAS DO FUTEBOL/ RESIDEM NA QUALIDADE DOS HOMENS"

Neste título, ao contrário do anterior, a linguagem metafórica não ajuda a compactar o discurso. No entanto, o título não se limita a transcrever uma das intervenções que são veiculadas no texto já que a metáfora só aparece naquele. A intervenção de Paulo Cardoso tal como é apresentada no texto, não é tão geral como o título quer fazer parecer: "Temo que a divisão Norte/Sul enterre as ilusões de quem pensa que o dirigismo do futebol vai pelo bom caminho. Porque o problema é da qualidade dos homens". No título, a alteração do sujeito para o plural, vai exigir a não utilização do verbo ser como copulativo sob pena de gerar uma frase menos conseguida (\* Os problemas são da qualidade dos homens). A utilização metafórica do verbo *residir* nestes casos tem-se generalizado.

Fica claro, através destes exemplos, que a opção pela utilização de linguagem metafórica no título bissegmental em discurso directo pode não ter origem directamente no acto de fala do locutor identificado em S1, mas ser da responsabilidade do redactor do título. Esta escolha pode ter como objectivo o resumo da mensagem, a captação da atenção do leitor ou razões de ordem estética.

A segunda hipótese, no que diz respeito ao confronto da citação no título com a mesma citação no texto, verifica-se quando a linguagem metafórica do título reproduz a mesma linguagem metafórica veiculada no texto. Neste caso, a criatividade na produção do título não vai ao ponto de imprimir metaforicidade ao discurso do locutor primeiro, mas limita-se à escolha, entre todos os actos ilocutórios emitidos pelo mesmo, de um enunciado suficientemente merecedor de tal destaque. É o que acontece nos seguintes casos:

(926) ANTÓNIO PINTO: "AZAR IMPEDE-ME/ DE COLHER FRUTOS DE 1992"

Neste exemplo, o redactor do título transformou em discurso directo as palavras que, no corpo da notícia, eram relatadas em discurso indirecto utilizando algumas estratégias para compactar a mensagem mas mantendo a metáfora inicial:

Um vírus hepático (...) prostrou este homem (...). Um azar que, segundo o próprio reconheceu ao JN, o vai impedir de colher os frutos - lucrativos - de uma época quase em pleno que serviu para criar uma boa reputação.

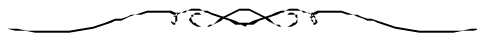
Acabámos, pois, de verificar que, em relação à utilização de linguagem metafórica no título bissegmental em discurso directo, o redactor do título tanto pode aproveitar uma metáfora já estabelecida no discurso reproduzido no texto, como pode, no próprio título, criar essa linguagem metafórica. Uma terceira hipótese, que não encontramos em títulos bissegmentais no corpus analisado, mas que, teoricamente pelo menos, seria possível, consistiria na substituição de linguagem metafórica por outra linguagem metafórica diferente<sup>54</sup>.

Modificando ou não a linguagem inicial, o título encontra na metáfora um instrumento precioso para resumir a informação transmitida em vários actos

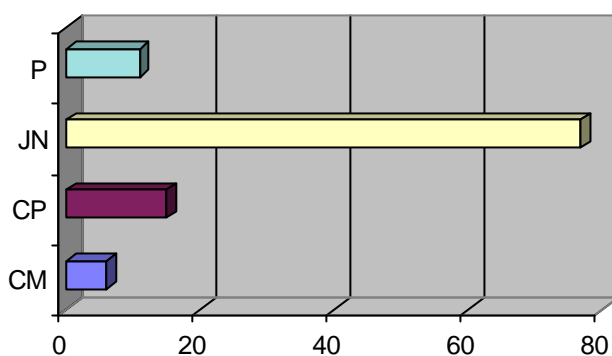
---

<sup>54</sup> Goatly (1987) propõe uma terminologia para os vários modos de duas ou mais metáforas afectarem a interpretação umas das outras num texto. Assim, entre outras categorias, apresenta a categoria da diversificação (*diversification*) a qual abarca todos os casos em que, a mais do que um veículo metafórico, corresponde um único teor. Fairclough (1992: 120) exemplifica este fenómeno com o título (não bissegmental) AS THE CANCER SPREADS encabeçando uma notícia num jornal escocês sobre os "motins" de 1981. Depois de tecer algumas considerações sobre a metáfora da doença (que é retomada no texto) para a representação de problemas sociais, refere que uma metáfora alternativa (*alternative metaphor*) seria, por exemplo, a de uma discussão.

illocutórios do locutor citado. Van Dijk (1988b: 35-36) considera que um dos principais papéis do título é precisamente a apresentação do tópico, o resumo do texto noticioso. Usando as suas palavras, o título exprime uma macroproposição que é derivada do texto de acordo com a aplicação das chamadas macro-regras, ou seja, processos que reduzem a informação: a supressão de informação não relevante; a substituição de uma sequência de proposições por uma generalização; e a substituição do relato das várias condições, componentes ou consequências de um acto ou evento, por uma macroproposição que o denote como um todo. A aplicação destas regras não é isenta de subjectividade como se conclui facilmente dos exemplos que apontámos acima.



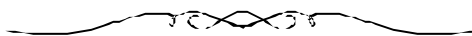
As configurações bissegmentais dos títulos de imprensa apresentam-se, como acabámos de constatar nesta secção, como recursos linguísticos que permitem situar a notícia no âmbito de determinado “dossier”, ou seja, apontam o tópico textual e orientam a leitura nesse sentido, mesmo em jornais onde se encontra uma etiquetagem explícita das rubricas e secções. O gráfico 3 mostra como a distribuição destas configurações é díspar entre os jornais que constituem o corpus da nossa pesquisa:



**Gráfico 3** – Frequências absolutas dos títulos de configuração sintáctica da categoria C (títulos bissegmentais) por jornal

Torna-se, pelo gráfico, bem visível a grande predominância de exemplos provenientes do JN, o que mostra que as características linguísticas que temos vindo a estudar, embora surgindo em todos os jornais, apresentam frequências que variam entre os diversos periódicos.

Em relação à linguagem metafórica, temos a salientar, em relação aos títulos bissegmentais, que as expressões provenientes do domínio fonte da projecção se encontram, na quase totalidade dos casos, no segundo segmento do título, depois dos dois pontos. O contraste surge, assim, entre a linguagem não metafórica do S1 e a linguagem figurada do S2, permitindo a identificação desta última, o que significa o primeiro passo para a sua descodificação.





#### 4.1.2. CONCLUSÕES PARCIAIS - NÍVEL SINTÁCTICO

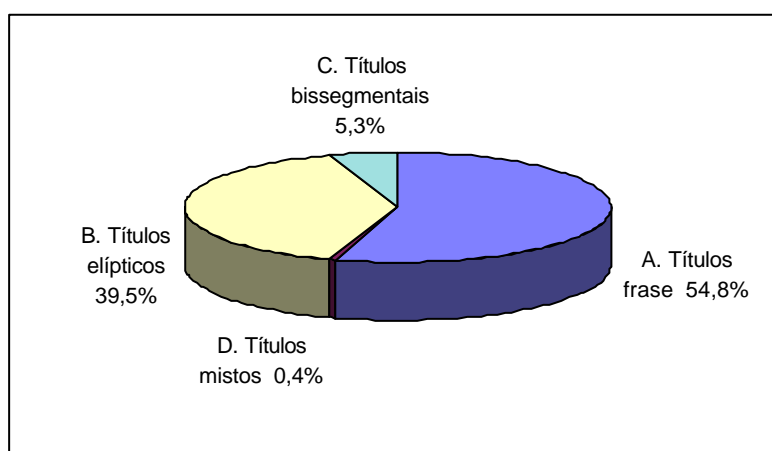
Neste capítulo sobre o nível sintáctico, abordámos a questão da configuração sintáctica dos títulos metafóricos que constituem o corpus em análise e observámos os constituintes que correspondiam ao veículo de linguagem metafórica dentro destas configurações. Da observação e análise dos dados obtidos, destacaremos, nesta secção, as observações e conclusões que nos parecem mais pertinentes em relação ao nível sintáctico e que decorreram do estudo exposto ao longo do capítulo. Aproveitaremos, ainda, para tecer algumas considerações que não foram apresentadas em nenhuma das secções anteriores, por dizerem respeito a todas as categorias em geral.

Começamos pelas principais observações e conclusões referentes ao nível sintáctico:

##### a) A grande diversidade de configurações sintácticas

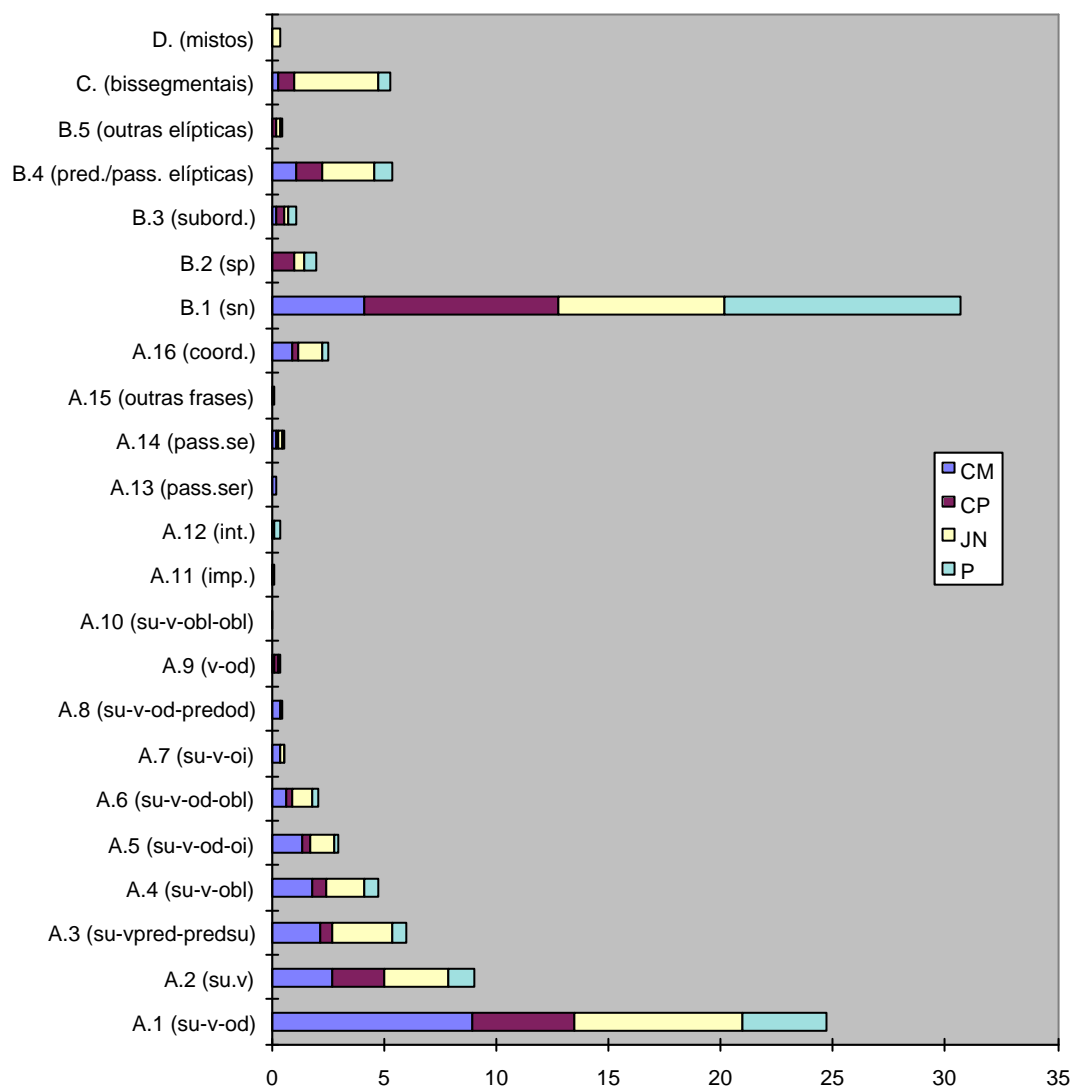
Como observámos nas secções anteriores, os títulos do corpus apresentam uma grande diversidade de configurações sintácticas. No entanto, eles não se repartem equitativamente pelas diversas categorias analisadas.

No gráfico 4, podemos facilmente visualizar o claro predomínio numérico dos títulos frase sobre todas as outras configurações, bem como a pequena representatividade dos títulos mistos.



**Gráfico 4** - Percentagem das quatro categorias sintácticas de títulos do corpus (cf. distribuição das frequências absolutas apresentada no quadro 1)

Além disso, dentro de cada uma destas grandes categorias, podemos, ainda, encontrar grandes oscilações quantitativas entre as subcategorias que as integram, como facilmente se conclui da observação do gráfico 5.



**Gráfico 5** – Percentagem das configurações sintáticas dos títulos do corpus por jornal

No entanto, apesar destas discrepâncias entre as frequências de títulos pelas diversas categorias sintáticas, observamos, no mesmo gráfico, que praticamente todas as

categorias se encontram representadas em cada um dos jornais que constituem o corpus. Isto leva-nos a concluir que as preferências por determinadas estruturas – títulos elípticos constituídos por um SN e títulos frase constituídos por SU-V-OD – não se prendem com uma opção particular por parte de determinado jornal mas tudo indica que serão uma escolha generalizada neste tipo textual.

Assim, apesar da grande diversidade de configurações possíveis, dois tipos de configuração se destacam, claramente, de todos os outros independentemente do jornal em que ocorrem: a maior percentagem é atribuída à configuração SN, seguida da configuração Sujeito-Verbo-Objecto Directo.

#### **b) Títulos frase: o predomínio da configuração SU-V-OD**

A maioria dos títulos do corpus são, como podemos observar no gráfico 4, constituídos por frases não elípticas e, portanto, incluindo um verbo flexionado. Dentro destas configurações, destaca-se, como se constata no gráfico 5, o predomínio claro da frase constituída pelos elementos SU-V-OD, o que significa que uma boa parte dos títulos estudados é constituída por um SN sujeito e um SV em que a um verbo transitivo se segue o respectivo objecto directo. Este esquema corresponde, na maioria das vezes, aos elementos informativos QUEM? FAZ O QUÊ? que são os elementos informativos essenciais de qualquer notícia. Estes elementos correspondem, nas categorias de Van Dijk e Bell, aos actores e à acção, que são categorias que integram a estrutura da história da notícia (VAN DIJK, 1988b: cap.2; BELL, 1991: 164-174). Este esquema sintáctico base é, em alguns casos, enriquecido com argumentos opcionais que materializam as categorias

de tempo e lugar. Em relação à localização, na frase, do veículo da projecção metafórica, verificamos que, seguindo uma tendência geral nos títulos metafóricos, este tende a coincidir com o SV, ou seja, é o acontecimento e não o actor que exigirá uma leitura figurada. Esta propensão talvez se explique devido à necessidade do estabelecimento de uma correcta relação de referência entre o título e o sujeito sobre o qual a notícia se ocupa, ou seja, à sua correcta identificação por parte do público receptor.

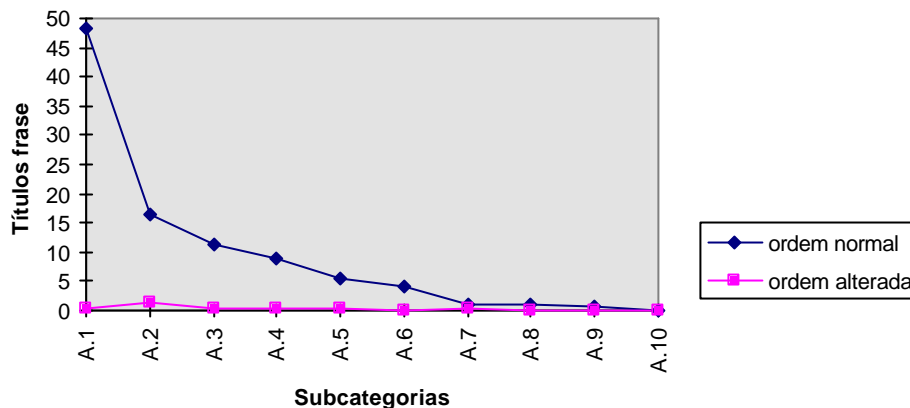
### **c) Títulos frase: a localização do veículo metafórico no predicador**

Na análise dos títulos da categoria A, ou seja, dos títulos constituídos por frases não elípticas, encontramos, em todas as suas subcategorias, um claro predomínio da localização do veículo metafórico no predicador da frase. De facto, apenas encontramos um total de cerca de 8% de casos em que o sujeito da frase pertencia a um domínio fonte de linguagem metafórica. A esta tendência não será alheia a preocupação jornalística em deixar claro sobre QUEM se debruça a notícia, ao mesmo tempo que o FAZ O QUÊ? é apresentado enigmaticamente em sentido figurado para atrair a atenção do leitor, para tornar a linguagem mais variada ou para condensar elementos informativos.

### **d) Títulos frase: tendência para seguir a ordem normal das palavras na frase e para omitir constituintes opcionais**

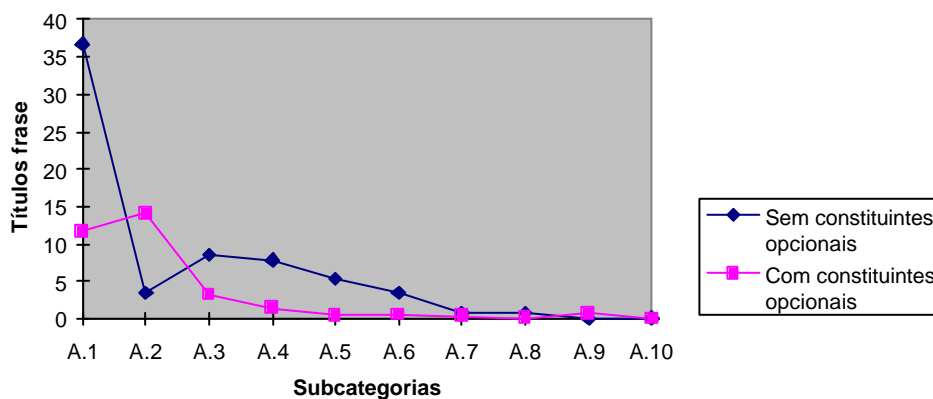
Ainda em relação aos títulos frase, que são, como vimos, os mais numerosos no corpus, verificámos, dentro de cada configuração, os casos em que a ordem canónica das palavras na frase surgia alterada. Assim, no gráfico 6, podemos facilmente observar, dentro das configurações 1 a 10 da categoria A, que correspondem a frases declarativas activas, que a grande maioria não apresenta alterações na ordem normal dos seus

constituintes. De facto, apenas 2,9% destes títulos alteram a ordem canónica das palavras na frase, contra um total de 97,1% que a respeitam.



**Gráfico 6** – Percentagem de títulos frase com a ordem dos constituintes sintácticos alterada vs. ordem normal por subcategorias

Já a percentagem de títulos que inclui constituintes gramaticalmente opcionais é bem mais significativa. No Gráfico 7, podemos observar, no interior das mesmas subcategorias, a percentagem de títulos que utilizam ou não esta possibilidade:



**Gráfico 7** – Percentagem de títulos frase com e sem constituintes sintácticos opcionais, por subcategorias

Assim, constatamos que as subcategorias A.2 (SU-V) e A.9 (V-OD) destacam-se por serem as únicas em que o total de títulos com constituintes opcionais é superior ao total de títulos em que esses mesmos constituintes se encontram ausentes. Podemos visualizar esse carácter excepcional no cruzamento das linhas poligonais do gráfico 7. A explicação que podemos encontrar para esta situação prende-se com a reduzida dimensão destas duas configurações frásicas. De entre as categorias consideradas no gráfico, a 2 e a 9 são as únicas formadas por apenas dois constituintes sintácticos obrigatórios. A junção de argumentos opcionais a estas frases torna-as um pouco mais extensas e o confronto metafórico entre os elementos que as constituem terá, assim, espaço para se manifestar, ao mesmo tempo que elementos informativos úteis são transmitidos pelo título.

Globalmente, verificamos que 67,2% do total dos títulos representados no gráfico não apresenta constituintes opcionais, contra 32,8% em que essa situação se verifica. Confrontando estes resultados com os do quadro anterior, podemos concluir que estes títulos metafóricos apresentam uma tendência quase absoluta para seguirem a ordem canónica dos constituintes na frase e uma tendência visível, embora não tão acentuada, para omitirem constituintes opcionais. Por outras palavras, a perturbação semântica e lexical que a linguagem metafórica traz ao título não é acompanhada de um distúrbio a nível sintáctico. Este resultado pensamos poder atribuí-lo a uma necessidade de não dificultar excessivamente a descodificação textual. Um texto em que uma complexidade de descodificação se situasse, simultaneamente, a vários níveis tenderia a cair num grau de hermetismo que se revelaria inadequado em texto jornalístico. Assim, podemos concluir

que a complexidade semântica é, de certo modo, compensada por uma simplicidade formal.

#### **e) Títulos elípticos: o predomínio da configuração SN**

O facto de, como observámos no quadro 5, a configuração SN ser a mais frequente significa que a constituição sintáctica predominante nos títulos de imprensa estudados é uma configuração elíptica, verificando-se a ausência do sintagma verbal. No entanto, se tivermos em conta a totalidade das subcategorias elípticas, verificamos que estas ficam aquém, em termos quantitativos e de variedade de configurações, dos títulos frase. Assim, os títulos frase são 25% mais numerosos que os elípticos e apresentam uma quantidade de subcategorias que é mais do triplo das subcategorias elípticas. Estes dados apontam, portanto, para uma presença significativa mas não predominante das configurações elípticas nos títulos metafóricos.

No entanto, como vimos no decorrer deste capítulo, este SN é, normalmente, constituído, além do nome nuclear, por mais ou menos especificadores e/ou complementos, o que lhe confere alguma complexidade sintáctica e conseqüente conteúdo informativo. Como vimos na secção respectiva, tendem a ser estes constituintes, de preferência ao N, os veículos de linguagem metafórica.

#### **f) Títulos bissegmentais: a localização do veículo metafórico no S2**

Os títulos bissegmentais, embora muito menos frequentes que os elípticos e que os frásicos, têm a particularidade de apresentarem uma configuração que é muito característica do título de imprensa e que não se encontra em praticamente mais nenhum tipo textual. Estes títulos, como vimos, são constituídos por um primeiro segmento, S1, que se apresenta como o nome de um dossier, a que se segue, separado por dois pontos, uma

frase ou um SN, constituindo um segundo segmento, o S2. A observação mais importante que tirámos dos resultados obtidos foi a de que é praticamente sempre no S2 que o veículo de linguagem metafórica se localiza. Esta observação, leva-nos a concluir que, tal como os títulos frase e os títulos elípticos apresentam o veículo na parte predicativa da configuração sintáctica, também aqui, ao deixar o S1 na linguagem do domínio alvo, o título espelha a preocupação pela correcta identificação das realidades noticiadas. Assim, mais uma vez, não é o objecto da notícia que é metaforizado, mas, mais frequentemente, aquilo que acerca dele se diz.

Passaremos, de seguida, à apresentação de algumas considerações que reservámos para este fim de capítulo, por dizerem respeito a todas as configurações sintácticas em geral e, conseqüentemente, não se restringirem a nenhuma subsecção em particular.

#### **a) A procura da condensação de linguagem**

Seja qual for a configuração sintáctica do título, em todos eles encontramos uma grande concentração lexical, com a omissão, sempre que possível, de elementos de menor valor informativo, tais como especificadores e verbos auxiliares. Esta densidade só encontra paralelo em texto telegráfico e publicitário<sup>55</sup> e prende-se, tal como nesses tipos textuais, com a necessidade de apresentar o máximo de informação no mínimo de espaço possível.

---

<sup>55</sup> Num estudo sobre itens lexicais na publicidade brasileira e portuguesa, Nelly Carvalho chega à conclusão de que “As palavras plenas são, portanto, elementos basilares na estruturação do texto publicitário, sendo densas de significado e escolhidas com precisão, pela exiguidade de espaço e condições de brevidade do texto” (CARVALHO, 1996: 715). Estas condições são, obviamente, comuns ao texto telegráfico e titular.



Quanto à condensação da linguagem, verificamos que, por exemplo, nos títulos que a seguir se indicam, a opção pela utilização de linguagem metafórica permite o uso de uma menor quantidade de palavras que uma paráfrase literal exigiria. A constituição sintáctica do título é, assim, estabelecida em conformidade.

(57) Manta de vozes

A utilização metafórica do lexema “manta”, neste título elíptico, evita uma maior explicação de toda uma situação decorrente de um concerto do grupo “Resistência” no Coliseu do Porto e que é explicada, posteriormente, no corpo da notícia, nos seguintes termos: “(...) O efeito não se fez esperar. Gargantas ao vento, vozes ao alto, público num esforço heróico para ultrapassar os decibéis a mais que enchem a sala. O som, apesar da sua qualidade, quase, quase rebentava os tímpanos./ Nesta era da discoteca e do stereo em altos berros, houve muita gente que não se incomodou. Mas outra houve que saiu para lugar mais sossegado. Rezando «pragas» ao técnico de som, que deve estar a precisar, com aviso de urgência, de um aparelho auditivo. No mínimo./ Os espectadores, na sua maioria, é que não davam parte de fracos. A festa era deles, e o grande coro começava logo a ajudar os cantores do palco mal reconhecia o tema, envolvimento festivo que atingia o auge nos versos mais conhecidos (...)”.

(1555) Vieira dribla Governo [p, 13-1, 41]

Do mesmo modo, neste título frásico, encontramos no verbo um veículo de linguagem figurada condensando toda uma situação que é explicada no lead: “cansou-se da morosidade que tem rodeado o processo de instalação do batalhão n 4 da GNR no seu conselho e vai avançar, nos terrenos (...)com o projecto de Maia-Leste”.

(1802) Mota Amaral acena a Clinton

Mais um exemplo em que o verbo metafórico condensa numa única palavra uma situação que, expandida, ocupará uma extensão considerável de discurso, como acontece no corpo desta notícia: “proclamando a esperança “na abertura de um novo capítulo nas relações luso-americanas”.(...) bom entendimento”.

Como vimos a escolha de determinada configuração sintáctica e de determinado tópico frásico está ligada à utilização que, no título, é feita da linguagem metafórica, a fim de se conseguir um máximo de condensação linguística e interesse informativo.

## **b) O predomínio do tipo declarativo**

Outra ilação decorrente da observação dos dados prende-se com o tipo de frase encontrado. Elípticas ou não, a grande maioria das frases que constituem o texto titular das notícias de imprensa apresenta-se no tipo declarativo, de onde se pode concluir não existir uma grande diversidade a nível do tipo de acto de fala realizado, o que nos levou a

abandonar a ideia de uma possível análise ao nível pragmático neste estudo. De facto, sendo a esmagadora maioria das frases do tipo declarativo, o acto ilocutório de asserção será o predominante, o que será de esperar num texto informativo como é o caso da notícia de jornal. No entanto, outras pesquisas parecem apontar para o facto de que esta homogeneidade não se verifica em todos os tipos de título de imprensa. Um estudo de Pamela Dougall (1994), por exemplo, ilustra a grande diversidade de actos de fala presentes nos títulos dos artigos publicados em revistas femininas.

Em relação ao corpus aqui analisado, verificamos, em relação aos títulos frase, a presença de apenas 7 frases interrogativas e 3 exclamativas marcadas sintacticamente. Se, as estas, juntarmos as frases exclamativas não marcadas sintacticamente e os títulos elípticos exclamativos e interrogativos, os números sobem consideravelmente. Assim, encontramos um total de 12 títulos terminando em ponto de interrogação:

- (60) XANANA SOFREU/ LAVAGEM/ AO CÉREBRO?
- (125) Houve lavagem ao cérebro?
- (208) Bill Gates jogará mesmo limpo?
- (274) MAIS/ UM COMPASSO/ DE ESPERA/ -ATÉ QUANDO?
- (1275) Super-reactores: sonho ou pesadelo?
- (1369) Saddam já pestanejou?
- (1384) Esquerda igual ao lince da Malcata?
- (1537) Será africana a estrela de amanhã?
- (1759) SOCIALISTAS/ FRANCESES/ VÃO SER/ ESMAGADOS/ NAS ELEIÇÕES?
- (1761) "PUZZLE" FEDERATIVO/ -CONSENSO OU RUPTURA?
- (1768) Há alternativa à escola biodegradável?
- (1956) FC PORTO "VOA"/ PARA OS "QUARTOS"?

Os títulos que terminam em ponto de exclamação, por sua vez, totalizam os 40, ou seja, ao contrário das interrogativas, as exclamativas são predominantemente elípticas.

- (21) "CARRASCO" DOS BULLS/ PERDEU EM DETROIT!
- (91) HÁ/ 'PODRIDÃO'/ A MAIS/ NO/ 'CALCIO'!!!
- (198) VOAR PARA O PASSADO!...
- (339) Foi um golpe duro!
- (379) Leixões em maré de esperança!
- (421) PROJECTO QUEIRÓS É IGUAL/ AO TRATADO DE MAASTRICHT!...
- (441) Sonho tornado realidade!
- (455) "MAR" FEMININO/ ESTÁ UM "CÃO"!

- (473) Fomos atropelados/ por um Ferrari!  
 (485) Pão de ló amargo e doce!  
 (492) "ÁGUIA" CHAMUSCA-SE NO "CALDEIRÃO"!...  
 (495) QUE GRANDE CARECADA!  
 (755) "COSMÉTICA ÀS CONTAS" DA FPF/ TRANSFORMA PREJUÍZOS EM LUCRO APARENTE!  
 (800) Capoeiras abertas!...  
 (850) Os «pequenos» já cresceram!  
 (851) Artur, rei de xadrez!  
 (918) CONTRA/OS "RATOS"/ -MÍSSEIS/ ANTITANQUE!  
 (951) MONTANHISTAS/ DE S.JOÃO/ DA MADEIRA/ À CONQUISTA/ DO... ATLAS!  
 (1008) Balizas às sete chaves!  
 (1141) Quando a vida/ é um pesadelo!  
 (1156) FOGUETES NOS ÚLTIMOS SEGUNDOS!...  
 (1182) ALMA QUEBROU O JEJUM!  
 (1192) Até Jesus dá frangos!  
 (1196) Vila Real esmagado!  
 (1225) ÀS TRÊS PANCADAS!...  
 (1301) CAIXA ECONÓMICA/ OPERÁRIA/ RENASCE DAS "CINZAS"!...  
 (1322) Itália e Suíça atacam em força!  
 (1355) Salamanca «de Alves» está vivo!  
 (1376) Que mil foguetões/ desabrochem!  
 (1386) Vamos dar o *litro*!  
 (1473) Sem espírito de *conquistador*!  
 (1476) Brillhante Ermesinde!  
 (1569) A VIDA COMEÇA ÀS 40!  
 (1606) Benfica fecha a porta!  
 (1635) ALVES QUER A PASSAGEM/ PARA A OUTRA... 'MARGEM'!  
 (1696) ESPANHA: CORUNHA NÃO DESARMA!...  
 (1895) Senhora da Gora baqueou!  
 (1936) DESPORTIVO DA CORUNHA:/ CAMPEÃO DE INVERNO/ "NADA" EM DINHEIRO!...  
 (1946) Sub-16 atacam... albaneses!  
 (2006) De *alma* e sem corpo!

Encontramos, ainda, um título em que a exclamação se segue à interrogação, como num jogo dialógico polifónico:

- (1357) Chicotada? É mentira!

Se considerarmos o total de títulos do corpus – 2060 –, verificamos que o recurso às interrogativas e exclamativas não é muito frequente, apenas 2,6%. De qualquer modo, podemos dizer que se trata de uma característica linguística que, precisamente por não ser muito frequente, já que a presença de pontuação não é um recurso gráfico muito utilizado em títulos de notícia (cf. nota 8 da pág. 388), se torna mais saliente e chamativa. Em consequência, a linguagem metafórica neles presente sairá destacada, bem como a globalidade da mensagem aí transmitida.

### c) O papel da linguagem metafórica na topicalização

Além do destaque e apelo à leitura que as características que temos vindo a referir trazem ao texto titular, uma das principais finalidades da utilização de linguagem metafórica neste pequeno texto prende-se, como temos vindo a defender, com a condensação de significados dentro da mensagem. Ao analisarmos os títulos, sob o ponto de vista sintáctico, em constituintes, verificámos que algumas configurações não seriam possíveis sem a utilização de linguagem metafórica; de outro modo, tornar-se-iam desnecessariamente longas e os seus constituintes não poderiam apresentar-se nas posições sintácticas que ocupam, o que traria consequências a nível da topicalização da frase.

Assim, quanto à topicalização frásica, vamos encontrar diversos casos no corpus em que a linguagem metafórica surge como a única forma de conseguir com que determinado elemento informativo possa assumir essa posição<sup>56</sup>. A título de exemplo, atentemos nos seguintes títulos:

(397) BURACO QUASE/ "ENGOLE" CARRO [cm 2/12 5]

Este título, ao colocar “buraco” na posição de sujeito e ao atribuir-lhe o tópico frásico, chama a atenção, devido à sua posição proeminente, para o elemento noticioso mais relevante que é o buraco na estrada e que constituirá um perigo para os potenciais utilizadores da mesma que poderão ser os leitores do jornal. No entanto, esta colocação obriga à utilização de linguagem metafórica, já que não existe, em Português um lexema com uma relação de sentido conversa<sup>57</sup> a “cair em”. Já no lead, onde as preocupações da

<sup>56</sup> Outros estudos têm demonstrado que a opção por determinado tema determina certas escolhas a nível da estrutura frásica. Maria A.Gómez (1994), por exemplo, defende que, no discurso noticioso, as escolhas temáticas afectam a estrutura das orações e apresenta um estudo baseado num corpus de notícias da BBC.

<sup>57</sup> Uma relação conversa é aquela em que os elementos relacionados surgem em situação invertida: “(...) em virtude da definição lógica da relação conversa, se R é uma relação de dois lugares e R' é a sua conversa, podemos substituir R' a R e, simultaneamente, transpor os termos da relação para obter uma equivalência: R(x,y) = R'(y,x). Contanto que se verifiquem as modificações gramaticais apropriadas quando se procede à transposição das expressões nominais, podemos fazer o mesmo para pares de frases contendo lexemas ou expressões conversas, e as proposições expressas pelos dois membros de cada par de frases serão equivalentes «X é maior que Y» ≡ «Y é menor que X», «X precede Y» ≡ «Y segue X», «X matou Y» ≡ «Y foi morto por X».” (LYONS, 1980: 227).

apelatividade e condensação não atingem os níveis das do título, podemos ler que “só por milagre (...) não caiu de vários metros de altura num enorme buraco cheio de água”, o carro apresenta-se como o sujeito e a forma verbal deixa de ser metafórica.

(1103) 1993 herda diversos conflitos [CP 01/01/93 17]

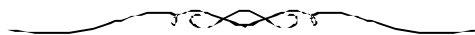
À semelhança do exemplo anterior, também aqui se verifica que no lead o elemento informativo transmitido pelo sujeito do título surge aí como objecto directo e o verbo não corresponde a nenhum veículo metafórico: “Terminou mais um ano, mas não foi por isso que os “velhos” problemas que têm afectado o nosso planeta se viram resolvidos (...) conflitos de índole étnica, religiosa, política, etc.”.

(1717) Câmara de Coimbra posta em xeque [CM 01/19/93 20]

Neste caso, a ausência de um dos elementos informativos obriga à utilização de linguagem metafórica. O antetítulo, lead e legenda da fotografia que acompanham este título não colocam a Câmara de Coimbra como tópico frásico mas sim os vereadores da oposição. Ao omitir este constituinte e escolher a outra alternativa de topicalização, surge a utilização do predicado metafórico. É assim que a metáfora do jogo de xadrez não surge nos outros elementos textuais: antetítulo (PSD pede dissolução), lead (Os vereadores social-democratas da Câmara Municipal de Coimbra admitem propor a dissolução do órgão autárquico) e legenda (Os vereadores do PSD já pediram a dissolução do executivo).

Estes exemplos, dois títulos frásicos e um elíptico, mostram, portanto, que a linguagem metafórica oferece, independentemente da categoria sintáctica, uma possibilidade de topicalizar elementos que de outro modo não seria viável.

Depois deste destaque das principais observações e conclusões referentes ao estudo do nível sintáctico dos títulos de imprensa metafóricos, passaremos, no próximo subcapítulo, à apresentação da análise do nível léxico-semântico.



# ***NÍVEL LÉXICO-SEMÂNTICO***

## 4.2. NÍVEL LÉXICO-SEMÂNTICO:

### AS METÁFORAS CONCEPTUAIS UTILIZADAS NOS TÍTULOS

Além da variedade de configurações sintáticas que abordámos no subcapítulo precedente, a linguagem metafórica presente nos títulos das notícias é ainda caracterizada por uma grande diversidade a nível léxico-semântico. Seguindo uma abordagem de tipo cognitivo – que apresentámos no ponto 2.1.2. deste trabalho – verificaremos, em relação à linguagem dos títulos que constituem o corpus em análise, quais as metáforas conceptuais mais utilizadas na sua construção. Por outras palavras, faremos o levantamento das configurações léxico-semânticas mais relevantes, tendo em conta os domínios fonte e os domínios alvo de linguagem metafórica mais utilizados neste processo. As metáforas serão, deste modo, agrupadas sob designações genéricas, o que nos permitirá aferir da sua pertinência em termos de transmissão do significado neste tipo textual.

De acordo com George Lakoff (1991), a compreensão metafórica de uma situação funciona em duas partes. Em primeiro lugar, temos um conjunto de metáforas que é relativamente fixo e conhecido na comunidade linguística e que estrutura o seu modo de pensar. É o caso de metáforas como A VIDA É UMA VIAGEM, DESPORTO É GUERRA, O ESTADO É UMA PESSOA, etc., etc. Em segundo lugar, temos a aplicação de tais metáforas a situações particulares de acordo com um conjunto de definições metafóricas. Utilizando um exemplo do corpus, no título

(454) BOMBARDEAMENTO/ DE ROCKETS/ “ESTILHAÇOU” BULLS

a vitória de uma equipa de basquetebol é noticiada como um “bombardeamento” que “estilhaçou” a sua adversária. A escolha da metáfora de guerra realça o significado da

“surpreendente vitória” referida no corpo da notícia (para além, como veremos, do jogo de palavras com o nome da equipa).

Através deste e de outros exemplos que apresentaremos ao longo deste capítulo, veremos como a metáfora não é apenas um modo poético de transmitir significado, que pode ser ignorada ou parafraseada à nossa vontade. Pelo contrário, como salientam Lakoff e Johnson em *Metaphors We Live By* (1980), a linguagem metafórica encontra-se profundamente enraizada na nossa cultura, língua e maneira de pensar e, conseqüentemente, influencia o modo pelo qual experienciamos e interagimos com o mundo exterior e com os outros falantes. Esta natureza metafórica da linguagem é particularmente saliente no título de notícia, tratando-se de um tipo textual em que as relações com o mundo e com os intervenientes na vida social são essenciais. As metáforas escolhidas para a transmissão de determinada notícia podem mesmo revelar-se fundamentais na construção de uma determinada perspetivação do real por parte do público alvo<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O conhecimento, ainda que intuitivo, deste poder da linguagem leva, por exemplo, os governantes a escolher determinados paralelismos metafóricos nos seus discursos, os quais, citados na imprensa, ajudarão a “moldar” e a encarar a realidade de acordo com o ponto de visto pretendido. O próprio Lakoff (1993a) analisa os discursos do Presidente Bush sobre o problema da droga, em que metáforas de guerra, doença e conduta acabam por esconder as causas sociais internas por detrás do problema. Num outro artigo, intitulado “Metaphor and War” (1991), Lakoff tinha analisado as metáforas utilizadas por G.Bush sobre a invasão do Kuwait em 1991 e que, segundo o linguista, contribuíram para convencer a comunidade americana da pertinência da sua intervenção armada. Um artigo de Rohrer (1995a) reforça estas conclusões, dizendo mesmo que “The practical outcome of accepting Bush’s metaphors and his metaphorically projected inferences was the 1991 war in the Persian Gulf”. Ainda em relação à política externa, destacamos um artigo de Milliken (1996) onde se analisam as expressões metafóricas que os políticos americanos utilizaram em momentos de conflito, como a guerra do Vietnam, para valorizar o prestígio e a reputação internacional dos EUA; e um interessante artigo de Chilton e Lakoff (1989) em que se aplicam as teorias da metáfora conceptual à área da política externa americana, mostrando que as metáforas utilizadas durante a guerra fria deixaram de se poder aplicar depois de todas as mudanças no mapa político mundial: “The result of all this is a conceptual crisis in American foreign policy. Because metaphors are not mere words, because they do partly define what one takes as real, our foreign policy pundits are having a progressively harder time making today’s world fit yesterday’s metaphors”. Num livro intitulado *Moral Politics* (cf. revisão em McBROOM, 1996 e uma entrevista de Lakoff em ENGEL, 1996), Lakoff analisa as metáforas utilizadas por liberais e conservadores – cujo domínio fonte, a família, é projectado no domínio da moral política – e o modo como estas metáforas espelham as diferenças de ideal. A metáfora A SOCIEDADE É UMA FAMÍLIA, no discurso político, é também estudada por Adamson et al., 1995. Outros exemplos de estudos sobre a utilização de metáforas no discurso político e na construção de ideologias incluem: MILLER & FREDERICKS, 1990 sobre a relação das metáforas com os momentos de crise na política americana de educação; ELWOOD, 1995 sobre a metáfora da guerra nos discursos de presidentes americanos contra o problema da droga.



#### **4.2.1. OS DOMÍNIOS CONCEPTUAIS CONFRONTADOS NAS METÁFORAS DO CORPUS**

Nas páginas que se seguem apresentaremos as principais metáforas conceptuais presentes no corpus de trabalho. Ao longo do texto, sempre que nos referirmos a estas entidades, elas serão identificadas através das mnemónicas em maiúsculas pequenas de acordo com a convenção corrente na Linguística Cognitiva<sup>2</sup>. Por uma questão de comodidade e organização, as metáforas, designadas pelas respectivas mnemónicas, serão, neste capítulo, apresentadas por ordem alfabética.

Quanto à representação das projecções entre os elementos dos domínios conceptuais em confronto, utilizaremos ainda, sempre que possível, uma representação esquemática em forma de diagrama. Nestes diagramas, poderemos observar uma simetria em que os elementos das projecções surgem em posições simétricas com os elementos correspondentes. Acima do eixo da simetria, colocaremos os elementos do domínio fonte e, abaixo do eixo da simetria, os elementos correspondentes no domínio alvo. Além destes diagramas, que serão aqui especificamente construídos para as metáforas conceptuais utilizadas no corpus, utilizaremos, sempre que se revele pertinente, os diagramas de espaços múltiplos, segundo o modelo de Fauconnier e Turner<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Ver atrás a secção 2.1.2.1.

<sup>3</sup> Ver um resumo deste modelo na secção 2.1.2.2.

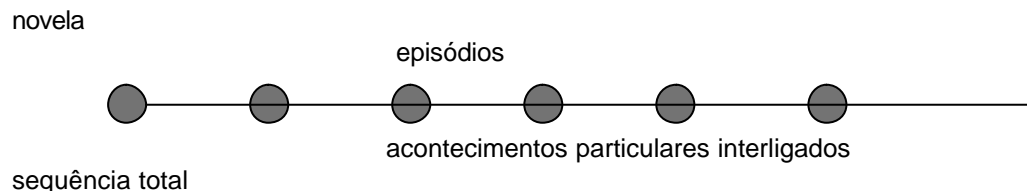
#### 4.2.1.1. ACONTECIMENTOS INTERLIGADOS SÃO NOVELAS

Os acontecimentos relatados nas notícias de imprensa encontram-se, por vezes, ligados a acontecimentos anteriores numa sequência cronológica que vai sendo relatada pelos jornais à medida que novos desenvolvimentos vão surgindo<sup>4</sup>. Assim, estas séries de acontecimentos são metaforicamente referidas nos seguintes títulos como “novelas” e cada um deles em particular como um seu “episódio”:

- (15) A novela das propinas
- (271) Novela do GATT longe do fim
- (306) Dentistas em folhetim
- (730) O fim da "telenovela Collor"
- (1122) Uma novela a «Metro»
- (1957) Episódios mais 'quentes'/ da telenovela Paulo Futre

Tal como acontece com as novelas, as telenovelas e os folhetins, o público receptor vai seguindo, ao longo do tempo, o desenrolar de acontecimentos encadeados que constituirão os “episódios” da “novela” total.

Para uma esquematização desta metáfora, propomos o seguinte diagrama



**Diagrama 5** – ACONTECIMENTOS INTERLIGADOS SÃO NOVELAS

<sup>4</sup> Estes acontecimentos interligados que vão sendo relatados pelo jornal são um factor de continuidade temática no texto noticioso. Por vezes, a própria notícia resume os acontecimentos anteriores, constituindo um dos elementos da sua estrutura a que Van Dijk designou como a categoria dos *Acontecimentos Prévios*: “(...) the category of Previous Events, which is often used to remind the reader of what happened before (and what was probably reported earlier in the same newspaper). The Previous Events category is taken as part of the actual circumstances to which we also include Context, but it also has a historical dimension. By History, then, we understand only the section of a news text that deals with nonrecent past history of actual situations and their events. In practice, this means that a History section cannot be main event in news items that have appeared recently. Since, semantically, History denotes events that embrace years, not days or weeks, the differences between Previous Events, Context and History are marked by different verbs, verb tenses, or temporal adverbs” (VAN DIJK, 1988b: 54)

em que os elementos do domínio fonte se encontram na parte superior do diagrama e os elementos do domínio alvo que lhes correspondem na parte inferior, verificando-se as respectivas correlações numa leitura vertical. A linha horizontal em forma de seta significará a ordenação cronológica sequencial dos acontecimentos que vão sendo relatados e que os aproxima da mesma ordenação dos episódios de uma novela.

#### 4.2.1.2. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É CAÇA

A metaforização de uma actividade com objectivo como uma caçada envolve vocabulário como “à caça”, “caçar”, “defeso”. O objectivo é visto como a presa a ser caçada e a actividade com vista ao objectivo é projectada na própria caçada:

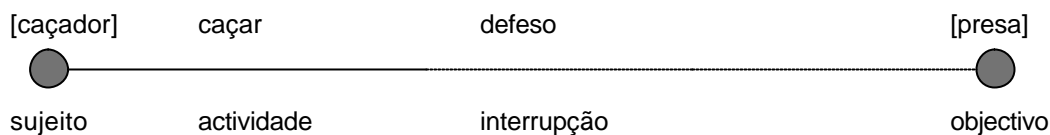
- (65) DIANA: DEUSA DE PALMO E MEIO/ À CAÇA DE UM GRANDE FUTURO
- (285) PORTUGUESES ABRIRAM/ EM OVIEDO/ "CAÇA" AOS GRANDES MESTRES
- (376) Caça aos condutores perigosos
- (432) Caça aos prejuízos na TAP
- (466) 'LEÕES'/ QUASE/ CAÇADOS/ POR/ 'CANARINHOS'
- (900) Caçar euromilhões/ só com plano
- (1143) Caça aos auto-rádios
- (1254) «Caça ao homem» em Israel
- (1267) ARTILHEIROS ESTRANGEIROS/ DOMINAM CAÇA AO GOLO
- (1744) PARLAMENTO VAI DAR/ 'CAÇA' À VÍRGULA
- (1839) CAÇA/ AO ZAIRENSE/ NAS RUAS/ DE LUANDA
- (1842) "CAÇA" AOS ZAIRENSES/ NOS MERCADOS DE LUANDA
- (1849) Caça aos zairenses em Luanda
- (1852) A "caça ao zairense"
- (2060) Cowboys à caça dos Buffalo Bills

Encontramos ainda uma expressão metafórica, nesta mesma linha de pensamento, em que um período durante o qual a actividade se encontra suspensa é projectado no período do “defeso”:

- (1526) VENDAVAL DE TRANSFERÊNCIAS/ MARCOU DEFESO INTERNACIONAL

Esta metáfora da caça pode ser resumida pelo esquema **X à caça de Y**, em que X é o sujeito empreendedor da actividade com objectivo – nos exemplos temos sujeitos como “Diana”, “portugueses”, “canarinhos”, “cowboys”. No entanto, a maioria dos

exemplos nem sequer menciona o sujeito, preferindo salientar o objectivo a ser alcançado, ou seja, o elemento Y. Esta relação pode ainda ser esquematizada no seguinte diagrama:



**Diagrama 6 – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É CAÇA**

em que, na parte superior se encontram os elementos do domínio fonte da linguagem metafórica e, na parte inferior, os correspondentes elementos do domínio alvo. As expressões “caçador” e “presa” encontram-se entre parêntesis rectos, uma vez que não encontramos exemplos em que estas fossem utilizadas, ou seja a expressão linguística da metáfora é sempre dada pela expressão “à caça de” ou outra semelhante e a sua interrupção pela expressão metafórica “defeso”. Esta última ideia é simbolizada, no diagrama, pela linha pontuada.

#### **4.2.1.3. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É DISPARAR**

Uma metáfora que se encontra ligada simultaneamente à metáfora da caça (cf. 4.2.1.2.) e à da guerra (cf. 4.2.1.6.) é a que projecta uma actividade com objectivo no acto de disparar um tiro. De facto, tanto no esquema da caça como no da guerra, se inclui esse acto. No entanto, certos exemplos referem-se a essa acção sem a enquadrarem num dos esquemas em particular. Em certos casos, a referência a um “alvo” leva-nos mesmo a pensar que se tratará de uma metaforização em que o domínio fonte estará ligado ao tiro como modalidade competitiva.

Um dos veículos metafóricos utilizados é, pois, a referência ao próprio “tiro” como a actividade que levará o sujeito a atingir o seu objectivo:

- (505) DOIS "TIROS"/ DE CLINT
- (814) JOGO NAS AVES COM MUITOS "TIROS"...
- (1963) CLUBE DE CAÇADORES DE MATOSINHOS/ -UMA NOITE DE GRANDES TIROS...

Quando o título se insere na secção desportiva, os “tiros” podem referir-se especificamente aos golos marcados durante um jogo: é o que acontece nos exemplos (814) e (505). No (1963) temos a referência a uma distribuição de galardões. De qualquer modo, os tiros metaforizam a acção de atingir o objectivo e são, portanto, nos exemplos que referimos, conotados positivamente. Essa situação não se verificará quando, na prossecução do objectivo, resulta um ataque ao próprio, como é o caso de “dar tiros no pé”, onde se salienta o lado auto-destrutivo da actividade:

- (1394) ESQUERDA TEM FUTURO/ MAS NÃO PODE CONTINUAR/ A DAR TIROS NO PÉ

A actividade com objectivo, exige uma preparação e uma definição desse mesmo propósito. Este aspecto preliminar é projectado no acto da colocação do objectivo a atingir no “ponto de mira”:

- (64) JUVENIS PARTEM PARA ITÁLIA/ NA MIRA DO TÍTULO EUROPEU
- (67) DISCOTECAS E PARQUE DE FEIRAS/ SOB A "MIRA" DO GOVERNO CIVIL
- (148) Edimburgo em ponto de mira
- (250) Açores na mira dos traficantes
- (354) Shoppings da Boavista/ estão na mira da CCRN
- (718) Banco canadiano na mira do BPA
- (982) Mais imóveis/ na mira da CCRN
- (986) Outros empreendimentos/ estão na mira da Comissão
- (1332) IRAQUE NA MIRA/ DE ULTIMATO/ NORTE-AMERICANO
- (1399) AEROPORTO SÁ CARNEIRO/ NA MIRA DA CE PARA "ALTOS VOOS"
- (1641) SADDAM/ CONTINUA/ NA MIRA DOS ALIADOS
- (1729) Imprensa na mira do PSD
- (1731) Empresa Greendays/ na mira autárquica
- (1793) Cabinda na mira de Savimbi
- (1815) ASSALTANTES NA MIRA DA GNR
- (1864) Portugal na mira dos húngaros

Por sua vez, os meios utilizados para atingir o objectivo são projectados nas “armas” utilizadas no disparo:

- (2) ‘ARMAS’ SÃO BONS PREÇOS/ E ATENDIMENTO PERSONALIZADO
- (37) Arma económica com objectivos políticos

- (89) CAVACO/ E GONZÁLEZ/ "LIMPAM ARMAS"
- (146) VAMOS DISCUTIR/ O JOGO COM O PORTO/ COM AS ARMAS QUE TEMOS
- (272) "Arma Alimentar" contra a fome
- (392) "As minhas únicas armas/ são as palavras"
- (573) A arma do serviço público
- (591) Uma «arma» chamada NAFTA
- (990) EUROPA DE LESTE É/ ARMA CONTRA JAPÃO
- (996) FERRARI APRESENTOU/ A SUA NOVA 'ARMA'/ PARA O 'MUNDIAL' DE 93
- (1370) Violação é arma de "limpeza étnica"
- (1536) A "arma" secreta do FC Porto
- (1696) ESPANHA: CORUNHA NÃO DESARMA!...
- (1745) Comandante dos Açores/ diz que sacrifício/ é 'arma' dos militares

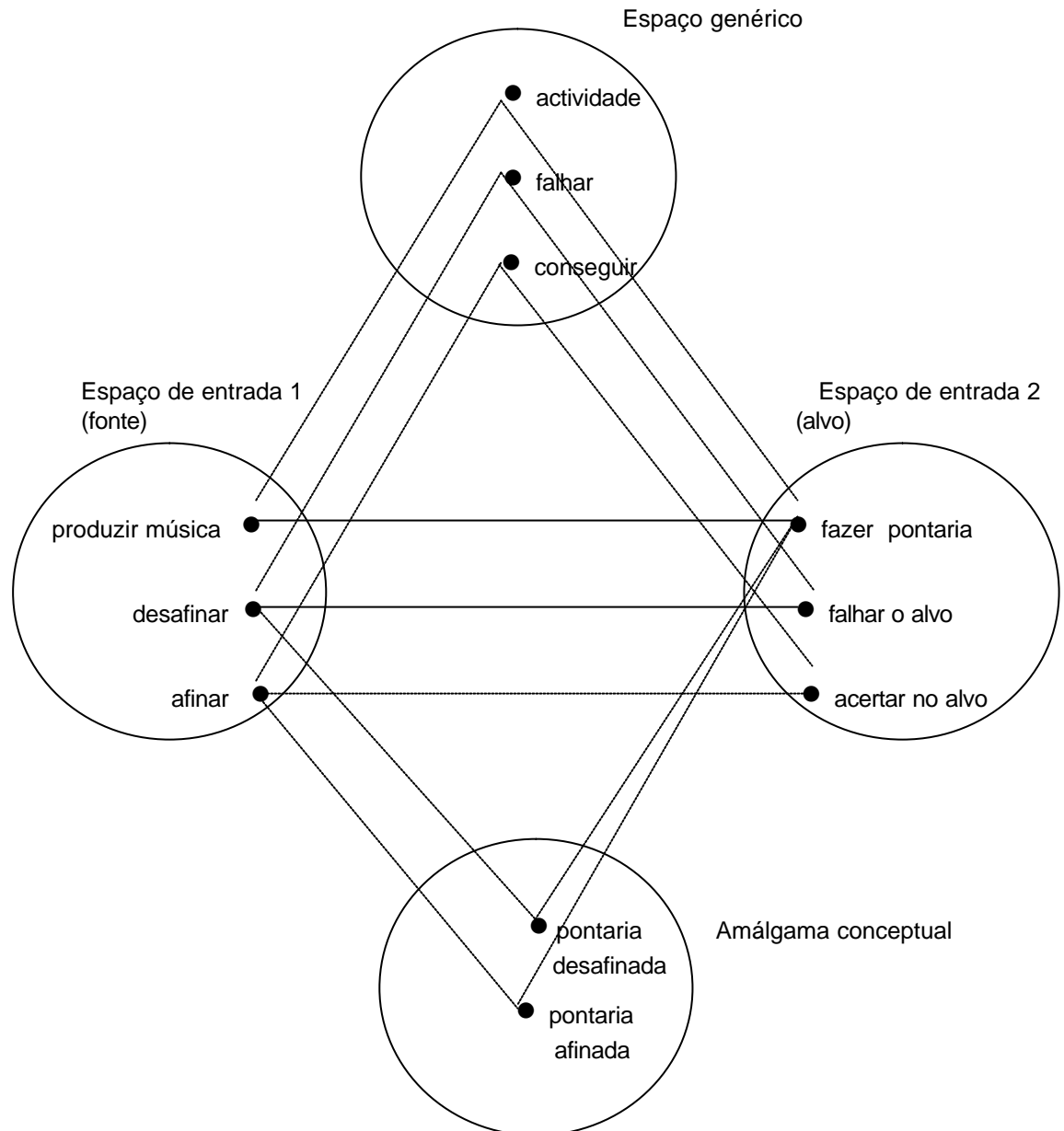
E o “alvo” será a metaforização da entidade visada no objectivo a atingir:

- (117) ITAMAR FRANCO É ALVO/ DE UMA TEMPESTADE/ DE CRÍTICAS
- (590) Couto e Aroso na «mouche»
- (978) PREVENÇÃO CONTRA A SIDA/ -ESCOLA É O ALVO PRINCIPAL

Tal como em outras metáforas sobre actividades com objectivo, também nesta se contempla a hipótese de falha, a qual surge metaforizada em falhas de “pontaria”. O sucesso da actividade, pelo contrário, resultará na expressão metafórica da “pontaria afinada”:

- (302) 'ENCARNADOS'/ COM PONTARIA /DESAFINADA
- (1076) CONVICÇÃO/ E PONTARIA/ PARA BRINDAR/ NOVO ANO
- (1477) Braga: pontaria afinada (14-0)

As expressões “pontaria afinada” e “pontaria desafinada” consituem exemplos do fenómeno a que Turner e Fauconnier (cf. ponto 2.1.2.2.) chamam *amalgama conceptual* (“conceptual blending”). Embora o fenómeno da *amalgama conceptual* se encontre na génese de qualquer metáfora, ele é mais complexo nestas expressões, já que envolvem não dois mas três domínios conceptuais. Assim, nestes exemplos, projecções de dois domínios fonte – das armas e da música – encontram-se numa única expressão resultante da *amalgama* das duas projecções, para referir um fenómeno do domínio alvo – o desporto.

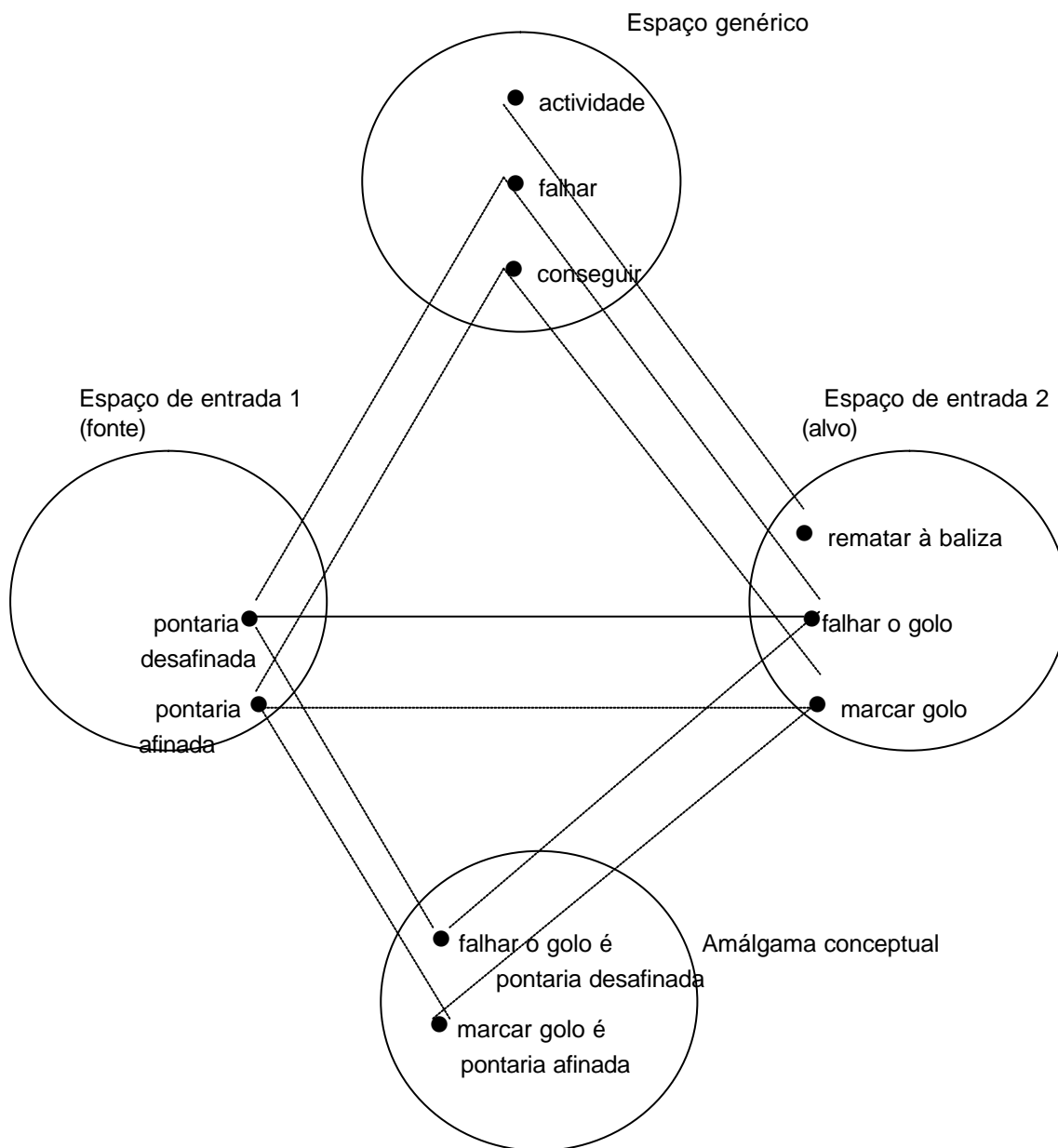


**Diagrama 7 – PONTARIA AFINADA/PONTARIA DESAFINADA**

No esquema, podemos facilmente visualizar todo o processo subjacente às amálgamas conceptuais utilizadas nos exemplos em questão. Assim, tanto no domínio da música como no domínio do tiro, encontramos uma actividade que pode produzir falhas e sucessos. Esses pontos comuns são explicitados no círculo superior do esquema, referente ao espaço genérico. O círculo inferior do esquema mostra como as expressões metafóricas foram produzidas a partir de elementos dos dois domínios de partida, num percurso

esquematizado nas linhas ponteadas, elementos estes que, neste caso, não são contrapontos no processo de projecção simbolizado pelas linhas a cheio.

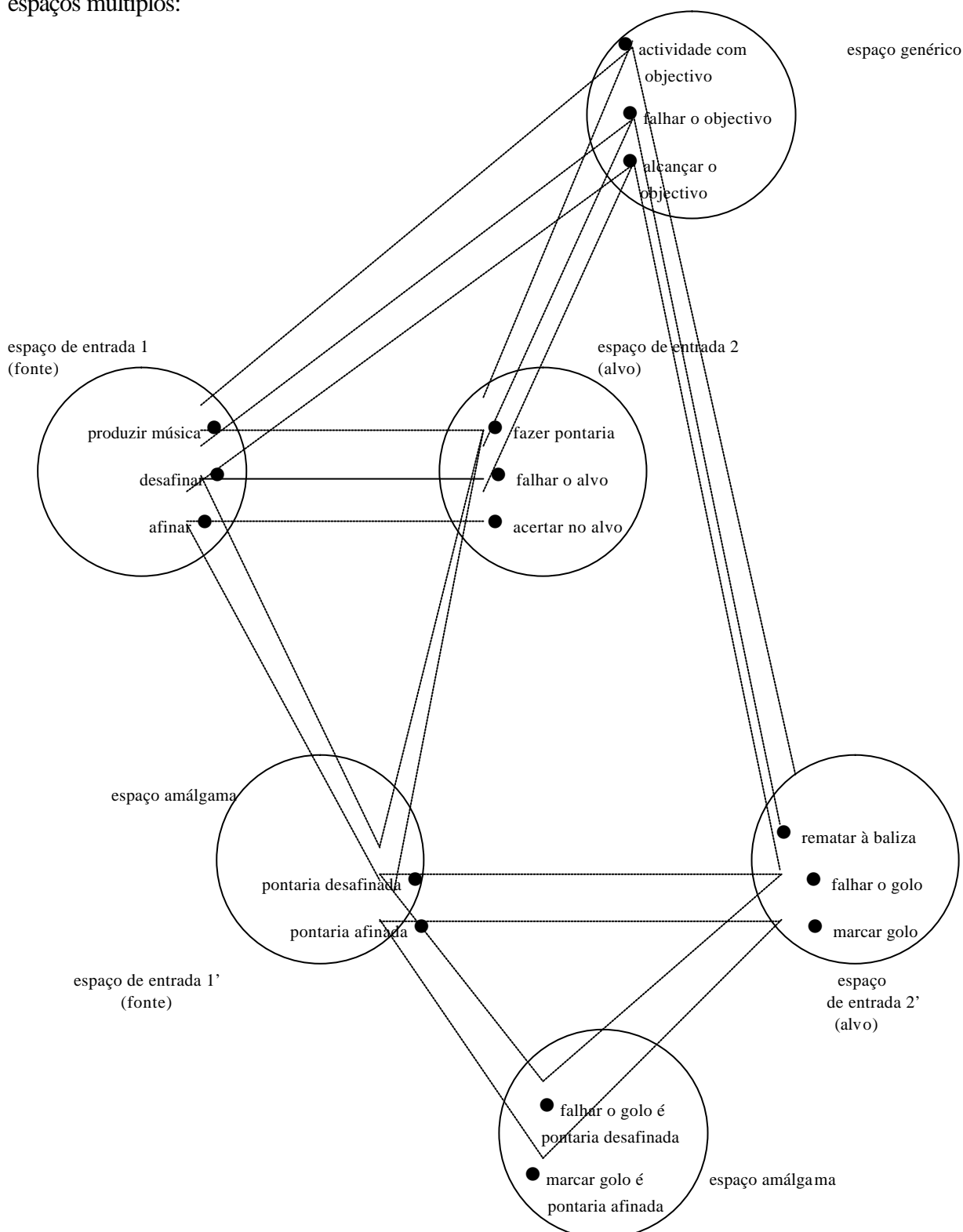
O espaço amálgama assim conseguido, em que a pontaria afina e desafina, é, por sua vez usado como espaço de entrada de uma segunda projecção que tem como domínio alvo o domínio do desporto:



**Diagrama 8 - FALHAR O GOLO É PONTARIA DESAFINADA/MARCAR GOLO É PONTARIA AFINADA**



Como podemos observar neste último diagrama, o espaço genérico mantém-se e uma nova amálgama surge, integrando, desta vez, elementos dos múltiplos espaços envolvidos: música, tiro e desporto. O processo total poderá ser representado num único esquema de espaços múltiplos:



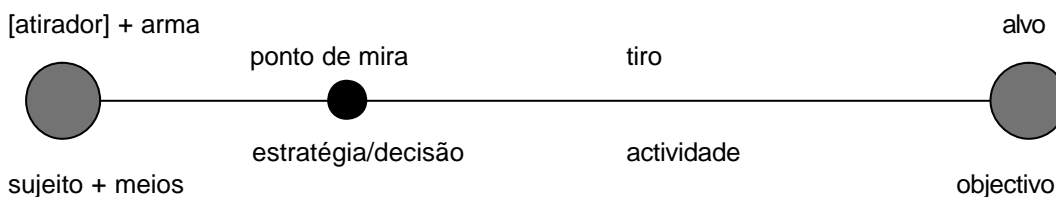
**Diagrama 9 - FALHAR O GOLO É PONTARIA DESAFINADA/MARCAR GOLO É PONTARIA AFINADA**

Este complexo exemplo ilustra uma das dificuldades na desmontagem das expressões metafóricas. O envolvimento de espaços múltiplos faz com que estes casos se integrem simultaneamente em projecções diferentes, envolvendo domínios conceptuais diversos mas unidos num mesmo espaço genérico:

Espaço genérico	Domínio da música	Domínio do tiro	Domínio do desporto
actividade com objectivo	produzir música	fazer pontaria	rematar à baliza
falhar o objectivo	desafinar	falhar o alvo	falhar o golo
alcançar o objectivo	afinar	acertar no alvo	marcar golo

Assim, embora este caso se enquadre dentro da metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É DISPARAR, ele é na verdade muito mais complexo. De facto, ao incluir, como vimos, vários domínios conceptuais, o título resulta numa sobreposição de mais do que uma projecção metafórica<sup>5</sup>.

De acordo com todos os exemplos apresentados neste ponto, podemos dizer que a metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É DISPARAR pode ser resumida no seguinte diagrama:



**Diagrama 10** – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É DISPARAR

<sup>5</sup> Trata-se, pois, da utilização de metáforas mistas ou compostas, ou seja, que resultam da sobreposição de duas ou mais metáforas individuais (LEECH, 1983: 159-160). Embora ricas de conteúdo, o abuso destas expressões linguísticas é visto, pelos próprios profissionais da informação, como negativo, como nos adverte o Manual de Redacção e Estilo de *O Globo*: “Note-se ainda que é de mau gosto misturar metáforas: ‘O candidato entrou na arena como um leão e, depois de muito lutar, chegou a bom porto’. É preciso decidir: o homem era fera ou navio?” (GARCIA, 1993: 19).

Em termos quantitativos, esta metáfora não é, nos títulos do corpus, equitativamente distribuída pelos seus elementos integrantes. De facto, as expressões “na mira de” e “arma” encontram-se em muito maior número em relação a “tiro”, “atirar” e “alvo”.

#### 4.2.1.4. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É ENTRAR EM CASA

Outra metáfora que tem como domínio alvo uma actividade com objectivo, é a que projecta constituintes de um domínio fonte que envolve o acto de entrada num edifício. Este edifício é decomposto em vários constituintes meronímicos que integrarão as projecções metafóricas.

Um dos aspectos da metáfora diz respeito à projecção da entrada como o início da actividade com objectivo ou o começo de determinada etapa nessa actividade:

- (472) ENTRADA DE CLINT/ ACORDOU SADINOS
- (1127) SPORTING: ENTRADAS DE LEÃO/ EM PAÇOS DE FERREIRA (3-0)
- (1128) ALBERTINA DIAS/ E JUNQUEIRA/ ENTRARAM/ COM/ O PÉ DIREITO<sup>6</sup>
- (1157) BOAVISTA "ENTROU" O ANO/ A GOLEAR O SALGUEIROS
- (1162) BOAS ENTRADAS/ DO FÂNZERES EM JUVENIS
- (1440) TRIO DA FRENTE/ ENTROU COM O PÉ DIREITO/ NA SEGUNDA VOLTA
- (1806) Armando Moreira «abre» a corrida

Na mesma linha, a metáfora da porta focará a oportunidade de atingir ou não o objectivo de entrar no edifício. Assim, “fechar as portas”, “bater com a porta”, “encerrar

---

<sup>6</sup> A expressão metafórica da “entrada” no novo ano com o “pé direito” é transportada para este título desportivo, bem como para o (1157), (1162) e (1440), via um costume simbólico de dar uma passada com o pé direito no momento da passagem de ano (por vezes transpondo a soleira de uma porta, ou subindo numa cadeira e descendo pelo outro lado com o pé direito à frente). Tanto no costume como nestes títulos, o mesmo espaço fonte (entrar com o pé direito) é utilizado; diferem os espaços alvo (num caso, começar bem a vivência de um novo ano, noutra caso, começar bem determinada prestação desportiva).

portas”, impossibilitam a concretização desse mesmo objectivo e significam todas as acções que forem feitas nesse sentido:

- (11) UGT BATE COM PORTA/ DA CONCERTAÇÃO
- (13) UGT bate com a porta
- (38) UGT bate com a porta da concertação social
- (52) Fortalezas encerram portas
- (74) INSTITUTO DO VINHO DA MEALHADA/ PODERÁ FECHAR AS PORTAS
- (1016) QUANDO TEATROS FECHAM AS PORTAS/ O "AVENIDA" RENASCE
- (1067) TAÇA: AMORA/ FECHOU/ PORTAS/ AO CHAVES
- (1368) Decano do Parlamento/ "bate com a porta"
- (1606) Benfica fecha a porta!
- (1950) "Fechámos a porta"/ a 22 brasileiros
- (2051) PRESIDÊNCIA ABERTA/ "FECHADA"/ ÀS QUEZÍLIAS

Pelo contrário, a “abertura das portas” significará a possibilidade de concretizar o objectivo:

- (167) MAASTRICHT ABRE PORTAS/ MAS NÃO IMPÕE CAMINHOS
- (390) Grã-Bretanha abre portas/ à duplicação dos fundos
- (713) Portas abertas para o diálogo
- (1059) Beirute recusa «abertura» israelita

Uma expressão curiosa é a que utiliza não a porta mas a janela. Este uso parece significar uma possibilidade, ainda que não muito forte e decisiva, para alcançar o objectivo em questão:

- (1977) Uma janela para a reinserção

Continuando na metáfora da entrada no edifício que tem portas, vamos encontrar, em diversos exemplos, referências a “chaves”<sup>7</sup> e a “trancas”, expressões do domínio fonte que se projectarão nos meios que permitem ou não o fim pretendido. Assim, uma vez que

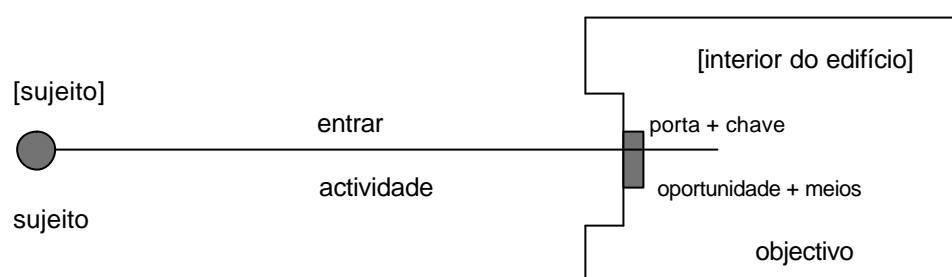
---

<sup>7</sup> A expressão linguística da “chave”, significando o factor que permite o acesso à solução de um problema, poderá ser encarada, em termos mais gerais, como fazendo parte de uma projecção a que se poderia chamar UM PROBLEMA É UM CONTENTOR FECHADO (cf. Lakoff et al., 1991: 195). Assim, a casa será um exemplo, um tipo particular, de contentor fechado com a solução do problema lá dentro.

as chaves podem, por um lado abrir e, por outro, fechar firmemente as portas, as diversas expressões linguísticas metafóricas que as utilizam, exploram esta ambivalência<sup>8</sup>:

- (659) COMPETITIVIDADE É A CHAVE/ DA ECONOMIA NACIONAL
- (747) Fevereiro... um mês chave
- (931) Trancas à porta
- (1008) Balizas às sete chaves!
- (1181) Visitantes fechados a onze... chaves
- (1519) Base económica é factor «chave»
- (1771) Homens-chave na política externa

Em resumo, e como se pode observar no diagrama 11,



**Diagrama 11** – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É ENTRAR EM CASA

a metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É ENTRAR EM CASA comporta diversos elementos integrantes e utiliza diferentes expressões de acordo com o posicionamento em relação ao objectivo que se pretende transmitir no título da notícia.

#### 4.2.1.5. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É EXAME

Nesta metáfora, encontramos referências à gíria estudantil utilizada para referir as possibilidades de sucesso ou insucesso escolar. Assim, a actividade com objectivo é

<sup>8</sup> Curiosamente, ao contrário da expressão metafórica “chaves”, a expressão “trancas” apenas aparece, pelo menos no corpus, no sentido de fechar. Uma possível explicação prende-se com a constatação de que, quando uma porta tem trancas, estas se encontram normalmente do lado de dentro e, por isso, são utilizadas para fechar a porta; depois, são usadas para a abrir, mas pelo sujeito que pretende sair, não pelo que pretende entrar.

encarada metaforicamente como uma prova escolar da qual o sujeito pretenderá sair bem sucedido – passar – mas a qual poderá ter um resultado não pretendido – reprovar.

Os dois resultados escolares possíveis são, pois, metaforicamente utilizados para transmitir a ideia de que determinado objectivo terá ou não sido atingido. No último caso, expressões como “chumbar”<sup>9</sup>, “não passar” e “gatar” podem ocorrer:

- (356) Congresso "chumba" Gaidar
- (555) AVALIAÇÃO FOI A EXAME EM LISBOA/ E LEVOU UM "CHUMBO" DOS PROFESSORES
- (583) PSD «chumba» a Oposição
- (733) Cursos chumbados reconhecidos
- (889) ZONA DE CAÇA TURÍSTICA/ "CHUMBADA"/ EM PONTE DE LIMA
- (1269) EIQUIPETROL "GATOU"/ NA UNIVERSIDADE LUSÍADA
- (1487) SOCIALISTAS DE ÁGUEDA/ "CHUMBARAM"/ PLANO DA JUNTA
- (1603) PSD e CDS "chumbam" regionalização
- (1645) ISCE NÃO ACREDITA/ NO DESPACHO/ DO SEU "CHUMBO"
- (1701) Acordo com PS/ não passou [lead: “a tese (...) foi chumbada”]
- (1883) CDUL "CHUMBOU" EM COIMBRA
- (1951) Novo Código/ de Avaliações/ foi chumbado
- (2056) BENFIQUISTAS/ NÃO PASSARAM/ EM BARCELOS

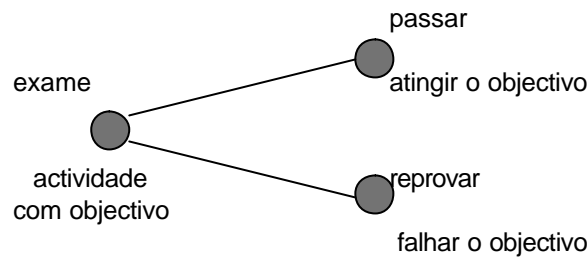
O significado oposto – de que a actividade com objectivo foi bem sucedida e que, conseqüentemente, este foi atingido – é projectado pela expressão “passar” ou, quando o sucesso foi conseguido com alguma dificuldade, ou não apresenta uma distância claramente afastada do insucesso, pela expressão “passar à tangente”:

- (1037) ATLÉTICO PASSOU EM SETÚBAL/ E QUELUZ BAQUEOU NO MONTIJO
- (1160) F.C.PORTO PASSOU/ À TANGENTE EM VALONGO
- (1177) FC Porto 'passa' em Valongo (3-2)
- (1432) BENFICA PASSOU/ EM PAÇOS/ DE FERREIRA
- (1451) F.C.PORTO PASSOU À TANGENTE/ NO RINQUE DO TURQUEL
- (1785) EUROPA A DUAS VELOCIDADES/ "PASSA" EM ESTRASBURGO
- (1820) TAÇA DE ESPANHA: SEVILHA/ PASSOU MESMO À TANGENTE

A metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É EXAME resulta, portanto, numa bipolarização dos resultados dessa actividade: o sucesso e o insucesso. Podemos esquematizar esta projecção no seguinte diagrama:

---

<sup>9</sup> Este verbo, por sua vez, terá sido metaforicamente importado para a gíria estudantil a partir do domínio das armas de fogo e seu poder destrutivo. Daí que este emprego surja reanimado no título (889), sobre a não aprovação de uma zona de caça turística.



**Diagrama 12** – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É EXAME

Uma parte dos títulos que apresentam esta metáfora inclui um jogo de palavras em que o significado académico das expressões é, de algum modo, evocado devido ao envolvimento de realidades ligadas à vida estudantil. É o caso dos títulos (555), (733), (1269), (1645), (1883) e (1951), citados atrás.

As actividades com objectivo mais visadas por estas expressões metafóricas estão relacionadas com jogos desportivos, em que a passagem e a reprovação se projectam respectivamente na vitória e na derrota, ou com política e legislação, onde essas noções se projectam nas aprovações ou recusas de projectos previamente submetidos a apreciação pelos órgãos competentes. No entanto, estes domínios alvo não repartem entre si de modo equitativo as projecções metafóricas dos dois resultados possíveis da actividade com objectivo. De facto, uma observação dos dados acima transcritos revela que o espaço alvo do desporto apresenta uma maior quantidade de projecções do sucesso e o domínio alvo da política abarca a maioria das expressões metafóricas do insucesso. Os únicos títulos desportivos que se encontram no primeiro caso, apresentam o jogo de palavras referido no parágrafo anterior. Trata-se dos exemplos (1269) e (1883) sobre os maus resultados respectivamente em futebol de salão e rãguebi.

#### 4.2.1.6. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É LUTA/GUERRA

Esta é uma das metáforas mais utilizadas no corpus. Diversas são as actividades com objectivo que se encontram metaforizadas numa luta, guerra, batalha ou duelo<sup>10</sup>. Estas actividades são, de um modo geral, aquelas em que a entidade que visa o objectivo encontra um opositor à sua acção. Implicam, pois, um certo conflito de interesses.

Esta metáfora surge, numa forma básica, como um confronto bélico entre dois oponentes. Este confronto, de acordo com o domínio alvo da projecção, terá formas mais específicas. Quando a notícia pretende salientar o objectivo a atingir, surgem as expressões metafóricas da “conquista”, dando ao título a fórmula “**x à conquista de y**” em que **x** é o sujeito da actividade e **y** o objectivo visado na mesma:

- (66) CONQUISTA POLACA [acesso à revista *Playboy*]
- (182) Cascais e Ciências de Sevilha/à conquista da Taça Ibérica
- (218) Cascais conquista Taça Ibérica de rãguebi
- (219) O Conquistador no charco
- (236) DESPORTIVO DO VISO/ CONQUISTOU SUPERTAÇA
- (264) CASCAIS VENCE ESPANHÓIS/ E CONQUISTA TAÇA IBÉRICA
- (270) Mobiliário à conquista do Japão
- (280) MILIONÁRIOS/ DO TÊNIS/ À CONQUISTA/ DA TAÇA/ GRAND SLAM
- (323) São Paulo já conquistou Tóquio [futebol]
- (423) BARCELONA E SÃO PAULO/ À CONQUISTA EM TÓQUIO/ DA TAÇA INTERCONTINENTAL
- (449) F.C.PORTO EM GUIMARÃES/ COM ESPÍRITO DE CONQUISTA
- (500) FAMALICÃO E BOAVISTA/ TAMBÉM CONQUISTADORES
- (557) CRIADORES DE MODA PORTUGUESES/ À CONQUISTA DO MERCADO ESPANHOL
- (768) "Conquista da maioria absoluta/ lançará Gomes noutros voos"
- (823) SELECÇÃO PAULISTA CONQUISTOU TROFÉU RTP
- (884) PORTUGUESES QUEREM/ CONQUISTAR KILIMANJARO
- (951) MONTANHISTAS/ DE S.JOÃO/ DA MADEIRA/ À CONQUISTA/ DO... ATLAS
- (1178) PARTIDOS AQUECEM MÁQUINAS/ PARA CONQUISTA DE CÂMARAS
- (1206) BARCELOS CONQUISTOU GUIMARÃES/ -BELENENSES ATRASOU BENFICA
- (1313) ESPECTACULAR/ BOAVISTA/ CONQUISTA/ A SUPERTAÇA
- (1473) Sem espírito de *conquistador* [futebol, Beira Mar-Guimarães]
- (1496) SALGUEIROS CONQUISTOU UM PONTO/ -AC VISEU VENCEU NA FEIRA
- (1515) Cineasta independente/ conquista o reconhecimento

<sup>10</sup> De facto, a utilização de metáforas de guerra, ao que tudo indica, tem vindo a crescer na imprensa em todo o mundo. De tal modo que são os próprios jornalistas que alertam para os perigos de um exagero deste uso: “The war metaphor has laid siege to the Western imagination for at least a century, but it has overrun the West in recent years. [...] Does violent talk lead to violence? How can it? How can it not? These questions can never be resolved. Violent acts are facts; violent talk is talk. The two often come together in stories, but, thank goodness, less often in reality./ Like many journalists, I have dreamed of being a war correspondent. But I never would have imagined I might get the opportunity so close to home./ I confess, I have used the war metaphor too. I have written about "range wars" and "water wars." But I worry that if war is what we want, we may get it. Lately, it has seemed that we are getting awfully close” (CHRISTENSEN, 1996); “For years the Coastal Post has waged a losing battle in a relentless war against the violent metaphors that have invaded the news media and threaten the very fabric of our society and the continuance of our species” (SCANLON, 1996).



- (1756) GOLFE/ CONQUISTA/ QUINTA DO FOJO
- (1787) SOUSA/ CINTRA/ À CONQUISTA/ DE FUTRE
- (1810) MARADONA DISPOSTO/ A RECONQUISTAR/ LUGAR NA SELECÇÃO

Um aspecto da metáfora da conquista é dado pela expressão “apertar o cerco”, utilizada para noticiar o facto de que o sujeito da actividade se aproxima do objectivo visado:

- (1028) O cerco aperta-se/ em volta da Amorosa
- (1320) *Aperta-se o cerco* a Israel
- (1511) GOVERNO APERTA CERCO/ A LARES FORA DE LEI
- (1525) FECHA-SE O CERCO/ AO "OPEN" DA AUSTRÁLIA

Ao contrário da metáfora da conquista, a expressão metafórica do “combate”, na sua fórmula **x combate y**, não nos apresenta o objectivo a alcançar, mas sim o opositor a eliminar, a fim de atingir esse mesmo objectivo. Estes opositores, dependendo do domínio alvo da projecção metafórica, serão entidades como doenças, males sociais, catástrofes, etc., ou seja realidades que a sociedade pretende ver irradiadas. No caso do título (1969), no entanto, a fórmula **x trava combate por y** apresenta em y o beneficiário da acção desenvolvida e não o seu opositor.

- (3) FALTA DINHEIRO AOS HOSPITAIS/ PARA COMBATER A EPIDEMIA
- (5) Hospitais/ sem verba/ para/ combate/ à Sida
- (26) É URGENTE/ INVESTIR/ NO COMBATE/ À SIDA
- (33) INVESTIR/ NO COMBATE/ À SIDA
- (99) Governo deve combater a droga
- (104) Fraca adesão no combate à SIDA
- (141) AUTOCARRO JOVEM/ NO COMBATE À SIDA
- (543) COMBATE/ À SIDA/ É LUTA DE TODOS
- (609) Câmara empenhada/ no combate à droga
- (1173) Posto/ médico/ põe bombeiros/ fora de/ combate
- (1209) ASPIRINA TAMBÉM "COMBATE"/ O ENFARTE DE MIOCÁRDIO
- (1351) MAU TEMPO ADIA/ COMBATE À MARÉ NEGRA
- (1396) SÓ A UNIÃO PODERÁ COMBATER/ AS DIFICULDADES/ QUE SURGIRÃO ESTE ANO [política]
- (1969) Clinton trava pelos "gays"/ o seu primeiro combate

A expressão da “luta”, por sua vez, admite as variantes “lutar por” e “lutar contra”, ou seja, além de poder exprimir, no título, o objectivo da actividade, esta possibilidade permite ainda a explicitação do opositor ao mesmo:

- (14) SIDA: a luta contra a morte
- (100) Espanha e Portugal na mesma luta
- (155) CHAVES PROMETE/ LUTAR COM DIGNIDADE
- (157) Professores ameaçam lutar/ contra despedimentos
- (158) Três décadas de luta [Álvaro Cunhal]
- (168) ÁLVARO CUNHAL: A LUTA CONTINUA/ ENQUANTO TIVER UM SOPRO DE VIDA
- (209) Erikson, Ivic, Toni,/ a mesma luta
- (372) MÉDICOS CHAMAM/ ENFERMEIROS/ E PARAMÉDICOS/ PARA A LUTA

- (403) 'Encarnados' e 'engenheiros'/ em luta pelo Segundo lugar  
 (533) "Merengues" seguem/ na luta pelo título  
 (543) COMBATE/ À SIDA/ É LUTA DE TODOS  
 (553) NA LUTA CONTRA A SIDA/ TODOS DEVEM PARTICIPAR  
 (687) Lutar por um Norte coeso  
 (761) TRABALHADORES CRISTÃOS/ LUTAM POR UMA VIDA DIGNA  
 (752) LUTA PELO PODER/ OBRIGA IELTSINE/ A INTERROMPER/ VISITA À CHINA  
 (872) NENO ACREDITA/ NA VITÓRIA/ PARA LUTAR PELO TÍTULO  
 (1032) Uma luta pelo coração da China [barragem]  
 (1039) Associações lutam na OID  
 (1255) Luta no apoio à indústria  
 (1410) Prelada: moradores vão lutar [urbanização problemática]  
 (1445) PORTUGUESAS LUTAM HOJE/ PELO SEGUNDO LUGAR  
 (1471) A luta contra o desperdício  
 (1656) Sindicatos anunciam/ novas lutas contra o Governo  
 (1673) Em luta contra o narcotráfico  
 (1674) Em luta pela semana inglesa  
 (1738) Magistrados superiores em luta  
 (1748) Sporting sozinho/ na luta pelo título  
 (1908) CORAÇÕES "EM LUTA"/ NO CORAÇÃO DA CIDADE  
 (1995) Luta das propinas/ reacende-se hoje

Quando o empenho na actividade com objectivo é particularmente conspícuo, ou quando a oposição ao mesmo é proeminente, a expressão metafórica da “guerra” é utilizada. Um conflito de interesses entre duas partes pode ser encarado como um tipo de actividade em que o objectivo de cada uma dessas partes choca com a prossecução do objectivo da outra. Encontramos, neste caso, as notícias sobre reivindicações por parte de grupos profissionais, protestos de populações contra ameaças ao seu bem-estar, confrontos políticos, económicos, sociais, laborais, etc.:

- (9) Agências contra/ "guerra" na aviação  
 (32) CPP: "GUERRA" TOTTA/BANIF/ GARANTE ÊXITO DA PRIVATIZAÇÃO  
 (44) Aço marca/ nova etapa/ da 'guerra/ comercial'  
 (55) Agências em pé de Guerra  
 (71) JUNTA DE S.PEDRO DA COVA/ GANHOU "GUERRA DOS PORTÕES"  
 (73) FUTEBOL É NOTA DOMINANTE/ NA GUERRA DAS AUDIÊNCIAS  
 (87) França recolhe apoios/ na «guerra» do GATT  
 (121) "GUERRA DOS PATROCÍNIOS"/ LEVA SAINZ PARA A LANCIA  
 (126) Uma "guerra" metropolitana  
 (140) GOVERNO ABRE "GUERRA"/ À IMIGRAÇÃO CLANDESTINA  
 (210) Guerra total à sucata  
 (212) CONCESSIONÁRIOS DE PRAIA/ GANHAM "GUERRA" NO ALGARVE  
 (357) MPLA "em guerra/ com Eduardo dos Santos  
 (383) TENSÃO AO RUBRO/ EM MOSCOVO/ -IELTSINE/ DECLARA GUERRA/ AO CONGRESSO RUSSO  
 (420) MICHAEL STICH VENCEU/ NA "GUERRA/ DOS SERVIÇOS"  
 (447) VILA CHÃ EM PÉ DE GUERRA/ CONTRA POLUIÇÃO DE RIBEIRO  
 (488) "GUERRA FRIA"/ NA CGTP/ ATÉ AO CONGRESSO  
 (504) IPSS/ EM "GUERRA"/ COM O GOVERNO  
 (523) A guerra das árvores  
 (527) CONFEDERAÇÕES/ EM GUERRA

- (530) COMÉRCIO DECLARA/ 'GUERRA' À INDÚSTRIA  
 (589) Famalicão e Liga em *pé de guerra*  
 (664) "Guerra das cadeiras"/ perturba reforma parlamentar  
 (692) GOVERNO BRASILEIRO EM GUERRA/ COM O SECTOR FARMACÊUTICO  
 (729) Últimos tiros na guerra de palavras  
 (770) Cruz Verde:/ a guerra em defesa do ambiente  
 (810) SINGAPURA/ DESENCADEIA "GUERRA"/ AOS FUMADORES  
 (838) Portela da Azóia/ em guerra com Loures  
 (906) RITUAL TEJO EM GUERRA/ COM EX-EMPRESÁRIO  
 (929) Guerra de bastidores  
 (948) A «guerra» da concorrência  
 (1044) "GUERRA" ENTRE IRMÃOS/ ATIRA JUNTA PARA A RUA  
 (1068) Guerra de nervos/ no gás natural  
 (1084) Guerra aberta no Pinhal da Amorosa  
 (1096) Guerra de nervos no gás natural  
 (1109) INDÚSTRIA ALEMÃ/ DECLARA GUERRA/ À XENOFOBIA  
 (1121) A guerra das televisões  
 (1185) Final feliz/ na "guerra"/ de famílias/ contra empresa  
 (1232) Feiras provocam/ guerra comercial  
 (1257) Guerra de nervos no Barcelona  
 (1270) CRUIJFF PROVOCA/ GUERRA DE NERVOS  
 (1273) Saúde e Comércio em guerra  
 (1287) Barcelona em guerra  
 (1303) "GUERRA DAS AUDIÊNCIAS"/ -CINEMAS E VIDEOCLUBES/ ATINGIDOS PELOS ESTILHAÇOS  
 (1372) Oliveira de Azeméis em pé de guerra  
 (1409) "Guerrilha linguística"/ nas escolas da Galiza  
 (1414) Ossela/ e Pindelo/ em guerra/ contra lixeira  
 (1551) FUTEBOL EM DIRECTO DOMINA/ A "GUERRA DAS AUDIÊNCIAS"  
 (1598) CDS de Esposende/ em pé de guerra  
 (1657) "Guerra" de análises divide/ delegada de Saúde e Quercus  
 (1732) Guerras entre a desgraça  
 (1737) Guerra por Camarate  
 (1824) Agricultura ganha/ guerra do açúcar  
 (1857) Facilidades no aborto/ põem EUA em «guerra»  
 (1944) Alba em «pé de guerra»  
 (1947) A «guerra» informática  
 (1958) HOMOSSEXUAIS/ NO EXÉRCITO/ -CLINTON/ EM GUERRA/ COM OS GENERAIS  
 (1996) Narciso em guerra/ contra a Sopete  
 (2000) Narciso vai abrir/ guerra à Sopete  
 (2028) EUA provocam guerra do aço

Pela quantidade dos exemplos acima transcritos, podemos facilmente constatar que esta é uma das expressões metafóricas mais frequentes nos títulos de imprensa. Uma vez que se trata de uma expressão hiperbolizante podemos considerar que, mais uma vez, a linguagem deste tipo textual é posta ao serviço da captação da atenção do leitor. Uma expressão de carácter semelhante, embora bastante menos utilizada no corpus, é a expressão metafórica da “batalha”:

- (149) A última batalha de Collor  
 (313) FRANÇA NÃO ESTÁ ISOLADA/ NA "BATALHA" DO GATT  
 (490) JOHN MAJOR VENCEU/ A BATALHA DA COESÃO

- (549) OPOSIÇÃO DINAMARQUESA/ GANHOU A "BATALHA EUROPEIA"
- (686) Shoppings geram «batalha» política
- (690) VILAR DO PARAÍSO/ GANHA BATALHA/ CONTRA A MORTE
- (893) Norte perde batalha
- (1055) POLÓNIA TEM ÊXITOS/ NA BATALHA/ CONTRA A POLUIÇÃO
- (1234) A "batalha" do Restelo

No domínio desportivo e, embora menos frequentemente, no domínio da política, também surge um tipo de luta em que os dois adversários são colocados um perante o outro em confronto e que é veiculado pela expressão metafórica do “duelo”<sup>11</sup>:

- (217) AMERICANOS RESSUSCITAM/ EM DUELO DE GIGANTES NO PAR
- (244) TRADIÇÃO GANHA DUELO À CHUVA
- (425) Ieltsin e Congresso/ mantêm duelo
- (763) Duelo eleitoral/ em Belgrado/ não resolve guerra
- (971) V.SETÚBAL-ATLÉTICO/ DUELO DE EMOÇÃO
- (1381) ESGUEIRA-BENFICA/ EM DUELO DE GIGANTES
- (1444) BOAVISTA E BELENENSES/ EM DUELO "EUROPEU"
- (1600) Supersonics vencem duelo
- (1835) Jornada tranquila com duelo açoriano
- (1836) JOGADORES DE ESPANHA/ DOMINAM 'DUELO IBÉRICO'
- (1961) BENFICA E F.C.PORTO:/ DUELO À LUZ (16H) DA TAÇA
- (2007) Novo «duelo» Seles/Graf

Na actividade metaforizada em luta, as consequências que advêm, para o opositor, através da sua participação nessa mesma luta, correspondem aos “golpes” ofensivos:

- (176) Governo prepara-se/ para o "golpe final"
- (186) Golpe na praga dos esticões
- (205) Ieltsin evita "golpe"
- (297) Golpe de teatro
- (339) Foi um golpe duro!
- (361) Novo golpe de teatro em Angola
- (506) BOAVISTA SEM "GOLPE" NO MAR
- (1169) Um golpe de banco
- (1348) ALGARVE PREPARA "ATAQUE"/ AOS FUNDOS COMUNITÁRIOS
- (1418) Assassinato em Sarajevo: um golpe para a paz

<sup>11</sup> Esta expressão metafórica é também utilizada na linguagem desportiva brasileira. Segundo Luís César Feijó, ela será primariamente específica dos jogos de equipa. Diz-nos ele a propósito do verbo duelar: “Este termo é de uso interessante nas práticas esportivas onde pelejam muitos jogadores. É o caso do futebol. Ouve-se constantemente: “Vai ter início o duelo”. DUELAR contém o sema MORTE, que se encontra embutido, de certa forma, em JOGAR FUTEBOL. “Jogo da morte” = partida eliminatória. Talvez por isso não se ouça este termo DUELAR nas transmissões de partidas de ténis, onde a disputa ocorre, justamente, entre dois jogadores. Mas no ténis, esporte elitizado, não está presente o sema MORTE, mesmo quando estão em jogo vultuosas quantias de alguns milhares de dólares e apenas duas pessoas como jogadores. Contudo, está aberto o caminho para o emprego do verbo DUELAR nas partidas de vários outros esportes de massa, até mesmo no ténis, pela pressão da língua especial do futebol, impondo o paradigma da gíria desta modalidade esportiva” (FEIJÓ, 1994: 93).

Além destes “golpes”, em alternativa numa metáfora em que forma de luta é a luta armada, surgem, com um certo carácter agressivo e mesmo conotação bélica, as expressões pelas quais as entidades visadas no objectivo da actividade são metaforicamente colocadas “sob fogo” e alvo de “tiros”:

- (93) Plutónio sob fogo
- (179) Carvalhas atira à 'queima-roupa'
- (328) DESEMBARQUE NA SOMÁLIA/ SOB "FOGO" DOS "MEDIA"
- (395) IROMA e Governo sob o fogo na reestruturação das carnes
- (522) A Sérvia entre dois fogos
- (729) Últimos tiros na guerra de palavras

De um modo geral, a acção do sujeito contra o opositor ao objectivo pretendido é metaforizada em “ataque”. Nos casos em que este desempenho é particularmente agressivo para com a entidade visada, a escolha recai sobre expressões conotativamente mais adequadas, como “desancar” e “massacrar”<sup>12</sup>:

- (102) Gaidar ataca Parlamento russo
- (181) 'MASSACRAR' NÃO CHEGA/ É NECESSÁRIO ALGO MAIS
- (520) Marítimo ao ataque
- (575) CGTP veste-se/ de Pai Natal/ para atacar o Governo
- (578) "SUPER-DRAGÕES" DAS ANTAS/ ATACAM VIZINHOS DO BESSA
- (628) "Sub-20" preparam/ ataque ao "Mundial"
- (657) LAVRADORES DO OESTE/ "DESANCAM" NA GNR
- (808) PEUGEOT ATACA EM GRANDE/ COM O PEQUENO "106"
- (852) Obviamente... ao ataque
- (899) PS ataca/ publicidade/ enganosa
- (975) Nintendo «ataca» em três frentes
- (1163) Autarca de Braga/ passa ao contra-ataque
- (1170) Gatunagem 'ataca'/ no Bairro Económico de Queluz
- (1189) Suíça à defesa e Espanha ao ataque
- (1322) Itália e Suíça atacam em força!
- (1461) UMA EFICIENTE RECEITA/ CHAMADA CONTRA-ATAQUE
- (1547) COUTO DOS SANTOS/DÁ UMA SEMANA À FPF PARA"ATACAR"/DESORDEM NO FUTEBOL
- (1867) Domingos/ e Rui/ Águas/ na frente/ de ataque
- (1870) LOCAIS CHEGARAM/ A MASSACRAR
- (1942) Estudantes massacram ministro
- (1946) Sub-16 atacam... albaneses!
- (1991) AURIOL ATACOU/ COM A FACA/ CERRADA NOS DENTES

O confronto próximo é encarado como a “frente de ataque”, ou, no caso do domínio desportivo, a aproximação do local onde o confronto se exacerba, ou seja, a proximidade da baliza do adversário:

<sup>12</sup> No domínio desportivo, as expressões metafóricas pelas quais se traduz a ideia da vitória de uma equipa sobre a sua adversária são muito ricas e variadas, embora nem todas remetam para o âmbito

- (206) Sindicalistas propõem criação/ de frente luso-espanhola
- (240) MIÚDOS DO VIGOROSA/ BRILHARAM EM DUAS FRENTES
- (970) CASCAIS TEM ANO DE OURO/ AO VENCER EM TRÊS FRENTES
- (975) Nintendo «ataca» em três frentes
- (1256) Proleite aposta em duas frentes
- (1276) Diplomatas em todas as frentes
- (1867) Domingos/ e Rui/ Águas/ na frente/ de ataque

Além de todas estas expressões que integram a projecção de uma luta numa actividade com objectivo, surgem outras, que podemos incluir na mesma metáfora, embora não tenham um peso, em termos quantitativos, tão elevado como os exemplos anteriores. É o caso da utilização de “dia D” significando um dia decisivo no “combate” a travar pelo objectivo, ou da expressão “em sentido” significando a preparação para o confronto:

- (221) "Profes" em sentido
- (1465) HOJE É DIA 'D' PARA/ PORTAGENS NA PONTE
- (1565) REGIÕES/ ADMINISTRATIVAS/ VIVEM HOJE/ O SEU "DIA D"

Ao contrário das expressões metafóricas que projectam acções bélicas nas diversas actividades com objectivo, as expressões que correspondem a uma paragem, temporária ou permanente, dessa mesma actividade são muito menos numerosas. É o caso de “tréguas” ou “fumar o cachimbo da paz”:

- (877) Tréguas de Natal
- (1602) Fugas ao fisco/ não terão tréguas
- (1903) Poder local quer fumar cachimbo da paz
- (1938) "MAGIC" E MALONE/ FUMARAM O CACHIMBO DA PAZ

De acordo com os diversos domínios alvo envolvidos na projecção metafórica, encontramos realizações mais específicas desta grande metáfora. Assim, no corpus de trabalho, identificámos as variantes

COMPETITIVIDADE ECONÓMICA É GUERRA

DESPORTO É LUTA

POLÍTICA É GUERRA

TRATAR UMA DOENÇA É TRAVAR UMA BATALHA

que passaremos, de seguida, a apresentar.

---

lexical da guerra e da luta. É assim que a metáfora GANHAR UM JOGO É DESTRUIR , que veremos mais à frente, apresenta diversas realizações que se encontram aqui incluídas.

**VARIANTES:****a) COMPETITIVIDADE ECONÓMICA É GUERRA**

Exemplos listados em 4.2.1.6:

- “conquista”: (270), (557);
- “guerra”: (9), (32), (44), (55), (73), (87), (121), (212), (420), (948), (1068), (1096), (1121), (1232), (1270), (1303), (1551), (1824), (1947), (2028);
- “batalha”: (313);
- “atacar”/ “frente de ataque”: (808), (975), (1256).

Numa sociedade de consumo, em que as diversas empresas e negócios concorrentes disputam entre si as fatias de mercado, as metáforas de luta assumem a variante de uma “guerra”, já que as partes em confronto terão como objectivo, em última análise, o aniquilamento umas das outras. Daí as expressões de “ataque”, “guerra” e “batalha”. A expressão da “conquista”, por sua vez, tem a particularidade, nesta variante em que o domínio alvo é a competição económica, de confrontar não dois ou mais sujeitos concorrentes mas o sujeito da actividade competitiva e o mercado por esta visado. Nos exemplos do corpus, este mercado a “conquistar” é expressamente mencionado nos títulos: “à conquista do Japão”, “à conquista do mercado espanhol”.

Devido ao princípio da invariabilidade nas projecções metafóricas (cf. cap. 2.1.2.1), os aspectos positivos do domínio da guerra projectam-se em aspectos também eles positivos no domínio económico: é o caso da ideia de uma forte relação entre os elementos que se encontram do mesmo lado do confronto e da aceitação de medidas que, apesar de implicarem sacrifício, serão benéficas em termos de futuro<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Estas duas implicações da metáfora COMPETITIVIDADE ECONÓMICA É GUERRA são, nos seguintes termos, enunciadas por Boers e Darmecheleer: “Describing one’s company or economy as being engaged in a war also creates an atmosphere of solidarity within a group: one stands together against a common enemy (foreign competition, the budget deficit, etc.). The imagery is also used to justify extra effort and sacrifices on the part of the employees. For instance, if people view their domestic economy as being threatened by foreign competition, they may more easily accept measures to enhance domestic competitive strength (flexible working hours, extra incentives for investors, reducing employers’ labour costs, etc.). If employees view their company as being engaged in a competitive struggle, they may be more likely to accept the “necessity” of proposed anti-social measures (freezing wages, giving up weak branches, etc.), and so on” (1997:126).

## b) DESPORTO É LUTA

Exemplos listados em 4.2.1.6:

- “conquista”: (182), (218), (219), (236), (264), (280), (323), (423), (449), (500), (823), (884), (951), (1206), (1313), (1473), (1496);
- “cerco”: (1525);
- “luta”: (155), (209), (403), (533), (872), (1445), (1748);
- “batalha”: (1234);
- “duelo”: (217), (244), (971), (1381), (1444), (1600), (1835), (1836), (1961), (2007);
- “golpe”: (339), (506), (1169);
- “atacar”: (520), (578), (628), (852), (1322), (1461), (1867), (1946), (1991);
- “frente”: (240), (970), (1867);

Ao contrário da variante anterior, em que predominavam os veículos metafóricos de “guerra”, a METÁFORA DESPORTO É LUTA não regista quaisquer exemplos desse veículo, que é, como vimos, o mais frequente dentro da grande metáfora que temos vindo a analisar, ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É LUTA. De facto, sendo a competição desportiva uma actividade em que o objectivo é ganhar – o jogo, a corrida, a taça, o campeonato, etc. –, é com uma certa perplexidade que constatamos a completa ausência da palavra “guerra” nos títulos do corpus retirados da secção desportiva. Esta perplexidade é tanto maior se pensarmos no facto de que o domínio desportivo é dos que mais utiliza metáforas bélicas. Assim, esta ausência é compensada por uma relativa abundância de veículos metafóricos de “conquista”, “luta” e “ataque”, como podemos verificar na listagem acima fornecida.

Além dos exemplos listados acima, encontramos outros veículos metafóricos do domínio da luta que, pelo menos, no corpus em análise, são exclusivos do domínio desportivo. Este domínio é particularmente visado nestas metáforas, uma vez que basicamente encontramos dois opositores – equipas, pares ou individuais – que se defrontam por um mesmo objectivo. Assim, os desportistas são metaforizados em



“guerreiros”, “artilheiros”<sup>14</sup>, prontos para o combate, ou mesmo nos projecteis ofensivos, “mísseis” e “bombardeiros”<sup>15</sup>:

- (373) Goran Ivanisevic/ 'bombardeiro' dos ases/ eliminou John McEnroe
- (454) BOMBARDEAMENTO/ DE ROCKETS/ "ESTILHAÇOU" BULLS
- (725) MITHARSKI E REBELO/ -OS "MÍSSEIS" PARA BARCELOS
- (777) ARTILHARIA/ DE/ ALVALADE/ AFUNDOU/ CARAVELA/ DE BELÉM
- (1267) ARTILHEIROS ESTRANGEIROS/ DOMINAM CAÇA AO GOLO
- (1472) O descanso dos *guerreiros*

Outro veículo metafórico utilizado no domínio desportivo, e que também tem a ver com a metaforização dos jogadores e das equipas em soldados, prende-se com a utilização dos lexemas “comando” e “comandar” em relação às melhores posições na tabela de resultados:

- (801) Dragões no comando
- (834) Barcelona perde comando
- (862) TRIO COMANDA EM FRANÇA
- (874) DUPLA "CM"/CREA/ FIRME NO COMANDO
- (1199) Lomba só no comando
- (1227) CORUNHA MANTÉM O COMANDO

Finalmente, e ainda dentro da variante desportiva da “conquista”, a ultrapassagem, num jogo de equipa, da barreira formada pelos defesas adversários é metaforizada como uma transposição da “muralha” defensiva:

---

<sup>14</sup> A propósito da utilização do termo “artilheiro” na linguagem desportiva brasileira, Luís César Feijó comenta: “Jogador de futebol que mais gols marca em sua equipe e nos campeonatos. Termo que surgiu por comparação ao soldado detonador de peças de artilharia, como o canhão e o obus. O campo metafórico relacionado a GUERRA é muito comum na linguagem especial do futebol. (...) Os adversários são considerados inimigos. Uma partida entre dois times líderes de um campeonato é uma BATALHA, etc. (...) ARTILHEIRO tem como sinónimo GOLEADOR. É termo consagrado na linguagem do futebol e não passou para outros esportes, como o basquete, por exemplo (...)” (FEIJÓ, 1994: 75-76).

<sup>15</sup> Todo este vocabulário bélico faz salientar a faceta competitiva, por vezes agressiva mesmo, do confronto desportivo. Raymond Eich (1997) analisa este tipo de vocabulário presente na linguagem desportiva explicando a projecção metafórica guerra-desporto em termos da teoria do gene egoísta: “More important, however, are the associations both ball-and-goal sports and war have with the sociobiological theory of the selfish gene, as described by such writers as Richard Dawkins. The central observation of this document is this: Ball-and-goal sports, like war, arise from a biological urge to propagate one's genes widely, at the expense of other human populations./ The basic metaphor/ There lies a strong mapping between the components of ball-and-goal sports and the components of a struggle between human populations for genetic propagation. Whether this mapping is directly biological or operates through a form of collective unconscious is beside the point. This mapping forms the heart of the central observation defined above.”

- (122) BENFICA TRANSPÔS/ "MURALHA" DO CASTELO  
 (780) VERDADEIRA "MURALHA DE AÇO"

Este veículo metafórico é escolhido quando a defesa é muito forte e o adversário não consegue ganhar, como é relatado no texto do exemplo (780) sobre um empate 0-0 em futebol entre F.C.Porto e Beira-Mar, ou quando a vitória é conseguida com dificuldade, como acontece no exemplo (122) sobre a difícil vitória do Benfica ao Castelo da Maia<sup>16</sup> por 3-2 em volei.

### c) POLÍTICA É GUERRA

Exemplos listados em 4.2.1.6:

- “conquista”: (768), (1178);
- “cerco”: (1320), (1511);
- “combate”: (99), (609), (1396), (1969);
- “luta”: (100), (158), (168), (752), (1656);
- “guerra”: (71), (140), (357), (383), (504), (664), (692), (729), (929), (1958);
- “batalha”: (149), (490), (549), (686);
- “duelo”: (425), (763);
- “golpe”: (176), (205), (297), (361), (1418);
- “sob fogo”/ “tiros”: (395), (522), (729);
- “atacar”: (102), (575), (899), (1163), (1189), (1348), (1942);
- “frente”: (206), (1276);
- “dia D”: (1565);
- “tréguas”/ “cachimbo da paz”: (877), (1602), (1903).

Ao contrário das metáforas desportivas, as projecções metafóricas no domínio da política utilizam frequentemente o veículo “guerra”. Esta “guerra” é projectada nos confrontos entre adversários políticos em disputa eleitoral, entre o governo e os opositores às suas medidas e resoluções e, de um modo geral, a todos os conflitos no âmbito político.

Tal como na variante anterior, também na metáfora POLÍTICA É GUERRA encontramos projecções metafóricas para os intervenientes nos conflitos noticiados:

- (1595) César procura "generais"

<sup>16</sup> À escolha da expressão metafórica da "muralha" não será alheio um jogo de palavras de tipo onomástico (cf. cap. 4.3.3.1) com o nome da equipa, Castelo da Maia.

Neste exemplo, a notícia refere a procura de apoios de uma candidatura à liderança do PS Açores, ou seja, a “guerra” é, mais uma vez, o confronto eleitoral.

#### **d) TRATAR UMA DOENÇA É TRAVAR UMA BATALHA**

Exemplos listados em 4.2.1.6:

“combate”/ “combater”: (3), (5), (26), (33), (99), (104), (141), (543), (1209);

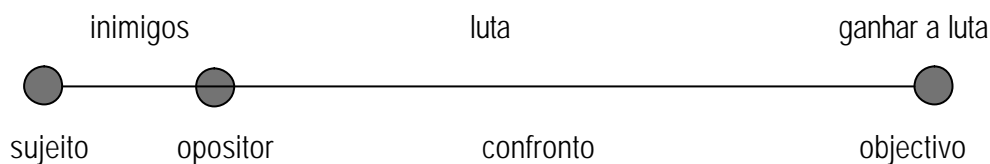
“luta”: (14), (543), (553), (1908).

Nesta variante, a erradicação da doença é vista como o objectivo a atingir. Daí que os procedimentos com vista a esse fim sejam metaforizados como ataques bélicos. A doença, nos exemplos do corpus, inclui Sida, toxico-dependência e doenças cardíacas, ou seja, o “combate” noticiado tem a ver com acções de prevenção junto da comunidade, a fim de evitar a propagação desses males. Estes surgem, conseqüentemente, projectados nos inimigos a abater. Quando a doença atinge grandes proporções em termos de quantidade de pessoas afectadas, ela pode ser metaforizada como uma “invasão”, dado o seu carácter generalizado, como acontece no exemplo seguinte:

(710) SIDA INVADE A ÁSIA

#### **PONTOS COMUNS**

Nesta secção acabámos de analisar diferentes variantes da metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É LUTA. Nesta grande metáfora, uma das mais profícuas do corpus em análise, podemos encontrar, como constante, a existência de uma oposição à realização do objectivo pretendido, oposição esta que vai ser “combatida”. Assim, podemos esquematizar, de uma forma muito geral, o paralelo estabelecido:



**Diagrama 13** – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É LUTA

A natureza do confronto assume, como vimos, diversas formas – batalha, conquista, duelo, cerco, guerra, etc. – tendo, todas elas, em comum o factor da interposição de um opositor a um objectivo que se pretende alcançar e a inevitabilidade de o confrontar de um modo firme e mais ou menos agressivo.

#### 4.2.1.7. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É MOVIMENTO

A actividade humana que apresenta um objectivo a atingir é, em alguns títulos de notícia, metaforizada em movimento físico. Assim, quando determinado projecto é posto em prática, o verbo “mexer” é utilizado:

- (711) Lagarta/ do Natal/ já «mexe»
- (1090) Expo-98 já «mexe»
- (1516) Ponte do Freixo já mexe

Em certos títulos, o movimento é encarado como sendo de origem mecânica e o combustível – sugerido nas expressões “dar gás”, “a meio gás”, “a todo o gás” – remete para o empenho colocado na persecução do objectivo, na sua exequibilidade, ou na velocidade com ele é perseguido:

- (267) Reforma a meio gás
- (622) COMPRAS DE NATAL/ A "MEIO GÁS"
- (843) Alemanha a todo o "gás"/ derrota Uruguai frágil
- (980) ÉPOCA DE PISTA COMEÇOU/ MAS... A MEIO GÁS
- (1819) SELECÇÃO A "MEIO-GÁS"/ VENCEU FANHÕES POR 4-0
- (1840) SECTOR TÊXTIL/ TRABALHOU A MEIO GÁS
- (1962) FUTRE "DÁ GÁS"/ AO BENFICA-F.C.PORTO
- (2033) CLINTON A 'MEIO GÁS'/ EM DEFESA DOS 'GAYS'

Os problemas que eventualmente surjam são projectados em problemas mecânicos:

- (1057) Trânsito saiu dos eixos
- (2029) LINHA DE SINTRA TARDA/ A ENTRAR NOS EIXOS

Quando o sujeito ou entidade que visa atingir determinado objectivo se encontra numa fase de indecisão ou de indefinição, surge o veículo metafórico transmitido pela acção de “balançar”:

- (194) ANGOLA CONTINUA A BALANÇAR/ ENTRE A GUERRA E A PAZ

A actividade realizada com eficácia, impacto, alcance e rapidez é projectada em movimentos de objectos ou fenómenos a que se associa a característica do movimento rápido, como os “foguetes”, “relâmpagos”, “lebres”, “flechas” “tiros”, etc., como podemos verificar nos títulos:

- (19) Cimeira-relâmpago/ reúne no Vaticano
- (24) CUNHA E SILVA/ SUBIU EM FLECHA/ NO "RANKING" ATP
- (681) ECCLESTONE PROPÕE/ INTRODUIR UMA 'LEBRE'/ NAS CORRIDAS DE F1
- (922) FERRARI APRESENTOU EM ITÁLIA/ "BOMBA" PARA O PRÓXIMO ANO
- (1007) Três flechas e um arco [golos]
- (1216) FOGUETE/ DE NUNO [golo]
- (1528) JAPÃO: DESEMPREGO/ AUMENTA EM FLECHA
- (1725) DA BOAVISTA/ AO MARQUÊS/ VAI SER UM "TIRO"
- (1760) FURACÃO SUECO EM MELBOURNE
- (1834) Excedente/ comercial/ 'dispara'/ no Japão
- (1860) Leça sobe em flecha

A acção que acaba por afectar o próprio sujeito é, por sua vez, concretizada no movimento de retorno do “boomerang”:

- (305) Acusações em boomerang

Um caso particular de actividade com movimento é o da deslocação no espaço, feita pelos veículos em viagem. Esta projecção particular será analisada mais à frente, na secção 4.2.1.9, na metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM, a qual pode ser considerada como uma especificação da metáfora que aqui acabámos de apresentar, ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É MOVIMENTO, já que o acto de viajar implica o acto de mover-se.

#### 4.2.1.8. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É SUBIR AO TRONO

Uma outra metáfora para as actividades com objectivo projecta-as em subidas a um trono metafórico. Assim, o objectivo a atingir corresponde ao trono a conquistar. No entanto, o termo “trono” não é utilizado, surgindo apenas pela negativa na expressão “destronar”, quando o objectivo provisoriamente atingido por determinado sujeito lhe é retirado por um sujeito rival em busca desse mesmo objectivo. É o que acontece com as metáforas desportivas que projectam a troca de lugares numa escala hierarquicamente organizada de resultados em que o segundo sujeito retira o primeiro lugar da escala – o objectivo cobiçado – ao primeiro sujeito.

- (228) Líderes destronados
- (229) Guimarães destronado
- (234) FEIRENSE DESTRONOU CINFÃES
- (499) NANTES DESTRONOU PSG
- (1808) Tirsense destronado
- (2047) Plástico «destrona» madeira

Estes paralelos metafóricos têm como consequência a correspondência do sujeito que conseguiu o objectivo ao “rei”, ou “rainha”, que passará a ocupar o “trono”:

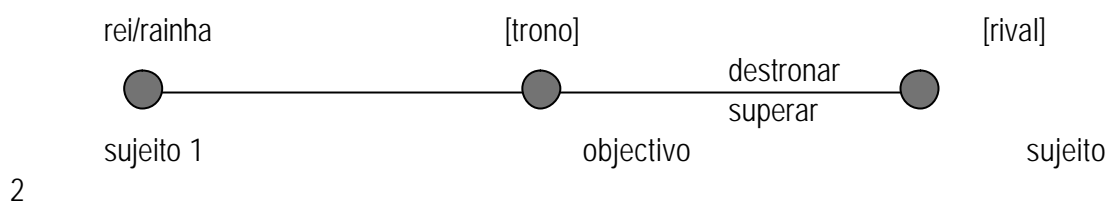
- (281) BARCELONA "REI E SENHOR"/ NA LIGA ESPANHOLA
- (286) EQUIPETROL E BAD:/ "REIS" DA JORNADA
- (434) Artesanato/ é "rei"/ na Marinha/ Grande
- (614) Agnelli, o príncipe imperfeito
- (717) Um «rei» civilizado
- (820) ARTUR: UM REI/ NA CORTE DO BESSA
- (837) O "rei" Van Basten
- (851) Artur, rei de xadrez!
- (934) CEDOFEITA/ -PEÃO/ JÁ É REI
- (1292) Hoje há reis/ na supertaça
- (1380) É difícil ser 'rei' jovem na Europa
- (1505) O REGRESSO DO "PRÍNCIPE" DAS CONSERVAS
- (1514) RUSSOS FORAM 'REIS'/ NA CAPITAL ALGARVIA
- (1580) A rainha Madonna
- (1746) Manchester United é 'rei' de Inglaterra
- (2021) FINAL DE RAINHAS EM MELBOURNE

A respectiva posição de superioridade sobre os sujeitos que não o atingiram é metaforizada na acção de “reinar”:

- (332) REHN(A) 'REINOU'/ E ERIKSSON MARCOU

(407) Dinamarca «reina» em Edimburgo

Resumindo, a actividade com objectivo metaforizada em subida ao trono pode ser esquematizada do seguinte modo:



**Diagrama 14** – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É SUBIR AO TRONO

Como podemos observar no diagrama, os elementos essenciais nesta projecção metafórica incluem um primeiro sujeito correspondendo ao pretendente ao trono. Este trono significará o objectivo atingir. O objectivo, em certos casos, como as posições mais cobiçadas nas escalas desportivas, pode encontrar-se ameaçado por um segundo sujeito que se encontra em busca do mesmo objectivo e que, caso o alcance, provocará o afastamento do primeiro sujeito do mesmo, ou seja, destrona-o.

Esta é, pois, uma metáfora encontrada predominantemente nas páginas desportivas. Os únicos exemplos do corpus que analisámos acima e que não se situam dentro desse âmbito são o (407), (434), (934), (1580) e (2047). Nestes, alguma forma de rivalidade e competição é, de qualquer modo, patente, como é o caso da competitividade económica.

#### **4.2.1.9. ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM**

Esta é uma das metáforas mais utilizadas no corpus que serviu de base a esta pesquisa<sup>17</sup>. De facto, são bastante numerosos os títulos que se referem a factos políticos, desportivos, económicos, etc. onde a persecução de determinado objectivo é vista metaforicamente como uma viagem percorrida pelo sujeito, viagem esta que pode ser desenvolvida com maior ou menor velocidade e que tem um rumo e um destino:

- (220) Na rota do Infante
- (258) Delors/ admite/ Europa/ a várias/ velocidades
- (308) CHEQUES "CARECAS"/ SOMAM E SEGUEM
- (340) Artur Jorge soma e segue
- (404) Real Madrid soma e segue
- (430) Senhor do Padrão soma e segue
- (655) O "ARARA" FOI MESMO...ARARA/ -"BOMBAY" COM RUMO NO "BCP"
- (749) Saúde rumo ao nível europeu
- (969) BENFICA/ EM VILA DO CONDE/ NA SENDA DAS GOLEADAS
- (1151) Aspirina soma e segue
- (1331) LUANDA SOMA E SEGUE/ NO CERCO AO HUAMBO
- (1574) Português «vai longe» no Canadá
- (1785) EUROPA A DUAS VELOCIDADES/ "PASSA" EM ESTRASBURGO
- (2050) LISBOA NA ROTA/ DA PAZ ANGOLANA

Nesta mesma linha, as mudanças experienciadas pelo sujeito envolvido na actividade são entendidas como uma deslocação no espaço, num movimento que transporta o sujeito entre um ponto de partida e um ponto de chegada. Consequentemente, a distância que medeia entre o problema não resolvido e o problema resolvido ou entre um estado inicial e um estado final, é projectada no “caminho” ou “estrada” a percorrer:

- (167) MAASTRICHT ABRE PORTAS/ MAS NÃO IMPÕE CAMINHOS
- (242) CHAVE DE OURO/ ENTREGUE A NOGUEIRA/ PARA "ABRIR CAMINHOS"
- (416) ESBOÇADOS OS CAMINHOS/ DO RELANÇAMENTO ECONÓMICO
- (648) SUÉCIA A CAMINHO/ DA UNIÃO EUROPEIA
- (660) Sampaio e Gomes/ a caminho da reeleição
- (669) Gomes/ a caminho/ da reeleição
- (670) Sampaio a caminho da reeleição
- (1145) Checos e eslovacos: dois caminhos
- (1361) DEZANOVE IMÓVEIS MILITARES/ A CAMINHO DA HASTA PÚBLICA
- (1608) Calçado português no bom caminho

---

<sup>17</sup> Tal como foi referido na secção 2.1.2.1 a propósito da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, também podemos considerar a metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM como herdeira da metáfora mais abrangente a VIDA É UMA VIAGEM. De facto a ideia da viagem permite a decomposição do percurso, obstáculos, destino pretendido, meios utilizados, parceiros de percurso, etc. etc., elementos estes que se prestam a uma série de projecções diferentes em diversos domínios da actividade humana, incluindo até a actividade literária, onde encontramos a viagem como a estrutura básica de muitas narrativas.



- (1628) Os caminhos do desenvolvimento rural
- (1643) FUNÇÃO PÚBLICA ESPERA QUE A GREVE/ ABRA O CAMINHO AO DIÁLOGO
- (1652) BRAGA À PROCURA/ DO CAMINHO DAS VITÓRIAS
- (1671) CRISTÃOS PORTUGUESES/ ABREM CAMINHOS DE UNIDADE
- (1978) Pró-Vida na estrada do futuro

Para percorrer este “caminho”, isto é, para atingir o objectivo, é necessário “avançar”, ou seja, o empenhamento numa actividade com objectivo envolve mudanças sucessivas de estado que, nesta metáfora, são vistas como mudanças de localização espacial<sup>18</sup>:

- (42) Casino de Tróia avança
- (624) Rússia/ avança/ com/ orçamento
- (1298) HABITAÇÃO COOPERATIVA E SOCIAL/ AVANÇA EM GONDOMAR
- (1786) OBRAS DO NÓ FERROVIÁRIO/ AVANÇAM A TODO O VAPOR

O decorrer da viagem pode, no entanto ser perturbado ou mesmo interrompido por obstáculos que significarão todas as dificuldades com que o sujeito se depara. Estas dificuldades assumem a forma metafórica de “barreiras”, “bloqueios”, “paredes”, “fossos”, ou mesmo, quando inviabilizadoras do objectivo, “abismos”:

- (70) UNIÃO DE PAREDES/ CAMINHA PARA O ABISMO
- (296) A última barreira contra Maastricht
- (461) Famalicão encostado à parede
- (830) Kevin Young sem barreiras
- (846) TRÊS DA FRENTE JÁ CRIAM FOSSO
- (895) “FORÇAS DE BLOQUEIO”/ NÃO TRAVAM VIA DO INFANTE
- (1137) 'AZUIS' FORMAM BARREIRA/ NO CAMINHO DO BENFICA
- (1246) START II pode 'esbarrar'/ no Congresso russo
- (1691) APLAUSOS SELARAM/ FIM DO BLOQUEIO EM OSSELA

O sucesso na superação de obstáculos é, por vezes, conseguido apenas devido a factores que permitam essa transposição e que, nesta metáfora da viagem, nos surgem como “pontes”, ou seja, elementos de ligação:

- (6) PORTUGAL DEVE SER PONTE/ ENTRE EUROPA E AMÉRICA
- (1968) Lisboa como "ponte"/ para os PALOP
- (2018) HUNGRIA PRETENDE SER/ A PONTE PARA O LESTE

---

<sup>18</sup> Lakoff et al. (1991: 36) analisam algumas metáforas de actividades com objectivo projectadas em viagens e salientam: “Engaging in a long-term action involves change of state, a purpose, and external events affecting you. The changing that one undergoes as one engages in the activity is understood as motion from one location to another”.

A transposição dos obstáculos impeditivos da viagem pode, além disso, ser vista como “saltos”, que permitindo evitar esses mesmos obstáculos, facultam a continuação do percurso:

- (539) Wiriamu saltou as fronteiras
- (705) ROMENOS QUEREM "SALTAR"/ DA EUROPA PARA O CANADÁ
- (1085) Vinho Dão galga fronteiras
- (2048) FARENSE EM FORÇA/ PARA DAR O 'SALTO'

O desempenho do sujeito na sua viagem pode ainda ser perturbado, quer favorável quer desfavoravelmente, por elementos exteriores, que o “atropelam” e com ele “colidem” ou, pelo contrário, que o “empurram”, o “puxam” ou o “ajudam”:

- (129) Badminton quer aproveitar o "empurrão" olímpico
- (136) GONZÁLEZ PEDE A CAVACO/ QUE AJUDE A 'PUXAR O CARRO'
- (391) Portugal atrás do "quebra-gelo"
- (473) Fomos atropelados/ por um Ferrari!
- (1009) Empurrãozinho do árbitro
- (1248) LAPAROSCOPIA 'PUXA'/ INDÚSTRIAS DE PONTA
- (1260) GRÃ-BRETANHA/ EM ROTA DE COLISÃO/ COM A COMUNIDADE
- (1925) Venda de peixe atropela a lei

ou por “paralisações” no andamento:

- (1153) UM ARRASTÃO FEZ-SE AO MAR/ E "FUROU" PARALISAÇÃO EM MATOSINHOS
- (1710) Agricultores «paralisam» mercado

O maior ou menor grau de proximidade do ponto de chegada desejado metaforiza a medida do sucesso de uma actividade ou decisão:

- (271) Novela do GATT longe do fim

Ao envolver-se numa actividade com objectivo, o sujeito pode, para o atingir, confrontar-se com momentos de tomada de decisão, em que diversas alternativas de actuação se lhe deparam. Estes momentos de decisão são, na metáfora da viagem, projectados nas “encruzilhadas” que abrem diversas possibilidades de progressão rumo ao objectivo:

- (1439) INDÚSTRIA DO MINHO/ VIVE NUMA ENCRUZILHADA
- (1577) Indústria minhota vive encruzilhada
- (1700) A economia/ norte-americana/ na encruzilhada

Além das encruzilhadas, outros locais particulares são, por vezes mencionados, caracterizando determinados tipos de percurso. É o caso dos “becos”, dos “charcos”, dos “túneis” e dos “desertos” que projectam fases particularmente penosas do processo. Durante, ou no final, da travessia destas fases, o sujeito será recompensado pelo seu esforço, recompensa esta que surge metaforizada em “oásis”, “luz”, “saída”. A falsa sensação de que o objectivo se poderá alcançar facilmente é, por seu lado, projectada nas “miragens”. Exemplos do corpus:

- (219) O Conquistador no charco
- (223) Dois pontos ao charco
- (336) Nuvens/ sobre/ o oásis
- (410) EDIMBURGO: UMA LUZ/ AO FUNDO DO TÚNEL
- (415) VÊ-SE UMA LUZ/ AO FUNDO DO TÚNEL
- (426) À PROCURA DA SAÍDA DO BECO
- (445) DIREITOS DO CONSUMIDOR/ NÃO PASSAM AINDA/ DE UMA MIRAGEM
- (545) PROJECTOS DE FRANCELOS/ VÃO PARAR AO... CHARCO
- (691) CAMPO ALEGRE/ -A LUZ AO FUNDO/ DOS TÚNEIS
- (1080) COLLOR CONDENADO / À 'TRAVESSIA NO DESERTO'
- (1590) PONTE DO FREIXO/ AINDA É MIRAGEM/ ENTRE AS DUAS MARGENS/ DO DOURO
- (1635) ALVES QUER A PASSAGEM/ PARA A OUTRA... 'MARGEM'!

A antevisão do objectivo a atingir coloca-o no “horizonte”:

- (110) EDIMBURGO/ NO HORIZONTE/ DA CIMEIRA/ IBÉRICA/ DO FUNCHAL

Quando o sujeito envolvido na actividade com objectivo é confrontado com o problema de alterar os seus planos de andamento, as suas hesitações, mudanças e indecisões são, ainda, encaradas como “voltas”, ou “viragens” no caminho a percorrer:

- (133) Socialistas/ "às voltas" com/ as leis eleitorais
- (408) Às voltas por Maastricht
- (428) Às voltas com o álcool e a velocidade
- (671) Boavista deu a volta
- (1265) F.C.PORTO: VIRAGEM DE CAMPEÃO
- (2015) UTL quer "dar a volta" à lei das propinas

Já as dificuldades em reunir os meios para alcançar o objectivo (por exemplo, não marcar os golos necessários à vitória no confronto desportivo) são metaforizadas no acto de se perder no caminho:

- (337) FC do Porto perdeu-se/ na Baía de Gotemburgo
- (1458) Leixões perdeu-se no Mar

(1984) F.C.PORTO/ PERDEU-SE/ NA LUZ

(2044) Senhor do Padrão perdido no Paraíso

Além destas projecções metafóricas em que a actividade com objectivo é encarada em termos de uma viagem em geral, surgem, nos títulos do corpus de estudo, diversos exemplos em que se particulariza o tipo de viagem, de acordo com um tipo específico de meio de transporte. Assim, teremos a viagem sob a forma de: caminhada, automóvel, comboio, barco, cavalgada, voo e patins. Cada uma destas variantes faz introduzir nos respectivos textos o seu léxico específico e, por vezes, desenvolve aspectos da viagem que não se encontram contemplados nas outras variantes.

### **VARIANTES:**

#### **a) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É CAMINHADA**

Uma primeira variante da metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM encara esta última como uma caminhada a pé, com diversos andamentos possíveis, transmitidos por expressões como “andar”, “correr”, “marchar”. Em alguns títulos há mesmo a referência a “pés” e “pernas” metafóricos:

(973) Com pernas para andar

(1352) Rede de gás em marcha

(1437) SUSANA FEITOR "MARCHOU"/ PARA O RECORDE NACIONAL

(1579) Calçado põe «pés a caminho»

(1607) Calçado português/ com «pernas»/ para correr mundo

As etapas de mudança neste percurso evolutivo são, quando a viagem é encarada como uma caminhada, projectadas nos “passos” que sucessivamente vão aproximando o sujeito do seu objectivo. Esta projecção das etapas da viagem é um dos pontos mais salientes e característicos da variante CAMINHADA:

- (171) "SALVAR POMBEIRO"/ DÁ MAIS UNS PASSOS
- (419) MAIS UM PASSO DADO/ EM APOIO DOS DEFICIENTES
- (633) Reforma deu mais um passo
- (903) BENFICA ACERTA/ (COM) PAÇOS/ NA PERSEGUIÇÃO/ AO LÍDER
- (920) BENFICA A TRÊS "PASSOS" DO PORTO
- (1095) MATOSINHOS DÁ OUTRO PASSO/ NA CONSTRUÇÃO DO EMISSÁRIO
- (1388) Open da Madeira dá o primeiro passo
- (1680) Exército apoia *passo* democrático

Estes passos podem ser caracterizados de acordo com o maior ou menor contributo que dão para a aproximação do objectivo, ou seja, o fim da viagem metafórica. Assim, teremos, por um lado, “passos de gigante” e “passos em frente” e, por outro lado, “meios-passos” e “passos de caracol”. As mudanças súbitas de objectivo são projectadas em “cambalhotas” e as etapas que são desperdiçadas são referidas como “passos em falso”, ou o sujeito estará simplesmente a “marcar passo”, isto é, não se aproxima do objectivo. No caso em que o objectivo, além de não se tornar mais próximo, ainda se torna mais distante, temos os “passos atrás”:

- (427) Um passo em frente, dois passos atrás
- (519) Legalização de clandestinos a passo de caracol
- (702) Direcção da FPF reage/ à "cambalhota" de Virgílio
- (812) DOIS PASSOS EM FALSO
- (828) Faldo dá passo gigante
- (1046) REDUÇÃO DOS ARSENAIS NUCLEARES/ ESTÁ A MARCAR PASSO EM GENEBRA
- (1087) Um passo em frente
- (1233) Sesimbra: reconversão de pedreiras marca passo
- (1285) 'CM' DEU 'PASSO DE GIGANTE'/ PARA VENCER TAÇA IBÉRICA...
- (1413) Privatização do BPA marca passo
- (1464) Senna/ a 'meio-passo'/ de assinar/ pela Pense
- (1518) Conversações de Genebra marcam passo
- (1796) Legalização de imigrantes/ a passo de caracol

Além destes últimos tipos de passos desfavoráveis ao bom desenrolar da acção, a caminhada pode ainda apresentar outro tipo de dificuldades em relação à aproximação do objectivo e que dizem respeito às falhas do próprio sujeito no desempenho da sua actividade. Estas falhas são metaforicamente projectadas em “quedas”, “tombos”, “escorregadelas”, “tropeções” e “deslizes”, ou seja, actos que atrasarão e prejudicarão o bom andamento da caminhada e poderão deixar consequências negativas no futuro desempenho do sujeito. Estas expressões metafóricas encontram-se quase todas na

secção desportiva para exprimir a ideia de derrota ou, menos frequentemente, de um empate desfavorável, ou seja, quando uma equipa mais prestigiada empata com um adversário do fundo da tabela:

- (46) DOIS PRIMEIROS APROVEITAM/ DESLIZES DA CONCORRÊNCIA
- (96) "Tomba-gigante" em Picassinos
- (200) LEIXÕES CAIU NA MADEIRA
- (216) MILÃO 'TROPEÇOU'/ MAS... NÃO CAIU
- (224) Deslizes fatais... à chuva
- (463) Estoril rasteira Sporting/ árbitro rasteira Estoril
- (467) Quem 'tropeçou'/ foi o Belenenses
- (511) Belém a resvalar
- (787) ITÁLIA IA CAINDO/ NA VALETTA
- (798) Barcelona «cai»
- (835) FC Porto tropeçou nas Antas
- (997) Aston Villa/ baqueou em Coventry
- (1013) TAÇA: ODIVELAS/ TOMBOU/ SALGUEIROS
- (1000) SALGUEIROS TOMBOU/ NO PELADO DE ODIVELAS
- (1037) ATLÉTICO PASSOU EM SETÚBAL/ E QUELUZ BAQUEOU NO MONTIJO
- (1176) Novo 'tropeção'/ dos algarvios
- (1179) Escândalo derruba ministro alemão
- (1228) ALPENDORADA TOMBOU/ EM CAÍDE DE REI
- (1278) Tropeções da paz no Camboja
- (1350) Marselha 'escorrega'/ no gelo de Lille
- (1504) Bulls tropeçam de novo
- (1532) CASTROMARINENSE 'ESCORREGA'/ E SAMBRENSE É O NOVO LÍDER
- (1689) NO JOGO DE GIGANTES/ NENHUM TOMBOU
- (1895) Senhora da Hora baqueou!
- (1872) ITÁLIA IA 'CAINDO'/ EM LA VALETTA...
- (1959) CAI A ÁGUIA/ OU TOMBA O DRAGÃO
- (2008) Na rasteira do «time-sharing»

As dificuldades e sofrimentos que se colocam ao sujeito em busca do seu objectivo podem, além disso, ser metaforizadas pela expressão “pedra no sapato”:

- (807) PEDRINHA DO BEIRA MAR/ NO SAPATINHO/ DO F.C.PORTO
- (960) Pedra no "sapatinho"/ de Heitor Carvalheiras

Outra dificuldade que se coloca ao sujeito é a de suportar, na prossecução do seu objectivo, responsabilidades, preocupações e outros inconvenientes que surgem metaforizados em “fardos” e “pesos” que o sujeito ou entidade carregará:

- (255) O peso das gripes
- (678) Pereira Reis herda/ um fardo pesado
- (781) Golos bracarenses 'pesaram' em demasia
- (1247) CONGRESSO DOS EUA/ ABRE COM UMA/ AGENDA 'PESADA'
- (1534) CONCORRÊNCIA DESLEAL/ DÁ MULTAS PESADAS

A variante da caminhada pode, ainda, assumir a forma específica de “procissão”. Esta projecção é escolhida, no corpus de trabalho, quando se pretende transmitir a ideia

de que a actividade ainda se encontra numa fase inicial. Então, surge a expressão “ir no adro” (já que o adro da igreja, no espaço de entrada fonte, significa o local a partir do qual a procissão se inicia):

- (51) Estatuto da docência no adro  
(1999) A procissão ainda vai no adro

## **b) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM DE AUTOMÓVEL**

A metáfora da viagem pode, como dissemos, assumir diversas variantes. Ela pode, além da caminhada com passos e quedas que vimos nos exemplos anteriores, ser encarada como uma viagem em veículo AUTOMÓVEL. Neste caso, encontraremos algum vocabulário proveniente desse domínio. O início da viagem, por exemplo, é visto como o momento do “arranque” do motor, a sua preparação como o “carregar baterias” e a fase inicial como o período de “rodagem”:

- (245) "MODERNA" JÁ ARRANCOU  
(585) Renovação arranca em Janeiro  
(603) NOVO HOSPITAL DE LAMEGO/ IRÁ ARRANCAR EM 1994  
(865) Alargamento "arranca"/ em Fevereiro de 93  
(939) POLÍTICOS CARREGAM/ BATERIAS NO NATAL  
(1050) Voleibol/ feminino/ está/ em rodagem/ no Luxemburgo  
(1105) Paredes/Móvel arranca em grande  
(1299) PARQUE DE EXPOSIÇÕES/ ARRANCA NO CAMPO DO CASTELO  
(1317) Recolha de óleos arranca em Abril  
(1354) CDC poderá arrancar este ano  
(1356) «Ibero-Magrebe» arranca hoje  
(1406) IC7 "ARRANCA"/ NA PRÓXIMA SEMANA  
(1517) Ponte do Freixo já arrancou  
(1650) ELECTRIFICAÇÃO DA LINHA FÉRREA/ ARRANCA AINDA ESTE ANO  
(1651) NOVO MERCADO ABASTECEDOR/ ARRANCA NO MÊS DE JUNHO  
(1659) Parque da cidade vai arrancar  
(1692) NOVO QUARTEL DA GNR/ ARRANCA EM MARÇO  
(1705) Parque de Matosinhos já arrancou  
(1747) 'MUNDIAL' DE RALIS/ ARRANCA AMANHÃ/ EM MONTE CARLO  
(1769) Intercharter arranca em Junho

Em vez dos “passos em falso” e do “marcar passo” da variante CAMINHADA, vamos encontrar, em relação aos atrasos na prossecução do objectivo, as “travagens” e as “desacelerações”:

- (1) Pressão judicial alemã/ não trava neonazis
- (364) POLÍTICOS "TRAVAM"/ LIMPEZA DA COSTA
- (507) "DRAGÕES" TRAVADOS/ PELO BEIRA MAR
- (649) NOVA LEGISLAÇÃO "TRAVA"/ EXPERIÊNCIAS EM ANIMAIS
- (698) Travão no embargo
- (696) Câmara "trava"/ embargo da CCRN
- (827) Autarcas socialistas/ travam ambições de Gomes
- (895) "FORÇAS DE BLOQUEIO"/ NÃO TRAVAM VIA DO INFANTE
- (1452) ESGUEIRA NÃO TRAVOU/ O LÍDER BENFICA
- (1679) GNR trava «aceleras»
- (1694) PASSIVO QUE VEM DE LONGE/ "TRAVA" CARREIRAS URBANAS
- (1697) NOGUEIRENSE/ TRAVOU ATAENSE
- (1929) EMPRESÁRIOS PESSIMISTAS/ E ECONOMIA DESACELERA

Do mesmo modo, as “quedas” e “tombos”, são na versão motorizada da viagem, encarados como problemas na condução e dificuldades mecânicas:

- (257) Benfica afina 'motor'/ para receber o Dínamo
- (1183) Quando a velocidade/ ...custa a engatar
- (1733) Economia dos Doze em derrapagem

Pelo contrário, os factores propiciadores de uma maior rapidez na obtenção do desejado estado final são projectados em “acelerações”:

- (462) Polónia acelera crescimento

Ao mesmo tempo, surge uma grande quantidade de vocabulário do domínio do trânsito e das suas regras e convenções. É nesse sentido que, quando a actividade em direcção a determinado objectivo necessita de uma autorização de entidade ou órgão competente, este é metaforizado em semáforo regulador do tráfico. Assim surgem as expressões metafóricas da “luz verde” e da “luz vermelha”, tão comuns nos títulos de jornal, significando respectivamente a autorização e a recusa, por parte de uma entidade competente, do objectivo inicialmente proposto:

- (147) MPLA tem luz verde/ para contra-atacar
- (283) SALGUEIROS ESPERA LUZ VERDE/ PARA O COMPLEXO DESPORTIVO
- (331) Seguradoras/ no vermelho
- (588) Luz verde para nova Biblioteca
- (612) Seguradoras no vermelho
- (631) Luz verde para o Orçamento
- (1042) ASSEMBLEIA DEU "LUZ VERDE"/ AO PLANO DA CÂMARA DO PORTO
- (1281) Tranquilidade-Vida/ já tem "luz verde"
- (1563) Santa Casa de Lisboa/ quer sair do vermelho
- (1695) F.C.PORTO E BENFICA/ -LUZ VERDE/ SÓ NA LUZ
- (1790) TRIBUNAL DEU LUZ VERDE/ AO ATERRO DE RIBA DE AVE
- (1811) METRO/ PORTUENSE/ TEM/ LUZ VERDE/ DO/ GOVERNO
- (1816) CENTRAL DE TRANSFORMAÇÃO/ RECEBEU LUZ VERDE



- (1986) NOVOS ESTATUTOS DA AAC/ RECEBEM "LUZ VERDE"  
 (1993) ESCOLA PREPARATÓRIA JÁ TEM "LUZ VERDE"

A entidade competente de que falávamos acima não se encontra, como podemos observar nos exemplos apresentados, expressa na maior parte destes títulos. As únicas excepções são os exemplos (1042), (1790) e (1811). Esta ausência verifica-se, talvez, devido ao menor interesse jornalístico que a menção desta entidade apresenta em relação ao projecto mencionado no título ou, ainda, ao facto da sua identificação ser demasiadamente óbvia e, consequentemente, dispensável num texto que se pretende conciso e incisivo.

Outros termos respeitantes ao domínio do tráfico automóvel são projectados nas actividades e projectos com objectivo. É o caso da “marcha-atrás” significando mudança de planos ou de opinião em relação ao projecto inicialmente proposto

- (341) Mansell não faz *marcha-atrás*  
 (879) UNAVEM confirma/ *marcha-atrás* da UNITA  
 (1424) Iraque fez/ *marcha-atrás*/ nos mísseis

ou ainda da referência à regra da “prioridade” quando dois ou mais projectos se incompatibilizam no seu percurso:

- (531) Segurança rodoviária/ é prioridade nas Caldas  
 (538) Água potável é prioridade  
 (941) Quebrar ciclo da violência/ é prioridade para Clinton  
 (1593) INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS/ DEVEM DAR PRIORIDADE/ À INTERNACIONALIZAÇÃO

### **c) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM DE COMBOIO**

Outra variante da viagem é a que opta por uma metaforização da actividade com objectivo numa viagem de COMBOIO, em que os impedimentos serão projectados em “descarrilamentos” e na possibilidade de perder o transporte. As dificuldades são

projectadas no acto de “acertar as agulhas” e o principal impulsionador do projecto é visto como sendo a “locomotiva” do comboio:

- (137) Governos ibéricos/ acertam «agulhas»/ para Edimburgo
- (222) Locomotiva, precisa-se
- (789) Oliveirense 'mete'/ P.Arcos na 'linha'
- (905) 'EXPRESSO' DO BENFICA/ FOI COMETA EM ALVALADE
- (1578) ANJE não quer perder comboio europeu
- (1776) Judiciária 'descarrila'/ comboio de dinheiro
- (1794) Guterres e Bessa acertaram agulhas
- (1914) ABEBE E MONEGHETTI:/ OS EXPRESSOS DO ORIENTE

#### **d) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM DE BARCO**

Uma quarta variante é a de uma viagem de BARCO, normalmente encarado como um veleiro, embora também encontremos exemplos em que o veículo metafórico é um barco a remos. Léxico como “remar”, “cruzeiro”, “oceano”, “praia”, “porto” surge, deste modo, ligado à metáfora da viagem de barco. O objectivo da actividade noticiada é projectado no destino da viagem marítima, ou seja, na “praia” ou “bom porto”, destino final da rota percorrida e cuja aproximação é metaforizada na situação em que este se encontra “à vista”:

- (77) Novo matadouro/ com solução à vista
- (458) Dinamarca: novo referendo à vista
- (786) ATRAVESSAR O OCEANO/ E MORRER NA PRAIA...
- (1323) Turismo a velocidade cruzeiro
- (1433) MARGENS/ DO DOURO/ "REMAM"/ PARA/ A RECUPERAÇÃO
- (1660) Milagre esteve à vista...
- (1777) DINAMARCA/ NÃO LEVARÁ/ 'BARCO' EUROPEU/ A BOM PORTO
- (2043) Em velocidade de cruzeiro

Ainda dentro esta metáfora da viagem de barco como actividade com objectivo, encontramos o sujeito impulsionador do projecto noticiado como detendo o controlo do “leme”:

- (1207) UFFE ELLEMANN-JENSEN/ -UM DIPLOMATA POLÉMICO/ AO LEME DA COMUNIDADE
- (1524) CABRAL MONTEIRO DE VOLTA/ AO "LEME" DO BEIRA MAR
- (1979) Ao leme da solidariedade

As condições favoráveis à prossecução do objectivo serão projectadas em “marés” e “ventos” auspiciosos.

- (310) “VENTOS” DA REFORMA/ TAMBÉM SOPRAM EM ESPANHA
- (379) Leixões em maré de esperança!
- (784) Turma forasteira/ de vento em popa
- (1442) PASSOS E “BENTOS” FAVORÁVEIS
- (1703) Albertina Dias de vento em popa
- (2042) Porto de Mar em maré alta

Por outro lado, as dificuldades serão projectadas nas “tormentas” e nas acções de “meter água”, “andar à deriva”, “encalhar”<sup>19</sup> e mesmo, impedindo a viagem, em “naufragar”, “afundar”, “ir a pique” e “afogar”:

- (214) 'CARAVELA' DE BELÉM/ NAUFRAGOU/ EM ESPINHO
- (243) BELENENSES/ "NAUFRAGOU"/ EM ESPINHO
- (487) Boavista afundou-se
- (629) POLÉMICA ENTRE AUTARCAS/ "AFOGA" LAGOA DE ÓBIDOS
- (777) ARTILHARIA/ DE/ ALVALADE/ AFUNDOU/ CARAVELA/ DE BELÉM
- (778) Barca de Aveiro resistiu à tormenta das Antas
- (891) BOAVISTEIRO ARTUR/ SEIS A OITO SEMANAS NO “ESTALEIRO”
- (962) Os reis do mar alto/ à deriva
- (1018) TAÇA: SALGUEIROS BORDA FORA/ POR OBRA E GRAÇA DO ODIVELAS
- (1129) CONTRA A CORRENTE
- (1242) OCEANO 'AFOGOU' SONHO/ DO ATLÉTICO DE MADRID
- (1251) Inamb «meteu água» ao suspender as análises
- (1324) Dívidas *encalham* navio brasileiro
- (1366) NESTLÉ METE ÁGUA/ (NÃO NO LEITE...)
- (1460) BOAVISTA/ ENCALHOU/ EM BELÉM
- (1767) Sopa Seca a pique
- (1988) MADRID AFOGA-SE/ ENTRE RUÍDO E SUJIDADE

### e) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É CAVALGADA

Uma quinta variante, embora não muito utilizada no corpus, é aquela em que a viagem é encarada como uma “cavalgada”, em que o sujeito que visa alcançar o objectivo é metaforizado no detentor das “rédeas”:

- (106) Macau já *cavalga*
- (387) SERVIÇOS DA EDP/ DE CAVALO PARA BURRO
- (1721) AC Milão continua/ 'cavalgada heróica'
- (1918) Felipe González toma/ as rédeas do PSOE

### f) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VOO

Uma sexta variante da metáfora da viagem escolhe a possibilidade de considerar essa viagem como um “voo”, caso em que se pretende significar as actividades em que o

<sup>19</sup> Na gíria desportiva, o verbo encalhar pode assumir um sentido muito particular: “Diz-se de um clube ou jogador que não ganha depois de uma série de vitórias sucessivas” (BAPTISTA, 1993: 104).

sujeito rapidamente consegue alcançar o objectivo ou ainda quando o objectivo é particularmente ambicioso, caso em que temos os “altos voos”:

- (120) ALAIN PROST "VOADOR"/ NOS TESTES DO ESTORIL
- (198) VOAR PARA O PASSADO!...
- (768) "Conquista da maioria absoluta/ lançará Gomes noutros voos"
- (1393) ALTOS VOOS EUROPEUS/ PARA O AEROPORTO/ DE PEDRAS RUBRAS
- (1399) AEROPORTO SÁ CARNEIRO/ NA MIRA DA CE PARA "ALTOS VOOS"
- (1497) BENFICA VOOU/ PARA O SEGUNDO POSTO
- (1812) MAIA LEVANTA VOO/ COM NOVO AERÓDROMO
- (1956) FC PORTO "VOA"/ PARA OS "QUARTOS"?
- (1983) ÁGUIAS EM VOO PICADO/ ESBURACARAM O DRAGÃO
- (1990) TOYOTA DE AURIOL/ VOOU PARA A GLÓRIA

Os meios necessários à realização da acção pretendida são, na variante do voo, projectados nas “asas”:

- (771) Faldo nas asas do vento
- (1107) VOOS PARA LISBOA/ COM "ASAS" AINDA ESTE MÊS
- (1450) RIBEIRENSES NA FRENTE/ COM "ASAS" DO PASSARINHOS
- (1630) PSP corta "asas"/ a bando da Amadora
- (1981) Crédito mal parado «ganha asas»

Nesta metáfora da viagem aérea, a falha na concretização do objectivo da actividade é, por sua vez, projectada numa “queda-livre”, em que o sujeito “está em queda”, situação cuja solução é projectada no “para-quadras”:

- (204) "Popularidade de Cavaco/está em queda acentuada"
- (251) Boavista e Belenenses em queda
- (262) ABRAM JÁ OS PÁRA-QUEDAS/ QUE A COISA ESTÁ PRETA...
- (841) INDÚSTRIA/ E COMÉRCIO/ CONTINUAM/ EM QUEDA
- (866) Sopa Seca/ em queda
- (1250) Obras públicas em «queda livre»
- (1780) 'Gigantes' em queda/ no 'Open'/ da Austrália

### **g) ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É PATINAR**

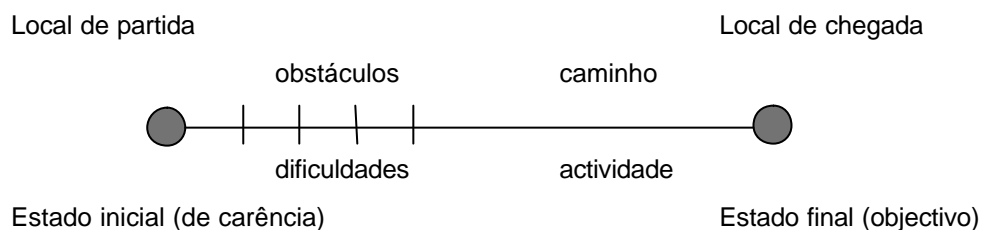
Numa sétima possibilidade, a progressão é metaforizada num percurso em PATINS

que tem em comum com anterior a ênfase na rapidez de deslocação:

- (979) F.C.PORTO A PATINAR/ NA LINHA DA FRENTE
- (1124) Hóquei sob patins de ouro
- (1155) HÓQUEI AZUL E BRANCO/ A ROLAR SOBRE ESFERAS
- (1592) CASTELO DE PAIVA: JÁ "ROLA"/ O GIMNODESPORTIVO

## PONTOS COMUNS

Seja qual for a variante da metáfora da viagem, há certos paralelismos que se mantêm constantes. Em todos os casos encontramos um mesmo padrão esquemático e imagístico de uma deslocação no espaço entre um local de partida e um local de chegada, constituindo um percurso composto por fases sucessivas e contínuas e perturbado por obstáculos e dificuldades que, no entanto, podem ser resolvidos através de vários recursos. Este percurso pode ser esquematizado no seguinte diagrama:



**Diagrama 15** – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM

Na parte superior do diagrama, encontramos o domínio fonte da linguagem utilizada na metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM, e na parte inferior, as correspondências no domínio alvo. O ponto essencial desta metáfora é a projecção de uma actividade num percurso físico, quer seja uma rota marítima, aérea ou um itinerário terreno.

As actividades com objectivo estão, geralmente, ligadas ao âmbito económico<sup>20</sup> e político – sendo o objectivo uma eleição, uma reivindicação, a paz, o desenvolvimento, a

<sup>20</sup> Boers e Demecheleer analisam três metáforas aplicadas, em diversos jornais de economia de vários países, à actividade económica – a metáfora do CAMINHO, da GUERRA e da SAÚDE – e, em relação à primeira, resumem: “Various activities in the domain of economics are commonly conceived as motion of a company, an organization, or a country over a path towards a goal. This PATH metaphor has its proper experiential “logic”, and its inferences yield additional metaphors with their own associated valued judgements: PURPOSES ARE DESTINATIONS; DIFFICULTIES ARE OBSTACLES; DECISION-MAKING IS CHOOSING A DIRECTION; PROGRESS IS MOVING FORWARD; MOVING FORWARD IS GOOD; IMMOBILITY IS BAD, etc.” (1997:188).

expansão económica – ou ao âmbito desportivo – em que o objectivo será a obtenção de um record, a vitória numa competição, a obtenção de um troféu, a qualificação para uma prova, a passagem para uma categoria superior. Todos estes objectivos são, frequentemente, objecto de notícia na imprensa: os objectivos políticos e económicos porque poderão, em última análise, influenciar a vida social dos seus leitores, e os desportivos interessarão ao público que segue as prestações dos diversos clubes.

Outro aspecto curioso é a verificação de que as diversas variantes se complementam, uma vez que, além dos pontos em comum que acabámos de referir, cada uma delas como que se especializa em certas projecções que não são, pelo menos no corpus estudado, contempladas nas outras variantes. O quadro 16 sintetiza as expressões que encontramos nos exemplos mencionados atrás e deixa visualizar facilmente esta situação:

Da observação do quadro concluímos que os elementos do domínio alvo que maior variedade de projecções suscitam, dentro desta grande metáfora da viagem, são a própria actividade e as falhas ou impedimentos à realização da mesma; ambos os casos encontram-se contemplados em cinco ou seis das sete variantes identificadas. As projecções do principal impulsionador da actividade com objectivo, da sua fase inicial e das condições favoráveis são efectuadas em três variantes da metáfora. Todos os outros pontos contemplados no quadro são projectados por apenas uma ou duas das variantes. Não há pois uma distribuição uniforme em relação aos elementos do domínio alvo que são objecto de projecções metafóricas nas diversas variantes da metáfora da viagem. O léxico deslocado para os títulos não é, deste modo, tão variado quanto seria, caso todas as quadrículas do quadro se encontrassem preenchidas.

Metáfora: ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM							
Domínio alvo	Domínio fonte: variantes						
	caminhada	automóvel	comboio	barco	cavalgada	voo	patins
actividade	–andar –marchar –correr –procissão			–remar –atravessar o oceano	–cavalgar	–voar –ganhar asas	–patinar –rolar sobre esferas
autorização para iniciar a actividade		–luz verde					
fase inicial da actividade	–ir no adro	–carregar baterias –arrancar –rodagem				–levantar voo	
falhas, dificuldades, impedimentos	–deslizar –tropeçar –cair –tombar –baquear –escorregar –pedras no sapato –fardos, pesos	–travar –desacelerar –derrapar	–descarrilar	–naufragar –afundar –afogar –contra a corrente –meter água –encalhar –estar no estaleiro –tormentas	–passar de cavalo para burro	–cortar asas –queda-livre –estar em queda	
condições favoráveis			–acertar agulhas –meter na linha	–maré alta –vento em popa		–ganhar asas	
etapas	–passos						
mudança de planos	–cambalhotas	–marcha-atrás					
escolha entre actividades incompatíveis		–dar prioridade					
principal impulsionador do projecto			–locomotiva	–ao leme	–tomar as rédeas		
objectivo				–praia –bom porto			

**Quadro 16** – Quadro sinóptico das variantes da metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM

#### 4.2.1.10. AUMENTAR É ENGORDAR/DIMINUIR É EMAGRECER

O aumento ou diminuição no tamanho, influência, importância, número de elementos, fartura ou qualquer outra grandeza ligada a determinada realidade pode, nos

títulos de imprensa metafóricos, ser projectada em termos do resultado, respectivamente, de um acto de “engordar” ou “emagrecer”:

- (119) DEMOCRACIA A EMAGRECER/ E PRESIDENTE A "DORMIR"
- (1082) Educação "engorda"/ quadro de excedentes
- (1531) SINDICATOS "ENGORDAM"/ À CUSTA DE CLANDESTINOS
- (1734) Turismo "engorda" receitas cambiais

Pertence, portanto, a esta metáfora a projecção da “dieta” como a medida que tem como objectivo provocar uma redução, ou seja, o “emagrecimento” metafórico:

- (1741) BANCO ESPÍRITO SANTO/ COMEÇA "DIETA"

E, igualmente, se encaixam nesta metáfora as alusões intertextuais ao texto bíblico sobre “vacas gordas” e “vacas magras” (ver uma análise desta projecção, bem como a transcrição do texto original, na secção 4.5.2.2.b):

- (63) ALEMANHA: CHEGOU AO FIM/ O TEMPO DAS VACAS GORDAS
- (1909) COMUNIDADE/ EM ANO/ DE VACAS/ MAGRÍSSIMAS
- (1916) COMUNIDADE EUROPEIA PREPARA-SE/ PARA ANO DE "VACAS MAGRAS"

Interessante é, também, a projecção do aumento através de uma das consequências do acto de engordar no ser humano: a roupa deixa de servir, ficando apertada e, quando forçada, “rebenta pelas costuras”. No seguinte título, esta ideia é projectada na sobrelotação de um mercado:

- (1900) MERCADO DA MARINHA/ 'REBENTA PELAS COSTURAS'

Outra projecção é a do “apertar o cinto”:

- (413) VOLKSWAGEN/ APERTA O CINTO

Estes últimos exemplos mostram bem como a experiência corporal do ser humano é veículo de metáforas.

Em alternativa à noção de engordar/emagrecer, alguns títulos do corpus projectam noções um pouco mais gerais, como “alargar” e “encolher”:

- (142) MISERICÓRDIA DE ÁGUEDA/ ALARGA BENEFÍCIOS
- (615) Governo quer 'alargar'/ reforma da PAC
- (865) Alargamento "arranca"/ em Fevereiro de 93 [CE]
- (2009) MINISTÉRIO/ DA EDUCAÇÃO/ VAI ENCOLHER
- (2014) COUTO ENCOLHEU/ A EDUCAÇÃO



#### 4.2.1.11. BOM É BRANCO/ MAU É NEGRO

Esta é uma das várias metáforas em que qualidades positivas são metaforizadas através de uma determinada característica que apresenta o seu contraponto numa qualidade negativa correspondente. Neste primeiro ponto, veremos que as noções de branco e negro são antiteticamente projectadas em qualidades positivas e negativas, respectivamente<sup>21</sup>.

- (25) COMISSÃO EUROPEIA/ PREVÊ QUADRO NEGRO/ PARA O PRÓXIMO ANO
- (151) Os "pontos negros"/ do distrito de Coimbra
- (165) CORUNHA:/ VIDA NEGRA/ SABE DEUS/ ATÉ/ QUANDO
- (284) VIANENSE FEZ VIDA NEGRA/ AO LÍDER GUEIFÃES
- (317) "Listas negras" ganham legitimidade
- (437) "LEÕES" ALGARVIOS PROMETEM/ VIDA NEGRA AO BELENENSES
- (478) Governo em «maré negra»
- (790) O ANO NEGRO/ DO PS FRANCÊS
- (792) Domingo negro/ para Futre & Cia.
- (806) JORNADA "NEGRA"/ PARA "GRANDES" DE MADRID
- (902) Nuvens negras/ assombram/ a economia
- (943) Têxtil com Natal negro
- (952) VÉSPERA/ "NEGRA"/ NAS ESTRADAS
- (1022) PORTUGAL FEZ A VIDA NEGRA/ À SELECÇÃO DINAMARQUESA
- (1286) DIA NEGRO/ PARA MARADONA
- (1316) Onda negra invade as Shetlands
- (1321) *Maré negra* nas Shetlands
- (1351) MAU TEMPO ADIA/ COMBATE À MARÉ NEGRA
- (1422) Maré negra atinge economia escocesa
- (1749) ESTREIA NEGRA DE LENDL/ FOI FESTA PARA SUECO
- (2005) Água - Situação está «negra»
- (2052) DIA NEGRO PARA AS RELAÇÕES/ LUSO-BRASILEIRAS

Nos exemplos acima transcritos, verificamos que o adjectivo “negro” se apresenta frequentemente como complemento de um nome que transmite uma ideia ligada a duração temporal: ano negro, Domingo negro, Natal negro, véspera negra, dia negro. Assim, a qualidade negativa – de violência, tragédia, derrota desportiva, etc. – é transposta para a localização temporal em que esta se verificou. Outro aspecto a salientar é o facto de que,

---

<sup>21</sup> Esta metaforização de branco/negro em bom/mau não se encontra apenas na Língua Portuguesa. Algumas expressões desta metáfora parecem ser comuns a uma quantidade de línguas diferentes. Lakoff, por exemplo, regista o par “white magic/ black magic” como exemplo da metáfora GOODNESS IS WHITE/ BADNESS IS BLACK (LAKOFF et al., 1991: 190).

em certos contextos, o factor “negro” está ao mesmo tempo literalmente presente. É o caso de certas “marés negras”. Quando esta expressão é aplicada, por exemplo, à notícia de um desastre ecológico de derramamento de petróleo no mar, o aspecto “negro” está literalmente presente nos factos relatados. No entanto, esta expressão pode, de qualquer modo, assumir um carácter simultaneamente metafórico, originando a possibilidade de uma dupla leitura do título. O título (478), por exemplo, além de encabeçar uma notícia em que se refere uma maré negra na Figueira da Foz, utiliza a expressão, num sentido metafórico, para caracterizar negativamente as políticas ambientais do governo de então, como fica claro no antetítulo: PS critica política ambiental.

Alternativamente, o adjectivo “preto” pode também ser utilizado nesta metáfora, embora apresente uma muito menor frequência:

(262) ABRAM JÁ OS PÁRA-QUEDAS/ QUE A COISA ESTÁ PRETA...

Igualmente escassas são as expressões metafóricas em que o branco é utilizado. Estas expressões, quando surgem, associam-no a um sentido positivo<sup>22</sup>. Encontrámos apenas dois exemplos em todo o corpus e, mesmo assim, numa alusão ao fumo branco utilizado simbolicamente para significar que uma decisão difícil foi finalmente tomada (cf. fumo branco assinalando a eleição do Papa no Vaticano):

(435) "FUMO BRANCO" EM EDIMBURGO/ PARA O REINO DA DINAMARCA  
(1624) Fumo branco no gás natural

---

<sup>22</sup> As qualidades positivas, principalmente se dizem respeito a sentimentos, são transmitidas pelo cor-de-rosa utilizado conotativamente. É o que acontece nos títulos:

(252) PREÇOS COR-DE-ROSA  
(791) Novelas "cor-de-rosa"/ separaram Carlos e Diana  
(1340) O fim da vida/ em cor-de-rosa  
(1344) A senhora cor-de-rosa

Outra cor utilizada metaforicamente é o cinzento, conotado negativamente:

(888) UM PLANO "CINZENTO"/ À ESPERA DE BRUXELAS  
(1383) Manhã «cinzenta» no Tejo  
(2027) Fumo cinzento em Adis Abeba

Esta quase ausência do lado positivo estará, talvez, relacionada com o fenómeno que Van Dijk (1988b:123-124) designa por *negatividade* (“negativity”), ou seja, o interesse noticioso por acontecimentos negativos, tais como problemas, escândalos, conflito, crime, guerra, desastres, etc.

#### 4.2.1.12. BOM É DOCE/ MAU É AMARGO

Outra dicotomia metafórica projecta, sinestesticamente, as qualidades sensoriais do gosto “doce/amargo” nas qualidades positivas ou negativas do objecto da notícia. Tal como acontecia no ponto anterior, também neste caso predominam as referências ao lado negativo, desta vez através das expressões “amargo” ou “azedo”:

- (292) Números amargos/ para Andrés Perez
- (1003) Taça amarga/ para equipas/ do Norte
- (1033) PORTUGAL "AZEDO" COM EUA/ COMPRA CAÇAS À HOLANDA
- (1408) As flores amargas/ de João Paulo II [ausência dos Ortodoxos no encontro pela paz]
- (1490) EMPATE/ AMARGO

De facto, de entre todas as expressões metafóricas do corpus, apenas encontramos uma que projecta a noção de “doce” metaforicamente numa situação positiva e, mesmo assim, a sua escolha terá sido motivada pela construção de um jogo de palavras polissémico:

- (658) MEL É NEGÓCIO DOCE/ PARA DOIS MIL PRODUTORES

Outros dois casos conjugam as duas possibilidades da sinestesia, uma vez que as respectivas notícias pretendem transmitir dados negativos e positivos:

- (485) Pão de ló amargo e doce!
- (1027) Um ano amargo-doce
- (1863) Laranjas amargas e doces

É assim que o título (485) encabeça uma notícia sobre dois desafios de futebol (Ovarense,2-Estrela da Amadora,4 e Felgueiras,2-União da Madeira,1) e partindo de um jogo de palavras em que metonimicamente se associa o famoso pão de ló de Felgueiras e

o de Ovar aos resultados dos jogos das respectivas equipas. O lead da notícia explica as expressões metafóricas do “amargo” e do “doce”: “madeirenses, para quem o pão de ló de Felgueiras foi amargo(...) mas já não o foi para o Estrela da Amadora”. Já o exemplo (1027) apresenta a particularidade da formação de um composto por justaposição em que os dois pólos antitéticos se confrontam para caracterizar a situação política na Polónia. Em relação ao exemplo (1863), um produto alimentar tão apreciado como é a laranja está a causar problemas a nível económico, como nos alerta o antetítulo: Problemas nos circuitos de distribuição.

A expressão metafórica do “amargo” é, pois, mais utilizada nos títulos estudados do que a expressão do “doce”. Dentro deste mesmo paralelismo, surge um verbo, também utilizado metaforicamente, que significa a passagem para um estado menos positivo. Trata-se do verbo “azedar”, que não encontra como contraponto, no corpus, o verbo “adoçar” ou outro semelhante:

(369) FRIO SUECO/ AZEDOU/ FUTURO/ AO FC PORTO

A metáfora que acabámos de apresentar pode ser esquematizada no seguinte diagrama:

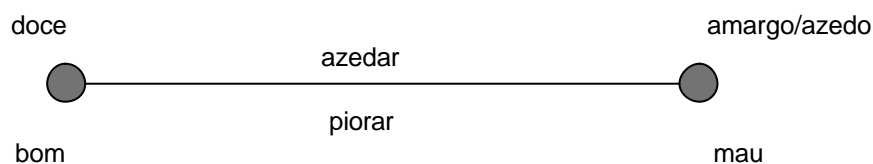


Diagrama 16 – BOM É DOCE/ MAU É AMARGO

#### 4.2.1.13. BOM É EM CIMA/ MAU É EM BAIXO

Tal como as qualidades antitéticas referidas nos pontos anteriores, também as noções de cima e baixo podem ser, metaforicamente, utilizadas numa escala qualitativa.

Assim, uma entidade é qualificada positivamente quando o adjectivo “alto” é escolhido:

(401) Louletano no Bonfim sem sonhar muito alto

(577) Doze arriscam-se/ a perder corrida/ da alta definição

(1393) ALTOS VOOS EUROPEUS/ PARA O AEROPORTO/ DE PEDRAS RUBRAS

(1399) AEROPORTO SÁ CARNEIRO/ NA MIRA DA CE PARA "ALTOS VOOS"

(2042) Porto de Mar em maré alta

e a sua posição de superioridade é metaforizada por uma posição física nas “alturas”:

(1195) Rio Ave nas alturas

Conversamente, as qualidades negativas ou as situações desfavoráveis são metaforizadas em “baixo”:

(444) OS PARTIDOS DA OPOSIÇÃO/ TÊM DE ACABAR/ COM OS TRUQUES BAIXOS  
 (558) NOVO SISTEMA/ DE VERIFICAÇÃO/ DAS "BAIXAS" POR DOENÇA  
 (829) PSOE na mó de baixo  
 (1750) SECTOR DA CONSTRUÇÃO/ ESTÁ EM MARÉ BAIXA

Particularmente no domínio desportivo, a noção de “em cima/ em baixo” é muito utilizada para significar as posições hierarquicamente ordenadas nas tabelas de resultados das prestações desportivas. Uma utilização desta metáfora é, do mesmo modo, feita nas páginas de economia em relação à maior ou menor valorização de determinado bem ou serviço sob o ponto de vista económico. As alterações nestas posições relativas são veiculadas por verbos de movimento que transmitem, por um lado os conceitos de “subir”, “pular”, “saltar”

(24) CUNHA E SILVA/ SUBIU EM FLECHA/ NO "RANKING" ATP  
 (29) JOÃO CUNHA E SILVA/ PULOU 18 LUGARES  
 (904) SUBIDA À DIVISÃO DE "HONRA"/ NO HORIZONTE DO CONDESTÁVEL  
 (1149) Levantar o turismo interno  
 (1568) GRD DE SERRO/ VENTOSO/ 'SONHA'/ SUBIR/ DE DIVISÃO  
 (1860) Leça sobe em flecha  
 (1881) TAMPINHA "SALTOU"/ NO TORNEIO VÍTOR BAÍA  
 (2048) FARENSE EM FORÇA/ PARA DAR O 'SALTO'

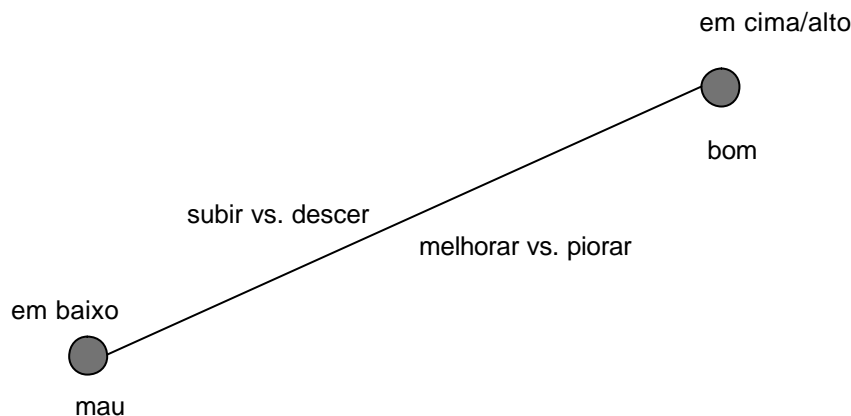
ou, no caso em que a alteração é desfavorável, os conceitos de “descer”, “cair”<sup>23</sup>:

(72) AMEAÇAS CHINESAS FAZEM CAIR/ A BOLSA DE HONG KONG  
 (185) Preço da sardinha cai 30 por cento  
 (204) "Popularidade de Cavaco/está em queda acentuada"  
 (251) Boavista e Belenenses em queda  
 (565) Ieltsin deixou cair Gaidar  
 (841) INDÚSTRIA/ E COMÉRCIO/ CONTINUAM/ EM QUEDA

<sup>23</sup> Algumas expressões metafóricas da “queda” também se encontram relacionadas com a metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM, que apresentámos no ponto 4.2.1.9.

- (857) PSD/PORTO:/ MENESES/ “DEIXA CAIR”/ VICE-/ PRESIDENTES  
 (866) Sopa Seca/ em queda  
 (1250) Obras públicas em «queda livre»  
 (1949) AZEITE 'ESCORREGOU' E PRODUÇÃO CAIU PARA 50%  
 (1971) Governo Regional "deixa cair"/ reitor da Universidade da Madeira

Os principais conceitos evocados nesta metáfora podem ser resumidos no diagrama 17:



**Diagrama 17 – BOM É EM CIMA/ MAU É EM BAIXO**

#### 4.2.1.14. BOM É GRANDE/ MAU É PEQUENO

Mais uma vez, esta é uma metáfora predominantemente utilizada nas páginas desportivas. A noção de grandeza a nível do tamanho é projectada na qualidade das prestações desportivas de determinado clube e dos respectivos resultados. É assim que surgem as expressões “grande”, “gigante”, por um lado:

- (7) TODA/ A HISTÓRIA/ DO GRANDE/ EUSÉBIO/ SOBE/ AO PALCO/ DA LUZ  
 (65) DIANA: DEUSA DE PALMO E MEIO/ À CAÇA DE UM GRANDE FUTURO  
 (96) "Tomba-gigante" em Picassinos  
 (156) Grandes jogam hoje/ no 'aconchego do lar'  
 (202) "GIGANTES" ECONÓMICOS/ DESPEDEM TRABALHADORES  
 (217) AMERICANOS RESSUSCITAM/ EM DUELO DE GIGANTES NO PAR  
 (285) PORTUGUESES ABRIRAM/ EM OVIEDO/ "CAÇA" AOS GRANDES MESTRES  
 (436) JORNADA ESCALDANTE/ PARA OS TRÊS "GRANDES"  
 (806) JORNADA "NEGRA"/ PARA "GRANDES" DE MADRID  
 (956) SER GIGANTE DE NATAL/ -A TENTAÇÃO DO INFESTA  
 (1029) "Grandes" avançam na Taça  
 (1105) Paredes/Móvel arranca em grande

- (1078) Embate de 'gigantes'/ com vitória justa  
 (1115) SUPERCAMPEONATO/ COM "GIGANTES" EUROPEUS  
 (1381) ESGUEIRA-BENFICA/ EM DUELO DE GIGANTES  
 (1416) 'Gigantes mundiais'/ suprimem empregos  
 (1689) NO JOGO DE GIGANTES/ NENHUM TOMBOU  
 (1780) 'Gigantes' em queda/ no 'Open'/ da Austrália

e “pequeno”, por outro:

- (850) Os «pequenos» já cresceram!

Verificamos, mais uma vez, que os dois lados da metáfora não apresentam o mesmo peso em termos de frequência de utilização. Neste caso a balança pende para o prato da qualidade positiva.

#### 4.2.1.15. BOM É LIMPO/ MAU É SUJO

Uma outra metáfora em que qualidades opostas são veiculadas por um par antonímico tomado em sentido figurado diz respeito a situações de maior ou menor consonância com os valores morais, éticos, sociais, desportivos, etc.

- (208) Bill Gates jogará mesmo limpo?  
 (697) Campanha suja  
 (1086) Limpeza de balneário nas Antas  
 (1108) MINISTRO QUER "LIMPAR O PÓ"/ DOS MUSEUS ITALIANOS  
 (1237) Obras a preço de saldo/ mancham contas de 1992  
 (1262) TURVAS/ ANDAM/ AS ÁGUAS

Segundo Van Dijk (1988b: 121-122), o valor da *consonância* (“consonance”) determina que haja, no texto da notícia, uma conformidade com as normas, valores e atitudes socialmente partilhados. Assim, os comportamentos são, nos títulos acima transcritos, referidos como “limpos” ou “sujos” de acordo com a perspectiva que deles tem a sociedade em que o jornal se insere.

Segue-se um esquema onde se sintetizam estas projecções metafóricas:

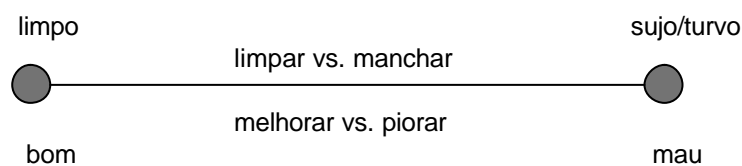


Diagrama 18 – BOM É LIMPO/ MAU É SUJO

#### 4.2.1.16. BOM É LUZ/ MAU É ESCURIDÃO

Esta é uma metáfora que já conta com uma longa história nas produções literárias e religiosas ao longo da história da humanidade. A dicotomia “luz/trevas” é também utilizada em texto jornalístico, não com um carácter religioso mas metaforizando, tal como outras dicotomias que temos vindo a apresentar em pontos anteriores, as qualidades positivas ou negativas da entidade que é objecto da notícia em questão.

Uma das projecções que é feita por esta metáfora é, pois, precisamente a das “trevas”, ou, de uma forma menos radical, da “penumbra”:

- (241) DA PENUMBRA DAS ANTAS (PSV PHILIPS)/ ATÉ AO SOL DA MEIA-NOITE SUECO...
- (667) No coração das trevas
- (1186) FUTEBOL CAIU/ NAS TREVAS/ SEM PINGO/ DE VERGONHA
- (1431) As trevas depois da luz

Alternativamente, dentro desta metáfora, a falta de “luz” é ainda veiculada através da expressão “sombra” e respectivas palavras cognatas, “ensombrar”, “sombrio”, “ensombrado”, “assombrar”:

- (27) CEE: PERSPECTIVAS SOMBRIAS PARA 1993
- (31) FESTAS NICOLINAS ENSOMBRADAS/ POR PÂNICO E BEBEDEIRAS
- (103) Futuro Sombrio da «Traslar»
- (124) Onda de violência racista/ ensombra ratificação de Maastricht
- (902) Nuvens negras/ assombram/ a economia
- (949) Natal ensombrado em Belém
- (1454) REUNIÃO DE GENEVRA ENSOMBRADA/ PELA MORTE DE MINISTRO BÓSNIO
- (1483) AVENIDA DOS COMBATENTES/ - A SOMBRA DA DEGRADAÇÃO
- (1898) DÍVIDAS E INDISCIPLINA/ ENSOMBRAM ANIVERSÁRIO/ DOS BOMBEIROS DO MONTIJO
- (2046) Sombras no auditório

Outros títulos, veiculando a ideia de que MAU É ESCURIDÃO, atribuem, metaforicamente, essa escuridão a “nuvens”, “eclipses”, “crepúsculos”, ao “ofuscar”, “apagar” ou “fundir” da luz:

- (180) COM JUSKOWIAK 'FUNDIDO'/ BRILHOU A LUZ DE CADETE
- (336) Nuvens/ sobre/ o oásis
- (342) F.C.PORTO: NOITE DE ECLIPSE EM GOTEMBURGO (0-1)
- (349) MILANÍSSIMO "OFUSCOU" PSV
- (385) NÃO SE CRUCIFIQUE VÍTOR BAÍA/ PELO ECLIPSE DO F.C.PORTO
- (405) SEPARAÇÃO DE CARLOS E DIANA/ "ECLIPSA" CASAMENTO DE ANA
- (508) Contas arrumadas/ Maastricht nublado
- (793) Dragões em eclipse



- (890) PROFESSOR NECA/ DISPOSTO/ A "APAGAR" A LUZ
- (902) Nuvens negras/ assombram/ a economia
- (910) Sporting *apagou-se* na Luz
- (988) O crepúsculo da Estrela
- (1271) ECLIPSE DOS SUNS/ A CINCO SEGUNDOS DO FIM
- (1583) EMILIO ECLIPSADO/ NOS "COURTS" DE SYDNEY
- (1654) Nuvens na Europa./ guerras em África
- (1868) Resultado apagado em jogo sem brilho

No entanto, ao contrário das metáforas anteriores, aqui surgem diversos exemplos do lado positivo, BOM É LUZ. A palavra “luz”, em si, não é muito comum neste sentido, mas temos outros veículos metafóricos na mesma linha de projecção, como “estrelas”, “brilhar”, e que são frequentemente utilizados para classificar uma boa prestação no âmbito desportivo ou artístico:

- (180) COM JUSKOWIAK 'FUNDIDO'/ BRILHOU A LUZ DE CADETE
- (188) Não há *estrelas* no céu...
- (231) GUIMARÃES BRILHOU/ NA "PISCINA" DO BESSA
- (238) ALBERTINA E REGALO/ BRILHARAM EM FRANÇA
- (239) ANDEBOL PORTUGUÊS/ BRILHA NA DINAMARCA
- (240) MIÚDOS DO VIGOROSA/ BRILHARAM EM DUAS FRENTE
- (287) CAMPINAS E UNIDOS AO PORTO/ BRILHARAM/ NA JORNADA INAUGURAL
- (534) ESTRELAS BRILHAM/ NO CÉU DA AMADORA
- (799) Justo mas sem brilho
- (804) Artistas portugueses «brilham» na Praia
- (836) Vitória sem brilho
- (854) Mercedes brilha
- (940) MEIA-MARATONA DE LISBOA/ ESTARÁ RECHEADA DE 'ESTRELAS'
- (1010) Fonte da Moura brilha
- (1019) FARENSE/ SEM ESTRELA/ NA AMADORA
- (1053) HENRIQUE CRISÓSTOMO/ A "ESTRELA" QUE FALTAVA
- (1300) ARTUR:/ A ESTRELA AUSENTE
- (1302) PORTUGAL BRILHA/ EM BARCELONA
- (1315) APAGOU-SE/ UMA ESTRELA
- (1412) Parada de estrelas
- (1431) As trevas depois da luz
- (1475) Há «Estrelas» no céu...
- (1476) Brilhante Ermesinde!
- (1503) Domingos Castro/ brilhou em Espanha
- (1537) Será africana a estrela de amanhã?
- (1605) Parada de *estrelas* no Estoril
- (1698) ESTRELA DA SORTE BRILHOU/ NOS ÚLTIMOS SEGUNDOS
- (1724) "ESTRELA" DE CUNHA E SILVA/ SÓ DUROU TRÊS PARTIDAS
- (1773) Brilhou a «Festa das Fogaceiras»
- (1803) Uma luz para docentes e não docentes
- (1858) A «estrela» nos bastidores
- (1862) Benfica brilhou na Luz
- (1868) Resultado apagado em jogo sem brilho
- (1884) PORTUGUESES BRILHAM/ EM SEVILHA
- (1887) A surpresa Garrafeira do Lino/ e o brilho da estrela Tampinha
- (1926) Lamy brilhou
- (2057) ESTRELAS/ SEM BRILHO

A metáfora BOM É LUZ/ MAU É ESCURIDÃO está relacionada com a metáfora BOM É BRANCO/ MAU É NEGRO que estudámos no ponto 4.2.1.11, uma vez que o “escuro” pode, semanticamente, ser associado ao “negro”. No entanto, ao contrário daquela metáfora, esta apresenta uma grande quantidade de expressões veiculando o lado positivo da realidade qualificada.

#### 4.2.1.17. BOM É PARAÍSO/ MAU É INFERNO

Esta é mais uma metáfora em que se verifica uma divisão dicotómica na classificação dos elementos noticiados, conforme o seu carácter negativo ou positivo em relação a um conjunto de valores socialmente adquiridos, ou sob o ponto de vista de um dos intervenientes dessa notícia. A metáfora BOM É PARAÍSO/ MAU É INFERNO diz normalmente respeito ao carácter positivo ou negativo de ambientes, locais, cidades, bairros, etc., ou seja, apresenta uma avaliação qualitativa da categoria LUGAR onde se movem os ACTORES<sup>24</sup>. Quando esta avaliação é positiva, do ponto de vista social ou do ponto de vista dos ACTORES em questão, surgem os termos “paraíso” e “céu”:

- (496) BAIRRO DA TELHEIRA/ –O "PARAÍSO" DAS BARATAS
- (916) SE OS LISBOETAS FOSSEM RICOS/ LISBOA SERIA UM PARAÍSO...
- (1024) O ano em que o dinheiro/ caiu do céu
- (1025) Dinheiro do céu
- (1513) Paris Saint-Germain a dois pontos do 'céu'
- (1688) QUINTA DO VALE MINHOTO:/ UM PARAÍSO EM TONDELA

Caso contrário, o veículo metafórico “inferno” é o escolhido, classificando ambientes inóspitos ou situações desvantajosas:

- (1111) Dante desce ao Inferno
- (1147) Robot desce ao «inferno»
- (1235) Descida ao Inferno adiada
- (1728) "REDS" DE LIVERPOOL/ DESCEM AO INFERNO
- (1766) O triângulo infernal
- (1822) Na sucursal do Inferno

<sup>24</sup> Estas são duas das categorias que constituem a superestrutura de uma notícia (cf. Bell, 1991: 171 e Van Dijk 1988b: 55).

Por vezes, o mesmo título apresenta as duas possibilidades, num jogo antitético em que são confrontadas duas situações antagónicas, dois estados contrastantes da mesma realidade, como é o caso das modificações ambientais depois de um desastre ecológico, ou ainda duas visões diferentes do mesmo problema, conforme o ponto de vista das partes envolvidas:

- (911) BAIRRO DA SÉ:/ O PARAÍSO/ DA DROGA/ É UM INFERNO/ PARA/ MORADORES
- (993) AUTARQUIAS/ NÃO PEDEM CÉU/ MAS RECUSAM/ O INFERNO
- (1325) PARAÍSO/ ESCOCÊS/ É AGORA/ UM/ INFERNO
- (1334) ILHAS SHETLAND:/ PARAÍSO ECOLÓGICO/ É AGORA UM INFERNO
- (1934) COMITIVA NORTENHA/ ENTRE O CÉU E O INFERNO

Na sequência destas projecções, encontramos a metaforização dos intervenientes na notícia em “anjo” ou “demónio”, de acordo com a sua ligação respectivamente a um ambiente “paradisiaco” ou “infernai”:

- (76) O "demónio" na República de Alá
- (483) O primeiro golo foi o diabo...
- (512) Os "anjos da guarda"/ da Faixa de Gaza
- (984) "Demónios sociais" à solta na China
- (1823) Um anjo de cara linda

#### 4.2.1.18. BOM É PRENDA

Uma apreciável quantidade de títulos do corpus apresenta as prendas de Natal como veículos metafóricos em relação a diferentes acontecimentos e situações positivas. Esta quantidade é explicada pela situação temporal dos jornais onde se recolheram os títulos em análise: os meses de Dezembro e Janeiro, incluindo, portanto, as épocas festivas do Natal, passagem do ano e Reis. A quadra natalícia é, obviamente, aquela que mais motiva a escolha deste tipo de linguagem. Assim, vamos, por um lado, encontrar títulos em que o acontecimento ou situação positiva é metaforizado simplesmente em “prenda”:

- (596) PRENDA DE SUB-SOLO/ PARA IR DE CARRINHO
- (748) Túneis: a prenda de Gomes
- (794) Doze dão «prenda» a Portugal

- (1075) CAVACO DÁ ‘PRENDA’/ À IMPRENSA REGIONAL  
 (1736) Bill Clinton rejeita/ «prenda» de Saddam [cessar fogo]

Por outro lado, encontraremos títulos em que a “prenda” em questão surge particularizada em “prenda de Natal”:

- (111) REVISORES/ DE CONTAS/ -ESTATUTO/ É “PRENDA/ DE NATAL”...  
 (637) Inesperada prenda de Natal  
 (987) Acabaram-se as prendas de Natal  
 (1054) SABOTAGEM FOI “PRENDA/ DE NATAL PARA AS BALEIAS” [acção dos ambientalistas]

A mesma metáfora conceptual projecta as acções e situações positivas às prendas dos “reis magos” ou às que o “Pai Natal” coloca no “sapatinho” ou na “árvore”:

- (470) ‘PAI NATAL’/ DO PORTO/ VEIO SALVAR/ ‘LEÃO-PERU’  
 (536) Totobola e Totoloto/ enchem ‘sapatinho’ a quatro  
 (706) S.João da Madeira/ com Taluda/ no sapatinho  
 (744) Túneis no sapatinho  
 (779) G.P. Natal deixou/ prenda no sapato/ de Luís Jesus  
 (813) “SAPATINHO” DE TÁBUA/ COM MUITAS PRENDAS E PROMESSAS  
 (1021) SUB-14: TROFÉU NATAL-92/ NA ÁRVORE PORTUENSE  
 (1069) Aumentos no “sapatinho”  
 (1138) CABEÇA DO ‘REI MAGO’ TONI/ PÔE PINTO DA COSTA FELIZ  
 (1360) CEE NÃO É/ O PAI/ NATAL/ DOS ORTODOXOS

Nesta metáfora, o “Pai Natal” corresponde, portanto, ao interveniente na notícia que é o causador da situação ou acção positiva, ou seja, a “prenda”, ao passo que o “sapatinho” ou a “árvore” correspondem ao beneficiário da mesma.

#### 4.2.1.19. BOM É QUENTE/ MAU É FRIO

A escala das temperaturas é outro dos domínios utilizados como fonte de projecção metafórica.

Uma avaliação positiva da realidade noticiada é veiculada pelas expressões “quente”, “calor”, “aquecer”. Estas qualidades positivas variam conforme a natureza do avaliado. Assim, se este é uma competição desportiva, a qualidade referida tem a ver com o bom espectáculo proporcionado aos espectadores devido à excitação de um jogo

renhido. Outra qualidade positiva prende-se com a solidariedade e amizade<sup>25</sup> entre os seres humanos:

- (154) JOGOS 'QUENTES'/ NO INVERNO/ DA EUROPA
- (290) Cruz Vermelha levou/ "calor humano" a Xanana
- (1211) NO CALOR DOS BRINDES/ O FIM DA GUERRA FRIA
- (1378) Saldos de Inverno/ 'aquecem' a Baixa
- (1500) Janeiroiros aquecem Espinho
- (1637) BARCELOS PROMETE/ AQUECER AS ANTAS
- (1848) JORNADA "QUENTE"/ EM QUATRO PAVILHÕES
- (2058) AMARES: VITÓRIA SUADA/ EM JOGO "QUENTE"...

No extremo oposto encontramos o “frio” e o “gelo”, projectando as qualidades, negativamente avaliadas, da falta de empenho, indiferença, decepção:

- (78) Um orçamento servido a frio
- (294) Fernando Couto e Filipe muito frios
- (333) Gelo nas suas relações/ acaba em separação
- (348) NOITE PORTISTA DEMASIADO FRIA
- (662) Cavaco arrefece euforia "laranja"
- (1666) "Duche gelado" servido por Nelson Bertolazzi
- (1974) Porto/ sem/ chama

Quando a qualidade esperada em relação a determinado acontecimento é a qualidade transmitida pela projecção do “quente” e a realidade noticiada não correspondeu às expectativas criadas, então surge uma terceira hipótese, a do veículo “morno” avaliando, por exemplo, um espectáculo pouco excitante ou pouco interessante:

- (150) Estreia morna
- (525) Telectu e Cutler: um concerto morno

Quando, pelo contrário, se pretende transmitir a ideia de um grande entusiasmo, expressões de calor intenso, como “ao rubro”, “a arder”, “a ferver”<sup>26</sup>, são escolhidas:

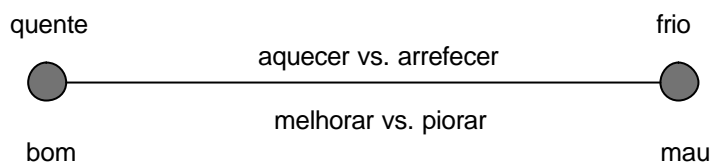
- (301) “Dragões” prontos/ a cuspir lume/ em Gotemburgo
- (314) Álbum dos “Zero” é bem feito/ mas não faz ferver o sangue
- (601) PARIS JÁ ESTÁ A ARDER/ COM O FUTEBOL DO PSG
- (708) BENFICA JÁ 'FERVE'

<sup>25</sup> Também em inglês, nos mostram Lakoff et al. (1991: 158) expressões ilustrativas da metáfora AFFECTION IS WARMTH, que vem de encontro a esta ideia. Em contrapartida, identificam a existência de uma metáfora, FEAR IS COLD (1991: 165), em que o sentimento de medo, negativamente avaliado, é projectado por noções de frio.

<sup>26</sup> Estas expressões também surgem na metáfora CONFLITO É CALOR (cf. secção 4.2.1.24), mas numa projecção diferente, em que o alvo metafórico se relaciona com estados conflituosos.

- (953) NO RESCALDO DO NATAL/ HÁ SEMPRE MAIS LIXO  
 (1669) UM CENÁRIO AZUL AO RUBRO/ NA FESTA GRANDE DA “TAÇA”  
 (1829) Rali Sopete ao *rubro*

No seguinte diagrama, podemos encontrar um resumo dos principais conceitos desta metáfora:



**Diagrama 19 – BOM É QUENTE/ MAU É FRIO**

#### 4.2.1.20. BOM É SAUDÁVEL/ MAU É DOENTE

Neste caso, as projecções metafóricas são estabelecidas a partir de um domínio fonte relacionado com a medicina e visam a descrição de um domínio alvo que é avaliado, tal como nas metáforas anteriores, segundo as suas qualidades positivas ou negativas.

Em relação ao lado positivo, os veículos “saudável” e “de boa saúde” caracterizam uma situação não problemática, um estado de coisas estável:

- (291) “É uma criança saudável/ e vai sobreviver” [a Comunidade de Estados Independentes]  
 (739) ‘FARENSE ESTÁ VIVO/ E DE BOA SAÚDE’  
 (1763) ECONOMIA ALEMÃ/ CONTINUA SAUDÁVEL

Quando há uma alteração neste estado positivo, a acção que leva a tal mudança é metaforizada em “envenenar”, ou “infectar” e o estado resultante, negativo, é projectado pelos veículos de doença, como “cancro”, “envenenado”, “praga”, “epidemia”, “atrofia”, “asfixia”, “febre”<sup>27</sup> ou “dor de cabeça”:

<sup>27</sup> Ver, também, a metáfora CONFLITO É CALOR, na secção 4.2.1.24.

- (28) DISCURSO FATALISTA/ É UM CANCRO QUE CORRÓI/ A INOVAÇÃO DO ENSINO
- (186) Golpe na praga dos esticões
- (254) COMÉRCIO EMPALIDECEU
- (321) Doença/ crónica [problemas de estacionamento no hospital de S. João]
- (393) Febre nacionalista sobe nos Balcãs
- (584) As dores de cabeça dos seguradores
- (623) Médicos 'infectam'/ saúde da província
- (677) "MINISTÉRIO QUER ENVENENAR/ RELAÇÃO MÉDICO/DOENTE"
- (683) Ministério envenena relações médico-doente
- (693) FEBRE DE BOLA EM PARIS/ COM VISITA DO MARSELHA
- (721) MINISTÉRIO ENVENENA/ AS RELAÇÕES MÉDICO-DOENTE
- (738) 'Desvios de receitas/ visam "asfixiar" FPF'
- (909) PCP contra presente envenenado
- (914) FEBRE DE NATAL/ CONSOME-SE NO "HIPER"
- (964) AGRICULTORES RECEBEM/ 'PRESENTE ENVENENADO'
- (991) PROMESSAS DE SURPRESA/ DESMAIARAM DE REPENTE
- (1133) A febre da fuga aos impostos
- (1171) Regresso da 'ponte'/ com menos/ dores de cabeça
- (1223) O VENENO/ DE COBRA [golo de um jogador leixonense chamado Cobra]
- (1224) ALGARVIOS/ ASFIXIADOS
- (1241) Trabalho infantil/ é uma 'epidemia'
- (1258) Trabalho infantil/ «é uma epidemia»
- (1629) As primeiras dores de cabeça para Clinton
- (1743) ESTUDANTES ACUSAM GOVERNO/ DE ASFIXIAR ACÇÃO SOCIAL
- (1751) BUSH DEIXA A CLINTON/ UM PRESENTE ENVENENADO
- (1933) HOMOSSEXUAIS:/ DOR DE CABEÇA/ PARA CLINTON
- (1976) Não à praga da burocracia
- (1985) ATROFIA NOS SERVIÇOS/ DE ORTOPEDIA INFANTIL

Nos exemplos (623), (677), (683), (721) e (1985), o domínio alvo está também relacionado com o domínio da saúde, o que origina interessantes jogos de palavras polissémicos<sup>28</sup>.

Outra projecção possível dentro da metáfora BOM É SAUDÁVEL/ MAU É DOENTE é a de veículos como “remédio”, “tónico”, “vitaminas”, “injecções” ou, mais genericamente, “tratamento”, significando as medidas que se destinam a modificar o estado de coisas negativo para um estado de coisas positivo, tal como um remédio que visa alterar o estado de doença para um estado de saúde:

- (315) Vitaminas contra a recessão
- (870) TRATAMENTO DE CHOQUE COMEÇA A DAR FRUTOS
- (1172) Foram injectados de 85 para cá/ 420 milhões na Agricultura
- (1030) Nem cautelas, nem "caldinhos"
- (1023) "PACOTE DELORS II"/ NÃO É REMÉDIO/ PARA TODOS OS MALES
- (1844) ATINGIR OS "QUARTOS" SERÁ/ UM TÓNICO PARA O CAMPEONATO
- (1902) VALE A PENA SER AUTARCA/ COM 'VITAMINAS' DA COMUNIDADE

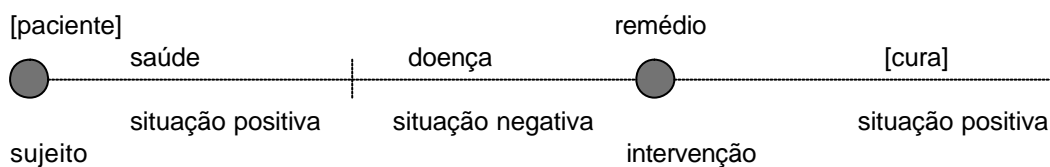
<sup>28</sup> Trataremos deste tipo de jogos de palavras mais à frente na secção 4.3.3.2.

Os meios de diagnóstico médico, como as “radiografias”, projectam, nesta linhas, as acções que visam identificar e caracterizar determinada situação que se pretende melhorar:

(203) “RADIOGRAFIA” PASTORAL/ DA DIOCESE DE VIANA DO CASTELO  
(608) Exame médico [eleições para a ordem]

Resumindo, quando a situação necessita de uma intervenção, esta é metaforizada numa acção médica que visa alterar o estado de coisas<sup>29</sup>.

As diversas expressões metafóricas intervenientes nesta metáfora podem ser mais facilmente visualizadas nas suas inter-relações através de um diagrama como o seguinte:



**Diagrama 20 – BOM É SAUDÁVEL/ MAU É DOENTE**

#### 4.2.1.21. BOM É SONHO/ MAU É PESADELO

Esta metáfora projecta as experiências humanas do sonho e do pesadelo, como vivências respectivamente agradáveis e desagradáveis, na avaliação das realidades que são objecto da notícia.

<sup>29</sup> A utilização desta metáfora da doença em relação a certos tópicos, como a economia das empresas, pode ser reveladora de um ponto de vista tendencioso, como concluem Boers e Demecheleer : “How can the HEALTH metaphor be used as a persuasive tool to support the employers’ interests? One’s physical health is precious and consequently health should be high on one’s list of priorities in life. This inference may be preserved in the conception of economics under this metaphor. Similarly, the patient cannot usually be blamed for being ill. Preserved in the metaphorical mapping, this may serve as a very convenient excuse for enterprises asking for injections of public capital.” (1997: 124)



O “sonho” é o veículo escolhido na caracterização do lado positivo de uma realidade existente ou de uma situação planeada que se espera ver concretizada no futuro:

- (56) Sonhos de pano [venda de bonecas de trapo com fins caritativos]
- (401) Louletano no Bonfim sem sonhar muito alto
- (440) O FC de Perafita sonhou/ e o novo complexo nasceu
- (441) Sonho tornado realidade!
- (486) Ermesinde sonha...
- (817) PRIMEIRA PARTE DE SONHO
- (875) SPORTING SONHA/ COM TÍTULO/ MAS ESTÁ/ UM 'LIMÃO/ ESPREMIDO'
- (913) VIA DO INFANTE É A CONCRETIZAÇÃO/ DE UM SONHO DE DÉCADAS
- (1106) OPOSIÇÃO ACUSA SAMPAIO/ DE "SONHAR" COM BELÉM
- (1132) Senhor do Padrão/ sonha com o título
- (1242) OCEANO 'AFOGOU' SONHO/ DO ATLÉTICO DE MADRID
- (1387) Milão de *sonho* domina cena europeia
- (1419) 'EQUIPA DE SONHO'/ DOMINA A EUROPA
- (1443) ABC PERDEU EM ZAGREB/ MAS AINDA SONHA/ COM A QUALIFICAÇÃO
- (1463) ABC DERROTADO EM ZAGREB/ "SONHA" COM APURAMENTO
- (1568) GRD DE SERRO/ VENTOSO/ 'SONHA'/ SUBIR/ DE DIVISÃO
- (1632) COUTADA DE 'SONHO'/ PROJECTA MÉRTOLA/ A NÍVEL INTERNACIONAL

O contraponto desta situação é dado pelo veículo “pesadelo”:

- (123) FRANÇA JÁ VIVE/ O PESADELO DA RECESSÃO
- (351) SÓ O AUXERRE/ NÃO É DE "PESADELO"
- (503) PORTUGUESES DO DONDO/ RECORDAM DIAS DE PESADELO
- (1141) Quando a vida/ é um pesadelo! [aumento de prostituição e delinquência juvenil]
- (1214) "PESADELOS"/ NA FINALIZAÇÃO
- (1502) Recuperando do pesadelo [etapa difícil do Paris-Dakar]
- (1599) Guimarães à beira do pesadelo
- (1621) AURIOL E MARMIROLI MAIS RÁPIDOS/ EM VÉSPERA DO PESADELO

Tal como verificámos em algumas das metáforas anteriores, também nesta os dois pólos opostos podem vir confrontados no mesmo título, espelhando pontos de vista contrastantes ou avaliações alternativas da mesma realidade:

- (599) PESADELO DE CRAXI/ - SONHO DE BOSSI
- (1275) Super-reactores: sonho ou pesadelo?

#### **4.2.1.22. COMPETIÇÃO É CORRIDA**

As actividades competitivas, nomeadamente do âmbito desportivo, económico e comercial, são, por vezes, metaforizadas como “corridas” ou “maratonas”, em que os adversários disputam os primeiros lugares:

- (48) ‘MATUTINOS’ NA FRENTE.../ COM ARCO-ÍRIS ‘À PERNA’  
 (289) Corrida reaberta na Secil e CMP  
 (577) Doze arriscam-se/ a perder corrida/ da alta definição  
 (1101) Os homens da maratona [Natgas e EDP]  
 (1450) RIBEIRENSES NA FRENTE/ COM "ASAS" DO PASSARINHOS  
 (1455) ABC AINDA ESTÁ/ NA CORRIDA EUROPEIA  
 (1467) Barcelona atrasa-se/ na corrida para o título  
 (1601) Maratona oceânica  
 (1935) FUTRE É DO BENFICA/ APÓS "MARATONA IBÉRICA"/ NA SEDE DO PARTIDO DE GIL

Nesta corrida, a posição relativa dos competidores pode ser alterada a qualquer momento, o que é veiculado através da expressão “ganhar terreno” ou “perder terreno”:

- (227) Maia perde terreno  
 (288) "Record" ganha terreno  
 (1921) Dólar perdeu terreno contra o marco

Quando o litígio se aproxima do seu fim, temos a projecção da “recta final”:

- (34) Julgamento de Collor/ na recta final

Na actividade competitiva como corrida, o objectivo é, portanto, chegar em primeiro lugar à “meta”:

- (399) POUPAR E PRIVATIZAR/ SÃO METAS NA TAP

Sintetizando os principais conceitos projectados nesta metáfora, obtemos o diagrama 21:



**Diagrama 21 – COMPETIÇÃO É CORRIDA**

#### 4.2.1.23. CONFLITO É AGITAÇÃO

As notícias de imprensa têm frequentemente como tema situações de conflito de todos os tipos, em que os protagonistas, com pontos de vista ou objectivos incompatíveis,

entram em confronto. Este conflito é, por vezes, mencionado nos títulos dessas notícias através da metáfora CONFLITO É AGITAÇÃO e daí a presença das expressões “agitar” e “agitação”:

- (16) Docência agita sindicatos
- (69) ORÇAMENTO APROVADO/ COM GRANDE AGITAÇÃO
- (429) PIDDAC e Cavaco agitam deputados
- (498) NACIONALISMO ALEMÃO AGITA SILÉSIA
- (611) Corrupção agita Setúbal
- (795) Agitação na Função Pública
- (930) Agitação na Assembleia
- (968) Chuva de reformas agita mundo laboral
- (995) DEFESO NO BRASIL/ AGITA MERCADO
- (1522) PENA DE MORTE AGITA O BRASIL
- (1664) SANTANA MAIA VAI "AGITAR"/ DIÁLOGO COM O GOVERNO
- (1704) Medo de lixeira nuclear/ volta a agitar Sayago

A agitação pode, ainda, ser especificada como “convulsões” ou “ondas”<sup>30</sup>:

- (30) TITULARIDADE DO MATADOURO/ GERA CONVULSÕES CÁMARA/ROMA
- (124) Onda de violência racista/ ensombra ratificação de Maastricht
- (318) Ondas na rádio e na televisão
- (1152) MENSAGEM DE SOARES/ NÃO PROVOCOU "ONDAS"
- (1427) BMB ameaça com onda de violência
- (1877) PRÉDIO EM COIMBRÕES (GAIA)/ PROVOCA "ONDAS" ENTRE VIZINHOS
- (1965) ONDAS AGITADAS/ NO RÁDIO CLUBE

#### 4.2.1.24. CONFLITO É CALOR

As situações conflituosas noticiadas na imprensa podem, ainda, nos títulos das respectivas notícias, surgir metaforizadas através de termos do domínio da temperatura.

Assim nos deparamos com as expressões “quente” e “aquecer”. Alguns dos seguintes exemplos, nomeadamente do âmbito desportivo, podem, além disso, ser incluídos na metáfora BOM É QUENTE, que vimos na secção 4.2.1.19, já que, do ponto de vista do espectador, o carácter competitivo e renhido do jogo é uma característica positiva para a apresentação de um bom espectáculo:

---

<sup>30</sup> O veículo “onda”, especialmente na expressão “onda de”, pode simultaneamente partilhar da significação da metáfora GRANDE QUANTIDADE É MAR. Outros exemplos são comuns à metáfora CONFLITO É TEMPESTADE.

- (154) JOGOS 'QUENTES' / NO INVERNO / DA EUROPA
- (673) DEMOLIÇÃO / AQUECE ÂNIMOS / EM RAMADA
- (1291) No calor da *UGT*
- (1739) Assuntos «quentes» à espera...
- (1848) JORNADA "QUENTE" / EM QUATRO PAVILHÕES
- (1957) Episódios mais 'quentes' / da telenovela Paulo Futre
- (2058) AMARES: VITÓRIA SUADA / EM JOGO "QUENTE"...

Em situações particularmente conflituosas, surgem mesmo veículos metafóricos que incluem o sentido de alta temperatura como “fogo”, “incendiar”, “acender”, “arder”, “ao rubro”, “febre”, “ebulição”:

- (226) A ferro e fogo
- (278) DADOS INEXACTOS INCENDIARAM / ASSEMBLEIA DE ALBERGARIA
- (279) ÍNDIA A FERRO E FOGO / APÓS DESTRUÇÃO DE MESQUITA
- (377) Rússia: crise política ao rubro
- (383) TENSÃO AO RUBRO / EM MOSCOVO / -IELTSINE / DECLARA GUERRA / AO CONGRESSO RUSSO
- (393) Febre nacionalista sobe nos Balcãs
- (409) AM ao rubro em Guimarães
- (945) Liga inglesa ao *rubro*
- (1373) Externato ao rubro
- (1402) HOTÉIS E PENSÕES DA CURIA / A "ARDER" COM CALOTES DA *CE*
- (1447) FÓRMULA 1 EM EBULIÇÃO
- (1661) Santa Clara a «arder»
- (1899) Voluntários / de Leiria 'ardem' / com cem / mil contos
- (2025) Sargentos reacendem polémica

#### 4.2.1.25. CONFLITO É JOGO DE XADREZ

Outra metáfora possível para as mesmas situações mencionadas na secção anterior é a do jogo de xadrez, segundo a qual cada uma das partes em disputa tenta derrotar a outra.

A expressão metafórica mais utilizada é a do “xeque-mate”, veiculando a ideia do domínio estratégico de um dos litigantes sobre o outro e a aproximação fim da disputa ou da situação polémica:

- (107) Governo andaluz em «xeque»
- (253) XEQUE À RAINHA
- (394) Bispo / em xeque
- (641) O "xeque" veio do banco...
- (654) FICHER / EM XEQUE / COM / ORDEM / DE PRISÃO
- (1293) Torre(s) dá xeque ao governo
- (1576) Xeque-mate às armas químicas
- (1682) Boavista: *xeque ao rei*

- (1711) Alentejo em xeque
- (1717) Câmara de Coimbra posta em xeque
- (1846) PORTUGUESES/ (IN)FELIZES/ COM REIS/ EM "XEQUE"
- (1893) Patronato em cheque-mate

Num outro título encontrámos outra expressão que metaforicamente projecta termos do domínio fonte do jogo de xadrez num domínio alvo caracterizado por uma situação conflituosa:

- (1668) NO UNIVERSO DA SUCATA/ NÃO HÁ REI NEM ROQUE

#### 4.2.1.26. CONFLITO É TEMPESTADE

Outra alternativa para a metaforização de situações conflituosas ou competitivas é a que faz intervir o domínio fonte da tempestade e do mau tempo:

- (117) ITAMAR FRANCO É ALVO/ DE UMA TEMPESTADE/ DE CRÍTICAS
- (438) Compromisso põe fim/ a "tempestade" na Rússia
- (551) MAU TEMPO... PROFISSIONAL/ PARA OS METEOROLOGISTAS
- (559) METEOROLOGISTAS/ -APROXIMA-SE/ A "TEMPESTADE"
- (566) Eleições sérvias sob ameaça/ de uma "Tempestade nos Balcãs"
- (571) O turbilhão chadiano de Nantes
- (740) DEPOIS DA TEMPESTADE/ VEM SEMPRE A BONANÇA
- (1390) "TEMPESTADE"/ REGRESSA/ AO GOLFO
- (1866) MONTEIRO INTOCÁVEL VENCE/ TEMPESTADE EM COPO DE ÁGUA
- (1920) Maus ventos de Espanha

#### 4.2.1.27. CONTROLAR/INSISTIR É APERTAR

Actos de “apertar” ou “pressionar” projectam noções de domínio, controlo ou insistência rigorosa:

- (1) Pressão judicial alemã/ não trava neonazis
- (1231) Estado aperta controlo do jogo nos casinos
- (1307) Bósnios submetidos/ a fortes pressões
- (1308) Ásia Central pressiona Moscovo
- (1349) Soares pede pressão/ para paz em Angola
- (1507) DÓLAR SOB PRESSÃO
- (1508) Governo aperta/ com lares ilegais
- (1611) Municípios rejeitam/ ‘colete de forças’
- (1676) Cavaco Silva “apertado”/ por jovens empresários
- (1759) SOCIALISTAS/ FRANCESES/ VÃO SER/ ESMAGADOS/ NAS ELEIÇÕES
- (1770) BES: concorrência esmaga resultados
- (2004) Salgueiros/ sem complexo/ «aperta»/ a Câmara

#### 4.2.1.28. DESORGANIZADO/CONFUSO É DO AVESSE

Esta é mais uma metáfora que faz aproximar o domínio alvo de um domínio fonte que é bem familiar ao ser humano e que tem a ver com o acto de vestir. A peça de roupa que se veste, por engano, do avesso é imediatamente retirada e colocada do direito. Aquela rejeição é, nos seguintes títulos, conotativamente projectada em outras esferas da vivência humana:

- (359) Rotunda virada do avesso
- (1123) Governo e autarquias «às avessas»
- (1610) FUNÇÃO PÚBLICA AMEAÇA/ VIRAR PAÍS DO AVESSE
- (1662) Infante Santo do avesso

#### 4.2.1.29. DESONESTIDADE É PIRATARIA

O domínio fonte da “pirataria” e dos “piratas” surge projectado nos mais diversos tipos de actividades que têm em comum o facto de se caracterizarem pelo seu lado desonesto, à margem da lei, à semelhança do que acontecia com os antigos piratas que pilhavam os navios<sup>31</sup>. Os exemplos do corpus são os seguintes:

- (433) Tribunal de Vila Franca/ evita pirataria informática
- (959) Carrinhas-piratas
- (961) Taxistas contra carrinhas-piratas
- (1459) JUSTIÇA/ E FISCO/ À MERCÊ/ DE PIRATAS
- (1616) TRANSPORTES MARÍTIMOS/ SÃO PRESA FÁCIL DOS "PIRATAS"
- (1932) "PIRATARIA" INFORMÁTICA/ CHEGA AOS TRIBUNAIS
- (1939) Gesinfo acusada/ de pirataria informática

O título (1616) apresenta, ainda um jogo de palavras, uma vez que “piratas” e “transportes marítimos”, se encontram dentro do mesmo domínio conceptual. No entanto, o sentido de “piratas” não tem, neste título, a ver com o significado denotativo da palavras, mas refere a política de redução de custos na frota da Marinha Mercante, a qual leva à formação de

---

<sup>31</sup> Aliás, se pensarmos em termos de viagem de navio, podemos inserir estas projecções na variante ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM DE BARCO da metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM (cf. secção 4.2.1.9). No entanto, e porque a ideia da pirataria nos leva a outros tempos e outros tipos de viagens de barco que não os barcos actuais, optámos por considerá-la uma projecção à parte, em que a actividade da pilhagem surge semanticamente mais saliente do que propriamente a actividade de viajar.

tripulações sem qualificação e a uma drástica diminuição na qualidade dos serviços prestados.

#### 4.2.1.30. DESPORTO É EXECUÇÃO/ DESTRUÇÃO

Nas disputas desportivas, a vitória de uma das partes sobre a outra é, nos seguintes títulos, metaforizada numa execução do vencido pelo vencedor, ou seja, na acção do “carrasco” que “degola” ou faz “rolar a cabeça” do derrotado:

- (8) LONGE VAI O TEMPO... DA “DEGOLA”<sup>32</sup>
- (21) "CARRASCO" DOS BULLS/ PERDEU EM DETROIT!
- (173) COLÉGIO DE GAIA RECEBE/ O "CARRASCO" DO BENFICA
- (1398) "CABEÇAS"/ ROLARAM/ EM ADELAIDE
- (1681) Raul José - o «carrasco» do costume
- (1762) CABEÇA DE LENDL/ "ROLOU" EM MELBOURNE

Esta metáfora, que projecta uma decapitação no jogo desportivo, insere-se numa tendência mais abrangente, que vimos quando apresentámos as metáforas ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É CAÇA, ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É DISPARAR e ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É LUTA (variante DESPORTO É LUTA), e que diziam, todas elas, respeito a uma acção destrutiva de uma entidade sobre outra. Assim, a acção de ganhar um jogo desportivo é encarada metaforicamente como uma destruição que o vencedor exerce sobre o vencido<sup>33</sup>. A vitória, para além, portanto, dos exemplos que vimos nas metáforas referidas, pode ainda ser encarada como o acto de “esmagar”, “sobreviver”, “rebentar”, “destroçar”, “arrasar”, “bater”, “esburacar”, etc.:

- (145) SALGUEIROS EM ODIVELAS/ PARA DEFRONTAR NA "TAÇA"/ SOBREVIVENTE DA 3ª DIVISÃ
- (174) JUVENIS PORTUGUESES/ "ESMAGARAM" INGLATERRA
- (300) BENFICA/ DE ALTA TENSÃO/ REBENTOU/ COM/ O DÍNAMO
- (344) MOVELMODA "DESTROÇOU"/ UM "CORREIO"/ MUITO FRÁGIL
- (400) Tática estudada/ para ‘picar leões’
- (492) “ÁGUIA” CHAMUSCA-SE NO “CALDEIRÃO”!

<sup>32</sup> No corpo da notícia encontramos a reiteração deste termo e ainda o termo “carrasco”.

<sup>33</sup> Ver, a este propósito, o nosso artigo “Metáforas de *Perder* e *Ganhar* nos títulos de Imprensa Desportivos” (COIMBRA, 1996: 161-169).

- (736) BENFICA EM VELOCIDADE/ ARRASA ESTORILISTAS  
 (751) Itália bate Malta  
 (757) SENHOR DO PADRÃO/ “ENGASGADO” PELO CAFÉ LISBONENSE  
 (924) BLAZERS “BANZADOS”  
 (1196) Vila Real esmagado!  
 (1219) DOIS GOLOS/ DE “RAJADA”  
 (1244) Vitória/ de Guimarães/ “esmagou”/ Régua  
 (1364) RAJADA DE ASES/ COLOCA/ ALEMANHA/ NA FINAL/ DA TAÇA HOPMAN  
 (1365) BULLS “TOUREADOS”/ EM CLEVELAND  
 (1449) BRAGA ENTORTOU RÉGUA  
 (1462) COMEÇAR A CILINDRAR/ PARA ACABAR ESMAGADO  
 (1533) Sporting 'esmaga' AD de São Roque  
 (1720) Aston Villa 'à martelada'/ nos 'diabos' de Manchester  
 (1788) CHANG E KRAJICEK/ "TORRADOS" AO SOL  
 (1882) “MOSCARDOS” PICARAM “TOUROS”/ EM PLENO CHICAGO STADIUM  
 (1896) Dragões contundentes  
 (1905) Croata bate israelita/ e Mota é... 'amuleto'  
 (1906) BENFICA 'ESMAGA' VALONGO NA LUZ  
 (1983) ÁGUIAS EM VOO PICADO/ ESBURACARAM O DRAGÃO  
 (2026) Brasil crucifica Portugal  
 (2037) BULLS “ABATIDOS” EM HOUSTON/ COM GEORGE BUSH NA BANCADA

A destruição de um adversário sobre o outro pode, ainda, ser projectada a partir de um domínio fonte de tipo psicológico, ou seja, a derrota é encarada como um prejuízo de tipo psicológico sofrido pelo vencido, como acontece nos seguintes exemplos

- (362) HOLANDESES DO MILÃO/ 'ENTRISTECEM' HOLANDA  
 (760) CELTICS E LAKERS/ HUMILHADOS EM CASA  
 (923) BENFICA "HUMILHOU" (11-5)/ SPORTING EM ALVALADE  
 (974) Aston Villa *humilhado*  
 (998) AMBIÇÃO AMADORENSE/ BANALIZOU ALGARVIOS  
 (1158) UNIÃO DESUNIU UNIÃO...  
 (1620) LIVERPOOL "HUMILHADO"/ NA TAÇA DE INGLATERRA

através da formas verbais “humilhar”, “entristecer”, “desunir” e “banalizar”.

#### 4.2.1.31. DESPORTO É JOGO DE MESA

O confronto desportivo estabelecido no campo é também veiculado por expressões do domínio dos jogos de mesa, xadrez, jogos de cartas e de mesa de casino.

- (641) O "xeque" veio do banco...  
 (745) Benfica tira «jackpot» na Luz  
 (756) BANCARROTA NO CASINO... [derrota da equipa do Estoril]  
 (860) F.C.PORTO A BARALHAR/ -FAMALICÃO DÁ CARTAS  
 (1116) HUMILDADE, TRABALHO E... DINHEIRO/ SÃO OS TRUNFOS DO PORTIMONENSE  
 (1512) BENFICA/ JOGA/ CARTADA/ NA TAÇA/ DA EUROPA  
 (1682) Boavista: *xeque ao rei*



(1846) PORTUGUESES/ (IN)FELIZES/ COM REIS/ EM "XEQUE"

#### 4.2.1.32. DESPORTO É ESPECTÁCULO DE PALCO

O espectáculo proporcionado pela exibição desportiva é, nesta metáfora, alvo de uma projecção do domínio das artes de palco como o teatro e o circo.

A preparação prévia que os dois elementos em confronto exigem cria um espaço genérico que permite a projecção dos “ensaios” nos treinos desportivos:

(552) SELECÇÃO DE SUB-20/ A ENSAIAR/ PARA O "MUNDIAL"/ DA AUSTRÁLIA  
(1845) BENFICA "ENSAIA"/ LIDERANÇA DO CASCAIS

Veículos metafóricos que particularizam o tipo de espectáculo são “recital” e “circo”, conforme as qualidades que se pretendem transmitir a propósito da actuação desportiva em causa:

(1930) "RECITAL" DO ESGUEIRA/ NA VITÓRIA EM OVAR  
(1931) 'CIRCO' DA F-1/ REGRESSOU/ AO ESTORIL

Elementos provenientes do espaço fonte do circo são escolhidos pelas suas conotações de perigosidade e expectativa:

638 Queiroz na corda bamba

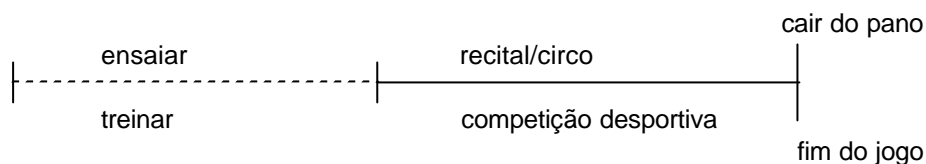
O jogo, de um modo geral, é metaforizado num espectáculo que se desenrola num “palco” e que termina com o “cair do pano”:

(7) TODA/ A HISTÓRIA/ DO GRANDE/ EUSÉBIO/ SOBE/ AO PALCO/ DA LUZ  
(1002) Sadios salvos/ ao cair do pano  
(1494) INJUSTIÇA/ AO "CAIR DO PANO"

Também o cinema é contemplado:

(510) Morgado, o mau da fita [árbitro Alexandre Morgado]

Tal como fizemos para outras metáforas, também nesta podemos sintetizar as principais projecções em forma esquemática:



**Diagrama 22** - DESPORTO É ESPECTÁCULO DE PALCO

#### 4.2.1.33. DESTRUIÇÃO GENERALIZADA É VARRER/LIMPAR

Veículos do domínio das limpezas domésticas, como “varrer” e “limpar” são, eufemisticamente projectados em actos generalizados de destruição:

- (162) Temporal até árvores varreu
- (398) ASSALTANTES 'LIMPARAM'/ MAIS UMA VEZ A AMI
- (1277) Governo de Angola/ prepara “limpeza” do Huambo
- (1370) Violação é arma de "limpeza étnica"
- (1545) ANGOLA: ESCALADA MILITAR/ VARRE TODO O PAÍS/ E CAUSA CENTENAS DE MORTOS

Um outro tipo de destruição, do âmbito psicológico, é projectado pelo veículo “lavagem”:

- (60) XANANA SOFREU/ LAVAGEM/ AO CÉREBRO?
- (80) ‘Xanana sofreu lavagem ao cérebro’
- (125) Houve lavagem ao cérebro?

#### 4.2.1.34. DINHEIRO É LÍQUIDO

Nesta metáfora, a transferência de dinheiro é projectada através do um fluxo de líquido em circulação. Diversos são os veículos metafóricos que partem desta base, tais como “mar”, “absorver”, “circular”, “injectar”, “inundar”, “a conta-gotas”:

- (594) AFINAL NÃO VAMOS TER/ UM MAR DE DINHEIRO
- (616) ECAN vai absorver três milhões de contos
- (630) Capitais circulam livremente
- (1172) Foram injectados de 85 para cá/ 420 milhões na Agricultura
- (1326) NOTAS FALSAS/ DE CINCO MIL/ INUNDAM/ A REGIÃO/ DAS BEIRAS
- (1327) NOTAS FALSAS DE CINCO CONTOS/ INUNDARAM REGIÃO DE VISEU
- (1876) SUBSÍDIOS A CONTA-GOTAS/ AGRAVAM DESEMPREGO EM BEJA
- (1936) DESPORTIVO DA CORUNHA:/ CAMPEÃO DE INVERNO/ "NADA" EM DINHEIRO!...

Os seguintes títulos, que serão, mais à frente na secção 4.2.1.46, mencionados a propósito da metáfora IMPEDIR A PROGRESSÃO É CONGELAR, estão igualmente

relacionados com a presente projecção metafórica, uma vez que se referem ao “congelar” e “descongelar” de dinheiro. Estas expressões enquadram-se na metáfora DINHEIRO É LÍQUIDO, já que um líquido, sendo congelado, perde a sua fluidez:

- (627) Espanha/ congela/ salários /públicos  
 (1591) PSD INDISPONÍVEL/ PARA "DESCONGELAR"/ VENCIMENTOS

#### **4.2.1.35. ENTIDADES DIVISÍVEIS SÃO BOLOS**

Nas notícias com tópicos textuais relacionados com economia podem surgir expressões metafóricas como “fatia” ou “bolo” veiculando a ideia da repartição de determinado valor:

- (130) Banesto com a maior fatia do CPP  
 (352) NOS ACESSOS À PONTE DE MONÇÃO/ A MAIOR " FATIA " DO ORÇAMENTO  
 (389) AUTARQUIAS E EMPRESAS/ DISPUTAM "BOLO" COMUNITÁRIO

A ideia de uma partição metafórica de um bem alimentar tem, ainda, no veículo “parte de leão”, a expressão de uma divisão desigual:

- (1663) “Parte de leão” fica em Lisboa

#### **4.2.1.36. ENTIDADES EM EVOLUÇÃO SÃO PLANTAS**

Diversas iniciativas, actividades ou entidades em evolução surgem, em títulos de notícia, metaforizadas em plantas. Nesta relação figurada, a fase preparatória da referida evolução é, pois, apresentada como a fase da “preparação do terreno”:

- (646) NOVAS LEIS ELEITORAIS/ -PSD E PS PREPARAM/ TERRENO DA NEGOCIAÇÃO

Quando a notícia se debruça sobre o início de um acontecimento ou entidade cuja evolução dá origem a consequências importantes, positivas ou negativas, este pode ser projectado no acto de “semear”:

- (144) INUNDAÇÕES SEMEIAM O CAOS/ NO SUL DA GRÃ-BRETANHA

- (268) Temporal semeou pobreza...
- (322) Águas semeiam poluição
- (919) FC PORTO "SEMEIA"/ NO CAMPO DE FÉRIAS/ CRAQUES DO FUTURO

Por sua vez, as ligações vitais da entidade com o meio envolvente ou com a causa que a sustenta são metaforizadas nas “raízes” da planta:

- (548) MALES DO FUTEBOL/ TÊM RAÍZES/ DE CARÁCTER CULTURAL
- (935) FESTA DE NATAL/ TEM RAÍZES PAGÃS

Dentro da mesma metáfora, as consequências são projectadas através dos “frutos” e das “colheitas” resultantes do acto de semear:

- (47) Muita ‘parra’ e pouca ‘uva’
- (378) Visita do PM está a dar frutos
- (816) MUITA PARRA/ E POUCA UVA
- (870) TRATAMENTO DE CHOQUE COMEÇA A DAR FRUTOS
- (926) ANTÓNIO PINTO: "AZAR IMPEDE-ME/ DE COLHER FRUTOS DE 1992"
- (1226) GUIMARÃES: "BOA COLHEITA" NA RÉGUA

As primeiras fases da evolução, correspondem ao estado de “verde”:

- (1553) Os verdes anos

Ainda dentro da mesma linha de projecção, vamos encontrar as expressões linguísticas das belas flores do “jardim”, as “rosas”, e o acto de “desabrochar” para os aspectos positivos decorrentes da evolução da entidade ou actividade em questão:

- (191) Um «jardim» de cimeira
- (597) NEM TUDO SÃO ROSAS/ NA PRAÇA DAS FLORES
- (1376) Que mil foguetões/ desabrochem!

No seguinte título, o lado positivo das flores é neutralizado por uma segunda projecção metafórica, a da metáfora MAU É AMARGO (cf. secção 4.2.1.12).

- (1408) As flores amargas/ de João Paulo II [ausência dos Ortodoxos no encontro pela paz]

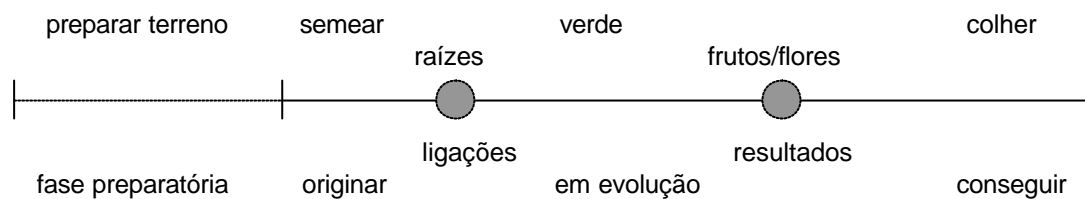
Os aspectos negativos são, ainda, projectados pelo que as plantas podem fornecer de desagradável. Então surgem os “espinhos” e os “podres” metafóricos:

- (91) HÁ/ ‘PODRIDÃO’/ A MAIS/ NO/ ‘CALCIO’!!!
- (265) ‘RESTAURAR A ESPERANÇA’:/ OS ESPINHOS DA MISSÃO
- (494) JARDINS-DE-INFÂNCIA/ TÊM ALGUNS “ESPINHOS”
- (898) PC QUEIXA-SE/ DOS ‘PODRES’/ DO GOVERNO

O fim da evolução da entidade pode ser metaforizado em termos da “ceifa”, como se verifica neste título, fazendo lembrar as imagens medievais da morte:

(189) Acidente no IP5 ceifa duas vidas

Um diagrama onde se sintetizam as diversas projecções constituintes desta metáfora poderá ser algo como:



**Diagrama 23 – ENTIDADES EM EVOLUÇÃO SÃO PLANTAS**

Esta metáfora, como se pode observar por uma leitura do diagrama, pode ser encarada como uma de entre outras, apresentadas neste capítulo<sup>34</sup>, que manifesta uma tendência para conferir propriedades próprias dos seres vivos a entidades que não o são. Assim, a sua evolução é encarada em termos de ciclo de vida, neste caso particular, ciclo de vida de uma planta. Pode, por isso, ser encarada como um caso particular da metáfora EXISTÊNCIA É VIDA (cf. 4.2.1.41).

#### **4.2.1.37. ENTIDADES INTERLIGADAS SÃO TECIDOS**

Quando uma organização é composta por diversas entidades ligadas entre si elas são metaforizadas como “redes”, “tecidos”, “cordões”, “laços” ou “teias” devido à força de ligação que as une e ao todo que resulta dessa interligação:

(18) Indonésia estreita laços

(345) UNIVERSIDADE PÚBLICA/ NAS MALHAS QUE A POLÍTICA TECE

(386) AVIDEZ DE UM BOM NEGÓCIO/ "MATOU" UMA REDE DE DROGA

<sup>34</sup> Cf. 4.2.1.10. AUMENTAR É ENGORDAR/DIMINUIR É EMAGRECER, 4.2.1.20. BOM É SAUDÁVEL/ MAU É DOENTE, 4.2.1.39. ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO CORPOS HUMANOS, 4.2.1.41. EXISTÊNCIA É VIDA, 4.2.1.47. INACTIVO É ADORMECIDO/ ACTIVO É ACORDADO, 4.2.1.48. MÁQUINAS SÃO ANIMAIS, 4.2.1.63. RELACIONAMENTO É PARENTESCO.

- (567) Rede de moeda falsa/ no tribunal de Barcelos
- (598) REDE DE LEITURA/ AUMENTA
- (613) Rede de leitura pública alargada
- (647) FUNDOS COMUNITÁRIOS/ PRIVILEGIAM TECIDO PRODUTIVO
- (685) Rede de gás começa em Matosinhos
- (699) Teia de contradições
- (767) "São autênticos socos no tecido urbano envolvente"
- (885) JUDICIÁRIA DESMANTELOU/ GRANDE REDE DE BURLA
- (908) Rede decapitada
- (946) Mimosa alarga rede
- (1352) Rede de gás em marcha
- (1480) GNR desmantela redes de tráfico
- (1684) CORDÃO HUMANO POR XANANA
- (1740) Cordão humano por Timor
- (1753) CENTENAS FAZEM 'CORDÃO'/ NAS RUAS DE LISBOA
- (2011) Há 'redes' a meter cá brasileiros
- (2013) GOVERNO DETECTA/ REDES DE IMIGRAÇÃO/ CLANDESTINA

Na sequência deste paralelo metafórico, a desagregação da unidade é projectada como uma acção de “cortar” ou “romper” o tecido ou o laço:

- (353) Norberto Castro rompe/ e UNITA aceita Governo
- (564) EX-DIRECTORA/ DA "VORGAN"/ ROMPE COM A UNITA
- (560) JULGAMENTO EM BARCELOS/ PROCURA DESFAZER/ MEADA DAS NOTAS FALSAS
- (809) PS E CDU PERTO DA RUPTURA/ NA CÂMARA DE COIMBRA
- (824) PS E CDU À BEIRA/ DA RUPTURA/ NA CÂMARA/ DE COIMBRA
- (848) Comerciantes cortam/ com industriais
- (1761) "PUZZLE" FEDERATIVO/ -CONSENSO OU RUPTURA?
- (1855) Sporting «corta»/ com o Benfica
- (1856) Sporting corta relações com Benfica
- (1865) SPORTING CORTA COM BENFICA
- (1869) SPORTING ANUNCIA CORTE/ DE RELAÇÕES COM BENFICA
- (1875) SPORTING/ CORTA RELAÇÕES/ COM O BENFICA
- (1878) SPORTING CORTOU/ RELAÇÕES/ COM O BENFICA
- (1880) DIRECÇÃO DE CINTRA/ CORTA RELAÇÕES/ COM A DE BRITO
- (1889) Sporting/ corta relações/ com o Benfica
- (1890) Sporting cortou relações com o Benfica

A falta de espírito de grupo entre as entidades que formam o todo interligado, ou a discordância de actuação por parte de alguns membros, é metaforizada no acto de “furar”:

- (355) Câmaras furam/ greve da ANMP
- (424) PSD "furou"/ greve autárquica
- (1153) UM ARRASTÃO FEZ-SE AO MAR/ E "FUROU" PARALISAÇÃO EM MATOSINHOS
- (1953) DOZE ESTÃO A 'FURAR'/ LIVRE CIRCULAÇÃO

#### 4.2.1.38. ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO CAPOEIRAS

As entidades estruturadas num todo coeso, como uma sociedade, um clube, um partido, um sindicato, uma competição desportiva e outras organizações humanas, apresentam, normalmente, uma escala hierárquica de relacionamento entre os seus membros. Dentro desta escala, determinados membros tentam atingir o lugar cimeiro das decisões, do poder, do destaque. Este desejo surge, nesta projecção, metaforizado como o domínio que o “galo” exerce, a sua subida ao “poleiro” e o seu “cantar”. Ou seja, elementos do domínio fonte da capoeira são projectados no domínio alvo das relações humanas. Este tipo de desumanização do elemento humano faz com que estas expressões linguísticas nos pareçam carregadas de conotações negativas.

- (183) IELTSIN CANTA DE GALO
- (233) UM "PINTO" QUE QUIS SER "GALO"
- (540) Três «galos» para um poleiro
- (1428) Ribeirenses no poleiro
- (1429) Barcelos cantou de galo
- (1468) «Dragões»/ não cedem/ e «Galos/ voltam a cantar»
- (1482) GIL VICENTE CANTOU/ DE GALO EM BRAGA
- (1784) SAVIMBI/ VOLTA/ A CANTAR/ DE GALO

#### 4.2.1.39. ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO CORPOS HUMANOS

A utilização de linguagem personificante não é, nos títulos de imprensa, um recurso raro. Ela é, neste caso, utilizada em relação a diferentes tipos de entidades organizadas, ou seja, constituídas por diversas partes estruturadas num todo coeso.

Os veículos metafóricos mais utilizados, neste processo, dizem respeito a essas partes, metaforizando-as em partes do corpo humano.

Assim, as zonas centrais ou mais importantes de entidades como continentes, países e cidades são metaforizadas em “coração”, dada a importância vital e localização central deste órgão no corpo:

- (54) Agricultores no coração da Europa
- (326) 'CLÍNICAS' DE GOLFE/ NO 'CORACÃO' DE LISBOA
- (1032) Uma luta pelo coração da China
- (1908) CORAÇÕES "EM LUTA"/ NO CORAÇÃO DA CIDADE

- (1975) Um húngaro no «coração de Portugal»  
 (1982) Presidente húngaro no 'coração' de Portugal

A parte visível, mais distintiva e característica ou mais saliente de determinada realidade é projectada através de expressões como “cara”, “rosto”, “perfil” ou “face”<sup>35</sup> :

- (215) BENFICA PERDULÁRIO/ QUER 'LAVAR A CARA'  
 (380) Perafita com outro rosto  
 (446) IGREJA TEM DE PROCURAR/ O SEU PERFIL EVANGÉLICO  
 (796) PCP com um sorriso cauteloso  
 (882) Turismo com «nova cara»  
 (907) Vamos lavar a face/ à Torre dos Clérigos  
 (1330) RESTAURO URBANÍSTICO/ MUDARÁ A "CARA" DA VILA  
 (1523) MOTOCICLISMO/ DE VELOCIDADE/ COM “CARA NOVA”  
 (1549) OBRAS DE FUNDO VÃO ALTERAR/ ROSTO DA "ZONA DE COUROS"  
 (1631) AVENIDA DA LIBERDADE/ MUDA DE FISIONOMIA  
 (1648) PLANO "MUDA A CARA"/ A OLIVEIRA DO BAIRRO

Outras partes do corpo, como “olhos”, “mãos”, “cabeça”, “costas”, “pés”, traduzem metaforicamente relações de diversos tipos com outras entidades:

- (118) ONU VÊ COM OLHOS OPTIMISTAS/ PERSPECTIVAS PARA MOÇAMBIQUE  
 (143) "FERNÃO MENDES PINTO"/ COM OS OLHOS NO FUTURO  
 (163) Bombeiros sem mãos a medir  
 (178) Diplomacia estende a mão a deficientes  
 (261) BENFICA E PORTO/ COM EUROPA/ ENTRE MÃOS  
 (526) Cooperação com África/ poderá mudar de mãos  
 (587) Moçambique de «mãos estendidas»  
 (600) F.C.PORTO QUER DEITAR JÁ HOJE/ UMA MÃOZINHA NA "SUPERTAÇA"  
 (766) Câmara e CCRN de costas voltadas  
 (856) CCP de costas voltadas para a CIP  
 (950) Lopes à *cabeça* do *pelotão*  
 (1004) A "mão pesada" do novo Código  
 (1074) GNR DE OLHO/ NO ÁLCOOL  
 (1083) Com um pé na Europa  
 (1088) Escândalo KIO nas mãos da justiça  
 (1208) PINTO FERREIRA/ ENCABEÇA LISTA/ DOS TSD/PORTO  
 (1266) BOAVISTA COM A "MÃO"NA SUPERTAÇA/ -F.C.PORTO VAI TENTAR A FINALÍSSIMA...  
 (1397) BRAGA TEVE NAS MÃOS/ A TALUDA DOS REIS  
 (1509) GNR 'DEITA MÃO'/ A DROGA E ARMAS  
 (1543) FUTURO DA CAMAC/ ESTÁ NAS MÃOS DO BCP  
 (1715) "Pulmão"/ de Lisboa nasce/ na Encosta/ da Saúde  
 (1719) Benfica mais/ isolado na 'cabeça/ do pelotão'  
 (1755) UNITA: UMA MÃO/ NO PETRÓLEO/ OUTRA/ NOS DIAMANTES  
 (1758) BÓSNIA AMEAÇA VOLTAR/ AS COSTAS À CROÁCIA  
 (1817) OTAN DE MÃOS DADAS/ COM EXÉRCITO FRANCO-ALEMÃO  
 (2036) FEDERAÇÃO E LIGA/ "DE COSTAS VOLTADAS"

<sup>35</sup> Nas palavras de Alice Deignan (1995: 2): “Your *face* is the part of you that shows your expressions, such as a smile if you are happy or a frown if you are worried. Your expressions reveal to other people how you are feeling and so, if you do not want people to know how you feel about something, you can try to alter or control the expressions on your face. *Face* is used metaphorically to refer the way people and organisations present themselves to others”.

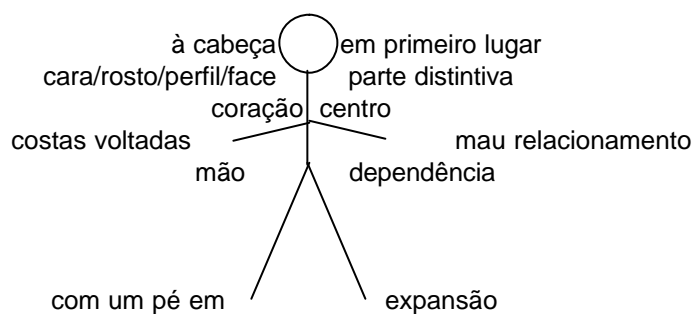


É assim que verificámos, nos exemplos acima transcritos, que estas partes do corpo surgem em expressões que traduzem más relações como “voltar as costas”, relações de superioridade hierárquica, como “estar à cabeça”, relações de ajuda e solidariedade como “dar a mão a”, relações de dependência como “estar nas mãos de”, modos de encarar, vigiar e julgar o mundo envolvente como “estar de olho em”, etc.

A projecção das realidades sociais organizadas em corpos metafóricos permite uma sobreposição com a metáfora BOM É SAUDÁVEL/MAU É DOENTE /cf. secção 4.2.1.20). O estado de saúde do corpo é, assim, projectado no funcionamento da entidade organizada<sup>36</sup>.

A metáfora ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO CORPOS HUMANOS surge, segundo G. Broekstra (1996), depois da II Guerra Mundial, quando a lógica organizacional foi levada mais longe do que o ponto de vista mecanicista<sup>37</sup> (ver adiante na secção 4.2.1.40). A imagem organicista é a de um organismo biológico que, adaptando-se ao ambiente exterior, tem uma maior probabilidade de sobrevivência.

Exemplo de esquematização:



**Diagrama 24** – ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO CORPOS HUMANOS

<sup>36</sup> R. Dunford e I. Palmer (1996) apresentam uma lista de expressões metafóricas utilizadas em relação ao processo de reestruturação das organizações. Estas expressões são agrupadas nas seguintes metáforas: Ambiente físico; Militar/violência; Corpo/medicina; Horticultura e Diversos. Assim, eles englobam na mesma metáfora expressões linguísticas em que termos do domínio do corpo humano e termos do domínio da medicina são projectados nas organizações.

<sup>37</sup> Segundo o autor, estas duas visões complementam-se: “Some organizational units faced with a more stable and predictable environment would therefore flourish with a more mechanistic form and operating logic, others in a more turbulent and unpredictable environment would be better off with a more organic form. Strategic choice became an option, thus allowing for different ‘species’ of organization” (BROEKSTRA, 1996: 61).

#### 4.2.1.40. ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO MÁQUINAS

Tal como o corpo humano, outro todo funcional utilizado na projecção de entidades organizadas é o da máquina.

Além da expressão “máquina”, a fonte de linguagem metafórica é ainda transmitida pela expressão “motor”, que poderemos considerar equivalente ao “coração” da metáfora anterior. As dificuldades são, por sua vez, metaforizadas na acção de “emperrar”:

- (10) Greves/ ‘emperram’/ fronteiras/ e minas/ da/ Panasqueira
- (79) A MÁQUINA QUE DEVOROU GEORGE MICHAEL
- (90) ‘CONSTRUÇÃO CIVIL/ É O MOTOR DO PAÍS’
- (108) CONSTRUÇÃO CIVIL/ É MOTOR/ DO DESENVOLVIMENTO
- (783) ILHÉUS QUASE EMPERRARAM/ A ‘MÁQUINA’ BOAVISTEIRA
- (1178) PARTIDOS AQUECEM MÁQUINAS/ PARA CONQUISTA DE CÂMARAS
- (1230) De peça de engrenagem/ à condição de pessoa produtiva
- (1943) Falta de pessoal «emperra» IPO

A metáfora ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO MÁQUINAS é, de acordo com G. Broekstra (1996), o mais antigo paradigma aplicado às organizações. Segundo este autor, o paradigma mecanicista, em que a organização é, basicamente, encarada como um mecanismo com um fim específico, está enraizado na visão do mundo materialista/reducionista do séc. XIX, em particular do “taylorismo”.

#### 4.2.1.41. EXISTÊNCIA É VIDA

Certas situações ou realidades objecto de interesse noticioso encontram-se em evolução. Vimos na metáfora ENTIDADES EM EVOLUÇÃO SÃO PLANTAS, na secção 4.2.1.36, que essa evolução podia ser projectada em termos de vida vegetal, desde a sementeira à colheita. Outras expressões metafóricas, no entanto, embora projectem noções de vida, não a especificam como sendo de origem vegetal. Antes recorrem a expressões mais gerais, como “viver” e “morrer”, partilhadas por qualquer tipo de ser vivo

ou, ainda, a expressões que não se aplicam aos seres vegetais como o “nascimento” e a “maternidade”. Encontramos, em comum às duas projecções, um confronto de opostos direccionais<sup>38</sup>: na primeira, o “semear”/“colher”; aqui, o “nascer”/“morrer”, que remetem para etapas antagónicas no processo evolutivo da realidade noticiada.

Assim, o início de determinada entidade é projectado como o seu nascimento, o que explica a utilização metafórica do verbo “nascer” nos seguintes exemplos:

- (75) A era nuclear/ nasceu há 50 anos
- (440) O FC de Perafita sonhou/ e o novo complexo nasceu
- (626) Nasce hoje/ o maior mercado/ do mundo
- (675) NOVO TROÇO/ DE ESTRADA/ "NASCE"/ EM SINTRA
- (689) Planetas a nascer
- (742) TEJO VÊ NASCER ORQUESTRA/ QUE É UM "OVO DE COLOMBO"
- (977) NASCE UMA ESPERANÇA/ PARA DOENTES ESQUIZOFRÉNICOS
- (989) ESPAÇO CRIATIVO/ NASCE NA ÁREA/ DA BIBLIOTECA
- (1609) Editora nasce em Guimarães
- (1715) "Pulmão"/ de Lisboa nasce/ na Encosta/ da Saúde
- (1726) NA RUA DAMIÃO DE GÓIS/ NASCE ALTERNATIVA/ À CONSTITUIÇÃO
- (1804) Sala do Tesouro nasce na Sé Catedral

Do mesmo modo, o retorno à actividade depois de um período de tempo inactivo é metaforizado no verbo “renascer”. Em alguns títulos há mesmo uma referência mais ou menos explícita ao mito da Fénix renascida das próprias cinzas:

- (382) "Verde Gaio" renasce
- (459) Esperança volta a renascer
- (1016) QUANDO TEATROS FECHAM AS PORTAS/ O "AVENIDA" RENASCE
- (1056) «Tobias» renasceu das cinzas
- (1301) CAIXA ECONÓMICA/ OPERÁRIA/ RENASCE DAS "CINZAS"!...
- (1336) MANSELL RENASCE/ EM PHOENIX
- (1706) Esperança renasce na África do Sul
- (1772) Em Hope renasceu a esperança

O processo de génese referido na notícia pode ser caracterizado por uma grande morosidade ou dificuldade. O veículo escolhido para metaforizar esse começo difícil é a expressão “tirar a ferros” evocando a dificuldade de certos nascimentos:

- (491) ACORDO TIRADO A FERROS/ PELA FORÇA ESPANHOLA
- (1897) Seleção/ 'triste'/ tira/ a ferros/ vitória/ em Malta/ (1-0)
- (2003) Acordo a ferros

O local onde o processo mencionado se inicia é referido pela expressão “maternidade”, “berço” ou “viveiro”. A entidade que se encontra em fase inicial da sua progressão ou

<sup>38</sup> Sobre a oposição direccionial como um tipo de relação antonímica, ver LYONS, 1980 :227-228.

existência é metaforizada em “bebé” e a sua evolução em “crescimento”. A expressão “berço”, em particular, é utilizada em relação à cidade de Guimarães, numa alusão implícita ao início da nação portuguesa.

- (84) FUNCHAL "ESTRANGULADO"/ SÓ PODE CRESCER/ PARA CONCELHOS VIZINHOS
- (114) "OS QUATRO MANDAMENTOS"/ PARA O CRESCIMENTO DA CEE
- (452) NA CIDADE-BERÇO/ GUIMARÃES E F.C.PORTO/ NÃO PODEM ADORMECER
- (642) Eureka cresceu
- (701) A maternidade dos planetas
- (1015) SOLUÇÃO ALTERNATIVA A S.MAMEDE/ GANHA CORPO EM PROJECTO INTERMODAL
- (1061) Freamunde larga viveiros
- (1193) Marinho Peres deixa o *berço*
- (1374) A morte cresce nas Shetland
- (1481) ACIDENTES/ LABORAIS/ EM CRESCIMENTO/ NA EUROPA
- (1581) PONTE DE LIMA CRESCE/ MAS NÃO "DESAPARECE"
- (1809) ABONOS/ CRESCEM 6%
- (2039) Um bebé com 10.000 anos
- (1015) SOLUÇÃO ALTERNATIVA A S. MAMEDE/ GANHA CORPO EM PROJECTO INTERMODAL

Na mesma linha de pensamento, as origens, causas ou antecedentes da entidade visada são metaforizadas em “mãe” ou “pai” da mesma, isto é, do “filho”:

- (109) DROGA É A "MÃE"/ DA MAIORIA/ DOS CRIMES/ NA REGIÃO DO PORTO
- (115) DROGA É A "MÃE"/ DE QUASE TODOS OS CRIMES
- (554) LEIXÕES: SOLENIDADE DOS 85 ANOS/ SEM O "FILHO" E O "PATRÃO DA CASA"  
[do "filho" (A.F.Porto da qual é fundador conjuntamente) e do "patrão da casa" (Narciso Miranda)]
- (346) PARLAMENTO RUSSO/ CONTRA O "PAI DAS REFORMAS"
- (976) Estrumpfes estão órfãos
- (1622) MANUEL RESENDE:/ O "PAI" DO ANDEBOL LEIXONENSE
- (1687) Mostovoi foi 'pai' do empate

Depois do início de uma actividade ou do surgimento de uma entidade, e seguindo na mesma linha animística, temos a expressão metafórica da “vida” como a continuação do exercício dessa actividade ou como a presença marcante de determinada entidade:

- (88) OBRAS E ACTIVIDADES CULTURAIS/ DÃO VIDA AO MOSTEIRO DA BATALHA
- (291) "É uma criança saudável/ e vai sobreviver" [a Comunidade de Estados Independentes]
- (480) Desporto anima escolas primárias
- (739) 'FARENSE ESTÁ VIVO/ E DE BOA SAÚDE'
- (743) CINEMA CONTINUA A ANIMAR MERIDIEN
- (797) Monges deram vida a Tibães
- (832) Crianças e idosos/ animam o Natal/ de Matosinhos
- (871) Jaime Pacheco/ quer mostrar/ que 'está/ vivo'
- (955) CÂMARA REVITALIZA/ TRIÂNGULO COMERCIAL
- (1139) PEUGEOT REVITALIZA O '405'/ E PÕE MAIS PORTAS NO '106'
- (1319) Honecker sobrevive ao juiz [continua no seu julgamento, enquanto o juiz foi afastado por parcialidade]
- (1355) Salamanca «de Alves» está vivo!
- (1569) A VIDA COMEÇA ÀS 40!

No pólo oposto ao do “nascimento” que vimos acima, encontramos o fim da actividade ou entidade metaforizada, o qual é veiculado por expressões como “morte”, “morrer”, “matar”, “moribundo”:

- (101) «Morreu» o símbolo da resistência
- (175) "MARINES"/ COM ORDEM/ PARA MATAR/ A FOME/ NA SOMÁLIA
- (134) ITÁLIA ESTÁ/ A 'MATAR'/ O FUTEBOL
- (256) A morte dos intelectuais
- (386) AVIDEZ DE UM BOM NEGÓCIO/ "MATOU" UMA REDE DE DROGA
- (460) A esperança a morrer
- (546) CLUBISMO/ EXAGERADO/ ESTÁ A MATAR/ O FUTEBOL
- (547) "MARINES" NA "CIDADE DOS MORTOS QUE ANDAM"
- (665) O social-imperialismo morreu
- (668) Carros sem catalisador/ condenados à morte
- (785) STAN VALCKX E BALAKOV/ 'MATARAM' FORASTEIROS
- (786) ATRAVESSAR O OCEANO/ E MORRER NA PRAIA...
- (849) As férias que morreram no avião
- (957) TAVARES NA HORA/ DE MATAR SAUDADES/ EM S.MAMEDE
- (1020) PAULO DEU VIDA E MORTE
- (1063) COLLOR "MORTO"/ ITAMAR "POSTO"
- (1201) Esgueira *imortal*
- (1288) TELENOVELAS E FUTEBOL/ ESTÃO A "MATAR" O CINEMA
- (1345) Marlon, "killer" das ilusões azuis
- (1382) 'El Matador' matou mesmo... [Carlos Sainz vence rali]
- (1626) ISCE recebe sentença de morte
- (1735) Telefones mortos, bomba na companhia
- (1831) Penhores/ à beira/ da morte
- (1923) Vaivéns: sistema de lançamento moribundo
- (2002) O clube das fábricas mortas
- (2045) Os Sete moribundos

O fim de uma carreira política, ou o da ocupação de determinado cargo é, no corpus, metaforizado na expressão da condenação à morte:

- (36) Oposição pede/ a cabeça de Lamont
- (1064) FUNCIONÁRIOS/ CAMARÁRIOS/ DE VIANA/ DO CASTELO/ COM A CABEÇA/ "NO CEPO"
- (1065) PODERÃO "ROLAR CABEÇAS"/ NA CÂMARA MUNICIPAL
- (1117) FAMÍLIA REAL EXIGE "CABEÇA"/ DO SECRETÁRIO DE ISABEL II
- (1392) SAVIMBI/ COM/ A CORDA/ NA/ GARGANTA

A ideia de fim pode ainda ser transmitida pela expressão metafórica do “enterro” e do acto de “enterrar”:

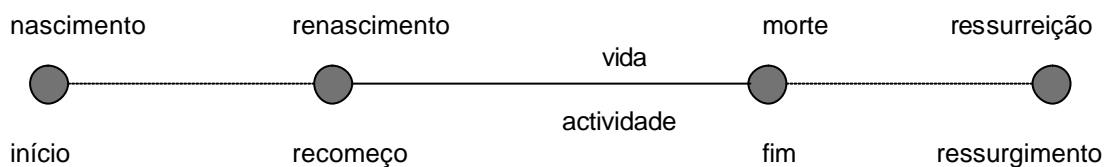
- (1572) Convenção de Paris enterra armas químicas
- (1791) BENFICA/ "ENTERROU"/ TAÇA/ DA EUROPA/ NA CROÁCIA
- (1799) Requiem por uma companhia
- (2041) O enterro do G7

No entanto, estas “mortes” metafóricas não são sempre encaradas como irreversíveis. É assim que surgem os títulos incluindo as expressões da ‘ressurreição’ e do “ressuscitar”

significando um processo de renovação, de surgir de novo, após um período de inactividade ou de insucesso:

- (217) AMERICANOS RESSUSCITAM/ EM DUELO DE GIGANTES NO PAR
- (1407) A ressurreição da ONU
- (1423) FRANÇA "RESSUSCITA" ARAGON/ DEZ ANOS DEPOIS DA SUA MORTE
- (1469) Ressuscitar o transporte marítimo
- (1670) JESUS QUER RESSUSCITAR/ SEM IR A BELÉM  
[técnico minhoto quer vencer e eliminar o Belenenses]
- (1937) EDBERG RESSUSCITADO/ E FERREIRA IMOLADO

Concluindo, a metáfora COMEÇAR É NASCER/ ACABAR É MORRER é uma metáfora animística, através da qual uma realidade é encarada como um ser vivo, com um nascimento e uma morte num processo evolutivo próprio dos seres vivos. O processo metafórico que acabámos de apresentar pode ser resumido graficamente do seguinte modo:



**Diagrama 25 – EXISTÊNCIA É VIDA**

As linhas pontilhadas representam períodos de latência da actividade ou do processo metaforizado.

#### **4.2.1.42. FALTA/DÍVIDA É BURACO**

Alguns títulos do corpus fazem projectar a expressão linguística “buraco”

significando uma falta ou dívida, devido ao espaço genérico da ausência de algo:

- 299 ENFERMEIROS/ RECUSAM/ PAGAR ‘BURACOS’/ DA SAÚDE
- 324 PETROQUÍMICA/ COM ‘BURACO’/ DE 247 MILHÕES
- 720 FPF: BURACO DE 160 MIL CONTOS
- 723 BURACO FINANCEIRO DA FPF/ É DE CERCA/ DE 160 MIL CONTOS

Esta é uma metáfora que se encontra já bastante gasta mas em que o emprego das aspas mostra que ainda é sentida como tal pelo redactor.

#### 4.2.1.43. GRANDE AFLUÊNCIA É INVASÃO

Uma grande afluência de visitantes, público, pessoas em geral, ou outras realidades, a determinado local ou evento, é, nos títulos de imprensa, frequentemente metaforizada em “invasão”:

- (193) CRIANÇAS "INVADEM" *FIL*/ DURANTE QUATRO DIAS
- (298) DINOSSAUROS/ "INVADEM"/ LISBOA
- (303) Três centenas de atletas "invadiram" piscina do Algés
- (707) JOVENS "INVADEM" A *FIL*/ EM BUSCA DE INFORMAÇÃO
- (710) SIDA INVADE A ÁSIA
- (1036) Três centenas de atletas vão 'invadir' Carnide
- (1104) Turistas invadem a Estrela
- (1341) "Crude" invade a ilha das aves

Estas projecções metafóricas também estão relacionadas com a metáfora actividade com objectivo é luta, uma vez que as entidades “invasoras”, quando humanas, terão um determinado objectivo em vista.

#### 4.2.1.44. GRANDE QUANTIDADE É CHUVA

A perplexidade causada pela grande quantidade de determinadas realidades pode motivar um tipo de metáfora hiperbólica em que essas realidades são projectadas em “chuva”, a qual vai atingir positiva ou negativamente o contexto em que se encontra inserida:

- (968) Chuva de reformas agita mundo laboral
- (1699) Chuva de mísseis
- (1850) Explosão/ provoca/ chuva de pedras/ em Braga
- (1853) Chuva de pedras em Braga
- (1970) Barricada contra/ chuva de pedras
- (1973) Chuva de golos em Itália

Uma projecção semelhante é a que se encontra no título

- (94) ‘AVALANCHA’ DE REFORMAS/ VAI MUDAR ENSINO SUPERIOR

em que a “avalancha” é o desastre natural escolhido como fonte da linguagem figurada também significando grande quantidade<sup>39</sup>.

#### 4.2.1.45. GRANDE QUANTIDADE É MAR

O mar é outro dos veículos metafóricos utilizados nos títulos de imprensa para transmitir o significado de uma grande quantidade:

- (277) MAR DE LAMA/ FAZ DESCARRILAR COMBOIO
- (594) AFINAL NÃO VAMOS TER/ UM MAR DE DINHEIRO
- (1197) Mar de expectativas a abrir o ano
- (1653) LEIXÕES: UM "MAR" DE ELEIÇÕES/ PARA ASSEMBLEIA GERAL DE HOJE
- (1907) "Mar de luz" contra o racismo
- (1913) "MAR DE LUZ" EM VIENA/ EM DEFESA DOS ESTRANGEIROS
- (2059) "Calcio" num mar de lama

Todas estas expressões metafóricas apresentam uma configuração do tipo “**mar de x**” em que **x** significa a realidade que se pretende caracterizar como ostentando uma grande frequência.

Outras vezes, encontramos as expressões “vaga de” e “onda de”:

- (124) Onda de violência racista/ ensombra ratificação de Maastricht
- (524) Cogumelos provocam vaga/ de intoxicações mortais
- (619) VAGA DE ASSALTOS/ LEVA CLUBE À FALÊNCIA
- (1236) Vaga/ de frio/ mata/ na Europa
- (1245) VAGA DE FRIO JÁ MATOU/ SEIS PESSOAS EM FRANÇA
- (1253) Vaga de frio mata na Europa
- (1427) BMB ameaça com onda de violência

Nestas projecções, está, ainda, presente a ideia de que a grande quantidade é passageira ou cíclica, daí a sua utilização em relação a fenómenos meteorológicos ou de instabilidade social.

Uma outra projecção entre os domínios do mar e da quantidade é realizada pelas expressões “maré baixa” ou “maré vazia”, por um lado, e “maré alta”, por outro, significando a ausência ou presença dessa quantidade.

- (197) BENFICA:/MARÉ VAZIA/ POR CULPA/ DO BEIRA MAR

<sup>39</sup> Citando Alice Deignan: “An *avalanche* is a large mass of snow or rocks that falls down the side of a mountain. You can refer to a large amount of something which appears at once as an *avalanche* of that thing, especially when you are not expecting it, and it is difficult to deal with” (1995: 146).



- (412) VILA CHÃ:/ MARÉ ALTA/ DE PROTESTOS/ CONTRA/ POLUIÇÃO/ DE RIBEIRO  
 (1488) MARÉ/ VAZIA [jogo no *Estádio do Mar* em que o Leixões não marcou golos]  
 (1750) SECTOR DA CONSTRUÇÃO/ ESTÁ EM MARÉ BAIXA

Uma metáfora relacionada com esta, que escolhe como domínio fonte não o mar mas o rio, apresenta, no entanto, uma fraca presença no corpus em estudo:

- (169) CHOVEU A POTES.../ E FORAM RIOS DE PROBLEMAS  
 (1005) Por uma torrente de solidariedade

#### 4.2.1.46. IMPEDIR A PROGRESSÃO É CONGELAR

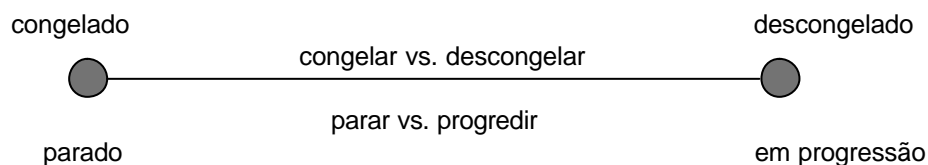
A expressão do acto de “congelar”<sup>40</sup> é utilizada quando o teor metafórico é uma realidade em progressão, progressão esta que é impedida ou interrompida:

- (347) AMBIÇÕES DO F.C.PORTO/ "CONGELADAS" ATÉ MARÇO  
 (627) Espanha/ congela/ salários /públicos  
 (966) FUTURO DE TIMOR 'CONGELADO'/ ATÉ AO ENCONTRO DE ROMA  
 (1134) Dúvidas sobre a acção das polícias/ congelam Acordo de Schengen  
 (1239) Resistência congela/ poderes de Xanana

A reversibilidade do processo é, dentro desta metáfora, transmitida pela expressão “descongelar”:

- (1591) PSD INDISPONÍVEL/ PARA "DESCONGELAR"/ VENCIMENTOS  
 (1712) CE «descongela» a situação

Esquematisando:



**Diagrama 26 – IMPEDIR A PROGRESSÃO É CONGELAR**

<sup>40</sup> Ver, na secção 4.2.1.34, a utilização das expressões metafóricas “congelar”/“descongelar” no domínio económico, a propósito da projecção DINHEIRO É LÍQUIDO.

#### 4.2.1.47. INACTIVO É ADORMECIDO/ ACTIVO É ACORDADO

Alguns títulos do corpus referem-se a inícios, interrupções, reinícios, paragens etc. de determinadas actividades em termos da experiência de alternância sono/vigília que o ser humano tão bem conhece. Mais uma vez, temos a vivência corporal humana servindo de domínio fonte da linguagem metafórica, processo frequente em todas as línguas, como afirmava Mark Johnson na sua obra significativamente intitulada *The Body in the Mind* (1987). Assim, encontramos títulos em que se aponta um acto de dormir como significando a paragem, interrupção de determinada actividade:

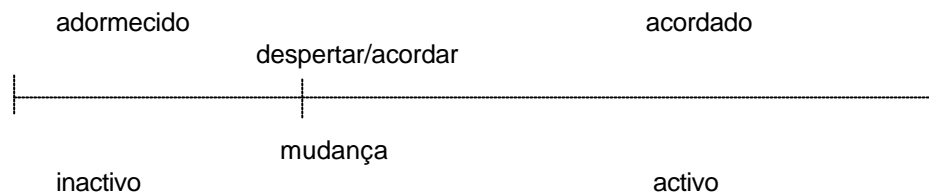
- (119) DEMOCRACIA A EMAGRECER/ E PRESIDENTE A "DORMIR" [Cabo Verde]
- (113) ESPÍRITO DE MAASTRICHT/ ESTÁ ADORMECIDO
- (452) NA CIDADE-BERÇO/ GUIMARÃES E F.C.PORTO/ NÃO PODEM ADORMECER
- (1290) GILLESPIE "ADORMECEU"/ AO SOM DO SEU TROMPETE

Neste último exemplo, vemos, mesmo, eufemisticamente retratada, a ideia de morte, paragem total e definitiva de um percurso vivencial.

Mais numerosos, no corpus, são os casos em que, no título, se utiliza um termo deste domínio, como “despertar” ou “acordar” para metaforicamente se veicular a ideia oposta à anterior:

- (358) O despertar dos índios [Nobel para Rigoberta Menchú]
- (472) ENTRADA DE CLINT/ ACORDOU SADINOS
- (972) O despertar dos esquizofrénicos
- (992) UNS DORMIRAM CEDO/ OUTROS ACORDARAM TARDE [jogo Alverca–Atlético]
- (1210) TELEFONES: SOOU O “DESPERTAR”/ PARA A MUDANÇA DA QUALIDADE
- (1474) O despertar dos mágicos [jogo Estoril–Porto]
- (1559) Despertar para o golfe
- (1655) O despertar da minoria húngara

Tal como em exemplos anteriores, também aqui podemos resumir os paralelos metafóricos em forma de diagrama:



**Diagrama 27** – INACTIVO É ADORMECIDO/ ACTIVO É ACORDADO

#### 4.2.1.48. MÁQUINAS SÃO ANIMAIS

Um caso de metáfora animística é a que projecta propriedades características de seres vivos animados em máquinas.

- (172) TELEFONES "SURDO-MUDOS"/ EM ARCO DE BAÚLHE
- (259) ELÉCTRICOS PROCURAM/ "CORACÃO" NOVO NA ALEMANHA
- (311) NOVO "CORACÃO" ALEMÃO/ PARA VELHO ELÉCTRICO
- (954) MOINHO DO SORDO/ ESVENTRADO PELA CHEIA
- (1139) PEUGEOT REVITALIZA O '405'/ E PÔE MAIS PORTAS NO '106'

#### 4.2.1.49. MODIFICAÇÕES SÃO DANÇAS

Quando determinado estado de coisas é alterado, essa alteração pode ser metaforizada em “dança”:

- (237) A "DANÇA"/ DE MILAN PANIC
- (338) A dança dos salários
- (864) A 'dança' dos comissários
- (1617) "DANÇA" DOS ADIAMENTOS/ NO JULGAMENTO DOS "SKINS"
- (1623) A dança/ das cadeiras

Esta metáfora é particularmente escolhida quando as alterações no estado de coisas em questão são hesitantes ou sucessivas, ou seja, quando há vários estados diferentes que se sucedem recuando, avançando ou trocando de situação, como os passos de uma dança.

#### 4.2.1.50. MUDANÇAS SÃO ERAS

Um acontecimento suficientemente importante para provocar uma mudança no contexto político e social em que se insere pode ser metaforizado como o marco de uma nova “era” que começa, podendo-se contar o tempo a partir desse ponto zero. Nos seguintes exemplos do corpus, este diz respeito à descoberta da energia atômica e a mudanças políticas depois de uma eleição:

- (75) A era nuclear/ nasceu há 50 anos
- (1754) CLINTON:/ COMEÇA HOJE/ A "NOVA ERA"
- (1757) DE UMA ERA/ À "NOVA ERA"
- (1764) Dia um/ da era/ Clinton
- (1775) Clinton promete/ 'nova era'
- (1783) CLINTON PROMETE/ 'UMA NOVA ERA'

#### 4.2.1.51. OBTER É GANHAR DINHEIRO/HERDAR

A obtenção de algo por parte de determinada pessoa ou entidade é, nos títulos desta projecção veiculada por expressões como “facturar”, “facturação”. Os veículos da “herança” surgem quando o objecto em questão provém de um antecessor. Exemplos do corpus:

- (367) CADETE QUER “FACTURAR”/ NO CAMPO/ DA AMOREIRA
- (678) Pereira Reis herda/ um fardo pesado
- (1103) 1993 herda diversos conflitos
- (1114) Dinamarca "herda"/ presidência da CE
- (1217) "FACTURAÇÃO"/ DE LÍDER
- (1707) A herança de George Bush

#### 4.2.1.52. POLÍTICA É JOGO/DESPORTO

Uma das metáforas mais utilizadas em relação ao domínio da política é aquela que projecta noções do domínio fonte do jogo. Este jogo pode assumir um carácter quer de tipo desportivo quer de jogo de mesa. Aliás, o próprio jogo de mesa, como vimos na

secção 4.2.1.31 em que expusemos a metáfora DESPORTO É JOGO DE MESA, pode constituir-se como um domínio fonte em relação ao desporto.

Nesta metáfora, encontramos alguns termos muito gerais, onde não fica claro qual o tipo de jogo que seria projectado do domínio fonte, mas apenas que se trata de um jogo:

- (374) Edimburgo joga/ futuro da Europa
- (732) Carvalheiras abre jogo
- (734) Jogo viciado
- (735) FUTURO DAS PESCAS/ JOGA-SE EM BRUXELAS
- (1097) "Jogada" de antecipação

A metáfora do jogo introduz, por um lado, o significado de um confronto entre interesses dissemelhantes e, por outro, a incógnita quanto ao resultado final desses confrontos, para o qual conta, não só a perícia e poder de decisão dos antagonistas, mas uma certa intervenção do elemento aleatório. Nos veículos relacionados com jogos de mesa, cartas<sup>41</sup>, casino, etc. parece predominar este último factor e nos desportivos o primeiro, embora os dois elementos coexistam sempre.

Em relação aos jogos de mesa, vamos encontrar, nos títulos da secção política, expressões como “cartada” significando decisão política, “trunfo” para as vantagens políticas sobre o oponente, “baralhar e voltar a dar” para as mudanças políticas e “cortar as vazas a” ou “dar xeque-mate a”<sup>42</sup> como a reprovação de um projecto.

- (107) Governo andaluz em «xeque»
- (253) XEQUE À RAINHA
- (375) Edimburgo baralha e volta a dar
- (605) A "cartada" da negociação
- (644) ADVOGADOS/ DE COLLOR/ APRESENTAM/ NOVOS TRUNFOS
- (663) Os novos trunfos de Meneses

<sup>41</sup> Como salienta Alice Deignan (1995: 92), “card games involve using a pack of cards to play games which involve one or more people. Some card games involve an element of skill, but the most important thing is luck as you cannot control the cards you are given to use. There are a number of metaphors in which people’s chances in life are talked about as if they were playing cards”. A actividade política é uma delas.

<sup>42</sup> Os veículos do “xeque-mate” em relação à reprovação de decisões políticas, também se integram na metáfora CONFLITO É JOGO DE XADREZ (ver secção 4.2.1.25.), uma vez que um tipo de conflito é precisamente o conflito político.

- (1092) LIMA E MACHADO SÃO "TRUNFOS"/ NA CARTADA DO DESENVOLVIMENTO
- (1293) Torre(s) dá xeque ao governo
- (1312) Maioria corta "vazas" ao PC/ no horário de trabalho
- (1576) Xeque-mate às armas químicas
- (1711) Alentejo em xeque

Parte destes exemplos, os que incluem expressões do domínio do jogo de xadrez, foi já apresentada na secção 4.2.1.25, englobada na metáfora CONFLITO É JOGO DE XADREZ, uma vez que a actividade política, social e económica é potencialmente geradora de conflitos, devido ao confronto de interesses, ideologias e princípios divergentes.

Encontramos também uma quantidade de títulos em que as expressões metafóricas se projectam do domínio do futebol ou jogo de equipa:

- (304) Cavaco mostra o amarelo
- (925) NAÇÕES UNIDAS/ PASSARAM A "BOLA"/ PARA O LADO DO GOVERNO
- (981) Deus Pinheiro/ não muda equipa
- (983) Comissário português/ não mexe na equipa
- (1294) Plano para «fintar» dificuldades
- (1555) Vieira dribla Governo
- (1556) Vieira de Carvalho/ finta Governo e GNR
- (1596) Cavaco "passa a bola" ao Parlamento

Outras vezes, o domínio fonte é constituído por um desporto mais violento no sentido de um confronto mais belicoso, corpo a corpo em que a força física é projectada na noção de força política. A maioria destes exemplos inclui “braço-de-ferro” como a expressão metafórica de um confronto entre duas forças políticas antagónicas.

- (58) IELTSINE AVISA/ DEPUTADOS/ -"NÃO PISEM/ O RISCO"
- (152) Contratados nas escolas vítimas do jogo do empurra
- (195) IELTSINE GANHA BRAÇO-DE-FERRO/ AOS DEPUTADOS EX-COMUNISTAS
- (465) "BRAÇO DE FERRO" NA AR/ COM AS LEIS ELEITORAIS
- (762) Braço-de-ferro/ entre a ONU e Israel
- (1297) VAMOS A BRAÇO-DE-FERRO/ PARA AUMENTOS DE 9%
- (1359) BUSH GANHA/ BRAÇO DE FERRO/ A SADDAM/ NO ÚLTIMO "ROUND"
- (1535) Saddam insiste no braço-de-ferro
- (1638) NOVO BRAÇO-DE-FERRO/ ENTRE ONU E IRAQUE

#### 4.2.1.53. POLÍTICA É ESPECTÁCULO

A actividade política é, nos seguintes títulos, encarada metaforicamente como um espectáculo artístico do âmbito do cinema, circo e, principalmente, teatro. Os intervenientes nos acontecimentos políticos são vistos como artistas que desempenham o seu papel num determinado “cenário”; os meandros menos claros ou visíveis perante a opinião pública são metaforizados nos “bastidores” da cena:

- (35) Levanta-se o pano [“terminou o prazo dos poderes extraordinários do Presidente Ieltsin”]
- (116) COMPROMISSO NA RÚSSIA NEGOCIADO/ NOS BASTIDORES DO CONGRESSO
- (489) GUTERRES APLAUDE/ RESULTADOS DA CIMEIRA
- (847) DELORS TIRA DA MANGA/ PELOURO DE DEUS PINHEIRO
- (929) Guerra de bastidores [“composição do próximo governo russo”]
- (1306) Os cenários do pior [“Risco de alastramento de guerra na região balcânica”]
- (1328) ASSEMBLEIA DE ANADIA/ "TEATRO" DE ACUSAÇÕES
- (1456) O papel/ de Milosevic
- (1552) Parlamento cansado de ser "o mau da fita"
- (1625) Monárquicos na corda bamba
- (1658) Moeda/ irlandesa/ na corda/ bamba
- (1742) Ganhámos/ o Óscar/ da melhor/ moeda
- (1858) A «estrela» nos bastidores [Nogueira de Brito antes do congresso do CDS]
- (1917) Croatas e sérvios reocupam a cena

O espectáculo de palco assume, nesta metáfora, diversas formas específicas. Como se pode observar pelos títulos acima apresentados, as acções políticas são metaforizadas em cenas de uma peça de teatro, em papeis de cinema ou em actuações circenses de magia ou equilibrismo.

#### 4.2.1.54. PREJUDICAR É DEVORAR

As notícias em que se relatam consequências desastrosas utilizam, algumas vezes, uma linguagem metafórica em que expressões como “devorar”, “engolir”, “comer” projectam a acção prejudicial, mais ou menos devastadora, que é despoletada por forças naturais ou sociais.

- (79) A MÁQUINA QUE DEVOROU GEORGE MICHAEL
- (330) Lama/ "engoliu"/ centenas/ na Bolívia
- (397) BURACO QUASE/ "ENGOLE" CARRO
- (484) Galos encheram o papo
- (704) Chamas devoram/ palácio Sotto-Mayor
- (782) "Tigres" engolem "jesuítas"...

- (803) Incêndio devora prédio antigo em Lisboa
- (1249) Chamas devoram escritórios/ de fábrica têxtil na Maia
- (1492) E TUDO/ O LOBO COMEU
- (1647) MAR "ENGOLE" CASEBRE/ EM CASTELO DO NEIVA
- (1708) Neve «engole» 300 pessoas

Em particular, como podemos facilmente observar nos exemplos (484), (782) e (1492) acima transcritos, a vitória num jogo desportivo é objecto deste tipo de projecção. Outras projecções dentro da mesma metáfora incluem a noção de “fome” significando o desejo de vitória sobre o adversário e a noção de “jejum” significando o espaço de tempo em que essas vitórias não se verificam:

- (468) Jejum de seis semanas/ foi interrompido
- (680) 'LEÕES' ALGARVIOS ESTÃO/ COM 'FOME' DE VITÓRIAS
- (1182) ALMA QUEBROU O JEJUM!

#### 4.2.1.55. PROBLEMAS SÃO NÓS

Problemas resultantes dos mais diversos domínios da actividade humana, como as decisões políticas, são, nos seguintes títulos, metaforizados em “nós” mais ou menos difíceis de “desatar”, ou seja, de resolver:

- (396) O nó dinamarquês
- (602) CONSTRUÇÃO/ DE ESCOLAS C+S/ NÃO ATA NEM DESATA
- (1362) CÂMARA E JUNTA AUTÓNOMA/ DESATAM NÓS DA CINTURA INTERNA
- (1894) Nó cego na circular urbana
- (1987) COMPLEXO DESPORTIVO DO SALGUEIROS/ NÃO ATA NEM DESATA NA CÂMARA

Os exemplos (1362) e (1894) jogam, ainda, com a polissemia de “nó”, no sentido rodoviário do termo<sup>43</sup>.

<sup>43</sup> No entanto, enquanto que a projecção da metáfora PROBLEMAS SÃO NÓS se encontra presente nas expressões “desatam nós” e “nó cego”, o mesmo não acontece, por exemplo, nos seguintes títulos, onde “nó” se limita ao sentido rodoviário do termo:

- (1017) NÓ DAS PIRÂMIDES/ "BARALHA" TRÂNSITO/ EM DIRECÇÃO AO NORTE
- (1786) OBRAS DO NÓ FERROVIÁRIO/ AVANÇAM A TODO O VAPOR



#### 4.2.1.56. PROBLEMAS SÃO QUEBRA-CABEÇAS

Devido à dificuldade em encontrar a solução adequada, muitos problemas surgem, nos títulos de imprensa, metaforizados em “quebra-cabeças” ou “puzzles”, principalmente se são constituídos por diversos aspectos que se têm de conjugar para resolver a questão:

- (402) Cadete e Juskowiak são grandes "quebra-cabeças"
- (544) REFORMA DO ENSINO:/ NOVO SISTEMA/ DE AVALIAÇÃO/ É UM QUEBRA-CABEÇAS
- (1164) Quebra-cabeças [processo de paz na Bósnia]
- (1588) ASSOCIAÇÕES CONSTOEM/ "PUZZLE" FEDERATIVO
- (1761) "PUZZLE" FEDERATIVO/ -CONSENSO OU RUPTURA?

#### 4.2.1.57. PROJECTOS PARA O FUTURO SÃO APOSTAS

Indivíduos e entidades organizadas envolvem-se frequentemente em acções de planeamento de futuras actividades. Estas compreendem um certo grau de confiança contrabalançado pelo risco inerente de fracasso, situação semelhante à do jogador que aposta e espera ganhar. É precisamente nesse domínio que vamos encontrar os veículos metafóricos de títulos como:

- (41) Aposta no Vouga
- (166) MADEIRA ESCOLHIDA PARA SÍMBOLO/ DA APOSTA IBÉRICA EM MAASTRICHT
- (266) Dentistas apostam/ na prevenção da cárie
- (517) Stich ganhou o "Totoloto"
- (528) ODETTE FERREIRA/ APOSTA NA JUVENTUDE
- (679) APOSTA ESTÁ GANHA/ EM CASTELO BRANCO
- (855) Aposta renovada em 1993
- (887) SERRA DO MARÃO APOSTA/ NA PROMOÇÃO CONJUNTA
- (897) Seguros/ de Portugal/ apostam/ no Leste
- (937) Teatro Aberto/ aposta tudo/ em 'Três Vinténs'
- (1136) CÂMARA DE LAGOA APOSTA/ NA HABITAÇÃO SOCIAL
- (1256) Proleite aposta em duas frentes
- (1527) CÂMARA APOSTA/ NOS FUNDOS COMUNITÁRIOS

#### 4.2.1.58. PRÓXIMO É COLADO

A noção de proximidade como “cola” surge, nos seguintes exemplos da secção desportiva, numa projecção que é, simultaneamente, algo hiperbólica:

- (994) Barcelos goleia Parede e ‘cola-se’ ao Benfica
- (1159) AMADORES: RIBEIRENSES NA “COLA”/DO SR DO PADRÃO/-UNIDOS AO PORTO A RECUPERAR

(1161) FAMALICENSE E SANJOANENSE/ “NÃO DESCOLAM”

#### 4.2.1.59. REALIZAÇÕES HUMANAS SÃO CONSTRUÇÕES

Os feitos e realizações do homem são, quando de interesse público, objecto de atenção por parte da imprensa. Os títulos metafóricos que encabeçam as respectivas notícias podem, como verificámos através de exemplos do corpus, operar uma transferência de vocabulário do domínio conceptual da construção de edifícios, eles também realizações humanas. Deste modo, a ideia de força e solidez é veiculada por materiais de construção com essas características – “pedra e cal”, “cimento” – e os pré-requisitos para essa solidez pelos “alicerces”:

(621) “O BOXE FOI O ALICERCE/ DE TODA A MINHA VIDA”

(873) CASTROMARINENSE VENCE/ E CIMENTA PRIMEIRO  
LUGAR

(1495) FAVORITOS DE “PEDRA E CAL”

(1828) «Bulls» de pedra e cal

O lado visível e exterior da realização, pelo qual ela é conhecida, é, por sua vez, metaforizado na “fachada” do edifício:

(1353) Mudar a fachada, manter a filosofia  
PP]

[mudança do nome de CDS para

Além dos edifícios, outro tipo de construções pode ser utilizado nesta projecção metafórica para veicular a ideia de que algo é realizado ou conseguido pelo homem:

(431) Clube de Portugal na forja

(639) Cabral: *dragão em lapidação*

(1040) Troféu BMW M3 na *forja*

(1627) Feira de qualidade na forja

#### 4.2.1.60. REALIZAÇÕES HUMANAS SÃO COZINHADOS

O vasto campo da intervenção humana e suas diversas realizações é, ainda, em certos títulos, metaforizado na execução de uma “receita”, ou seja, no acto de “cozinhar”, de onde resulta um “prato”.

- (650) IELTSINE PROCURA EM PEQUIM/ “RECEITA” PARA REFORMAS
- (1461) UMA EFICIENTE RECEITA/ CHAMADA CONTRA-ATAQUE
- (1240) BARROSO FECHA-SE COM DIPLOMATAS/ PARA COZINHAR POLÍTICA EXTERNA
- (1807) AM com o lixo como prato forte
- (1838) ISENÇÃO/ DE PROPINAS/ -UM BODO/ AOS POBRES
- (1964) LITERATURA SERÁ UM “PRATO”/ DAS JORNADAS GASTRONÓMICAS

Quando, durante a fase de preparação, se encontra um período de espera ou impasse, a projecção metafórica do domínio da culinária vai determinar a escolha de procedimentos culinários morosos, como o “banho-maria” ou a “demolha do bacalhau”:

- (1615) Reunião com equipas de F1/ ficou em ‘águas de bacalhau’
- (2001) Cine Águia d’Ouro/ em banho-maria...

Ainda dentro desta metáfora culinária, podemos talvez incluir a expressão “à la carte” projectada na escolha entre várias realizações possíveis:

- (1395) UMA EUROPA “À LA CARTE”/ É UM SÉRIO RISCO

Uma realização de algum modo falhada é metaforizada no insucesso do acto culinário:

- (1491) MASTIGADO/ E SEM GOSTO [jogo de futebol sem “convicção”]

Também ligada à transferência sinestésica de elementos do domínio sensorial do gosto, encontrámos a metáfora BOM É DOCE/ MAU É AMARGO, que foi apresentada na secção 4.2.1.12.

#### 4.2.1.61. RECOLHER É PESCAR

As acções de recolha ou recuperação de objectos, elementos ou pessoas para uma determinada finalidade são, nos seguintes títulos do corpus, metaforizadas no acto de “pescar”:

- (805) PESCAMOS/ UM BOM/ ACORDO NA CEE
- (1062) Dalglish «pesca» na Suécia
- (1430) Haxixe «pescado às toneladas»
- (1435) UMA TONELADA DE HAXIXE/ “PESCADA” EM PRAIA DE ALBUFEIRA
- (1466) Autoridades/ ‘pescam’/ mais droga
- (1561) Guarda Fiscal pescou/ 1,4 toneladas de haxixe
- (1562) “PESCA” DA GUARDA FISCAL VALE/ 1,4 TONELADAS DE HAXIXE

Dentro da mesma projecção, o objecto da demanda será o “peixe”:

- (542) FALSÁRIOS/ DE BARCELOS/ NÃO PASSARÃO/ DE “PEIXE/ MIÚDO”
- (1213) SEM ANZÓIS/ NEM PEIXE [jogo sem golos]

Note-se que esta metáfora joga, em certos casos, com o domínio do mar no sentido literal, por exemplo nos títulos acima transcritos em que a droga terá tido apreendida pela guarda à medida que os pacotes davam à costa no Algarve.

#### 4.2.1.62. RELACIONAMENTO É CONTACTO FÍSICO/CASAMENTO

Quando duas ou mais realidades se encontram de algum modo interligadas ou se relacionam entre si, uma metáfora que poderemos designar por metáfora do contacto físico pode ser utilizada para referir essa ligação. A expressão linguística mais utilizada nesta projecção é a das “mãos dadas”:

- (12) Velhice e pobreza de «mão dadas»
- (97) De mãos dadas... [acordo governo/oposição]
- (1817) OTAN DE MÃOS DADAS/ COM EXÉRCITO FRANCO-ALEMÃO

As perspectivas de relacionamento e ajuda são metaforizadas pelas expressões “dar a mão”, “estender a mão” ou “pela mão”, enquanto as relações de dependência se projectam no acto de estar “nas mãos”:

- (178) Diplomacia estende a mão a deficientes
- (370) SOARES "ALFACINHA"/ DÁ MÃO A SAMPAIO

- (880) Deus com a Comunidade «nas mãos»
- (894) Imagem da CE nas mãos de Deus
- (1088) Escândalo KIO nas mãos da justiça
- (1174) BAIRRO DE QUELUZ/ EM MÃOS MARGINAIS
- (1305) Jardim Fernandes “abre mão”/ do ministro da República
- (1543) FUTURO DA CAMAC/ ESTÁ NAS MÃOS DO BCP
- (1955) Tunísia/ quer meter/ lanças em África/ pela mão/ de Portugal

Uma consequência da aplicação desta metáfora é a implícita personificação dos dois intervenientes no processo descrito no título, quando estes não são, à partida, humanos.

Este é o caso de todos os exemplos citados excepto o (370).

A ligação ou contacto metafóricos podem, ainda, assumir a forma de um “casamento”:

- (190) De Espanha... um bom casamento [cimeira da identidade ibérica]
- (1014) "REVEILLON" FORA DE CASA/ -CASAMENTO COM A DIVERSÃO
- (1954) SOARES E CAVACO TÊM/ UM 'BOM CASAMENTO'

Inversamente, quando a ligação, por algum motivo, não resulta ou não dá o resultado esperado, a separação entre os intervenientes é metaforicamente projectada numa acção de “divórcio” ou numa paródia antitética da lua-de-mel designada por “lua-de-fel”:

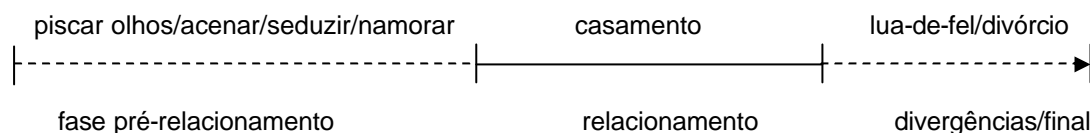
- (249) Lua-de-fel entre Paris e Bona
- (2019) COMPANHIA VELHA/ E CASA DO DOURO/ -DIVÓRCIO À VISTA

Além da variante RELACIONAMENTO É CASAMENTO, podemos, ainda, encontrar uma série de expressões metafóricas que parecem actualizar a variante RELACIONAMENTO

É NAMORO, incluindo as fases da “sedução” e o “namoro” propriamente dito:

- (1311) ENGENHEIROS DO TÉCNICO/ QUEREM SEDUZIR EMPRESAS
- (1604) Amaral pisca os olhos a Clinton
- (1672) Iraque põe condições à ONU/ e "namora" Bill Clinton
- (1802) Mota Amaral acena a Clinton
- (1941) Torres Couto «seduz» japoneses

Uma hipótese de representação esquemática desta metáfora é a seguinte:



**Diagrama 28 – RELACIONAMENTO É CASAMENTO**

#### 4.2.1.63. RELACIONAMENTO É PARENTESCO

A complexidade da vida social e das relações entre pessoas, instituições, países e outras entidades é, em certos títulos, projectada pelas noções familiares de parentesco:

- (579) FC Porto "apadrinha"/ melhoramentos do Amares
- (656) SANTIAGO DE COMPOSTELA/ SEGUNDA "IRMÃ" ESPANHOLA
- (896) ALMOÇO DE NATAL REUNIUI/ FAMÍLIA 'CORREIO DA MANHÃ'
- (942) Professores recusam/ ser parentes pobres
- (965) Professores recusam ser parentes pobres
- (1279) Tudo em família [Conselho Superior de Obras Públicas na antiga sede do PSD]
- (1425) Benfica e Sporting «irmãos»/ no teste em terras nortenhas
- (1644) COUTO DOS SANTOS "APADRINHOU"/ NOVOS DIRIGENTES DA FAP

Podemos, igualmente, incluir nesta projecção as expressões “pai” e “mãe” que vimos a propósito da metáfora EXISTÊNCIA É VIDA (cf. secção 4.2.1.41), uma vez que, além de veicularem a ideia da génese de algo, o relacionam, através desse parentesco, à entidade que lhe dá origem:

- (109) DROGA É A "MÃE"/ DA MAIORIA/ DOS CRIMES/ NA REGIÃO DO PORTO
- (115) DROGA É A "MÃE"/ DE QUASE TODOS OS CRIMES
- (346) PARLAMENTO RUSSO/ CONTRA O "PAI DAS REFORMAS"
- (554) LEIXÕES: SOLENIDADE DOS 85 ANOS/ SEM O "FILHO" E O "PATRÃO DA CASA"  
[Sem a presença do "filho" (A.F.Porto da qual é fundador conjuntamente) e do "patrão da casa" (Narciso Miranda)]
- (976) Estrumpfes estão órfãos
- (1622) MANUEL RESENDE:/ O "PAI" DO ANDEBOL LEIXONENSE
- (1687) Mostovoi foi 'pai' do empate

Nas projecções do relacionamento entre as entidades em questão, surgem, ainda, expressões que veiculam comportamentos típicos do progenitor para com o filho, como sejam os correctivos pelo mau comportamento deste. Assim, nos seguintes títulos, o relacionamento “pai/filho” que neles se encontra implícito não se reporta à noção de génese

mas de acção punitiva. Curiosamente, surgem quase todos em notícias sobre acções bélicas de organizações internacionais:

- (537) Dinamarca... esse «enfant terrible»
- (1045) DELEGAÇÃO DA OUA DEIXA ANGOLA/ COM "PUXÃO DE ORELHAS" A SAVIMBI
- (1560) OCIDENTE PUXA/ ORELHAS/ A SADDAM
- (1571) Aliados puxam/ orelhas a Saddam
- (1594) "Foi só uma pequena tareia" [bombardeamentos no Sul do Iraque]

#### 4.2.1.64. RELACIONAMENTO É SOM

O relacionamento entre os seres humanos, e entre os seres animados em geral, é feito não só de gestos e atitudes mas de um elemento fundamental que é o som. Este encontra-se presente quer nas produções verbais, através das quais os significados linguísticos são transmitidos, quer em produções vocais não verbais, como gritos, que servem também para transmitir significado, quer, ainda, na produção musical. Em todas estas emissões sonoras, se encontra subjacente o acto de se relacionar com o outro. Assim, vamos encontrar, metaforicamente, a utilização de lexemas e expressões do domínio das emissões sonoras para veicular a ideia do relacionamento entre pessoas e/ou instituições.

Os diversos tipos de relacionamento encontram-se metaforizados em diversos tipos de emissões sonoras, como por exemplo: “em coro”, “a uma voz”, “sintonizados” ou “em ritmo” quando existe concordância ou uma estratégia concertada; “barulho” ou “grito” quando determinado interesse ou ponto de vista se salienta de alguma forma; o carácter “desafinado” do som para a falta de concordância no relacionamento entre pessoas ou entidades; “ecos” para as repercussões de determinado facto; “tónica” para o ponto mais saliente:

- (43) JAPÃO UNE-SE AO CORO/ CONTRA ACORDO GATT
- (694) SENHORA DA HORA/ EM RITMO ALBANÊS [com dois jogadores albaneses]
- (700) Médicos fazem barulho
- (825) CÂMARA E GOVERNO SINTONIZADOS/ NA RECUPERAÇÃO DA “BIQUINHA”
- (1089) O novo «grito» da IBM

- (1358) Nureyev: Ecos por todo o mundo
- (1436) “TÓNICA” DO PLANO MUNICIPAL POSTA NAS COMUNICAÇÕES
- (1453) FEDERAÇÃO E INATEL “DESAFINADOS”/NO DES...CONCERTO DAS FILARMÓNICAS
- (1554) Greve a uma voz

A ausência de relacionamento é, nesta linha de pensamento, projectada na ausência de som. Então, surgem expressões linguísticas como “surdo”, “mudo”, “em compasso de espera”:

- (274) MAIS/ UM COMPASSO/ DE ESPERA/ -ATÉ QUANDO? [túneis do Campo Alegre]
- (562) INSTALAÇÃO DE GASODUTO/ EM COMPASSO DE ESPERA
- (606) Diálogo de surdos em Angola
- (1557) Em compasso de espera [orquestra do Porto]
- (1584) ITALIANOS “MUDOS”/ COM A IMPRENSA

O âmbito desportivo apresenta, por vezes, o confronto entre adversários como uma discussão. Poderíamos, talvez, considerar aqui uma variante, DESPORTO É DISCUSSÃO. Assim, a “discussão” é projectada quando se pretende realçar o aspecto da divisão de pontos de vista ou de interesses antagónicos no relacionamento, neste caso desportivo:

- (156) VAMOS DISCUTIR/ O JOGO COM O PORTO/ COM AS ARMAS QUE TEMOS
- (515) Fernandes e Dâmaso discutem título
- (709) SEIXAL-VITÓRIA DE SETÚBAL/ PROMETE “DISCUSSÃO” EMOTIVA
- (1636) BENFICA E OVARENSE/ “DISCUTEM” 1º LUGAR

Estes exemplos vêm de encontro ao tipo de metáforas apresentadas anteriormente, DESPORTO É LUTA e DESPORTO É EXECUÇÃO/DESTRUIÇÃO, em que se salienta, igualmente, o lado agressivo da competitividade desportiva.

#### **4.2.1.65. (RE)ORGANIZAR É ARRUMAR**

Diversos sectores da actividade humana organizada – partidos políticos e clubes desportivos, por exemplo – suscitam o interesse noticioso quando organizam ou reorganizam as respectivas actividades. Estas mudanças, que implicam alterações que se pretendem para melhor, são, por isso mesmo, metaforizadas como actos de “arrumar” a casa:



- (128) PSD-Barreiro “arruma” a casa
- (731) CDS arruma a casa
- (508) Contas arrumadas/ Maastricht nublado
- (1073) Arrumar a casa [remodelação do Ministério da Educação]
- (1081) GOVERNO QUER ARRUMAR/ E EQUILIBRAR O PAÍS
- (1310) Telecomunicações/ com nova arrumação

No entanto, as arrumações podem ser vistas como algo de negativo, quando determinadas iniciativas, acções ou planos são simplesmente esquecidos, abandonados ou impedidos de avançar pelas entidades competentes, caso em que terão sido relegados para a “prateleira”, “arquivo” ou “gaveta”:

- (319) Projectos na gaveta
- (320) Obras na gaveta
- (457) CENTRO DOCUMENTAL DO DÃO/ “ARQUIVADO” EM NELAS
- (1188) Cidadãos... na gaveta
- (1342) Cabo Verde coloca jornalistas na prateleira

#### 4.2.1.66. ROUBAR É ACTIVIDADE HONESTA

Os roubos, assaltos, fraudes, burlas e outras actividades desonestas são, frequentemente, objecto de atenção por parte da imprensa, uma vez que constituem um dos pólos de interesse noticioso, pela sua negatividade<sup>44</sup>. Curiosamente, a quase totalidade das expressões metafóricas que surgem nos títulos destas notícias apresenta essas actividades ilícitas em termos eufemísticos e irónicos, fazendo projectar elementos de domínios de actividades honestas:

- (23) TANTO "TRABALHO"/ PARA SEREM PRESOS
- (68) PELES "VOAM" DE LOJA
- (275) TRÊS GATUNOS ENCAPOTADOS/ REABASTECERAM-SE NA "GALP"
- (398) ASSALTANTES 'LIMPARAM'/ MAIS UMA VEZ A AMI
- (418) ASSALTO A RESIDÊNCIA/ "RENDEU" 3500 CONTOS
- (620) "Levantaram" mil contos
- (634) «Deixou» o ouro em Campanhã
- (886) SAPATARIA FICOU DESCALÇA
- (1006) Assalto «rendeu» mil contos
- (1038) Sapatinho cheio com bens alheios
- (1058) Larápio «levantou» 250 contos
- (1296) Empresas «desviam» subsídios
- (1283) FPF analisa/ incidentes/ no Restelo/ e ‘prendas’/ do Sporting [alegados subornos]
- (1284) INCIDENTES DO RESTELO/ E PRENDAS DO SPORTING
- (1329) VENDEDOR/ ANDAVA ÀS “COMPRAS”

<sup>44</sup> A questão do desvio e da negatividade como tópico do texto noticioso é difícil de explicar. Segundo Van Dijk (1988b: 123-124), “Although intuitively, it seems a widespread, if not universal, phenomenon that people are interested in such news this does not explain why. Explanations may be given in sociological, psychoanalytical, or cognitive terms”.

- (1385) Roubos «rendem» quase 800 contos  
(1540) “JOGADA”/ DE 800 MIL/ CONTOS/ NO CASINO/ DA PÓVOA  
(1814) BOMBAS DA MOBIL/ “VISITADAS” DE NOVO

Uma boa parte dos títulos acima transcritos utiliza, como veículo metafórico, um termo de domínio congruente com o domínio alvo, criando, deste modo, interessantes jogos de palavras. É assim que as sapatarias assaltadas ficam “descalças”, mas não os bancos, dos quais os gatunos “levantam” o dinheiro, nem as bombas de gasolina, onde eles se “reabastecem”. Numa palavra, actividades honestas são metaforicamente projectadas nas noções de furto e assalto, em jogos de palavras que tornam a linguagem se não menos chocante, pelo menos mais cúmplice de um ponto de vista ironicamente crítico sobre o acto em questão.

#### **4.2.1.67. SERES HUMANOS SÃO ANIMAIS**

Parte das metáforas do corpus faz um percurso conceptual que vai de um domínio fonte relacionado com seres animais não humanos para o domínio alvo do homem. Estas metáforas incluem-se no tipo a que Ullman chamara de *metáforas animais* e, dentro destas, correspondem ao “vasto grupo de imagens de animais [que] é constituído pelas que se transferem para a esfera humana onde muitas vezes adquirem significações humorísticas, irónicas, pejorativas ou até grotescas” (1964: 447). Estas conotações advêm do processo pelo qual o ser humano metaforizado é afastado da sua própria condição de ser humano. Seguem, portanto, um percurso inverso ao das metáforas personificantes.

Exemplos de expressões metafóricas pertencentes a esta projecção incluem a expressão “rato” referindo-se ao ladrão de automóvel e que traz, obviamente, uma conotação bastante negativa, repulsiva mesmo:

- (481) «Rato» não escapou  
 (918) CONTRA/OS “RATOS”/ -MÍSSEIS/ ANTITANQUE!  
 (1401) “RATOS”/ APANHADOS/ EM FLAGRANTE  
 (1640) “Rato” de automóveis/ apanhado em Albufeira  
 (2020) UM “RATO” COM AZAR/ E OUTRO COM SORTE

Um campo fértil em metáforas animais é o do domínio desportivo. Os clubes desportivos apresentam como elementos identificadores, para além das cores do equipamento dos seus jogadores e atletas, um símbolo que, frequentemente, é a representação de um animal. Quase sempre este animal é escolhido em função da força, majestade, porte, rapidez ou ferocidade, sempre conotações positivas, que os seus exemplares vivos e reais apresentam. Subjacente à escolha da águia, do tigre, do leão, do dragão, do touro, etc. como símbolos do clube, podemos dizer que existe uma projecção, no espaço genérico da conceptualização, dessas mesmas características como sendo comuns aos atletas do clube. Uma vez interiorizado o símbolo, o título de imprensa refere, metonimicamente, os jogadores através dos nomes desses animais e o leitor, muitas vezes, nem se aperceberá da força figurada que terá presidido inicialmente à escolha do nome, tal o desgaste da figura. No entanto, a força metafórica inicial pode ser restaurada e a figura vivificada quando, no título, outros elementos desenvolvem a projecção inicial. Podemos pois dizer, nestes casos, que, de uma metonímia morta, nasce uma metáfora viva:

- (199) “ÁGUIA” CONTINUA SEM ENCONTRAR NINHO  
 (400) Tática estudada/ para ‘picar leões’  
 (466) ‘LEÕES’/ QUASE/ CAÇADOS/ POR/ ‘CANARINHOS’  
 (492) “ÁGUIA” CHAMUSCA-SE NO “CALDEIRÃO”!...  
 (680) ‘LEÕES’ ALGARVIOS ESTÃO/ COM ‘FOME’ DE VITÓRIAS  
 (772) ‘Azuis’ de Belém/ não/ resistem/ à fúria/ do ‘leão’  
 (844) O FÁLICO RUGIDO/ DO ‘LEÃO’ SONDADO  
 (1130) JOÃO JUNQUEIRA/ FOI “LEÃO” NA AMADORA  
 (1365) BULLS “TOUREADOS”/ EM CLEVELAND  
 (1882) “MOSCARDOS” PICARAM “TOUROS”/ EM PLENO CHICAGO STADIUM  
 (1959) CAI A ÁGUIA/ OU TOMBA O DRAGÃO  
 (1967) Futre no “ninho das águias”  
 (1983) ÁGUIAS EM VOO PICADO/ ESBURACARAM O DRAGÃO  
 (1989) BENFICA FOI ÁGUIA NA LUZ/ -F.C.PORTO FORA DOS “QUARTOS”  
 (2037) BULLS “ABATIDOS” EM HOUSTON/ COM GEORGE BUSH NA BANCADA

Verificamos, pelos exemplos acima transcritos, que a reanimação do paralelo metafórico é conseguida através da introdução, no título, de outros elementos provenientes do domínio fonte inicial: os ninhos e os voos das águias, os rugidos e as garras ou unhas dos leões, o

tourear e o abater dos touros, por exemplo. Por vezes, estes elementos são fornecidos no título sem a presença do nome do animal, uma vez que a associação será, automaticamente, feita na mente do leitor, aumentando, deste modo, a sua cumplicidade na descodificação textual:

- (818) “RUGIDOS” NO LAMAÇAL  
 (1420) FARENSE CHEIO DE GARRA/ PROMETE SOMAR ÊXITOS

A cor amarela da camisola de certos clubes, como o Estoril, também permite associações metonímicas ao canário. A projecção metafórica surge por extensão:

- (724) “CANARINHOS” DEPENDADOS/ PELA JUSTIÇA FEDERATIVA  
 (1501) Outra vez “passarinhos”

Além de extensões de símbolos desportivos, as metáforas animais surgem, quer no âmbito do desporto, quer em outros domínios noticiosos, para veicular em relação aos seres humanos, ideias e conotações associadas aos animais em questão. Algumas destas transferências tornaram-se mesmo famosas:

- (22) EUSÉBIO: O FUTEBOL/ AGRADECE À “PANTERA”  
 (535) ASSIM SE CONTA A FÁBULA DA FORMIGA E DAS CIGARRAS  
 (542) FALSÁRIOS/ DE BARCELOS/ NÃO PASSARÃO/ DE “PEIXE/ MIÚDO”  
 (815) NEM O F.C.PORTO ESCAPOU/ À RATOEIRA DO BEIRA MAR  
 (1343) Morreu o pássaro mítico [Rudolf Nureyev]  
 (1377) O homem com bochechas de hamster [Dizzie Gillespie]  
 (1404) MANSELL:/ O “LEÃO”/ JÁ MOSTROU/ AS UNHAS/ NO CIRCUITO/ DE PHOENIX  
 (1405) MANSELL MOSTROU AS “UNHAS”/ NA PISTA OVAL DE PHOENIX  
 (1426) Saddam «encolhe as garras»  
 (1805) Saddam brinca ao «gato e ao rato»

Como verificamos pelos exemplos desta metáfora, SERES HUMANOS SÃO ANIMAIS, ela afasta-se da tendência geral que é a de aproximar as realidades à esfera do humano. Daí o efeito estilístico destas figuras. Ao *desumanizar* o ser humano, elas fazem recair a atenção de uma forma mais saliente sobre as características animais que nele se pretendem projectar.

#### 4.2.1.68. SOFRIMENTO É TORTURA/MARTÍRIO

Os seguintes títulos do corpus fazem concretizar um tipo de sofrimento, inclusivamente o de tipo psicológico ou afectivo, em sofrimento físico de “tortura” ou “martírio”:

- (85) TEMPORAL FUSTIGA/ A GRÃ-BRETANHA
- (618) Vem aí o temporal/ que fustiga os Açores
- (775) CORAÇÃO CONTINUA/ A SER UM MARTÍRIO
- (1120) África: continente flagelado
- (1259) O martírio dos pequenos obreiros
- (1280) Frio fustiga Algarve
- (1367) O martírio de volta [portagens]
- (1546) “CRUDE” E NEVE FLAGELAM A ESCÓCIA
- (1589) ANTÓNIO/ CARLOS:/ ESTAR INACTIVO/ É UMA TORTURA

Estas expressões metafóricas são, ao mesmo tempo, projecções personificantes, sendo, frequentemente, um dos elementos envolvidos referente a condições meteorológicas adversas.

#### 4.2.1.69. TRÂNSITO É LÍQUIDO

O trânsito automóvel e a circulação das pessoas é, algumas vezes, objecto de notícia, geralmente transmitindo dificuldades no seu processamento. A linguagem metafórica é, por vezes, utilizada em projecções que fazem entrar elementos do domínio dos líquidos, do seu fluir e dos condicionalismos que o dificultam<sup>45</sup>:

- (716) Grande afluxo de turistas
- (753) OBRAS NA ZONA CRÍTICA DE GAIA/ GERAM ENGARRAFAMENTO MONUMENTAL
- (867) Engarrafamento saúda/ abertura de túnel
- (1175) TRÂNSITO FLUIDO/ NO REGRESSO A LISBOA
- (1403) EQUIPAMENTOS NO VALE DAS FLORES/ AFECTARÃO ESCOAMENTO/ NA ESTRADA DA BEIRA
- (1415) ENGARRAFAMENTOS NA PONTE/ DEVEM CONTINUAR AMANHÃ
- (1529) Portagens bem, funil na ponte
- (1530) "Um funil de dois bicos" [portagens]

---

<sup>45</sup> Vimos, na secção 4.2.1.34, que a metáfora DINHEIRO É LÍQUIDO projecta expressões deste mesmo domínio fonte.

#### 4.2.1.70. ZONAS CONTRASTANTES SÃO ILHAS

As zonas urbanas contrastantes com o meio em que se inserem, normalmente pela sua grande degradação, são metaforizadas em “ilhas”. Como este termo pertence ao mesmo domínio – domínio geográfico – a utilização das aspas torna-se a bandeira visível do seu sentido não literal:

- (59) UMA "ILHA"/ NO MEIO/ DE RAMALDE
- (417) NARCISO NA "ILHA"/ DA CRUZ DE PAU
- (604) NARCISO VISITA/ "ILHAS" DE MATOSINHOS
- (883) As «ilhas» de Ramalde

Encontramos, no entanto, um caso em que o domínio alvo se distingue dos anteriores:

- (1520) Uma «ilha» fantástica

Neste caso, a explicação da projecção metafórica é imediatamente fornecida pelo subtítulo correspondente: ICEP não apoia Fantasporto por este ter “acção local”. Por outras palavras, o isolamento aqui alegado tem a ver com o alcance limitado de uma iniciativa cultural. A ideia de confinamento, contudo, é comum a todas as utilizações desta metáfora.

#### 4.2.2. CONCLUSÕES PARCIAIS - NÍVEL LÉXICO-SEMÂNTICO

Neste capítulo, abordámos as principais metáforas conceptuais utilizadas nos títulos do corpus e que permitiram agrupar os mesmos segundo domínios conceptuais e lexicais caracterizadores do percurso metafórico utilizado. Assim, verificámos que títulos publicados em jornais diferentes, em localizações temporais diversas, embora não muito distantes, e mesmo sobre assuntos diferentes encontram-se agrupados sob uma mesma metáfora conceptual. É deste modo que as 70 metáforas que acabámos de apresentar abarcam a maioria dos títulos do corpus. Da sua análise, destacamos as seguintes observações e conclusões:

##### a) A metáfora na transmissão do significado

A linguagem metafórica não é simples ornamento de escrita; ela tem um conteúdo cognitivo, comporta significados e, frequentemente, constitui a única forma de transmitir certas mensagens e de veicular nuances de sentido.

Esta capacidade especial das expressões metafóricas determina de uma forma decisiva a sua utilização, não só no texto jornalístico, mas também na linguagem quotidiana e em produções linguísticas tantas vezes colocadas em pólos opostos como sejam o texto científico<sup>46</sup> e o texto poético<sup>47</sup>. Martin e Harré (1982: 89) consideram mesmo que, no que

---

<sup>46</sup> A utilização da metáfora na linguagem científica tem atraído a atenção de diversos autores. Ver, por exemplo, MARTIN & HARRÉ (1982: 89-105) sobre o papel dos modelos analógicos na terminologia científica; GENTNER (1982: 106-132) para uma caracterização das analogias científicas ‘boas’ e ‘más’; BOYD (1988: 356-408) sobre o papel da metáfora no desenvolvimento e articulação de teorias nas ciências e sua função de catácrese na introdução de terminologia anteriormente inexistente; KUHN (1988: 409-419) e PYLYSHYN (1988: 420-436) que comentam e desenvolvem as ideias de Boyd e apresentam novos pontos de vista em relação à metáfora na ciência; HOFFMAN (1985: 327-380) acerca da utilidade das metáforas para a ciência e a sua distinção das imagens, modelos e analogias; GINESTE (1987: 473-478) sobre o papel das metáforas e analogias na compreensão e memorização de informações científicas novas; HALSTED (1989: 85-100) sobre as sugestões de Pynchon acerca do papel da

respeita à metáfora, a linguagem científica e a linguagem poética se aproximam: "We need to use metaphor to say what we mean, since in the course both of literary composition and scientific theorising, we can conceive more than we can currently say". Alguns estudos (ex.: DANESI, 1989: 523) concluem mesmo que esta figura constitui, muitas vezes, a única maneira de verbalizar certos conceitos, de tal modo que, se o enunciador se limitasse a uma linguagem estritamente literal, a comunicação seria gravemente diminuída ou mesmo impossibilitada. Experiências mostram, por exemplo, que a utilização da linguagem metafórica é frequente quando o sujeito escreve sobre sentimentos intensos por não conseguir encontrar outro modo de os transmitir. Assim, a utilização deste modo de expressão, bem como a capacidade de construir metáforas novas, aumenta com a experiência de escrita do sujeito (WILLIAMS-WHITNEY et al., 1992). Em relação aos textos jornalísticos que estudámos neste trabalho, podemos afirmar com alguma segurança que os seus autores serão emissores com grande ou, no mínimo, razoável experiência de escrita, já que nela

---

metáfora na descoberta científica e da similaridade que liga os impulsos criativos da metáfora na ciência e na literatura; PAPIN (1992: 1253-1265) acerca da presença da linguagem metafórica numa ciência pura como é o caso da física; JEANNERET (1992: 99-113); LOFFLER-LAURIAN (1994: 72-79) sobre o recurso precioso à metáfora no texto de divulgação científica; e DAGHER (1995: 259-270), onde se examinam os processos pelos quais os professores humanizam a ciência através da utilização de analogias e metáforas. As próprias ciências da linguagem não dispensam a utilização de metáforas na sua metalinguagem. A este propósito, ver o artigo de Claudine Norman (1995) sobre a sua utilização no *Cours de Linguistique Générale* de F. Saussure, bem como o de Julie Andresen (1981) sobre as metáforas linguísticas no *Traité de la Formation Mécanique des Langues* de Charles de Brosses.

<sup>47</sup> Muitos são os estudos, que nos dispensaremos aqui de enumerar, sobre o tratamento da linguagem metafórica em diversos poetas, escritores, obras, épocas e movimentos literários. A própria Linguística Textual se tem interessado pela linguagem metafórica do texto literário (ver, por exemplo, os vários artigos publicados em periódicos como *Language and Style* e *Language and Literature*). Em trabalhos anteriores, também já focámos a utilização da metáfora em texto poético (PARKER & COIMBRA, 1990: 267-284); a problemática da metáfora na coesão lexical do texto poético (COIMBRA-E-SILVA, 1990); e seus desafios no ensino do mesmo (PARKER & COIMBRA, 1988: 416-434). Trabalhos recentes no domínio da linguagem metafórica do texto literário acentuam a importância da abordagem cognitiva (que apresentámos no capítulo 2.2.2) como um instrumento fundamental não só na descrição mas também na explicação deste tipo de uso linguístico: "What I would claim for this article as an analysis from the standpoint of cognitive metaphor is that this theory enables us not merely to describe, but to *explain* patterns (...). The analyses produced by a cognitive-metaphoric approach are, moreover, better grounded than



está centrada a sua actividade profissional diária.

Como vimos, ao longo das páginas onde apresentámos as 70 metáforas por nós identificadas no corpus, certos tópicos – como as actividades com objectivo, as qualidades boas e más, os conflitos, o desporto, as entidades organizadas, a política, os problemas, as realizações humanas e os relacionamentos – encontram, no título de notícia, a possibilidade de projecção metafórica a partir de domínios conceptuais diferentes, conforme as nuances de sentido que se pretendem acentuar ou as conotações que se pretendem sublinhar. Esta possibilidade vai colocar à disposição do redactor, não apenas a linguagem que literalmente se aplicaria ao tópico objecto da notícia, mas uma quantidade ilimitada de léxico que, conotativamente, pode ser chamado ao texto e nele introduzir significados, nuances, realces e pontos de vista subjacentes que seriam impossíveis de atingir sem a possibilidade de projecção entre domínios conceptuais distintos.

#### **b) A diversidade vocabular e a apelatividade dos domínios fonte**

As metáforas conceptuais que analisámos neste capítulo dividem entre si a maioria das projecções metafóricas que efectivamente ocorrem nos títulos de notícia estudados. As áreas vocabulares confluem, nos processos de transferência lexical, e o conteúdo semântico enriquece-se devido às conotações que as projecções arrastam consigo a partir do espaço de entrada fonte. A simultaneidade conceptual atingida no espaço amálgama segue um objectivo de condensação semântica no mínimo material lexical possível. O título torna-se rico de conteúdo e apelativo à sua própria descodificação, à descoberta dos

---

earlier purely critical work" (FREEMAN, 1993: 14). Shen (1995) apresenta uma interessante pesquisa na qual compara metáforas poéticas e metáforas não poéticas à luz da abordagem cognitiva.

significados escondidos. É assim que encontramos uma multiplicidade de domínios envolvida no percurso metafórico, quer no que respeita ao espaço de entrada fonte, quer ao domínio alvo.

Os domínios fonte fazem entrar, no texto, lexemas de áreas vocabulares estranhas e afastadas<sup>48</sup> do vocabulário esperado dado o tópico textual da notícia. No caso dos títulos de imprensa que constituem o corpus de trabalho desta pesquisa, podemos verificar, a partir da observação do gráfico 8 (página seguinte), que as diversas metáforas conceptuais não apresentam uma distribuição de frequências uniforme. No referido gráfico, podemos observar, no eixo das ordenadas, a identificação da metáfora conceptual de acordo com o número de ordem que lhe atribuímos neste capítulo. Assim, as metáforas vão do 1 ao 70, correspondendo às secções 4.2.1.1 a 4.2.1.70 deste capítulo. No eixo das abcissas, podemos verificar a quantidade de títulos que cada uma delas comporta.

Desde logo, se destacam as metáforas 9 (ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM) e 6 (ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É LUTA/GUERRA), abarcando cada uma delas, respectivamente, um total de 279 e 222 títulos do corpus. Por outras palavras, estas duas metáforas repartem entre si quase um quarto do corpus. A uma certa distância destas duas, encontramos a 41 (EXISTÊNCIA É VIDA) com 97 títulos e a 16 (BOM É LUZ/ MAU É ESCURIDÃO) com 67. As restantes variam entre 3 e 43 títulos por metáfora. Estas observações permitem-nos concluir que a linguagem do título noticioso tende, no que diz respeito às projecções metafóricas, a utilizar preferencialmente expressões e lexemas de domínios como os atrás referidos (luta/guerra, viagem, vida, luz/escuridão). Esta tendência implica, como consequência, que este tipo de linguagem não se torne tão variado como

---

<sup>48</sup> William Empson, a propósito de jogos de palavras poéticos, salienta este fenómeno da utilização de vocabulário inesperado em termos da consequente captação da atenção do leitor: “a word in a speech which falls outside the expected vocabulary will cause an uneasy stir in all but the soundest sleepers” (EMPSON, 1991: 4).

aconteceria caso pudéssemos encontrar um número de metáforas conceptuais mais elevado, cada uma abarcando uma pequena quantidade de títulos.

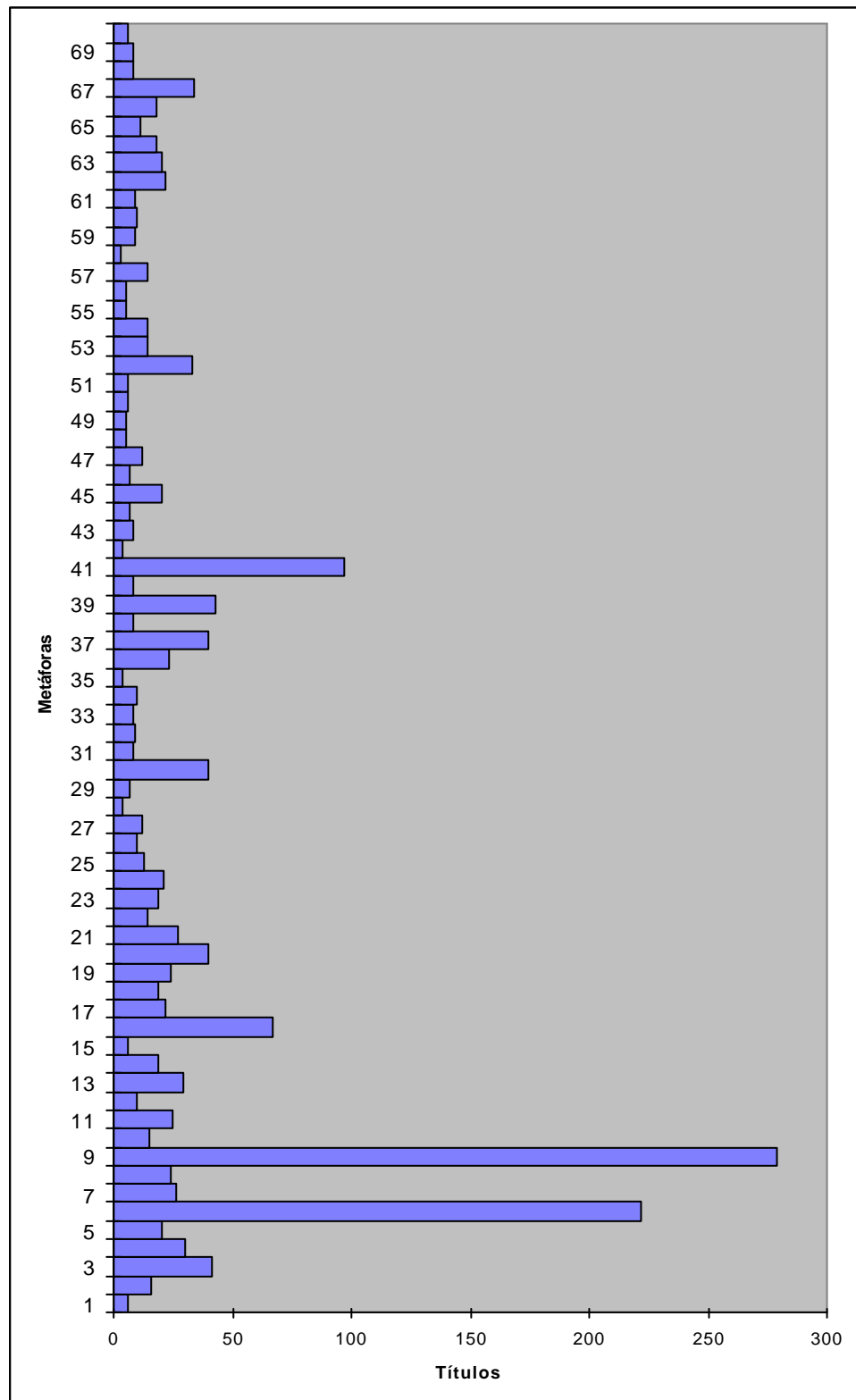


Gráfico 8 – Distribuição de frequências absolutas das metáforas conceptuais no corpus

### c) O fenómeno da coerência a nível do domínio fonte

Para além da diversidade vocabular encontrada a nível dos domínios fonte, verificámos, ainda, que um mesmo domínio fonte se poderá encontrar subdividido em variantes particulares de uma projecção mais abrangente. É disso exemplo a metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM, em que diferentes tipos de “viagem” constituem subtipos específicos da metáfora central e agrupam léxico relacionado com caminhadas, cavalgadas, voos, viagens de automóvel, de comboio, de barco, etc.. Lakoff e Johnson (1980: 44-45) fazem uma breve referência a este fenómeno e distinguem, na sua abordagem, o conceito de *consistência* e *coerência*<sup>49</sup> metafóricas. Assim, nestas projecções, apesar das expressões metafóricas não formarem uma única imagem e, por isso, não serem consistentes, elas “encaixam-se” em virtude de serem coerentes, isto é, de constituírem subcategorias de uma categoria mais abrangente e, conseqüentemente, partilharem implicações comuns. No exemplo da viagem, não há, pois, uma única imagem consistente em que todas as expressões metafóricas da viagem encaixem. O que torna este exemplo coerente é o facto de todas elas serem metáforas de viagem, embora especifiquem diferentes meios de transporte. Todas as ocorrências, no entanto, partilham a ideia geral de movimento, obstáculo, percurso e passagem e, deste modo, transportam noções familiares do campo da experiência pessoal de cada um para os mais diversos assuntos de índole jornalística<sup>50</sup>.

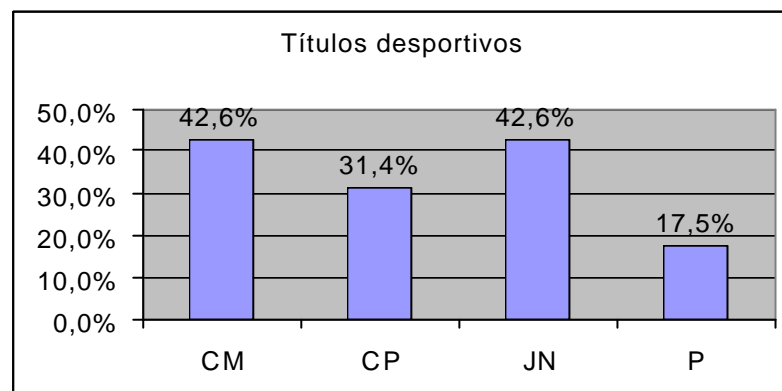
---

<sup>49</sup> O termo *coerência* entre expressões metafóricas ilustrativas de um mesmo percurso conceptual geral não tem, pois, a ver com o mesmo termo utilizado, entre outros, por Beaugrande e Dressler (1981) a propósito da coerência textual (cf. secção 2.2.2 atrás). Aqui, trata-se de uma relação entre expressões linguísticas que nem sequer pertencem ao mesmo texto.

<sup>50</sup> Richard Baush (1968: 179) já chamava a atenção para esta característica da linguagem do texto jornalístico: “[La métaphore] est une des caractéristiques essentielles de la langue spontanée et éphémère de la presse d’aujourd’hui. Son efficacité essentielle réside dans le fait que la transposition métaphorique de concepts de la vie quotidienne (comme p. ex. *le jeu, la circulation*, etc., qui concernent le lecteur directement) fait pénétrer les événements impersonnels et indirects de la politique, de l’économie, etc. dans un champ d’expérience pour lui plus direct et plus compréhensible”. No entanto, o leitor não está, em princípio, à espera de encontrar e saborear este tipo de linguagem no texto jornalístico. Segundo experiências de Steen (1994) (recensão em BIERMANN, 1997), os leitores dão significativamente mais atenção às metáforas dos textos literários que às do texto jornalístico e identificam-nas explicitamente com maior frequência. Este fenómeno pode ser potencialmente gerador de más interpretações da linguagem metafórica, principalmente em contextos reduzidos, como o da leitura do título só por si. Isto explica que, por vezes

**d) Desporto: o principal domínio alvo de linguagem metafórica nos títulos de notícia**

Tal como não se verifica uma homogeneidade na distribuição dos domínios fonte de linguagem metafórica nos títulos de notícia, o mesmo se observa a nível dos domínios alvo. Assim, verificamos que o domínio alvo preferencial deste tipo de linguagem é o domínio desportivo. Uma pesquisa pela base de dados das fichas dos títulos do corpus permitiu-nos constatar que, em média, 35,2% dos títulos do corpus pertencem às secções desportivas dos jornais. Em cada jornal, as percentagens variam de acordo com o exposto no gráfico 9:



**Gráfico 9** – Percentagens de títulos da secção desportiva (frequências relativas ao total de títulos de cada jornal no corpus)

Desde os 17,5% do Público aos 42,6% do Correio da Manhã e do Comércio do Porto, verificamos que os títulos destas secções abarcam uma fatia considerável no total de títulos metafóricos de cada jornal. Esta observação é tanto mais pertinente se pensarmos na

---

e ao contrário do texto poético, as expressões metafóricas surjam, em texto jornalístico, assinaladas por aspas ou itálico.

grande variedade de rubricas e secções em que um jornal se pode subdividir<sup>51</sup>. A título de exemplo, os jornais de 1 de Dezembro (uma Terça-feira), primeiro dia da recolha do corpus, apresentam as seguintes rubricas referenciadas em topo de página, excluindo, portanto, as respectivas secções e subsecções dentro da página:

Jornal	Rubricas	Total de páginas
CP	Caras, Casos e Acasos	1
	Nacional	4
	Educação	1
	Reportagem	1
	Porto/Metrópole	4
	Estrangeiro	4
	Regiões	5
	<b>Desporto</b>	<b>8</b>
	Economia	3
	Cotações [bolsa]	3
	Arte e Cultura	2
	Som e Tv	2
	Últimas	1
	Roteiro	4
	Sufrágios	1
	Motivações/Avisos/Editais	1
Passatempo	1	
CM	As suas páginas (neste número, num total de 72) não se encontram identificadas com nomes de rubricas.	
	As notícias desportivas constituem um suplemento à parte (neste número, com 12 páginas).	
Jornal	Rubricas	Total de páginas
JN	Política	2
	Opinião	1
	Nacional	3
	Grande Porto	2
	Grande Lisboa	1
	Internacional	4
	<b>Desporto</b>	<b>5</b>
	De Norte a Sul	4
	Diversos	1
	Necrologia	1
	Espectáculos	1
	Economia	2
	Cultura	1
	Ver & Ouvir	1
	Bloco	1
	Classificados	8
Vária	1	
Última Página	1	
P	Destaque	6
	Política	2
	Internacional	6
	Espaço público	2
	Sociedade	5
	Educação	2
	Ciências	1
	Cultura	3
	<b>Desporto</b>	<b>6</b>
	Economia	5
	Mosaico	1
	Rádio e Televisão	2
	Jogos	1
	Tempo	1
	Local	9
	Classificados	3

Quadro 17 – Nomes das rubricas dos jornais do corpus

<sup>51</sup> Sobre a distinção rubrica/secção, ver a nota 38 da página 186.

Da análise do quadro, concluímos que o peso das páginas desportivas dentro de cada jornal não corresponde ao peso que as metáforas desportivas apresentam no corpus, mas é bastante menor, o que salienta, ainda mais, a sua concentração de títulos metafóricos. De facto apenas 17,4% das páginas do CP, 16,7% do CM, 12,5% do JN e 10,9% do P do dia em questão se reportam a notícias desportivas, o que dá uma média de 14,6% (menos de metade dos 35,2% do peso desportivo no corpus).

Este grande peso, a nível da distribuição da linguagem metafórica que recai sobre a rubrica desportiva poder-se-á talvez explicar por três razões.

Em primeiro lugar, verificamos uma necessidade de diversificar a linguagem num tipo de notícia que é basicamente sempre o mesmo: X ganhou/perdeu/empatou com Y, X ganhou a competição/taça Z, etc.<sup>52</sup> Assim, vários domínios fonte fornecem um léxico variado que é introduzido nos títulos desportivos, contribuindo para a captação da atenção do leitor e evitando a monotonia da repetição sistemática dos mesmos vocábulos para os mesmos conceitos. Pelo contrário, os mais variados lexemas são projectados de domínios semânticos mais ou menos distantes do domínio desportivo, como sejam a guerra, a caça, os exames escolares, as viagens, os espectáculos, etc., e nele são introduzidos através do processo de transferência metafórica.

Em segundo lugar, cremos que não é alheia à grande diversidade metafórica desta rubrica o facto de que ela é procurada por aqueles leitores que, à partida, se interessarão pelos assuntos desportivos e que, conseqüentemente, se encontram mais ou menos bem informados sobre os mesmos. A criação, digamos assim, de um público especializado faz

---

<sup>52</sup> Ver, a este propósito, COIMBRA, 1996.

com que a linguagem possa atingir subtilezas que, tornando-a menos clara para o público leigo, criam uma cumplicidade conglutinante do público visado.

Em terceiro lugar, verificamos que a utilização de linguagem metafórica se deve, ainda, ao facto de ela poder condensar em menos palavras mais informação a ser transmitida. Por exemplo, os verbos “baquear”, “afundar-se”, “afogar-se”, etc., transmitindo a ideia da derrota de uma equipa desportiva, podem incluir, além do conceito de derrota propriamente dito, a ideia de que esta terá sido inesperada ou retumbante, o que não aconteceria caso se utilizasse, no título, simplesmente o verbo “perder”.

#### **e) O fenómeno da diversificação a nível do domínio alvo**

Verificámos também, durante a análise do nível léxico-semântico, que o mesmo domínio fonte de linguagem metafórica poder-se-á projectar em domínios alvo diversos. Por exemplo, a metáfora ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É LUTA apresenta variantes que se relacionam com o tipo de actividade com objectivo focada na notícia: competitividade económica, desporto, política, medicina, etc. Este fenómeno mostra que conceitos idênticos podem servir para metaforizar realidades diversas, mas suficientemente próximas para partilharem o mesmo domínio fonte de linguagem metafórica. Neste caso, as noções de esforço, competitividade ou conflito são compartilhadas pelos domínios alvo mencionados.



### Outras observações gerais sobre o nível léxico-semântico

Resta-nos acrescentar que uma minoria de títulos do corpus não foi referida neste capítulo. Trata-se de títulos que apresentam projecções muito variadas entre si, de tal modo que não permitem a formação de agrupamentos sob uma mesma designação geral. Estas projecções correspondem, por um lado, ao tipo de expressões metafóricas que Lakoff (1994: 229-231) designa por metáforas imagem, ou seja, um tipo de metáfora em que, ao contrário das que apresentámos no decorrer da secção 4.2.1, não projecta vários conceitos de um domínio fonte em vários conceitos correspondentes num domínio alvo, mas, pelo contrário, são metáforas de uma só projecção<sup>53</sup> como é o caso dos títulos:

- (57) Manta de vozes  
 (869) “Casca de noz”/ enfrenta o Atlântico  
 (1112) “Far west”/ desaparece [demolição de prefabricados de madeira]

Por outro lado, temos, nos títulos do corpus, exemplos em que uma determinada realidade noticiada é metaforizada em termos de uma outra que não se insere propriamente num domínio vocabular, tratando-se de um nome próprio, como acontece nos seguintes casos:

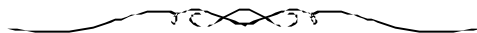
- (421) PROJECTO QUEIRÓS É IGUAL/ AO TRATADO DE MAASTRICHT!...  
 (776) NÃO SE FAZEM ‘EINSTEINS’/ SÓ COM LÁPIS E PAPEL  
 (1243) Gullit fez de... Van Basten [foi quem marcou o golo]

Nestes exemplos, o nome próprio adquire uma significação paralela à de um nome comum, tirando-se partido do suporte descritivo ligado ao primitivo referente da expressão<sup>54</sup>. Este

<sup>53</sup> Nas palavras de Lakoff: “Image metaphors, by contrast, are ‘one-shot’ metaphors: they map only one image into one other image” (1994: 229).

<sup>54</sup> Este fenómeno é descrito nos seguintes termos por John Lyons: “Estas descrições de identificação [ex: *Cícero foi o maior orador romano*] (...) fornecerão aos nomes o que Searle (1958; 1969: 162 seg.) chama um suporte descritivo, de tal modo que os nomes próprios em questão (embora não tenham sentido) estão “logicamente ligados às características dos objectos a que se referem”. O suporte descritivo de um nome próprio pode servir de base à utilização predicativa do nome em frases como ‘Ele não é nenhum Cícero’ (em que ‘Cícero’ simboliza eloquência).” (LYONS, 1980: 181). Em relação ao exemplo (776), temos ainda a particularidade de o nome próprio surgir no plural, o que vem de encontro à ideia de que não é utilizado como nome próprio: “Quanto aos nomes próprios [+SING], quando ocorrem no plural, não funcionam como nomes próprios, uma vez que passam a designar: (...) (iii) indivíduos, “coisas” ou estados de coisas com características semelhantes às do

tipo de projecção, pelo seu imediatismo, não chega a formar uma metáfora conceptual, que seja retomada em outras projecções, de outros elementos relacionados, de modo a desenvolver o tipo de fenómeno que estudámos neste capítulo. No entanto, o processo cognitivo que preside à sua génese é basicamente o mesmo, ou seja, a formação de um espaço amálgama onde dois domínios conceptuais se encontram e fundem. A diferença está em que, nestes casos, apenas um elemento de cada domínio é considerado.



---

objecto designado pelo nome em questão” (MATEUS et al., 1992: 56). Em todos os exemplos, se verifica que o nome próprio é utilizado metaforicamente, num processo que galga a fronteira entre nome próprio e nome comum: “Não menos frequente é o processo (...) pelo qual o nome próprio se transforma num substantivo comum. (...) Falando em termos gerais, enquadram-se em dois grupos. Algumas são ‘metafóricas’, baseadas em qualquer tipo de semelhança ou aspecto comum. É este o facto em jogo quando uma pessoa ou um lugar dão o seu nome a uma classe inteira de pessoas ou lugares semelhantes: Cícero para todos os guias tagarelas (...). O segundo grupo é ‘metonímico’, baseado em qualquer relação, que não de semelhança: a que há entre o inventor e a invenção, entre o produto e o lugar de origem, etc.” (ULLMAN, 1964: 161-162). Assim, os nomes de Maastricht, Einstein e Van Basten, nos exemplos do corpus atrás mencionados, não se encontram em função referencial mas, através da acção da linguagem metafórica, em função predicativa: “convém ter em mente que um nome [próprio] pode nem sequer ser utilizado como uma expressão referencial como em (...) O Luís é o *Aristóteles* da turma.” (FARIA et al., 1996: 351-352).

# ***NÍVEL FONOLÓGICO***

### 4.3. NÍVEL FONOLÓGICO: OS JOGOS SONOROS ENVOLVENDO LINGUAGEM METAFÓRICA

Tendo o nosso corpus de trabalho sido seleccionado com base na utilização de linguagem metafórica e não, à partida, baseado na procura de todo um manancial de recursos retóricos relacionados com a sonoridade das palavras, no decorrer da nossa análise, no entanto, constatámos que uma boa parte dos títulos por nós estudados (cerca de 17%) recorrem a esse tipo de estratégia, não devendo, por isso, ser ignorada.

Assim, depois de exaustivamente percorrida a nossa base de dados, encontrámos bastantes casos em que, à escolha da linguagem metafórica, não parece ter estado alheio o nível fonológico. Diversos padrões sonoros de aliteração, rima e jogos de palavras dão aos títulos com este tipo de linguagem um reforço do poder apelativo à sua leitura.

		CM	CP	JN	P	Total
Aliteração		11	6	14	10	41
Rima		4	2	12	0	18
Jogos de palavras	Homonímia	7	7	20	2	36
	Polissemia	44	48	122	25	239
	Paronímia	5	2	6	0	13
<b>Total</b>		71	65	174	37	347

**Quadro 18** – Distribuição dos diversos tipos de jogos sonoros por jornal

No quadro 18, podemos observar a distribuição destes efeitos sonoros pelos quatro jornais estudados. Desde logo se salienta o JN com mais de metade das ocorrências totais. No extremo oposto encontra-se o P. O CM e o CP apresentam um quantitativo aproximado.

Debruçar-nos-emos, nas secções seguintes, sobre cada um destes esquemas, ilustrando a nossa exposição com alguns títulos exemplificativos retirados do corpus em análise. Outros exemplos, do mesmo corpus, poderão ser localizados através do Apêndice 3 (pp. 551-552).

### 4.3.1. A ALITERAÇÃO

Uma parte dos títulos em que, ao recurso à linguagem metafórica, é adicionado o efeito retórico da aliteração<sup>1</sup> é constituída por exemplos de expressões cristalizadas cujo potencial metafórico é, de algum modo, revivificado pelo contexto jornalístico:

- (226) A ferro e fogo
- (279) ÍNDIA A FERRO E FOGO/ APÓS DESTRUIÇÃO DE MESQUITA
- (308) CHEQUES "CARECAS"/ SOMAM E SEGUEM
- (430) Senhor do Padrão soma e segue
- (1151) Aspirina soma e segue
- (1668) NO UNIVERSO DA SUCATA/ NÃO HÁ REI NEM ROQUE

Nestes exemplos, a expressão aliterativa é constituída por dois lexemas coordenados – ‘soma e segue’, ‘ferro e fogo’, ‘rei nem roque’–, apresentando o mesmo fonema<sup>2</sup> em posição inicial. Pela sua frequência de uso, não se revelam, no entanto, particularmente chamativos.

Mais interessante, do ponto de vista retórico, porque mais imaginativo, é o uso de uma expressão metafórica que vai confrontar-se, num esquema aliterativo, com um nome próprio:

- (332) REHN(A) 'REINOU'/ E ERIKSSON MARCOU
- (920) BENFICA A TRÊS "PASSOS" DO PORTO
- (924) BLAZERS "BANZADOS"
- (1271) ECLIPSE DOS SUNS/ A CINCO SEGUNDOS DO FIM
- (1432) BENFICA PASSOU/ EM PAÇOS/ DE FERREIRA

<sup>1</sup> Entendemos aqui aliteração no sentido em que a define Wolfgang Kayser: “Sob o nome de aliteração entende-se a identidade de som inicial de duas ou mais palavras” (1985: 100). Ver, ainda, SUHAMY, s.d.: 77-78.

<sup>2</sup> Para uma definição de fonema, ver, por exemplo, BARBOSA, 1994: 15.

(2044) Senhor do Padrão perdido no *Paraíso*

Assim, no (924), por exemplo, o termo metafórico “banzados”, atribuindo determinado estado de espírito aos jogadores, depois de terem sofrido a terceira derrota em casa, envolve-se com o nome próprio do clube num jogo sonoro em que a sequência das consoantes oclusiva bilabial sonora, fricativa pré-dorsodental sonora e fricativa palatal surda<sup>3</sup> é comum aos dois lexemas<sup>4</sup>. Tal coincidência sonora leva a crer que a expressão metafórica “banzados” terá sido escolhida não só devido ao seu significado mas também devido ao jogo sonoro resultante, o que não aconteceria com a expressão literal “derrotados” ou com outras expressões figuradas como “afundados”, “humilhados”, “rebaixados”, “eclipsados” e outras que temos encontrado nos títulos da secção desportiva para veicular a ideia de derrota.

Particularmente interessante é, também, o efeito aliterativo do exemplo (2044). Aqui, a consoante oclusiva bilabial surda é sucessivamente empregue em posição inicial em três lexemas, e não apenas dois, como é o caso de quase todos os exemplos encontrados no corpus. Mais uma vez, o nome de dois clubes desportivos – Senhor do Padrão e Paraíso da Foz – levam à escolha de um termo que, metaforicamente designando a derrota do primeiro, com eles entra num esquema sonoro de aliteração.

Pelos exemplos encontrados, não nos parece que a aliteração tenha, nos títulos de imprensa com linguagem metafórica, um papel de sugestão mimética de sons do mundo exterior, como vento a soprar, máquinas a trabalhar, etc., que podemos encontrar, por

---

<sup>3</sup> Seguimos, aqui, a classificação apresentada em MARTINS, 1992: 170-171.

<sup>4</sup> A semelhança sonora entre os dois lexemas leva-nos a situar este exemplo como estando muito perto de um caso de paronomásia. De facto, segundo Lausberg, “os limites entre a aliteração silábica e a paronomásia são pouco nítidos” (1967: 266).

exemplo, na linguagem de alguns poemas. Os fonemas aliterativos também não nos pareceram, nestes textos, portadores de simbolismos ou efeitos sinestésicos particulares<sup>5</sup>. Isto não significa, obviamente, que aliterações e assonâncias sejam irrelevantes, nestes textos, no que diz respeito ao seu nível semântico. Será bastante, aí, o facto de destacarem o pedaço de discurso em que ocorrem. Assim, o título, além do destaque gráfico, fica também diferenciado, do contexto, pela sua sonoridade, o que reforça o seu poder apelativo e, conseqüentemente, salienta a sua mensagem com os seus significados. As duas componentes do significante – gráfica e fonética – associam-se, deste modo, no poder persuasivo da linguagem do título.

#### 4.3.2. A RIMA

Igualmente baseados na identidade parcial da forma, encontramos títulos em que uma divisão bipartida é destacada pela presença de rima:

- (332) REHN(A) 'REINOU'/ E ERIKSSON MARCOU
- (1063) COLLOR "MORTO"/ ITAMAR "POSTO"
- (1581) PONTE DE LIMA CRESCE/ MAS NÃO "DESAPARECE"
- (1613) FÁTIMA EM ALVALADE/ A CONTAR COM 'MILAGRE'
- (1635) ALVES QUER A PASSAGEM/ PARA A OUTRA... 'MARGEM!'
- (1860) Leça sobe em flecha

Considerando como rima a identidade sonora entre sons finais a partir da vogal tónica (CUNHA & CINTRA, 1986: 691), verificamos, pelos exemplos, que esta nem sempre é perfeita. O título (1613), por exemplo, apresenta uma conformidade sonora apenas da

---

<sup>5</sup> Esse tipo de efeito é, propositadamente, procurado em certos textos poéticos (ver FÓNAGY, 1979).

realização das vogais a partir da tónica, neste caso, a tónica /a/ e a pós-tónica /ɐ/, tratando-se, portanto, de um caso de rima toante<sup>6</sup>.

Uma parte significativa destes títulos com rima parte da desconstrução de um automatismo linguístico, como “cresce e aparece” no exemplo (1581), ou de cruzamentos intertextuais, como no (1635) onde é nítida a alusão ao refrão de uma canção que, à partida, será conhecida do público do jornal, ou ainda, no (1063), a uma expressão popular: “Rei morto, rei posto”. Nestes casos, a expressão fixa, preexistente na comunidade linguística, transporta a mesma rima para o título de imprensa que com ela entra em dialogismo intertextual.

### 4.3.3. OS JOGOS DE PALAVRAS

Para os propósitos da presente análise, consideraremos o jogo de palavras como um confronto entre signos linguísticos devido às semelhanças na sua forma, situando-se, assim, na intersecção entre as figuras formais, isto é, fonéticas, e as semânticas (IAROVICI & AMEL, 1989: 445) e quebrando a correlação um-para-um entre forma e significado (NEWFIELD & LAFFORD, 1991:78). Segundo Pierre Guiraud (1980: 39), os jogos de palavras baseiam-se numa disfuncionalização da linguagem, na exploração de formas aberrantes ou acidentais recusadas na comunicação normal, tais como a ambiguidade, a confusão, o lapso, a cacofonia, etc.

No título de imprensa, a linguagem metafórica surge muitas vezes incluída em jogos de palavras envolvendo a presença simultânea de múltiplos sentidos. Estes podem ter origem

---

<sup>6</sup> Entendemos aqui rima toante no sentido em que a definem, por exemplo, CUNHA & CINTRA: “Se há conformidade apenas da vogal tónica ou das vogais a partir da tónica, a RIMA denomina-se TOANTE, ASSONANTE ou, simplesmente, ASSONÂNCIA” (1986: 691).



na homonímia, polissemia ou paronímia<sup>7</sup>, ou seja, na ambiguidade lexical, a qual se traduz na identidade ou semelhança sonora entre lexemas utilizados em sentidos diferentes. Experiências (cf. GORFEIN, 1989: 178)<sup>8</sup> mostram que os factores contextuais que afectam o processamento das expressões linguísticas ambíguas limitam os significados realmente processados. No entanto, no caso dos títulos de imprensa, quando a sua leitura não é seguida da leitura da respectiva notícia, estes factores ficam drasticamente reduzidos. Nesta ausência, o primeiro significado seleccionado para a expressão ambígua influenciará certamente o processamento dos outros sentidos possíveis. A esta influência, os semanticistas chamam “efeito de prioridade” (GORFEIN, 1989: 178). A presença de diversos sentidos na mesma frase constitui, em relação à descodificação do título, um processo linguístico de captação da atenção do leitor<sup>9</sup>, apelando à sua cumplicidade no processamento do material textual. Daí que os diversos sentidos sejam, nestes títulos, evocados simultaneamente, ao contrário do uso normal em que a presença de apenas um deles seria desejada.

Nas três secções seguintes, exemplificaremos os três fenómenos que fazem corresponder ao mesmo ou a semelhante material fonémico uma multiplicidade de sentidos.

---

<sup>7</sup> Iarovici e Amel (1989: 445-448) estudam alguns casos de títulos de imprensa em língua inglesa em que jogos de palavras são construídos com base nestes tipos de ambiguidade lexical e apresentam-nos como casos de estratégias de cooperação tipo jogo, devido à cumplicidade participativa entre autor e leitor.

<sup>8</sup> Ver também a recensão de ATTARDO, 1991: 177-178.

<sup>9</sup> Na construção do jogo de palavras, o autor não poderá esquecer o impacto que provocará no leitor. Rodrigues Lapa diz, mesmo, a propósito do trocadilho: “o consideramos um dos fenómenos mais curiosos da língua escrita, um forte despertador do sentimento verbal, que atinge por vezes nas mãos do escritor uma graça diabólica” (1984: 64-65). No entanto, por vezes, certos limites de bom gosto são ultrapassados no que diz respeito aos títulos de imprensa e, principalmente, ao slogan publicitário, tal é a ânsia de captar a atenção do potencial leitor. Dominic Mills alerta-nos para este perigo: “There is nothing objectionable about puns in newspaper headlines. A good one is a joy to behold. Up until now, puns fell into one of 2 categories. Either they were bad, or they did not make any sense. Now they are both. Puns have become de rigueur and the subs who write them are so in thrall to the joy of the pun itself that they forget what the purpose of the headline is, which is to communicate and sell the story to the reader. The advertising community, on the whole, seems to have some kind of immunity from this creeping infection” (1997).

### 4.3.3.1. JOGOS DE PALAVRAS BASEADOS NA HOMONÍMIA E HOMOFONIA

A homonímia é um fenómeno de ambiguidade lexical em que vários itens lexicais diferentes apresentam uma coincidência a nível do significante. Esta coincidência pode ser total – homonímia propriamente dita – ou parcial, seja apenas a nível gráfico – homografia – ou a nível fonético – homofonia (LYONS, 1977: 550-569; PALMER, 1979: 79-86; KEMPSON, 1986: 79-83). Esta coincidência formal é, por vezes, aproveitada pelos redactores dos títulos de imprensa na construção de jogos de palavras. Assim, incluímos, nesta secção, os títulos que, devido à presença de um termo para o qual existe um homónimo na língua, o utilizam de tal modo que o leitor é levado a evocar o sentido desse homónimo, resultando numa dupla leitura<sup>10</sup>. São exemplos disto mesmo os títulos:

- (191) Um «jardim» de cimeira
- (655) O “ARARA” FOI MESMO... ARARA/ -“BOMBAY” COM RUMO NO “BCP”
- (741) XUTOS DERAM PONTAPÉ/ NA SOLIDÃO DE MUITOS
- (1389) Beleza/ doutorou-se/ ‘em beleza’
- (1653) LEIXÕES: UM “MAR” DE ELEIÇÕES/ PARA ASSEMBLEIA GERAL DE HOJE
- (1861) Jorge na *Bica* do êxito

O jogo de palavras com base na homonímia que encontramos nestes títulos é, na sua grande maioria, de tipo onomástico, isto é, baseia-se no confronto entre um nome próprio e um nome comum homónimo. A única excepção, o título

- (641) O “xeque” veio do banco...

será referida mais adiante (pp. 355-356). Os jogos de palavras onomásticos subvertem o sistema, no qual os nomes próprios são não motivados (GUIRAUD, 1980: 41).

Os títulos transcritos acima, e outros que poderão ser localizados através do Apêndice 3, constituem um desafio ao leitor na medida em que lhe propõem um enigma a decifrar. Esse enigma consiste na descoberta do nome próprio “escondido”, digamos assim, debaixo de expressões que são, no título, usadas em sentido metafórico. Vejamos cada um destes exemplos:

<sup>10</sup> No capítulo 2.1.2., vimos as principais características destas duplas leituras, fenómeno designado por meta-metáfora por Grésillon (1988:15).

(191) Um «jardim» de cimeira

(1653) LEIXÕES: UM “MAR” DE ELEIÇÕES/ PARA ASSEMBLEIA GERAL DE HOJE

O exemplo (191) é o título de uma notícia sobre uma reunião plenária luso-espanhola, no Funchal, durante a qual “Alberto João Jardim ofereceu almoço, passeio e lembranças” aos participantes. Este aspecto agradável da cimeira é, metaforicamente, referido no título pelo nome “jardim” utilizado como nome comum. A sua escolha foi, obviamente, motivada pela presença, na notícia, de “Jardim”, substantivo próprio e seu homónimo<sup>11</sup>. Um processo idêntico encontramos no exemplo (1653), em que a expressão metafórica “um mar de” entra em jogo de palavras com o nome do estádio do Leixões: Estádio do Mar.

(741) XUTOS DERAM PONTAPÉ/ NA SOLIDÃO DE MUITOS

(1861) Jorge na *Bica* do êxito

Estes exemplos utilizam um jogo de palavras, também de tipo onomástico mas um pouco mais elaborado, em que o nome próprio não se encontra “escondido” mas parcialmente presente no título. Assim, o nome próprio no qual o jogo de palavras se baseia é desmembrado em duas partes: uma parte surge como nome próprio, na sua função referencial; a outra parte está ausente e, no título, surge um seu homónimo integrando uma expressão metafórica. Assim, no (741), o grupo musical Xutos e Pontapés é apenas referido pelo nome Xutos e o outro substantivo, estando ausente, determina o jogo de palavras com a expressão metafórica “deram pontapé”. Do mesmo modo, no exemplo (1861), o nome do jogador Jorge Bica é reduzido a Jorge e “na Bica de” entra em jogo de palavras com o segundo substantivo.

(655) O “ARARA” FOI MESMO... ARARA/ -“BOMBAY” COM RUMO NO “BCP”

(1389) Beleza/ doutorou-se/ ‘em beleza’

Os exemplos (655) e (1389), por sua vez, têm em comum o facto de os dois termos em confronto – o nome próprio e a expressão metafórica que com ele entra em jogo de palavras – se encontrarem simultaneamente presentes no título. No primeiro caso, isso verifica-se no confronto de “Arara” enquanto nome próprio de um barco à vela e a expressão metafórica “ser arara”, classificando a sua derrota. No (1389), o mesmo se verifica, desta vez com o nome “Beleza” que, enquanto substantivo próprio, refere Teresa Beleza, e a expressão “em beleza” classificando o seu êxito.

Os três parágrafos anteriores ilustram os três processos que encontramos, no corpus, através dos quais um jogo de palavras onomástico é construído nos títulos de imprensa

<sup>11</sup> Talvez se possa, também, considerar, aqui, simultaneamente, um dialogismo intertextual com a conhecida expressão “A Madeira é um jardim”. No entanto, não há nada na notícia que confirme esta ligação.

com linguagem metafórica. A análise destes resultados leva-nos a concluir que existem três tipos destas construções:

Tipo I – o nome próprio não se encontra presente no título, mas apenas a expressão metafórica homónima que, com ele, entra em jogo de palavras.

Tipo II – o nome próprio é desmembrado e uma parte é utilizada como nome próprio; a outra, estando ausente nesse papel, motivará o jogo de palavras com a expressão metafórica presente.

Tipo III – tanto o nome próprio como a expressão metafórica homónima estão presentes no título, onde entram em jogo de palavras num confronto explícito.

Estes três tipos de jogos de palavras onomásticos não encontram o mesmo número de ocorrências, sendo o Tipo I o mais numeroso, tendência essa particularmente acentuada no JN, como podemos verificar no Quadro 19:

Jogos de palavras onomásticos	CM	CP	JN	P	Total
Tipo I	3	5	15	2	25
Tipo II	2	1	2	0	5
Tipo III	2	0	3	0	5
<b>Total</b>	7	6	20	2	35

**Quadro 19** – Tipos de jogos de palavras onomásticos por jornal

No corpus, o único exemplo de título com jogo de palavras baseado na homonímia que não é de tipo onomástico é, como já foi referido atrás, o (641):

(641) O “xeque” veio do banco...

Neste exemplo, o leitor do título é levado, através da ambiguidade da palavra “banco”<sup>12</sup> e do uso das reticências, indicadoras de um enigma semântico, a evocar o homófono “cheque”. O jogo entre os nomes comuns xeque/cheque parece, por essas razões, ter sido intencional. A ambiguidade é resolvida no texto:

O Boavista passa, então, no espaço de 10 min., de vencido para vencedor, com dois tentos apontados pelos jogadores saídos do banco.

Entre os jogos de palavras onomásticos, também encontramos uma parte em que a homonímia não é total, ou seja, trata-se apenas de homofonia, em que a identidade formal se limita ao nível fonológico, não sendo acompanhada pelo nível grafémico. São disso exemplo:

- (812) DOIS PASSOS EM FALSO
- (920) BENFICA A TRÊS “PASSOS” DO PORTO
- (1079) HONDA/ NA ONDA/ DA/ ‘INDYCAR’
- (1442) PASSOS E “BENTOS” FAVORÁVEIS...

O título (812) apresenta um enigma em que o nome “escondido” é o do clube Paços de Ferreira o qual, tendo perdido por 2-0 face ao Farense, vê esses golos referidos metaforicamente, no título da notícia, como passos em falso. Os títulos (920) e (1442) jogam, igualmente, com a homofonia da palavras “passos” em relação ao nome do clube Paços de Ferreira; o (1079) faz o mesmo entre a expressão “na onda” e a marca Honda.

Não encontramos, no corpus em análise, nenhum exemplo de jogo de palavras baseado numa associação por homografia, caso de homonímia em que a identidade formal, ao contrário dos exemplos que acabámos de referir, se situaria no nível grafémico e não no

---

<sup>12</sup> Esta palavra, podendo significar instituição bancária, tem, na gíria do futebol, um significado específico: “Termo usado metonimicamente (...) Significa todos os jogadores reservas que ficam sentados no banco e constam da súmula oficial do jogo ou aptos a jogar” (FEIJÓ, 1994: 78).

fonológico. No entanto, não vemos, à partida, nenhuma razão para que esse tipo de confronto não possa, eventualmente, ocorrer neste tipo de texto.

Verificamos que, em todos os exemplos referentes a esta secção, se encontra a mesma estratégia de, através da homonímia, se amplificar o alcance semântico do título. Este, ao concentrar vários significados num mesmo material formal, faz sobrepor, ao sentido de uma primeira leitura, o sentido de uma segunda que, com ela, forma um todo indissociável.

#### 4.3.3.2. JOGOS DE PALAVRAS BASEADOS NA POLISSEMIA

À semelhança da homonímia, também na polissemia encontramos a ambiguidade resultante da correspondência de vários significados a um mesmo significante, com a diferença de que, neste caso, se trata de um único lexema e os significados se encontram relacionados entre si. Sendo uma questão de grau, a distinção homonímia/polissemia não é nítida<sup>13</sup>. Considera-se, de um modo geral, que estamos perante um caso de polissemia quando é um único item lexical, com uma única entrada no dicionário (dicionário teórico) o detentor de vários sentidos que, embora diferentes, se encontram relacionados entre si. Ao contrário, na homonímia tratar-se-ia de pura coincidência formal, em determinada língua, entre itens lexicais diferentes, com sentidos não obviamente relacionados. Sobre este problema, a Semântica Cognitiva, também chamada Semântica do Protótipo, tomou o conceito wittgensteiniano de “parecença de família” (*family resemblance*) para explicar a

---

<sup>13</sup> Têm sido propostos alguns critérios para distinguir polissemia de homonímia (ver, por exemplo, em PICOCHÉ, 1995, os critérios da distribuição, da derivação e da substituição por sinónimos), mas, na prática, o problema é muito complexo, como se prova pelas diferentes abordagens nas entradas de dicionário (PICOCHÉ, 1995). Sobre a unidade da palavra polissémica, ver, ainda, HERVEY, 1971 e SILVA, 1993.

ligação entre os diversos significados de um termo polissêmico. Lakoff (1990) apresenta o interessante exemplo (a que alude no título da sua obra *Women, Fire and Dangerous Things*) da palavra *balan* (do Diyabal, língua aborígine australiana) que significa coisas tão díspares como as mulheres, o fogo e coisas perigosas (serpentes, escorpiões...). Lakoff considera que esta pluralidade não é arbitrária e demonstra que, no domínio da vivência experiencial e mítica da comunidade linguística em questão, cada uma daquelas entidades se encontra ligada a pelo menos uma das outras da mesma categoria, numa série de interligações partindo da entidade primária ou central que é a mulher. Assim, ao contrário dos defensores (ex: Picoche, 1995) da existência de um núcleo comum de significação partilhado por todos os significados, Lakoff defende a ideia de uma relação de “família”, em que cada um deles partilha pelo menos uma propriedade com um outro: AB-BC-CD-DE-etc. Todos os significados pertencerão, deste modo, a uma mesma categoria polissêmica, agrupados, não por algo em comum, mas a partir de associações e encadeamentos sucessivos sobre um significado básico, primeiro ou central que é o protótipo<sup>14</sup>.

O fenómeno da polissemia é importante para o presente estudo, na medida em que uma das formas mais conhecidas e utilizadas, nas línguas, para aumentar a polissemia das palavras é precisamente a extensão metafórica<sup>15</sup>, pela qual uma palavra pode adquirir

---

<sup>14</sup> Em certos casos, tem sido posta em causa a existência de um único significado central. Augusto Soares Silva (1993: 481) refere o exemplo de *deixar*: “No verbo *deixar*, distinguimos oito significados (não acepções), distribuídos por dois grupos: *deixar* “permitir” e *deixar* “separar-se de (um lugar, uma posse, um estado, uma função, etc.)”. Podemos considerá-los, a estes últimos, como sendo os dois significados fundamentais de *deixar* (...). A noção do protótipo na definição semântica dos termos linguísticos tem também gerado algumas discussões (cf. WIERZBICKA, 1989: 736-739).

<sup>15</sup> Ver em SILVA, 1992 (seguindo a terminologia de R. Martin) a distinção entre *polissemia de acepções* (significados sincronicamente derivados por meio de qualquer relação metafórica, metonímica ou de implicação) e *polissemia de significados* (significados relacionados sem que se possa observar qualquer destas relações).

permanentemente um ou mais sentidos figurados sem perder o seu significado original (ULLMAN, 1964: 336-339). Tal como vimos na secção anterior em relação à homonímia, o jogo de palavras baseado na polissemia das palavras opera através do confronto estabelecido entre esses diversos sentidos<sup>16</sup>.

Nestes jogos, temos a considerar, nos títulos de imprensa, três possibilidades combinatórias, pelo que nos foi dado observar na análise dos dados do corpus. Os títulos com jogos baseados na polissemia das palavras foram, aqui, estudados de acordo com essas três dicotomias que identificámos neste trabalho.

Em primeiro lugar, tendo em conta a existência de um sentido referencial ou próprio e de outro(s) sentido(s) interpretativo(s) ou figurado(s), verificámos, no corpus de dados, que o confronto do jogo de palavras se poderia estabelecer de duas maneiras diferentes.

Nos seguintes exemplos

- (223) Dois pontos ao charco
- (448) CHANG FOI ÁS/ CONTRA OS ASES/ DE IVANISEVIC
- (559) METEOROLOGISTAS/ -APROXIMA-SE/ A “TEMPESTADE”
- (658) MEL É NEGÓCIO DOCE/ PARA DOIS MIL PRODUTORES
- (1252) Pneus «carecas» na Camac
- (1985) ATROFIA NOS SERVIÇOS/ DE ORTOPEDIA INFANTIL

distinguimos os títulos (223), (448) e (1252) dos restantes, uma vez que só nestes exemplos há o confronto, no mesmo material formal, entre dois sentidos figurados da expressão. Os outros títulos confrontam o sentido próprio com um dos possíveis sentidos figurados da mesma expressão linguística. Exemplifiquemos, com base nos títulos escolhidos:

- (223) Dois pontos ao charco

O título (223) encabeça uma notícia sobre a derrota por 3-1 do Boavista face ao Guimarães, em futebol, perdendo, deste modo, a oportunidade de conseguir 2 pontos. O jogo terá decorrido num campo completamente molhado pela chuva abundante. De posse destes dados, fornecidos na notícia, fica óbvia, ao leitor, a resolução do enigma proposto no jogo de palavras. Ao mesmo tempo que, em sentido metafórico, remete para a ideia de

---

<sup>16</sup> Na exposição que se segue, as definições fornecidas em itálico foram todas transcritas do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado (1991). As expressões e frases entre aspas foram retiradas dos títulos do corpus e das notícias correspondentes.



desperdício e perda, a expressão “ao charco” refere-se ainda, hiperbolicamente, a esse excesso de água no solo.

(448) CHANG FOI ÁS/ CONTRA OS ASES/ DE IVANISEVIC

No caso do (448), o sentido primeiro de *marca correspondente a um só ponto, em cartas de baralho, dominó ou dados* não se encontra presente na palavra “ás”, sendo o confronto semântico estabelecido entre dois sentidos interpretativos. Em relação à primeira ocorrência, temos o sentido de *pessoa que se destaca numa classe, profissão ou desporto*. A segunda ocorrência significa o serviço, no ténis, de tal modo forte que o adversário nem chega a tocar na bola. Ou seja, no contexto da notícia, o primeiro emprego de “ás” refere-se ao destaque do jogador Chang no desporto ténis; o segundo emprego, de “ases”, remete para a habilidade de serviço do seu adversário, referido no título.

(559) METEOROLOGISTAS/ -APROXIMA-SE/ A “TEMPESTADE”

O exemplo (559) refere-se a uma notícia sobre o anúncio de uma greve por parte dos meteorologistas, cuja carreira não terá sido, como era sua pretensão, equiparada à carreira técnica. A expressão “tempestade”, pertencendo ao domínio conceptual da meteorologia, no seu sentido próprio de *violenta agitação atmosférica muitas vezes acompanhada de chuva, granizo, trovões e relâmpagos*, é, aqui, utilizada num sentido metafórico de *agitação, perturbação, desordem*. Ou seja, entra aqui em jogo o sentido próprio e um sentido figurado da mesma expressão linguística, embora apenas o segundo seja relevante no âmbito da informação noticiada.

(658) MEL É NEGÓCIO DOCE/ PARA DOIS MIL PRODUTORES

Do mesmo modo, no título (658) o leitor é levado a evocar dois sentidos da palavra “doce”, sendo um o sentido próprio de *temperado com açúcar* e outro, referindo a rentabilidade do negócio do mel, equivalente a *aprazível*, ou seja a sua conotação positiva.

(1252) Pneus «carecas» na Camac

No caso do título (1252), a empresa de pneus Camac é ironicamente atacada com a expressão “carecas” que, sendo amplamente utilizada para designar a falta de relevo, por desgaste, nos pneus, é aqui transportada para o sentido que o próprio texto explica: “não se trata de pneus carecas mas de falta de pagamento de retroactivos”. O eixo do jogo de palavras parte, assim, do significado de ausência – relevo/retroactivos – comum aos dois empregos da palavra. O sentido primeiro, de *calvo*, não está presente em nenhuma das leituras em jogo.

(1985) ATROFIA NOS SERVIÇOS/ DE ORTOPEDIA INFANTIL

Finalmente, no exemplo (1985), o lexema “atrofia”, fazendo lembrar, pela sua pertença ao mesmo domínio conceptual de “ortopedia”, o significado próprio de *suma magreza, definhamento do corpo ou de alguns membros por falta de nutrição*, estabelece um jogo entre esse mesmo significado e o sentido figurado pretendido de *instituição que definha ou não progride*. A notícia revela claramente este último ao referir, no lead, as “graves carências funcionais e organizativas”.

Ao jogarem com dois sentidos figurados da mesma expressão linguística, os títulos (223), (448) e (1252) são exceções, uma vez que a tendência, neste tipo de títulos, é a de confrontar o sentido próprio com um figurado conotado positivamente, como no (658), ou negativamente, como nos (559) e (1985).

Em segundo lugar, verificámos que o confronto entre os dois sentidos do lexema pode ser estabelecido *in praesentia* ou *in absentia*, ou seja, ao segundo sentido, pode corresponder, no título, uma segunda ocorrência; ou, pelo contrário, ser na mesma ocorrência linguística que os dois sentidos são evocados. Assim, nos exemplos

- (196) VIVEIROS DE MARISCO/ “DE LUTO” NA GALIZA
- (448) CHANG FOI ÁS/ CONTRA OS ASES/ DE IVANISEVIC
- (551) MAU TEMPO... PROFISSIONAL/ PARA OS METEOROLOGISTAS
- (623) Médicos ‘infectam’/ saúde da província
- (1391) OS SALDOS/ ENTRARAM/ EM SALDO...
- (1908) CORAÇÕES “EM LUTA”/ NO CORAÇÃO DA CIDADE

verificámos que, nos títulos (448), (1391) e (1908), os dois sentidos em jogo da expressão polissémica são concomitantes:

- (448) CHANG FOI ÁS/ CONTRA OS ASES/ DE IVANISEVIC

O título (448) confronta as expressões “ás”/“ases”, ambas presentes na superfície textual, nos sentidos que vimos acima.

- (1391) OS SALDOS/ ENTRARAM/ EM SALDO...

O (1391), ao confrontar “saldo”/“em saldo”, toma a primeira ocorrência no sentido próprio de *mercadorias que o comerciante vende por mais baixo preço*, e a segunda numa conotação negativa, referindo a quebra na procura por parte do consumidor, como se explica na chamada: “longe vão os tempos da febre consumista”.

- (1908) CORAÇÕES “EM LUTA”/ NO CORAÇÃO DA CIDADE

O (1908), por sua vez, referindo uma campanha de prevenção médica no centro de Lisboa, utiliza uma ocorrência do lexema “coração” no sentido de *órgão central, oco e musculoso [...] agente principal da circulação do sangue* e uma segunda ocorrência com o sentido figurado de *parte central*.

Nos outros três exemplos, e na grande maioria dos títulos no corpus, às duas acepções não correspondem duas ocorrências da expressão polissémica. Assim, um dos sentidos é simplesmente evocado sem que lhe corresponda uma ocorrência do lexema:

## (196) VIVEIROS DE MARISCO/ “DE LUTO” NA GALIZA

O exemplo (196) joga com dois significados da expressão “de luto”, juntando-os, simultaneamente, na mesma expressão linguística. Esta refere, por um lado, a cor escura da água dos viveiros poluídos por uma “maré negra” e, por outro, toda a conotação de *pesar ou de dor pela morte de alguém*, apontando, neste caso, para a morte dos seres vivos criados nos viveiros afectados.

## (551) MAU TEMPO... PROFISSIONAL/ PARA OS METEOROLOGISTAS

No título (551), à semelhança do que vimos atrás em relação ao (559), referente à mesma notícia, a expressão “mau tempo”, ao mesmo tempo que designa a perturbação na classe profissional dos meteorologistas, evidencia a sua ligação ao domínio fonte da linguagem metafórica.

## (623) Médicos ‘infectam’/ saúde da província

Do mesmo modo, no (623), o verbo “infectar”, caracterizando o prejuízo que decorre, para as populações do interior do país, da recusa, por parte dos médicos, em se fixarem nessas regiões, foi escolhido no domínio conceptual da medicina, sendo óbvio o jogo polissémico com o significado próprio da expressão: *contaminar de germes infecciosos*.

Ao contrário destes últimos casos, os exemplos em que as duas expressões surgem simultaneamente no mesmo título, como os exemplos (448), (1391) e (1908) que vimos acima, não tiram todo o partido da concisão de linguagem que as expressões polissémicas oferecem. Por outro lado, dão à frase uma certa sonoridade ao utilizar o mesmo material fonémico em dois sítios diferentes. Esta iteração próxima de sequências sonoras idênticas torna-se particularmente saliente, uma vez que estamos perante textos de reduzida dimensão – os títulos de imprensa.

Em terceiro lugar, verificámos que, nos títulos com jogos de palavras baseados na polissemia, os dois sentidos confrontados podem ser ambos relevantes e coerentes com o resto da notícia e, por isso mesmo, há a intenção comunicativa de os veicular aos dois; ou simplesmente um deles, geralmente o sentido próprio, não estabelece, na realidade, uma

relação de coerência com o que é noticiado no co-texto. Vejamos, através de exemplos concretos, estas duas situações:

- (165) CORUNHA:/ VIDA NEGRA/ SABE DEUS/ ATÉ/ QUANDO
- (294) Fernando Couto e Filipe muito frios
- (494) JARDINS DE INFÂNCIA/ TÊM ALGUNS “ESPINHOS”
- (721) MINISTÉRIO ENVENENA/ AS RELAÇÕES MÉDICO-DOENTE
- (1171) Regresso da ‘ponte’/ com menos/ dores de cabeça
- (1541) INDÚSTRIA VIDREIRA/ -ESTILHAÇOS À VISTA

Analisando cada um destes casos em particular, destacamos as seguintes observações:

- (165) CORUNHA:/ VIDA NEGRA/ SABE DEUS/ ATÉ/ QUANDO

O título (165) é um título de primeira página, acompanhado do subtítulo “Comandante do petroleiro está preso” e de uma fotografia em que se vê uma grande quantidade de fumo negro elevando-se das águas, por detrás dos prédios brancos em primeiro plano. O leitor desta manchete, antes de se deslocar à página interior, onde a notícia é desenvolvida, pode, à partida, descodificar a presença dos dois sentidos de “negra”: o sentido literal, significando *o mesmo que preto*, referindo o fumo negro e o crude derramado; e o sentido figurado de *sombrio, triste*, consequência da calamidade na vida dos habitantes da região. O lead da notícia prova que, de facto, os dois sentidos são coerentes com o contexto e os dois são intencionalmente veiculados: “No céu, deixava de se ver aquela fatídica coluna de fumo negro. Toda a negritude, a partir daí, tomou posse dos habitantes da Corunha, confrontados com as graves consequências do derrame, que se irão prolongar por um bom par de anos [...]”.

- (294) Fernando Couto e Filipe muito frios

Num jogo de palavras semelhante, o título (294) apresenta, igualmente, para a mesma expressão linguística, dois sentidos coerentes com o contexto. A notícia trata da chegada a Gotemburgo dos jogadores do Futebol Clube do Porto e da sua preparação para o jogo que aí disputará. Por um lado, temos o sentido metafórico de “frios” devido à *falta de entusiasmo* e de empenho demonstradas, no treino, por parte dos jogadores referidos, uma vez que, como se salienta no texto, “Rui Filipe fez apenas alguns exercícios físicos e, por isso, é a maior dúvida de Carlos Alberto Silva [...]. Fernando Couto [...] no treino pareceu ainda algo receoso”. Por outro lado, é também relevante, em relação ao texto, o significado literal de *que não tem o calor suficiente*, já que a notícia menciona “um frio muito intenso, com a temperatura a rondar os zero graus ao fim da tarde”.

- (494) JARDINS DE INFÂNCIA/ TÊM ALGUNS “ESPINHOS”

O exemplo (494), pelo contrário, não pretende, simultaneamente, veicular as duas acepções da palavra polissémica em questão: “espinhos”. Na realidade, se “espinho” é um lexema que, tomado no seu sentido próprio, pertenceria ao mesmo domínio conceptual de “jardim”, tomado, também, no seu sentido literal, na sua relação com flores, folhas, espinhos, etc., de facto, nenhum dos dois – nem “jardim” nem “espinhos” – é aqui tomado nessa acepção. Assim, se a metáfora dos espinhos para designar o facto de que “O ensino pré-escolar contém muito boas intenções [...] que ainda estão longe de se concretizar” é escolhida em função

desse jogo de palavras com as duas acepções literais dos lexemas em confronto no título, apenas a leitura metafórica é aqui pretendida e relevante no contexto. A notícia não se refere à existência de qualquer *prolongamento agudo e rígido num vegetal*. Esse significado é apenas evocado, pela sua relação, a nível do literal, com o lexema “jardim”, para qualificar negativamente as dificuldades que afectam o ensino pré-escolar oficial, como é explicitado no texto da notícia: “Os horários e as condições de trabalho dos jardins-de-infância oficiais, que na sua generalidade não fornecem refeições e encerram a meio da tarde[...]”.

(721) MINISTÉRIO ENVENENA/ AS RELAÇÕES MÉDICO-DOENTE

Do mesmo modo, no título (721), sobre a mesma notícia do (623) que vimos acima, o verbo “envenenar” está presente apenas no sentido metafórico, embora, em jogo de palavras polissémico, o sentido próprio, que se relaciona com o domínio da medicina, seja obviamente evocado. Assim, a notícia não refere nenhum caso de envenenamento, no sentido literal, mas o facto de que o bastonário da ordem dos médicos “acusa alguns responsáveis do Ministério da Saúde de procurarem transmitir a ideia de que existe um verdadeiro antagonismo entre os interesses dos médicos e os da população”.

(1171) Regresso da ‘ponte’/ com menos/ dores de cabeça

Já no (1171), dois sentidos do lexema “ponte” são intencionalmente veiculados no título e as duas leituras resultam coerentes com o contexto da notícia. Trata-se de um título de primeira página, acompanhado de uma fotografia onde se vê uma fila de carros. O primeiro sentido de ponte, *construção destinada a pôr em comunicação dois lugares separados por um curso de água ou por uma depressão de terreno* é confirmado, na página interior, na legenda de uma outra fotografia para essa mesma notícia: “A entrada de Lisboa pela Ponte 25 de Abril processou-se sem grandes complicações”. Ao mesmo tempo, as aspas fazem-nos alertar para a existência de um segundo sentido no lexema. Este sentido é também apresentado na página interior, desta vez no lead da notícia: “O regresso aos principais centros urbanos processou-se ontem, depois do fim de semana prolongado, sem grandes complicações”. Estas duas frases, retiradas respectivamente da legenda e do lead, mais não são que as duas paráfrases possíveis do título da primeira página, o qual, sendo ambíguo<sup>17</sup>, não põe, apesar disso, o problema da escolha entre uma de duas leituras possíveis: ele simplesmente abarca as duas simultaneamente. As duas são relevantes e coerentes com o contexto e as duas são intencionalmente transmitidas no jogo de palavras polissémico.

(1541) INDÚSTRIA VIDREIRA/ -ESTILHAÇOS À VISTA

O título (1541), por sua vez, encabeçando uma notícia sobre a crise económica na indústria vidreira, utiliza o lexema “estilhaços” que, pertencendo à área vocabular do vidro, não é aqui pretendido no seu sentido literal. Assim, ao contrário do exemplo anterior, neste apenas uma das leituras da expressão é relevante no contexto da notícia.

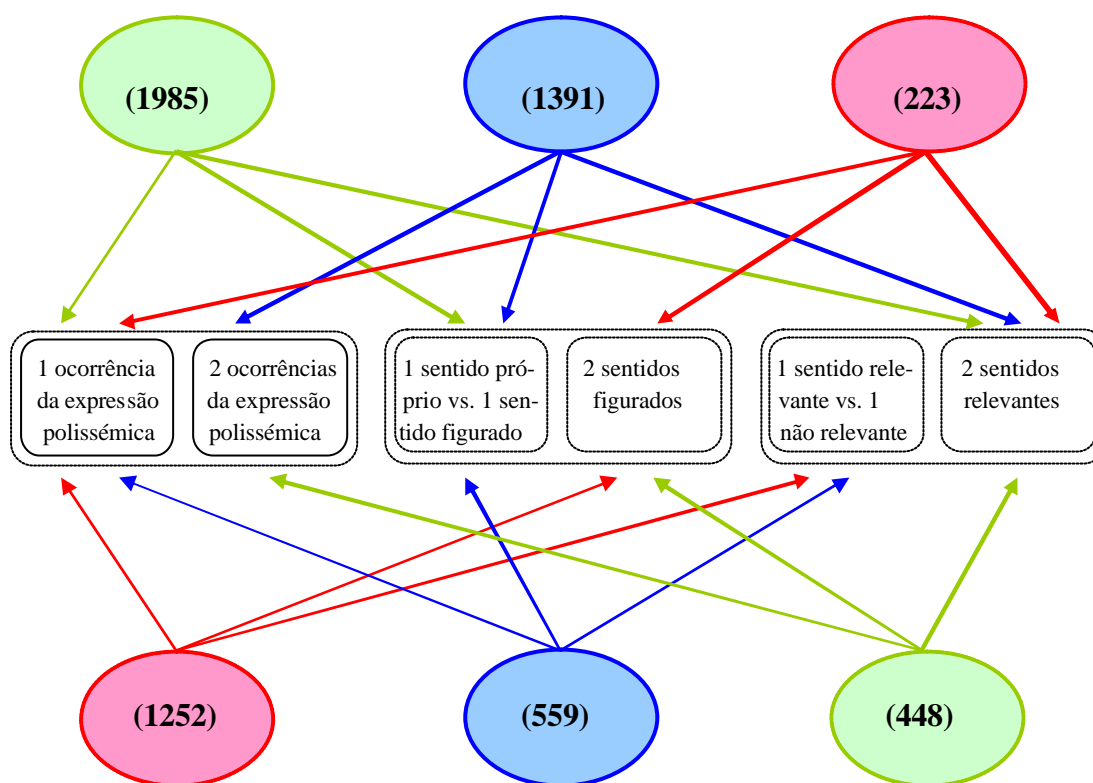
<sup>17</sup>É precisamente a possibilidade da construção de duas paráfrases da mesma frase que não são paráfrases entre si que prova a existência de ambiguidade a nível da frase e não apenas a nível do lexema: “A sentence is ambiguous if it has two (or more) paraphrases which are not themselves paraphrases of each other” (HURFORD & HEASLEY, 1985: 121).

Do ponto de vista da estratégia do título, os exemplos como o (165), o (294) e o (1171), em que dois sentidos diferentes são ambos coerentes com o contexto e pragmaticamente relevantes, tornam-se semanticamente mais ricos e produtivos do que aqueles em que apenas um dos sentidos é coerente com o co-texto, como vimos nos exemplos (494), (721) e (1541). É assim que, nos primeiros casos, a mesma frase concentra dois aspectos diferentes e simultaneamente apresentados na notícia correspondente<sup>18</sup>. Deste modo, aproximam-se do ideal do título de imprensa ao concentrar no mínimo material formal – e, conseqüentemente, no mínimo espaço físico – o máximo de informação. Isso é possibilitado pelo emprego de expressões que permitem uma pluralidade de leituras, incluindo leituras metafóricas, decorrentes da ambigüidade da frase.

As três dicotomias que aqui propomos, e nas quais podemos posicionar os títulos com jogos de palavras polissêmicos, podem ser combinadas entre si, dando a cada título um determinado posicionamento linguístico-pragmático. No diagrama 29, apresentamos os seis posicionamentos possíveis deste tipo de título no que respeita aos aspectos mencionados.

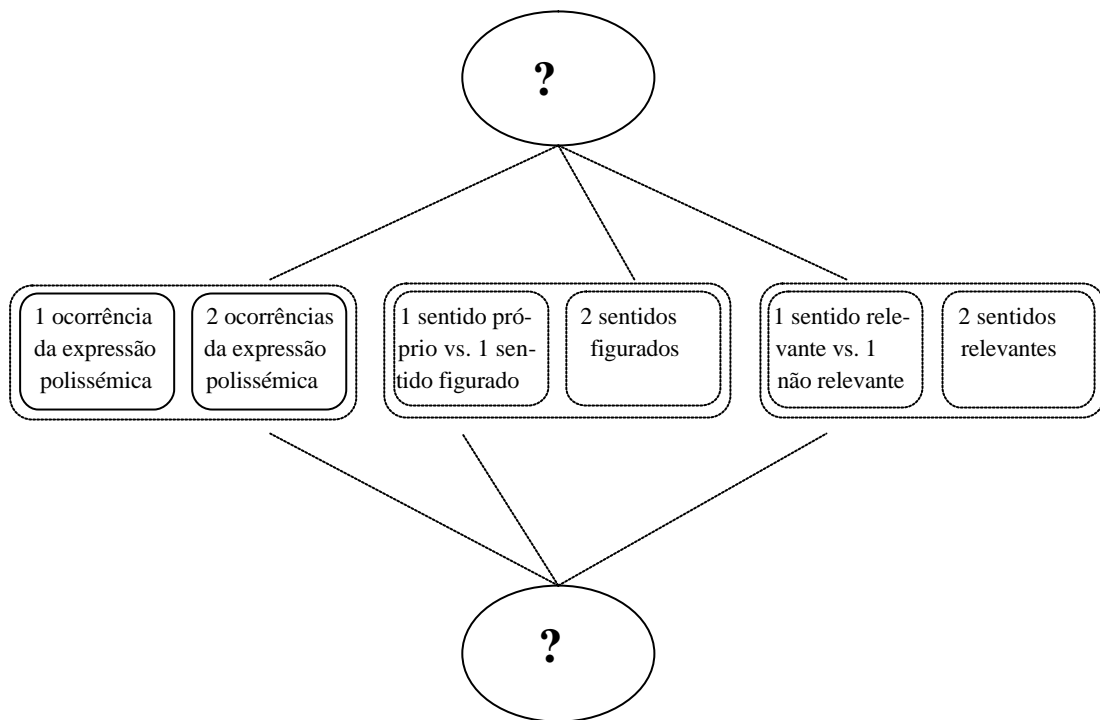
---

<sup>18</sup> Aquilo a que Barbarese (1986: 326) apontava como podendo constituir um perigo da utilização da linguagem metafórica – “attempting to describe one thing in terms of another risks describing neither, or both at once” – torna-se, neste caso, na sua maior virtude.



**Diagrama 29** – Características dos jogos de palavras polissêmicos nos títulos de notícia

Nos rectângulos centrais, encontramos as três dicotomias que acabámos de propor. Nas ovals, identificámos seis dos exemplos do corpus que acabámos de apresentar e que, através de segmentos de recta, se ligam ao membro que o caracteriza em cada um dos pares dicotómicos apresentados nos rectângulos. Apenas estas seis combinações são, de facto, exequíveis, embora, do ponto de vista matemático, duas outras combinações se possam considerar, uma vez que  $2^3 = 8$ . No entanto, as combinações apresentadas no diagrama 30 não seriam, na realidade, possíveis:



**Diagrama 30** – Ilustração das duas impossibilidades na combinação de características dos jogos de palavras polissêmicos nos títulos de notícia

A impossibilidade da ocorrência destas duas combinatórias decorre do facto de que a presença de duas ocorrências da mesma expressão linguística no título implicaria que ambas fossem relevantes e coerentes com o contexto, sob pena de transformar o título num não-texto por falta de um dos níveis de textualidade: o nível da coerência<sup>19</sup>. A presença, na superfície textual, de uma expressão não coerente daria origem a uma discrepância textual irreduzível, a que Pierre Force chama disfuncionamento: “le dysfonctionnement consiste en l’existence, dans un texte donné, de cohérences partielles qui ne peuvent sans contradiction s’additionner en une cohérence globale” (1991: 111). Este

<sup>19</sup>Beaugrande e Dressler (1981: 3-10) consideram o nível da coerência textual como um dos sete níveis de textualidade que tem de ser considerado numa ocorrência textual: “A text will be defined as a communicative occurrence which meets seven standards of textuality. If any of these standards is not considered to have been satisfied, the text will not be communicative”.



disfuncionamento distingue-se da aparente não coerência provocada pela presença da linguagem metafórica, já que, neste caso, o enigma acaba por ser resolvido e a expressão reintegrada na continuidade textual: “toute métaphore est une énigme, mais une énigme que la lecture résout immédiatement” (idem), o que não será possível no disfuncionamento.

#### 4.3.3.3. JOGOS DE PALAVRAS BASEADOS NA PARONÍMIA

Tal como no caso da homonímia e da polissemia, as relações paradigmáticas de paronímia, estabelecidas entre lexemas cujo material fonético, não sendo coincidente, apresenta uma grande proximidade<sup>20</sup>, prestam-se, igualmente, a jogos de palavras nos títulos de imprensa. Os exemplos que encontramos no corpus são os seguintes, quase todos da secção desportiva:

- (332) REHN(A) ‘REINOU’/ E ERIKSON MARCOU
- (230) Saber de sabor luso
- (787) ITÁLIA IA CAINDO/ NA VALETTA
- (1158) UNIÃO DESUNIU UNIÃO...
- (1228) ALPENDORADA TOMBOU/ EM CAÍDE DE REI
- (1293) Torre(s) dá xeque ao governo
- (1336) MANSELL RENASCE/ EM PHOENIX
- (1382) ‘El Matador’ matou mesmo
- (1442) PASSOS E “BENTOS” FAVORÁVEIS...
- (1453) FEDERAÇÃO E INATEL “DESAFINADOS”/ NO DES.. CONCERTO DAS FILARMÓNICAS
- (1723) QUANDO A TARDE É DE PRATA(S)/ O SILÊNCIO É DE... OIRO
- (1846) PORTUGUESES/ (IN)FELIZES/ COM REIS/ EM “XEQUE”
- (1872) ITÁLIA IA ‘CAINDO’/ EM LA VALETTA...

Diferentes estratégias são utilizadas na construção destes jogos de palavras com base nas relações de paronímia.

Uma primeira estratégia usada na construção destes jogos sonoros consiste na utilização de um termo de uma língua estrangeira estabelecendo com um termo português uma proximidade a nível da realização fonética.

---

<sup>20</sup> Tomamos, nesta secção, o conceito de paronímia tal como é definido e utilizado em IAROVICI & AMEL, 1989: 447-448.

(787) ITÁLIA IA CAINDO/ NA VALETTA

(1872) ITÁLIA IA ‘CAINDO’/ EM LA VALETTA...

É o que acontece nestes exemplos, ambos sobre a vitória da equipa italiana “por um tangencial 2-1”. O jogo é fundado na semelhança sonora entre o topónimo referente à cidade maltesa “La Valetta” e o substantivo comum português “valeta”, aqui tomado, obviamente, no sentido metafórico, juntamente com o verbo “cair”, cuja metaforicidade é, inclusivamente, no segundo caso, assinalada pelo emprego das aspas. O confronto fonético revela uma identidade total no que respeita as consoantes e uma identidade parcial em relação às vogais, distinguindo-se os pares apenas pela abertura das vogais, entre o italiano e uma leitura “aportuguesada”. Entre estes dois exemplos é, ainda, de salientar que o primeiro opera uma pequena transformação no topónimo, substituindo o determinante artigo definido pelo português, na contracção com a preposição, o que faz com que o jogo de palavras se torne mais evidente, dispensando, mesmo, as aspas no verbo.

(1336) MANSELL RENASCE/ EM PHOENIX

Do mesmo modo, o topónimo americano “Phoenix”, juntamente com o verbo “renascer” tomado metaforicamente em relação à estreia do antigo piloto de Fórmula I nos circuitos de Fórmula Indy, entra em jogo de palavras intertextual com o mito do renascimento da Fénix.

Nesta estratégia, tudo o que o termo estrangeiro tem de preencher é uma configuração sonora suficientemente próxima do termo português com o qual joga, de tal modo que o paralelo seja automático pela parte do leitor.

Uma segunda estratégia utilizada na construção de jogos de palavras baseados em relações de paronímia consiste na utilização próxima de palavras da mesma família, com uma proximidade sonora grande, já que a raiz se mantém e os mesmos fonemas, na mesma sequência, são, conseqüentemente, em parte comuns.

(1158) UNIÃO DESUNIU UNIÃO...

Assim, o título (1158) joga com a sonoridade do substantivo “União” e do verbo “desunir”, da mesma família de palavras, fazendo com que a sequência vogal labiovelar fechada, consoante alveolar sonora nasal e vogal pré-palatal fechada surja três vezes num título que apenas é constituído por três lexemas.

(1382) ‘El Matador’ matou mesmo

O (1382), além de utilizar a primeira estratégia de que falámos atrás em relação ao aproveitamento de um nome estrangeiro, neste caso a alcunha ‘El Matador’ do piloto espanhol Carlos Sainz, refere a sua vitória através do verbo “matar”, da mesma família, e, conseqüentemente, com uma proximidade sonora evidente.

(230) Saber de sabor luso

No caso do (230), o jogo é um pouco mais elaborado, já que a aproximação remonta à etimologia das palavras: o verbo “saber” do latim *sapere*, significando *ter gosto* e o nome “sabor” igualmente do latim *sapere* com o significado de *gosto* (MACHADO, 1995, V vol., pp. 130 e 131). No entanto, neste título, talvez o recurso mais saliente e intencionado por parte do autor tenha sido o da aliteração, como vimos atrás.

Esta é uma estratégia que causa impacto no leitor, dando origem a títulos facilmente fixados na memória, devido à proximidade de sequências sonoras idênticas.

Numa terceira estratégia, o título inclui uma alusão óbvia a um lexema não presente na superfície textual, mas facilmente evocado pela presença de um outro que com ele apresenta suficientes semelhanças a nível do significante.

(1228) ALPENDORADA TOMBOU/ EM CAÍDE DE REI

Deste modo, no título (1228), o topónimo “Caíde”<sup>21</sup> regista, com o nome *caída*, *designando o acto ou efeito de cair* (MORAIS, 1978; I vol., p.435), a coincidência dos quatro primeiros fonemas. A aproximação semântica é feita através do verbo “tombar”, classificando, metaforicamente, a derrota do clube de futebol referido no título.

(1442) PASSOS E “BENTOS” FAVORÁVEIS...

O título (1442) leva esta estratégia da evocação de um parónimo existente na língua um pouco mais longe, já que utiliza o morfema de plural e a modificação adjectival num nome próprio, “Bento”, numa alusão óbvia ao nome comum “ventos”, o qual, em conjugação com o adjectivo “favoráveis”, remete, metaforicamente, para situações em que influências positivas se fazem sentir. A paronímia “Bentos”/“ventos” é suficientemente evidente ao leitor, tanto mais que, em determinadas zonas de Portugal, é vulgar a substituição da fricativa labiodental sonora pela oclusiva bilabial sonora. O jogo é confirmado no lead da notícia: “Com passos por vezes desacertados e alguns ventos (ou Bentos...) favoráveis, o Benfica saiu de Paços de Ferreira com um triunfo apesar de tudo justo. O árbitro Bento Marques não viu um “penalty” quando a equipa de Toni ganhava por 1-0 e acabou por dar uma mãozinha na “passada” benfiquista”. O próprio público do jornal e potencial leitor da notícia se revê neste tipo de pronúncia.

<sup>21</sup> Caíde, segundo José Pedro Machado (1993, Vol. I, p.130) é um topónimo que regista, igualmente, a grafia *Caidi*, *Caydi* e, mesmo, registado em 1103, *Kaidi*, de provável origem germânica. No dicionário de Morais (1987, I vol. p.435), como substantivo comum, significa *chefe, entre os mouros*, e é um galicismo.

A utilização desta estratégia é um pouco mais subtil que a anterior, já que os dois parónimos em jogo não se encontram ambos presentes no título da notícia.

Em quarto lugar, encontrámos exemplos em que a alternância do par paronímico é feita através do uso de parênteses ou reticências, isolando afixos ou morfemas gramaticais de plural. Em qualquer dos casos, a palavra de partida e a palavra de chegada no jogo assim constituído são, a nível da realização fonética, suficientemente próximas para desencadear o efeito da paronomásia.

(1293) Torre(s) dá xeque ao governo

Assim, no título (1293), o nome do líder da UGT, Torres Couto, entra num jogo de palavras em que o seu conflito com o governo, ao anunciar uma greve de todos os sindicatos da Função Pública, é, metaforicamente, equiparado, no domínio do jogo de xadrez, ao xeque da torre ao rei. Os parênteses, isolando o grafema *s*, fazem visualizar a correspondência Torres/torre, significantes muito próximos.

(1723) QUANDO A TARDE É DE PRATA(S)/ O SILÊNCIO É DE... OIRO

Um jogo de palavras semelhante é encontrado no exemplo (1723). Aqui, parte-se do confronto entre o nome próprio do árbitro José Pratas, cuja actuação num encontro de futebol Porto/Benfica desagradou às duas equipas, e o nome comum *prata*, diferindo daquele apenas pela ausência da sibilante final. A expressão idiomática “silêncio de oiro” é aqui confrontada, em jogo de palavras, com o nome do árbitro e refere-se à sua recusa em dar explicações aos jornalistas. Os parênteses no último grafema do nome Pratas permitem visualizar o paradigma *prata/oiro*.

(1453) FEDERAÇÃO E INATEL “DESAFINADOS”/ NO DES.. CONCERTO DAS FILARMÓNICAS

Já o título (1453) parte do confronto entre dois lexemas “concerto”/“desconcerto”, o primeiro remetendo para o domínio da música, o segundo para o conflito referido na notícia. A alternância é, desta vez, assinalada graficamente pelas reticências.

(1846) PORTUGUESES/ (IN)FELIZES/ COM REIS/ EM “XEQUE”

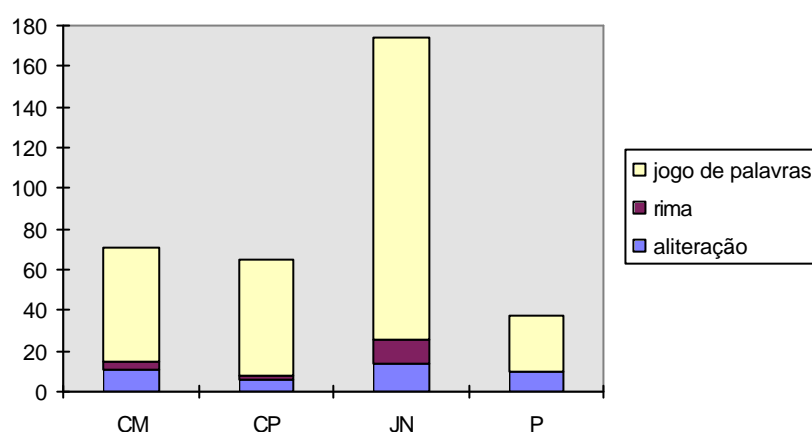
O título (1846) apresenta um processo semelhante, em que os nomes dos xadrezistas Paulo Felizes e Luís Reis foram objecto de dois jogos de palavras. No primeiro, a alternância “Felizes”/“infelizes” é assinalada pelo uso dos parênteses, dando, deste modo, origem à paronomásia. No segundo, a derrota dos dois jogadores (no contexto da jornada, em que foram os únicos portugueses derrotados) é referida pela expressão EM “XEQUE”, cujas aspas alertam para o seu sentido figurado, num jogo de palavras semelhante aos que vimos na secção 4.3.3.2..

Esta estratégia tem em comum com a segunda estratégia, mencionada atrás, o confronto entre palavras com a mesma raiz. No entanto, difere daquela, uma vez que não

se verifica a repetição próxima dessas mesmas sequências sonoras. A alternância é indicada graficamente através do uso de parênteses ou reticências. Exigem, portanto, uma maior cumplicidade da parte do leitor na identificação e descodificação da paronomásia.

#### 4.3.4. CONCLUSÕES PARCIAIS - NÍVEL FONOLÓGICO

No decurso da análise que acabámos de efectuar, verificámos a ocorrência de recursos retóricos que, actuando sobre a sonoridade das palavras, se vão aliar à linguagem metafórica presente nos títulos de notícia que nos serviram de corpus de análise. Agrupando estes efeitos estilísticos segundo as suas características formais, encontrámos a figura da aliteração, da rima e do jogo de palavras. Vimos, também, e podemos aqui visualizar no gráfico 10, que estas figuras não apresentam o mesmo peso, destacando-se claramente das outras a presença de jogos de palavra:



**Gráfico 10** – Distribuição dos diversos jogos sonoros por jornal (cf. distribuição de frequências no quadro 18)

Do estudo destes efeitos nos títulos em questão, temos a destacar as seguintes observações e conclusões:

**a) Jogos sonoros e sua interacção com a linguagem metafórica: a escolha do vocabulário, a condensação de sentidos, a reanimação da figura**

Aliteração, rima e jogos de palavras surgem, nos títulos estudados neste subcapítulo, em interacção com a linguagem metafórica que é o objecto de estudo desta pesquisa e que está, obviamente, presente em todos os exemplos. Com a abordagem do

nível fonológico pretendemos verificar até que ponto o lado material do signo linguístico desempenha um papel no título de imprensa metafórico. Tal como observámos, este não é um aspecto a descurar, já que cerca de 17% dos títulos do corpus envolvem algum tipo de jogo sonoro.

A observação desses exemplos levou-nos à conclusão de que o nível fonológico interage com a linguagem metafórica em três vertentes principais.

Em primeiro lugar, temos a própria escolha do vocabulário que irá constituir o texto titular. A característica apelativa da sonoridade das palavras, que é particularmente explorada em produções textuais nas quais se pretende captar a atenção do público, como acontece com o texto publicitário, é, também nestes títulos, detentora desse poder apelativo. Assim, a procura da sonoridade mais chamativa pode levar à opção por lexemas que, não pertencendo a um domínio conceptual congruente com as informações noticiadas, são, portanto, utilizados em sentido figurado, a fim de serem integrados na continuidade textual. Os lexemas metafóricos são escolhidos a fim de integrarem aliteraões (ex.: (924) BLAZERS “BANZADOS”), rimas (ex.: (1635) ALVES QUER A PASSAGEM/ PARA A OUTRA... MARGEM!) e jogos de palavras (ex.: (233) UM “PINTO” QUE QUIS SER “GALO”), que os correspondentes termos dos domínios alvo não integrariam.

Em segundo lugar, e mais importante sob o ponto de vista da transmissão de informação, encontramos, nestes jogos sonoros, a possibilidade de condensar vários significados nos mesmos significantes. Significados metafóricos e não metafóricos coexistem no mesmo material (ex., no (223): pinto = “pessoa que demonstra imaturidade” e Pinto =

“Carlos Pinto”), contribuindo para a formulação de uma mensagem mais curta mas, ao mesmo tempo, mais densa, rica e apelativa.

Em terceiro lugar, os jogos sonoros actuam frequentemente como um meio de reanimar expressões metafóricas que, de outro modo, não seriam já sentidas como tal, ou pelo menos, fazem aumentar o seu efeito retórico (ex. no (597) NEM TUDO SÃO ROSAS/ NA PRAÇA DAS FLORES, a presença de “flores” faz reavivar o sentido primeiro de “rosas”, evidenciando o jogo polissémico e realçando a expressão figurada).

### **b) Aliteração: jogos sonoros envolvendo nomes próprios**

Os exemplos apresentados nas páginas precedentes mostram-nos que os casos de aliteração mais interessantes, sob o ponto de vista do efeito retórico obtido, envolvem a presença de um nome próprio, normalmente de um jogador ou clube desportivo. Este facto confirma a tendência, já referida nas conclusões sobre o nível léxico-semântico, para que a manipulação lúdica da linguagem surja preferencialmente na rubrica desportiva do jornal.

### **c) Rima: proveniente, sobretudo, de cruzamentos intertextuais**

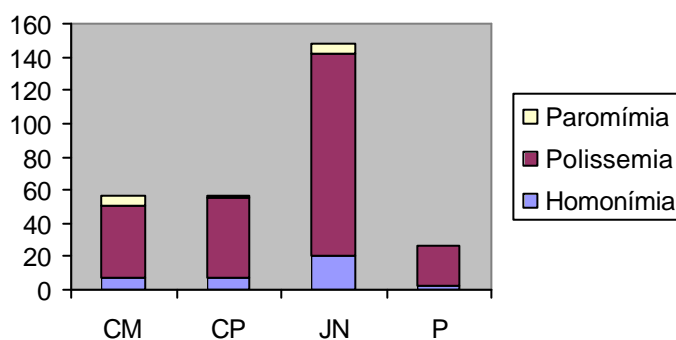
Como se pode observar pela leitura do gráfico 10, a rima é, de entre os jogos sonoros identificados no corpus, aquele que menos ocorrências apresenta. A destacar, temos a génese destas rimas nas relações intertextuais com fórmulas fixas na comunidade linguística, tais como provérbios e expressões idiomáticas.



#### d) Jogos de palavras: o confronto de sentidos na proximidade dos significantes

A análise dos jogos de palavras presentes no corpus levou-nos à observação de três tipos diferentes deste recurso linguístico. Assim, constatámos a presença de ambiguidade, quando o mesmo significante transmitia, no título, simultaneamente vários significados e identificámos os casos de jogos polissémicos e os jogos homonímicos. Sem a presença da ambiguidade mas jogando com as semelhanças formais entre significantes, encontrámos jogos paronímicos. O tipo mais frequente, como podemos constatar no gráfico 11, é o jogo polissémico:

**Gráfico 11** – Distribuição dos diversos jogos de palavras por jornal (cf. distribuição de frequências no quadro 18)



Os jogos de palavras baseados na homonímia e homofonia resultam da exploração da ambiguidade resultante da identidade formal entre duas palavras diferentes. Verificámos, pela análise dos exemplos do corpus, que a interacção entre linguagem metafórica e o jogo homonímico, nestes títulos, acontece uma vez que um dos lexemas em questão é utilizado em sentido metafórico. Geralmente trata-se de um nome próprio que tem um homónimo

metafórico. Observando a interacção entre estes dois lexemas, chegámos à conclusão de que podem existir três tipos diferentes de jogos onomásticos nestes títulos:

- Tipo I – nome próprio não presente como tal no título + presença de expressão metafórica homónima (ex.: (191) Um «jardim» de cimeira);
- Tipo II – nome próprio desmembrado e parcialmente presente + presença de expressão metafórica homónima da parte ausente (ex.: (1861) Jorge na *Bica* do êxito);
- Tipo III – presença do nome próprio + presença de expressão metafórica homónima (ex.: (1389) *Beleza*/ doutorou-se/ em ‘beleza’).

Em qualquer dos casos, se verifica o confronto de sentidos múltiplos dentro de formas linguísticas idênticas.

Os jogos polissémicos, sendo os mais frequentes dos jogos de palavras do corpus, operam já não entre palavras diferentes mas entre diferentes usos da mesma palavra, ou seja, variantes semânticas contextuais de um mesmo lexema. Tal como nos anteriores, o efeito retórico resulta do confronto entre significantes iguais para sentidos diferentes. Vimos, pelos exemplos citados, que estes títulos poderiam apresentar um de seis posicionamentos possíveis de acordo com três variáveis:

- I – presença de uma ocorrência da expressão polissémica (ex.: (196) VIVEIROS DE MARISCO/ “DE LUTO” NA GALIZA) vs. presença de duas ocorrências da expressão polissémica (ex.: (1391) OS SALDOS ENTRARAM/ EM SALDO...);
- II – um sentido próprio + um sentido figurado (ex.: (559) METEOROLOGISTAS/ -APROXIMA-SE/ A “TEMPESTADE”) vs. dois sentidos figurados (ex.: (1252) Pneus «carecas» na Camac);
- III – um sentido relevante + um sentido não relevante no contexto (ex.: (494) JARDINS DE INFÂNCIA/ TÊM ALGUNS “ESPINHOS”) vs. dois sentidos relevantes (ex.: (1171) Regresso da ‘ponte’/ com menos/ dores de cabeça).

Em comum, todas as realizações apresentam a possibilidade de uma pluralidade de sentidos transmitidos por um mesmo significante linguístico.

O jogo de palavras baseado na paronímia parte, não de uma identidade a nível formal, mas apenas de uma proximidade suficiente para estabelecer o confronto de sentidos. Da observação dos exemplos do corpus, chegámos à conclusão de que a presença da paronomásia se encaixa, basicamente, numa de quatro situações:

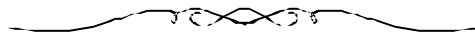
- I – proximidade fonética entre um termo estrangeiro e um português (ex.: (787) ITÁLIA IA CAINDO/ NA VALETTA);

- II – semelhanças sonoras entre palavras cognatas (ex.: (1158) UNIÃO DESUNIU UNIÃO...);
- III – evocação de um termo parónimo não presente no título (ex.: (1442) PASSOS E “BENTOS” FAVORÁVEIS...);
- IV – concentração de duas formas linguísticas numa só, isolando afixos ou morfemas de plural (ex.: (1293) Torre(s) dá cheque ao governo).

Qualquer uma destas estratégias se baseia em oposições fonéticas mínimas que exprimem uma pluralidade a nível semântico.

Resumindo, em todos os casos de jogos sonoros estudados neste subcapítulo – aliteração, rima e jogos de palavras –, é estabelecida uma relação, a nível do significante, entre expressões semanticamente diferentes. Esta relação de tipo paradigmático é, nos títulos que aqui estudámos, utilizada sintagmaticamente, uma vez que as expressões são confrontadas em contexto onde se joga com as suas semelhanças formais. As palavras metafóricas são, nestes casos, escolhidas não apenas pelo seu significado, mas também pela sua forma fonética, evocadora de outras relações de sentido e, conseqüentemente, de outros significados<sup>22</sup>.

No próximo subcapítulo, abordaremos novamente a problemática do significante, mas, desta vez, sob o ponto de vista visual, no seu nível gráfico.



---

<sup>22</sup> A escolha de determinada expressão metafórica tendo em conta o seu lado fonético não é exclusiva deste tipo de texto. Morinet (1987), a respeito da poesia surrealista francesa, considera que este é um nível de análise essencial e crítica, nos estudos de Riffaterre (1969), a sua omissão, uma vez que, como prova com a análise de um poema de Eluard, “le phonétique peut infléchir le choix d’un mot”.

# ***NÍVEL GRÁFICO***

#### 4.4. NÍVEL GRÁFICO: O DESTAQUE GRÁFICO DOS VEÍCULOS

##### METAFÓRICOS NOS TÍTULOS DE IMPRENSA

Os estudos no âmbito da análise do discurso e do texto escrito não podem ignorar a sua face visual<sup>1</sup>. O grafismo do título de imprensa é, indubitavelmente, uma das vertentes que mais atenção requer da parte do redactor e que determina, em grande medida, como já referimos, a captação da atenção do leitor para o mesmo e para o texto que o segue. Desde as variáveis tipográficas escolhidas em relação aos caracteres – tamanho, valor, forma, grão, orientação e cor (cf. PONOT, 1989) –, à ocorrência de pontuação (cf. GONÇALVES, 1993) – punctemas que limitam a frase gráfica (como o ponto de interrogação, de exclamação, suspensivos) e punctemas que figuram no interior da frase, quer separando os seus elementos (travessão, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos), quer permitindo a inclusão ou destaque de elementos na frase (aspas, parênteses, colchetes, travessão duplo) –, muitas são as possibilidades gráficas à disposição, aquando da composição do título de imprensa na página. Estes aspectos, pertencentes ao domínio ideográfico, já que não explicitam uma relação semelhante à que se verifica entre grafema e fonema, funcionam como um subsistema complementar (GONÇALVES, 1993: 226). São um fenómeno inerente ao texto escrito, no qual se engloba o título de imprensa, e

---

<sup>1</sup> Kress, Leite-García e Van Leeuwen num estudo intitulado ‘Discourse Semiotics’ (cf. recensão em BEX, 1998: 181) exploram a possibilidade de construção de uma “sintaxe visual” (1991: 259), considerando que a maioria dos textos escritos são multi-modais, não apenas por utilizarem artefactos visuais como parte integral do texto (ex. texto publicitário), mas também porque a sua mancha gráfica tem um impacto visual que tem sido quase completamente ignorado pela linguística tradicional. Assim, os autores argumentam que: “language exists only in its realizations; but from the moment when it is realized – whether in speech or in writing – it is *material*, substantial; and in this *substance* it is necessarily multi-modal” (1997: 258).

contribuem para a sua descodificação por parte do leitor<sup>2</sup>.


Em relação ao nível gráfico, interessa, no nosso trabalho, o tratamento dado aos veículos de linguagem metafórica nos títulos do corpus. Assim, procurámos, nos 2.060 títulos estudados, os recursos gráficos que, eventualmente, seriam usados para destacar a expressão metafórica do resto do título<sup>3</sup>.

#### 4.4.1. CARACTERES TIPOGRÁFICOS: O ITÁLICO

Não encontramos, em relação aos veículos metafóricos presentes nos títulos estudados, um destaque gráfico baseado nas variáveis tipográficas de **tamanho** (corpo), **valor** (grossura), **forma** (tipo, forma de textura), **grão** (fineza da textura) ou **cor** (na classificação de Bertin, cf. PONOT, 1989: 52). Nenhuma destas variáveis foi, no corpus, utilizada para distinguir um veículo metafórico dentro de um título.

Já a variável **orientação** foi utilizada em 48 títulos para destacar a expressão metafórica, como acontece nos seguintes exemplos<sup>4</sup> (para a identificação de todos os títulos em que o itálico é utilizado com este objectivo, consultar o Apêndice 4, pp. 553-556):

(162)



<sup>2</sup> Num estudo sobre a influência dos tipos e tamanhos de caracteres usados nos títulos de imprensa, Earl English (1994) chega à conclusão de que eles condicionam, em grande medida, a velocidade de leitura e “lisibilidade” (*readability*).

<sup>3</sup> Este destaque gráfico do veículo metafórico resulta no reforço do contraste semântico que a expressão linguística apresenta em relação ao contexto em que se insere. Nas palavras de Crystal (1993: 204): “Italic, boldface, capitalization, colour, and other graphic variations are major ways of expressing semantic contrasts (...)”.

<sup>4</sup> Por uma questão de espaço, alguns exemplos, quer neste subcapítulo, quer no próximo, apresentam uma redução em relação ao seu tamanho original.

(341)

**Mansell não faz *marcha-atrás***

(638)

**Queiroz na *corda bamba***

(910)

**Sporting *apagou-se* na Luz**

(1061)

**Freamunde *larga viveiros***

(1861)

**Jorge na *Bica do êxito***

Em todos estes exemplos, a expressão metafórica distingue-se graficamente das outras expressões do título, através da orientação dos caracteres. Assim, o itálico é utilizado, mantendo-se inalteráveis as restantes variáveis gráficas que referimos acima. Através do itálico, o redactor alerta o leitor para a interpretação não literal dos títulos. Este alerta assume particular relevância quando uma leitura literal seria possível, quer porque não constituiria um paradoxo, como no exemplo (638) em que seria possível (embora não provável) uma notícia sobre as experiências do treinador de futebol Carlos Queiroz na corda bamba, literalmente falando; quer porque o veículo metafórico é retirado do mesmo

domínio conceptual do teor, como acontece no título (341) em que se fala de automobilismo mas em que a “marcha-atrás” mencionada não é literal, referindo-se antes à não mudança de ideias por parte de Nigel Mansell, como é explicado no lead da notícia:

Nigel Mansell, o campeão do mundo de Fórmula I deste ano, confirmou [...] a sua intenção [...] de participar no campeonato de Fórmula Indy na próxima temporada./ [...] desmentiu, assim, notícias recentes que garantiam o seu regresso à Fórmula I.

Já nos casos em que o veículo metafórico se apresenta incongruente com o contexto, a presença do itálico não assume um papel tão determinante na identificação deste tipo de linguagem, tornando-se o seu uso, conseqüentemente, mais livre, até dentro do mesmo jornal. Assim, nos exemplos

(138) <i>Chicotada</i> no Imortal	CP
(1048) Paços de Ferreira/ à espera de chicotadas	P
(1268) CRÓNICA DE UMA CHICOTADA ANUNCIADA	JN
(1357) Chicotada? É mentira!	CP

verificamos que apenas o (138), do CP, utiliza o itálico assinalando o uso metafórico da palavra *chicotada* significando a mudança de treinador de uma equipa, enquanto que o mesmo lexema utilizado no mesmo sentido metafórico não surge em itálico nos outros três exemplos (nem mesmo no (1357) igualmente do CP).

Muito curioso é o facto de que todos os 48 títulos em que o itálico é usado para evidenciar a expressão figurada são títulos do CP, representando, no corpus, 10,9% dos títulos deste jornal e 2,3% do total dos títulos do corpus. Os outros três jornais – CM, JN e P – não registam um único exemplo deste fenómeno, como podemos observar no quadro 20:

	CM	CP	JN	P
Frequência absoluta	0	48	0	0
Frequência relativa ao total de títulos do jornal	0%	10,9%	0%	0%

**Quadro 20** – Utilização de itálico nos veículos metafóricos dos títulos por jornal

Esta disparidade de resultados leva-nos à conclusão de que o uso do itálico como um



recurso gráfico de destaque de expressões metafóricas não é uma característica generalizada nos títulos de imprensa mas, pelo contrário, depende de opções internas de cada jornal. Este tipo de uso é regulado por cada um, a fim de ser obtida uma consistência neste tipo de utilizações<sup>5</sup>.

#### 4.4.2. AS ASPAS

Mais frequente e generalizado é o uso das aspas, assinalando a presença de linguagem metafórica no título<sup>6</sup>, como nos seguintes casos (para a identificação de todos os títulos em que as aspas são utilizadas para este fim, consultar o Apêndice 4):

- (47) Muita 'parra' e pouca 'uva'
- (76) O "demónio" na República de Alá
- (101) «Morreu» o símbolo da resistência
- (1596) Cavaco "passa a bola" ao Parlamento
- (1746) Manchester United é 'rei' de Inglaterra
- (2047) Plástico «destrona» madeira

Em cerca de 33% do total de títulos analisados, encontrámos exemplos deste tipo de recurso gráfico. No quadro 21, podemos verificar a frequência com que cada jornal utiliza as aspas com esta finalidade:

	CM	CP	JN	P
Frequência absoluta	250	100	253	72
Frequência relativa ao total de títulos do jornal	47,3%	22,7%	37,2%	17,5%

**Quadro 21** – Utilização de aspas nos veículos metafóricos dos títulos por jornal

<sup>5</sup> Nas palavras de Waterhouse (1981: 5): “In most newspaper offices there is to be found a manual known as a style-book which lays down, for the sake of consistency, the paper's rules on the usage of words and punctuation”. Cada jornal definirá, assim, o seu próprio “HOUSE STYLE: Standardised spelling, style of punctuation, policy on capital letters etc., intended to be followed by everyone on the paper” (op. cit., pp. 7-8).

<sup>6</sup> Além de assinalarem a presença de linguagem metafórica, as aspas acentuam o facto de a metáfora ainda não estar morta: “Dès lors que l'écart n'est plus ressenti comme tel, dès lors que, de création individuelle, il devient d'un emploi courant, la langue se trouve modifiée dans sa structure sémantique. On dit alors des figures qu'elles sont *éteintes* (ce qui constitue justement un exemple de métaphore éteinte), leur «enterrement» se faisant dans le dictionnaire (noter le rôle des guillemets pour indiquer qu'une figure n'est pas tout à fait éteinte, procédé dont usent et abusent les journalistes)” (YAGUELLO, 1981: 168).

Considerando a totalidade do corpus, verificamos que 675 títulos recorrem às aspas para assinalar veículos metafóricos, o que representa um total de 32,8% de todos os títulos.

Trata-se, pois, de um recurso bastante frequente neste tipo de texto escrito.

As aspas surgem, nos títulos estudados, com diferentes desenhos gráficos:

(89)

**CAVACO  
E GONZÁLEZ  
"LIMPAM ARMAS"**



No Funchal,  
para atacarem  
na Escócia

(1241)

**Trabalho infantil  
é uma 'epidemia'**

(1426)

**Saddam «encolhe as garras»**

(68)

**PELES "VOAM" DE LOJA**

(1801)

## Arbitragem precisa de “um 25 de Abril”

Os dois primeiros exemplos, (89) e (1241), pertencentes ao CM, ilustram os dois tipos de desenho gráfico das aspas que são utilizadas neste jornal, alternando indistintamente entre si. O terceiro exemplo, (1426), ilustra o desenho gráfico das aspas que o CP utiliza exclusivamente. O JN usa sempre o desenho ilustrado no título (68); e o P, nos seus títulos, apenas utiliza o tipo de aspas exemplificado em (1801)<sup>7</sup>.

Independentemente do aspecto gráfico das aspas, a sua presença no título reveste-se de particular importância na descodificação do mesmo e, em certos casos, revela-se mesmo vital na opção de uma interpretação figurada da linguagem, tal como vimos anteriormente em relação ao itálico, principalmente para o leitor que se limita à leitura do título. É assim que no exemplo (101), que transcrevemos acima, o verbo *morrer* não é interpretado no seu sentido literal de falecer, chegar ao fim da vida. As aspas alertam o leitor para um outro significado e motivam a sua leitura do lead, onde este é explicitado:

As declarações de Xanana [...] representaram uma amarga derrota para a causa maubere.

Tal como acontece com o itálico, também este uso das aspas é, em grande medida, opcional, o que explica a ocorrência de versões destacadas e versões não

---

<sup>7</sup> O desenho gráfico das aspas obedece ao estilo pré-definido em cada jornal. No seu manual de estilo, o jornal *O Globo*, por exemplo, justifica a sua opção pelas aspas simples nos títulos: “no GLOBO, para ganhar espaço, usam-se aspas simples (‘e’) em títulos e subtítulos, mas não em legendas e [intra]títulos” (GARCIA, 1993: 39).

Em relação à utilização de aspas simples ou duplas e do seu desenho, parece haver, nas várias línguas, uma certa liberdade. Sobre o emprego de vários desenhos de aspas, afirma Baudin: “La typographie n’est pas affaire de conventions nationales. Toute police de labour est livrable avec des chevrons ou des virgules inversées. (...) Rien n’empêche d’adopter tel ou tel système selon le travail en cours. Le simple bon sens empêche de mêler deux systèmes dans un même travail” (1990: 118).

destacadas por aspas em relação a expressões linguísticas idênticas, como nos exemplos:

- (47) Muita 'parra' e pouca 'uva'  
 (816) MUITA PARRA E POUCA UVA

e a maior ou menor propensão para o uso deste recurso por parte de cada jornal<sup>8</sup>. É assim que, enquanto no CM quase metade (47,3%) dos títulos levantados utilizam as aspas nestas circunstâncias, o P fica-se nos 17,5%.

Aspas e itálico têm aqui um papel idêntico. No CP (único jornal, como vimos atrás, que utiliza o itálico nestes casos), os dois recursos, são muitas vezes, utilizados indiferenciadamente em metáforas idênticas:

- |   |    |
|---|----|
| (188) Não há <i>estrelas</i> no céu...      | CP |
| (1475) Há «Estrelas» no céu...              | CP |
| (1858) A «estrela» nos bastidores           | CP |
| (1605) Parada de <i>estrelas</i> no Estoril | CP |

Trata-se, portanto, de dois processos comutáveis entre si e opcionais neste tipo de texto, mas que, quando utilizados, alertam o leitor para uma interpretação não literal da expressão linguística.

#### 4.4.3. OS PARÊNTESES

Outro sinal de pontuação que pode surgir nos títulos para salientar a utilização de linguagem figurada são os parênteses. De uso bastante raro, encontramos apenas os seguintes exemplos em todo o corpus:

---

<sup>8</sup> As aspas, tal como os outros sinais de pontuação, não são muito frequentes se considerarmos a totalidade dos títulos de um jornal (e não apenas, como é o caso deste estudo, os títulos que incluem linguagem metafórica). A este propósito, diz Demers (1994: 527): ‘Les signes de ponctuation sont peu utilisés: la proportion de titres sans ponctuation est d'environ 70% dans *La Presse*, *Le Monde*, *The Gazette* et *The Globe and Mail* et atteint quelque 90% dans *Le Devoir* et *The Times*./ Le point, d'une rareté extrême, n'est employé qu'après un mot en abrégé, jamais a la fin d'une phrase. Le point d'exclamation, le point d'interrogation, les points de suspension, le point-virgule et le tiret figurent dans moins de 2% des titres. Les guillemets sont le signe de ponctuation le plus fréquent (9% des titres). Ils sont suivis par la virgule et les deux-points (7% et 5%

(332)

**REHN(A) 'REINOU'  
E ERIKSSON MARCOU**

(903)

**BENFICA ACERTA  
(COM) PAÇOS  
NA PERSEGUIÇÃO  
AO LÍDER**

(1293)

**Torre(s) dá xeque ao Governo**

(1366)

**NESTLÉ METE ÁGUA  
(NÃO NO LEITE...)**

(1723)

## QUANDO A TARDE É DE PRATA(S) O SILÊNCIO É DE...OIRO

(1846)

## PORTUGUESES (IN)FELIZES COM REIS EM "XEQUE"

A relação destes parênteses com a linguagem metafórica do título não é a mesma em todos os casos.

Nos títulos (332), (1293), (1723) e (1846), encontramos-os a rodear parte dos grafemas de uma palavra, o que não corresponde a um uso muito vulgar destes sinais de pontuação. Os grafemas assim isolados podem surgir em posição inicial, como acontece no caso do título (1846) ou final, nos restantes exemplos<sup>9</sup>. Em todos estes quatro casos, os parênteses entram num jogo de palavras onomástico (ver atrás, secção 4.3.3.1) em que um nome próprio é extraído do título segundo estratégias diversas, permitindo, a sobreposição de dois planos de descodificação: uma frase + um nome próprio.

Uma primeira estratégia consiste em realizar a descodificação do título considerando todos os grafemas, mesmo os que se encontram entre parênteses, e extrair o

---

<sup>9</sup> Embora não tenhamos encontrado nenhum exemplo no corpus, a posição medial dos lexemas isolados também não é rara, como tivemos ocasião de observar num outro trabalho (COIMBRA, no prelo) onde compilámos 44 títulos da imprensa nacional e regional onde este tipo de recurso era utilizado. Um exemplo desta posição dos parênteses é o do título: Va(r)gas de alegria no regresso às vitórias ou, ainda, Elísio e Lob(ã)o predador. Por vezes, várias estratégias coexistem no mesmo título: A (e)legânci(a) de uma "break".

nome próprio ignorando esses mesmos grafemas. Assim, temos

(1846) PORTUGUESES/ (IN)FELIZES/ COM REIS/ EM “XEQUE”  
= Portugueses infelizes com Reis em xeque + Felizes

sendo que Felizes é o apelido do xadrezista Paulo Felizes que, tal como Paulo Reis foi derrotado na primeira jornada do Torneio "Cidade de Sevilha".

Uma segunda estratégia, simetricamente oposta à anterior, consiste em efectuar uma leitura base ignorando os grafemas parentéticos e extrair o nome próprio considerando-os e integrando-os no lexema em que se localizam. É o que acontece no exemplo:

(1293) Torre(s) dá xeque ao Governo  
= Torre dá xeque ao governo + Torres

Neste caso, o título limita-se a jogar com o nome de Torres Couto, líder sindical, sem que a leitura base tenha literalmente a ver com xadrez.

A mesma estratégia de extracção de nome próprio preside à descodificação do título:

(1723) QUANDO A TARDE É DE PRATA(S)/ O SILÊNCIO É DE ...OIRO  
= Quando a tarde é de prata, o silêncio é de oiro + Pratas

que, por sua vez, joga com a recusa do árbitro José Pratas em tecer comentários sobre determinado jogo.

Verificamos, portanto, que, quando os parênteses isolam parte dos grafemas de uma palavra, a descodificação do título torna-se mais complexa, já que existe mais do que uma estratégia possível de leitura<sup>10</sup>.

Nos restantes exemplos atrás mencionados, os parênteses isolam palavras completas.

No (903) BENFICA ACERTA/ (COM) PAÇOS/ NA PERSEGUIÇÃO/ AO LÍDER, como já foi referido no capítulo 4.3.3.1., os parênteses permitem, ao leitor, alternar entre uma leitura

---

<sup>10</sup> Ver outras estratégias descritas em COIMBRA (no prelo).

literal do lexema “Paços”, considerando o conteúdo dos parênteses, e uma leitura figurada, ignorando o mesmo conteúdo e evocando o homófono “passos”.

No (1366) NESTLÉ METE ÁGUA/ (NÃO NO LEITE), o conteúdo dos parênteses constitui um comentário que alerta o leitor para a não leitura literal do título. Assim, o leitor eliminará a possibilidade de uma referência a “água”, no sentido literal do termo, e considerará a expressão idiomática “meter água”. Este tipo de alerta surge, neste caso, à semelhança das aspas que são utilizadas quando o veículo metafórico provém de um domínio congruente com o co-texto. Neste caso, sem a expressão parentética, o leitor do título, pelo seu conhecimento do mundo extralinguístico, poderia ser levado a pensar que a empresa Nestlé que, entre os seus produtos, comercializa leite empacotado, teria cometido uma falsificação nesse produto. “Água” e “leite”, sendo ambos coerentes com o contexto da indústria alimentar, entram num jogo de palavras polissémico em que, como se depreende da leitura da notícia, a expressão “meter água” remete, em sentido metafórico, para uma gafe num anúncio publicitário desta empresa, em que se tirava partido da separação dos Príncipes de Gales, o qual foi muito mal recebido pelo público.

Como podemos constatar, através dos dados inscritos no quadro 22, este é um recurso gráfico relativamente raro nos títulos de imprensa estudados, embora o seu uso seja deveras interessante devido à multiplicidade de leituras possíveis e aos jogos de palavras assim conseguidos.

	CM	CP	JN	P
Frequência absoluta	3	1	2	0
Frequência relativa ao total de títulos do jornal	0,6%	2,8%	0,3%	0%

**Quadro 22** – Utilização de parênteses para salientar veículos metafóricos nos títulos por jornal



De notar, ainda, que a utilização dos parênteses em títulos com linguagem metafórica não é homogénea. Nuns casos, os parênteses isolam um grafema ou uma sílaba dos restantes grafemas ou sílabas que compõem a palavra escrita; noutros casos, uma ou mais palavras constituem o conteúdo dos parênteses. A descodificação do título por parte do leitor do jornal requer, igualmente, uma multiplicidade de tarefas. Nuns casos, o leitor alternará as leituras, considerando ou ignorando a expressão parentética; noutros casos, utilizará as informações contidas entre parênteses para descodificar o texto precedente.

#### 4.4.4. OS PUNCTEMAS SUSPENSIVOS

Os punctemas suspensivos (ou reticências) surgem, por vezes, nos títulos de imprensa em posição final (encontrámos, no corpus, 57 exemplos deste uso) ou, muito mais raramente, em posição inicial (apenas 3 exemplos em todo o corpus). Contudo, a utilização de reticências sobre a qual nos iremos aqui debruçar diz respeito à sua posição no interior do título<sup>11</sup>, como nos seguintes exemplos (para uma listagem completa dos títulos em que este recurso gráfico é utilizado, consultar o Apêndice 4):

(545)



<sup>11</sup> Uma das utilizações das reticências em posição final e inicial no título será abordada mais à frente, na secção 4.5.2.1.

(551)

**MAU TEMPO... PROFISSIONAL  
PARA OS METEOROLOGISTAS**

(1181)

**Visitantes fechados a onze... chaves**

(1188)

**Cidadãos... na gaveta**

(1446)

**SANTA MARIA FOI A BANHOS... NAS TAIPAS**

(1905)

**Croata bate israelita  
e Mota é... 'amuleto'**

De duas maneiras diferentes, todos estes títulos relacionam o uso das reticências no seu interior com expressões metafóricas contidas no título. Em primeiro lugar, temos aqueles títulos em que as reticências precedem a expressão metafórica, como acontece com os exemplos (545), (1181), (1188) e (1905). Em segundo lugar, temos os títulos em que as reticências seguem o veículo da linguagem metafórica, como se verifica, por exemplo, nos títulos (551) e (1446).

No primeiro caso, os punctemas suspensivos funcionam como uma espécie de aviso ao leitor para o facto de que o que se irá seguir é algo de inesperado (em relação à linguagem, neste caso). Este uso das reticências é criticado (o seu abuso, talvez) por Waterhouse, a propósito do estilo do jornal britânico *The Daily Mirror*:

(...) improper uses of dots: (...) where the dots are in effect saying "Wait for it" before the chortling pay-off is delivered, as in *The lovesick dentist's dowry to his bride was... (wait for it) a mouthful of gold teeth.* (Where we have to wait for it, it is worth asking whether it's worth waiting for).

WATERHOUSE, 1981: 36

No segundo caso, os punctemas suspensivos preparam o leitor para uma mudança na leitura do título, passando a encarar a expressão precedente como metafórica.

As utilização das reticências interiores adjacentes a veículos metafóricos tem um uso que, no corpus deste trabalho, não é uniforme. Assim, podemos observar no quadro 23 que, enquanto o CM, o CP e o JN apresentam alguns exemplos deste recurso, no P não encontrámos nenhum caso.

	CM	CP	JN	P
Frequência absoluta	9	6	10	0
Frequência relativa ao total de títulos do jornal	1,7%	1,4%	1,5%	0%

**Quadro 23** – Utilização de reticências para salientar veículos metafóricos nos títulos por jornal

As reticências em posição interior de frase provocam, em todos estes exemplos, um impacto visual ao separar o título em duas partes, retardando, de algum modo, a leitura da segunda secção e, assim, conseguem uma mais eficaz captação da atenção do leitor para a mesma.

De assinalar, ainda, o caso particular do título

(1453) FEDERAÇÃO E INATEL “DESAFINADOS”/ NO DES... CONCERTO DAS FILARMÓNICAS

em que as reticências, seguindo um afixo, encontram-se colocadas num local onde nunca existiria uma pausa prosódica. Em relação à utilização das aspas de que temos vindo a falar nesta secção, este título não se enquadra em nenhuma das duas possibilidades que

referimos acima, uma vez que as reticências nem seguem nem precedem a expressão metafórica. Elas encontram-se no interior da palavra, aqui usada em sentido metafórico, e dão origem ao jogo de palavras que referimos na secção 4.3.3.3.

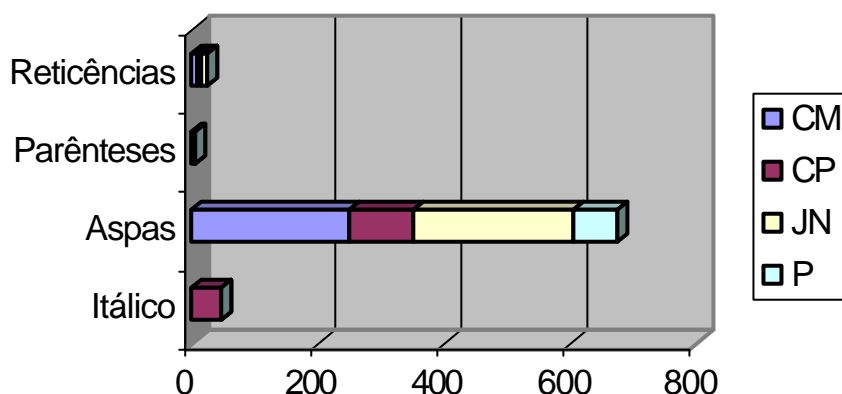
#### 4.4.5. CONCLUSÕES PARCIAIS - NÍVEL GRÁFICO

O aspecto visual do texto jornalístico é, como já foi referido, fundamental para captar e manter a atenção do potencial leitor. Mancha gráfica, tipos e tamanhos de caracteres, imagens, enfim, todos os recursos visuais disponíveis na página confluem na estratégia comum do estabelecimento e fixação do elo comunicativo. Neste processo, o título assume um particular relevo e um papel crucial, já que se constitui, normalmente, como o primeiro enunciado a ser decodificado. Cabe-lhe, por isso mesmo, a função de iniciador do processo de comunicação que visa a leitura de todo o texto. Assim sendo, o código grafémico presente à sua construção dita o seu realce visual na página, o que é feito, de um modo geral, pela sua colocação em lugar proeminente (topo do texto, separado por um espaço, centrado, etc.) e utilização de um tamanho e valor gráficos bastante superiores aos do corpo da notícia.

O aspecto que nos interessou neste trabalho é o da relação entre o grafismo do título e a presença de linguagem metafórica no mesmo. Assim, fizemos o levantamento de todos os casos em que os veículos metafóricos surgiam, de algum modo, destacados graficamente no título e verificámos que esse destaque, efectuado através do recurso a itálico, aspas, parênteses e reticências, foi utilizado em 754 títulos dos 2.060 que constituem o corpus em análise. Ou seja, 36,6% destes títulos de notícia metafóricos apresentam essa linguagem assinalada graficamente. Esta elevada percentagem leva-nos à conclusão de que, neste tipo textual, a preocupação pelo rigor, objectividade e verdade da mensagem espelha-se, materialmente, na demarcação das expressões conotativas. Esta situação não é de todo típica, por exemplo, do texto literário, pelo que poemas, romances,

etc. não apresentam as suas expressões metafóricas assinaladas graficamente. No título noticioso, pelo contrário, quando o veículo metafórico surge destacado graficamente, constitui-se uma redundância: o contraste semântico existente entre as expressões metafóricas e o seu contexto não metafórico é assinalado, mas também reforçado, através de um outro contraste que é o de nível gráfico. O veículo de linguagem metafórica é, portanto, duplamente diferenciado do seu co-texto e das expressões que com ele ocorrem no título.

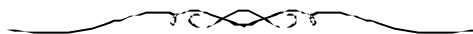
No gráfico 12, construído a partir dos dados presentes nos quadros 20 a 23 atrás apresentados, podemos verificar que a grande maioria dos títulos em que se destacam graficamente os veículos metafóricos opera este destaque através do recurso às aspas.



**Gráfico 12** – Distribuição dos destaques gráficos dos veículos metafóricos nos títulos por jornal (cf. quadros de frequências do subcapítulo 4.4.)

De facto, o assinalar gráfico das expressões tomadas em sentido figurado é um dos usos

possíveis deste sinal de pontuação<sup>12</sup>. O que aqui nos cumpre assinalar é o seu importante papel no processo de génese e recepção do texto titular. Assim, se, do ponto de vista da redacção, este recurso gráfico evidencia a preocupação, de que falámos atrás, pelo rigor de linguagem, fundamental em texto informativo, por outro lado, do ponto de vista da recepção do texto, a presença destes destaques gráficos alerta o público para a presença da figura e a conseqüente necessidade de uma descodificação apropriada.



---

<sup>12</sup> Ver, por exemplo, CUNHA & CINTRA, 1986: 657-659, onde se distinguem, entre outros valores, as seguintes funções das aspas: “para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal (...); para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão (...); para realçar ironicamente uma palavra ou expressão (...)”.





# ***NÍVEL INTERTEXTUAL***

## 4.5. NÍVEL INTERTEXTUAL: A RELAÇÃO DA LINGUAGEM

### METAFÓRICA DO TÍTULO COM O CO(N)TEXTO

Nenhum texto nasce isolado. Ele é, de algum modo, produto de todos os textos que o precederam e que fazem parte de uma herança colectiva, onde autor e leitor se situam. Dentro desta memória, encontramos uma variedade imensa de enunciados padronizados – provérbios, slogans publicitários, frases bíblicas, refrões musicais, títulos de filmes e de obras literárias, frases célebres, etc. – que são, frequentemente, manipulados em jogos intertextuais<sup>1</sup> pelos redactores dos títulos de imprensa. Neste processo, o pequeno texto que é o título de imprensa assume-se como um lugar de confluência cultural em que o simples conhecimento da língua se revela insuficiente na descodificação da mensagem. O leitor ver-se-á obrigado a percorrer as pontes que o levam a textos mais ou menos fáceis de identificar e cujas conotações serão, num processo analógico de retorno, coladas ao texto de partida<sup>2</sup>.

Para além destas grandes pontes, o título de imprensa encontra-se, também, ligado ao texto da notícia propriamente dito e às restantes componentes paratextuais<sup>3</sup> que o rodeiam. Para além do corpo da notícia, a página poderá conter elementos facultativos tais como antetítulos e subtítulos, fotografias com legenda, gráficos, etc. Ao contrário dos exemplos mencionados no parágrafo anterior, o leitor não terá de os procurar na memória

---

<sup>1</sup> O termo *intertextualidade*, derivado do latim “intertexto” significando misturar quando se tece (KEEP & McLAUGHLIN, 1995), foi introduzido em finais da década de 60 por Julia Kristeva, na sequência de estudos de Baktin e remete justamente para este fenómeno da ligação do texto com outros textos: “(...) tout texte est absorption et transformation d’un autre texte. A la place de la notion d’intersubjectivité s’installe celle d’*intertextualité* (...)” (KRISTEVA, 1969: 146). Desde então, têm sido muito numerosos os estudos que se têm vindo a publicar sobre as relações intertextuais, particularmente no âmbito dos estudos literários (ver uma bibliografia em MAI, 1991).

<sup>2</sup> Muñiz-Cachón, numa breve referência à problemática da intertextualidade do título de imprensa, afirma: ‘Los enunciados tomados como modelos tienen carácter virtual en la memoria del receptor, pero al aparecer en un periódico se convierten en algo real y añaden al texto un aspecto no expresado denotativamente’ (1990: 20).

<sup>3</sup> Nas palavras de Genette: “la relation (...) que (...) le texte proprement dit entretient avec ce que l’on ne peut guère nommer que son paratexte: titre, sous-titre, intertitres; préfaces, postfaces, avertissements, avant-propos, etc.; notes marginales, infrapaginales, terminales; épigraphes; illustrations; prière d’insérer, bande, jaquette, et bien d’autres types de signaux accessoires, autographes ou allographes qui procurent au texte un entourage (...)” (1982: 10).

colectiva virtual que aí referimos, uma vez que se estendem pela página do jornal em que o título figura.

Assim, o título de imprensa revela-se um tipo textual gerador, por excelência, de relações intertextuais. Podemos mesmo dizer que ele nunca se esgota em si mesmo, pois encontra a razão da sua génese nesse preciso fim de levar o leitor a percorrer as pontes que o levarão a outras paragens textuais. É justamente nesse sentido que aqui entendemos o termo *intertextualidade*, significando os processos através dos quais a produção e a recepção de um texto dependem do conhecimento de outros textos por parte dos participantes<sup>4</sup>.

Segundo Beaugrande e Dressler, a intertextualidade é, ainda, responsável pela evolução dos tipos textuais como classes de textos com padrões típicos de características comuns<sup>5</sup>. Dentro destes tipos, a proeminência da intertextualidade pode ser maior ou menor. Em tipos tais como paródias, recensões, críticas, refutações, o produtor tem de consultar continuamente o texto anterior, e, dos receptores, esperar-se-á, normalmente, algum conhecimento do mesmo (1981: 10-11). Cada título de imprensa está, a este nível, ligado a todos os outros títulos de imprensa, com os quais constitui um tipo textual definido

---

<sup>4</sup> Estas relações podem ser múltiplas e complexas. George P. Landow, a propósito das ligações do texto a outros textos, nota que tanto as teorias sobre hipertexto como a crítica literária defendem que é necessário abandonar sistemas de pensamento baseados em ideias de centralidade, marginalidade, hierarquia, e linearidade, e substituí-las por ideias de multilinearidade, interactividade e esbatimento da linha entre o leitor e o autor (LANDOW, 1992).

<sup>5</sup> Trata-se, na terminologia de Genette, de relações estabelecidas no âmbito da *architextualidade*: “l’architextualité du texte (...), c’est a dire l’ensemble des catégories générales, ou transcendantes – types de discours, modes d’énonciation, genres littéraires, etc. – dont relève chaque texte singulier” (1982: 7) e incluídas, segundo Grivel, na noção de *Texto Geral*, ou seja, “le *Texte Général*, qui désigne tout simplement la masse écrite en circulation au moment de la composition ou de la consommation du texte. Le TG représente, en particulier, l’ensemble des séries culturelles référentielles stabilisées (les “genres” et “sous-genres”), dont l’effet est, lui aussi, de contrainte: un “genre” règle, voire fige l’écoute et la composition” (1978: 30).

e distinto, com determinadas características, muitas das quais temos vindo a abordar ao longo deste trabalho.

Em relação à utilização da linguagem metafórica, interessa-nos, sobretudo, considerar os dois tipos de relações intertextuais que referimos nos dois primeiros parágrafos deste capítulo. Se, por um lado, o título pode conter alusões<sup>6</sup> a textos mais ou menos distantes pertencentes a diversos tipos textuais, por outro, ele remete para o texto que encabeça e que faz parte do seu co-texto imediato. Podemos, assim, falar duma intertextualidade *externa*, que o título da notícia estabelece com outros textos ausentes da situação comunicativa, e de uma textualidade *interna*<sup>7</sup>, dentro da notícia em questão. Ricardou (1971: 162 s.), como salienta Dällenbach (1979:52), “fazia, muito logicamente, a distinção entre uma *intertextualidade externa*, entendida como relação dum texto *com outro texto*, e uma *intertextualidade interna*, compreendida como relação dum texto *consigo mesmo*”.

Ao situar a relação do título com o seu co-texto imediato no âmbito da intertextualidade interna, põe-se o problema de considerar o título como parte integrante, embora com autonomia textual, do seu co-texto. É tendo esta problemática em mente, que aqui utilizamos o termo *interna*, ou seja, tendo em conta a não independência do título.

---

<sup>6</sup> Estas alusões, mais ou menos veladas, têm sido, nos estudos literários, referidas pela expressão metafórica *palimpsestos*, ou seja “a possibilidade de descortinar, sob o texto presente, inscrições anteriores, já desvanecidas, mas ainda perscrutáveis” (REIS, 1981: 127). A existência de palimpsestos é do seguinte modo justificada por Christopher Keep (1995): “It was a common practice, particularly in medieval ecclesiastical circles, to rub out an earlier piece of writing by means of washing or scraping the manuscript, in order to prepare it for a new text. The motive for making palimpsests seems to have been largely economic – reusing parchment was cheaper than preparing new skin. Another motive may have been directed by the desire of Church officials to ‘convert’ pagan Greek script by overlaying it with the word of God. Modern historians, usually more interested in older writings, have employed infra-red and digital enhancement techniques to recover the erased text, often with remarkable results”.

<sup>7</sup> A intertextualidade interna é também chamada de intratextualidade ou autotextualidade (cf. Dällenbach, op.cit).

Tanto num caso como no outro, encontramos dialogismos intertextuais que terão de ser levados em conta no estudo da linguagem metafórica presente no título. Consequentemente, o título de imprensa é, ao mesmo tempo, encarado como um *pós-texto*, na medida em que se relaciona com textos preexistentes, e um *pré-texto*, na medida em que se assume como precursor de produções textuais subsequentes<sup>8</sup>.

Neste capítulo, abordaremos as relações que a linguagem metafórica estabelece quer com o co-texto imediato do título, numa dimensão interna, quer, numa dimensão externa, com os textos anteriores.

#### **4.5.1. INTERTEXTUALIDADE INTERNA: O TÍTULO E O SEU CO-TEXTO IMEDIATO**

A autonomia textual do título de imprensa de que falávamos no capítulo 2.2., e que lhe permite ser encarado como um objecto de estudo por parte da linguística textual, é, como vimos, contrabalançada por uma não independência relativamente ao co-texto. O título da notícia encontra-se, deste modo, envolvido em indissociáveis relações linguístico-pragmáticas com as diversas componentes do seu co-texto. Estas relações, particularmente no caso dos títulos com linguagem metafórica que aqui estudamos, são essenciais na reconstrução do sentido de uma entidade textual que, mesmo não sendo sempre sintacticamente elíptica, propõe, a nível semântico, ao leitor, um jogo de resolução

---

<sup>8</sup> Nas palavras de Plett: “no text exists in isolation but is always connected to a “universe of texts” (GRIVEL, 1978). Whenever a new text comes into being it relates to previous texts and in its turn becomes the precursor of subsequent texts. What can be said for the production of texts also applies to their reception. No hermeneutic act can consider a single text in isolation. Rather it is an experience with a retrospective as well as prospective dimension. This means for the text: it is an intertext, i.e. simultaneously post-text and pre-text” (1991: 17).

de problemas<sup>9</sup>. O caminho que o leitor tem de percorrer entre os dois estados – problema não resolvido/ problema resolvido – passa, no título metafórico, pelo seu confronto com o co-texto linguístico e mesmo com o contexto não linguístico que o rodeia. O estabelecimento destas relações é visado pelo título, que funciona, como vimos, como um estímulo à leitura do jornal. A linguagem metafórica reforça este estímulo ao propor a resolução da discrepância semântica no próprio co(n)texto do título.

Assim, o título de notícia vai levar o leitor à reconstituição de relações intertextuais e intersemióticas com as várias componentes do seu co(n)texto.

Citando o jornalista Daniel Ricardo:

“os títulos podem ser precedidos por **antetítulos** e/ou seguidos de **subtítulos** ou de **sumários** (séries de subtítulos [iniciados por bolas]). Em algumas publicações porém, não se usam antetítulos nem subtítulos ou sumários: as funções destes elementos são desempenhadas pelo **super-lead** que se segue ao título. Aos conjuntos formados quer pelo título, antetítulo e/ou subtítulo ou sumário, quer por título e super-lead, dá-se o nome de **cabeças**” (1989: 54).

Estes elementos, juntamente com o texto da notícia e eventuais legendas de fotografias, chamadas (no caso de títulos de primeira página) e textos em caixas, fazem parte do co-texto imediato do título, ou seja, acompanham-no, na mesma página, e são todos eles elementos linguísticos que veiculam a mesma notícia. Estes elementos não se distribuem de uma maneira uniforme no nosso corpus de análise. Nos quadros 24 e 25, podemos ver a sua distribuição, quer para os títulos de primeira página, quer para os títulos interiores, em relação aos quatro jornais contemplados nesta pesquisa.

---

<sup>9</sup> Tomamos aqui a expressão “resolução de problemas” (*problem solving*) no sentido em que é utilizada por Beaugrande e Dressler: “A problem is defined as a pair of states whose connecting pathway is subject to failure (not being traversed) because it can’t be found or identified” (1981: 37). A utilização de linguagem metafórica, ao trazer para o texto lexemas que, à partida, vão destabilizar a coesão lexical do mesmo (ver, a este propósito, COIMBRA-E-SILVA, 1990), traz ao leitor o desafio da reconstrução da continuidade textual.

PRIMEIRA PÁGINA		CM	CP	JN	P	TOTAL
Cabeça	Título	80	47	159	61	347
	Antetítulo	17	32	6	38	93
	Subtítulo	5	0	63	0	68
	Sumário	4	0	1	0	5
	Chamada	0	35	65	41	141
Outros	Ilustração	53	32	130	31	246
	Notícia completa	2	4	5	2	13

**Quadro 24** – Distribuição, por jornal, dos elementos co-textuais aos títulos de primeira página (frequências absolutas)

PÁGINA INTERIOR		CM	CP	JN	P	TOTAL
Cabeça	Título	448	393	522	350	1713
	Antetítulo	158	182	13	283	636
	Subtítulo	56	0	229	0	285
	Super-lead	6	206	199	205	616
Outros	Intratítulos	216	226	109	185	736
	Ilustração	354	183	305	235	1077
	Legendas	345	123	176	220	864
	Notícia	448	393	522	350	1713

**Quadro 25** – Distribuição, por jornal, dos elementos co-textuais aos títulos de página interior (frequências absolutas)

No quadro 24, incluímos, além dos títulos localizados na primeira página do jornal, os títulos de primeira página de destacáveis, uma vez que assumem uma composição gráfica e linguística idêntica. Assim, conforme os títulos se localizem em primeira página ou em páginas interiores, eles fazem-se acompanhar, no espaço gráfico dessa mesma página, por outras componentes textuais da mesma notícia que constituem o seu co-texto imediato. Os elementos do co-texto não são os mesmos nos dois casos, como podemos observar na primeira coluna dos quadros 24 e 25.

#### 4.5.1.1. O PAPEL DO CO-TEXTO NA DESCODIFICAÇÃO DA METÁFORA DO TÍTULO

Para a resolução do enigma proposto pela linguagem metafórica do título, o leitor encontra, frequentemente, pistas no seu co-texto. Por vezes, ele fornece, mesmo, o equivalente do veículo no domínio alvo da projecção metafórica, ou seja, o teor da figura. Essas pistas de descodificação podem situar-se em qualquer uma das componentes textuais referidas:

##### a) Antetítulo

Pouco utilizado no JN, ele acompanha mais de metade dos títulos dos restantes jornais, sendo o P o jornal que, no corpus, com maior frequência o utiliza: 78,1% dos títulos do corpus recolhidos neste diário vêm acompanhados de antetítulo. Este é um texto que tipicamente fornece uma informação adicional em relação ao título, normalmente circunstâncias de tempo e lugar. Quando o título contém linguagem metafórica, ele pode, além disso, fornecer pistas para a sua descodificação e até a chave completa, fornecendo o teor metafórico. Nesse caso, a metáfora tornar-se-á, aos olhos do leitor, *in praesentia* e a sua resolução será, conseqüentemente, facilitada.

Por exemplo, o título (540) Três «galos» para um poleiro é antecedido pelo antetítulo Eleições na Ordem dos Médicos. O leitor do título, identificando a sua linguagem metafórica, encontrará pistas para a respectiva descodificação no antetítulo. O lexema “eleições” fá-lo associar, dentro do mesmo domínio conceptual, o lexema “candidatos”, que servirá como teor da projecção metafórica feita no título.



Assim, um determinado lexema presente no antetítulo pode fazer o leitor evocar um outro, não presente na superfície textual, mas a ele associado no mesmo domínio conceptual, o qual, por sua vez, identificará a entidade do domínio alvo visada na linguagem metafórica.

No entanto, o antetítulo pode ir mais longe nesta ajuda ao leitor e facilitar-lhe o trabalho da resolução de problemas ao ponto de lhe fornecer por completo a solução. É o que acontece no exemplo (291) “É uma criança saudável/ e vai sobreviver”, cujo antetítulo, CEI foi criada há um ano, dirige o leitor para a identificação da projecção metafórica da CEI (Comunidade de Estados Independentes) em criança saudável. Identificados que estão os termos da figura, resta ao leitor descobrir o fundamento da mesma, o que o induzirá à leitura do corpo do texto.

Podemos ver com bastante nitidez que, mesmo dando pistas para a descodificação da metáfora, o antetítulo não a revela por completo, já que o objectivo da cabeça é a leitura do corpo da notícia.

### **b) Subtítulo**

Outro elemento que pode estar presente na cabeça é o subtítulo. Em relação ao antetítulo, as preferências dos jornais aqui analisados invertem-se. O JN apresenta 52,1% dos seus títulos acompanhados de subtítulo, seguido do CM com apenas 11,6%. O CP e o P não registam, nem em títulos de primeira página, nem em títulos interiores, qualquer ocorrência de subtítulos.

O papel desta componente textual no que diz respeito à resolução da figura é em tudo semelhante ao que foi dito atrás em relação ao antetítulo. Servem de exemplo os seguintes pares de títulos e subtítulos:

(197) BENFICA:/ MARÉ VAZIA/ POR CULPA/ DO BEIRA-MAR

Foi o segundo empate sem golos/ consentido pelos “encarnados” na Luz

(891) BOAVISTEIRO ARTUR/ SEIS A OITO SEMANAS NO “ESTALEIRO”

Fracturou clavícula direita e quatro costelas num acidente de viação – Suspeitas/ de hemotorax podem prolongar período de inactividade

(1492) E TUDO/ O LOBO COMEU

Arbitragem prejudicou a equipa da casa

Em todos estes casos, o leitor será levado a fazer a correspondência entre as expressões metafóricas do título e expressões não metafóricas presentes no subtítulo, as quais o vão ajudar a resolver os enigmas propostos nas primeiras: “maré vazia”/“sem golos”, “no estaleiro”/“período de inactividade” e “comeu”/“prejudicou”, respectivamente.

### c) Chamada

No caso de títulos de primeira página, as chamadas, pequenos textos que os acompanham e que remetem para a página interior em que a notícia é desenvolvida, podem, igualmente, conter pistas de descodificação em relação a títulos que integram linguagem metafórica:

(411) CÂMARAS/ FECHARAM/ -AUTARCAS/ REABRIRAM O “LIVRO/ DE RECLAMAÇÕES”

Centenas de autarcas manifestaram-se, ontem, frente ao Parlamento e, por todo o país, a maioria das câmaras municipais fecharam [sic] as portas ao público. Esse foi o protesto da ANMP contra o alegado não cumprimento, pelo Governo, da Lei das Finanças Locais.

(1642) CÂMARA NÃO QUER/ UM “MURO DE BERLIM”/ EM MATOSINHOS

A velha EN208, em Matosinhos (na foto), tem os dias contados. Uma nova via, o IP4, passará a ser o eixo preferencial entre a cidade e as freguesias orientais do concelho. Só que, a reconversão do IP4 em auto-estrada, a partir do nó da UNICER, vai transformá-la num “Muro de Berlim”. Se a JAE insistir nesta opção, Narciso Miranda quer uma verdadeira Variante à antiga “nacional”.

(1003) Taça amarga/ para equipas/ do Norte

A quinta eliminatória da Taça de Portugal, em futebol, à parte a «obrigação» cumprida dos «grandes», foi pródiga de adversidades para alguns clubes do Norte. O Salgueiros, o mais «infeliz» de todos, viu-se arredado da competição por um Odivelas que milita na III divisão e é o único sobrevivente desta categoria. Boavista e Guimarães foram obrigados a suar mais meia hora, para levarem de vencida os seus adversários, de nível nitidamente inferior. E o Chaves, para além de ser obrigado a jogar em casa alheia, devido à interdição do seu estádio, foi ainda sujeito a um prolongamento e, mesmo assim, viu a eliminatória adiada para amanhã, em novo jogo a disputar também no campo da Amora. A Taça toda em Desporto.

Nestes exemplos, vemos como isso acontece. Nos primeiros casos, temos respectivamente, as relações “reabriram o livro de reclamações”/“manifestaram-se” e “muro de Berlim”/“auto-estrada”. O terceiro exemplo condensa na expressão “Taça amarga” toda uma série de infortúnios que são enumerados na chamada e, posteriormente, desenvolvidos na notícia.

A chamada é um texto que, no corpus, acompanha 40,6% dos títulos de primeira página. No entanto, por jornal, as percentagens variam entre os 0% do CM e os 74,5% do CP. Isto significa que o leitor das manchetes metafóricas do CM não poderá contar com o auxílio do pequeno texto na sua descodificação.

#### **d) Lead e super-lead**

Os títulos das páginas interiores podem vir acompanhados de um parágrafo inicial, o lead. Este parágrafo, juntamente com os elementos titulares exprimem, segundo van Dijk (1988b: 53) a macroestrutura semântica e resumem o texto. Bell (1991) considera que, além de se constituir como uma pequena história num só parágrafo, onde se condensam os elementos informativos principais, o lead tem um carácter direccional (Knop, 1985: 252, chama-lhe “prospectivo”), uma vez que salienta o centro de interesse noticioso e orienta a leitura do texto. Este parágrafo introdutório pode ser destacado graficamente, quer em termos de colocação na página, quer em termos dos caracteres utilizados. Este lead assim destacado será aqui designado por super-lead. Quando este destaque gráfico não se verifica, o primeiro parágrafo da notícia funciona, de qualquer modo, como o lead. Uma vez que a informação contida nos títulos é frequentemente baseada no lead, tanto o super-

lead como o lead simples podem fornecer pistas para a descodificação da linguagem metafórica que aqueles contenham. É o que se verifica nestes exemplos:

(189) Acidente no IP5 ceifa duas vidas

No IP5, pouco depois das 21 horas de ontem, próximo da ponte sobre o rio Vouga, na subida em direção a Viseu, ocorreu um trágico acidente de que resultaram dois mortos e três feridos.

(997) Aston Villa/ baqueou em Coventry

O Aston Villa perdeu a oportunidade de reduzir a diferença para o Norwich, líder do campeonato inglês de futebol, ao ser derrotado por claros 3-0 no terreno do Coventry, na 21ª jornada da competição, enquanto o comandante consentiu um nulo, em casa, ante o Tottenham.

(1113) Herdeiros de Pinto de Magalhães/ vencem o primeiro assalto

A Sonae-Investimentos teve de suspender o aumento de capital para 40 milhões de contos, no último dia do período de subscrição. É o resultado da decisão do tribunal Cível do Porto, que ontem deu provimento ao pedido de providência cautelar interposto por vários accionistas minoritários, simultaneamente herdeiros de Afonso Pinto de Magalhães, fundador da fábrica de aglomerados da Maia.

em que ficam claras as relações “ceifa duas vidas”/“resultaram dois mortos”, “baqueou”/“ser derrotado”, entre título e lead, nos dois primeiros casos. No (1113), a expressão “vencem o primeiro assalto” condensa grande parte da informação transmitida na parte final do super-lead.

### e) Ilustração

Antes de ler a notícia, a atenção do leitor é, ainda, eventualmente desviada pela presença de ilustrações: fotografias, desenhos, caricaturas, gráficos, etc. De um modo geral, estas relacionam-se com um dos pontos mais importantes focados na notícia. Em relação aos títulos de primeira página, as ilustrações que os acompanham têm, ainda, o papel de reforçar a função apelativa das manchetes, captando o interesse do potencial leitor.

As ilustrações, não sendo signos linguísticos, mas icónicos, no sentido peirceano do termo, vão estabelecer, com os restantes elementos linguísticos do co-texto, relações de tipo intersemiótico, que o leitor transporá na descodificação da mensagem global da notícia.

Em relação ao problema da linguagem metafórica do título que aqui nos ocupa, verificámos, no corpus de trabalho, que, por vezes, as ilustrações eram os elementos da página que, de uma forma mais explícita e eficiente, forneciam pistas para a descodificação do enigma proposto no título.

(153)

[imagem reduzida a 50%]

## OS 'QUATRO MOSQUETEIROS' ESTÃO JUNTOS NOVAMENTE

pág. 3



Este suplemento faz parte da edição número 6068 do "CORREIO DA MANHÃ" e não pode ser vendido separadamente.

Este é um exemplo em que a fotografia é o único elemento da notícia que permite ao leitor, e mesmo assim com conhecimentos extralinguísticos do tópico textual, descodificar a expressão metafórica “quatro mosqueteiros”. Este SN refere a equipa técnica do futebol benfiquista na época em questão: Toni, Shéu, Eusébio e (novamente depois de uma ausência) Jesualdo Ferreira. É apenas na fotografia que o leitor encontra informação acerca dos quatro referentes visados no título, já que a notícia em nenhum ponto menciona os nomes de Shéu e Eusébio.

(360)

[imagem reduzida a 50%]

Surf no frio britânico

## Cavalgando as ondas do Inverno

AS VAGIAS merecem a crença. Os jovens surfistas vivem em climas à laia, ou seja, de onda perfeita. Por isso, todos, incluindo os ligados ao gelo, buscam nos lugares "quentes" de férias. Pode ser na Califórnia ou na Austrália. Mas a temperatura da água é de zero a dois graus e a brisa é ventosa e resaca na superfície das ondas — então, mesmo ficando com o equipamento — não são propriamente bons locais para o surfista.

Atualmente, nos Estados Unidos, 17 anos, já desistiu. "Está demasiado frio" diz a frase, enquanto o frio não é mais "habitualmente agradável". Ele vive na Surf City, na Califórnia, onde cavalga "tubo" — onda que encerra, fazendo um tubo, dentro do qual os surfistas



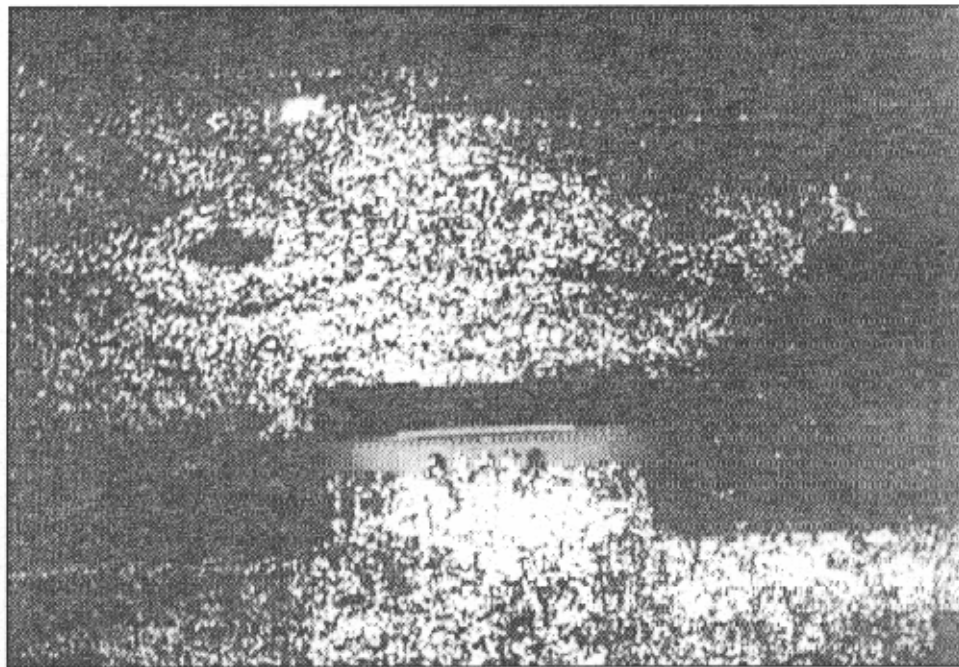
Ribeiro d'Almeida, Peniche: um dos paraísos do surf europeu

Dá a ideia que o "surfing" | Esistir até à moda há uns anos | outubro. Aquele português vive | Há um dia, algumas

os programas de televisão de surf, mas não há ninguém para mostrar isso. Porque a que está tanta gente? Continuação? Um pouco de adaptação, a não do modo de modo do modo. E, talvez, uma aliada, bem no sentido do Escherich, por isso surfistas costumam seguir as ondas, criando de modo constante, os jogadores estão muito mais. Há alguns que se chamam "surfistas" de surfistas, mas não estão no "surf", é Maria, um especialista da Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências da Saúde e

Aqui não se trata, como no exemplo anterior, da identificação do referente visado numa expressão metafórica, mas do significado da acção expressa pelo verbo “cavalar”. Embora, neste caso, haja elementos linguísticos no co-texto – mais precisamente, no antetítulo, legenda da fotografia e corpo da notícia – a fotografia, de um modo mais imediato, evoca o desporto do Surf.

(1907)



## “Mar de luz” contra o racismo

Este é um exemplo em que a expressão quantificadora “mar de” fica bem ilustrada pela fotografia, já que se trata de uma metáfora de tipo visual – imagem. A descodificação será

completada pelo corpo da notícia, onde se menciona uma manifestação de cerca de 200 mil pessoas com velas e candeeiros acesos.

Seja qual for a quantidade de informação dada pela ilustração, ela revela-se muito útil na identificação e resolução das discrepâncias metafóricas dos títulos, particularmente dos de primeira página, que vêem o seu co-texto linguístico reduzido ao mínimo.

#### **f) Legenda de ilustração**

As imagens que acompanham as notícias nas páginas interiores do jornal encontram-se, quase sempre, acompanhadas de legendas; isso acontece em mais de 80% destes casos, como se depreende do quadro 25, apresentado atrás. Estes pequenos textos constituem-se como mensagens linguísticas que permitem orientar e privilegiar uma determinada leitura da mensagem pictórica e icónica transmitida pela ilustração. Se, como referimos no ponto anterior, a imagem foca, geralmente, um dos pontos mais importantes da notícia, a respectiva legenda, ao explicitá-la, vai ter uma função complementar ao título e acaba, mesmo, tal como ele, por induzir à leitura do corpo da notícia, ao mesmo tempo que condensa, em si, os elementos informativos fundamentais da mesma.

Este importante papel informativo faz com que, além das ilustrações, as respectivas legendas possam, também elas, constituírem-se como auxiliares do leitor na sua tarefa de compreensão da linguagem metafórica do título. É o que acontece nos seguintes exemplos:

(665) O social-imperialismo morreu



Legenda da fotografia: Brinquedos de plástico e “souvenirs” de Mao: o tempo das ideologias parece ultrapassado na China de Deng Xiaoping

(996) FERRARI APRESENTOU/ A SUA NOVA ‘ARMA’/ PARA O ‘MUNDIAL’ DE 93



Legenda da fotografia: O novo monolugar da escuderia de Maranello para o “Mundial” de F-1 do próximo ano apresenta uma inédita faixa branca pintada no característico “rosso” Ferrari



## (1031) O BOMBEIRO DOS BANCOS

*Fundo de Garantia*

# O BOMBEIRO DOS BANCOS

Tem o papel de bombeiro para as instituições de crédito. Em caso de insolvência, o Fundo de Garantia de Depósitos entra em acção. Mas, ao contrário dos bombeiros, a sua acção não é universal, porque só abrange os mais desprotegidos, isto é, os depositantes de menor dimensão.



Depósitos de menor dimensão vão ficar protegidos pela nova lei do sistema financeiro

Fundo de ... continua por estabelecer. ... ria sobre que vigorava, ... pois já entrada em vi- ... põem de um sistema ... Fundo de Garantia, ao

Legenda da fotografia: Depósitos de menor dimensão vão ficar protegidos pela nova lei do sistema financeiro

Através da ligação entre legenda e título, o leitor facilmente estabelecerá as relações “morreu”/“ultrapassado”, “nova arma”/“novo monolugar” e “bombeiro”/“nova lei do sistema financeiro”. Neste último caso, o super-lead é ainda mais específico ao referir o “Fundo de Garantia de Depósitos”. Seja em que grau for, o papel das legendas das fotografias não é de desprezar no que diz respeito à integração do título metafórico.

### g) O corpo da notícia

Muitas vezes, não se encontram, nos elementos que acabámos de referir, pistas explícitas para a descodificação da linguagem metafórica do título, as quais poderão ser fornecidas numa fase mais adiantada da leitura da notícia, ou seja, no corpo da mesma.

(10) Greves/ ‘emperram’/ fronteiras/ e minas/ da/ Panasqueira

5º parágrafo: Estrangeiros que ontem viram a sua vida algo complicada (...)

6º parágrafo: Esta greve, que causou algumas dificuldades aos utentes do Serviço (...)

(47) Muita ‘parra’ e pouca ‘uva’

3º parágrafo: (...) o conjunto português ganhava bolas, construía jogadas, mas não acertava com o objectivo, denotando grandes carências no seu ataque (...)

(2032) Purga na Sérvia

2º parágrafo: Proeminentes jornalistas trabalhando nas estações estatais de rádio e televisão foram já despedidos, e conhecidos professores universitários e directores de museus e hospitais despromovidos.

Nestes exemplos, caso o leitor não tenha conseguido identificar o significado das expressões metafóricas presentes nos títulos, será obrigado a ler um pouco mais o texto a fim de encontrar pistas explícitas nesse sentido.

Na realidade, nem todos os títulos com linguagem metafórica apresentam pistas explícitas para a sua descodificação no co-texto imediato. Isso pode acontecer, porque a expressão metafórica não causará, à partida, grandes dificuldades, por ser vulgar ou habitual na secção a que a notícia diz respeito, ou trata-se, simplesmente de uma metáfora *in absentia*. Quando as pistas explícitas são, de facto, fornecidas, elas são-no preferencialmente pelo lead, como podemos ver no quadro 26:

Localização de pistas explícitas	CM	CP	JN	P	TOTAL
<b>Antetítulo</b>	14	40	1	85	140
<b>Subtítulo</b>	6	0	42	0	48
<b>Chamada</b>	0	28	40	25	93
<b>Lead e Super-lead</b>	263	269	295	192	1019
<b>Ilustração</b>	12	5	9	2	28
<b>Legenda de ilustração</b>	25	5	15	9	54
<b>Corpo da notícia</b>	93	91	121	71	376

**Quadro 26** – Distribuição, por jornal, dos elementos co-textuais onde se fornecem pistas para a descodificação da linguagem metafórica presente no título (frequências absolutas)

Uma rápida observação do quadro servirá para constatar que o lead e super-lead, só por si, concentram mais pistas explícitas que as outras componentes do co-texto imediato juntas. Isto leva-nos a pensar que é, de facto, no lead que o título se baseia, e que o leitor

não terá de esperar muito para a sua total compreensão, o que vem de encontro à célebre estrutura de pirâmide invertida característica do texto das notícias de imprensa, pela qual a informação mais relevante é transmitida no início do texto e a menos relevante vai sendo relegada para a sua parte final.

#### 4.5.1.2. A LINGUAGEM METAFÓRICA DO CO-TEXTO

Como acabámos de ver nos parágrafos anteriores, são diversos os elementos do co-texto com os quais a linguagem metafórica do título estabelece ligações, e que podem contribuir para a sua descodificação. No entanto, não é apenas no fornecimento destas pistas de interpretação que a relação intertextual entre os componentes da notícia se estabelece. Frequentemente, o co-texto imediato contém, ele próprio, linguagem metafórica que vai entrar num processo dialógico de jogo intertextual com a linguagem metafórica do título. Neste ponto, veremos como estas figuras do co-texto podem retomar ou diversificar as do título<sup>10</sup>. Deste modo, as várias expressões metafóricas presentes nos diversos componentes da mesma notícia vão entrar em jogo dialógico e afectar a interpretação umas das outras. Uma pesquisa na base de dados permitiu-nos quantificar este fenómeno. O quadro 27 sintetiza os resultados obtidos, mostrando que a maioria dos títulos do corpus – 1338, ou seja, 65% do total – encontra, no co-texto, lexemas pertencentes ao mesmo domínio conceptual, o que significa que apresentam uma reiteração ou desenvolvimento da projecção metafórica destacada no texto titular.

---

<sup>10</sup> Sob o ponto de vista da produção do texto, dir-se-á, ao contrário, que a metáfora do título é que retoma a do co-texto. Aqui, porém, interessa-nos adoptar o ponto de vista do leitor, que lê primeiro o título e, posteriormente, a notícia. Esta sequência é de tal forma pertinente, que diversos estudos apontam no sentido de que a leitura do título influencia a interpretação do texto: “le titre jouerait un rôle de *perspective*. Celle-ci est définie comme un contexte préalable qui indique le contenu global de la représentation à construire, et oriente celle-ci vers un but” (GELPE, 1993: 663).

O co-texto retoma a metáfora do título?	CM	CP	JN	P	Total
Sim	350	300	452	236	1338
Não	178	140	229	175	722
<b>Total</b>	<b>528</b>	<b>440</b>	<b>681</b>	<b>411</b>	<b>2060</b>

**Quadro 27** – O co-texto e a metáfora do título (distribuição de frequências absolutas por jornal)

Estas relações podem ser estabelecidas de várias formas: repetição, extensão e diversificação<sup>11</sup>. Vejamos alguns exemplos de cada um destes casos.

### a) Repetição

A forma mais básica de retomar a linguagem metafórica é, simplesmente, repeti-la. Encontramos, de facto, alguns casos em que o mesmo termo do domínio fonte, referindo o mesmo teor do domínio alvo, se encontra no co-texto:

(62) CARAMBOLA TRÁGICA ESMAGA/ CICLISTA DEBAIXO DE AUTOCARRO

Corpo da notícia (2º §): Foi o que se pode dizer uma carambola trágica que ocorreu ontem, a meio da tarde, quase no final do viaduto (...).

(305) Acusações em boomerang

Corpo da notícia (3º §): A acusação tornou-se numa espécie de «boomerang», com Mário de Almeida, contactado por «O Comércio do Porto», a declarar que a crise anunciada por Cavaco não é tanto europeia como portuguesa (...).

(2032) Purga na Sérvia

Lead: Entusiasmados pela sua recente vitória eleitoral, os nacionalistas sérvios lançaram uma vasta purga bem ao estilo comunista contra os seus inimigos nos meios de comunicação, educação e cultura.

Nestes exemplos, a mesma expressão metafórica do título é encontrada no co-texto, sem alterações. Por vezes, encontramos pequenas alterações na expressão reiterada como, por exemplo, alterações na declinação verbal, no caso dos verbos, ou variações de número, no caso dos nomes:

(68) PELES “VOAM” DE LOJA

Lead: Artigos em pele, avaliados em mais de 20 mil contos, “voaram” de um estabelecimento em Miranda do Douro (...).

(180) COM JUSKOWIAK ‘FUNDIDO’/ BRILHOU A LUZ DE CADETE

<sup>11</sup> Adoptamos aqui a terminologia sobre os vários tipos de inter-relação de metáforas no mesmo texto, introduzida por Andrew Goatly (1987) num breve mas interessante estudo cujo corpus de análise é constituído por metáforas utilizadas nos romances de Golding. Esta teoria é desenvolvida pelo mesmo autor (GOATLY, 1997: 225-282) num estudo intitulado “The Interplay of Metaphors”.

**Lead:** (...) Mas a noite desinspirada e perdulária de Juskowiak fez “brilhar a luz” de Cadete, para quem a equipa passou a jogar (...).

(248) Pedradas no charco

**Lead:** (...) a intervenção do jornalista Fernando Valdez (...) terá funcionado como a maior pedrada no charco da ausência de debate que caracterizou o XIV Congresso do PCP.

Muitas vezes, a linguagem metafórica do título mais não é do que o retomar de uma mesma expressão metafórica utilizada por um dos participantes<sup>12</sup> nos acontecimentos narrados na notícia. Quando isso acontece, o leitor poderá captar mais informações sobre o contexto original na transcrição do discurso fornecida.

(28) DISCURSO FATALISTA/ É UM CANCRO QUE CORRÓI/ A INOVAÇÃO DO ENSINO

**Lead:** Um “discurso fatalista e pessimista, que cultiva a descrença como norma”, constitui o principal “cancro que corrói” a inovação perspectivada para o ensino básico. A afirmação foi feita, em Braga, pelo Secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário (...).

(767) “São autênticos socos no tecido urbano envolvente”

**Corpo da notícia (5º §):** Em relação aos dois empreendimentos em causa, o autarca do PSD considera que eles “são autênticos socos no tecido urbano existente à sua volta”.

(926) ANTÓNIO PINTO: “AZAR IMPEDE-ME/ DE COLHER FRUTOS DE 1992”

**Chamada:** Um vírus hepático (...) o vai impedir de colher os frutos – lucrativos – de uma época quase em pleno (...).

**Texto:** (...) É certo que todos estes transtornos, para além de prejudicarem a carreira de António Pinto, causam ainda danos na sua “carteira”. Com efeito, todos os contratos e “cachets” para diversas provas ficam anulados./ António Pinto não se quis – naturalmente – alongar muito a esse respeito, referindo que “este ano eu tinha planeado cumprir, essencialmente, os compromissos do clube (Benfica)”./ No entanto, com ar de desilusão, lá ia adiantando a seguir que “no último ano eu consegui fazer bons tempos. Agora é que era a altura de colher os frutos...”

<sup>12</sup> Como podemos ver nos exemplos aqui apresentados, os participantes dos acontecimentos noticiados, cujas palavras são reproduzidas no título, são pessoas conhecidas do público do jornal. Isto é, evidentemente, uma consequência do facto de que são estas as pessoas que mais vezes são objecto de atenção por parte dos jornalistas. Num estudo sobre notícias de imprensa e televisivas entre 1967 e 1975, Herbert Gans constata que “the people who appear most frequently in the news are Knowns, and, for the most part, those in official positions (...) they took up between 70 and 85 percent of all domestic news, while Unknowns occupied about a fifth of the available time or space. The remainder was given over to Animals, Objects (such as boats or hurricanes), and Abstractions (such as inflation)” (GANS, 1980: 9). Esta utilização de linguagem metafórica por parte dos participantes da notícia, nomeadamente das pessoas famosas, explica-se, por vezes, pela necessidade de encontrar um processo de distanciamento em relação ao que é afirmado. Claire Lerman, ao analisar os discursos presidenciais nos meios de comunicação social, conclui: “The simplest device that language provides for avoiding clear, unequivocal meaning is the substitution of metaphor for literal, explicit reference. A distinctive form of distancing from personal expression is to state a proposition in metaphor; specific meaning is obscured, and, having said nothing literal, the speaker is as free of ‘personal’ responsibility for his words, as if he had quoted another” (LERMAN, 1985: 199-200). Doris Payne, numa recensão a esta obra, não deixa de notar o facto curioso, já apontado por Harré, de que, em relação a um tipo de metáforas – a analogia – a intenção é precisamente a oposta: a de aumentar a compreensão ao apresentar algo desconhecido em termos de um conceito familiar (PAYNE, 1990).

A repetição da mesma linguagem metafórica entre o título e o co-texto mostra, em alguns casos, que, à medida que a expressão metafórica é usada pelos redactores da notícia, ela vai perdendo as marcas específicas de presença de linguagem figurada. Assim, nos exemplos que acabámos de apresentar, encontramos, no co-texto do título, as expressões “foi o que se pode dizer”, no (62), “uma espécie de”, no (305) e “terá funcionado como”, no (248), expressões que são omitidas no título, onde a linguagem metafórica é mais incisiva. Do mesmo modo, encontramos casos, como o (305) e o (180), em que a expressão metafórica que, no co-texto, é assinalada por aspas, não o é no título. Esta falta de sinalização quanto à presença de linguagem metafórica vai de encontro ao objectivo de tornar o título um enigma suficientemente intrigante para motivar a leitura do co-texto, no qual a metáfora não só é assinalada, como o seu teor e fundamento acabam, frequentemente, por ser especificados na superfície textual.

Uma forma um pouco menos canónica de repetição verifica-se entre o título e a ilustração da notícia. Nestes casos, estaremos perante curiosas relações entre expressões metafóricas verbais e metáforas pictóricas, não verbais. Este último tipo de linguagem metafórica apresenta um maior grau de liberdade de interpretação da parte do receptor (FORCEVILLE, 1995). No entanto, as relações estabelecidas são, por vezes, bastante evidentes, como no seguinte exemplo:

(1292) Hoje há reis/ na Supertaça

[imagem reduzida a 50%]



A expressão metafórica “reis”, motivada pelo facto da notícia ser publicada e se reportar ao Dia de Reis<sup>13</sup>, refere o destaque e importância dos elementos dos clubes de futebol do Porto e do Boavista e encontra um paralelo na caricatura que acompanha o título. As três figuras caricaturadas (Ricky, Valentim Loureiro e Pinto da Costa) com coroa e manto, metonimicamente assinalando a presença da figura real, constituem a versão pictórica da metáfora que é utilizada no título na sua forma verbal.

Este recurso, que consiste na co-presença de duas linguagens diferentes na transmissão da mesma metáfora, embora interessante sob o ponto de vista retórico, não parece ser muito utilizado, pelo menos é o que nos leva a crer a análise do corpus de trabalho.

De um modo geral, a repetição da linguagem metafórica do título no co-texto cria elos de coesão lexical, entre os componentes textuais, do tipo que Halliday e Hassan (1985: 278) designam por reiteração por repetição. No entanto, estes não são os únicos elos coesivos que a reutilização da mesma metáfora gera.

<sup>13</sup> Esta referência da metáfora ao Dia de Reis, 6 de Janeiro, tem, portanto, a ver com o contexto situacional em que a mesma é produzida, neste caso, as suas circunstâncias temporais e culturais.

## b) Extensão

Por vezes, a linguagem metafórica do co-texto estabelece, com o título, um tipo de relação designada por colocação<sup>14</sup>, na terminologia de Halliday e Hassan (1985:286), ou seja, a linguagem metafórica do texto não se limita a repetir a do título, mas vai utilizar, dentro da mesma projecção metafórica, lexemas diferentes pertencentes ao mesmo domínio. A metáfora desenvolvida – “*métaphore suivie ou filée*” (MORIER, 1961) – é definida por Riffaterre (1983: 226) nestes termos: “Une métaphore filée est faite d’une métaphore primaire – donnée sémantique généralement acceptable, plausible, convaincante – et d’une séquence de métaphores dérivées ou secondaires dont les véhicules sont métonymiques du véhicule primaire et dont les teneurs sont métonymiques de la teneur primaire”. Nesta linha, mais recentemente, trabalhos como o de Paul Werth (1994), explicam o fenómeno da “megametáfora” (*megametaphor*) a partir duma conceptualização, em dupla camada, do nível alvo (o da linguagem literal ou teor) em termos do nível fonte (o da linguagem figurada ou veículo), de tal modo que a metáfora não se limita a substituir uma área de experiência por outra, mas combina-as numa terceira, nova, maneira de ver<sup>15</sup>. Assim, quando a notícia apresenta, na sequência do título, uma metáfora desenvolvida, este funciona como uma proposta de metáfora primária condicionante da leitura subsequente em que as duas experiências – fonte e alvo – se

---

<sup>14</sup> A colocação é definida nos seguintes termos pelos autores: “There is always the possibility of cohesion between any pair of lexical items which are in some way associated with each other in the language. So we will find a very marked cohesive effect deriving from the occurrence in proximity with each other of pairs such as the following, whose meaning relation is not easy to classify in systematic semantic terms: *laugh...joke, blade...sharp, garden...dig, ill...doctor, try...succeed, bee...honey, door...window, king...crown, boat...row, sunshine...cloud*. The cohesive effect of such pairs depends not so much on any systematic semantic relationship as on their tendency to share the same lexical environment, to occur in COLLOCATION with one another. In general, any two lexical items having similar patterns of collocation – that is, tending to appear in similar contexts - will generate a cohesive force if they occur in adjacent sentences” (HALLIDAY & HASSAN, 1985: 286).

<sup>15</sup> Stockwell (1992) classifica estas relações de isomorfismo.



entrecruzam. A figura é, deste modo, desenvolvida, estendida ao longo do texto, como acontece nos seguintes exemplos:

(52) Fortalezas encerram portas

**Super-lead:** (...) A Exposição das Fortalezas de Fronteira do Reino de Portugal e dos Algarves encerrou com as chaves do êxito (...).

(216) MILÃO ‘TROPEÇOU’/ MAS... NÃO CAIU

**Lead:** Ninguém esperaria que o temível AC Milão pudesse claudicar (...).

**Parágrafo 2:** Apesar deste “tropeção” (...)

**Parágrafo 5:** (...) um ou outro deslize (...)

(701) A maternidade dos planetas

**Super-lead:** (...) Agora, porém, o Hubble acaba de descobrir as primeiras maternidades dos planetas: os discos de poeira e gases que existem em torno de certas estrelas e onde se formam, numa gestação de milhões de anos, os embriões dos planetas. A teoria tinha previsto a existência destes úteros cósmicos, mas até agora eles tinham escapado ao olhar dos astrónomos.

**Parágrafo 2:** (...) o nascimento de planetas (...)

**Parágrafo 3:** (...) planetas que nascerão (...)

**Parágrafo 12:** (...) astrónomos – que observam com algum enternecimento o nascimento dos irmãos da Terra (...)

**Parágrafo 12:** (...) maternidades cósmicas (...)

Através destes exemplos, vemos que a extensão que é feita da figura pode ser mais ou menos pronunciada. Assim, enquanto que, no exemplo (52), o texto apresenta apenas o lexema “chaves” no desenvolvimento da metáfora da “porta”, no exemplo (216) encontramos “claudicar”, “tropeção” e “deslize”. No (701), expressões como “maternidades” (2x), “gestação”, “embriões”, “úteros”, “nascimento”, “nascerão”, “nascimento dos irmãos” são expressões metafóricas que, ao longo de todo o texto da notícia, vão estendendo, especificando e enriquecendo a mesma projecção metafórica da “maternidade” dos planetas com que o leitor se depara no título.

Seja qual for o grau de desenvolvimento da metáfora – desde um único lexema até ao envolvimento de quase todo o texto – a extensão metafórica baseia-se, não na simples repetição de veículos e respectivos teores, como vimos no ponto anterior, mas na relação dos vários veículos entre si devido ao facto de pertencerem ao mesmo domínio conceptual.

Nos exemplos em que a metáfora perpassa por todo o texto, ela como que constitui um micro-idelecto em que, naquele texto particular, o leitor identificará as várias correspondências:

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO
maternidades	-----	discos protoplanetários (constituídos por gás e poeira, sujeitos a forças gravíticas de certas estrelas e que darão origem a novos planetas)
gestação	-----	período de milhões de anos que dura a formação dos novos planetas
embriões	-----	planetas em formação
úteros	-----	locais de formação dos planetas
nascer	-----	formação completa dos planetas
nascimento dos irmãos da Terra	-----	formação de novos planetas à semelhança do que aconteceu com o planeta Terra

Neste tipo de linguagem metafórica desenvolvida ao longo do texto, a descodificação de cada uma das expressões é realizada, não individualmente, mas em função da projecção total. É porque os “discos protoplanetários” são metaforizados em “maternidades” que o leitor vai fazer corresponder os “embriões” aos “planetas em formação”, e assim por diante. Nas palavras de Riffaterre : “La métaphore filée constitue typiquement un code spécial, puisque les images qui la composent n’ont de sens, individuellement comme en groupe, qu’en fonction de la première d’entre elles” (1969: 46). Cada expressão da série apresenta, assim, um aspecto parcial e particular de um todo. Todas estas expressões, encontrando-se dispersas pelo texto, vão estabelecer relações com o co-texto não metafórico em que se inserem, na frase em que se constituem, mas, além disso, de cada vez que uma delas surge, o leitor é levado a destacá-la e a associá-la às outras com que já se deparou no texto<sup>16</sup>. Assim, a metáfora vai-se estabelecendo, consolidando e afirmando à medida que a leitura prossegue. Em consequência, a linguagem figurada dá uma unidade

<sup>16</sup> Van Buuren distingue, neste ponto, aquilo que designa, respectivamente, por princípio sintagmático e princípio paradigmático: “La métaphore ne constitue pas un phénomène isolé. En poésie, mais surtout en prose, elle fait le plus souvent partie de séries métaphoriques qui déterminent dans une large mesure le sens de l’unité individuelle. Ces séries fonctionnent selon deux principes: d’abord elles développent une cohérence interne (que nos appellerons le principe paradigmatic), ensuite elles entretiennent des rapports variés avec le contexte non métaphorique (principe syntagmatic)”. Este é um sentido de paradigma e sintagma que difere um pouco do sentido corrente que estes termos têm assumido na Linguística desde os trabalhos de Saussure e Jakobson e que aqui assume um carácter mais específico.

coerente e coesa às várias componentes textuais em que surge, e estimula a sua leitura pela continuidade que requer.

A extensão da figura do título no co-texto coexiste, frequentemente, com a sua repetição. Vimos, no último exemplo, que, além de uma série de novas expressões, também o veículo “maternidade”, utilizado no título, era, mais de uma vez, repetido no corpo da notícia. O mesmo pode acontecer em relação às suas componentes icónicas. A imagem que reproduzimos na página 424, além de repetir a expressão metafórica dos “reis” na representação dos mantos e coroas das três personagens caricaturadas, vai um pouco mais longe na metáfora e desenvolve-a a um grau que não é atingido em nenhum ponto do texto da notícia. Assim, os três pretensos reis são-nos apresentados com prendas nas mãos onde se encontra escrito, respectivamente, “golos” (no presente do jogador Ricky), “Porto” (na prenda de Valentim Loureiro, dirigente do Boavista) e “Boavista” (na prenda de Pinto da Costa, dirigente do FC Porto). Além disso, a estrela que as figuras seguem é, igualmente, uma extensão metafórica do mesmo episódio dos três reis magos, já que ostenta a palavra “supertaça”. Trata-se, portanto de um processo scriptovisual onde língua e a imagem se interligam na extensão da metáfora inicial.

A utilização da extensão da linguagem metafórica tem, por vezes, como consequência o ressuscitar de metáforas gastas pela grande frequência de uso. No seguinte exemplo

(1482) GIL VICENTE CANTOU/ DE GALO EM BRAGA

Chamada: (...) Os galos de Barcelos, entretanto, continuam a dar grandes bicadas fora de “casa” e venceram o segundo “derby” minhoto (..)

a expressão “cantou de galo” – referindo-se à vitória do Gil Vicente por 1-0 ao Braga em futebol – é uma expressão que, sendo já gasta, adquire uma nova vida neste contexto: em

primeiro lugar, devido à ligação extralinguística do clube de Barcelos com os conhecidos galos e, em segundo lugar, pelo aspecto que aqui nos interessa, que é a extensão do paralelo metafórico no co-texto, com a referência às “bicadas”, ou seja, às vitórias. Deste modo, activa-se a imagem dos “galos” que, de outro modo, talvez não fosse presentificada na memória activa do leitor.

De um modo geral, portanto, todas as extensões metafóricas, ao constituírem-se como unidades fortemente estruturadas, são mais um dos mecanismos com que o destinatário da notícia é estimulado com vista à leitura global do texto<sup>17</sup>. Este apresentará, entre as diversas expressões metafóricas presentes, aquilo que Lakoff e Johnson (1980: 43-45) designam por consistência, uma vez que os veículos provêm do mesmo domínio e o mesmo acontece com os diversos teores entre si. Esta consistência entre as várias expressões metafóricas diferentes distingue a extensão de um outro fenómeno que é o da diversificação e que focaremos de seguida.

### c) Diversificação

A diversificação metafórica tem em comum com a extensão a presença de duas ou mais expressões metafóricas relacionadas entre si e presentes no mesmo texto. No caso da diversificação, porém, os veículos das figuras não pertencem ao mesmo domínio. A aproximação é, assim, feita pelo facto de o teor das figuras ser o mesmo:

(277) MAR DE LAMA/ FAZ DESCARRILAR COMBOIO

Super-lead: (...) um lençol de lama (...) cobriu a linha do Douro (...)

---

<sup>17</sup> Alguns manuais de estilo, no entanto, advertem os seus redactores para o comedimento no uso deste processo: “A comparação e a metáfora são recursos de estilo que enriquecem o texto. A comparação é sempre útil para situar a informação num terreno conhecido do leitor, como em ‘o palácio do marajá é do tamanho do Maracanã’. E a metáfora dá graça ao texto. Para as duas, comedimento é indispensável. Usar uma metáfora no início do texto e voltar a ela no parágrafo final pode compor agradavelmente a matéria; mas insistir nela ao longo do texto inteiro quase sempre o tornará cansativo” (GARCIA, 1993: 18-19).

(1663) “Parte de leão” fica em Lisboa

**Lead:** (...) a maior fatia do bolo comunitário ficará em Lisboa, que poderá receber 35% (...)

(1750) SECTOR DA CONSTRUÇÃO/ ESTÁ EM ‘MARÉ BAIXA’

**Lead:** O ano de 1992 registou um “arrefecimento” na indústria da construção de imóveis para habitação, disse ao “Correio da Manhã” o vice presidente executivo da Associação Nacional de Empreiteiros de Obras Públicas (ANEOP), Manuel Agria.

Como facilmente se conclui dos confrontos “mar de lama”/“lençol de lama”, “parte de leão”/“maior fatia do bolo” e “maré baixa”/“arrefecimento”, o co-texto fornece, nestes três exemplos, uma expressão metafórica alternativa à que é apresentada no título. Gera-se uma relação a que poderemos chamar de sinonímia local que, ao contrário das relações entre expressões metafóricas que vimos nos dois pontos anteriores, contribui para a diversidade lexical do texto, ao fazer introduzir novos domínios conceptuais.

A diversificação da linguagem metafórica leva ao enriquecimento do texto, não só a nível vocabular, como acabámos de referir, mas também ao nível da ênfase ou da explicitação de diferentes aspectos do teor. É assim que “mar de lama” nos salienta o aspecto devastador da imensa quantidade de lama e “lençol de lama” coloca a ênfase no acto de cobrir, ocultar, tapar com algo extenso e uniforme. Do mesmo modo, no (1663), enquanto que “parte de leão” poderá levar o leitor, eventualmente, a evocar a voracidade com que os fundos serão consumidos e a maior proeminência dada aos seus contemplados, “a maior fatia do bolo” será um pouco menos acentuada nessas conotações, levando o receptor a destacar o aspecto positivo dos fundos a distribuir, embora as duas acentuem a beneficiação de Lisboa nessa distribuição. Finalmente, no (1750), enquanto que “maré baixa” nos evocará o lado quantitativo do problema, “arrefecimento” acrescenta conotações de inactividade e sensações negativizantes.

Podemos, portanto, dizer que, de um modo geral, a diversificação da linguagem metafórica não mantém inalterável o significado veiculado. Assim como os lexicólogos são praticamente unânimes em afirmar que não existe verdadeira sinonímia nas línguas, muito menos nestes casos se poderá dizer que a equivalência semântica é total. De facto, pelo menos a nível conotativo, as expressões acabam por diferir e apresentar um maior enriquecimento do texto a nível da caracterização do teor metafórico em questão.

Este processo da diversificação também pode ter, na sua origem, outros fenómenos de natureza linguística que façam com que determinada linguagem utilizada no texto não seja a mais adequada para figurar no respectivo título. No exemplo (1750), que mencionámos acima, vemos que a topicalização frásica da expressão nominal “sector da construção civil” não permitiria a manutenção do lexema “arrefecimento” sem a introdução de uma forma verbal que não simplesmente um copulativo, o que tornaria o título menos breve e incisivo do que a versão com a metáfora alternativa da “maré baixa”.

Repetição, extensão e diversificação metafóricas são, pois, três processos diferentes mas que têm em comum a ligação da linguagem figurada do título com a do seu contexto. A sua utilização não é mutuamente exclusiva. Embora não pareça ser muito frequente, nada impede que uma expressão metafórica presente no título seja, simultaneamente, repetida, estendida e diversificada no seu co-texto. É o que acontece no seguinte exemplo:

(2059) “Calcio” num mar de lama

**Lead:** (...) o “calcio” navega num mar de lama.

**Parágrafo 2:** (...) “À primeira chuva, sentimo-nos numa plantação de arroz japonesa” (...)

**Parágrafo 6:** (...) uma verdadeira piscina de lama após alguns minutos de chuva (...)

em que a notícia sobre o mau estado dos relvados de futebol italianos repete, no lead, a expressão “um mar de lama” e estende esta projecção metafórica na forma verbal “navega”. Ao mesmo tempo, a metáfora do “mar” é diversificada pela metáfora da “plantação de arroz japonesa” e pela da “piscina”, todas elas caracterizando o alagamento dos campos às primeiras chuvas, ou seja, mantendo o mesmo teor metafórico.

#### 4.5.1.3. A LINGUAGEM LITERAL DO CO-TEXTO

No ponto precedente, abordámos os casos em que a linguagem do co-texto do título metafórico, sendo também ela metafórica, repetia, desenvolvia ou diversificava a linguagem metafórica do título. Nesta secção, faremos referência aos casos em que a linguagem do co-texto retoma a do título mas, ao contrário daquele, utiliza-a em sentido literal. Vejamos alguns exemplos:

(321) Doença/ crónica

Este título encabeça uma notícia sobre os problemas da falta de estacionamento no Hospital de S. João e consequente elaboração de um regulamento. O texto apresenta vários vocábulos relacionados com o domínio hospitalar: “doentes”, “hospital”, “medicina”, “médicos”, “enfermeiros”, etc. A este mesmo domínio conceptual pertencem os lexemas do título, com a diferença de que, ao contrário dos que são utilizados no corpo da notícia, aqueles são tomados metaforicamente.

(478) Governo em «maré negra»

A propósito de uma maré negra na Figueira da Foz, o título da notícia utiliza a mesma expressão num sentido figurado, referindo-se às duras críticas feitas pela oposição à política ambiental do governo.

(1098) A CNN da Europa

Este título, que refere metaforicamente a Euronews, encabeça uma notícia sobre a associação das televisões públicas europeias neste canal por satélite. O canal americano CNN é igualmente referido no corpo da notícia, mas no seu sentido literal.

Do mesmo modo que as palavras do co-texto, como vimos nestes exemplos, podem retomar as do título, mas retirando-lhes o carácter figurado, também as ilustrações que acompanham os títulos podem jogar com esta ambivalência semântica:

(545)



(1291)

## No calor da UGT

**T**eres Couto abita hostilidades. Diz que «o Governo tem tratado abertamente os seus funcionários e aceita o braço-de-ferro com ele e com o patronato. Anuncia uma greve de todos os funcionários da Função Pública (FP) para o próximo dia 15. Designa a política salarial do Governo por «Missão perder a esperança» e considera que o Executivo tem pelos trabalhadores da FP o mesmo respeito que os serviços têm em relação aos hóspedes. Afirma ainda que Braga de Macedo «mentou meter o Rossio na Betesga, quando podia negociar e ser «exames» — programa de convergência nominal — para estar concluído em 1997. Insurge-se contra as novas leis das aposentações e disponíveis e contra o despedimento «em massa» dos funcionários da Administração Pública. As queixas do sindicalista Couto na página 3





(1779)



[imagens reduzidas a 50%]

Nestes exemplos, encontramos uma utilização metafórica das expressões “parar ao charco”, “no calor de” e “dar banho a”<sup>18</sup>, que são confrontadas com imagens que evocam o seu sentido literal: a imagem de uma zona literalmente encharcada, do líder da UGT a tirar o casaco, e de um jogador a despejar uma garrafa de água sobre o técnico.

Tanto nos exemplos do co-texto propriamente dito, como, nestes últimos, do contexto visual do título, a metáfora que encabeça a notícia sai reforçada no seu poder sugestivo, já que vários sentidos se tornam simultaneamente activados nas mesmas expressões. Deste modo, joga-se com a polissemia das palavras, como referimos já na secção 4.3.3.2, e, através da acção do co-texto, as expressões metafóricas do título

<sup>18</sup> Esta expressão entrou já na gíria desportiva, como nos documenta José Afonso Baptista em *A Linguagem dos Desportos*: “Dar *banho*: ganhar bem, por muitos golos. Antónimo: levar ou apanhar *banho*. “O Porto deu banho aos seus vizinhos poveiros...” (DL, 3-2-964 - Sup. Desp., p.8, c.1)” (BAPTISTA, 1993: 69).

acabam por adquirir uma nova vida, no sentido de se fazerem sentir no seu jogo de múltiplos significados interligados.

#### **4.5.1.4. QUANDO A NOTÍCIA TEM DOIS TÍTULOS**

Os títulos metafóricos de primeira página vêm, como vimos atrás, no quadro 24, acompanhados por diversos elementos textuais que, com ele, transmitem a notícia. Não podemos, no entanto, esquecer que estes títulos anunciam o desenvolvimento dessa mesma notícia remetendo o leitor para uma das páginas interiores. É, mesmo, frequente a chamada incluir o número exacto dessa página ou, pelo menos, o nome da secção em que a mesma se localiza – como acontece no CM, CP e P – ou, em alternativa, a própria disposição gráfica da primeira página divide-a já em secções e inclui um índice onde os desenvolvimentos das mesmas poderão ser localizados – que é o caso do JN. Assim, o leitor suficientemente motivado, pelo título de primeira página, para a leitura da notícia completa é levado a abrir o jornal na página referenciada. Aí, ele vai encontrar um novo título para a mesma notícia, já que o corpo da notícia em página interior é sempre acompanhado de um título, independentemente de ter sido ou não anunciado na primeira página.

O relacionamento destes dois títulos da mesma notícia nem sempre é estabelecido pelo leitor. Pode acontecer que a sua curiosidade fique satisfeita com a leitura da primeira página e não chegue a comprar ou a abrir o jornal; ou pode acontecer que, tendo o jornal aberto, o leitor vá percorrendo as notícias que lhe interessam, sem as relacionar com os resumos da página inicial. A relação será, obviamente, estabelecida no caso em que o

leitor vai expressamente à procura de determinada notícia, despertado pelo interesse gerado pela manchete. De qualquer modo, se este relacionamento dos dois títulos nem sempre será feito no processo de recepção, ele é, certamente, obrigatório no processo de produção textual dos títulos das notícias e da composição final do jornal.

Neste ponto, interessa-nos, no presente trabalho, verificar a relação que os títulos metafóricos de primeira página estabelecem com os títulos interiores da mesma notícia. Trata-se de um caso bastante particular de “intertitularidade”, ou seja do relacionamento intertextual interno do título. Dizemos particular pois, por exemplo, Hoek em *La marque du Titre* (1981: 183-186) no seu capítulo sobre intertitularidade não foca este aspecto, já que se debruça sobre um corpus literário. Este é um problema específico do texto jornalístico e sobre o qual não encontramos nenhum estudo.

De facto, o título de primeira página assume um posicionamento algo complexo no que se refere ao seu relacionamento com a notícia correspondente. Quando estes títulos contêm linguagem metafórica, interessou-nos verificar até que ponto essa mesma linguagem era mantida no título interior. Isto porque, na hipótese de não se verificar essa continuidade, então teríamos um indicador de que a presença da metáfora em primeira página teria, de facto, essa função de captação da atenção do leitor de que temos vindo a falar ao longo deste trabalho.

Nesse sentido, procurámos, em relação a todos os títulos de primeira página do corpus, os títulos interiores correspondentes, e comparámo-los no que dizia respeito à utilização de linguagem metafórica, tal como fizemos entre o título e o seu co-texto imediato no subcapítulo anterior. Isto é, trata-se de verificar se, no interior do jornal, o

título mantém a mesma linguagem metafórica, ou se, pelo contrário, não utiliza simplesmente esse recurso, ou, ainda, se, em certos casos, um novo paralelo metafórico é utilizado em alternativa ao da primeira página.

No quadro 28, apresentamos a tabela de frequências das várias situações possíveis encontradas no corpus em análise.

Títulos metafóricos de 1ª página	Linguagem	CM	CP	JN	P	TOTAL
1. Sem títulos interiores	M	2	4	6	2	14
2. Com um título interior	M-M	13	5	22	13	53
	M-D	18	13	37	10	78
	M-N	43	22	79	29	173
3. Remetendo para dois títulos (um de 1ª página de suplemento e outro no interior do mesmo)	M-M-M	0	0	1	0	1
	M-M-D	0	0	0	1	1
	M-M-N	0	0	0	1	1
	M-D-D	2	0	4	0	6
	M-D-N	0	0	3	0	3
	M-N-D	0	0	2	0	2
	M-N-N	1	0	4	1	6
4. Remetendo para vários títulos interiores (dossiers)		1	3	1	4	9
<b>TOTAL</b>		80	47	159	61	347

**LEGENDA:**

M – a linguagem metafórica utilizada no título de primeira página (ex: M-M significa que o título interior utiliza o mesmo paralelo metafórico apresentado na página inicial).

N – utilização de linguagem não metafórica (ex: M-N significa que o título interior não retoma a metáfora do título de primeira página, preferindo uma linguagem não metafórica)

D – quando o título interior, utilizando linguagem metafórica, não segue a mesma projecção utilizada na primeira página. Trata-se, portanto, de diversificação metafórica.

**Quadro 28** – Relação entre a linguagem metafórica do título de primeira página e a linguagem do(s) título(s) interior(es) correspondente(s)  
(distribuição de frequências absolutas por jornal)

O quadro apresenta, na primeira coluna, as quatro situações do título de primeira página neste ponto em análise. Em primeiro lugar, temos os títulos que não encontram correspondentes interiores, em geral porque se trata de pequenas notícias que são, na

íntegra, apresentadas em primeira página<sup>19</sup>. Em segundo lugar, temos a categoria mais numerosa, que abarca os casos em que, ao título de primeira página, corresponde um título de página interior junto à respectiva notícia. Em terceiro lugar, verificámos os títulos que se relacionam numa espécie de cadeia de três elos. Isto acontece nos casos em que a notícia que é anunciada num título da primeira página do jornal remete para um dos seus suplementos – desporto ou economia, por exemplo. Na primeira página destes suplementos, é encontrado um outro título para essa mesma notícia, o qual, por sua vez, remete para o interior do suplemento onde, junto ao corpo da notícia, se encontra um terceiro título. Assim, a mesma notícia terá três títulos. Finalmente, em quarto lugar, considerámos a situação em que um título de primeira página encontra, nas páginas interiores, não uma, mas várias notícias, organizadas em torno de um dossier sobre o mesmo tema. É uma situação que se aproxima da segunda categoria com a diferença de que, em vez de um título interior, temos dois ou mais.

A segunda coluna do quadro apresenta os diversos posicionamentos dos títulos em relação ao problema da metáfora. Assim, apresentamos, sequencialmente, letras maiúsculas que correspondem aos significados explicitados na respectiva legenda.

Nas quatro colunas seguintes, são apresentados os resultados, em termos de frequência absoluta, em relação aos quatro jornais contemplados neste estudo. Na última coluna são apresentados os respectivos totais.

---

<sup>19</sup> Dizemos “em geral” porque encontrámos um caso anómalo que não corresponde a esta situação. Trata-se do título de primeira página do JN

(412) VILA CHÃ:/ MARÉ ALTA/ DE PROTESTOS/ CONTRA/ POLUIÇÃO/ DE RIBEIRO que não vem acompanhado de mais nenhum elemento textual, e o leitor, procurando nas páginas interiores referenciadas, não encontrará a anunciada notícia. Tratar-se-á, certamente, de algum lapso aquando da composição do jornal. É um caso isolado, no corpus e, como tal, não muito significativo.

Os 14 títulos da primeira categoria não serão objecto de atenção nesta secção, já que não confrontam dois títulos da mesma notícia.

Em relação à segunda categoria, com um total de 305 ocorrências, verificamos que esta é, sem dúvida, a mais numerosa, sendo, portanto, a situação mais frequente aquela em que, a um título de primeira página, corresponde um título interior. Nesta relação, entre dois títulos, encontramos três possibilidades diferentes no que respeita à utilização de linguagem metafórica.

Uma primeira possibilidade é a utilização da mesma metáfora nos dois títulos. Neste caso, expressões metafóricas actualizam a mesma projecção, entre os mesmos domínios, como acontece nos seguintes exemplos, em que o primeiro título de cada par é de primeira página e o segundo, o título de página interior correspondente:

(109) DROGA É A “MÃE”/ DA MAIORIA/ DOS CRIMES/ NA REGIÃO DO PORTO  
(115) DROGA É A “MÃE”/ DE QUASE TODOS OS CRIMES

(927) Portugal/ no Clube/ do Espaço  
(928) Portugal/ no clube/ do espaço

(959) Carrinhas-piratas  
(961) Taxistas contra carrinhas-piratas

(1024) O ano em que o dinheiro/ caiu do céu  
(1025) Dinheiro do céu

(1064) FUNCIONÁRIOS/ CAMARÁRIOS/ DE VIANA/ DO CASTELO/ COM A CABEÇA/ “NO CEPO”  
(1065) PODERÃO “ROLAR CABEÇAS”/ NA CÂMARA MUNICIPAL

(1071) Comboio/ invade/ estrada  
(1072) Comboio/ invadiu/ a estrada

Este tipo de relacionamento pode, em primeiro lugar, assumir a forma de uma repetição integral, como no caso do par (927)/(928). Não tendo encontrado outros exemplos semelhantes no corpus, supomos que esta é uma possibilidade pouco utilizada. Em segundo lugar, temos as relações de inclusão, englobando as situações em que o título

de primeira página inclui, na íntegra, o da página interior – como acontece no par (1024)/(1025) – ou a situação inversa, em que este inclui aquele – como é o caso do par (959)/(961). Mais numerosos são os exemplos em que os dois títulos, usando a mesma metáfora, apresentam diferenças de linguagem que podem ser mínimas – como no par (1071)/(1072), em que apenas o tempo verbal e a presença de determinante os distingue – ou mais acentuadas – caso dos pares (109)/(115) e (1064)/(1065). Neste último exemplo, os títulos apresentam, mesmo, uma construção diferente, apesar de manterem a mesma metáfora.

Em segundo lugar, temos os pares em que o título interior, embora recorrendo à utilização de linguagem metafórica, propõe uma projecção diferente da do título de primeira página:

(126) Uma “guerra” metropolitana  
 (127) Uma gare em “cima do joelho”

(300) BENFICA/ DE ALTA TENSÃO/ REBENTOU/ COM/ O DÍNAMO  
 (302) ‘ENCARNADOS’/ COM PONTARIA DESAFINADA

(425) Ieltsin e Congresso/ mantêm duelo  
 (426) À PROCURA DA SAÍDA DO BECO

(1424) Iraque fez/ marcha-atrás/ nos mísseis  
 (1426) Saddam «encolhe as garras»

(1831) Penhores/ à beira/ da morte  
 (1833) CASAS DE PENHORES/ ESTÃO NO “PREGO”

(1990) TOYOTA DE AURIOL/ VOOU PARA A GLÓRIA  
 (1991) AURIOL ATACOU/ COM A FACA/ CERRADA NOS DENTES

O título interior, nestes casos, pode limitar-se a fornecer uma metáfora alternativa à primeira – como acontece no par (1831)/(1833) – em que um novo domínio fonte se vai projectar no mesmo domínio alvo. O segundo título funciona, assim, como uma espécie de “tradução” do primeiro numa nova linguagem, também ela metafórica, mas diferente da primeira. O conteúdo informativo, contudo, permanece o mesmo. Mais frequentemente, o

conteúdo informativo dos títulos difere um pouco, quando cada um deles destaca determinado aspecto da notícia. Tanto num caso como no outro, é curioso observar que esta diversificação de linguagem entre os dois títulos é mais frequente, no corpus, do que a manutenção da mesma metáfora, o que implica um maior afastamento, a nível linguístico, das duas produções e, conseqüentemente, uma maior diversidade linguística.

Um caso particular em que os dois títulos, sendo metafóricos, não utilizam, apesar de parecer que o fazem, a mesma projecção é o do exemplo:

(219) O Conquistador no charco

(223) Dois pontos ao charco

Aqui, os dois títulos remetem para uma notícia sobre o jogo de futebol entre o Boavista e o Vitória de Guimarães, em que o primeiro sai derrotado, perdendo os dois pontos da vitória, jogo este que decorre num campo completamente molhado pela chuva. Trata-se de um exemplo em que o mesmo veículo (“charco”) vai ser utilizado em projecções metafóricas diferentes, com teores diferentes, já que o (219) se refere ao mau estado do campo e o (223) à perda dos pontos. Este tipo de relação, entre duas metáforas com teores diferentes e veículos idênticos, é conhecida por *multivalência* metafórica (GOATLY, 1987: 127).

Em terceiro lugar, ainda dentro desta segunda categoria, encontramos o posicionamento da grande maioria dos pares de títulos da mesma notícia. Trata-se dos casos em que, a um título de primeira página metafórico, corresponde um título interior onde esse tipo de linguagem não é utilizado<sup>20</sup>:

(301) “Dragões” prontos/ a cuspir lume/ em Gotemburgo

Pág. 6: RUI FILIPE: A DÚVIDA QUE PREOCUPA

(779) G. P. Natal deixou/ prenda no sapato/ de Luís Jesus

Pág. 10D: LUÍS JESUS VENCE/ COM NOVO RECORDE

(878) Acidente *encosta* Artur

Pág. 21: Artur politraumatizado

---

<sup>20</sup> Os exemplos que aqui apresentamos são constituídos por pares de títulos em que o primeiro membro do par é um título metafórico do corpus e, por isso mesmo, identificado pelo respectivo número; o segundo membro do par é um título que, não contendo linguagem metafórica, não pertence ao corpus e, como tal, vai identificado com o número da página em que se localiza (o jornal, obviamente, é o mesmo do primeiro título).



(1063) COLLOR “MORTO”/ ITAMAR “POSTO”

Pág. 14: RENÚNCIA DE COLLOR/ ANTECIPOU POSSE DE ITAMAR

(1736) Bill Clinton rejeita/ «prenda» de Saddam

Pág. 12: Clinton rejeita paz de Saddam

(1974) Porto/ sem/ chama

Pág. 22: Linha média fez a diferença

Os títulos interiores, nestes casos, podem constituir-se como um correspondente literal que vai fornecer, no domínio alvo da metáfora, o teor da figura do título de primeira página, como podemos observar através dos exemplos (779), (878), (1063) e (1736), acima citados. Isto não significa que os dois títulos tenham exactamente o mesmo significado, uma vez que os Inguistas, actualmente, são unânimes em considerar que não existem paráfrases literais totalmente equivalentes a frases com linguagem metafórica. Haverá sempre diferenças, ainda que subtis ou restringidas ao âmbito das conotações evocadas pelos termos utilizados. De qualquer modo, o leitor, eventualmente atraído pelo mistério da linguagem metafórica da primeira página, encontra nestes títulos, a sua resolução. É assim que títulos de primeira página com expressões metafóricas idênticas – como os exemplos (779) e (1736), ambos utilizando o lexema “prenda” em sentido figurado – vão encontrar, nos títulos interiores, diferentes veículos – neste caso, “recorde” e “paz”, respectivamente. Fica claro que o título de primeira página, ao utilizar a linguagem metafórica, não é tão explícito como o interior – “prenda” apenas indica que se trata de algo de positivo, de agradável –, o que vem de encontro ao princípio, já aqui enunciado, de que um título de alguma forma misterioso aguça a curiosidade do leitor – neste caso, a de saber de que “prenda” se tratará. Pela grande quantidade de títulos metafóricos de primeira página cujo correspondente interior não segue a mesma estratégia, concluímos que este efeito é mais procurado na primeira página do que na página interior, o que se

explicará facilmente, visto a primeira página ter duas finalidades no que diz respeito ao efeito perlocutório dos seus títulos: levar o leitor a adquirir o jornal e levar o leitor a ler as suas notícias, enquanto que o título interior, em princípio, apenas seguirá esta última finalidade. Assim, o seu poder persuasivo não terá de ser, em geral, tão forte.

O título interior, contudo, não se limita, nesta categoria, a “traduzir” o título metafórico. Frequentemente, ele foca um ponto diferente da notícia, como podemos ver nos exemplos (301) e (1974), já citados.

Na terceira categoria contemplada no quadro 28, encontram-se os casos em que a mesma notícia é precedida por três títulos: o da primeira página do jornal, o da primeira página do destacável em que ela se situa e, por fim, o título adjacente à própria notícia, em página interior do suplemento. É que o acontece nos seguintes exemplos:

(342) F.C. PORTO: NOITE DE ECLIPSE EM GOTEMBURGO (0-1)

(347) AMBIÇÕES DO F.C. PORTO/ “CONGELADAS” ATÉ MARÇO

(348) NOITE PORTISTA DEMASIADO FRIA

Este é um exemplo de um grupo de três títulos que precede uma mesma notícia e que segue o esquema M-D-D, ou seja, apresenta uma situação em que o título de primeira página do jornal propõe um determinado paralelo metafórico – neste caso, a derrota é metaforizada em “eclipse” –, paralelo este que não é retomado por nenhum dos títulos interiores. Assim, o título de primeira página do destacável desportivo debruça-se sobre um ponto diferente da mesma notícia – o adiamento das ambições do clube, metaforizado na expressão “congeladas” – e, finalmente, o título de página interior, adjacente à notícia, continua este processo de diversificação metafórica apontando um terceiro ponto – o da prestação desportiva decepcionante, “fria”.

(414) CAMPEONATO/ ALEMÃO/ VAI DAR HOJE/ UM PONTAPÉ/ NO RACISMO

Pág. 15: FUTEBOL ALEMÃO/ PROMOVE/ JORNADA/ CONTRA O RACISMO

Pág. 19: BUNDESLIGA VAI DIZER/ “NÃO!” AO RACISMO

Neste caso, temos uma notícia precedida por três títulos segundo o esquema M-N-N, o qual, juntamente com o ilustrado anteriormente, constitui uma das combinatórias mais frequentes nesta categoria. Aqui, a projecção metafórica presente no título inicial, pela qual uma atitude de condenação e repúdio é metaforizada em “pontapé”, não é retomada em nenhum dos títulos seguintes. De facto, estes, além de não retomarem a metáfora inicial, também não apresentam nenhuma outra em alternativa, como acontecia no exemplo anterior (o “dizer não” do terceiro título não é uma metáfora mas uma metonímia).

(696) Câmara “trava”/ embargo da CCRN

(698) Travão no embargo

(699) Teia de contradições

Outra possibilidade é a ilustrada neste caso. Ao primeiro paralelo metafórico segue-se uma outra versão do mesmo e, por fim, no terceiro título, uma nova metáfora é escolhida. O esquema M-M-D está, pois, subjacente a esta combinação de títulos.

(807) PEDRINHA DO BEIRA MAR/ NO SAPATINHO/ DO F.C. PORTO

(815) NEM O F.C. PORTO ESCAPOU/ À RATOEIRA DO BEIRA MAR

Pág 20: NATAL DE REFLEXÃO NAS ANTAS

Este é um caso em que se optou pela combinação M-D-N, ou seja, a proposta metafórica do título inicial – da “pedrinha” no “sapatinho” – não é retomada no título seguinte, o qual escolhe uma nova projecção – neste caso a da “ratoeira” – e o último título da sequência, por sua vez, nem sequer opta pela utilização de paralelos metafóricos.

(1432) BENFICA PASSOU/ EM PAÇOS/ DE FERREIRA

Pág. 19: PARA O BENFICA E SPORTING/ O IMPORTANTE FOI GANHAR

(1442) PASSOS E “BENTOS” FAVORÁVEIS...

Aqui temos uma ilustração da combinatória M-N-D, pela qual a linguagem metafórica inicial é, no segundo título, abandonada e, no terceiro, diversificada.

(1875) SPORTING/ CORTA RELAÇÕES/ COM O BENFICA

(1878) SPORTING CORTOU/ RELAÇÕES/ COM O BENFICA

(1880) DIRECÇÃO DE CINTRA/ CORTA RELAÇÕES/ COM A DE BRITO

Neste último exemplo ilustrativo, encontramos o esquema M-M-M. Trata-se de uma combinatória com apenas uma ocorrência em todo o corpus, e que apresenta a particularidade de manter a mesma metáfora nos três títulos sucessivos.

Esta terceira categoria do quadro 28 apresenta, por se tratar de sucessões de três títulos para a mesma notícia, mais possibilidades que as que o quadro contempla, uma vez que este se limita às que encontramos no corpus. Na realidade, o total de possibilidades ascende a nove, uma vez que  $3^2 = 9$ . Assim, teoricamente, seriam possíveis as seguintes combinatórias:

M-M-M

M-M-D

M-M-N

M-D-M

M-D-D

M-D-N

M-N-M

M-N-D

M-N-N

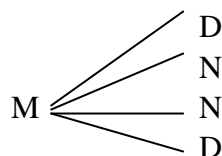
De facto, a maioria destas combinatórias encontra-se presente no corpus. Apenas os esquemas M-D-M e M-N-M não se encontram ilustrados. Esta ausência significa que, uma vez abandonada a metáfora inicial no segundo título, ela não será reabilitada no terceiro. É o que se verifica neste corpus, mas, no entanto, nada impede que essa situação possa ocorrer.

Uma outra observação relativa a esta terceira categoria prende-se com a sua pequena representatividade em comparação com a categoria anterior. Na realidade, a menor ocorrência destas situações explica-se pelo facto de se limitarem a notícias localizadas em destacáveis – o que explica a sua total ausência no CP – e, mesmo de entre estas, às notícias, que, pelo seu destaque jornalístico, mereçam a referência, não só na primeira página do destacável, mas igualmente na primeira página do jornal.

Finalmente, uma palavra em relação à quarta categoria contemplada no quadro 28, e que diz respeito àqueles títulos de primeira página que remetem, tal como na categoria anterior, para mais de um título no interior do jornal, mas que, ao contrário daquela, não o fazem originando sequências de títulos para a mesma notícia, mas sim agrupando notícias diferentes, com os respectivos títulos, em torno de dossiers temáticos. Trata-se, em geral, de desenvolvimentos noticiosos sobre um assunto central importante e actual. O número de textos assim agrupados é muito variável. No corpus, encontramos exemplos que congregam desde duas a treze notícias por dossier. Como seria de esperar, os títulos interiores são mais específicos, já que cada um encabeça uma notícia particular dentro do dossier temático, como podemos observar nos seguintes exemplos:

Título de 1ª página: (1003) Taça amarga/ para equipas/ do Norte  
 Títulos interiores: (1008) Balizas às sete chaves!  
 Pág. 22: Vitória (in)justa  
 Pág. 23: Quem era da I Divisão?  
 (1009). Empurrãozinho do árbitro

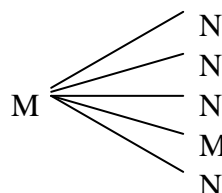
Esquema:



Este é um exemplo em que o título de primeira página e respectiva chamada remetem para várias notícias, neste caso quatro, no interior do jornal. Na primeira página, refere-se, metaforicamente, em termos gerais, as más prestações das equipas nortenhas na Taça de Portugal em futebol. No interior, os títulos, mais específicos, remetem, respectivamente para o mau desempenho do Chaves, do Guimarães, para a derrota do Salgueiros e para as dúvidas geradas na prestação do Boavista. A linguagem metafórica da primeira página resume, em “Taça amarga”, todas estas desventuras, funcionando quer como um apelo à leitura, quer como uma forte condensação informativa. Nenhum dos quatro títulos interiores retoma a metáfora da primeira página e dois deles nem sequer apresentam linguagem metafórica. Dado que não se trata de uma sequência de cinco títulos para uma mesma notícia, mas de quatro notícias referenciadas pelo mesmo título geral de primeira página, podemos resumir estas relações no esquema acima apresentado, em que se pode visualizar o facto de o paralelo metafórico inicial não ter sido retomado em nenhum dos títulos sob ele agrupados.

Título de 1ª página: (374) Edimburgo joga/ futuro da Europa  
 Títulos interiores: Pág. 4: A importância da Dinamarca  
 Pág. 4: A teimosia britânica  
 Pág. 4: Imigração e fronteiras  
 (375) Edimburgo baralha e volta a dar  
 Pág. 5: Ministros das finanças reunidos

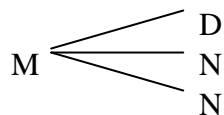
Esquema:



Também neste exemplo, o texto de chamada da primeira página referencia as páginas interiores em que se localizam as notícias que desenvolvem o título comum que constitui a manchete do jornal. Neste caso, temos um total de cinco títulos em que apenas um deles, como podemos visualizar no esquema, desenvolve a metáfora A POLÍTICA É UM JOGO

proposta no título inicial, e especifica o tipo de jogo como sendo de cartas, através da expressão “baralha e volta a dar”, pela qual se reforça o sentido da complexidade do problema.

Título de 1ª página: (1560) OCIDENTE PUXA/ ORELHAS/ A SADDAM  
 Títulos interiores: (1570) INCURSÕES NO KOWEIT/ FORAM A ‘GOTA DE ÁGUA’  
 Pág. 25: UMA FORÇA TEMÍVEL/ CONTRA BAGDADE  
 Título última pág.: Pág. 44: Saddam/ reage/ com apelo/ à ‘Guerra/ Santa’  
 Esquema:



Neste caso, a pequena chamada que acompanha a manchete remete o leitor para textos nas páginas interiores e um na última página. Esta maior dispersão explica-se em virtude da relevância jornalística dos factos relatados. Assim, o jornal optou pela criação de um dossier sobre o assunto e, ainda, pela inclusão de uma notícia, resumindo os acontecimentos principais, na última página. Esta, por ser uma página exterior, é de rápido acesso pelo leitor ocasional. Em relação à linguagem escolhida, o esquema mostra que a metáfora eufemística da manchete, pela qual os raids aéreos são referidos em termos de puxões de orelhas, não é retomada em nenhum dos títulos seguintes. Apenas uma das notícias utiliza linguagem metafórica mas não segue a mesma projecção.

Esta quarta categoria, de dossiers noticiosos, é, pois, no corpus, aquela que menos exemplos recolhe. Os títulos metafóricos de primeira página remetem, na maioria dos casos, para uma única notícia em página interior, encabeçada por um segundo título que, tipicamente, não retoma a linguagem metafórica do primeiro.

Além de todas estas formas de relacionamento intertextual interno, que o título estabelece com o próprio co-texto imediato, existem outras pontes intertextuais que levam o leitor a outras paragens mais ou menos distantes. É disso que nos ocuparemos seguidamente.

#### **4.5.2. INTERTEXTUALIDADE EXTERNA:**

##### **PALIMPSESTOS VERBAIS NO TÍTULO**

Tal como qualquer tipo de texto, também o título de imprensa pode estabelecer relações intertextuais com outros textos que lhe são externos e que podem estar mais ou menos distantes, quer no tempo quer no espaço. Abordaremos nesta secção exemplos destas relações, as quais, de acordo com o tipo de texto que temos vindo a estudar, resolvemos dividir em dois pontos de análise. No primeiro ponto, focaremos as relações intertextuais que um título de notícia pode estabelecer com outros textos que se encontram presentes no mesmo exemplar do jornal para além do texto da notícia a que se refere, uma vez que esse seria um caso de intertextualidade interna no sentido que aqui temos vindo a dar ao termo; em segundo lugar, num patamar que ultrapassa o da própria imprensa, estudaremos as diversas relações intertextuais em que um título de notícia se pode envolver com os mais diversos e distantes tipos textuais.

##### **4.5.2.1. O TÍTULO E O INTERTEXTO NO MESMO JORNAL**

A ocorrência de ligações intertextuais entre o título da notícia e outros textos do mesmo jornal resume-se, no corpus de trabalho, a relações entre títulos de notícias diferentes mas relacionadas e presentes na mesma página ou em páginas adjacentes do mesmo jornal. É precisamente o que acontece nos seguintes exemplos:

(665) O social-imperialismo morreu

(666) ...e o imperialismo/ já não é um “tigre de papel”

As reticências do título (666), colocadas em posição inicial, alertam, à partida, o leitor para a hipótese de considerar esta frase como a continuação de outra. Do mesmo modo, a utilização da conjunção coordenativa leva à procura de uma relação de coesão com uma possível frase anterior. Reparando na disposição gráfica do jornal aberto, o leitor encontrará, na página anterior (a página par e, conseqüentemente, à direita), na mesma altura da página, um outro título, o (665). Embora se trate de notícias diferentes – a do

título (665) é sobre a visita do presidente russo à China e a do (666) é sobre as relações entre a China e os Estados Unidos –, acaba por haver um denominador comum que as une e que diz respeito à evolução política chinesa. Em relação à utilização de linguagem metafórica, trata-se, nos dois casos, de metáforas atributivas em que “morreu” e “já não é um tigre de papel” referem, respectivamente, de modo figurado e sob o ponto de vista chinês, o fim da ameaça de dois “imperialismos”: o social-imperialismo soviético e o imperialismo norte-americano.

(2001) Cine Águia d'Ouro/ em banho-maria...

Pág.50: ...e Carlos Alberto em obras

Neste caso, trata-se de duas notícias publicadas na mesma página, uma na metade superior e outra ocupando a metade inferior e ambas sobre o destino de duas salas de cinema oitocentistas na cidade do Porto. Aqui, a utilização das reticências e da conjunção coordenativa funciona exactamente como no exemplo anterior, com a diferença de que, neste caso, os dois títulos utilizam reticências: o primeiro em posição final; o segundo em posição inicial, o que reforça a sua interligação coesiva. Os dois títulos apresentam uma configuração idêntica em que, ao nome do cinema, se segue um SP que vai resumir o contraste que se pretende transmitir acerca do destino diferente que os espera: no primeiro caso, a sala encontra-se fechada e degradada (“em banho-maria” é a expressão metafórica utilizada), o segundo, pelo contrário, está em recuperação.

Nestes dois exemplos, verificamos que a utilização das reticências e da conjunção coordenativa funcionam como elos coesivos, propondo uma situação única no âmbito da coesão textual. De facto, tratando-se de dois textos diferentes, encabeçando notícias distintas, os dois títulos do par coesivo parecem relacionar-se como se de uma única frase se tratasse, estabelecendo, através dos dois processos referidos, elos coesivos interfrásicos. Estamos, pois, perante uma espécie de paradoxo em que os dois enunciados, pertencendo à mesma frase, não pertencem ao mesmo texto. Esta contradição é explicada através do processo particular da sua génese textual. Sabendo que, na imprensa, a redacção do título da notícia é posterior à redacção do corpo da mesma e, frequentemente, o redactor é diferente, os dois textos, agrupados sob o mesmo tema, foram, necessariamente, intitulados num mesmo gesto criativo. A este processo não é alheia a disposição gráfica das notícias na página, em que se verifica um alinhamento



horizontal, como no nosso primeiro exemplo, ou vertical, no segundo caso. Não seria, à partida, de esperar uma tal ligação entre títulos situados em páginas diferentes sem uma continuidade visual. Assim criados, os dois títulos acabam por estar de tal modo ligados entre si que a leitura de um supõe a leitura do outro, no que é, efectivamente, uma ligação intertextual. Podemos considerar que cada um deles tem o outro como uma parte elidida de si mesmo, ou seja, cada um deles completa a sua leitura na leitura do outro. Há, deste modo, uma espécie de relação intertextual em que cada texto é, simultaneamente, gerador e ponto de chegada da ponte intertextual: o primeiro título do par, numa expectativa catafórica, e o segundo, numa retrospectiva anafórica.

Para além destes dois exemplos de ligação intertextual entre títulos adjacentes, não encontramos, no corpus, nenhum caso em que um título de notícia metafórico estabelecesse uma ponte intertextual para outro texto publicado no mesmo jornal ou até em edições precedentes<sup>21</sup>, como acontece, por exemplo, em certos títulos de editoriais, em cartas abertas que funcionam como resposta a textos vindos a lume em números anteriores, ou em notícias que constituem desenvolvimentos de notícias publicadas num número anterior do jornal<sup>22</sup>. Assim, a maioria das relações intertextuais externas, é estabelecida, como veremos na secção seguinte, com textos não jornalísticos.

---

<sup>21</sup> Daí que, nos exemplos que acabámos de referir, o espaço de intertextualidade considerado é o espaço informativo que Mouillaud designa de *intra-jornal*: “Nous envisageons l’existence de deux types de liaisons: entre journaux et à l’intérieur d’un journal; le mot est pris dans un sens précis; il correspond uniquement à des processus qui se situent au niveau de l’information (...); il nous permet de parler d’un champ d’information en un double sens: un champ qu’on peut appeler inter-journaux et un champ intra-journal” (1968: 74-75).

<sup>22</sup> Embora não tenhamos encontrado nenhum exemplo no corpus, podemos ilustrar este fenómeno com os seguintes títulos:

Filarmonia «desafina» (Diário de Aveiro, 1ª pág., 23/04/1998)

Filarmonia das Beiras/ continua a «desafinar» (Diário de Aveiro, 1ª pág., 25/04/1998)

ambos sobre um conflito entre músicos e direcção de uma filarmonia. Repare-se que a mesma metáfora é utilizada dois dias depois e o verbo *continuar* torna clara a relação de continuidade entre as duas notícias, ou seja, uma relação inter-jornais no sentido referido na nota anterior.

#### 4.5.2.2. O TÍTULO E O INTERTEXTO EXTERIOR AO JORNAL

Onde o nível da intertextualidade do título de notícia se revela na sua maior amplitude e diversidade de realizações é no seu percurso para fora do próprio meio de comunicação que é o jornal. Alusões mais ou menos veladas a textos das mais variadas proveniências criam, entre leitor e redactor, uma cumplicidade construída a partir da partilha de um espaço cultural comum, apelando para uma ligação entre os participantes no processo comunicativo<sup>23</sup>.

Precisamente neste campo, a utilização, no título, de linguagem metafórica de proveniência intertextual encerra um recurso valioso neste processo de aproximação, estimulando o leitor numa dupla tarefa de decifração de enigma: por um lado, a tarefa da descodificação da própria linguagem metafórica; por outro, a do restabelecimento da ponte intertextual proposta no texto titular que remete para um segundo texto que é exterior ao próprio jornal. O percurso lúdico da aproximação dos dois textos é criado a partir de um “disfarce” mais ou menos profundo do texto de partida. Assim, ele não é apresentado, geralmente, na sua versão original, mas desconstruído<sup>24</sup>, ou seja, alterado, fazendo-se antever através de algumas características linguísticas que são mantidas: a

---

<sup>23</sup> Birch salienta, neste processo, a importância do envolvimento do leitor: “The analysis should not come *before* the question ‘where do you go from here?’; the *where* needs to be determined by the *why?* and *so what?* of the analysis. And that is determined, it seems to me, by readers, and articulated *through* their recognition of what it is that makes them read a text in a particular way, i.e., *intertextuality*. Analysis therefore provides the means for you as reader to relate the text to your own experience of language and reality by actually constructing the text through and with your intertextual experiences” (1989: 260).

<sup>24</sup> FIALA & HABERT designam este processo por “défigement” e definem-no nos seguintes termos: “On peut définir le défigement dans les titres comme la reprise d’un figement, visant à faire resurgir tout ou partie du sens originel de ses éléments. (...) l’effect essentiel du défigement est de produire de l’ambigüité, d’exprimer deux ou plusieurs choses à la fois dans une même expression linguistique” (1989: 89-91).

estrutura frásica ou a escolha de vocabulário chave, por exemplo. Não é, pois, completamente óbvia nem imediata a identificação do pré-texto da relação intertextual estabelecida nestes títulos de notícia; pelo contrário, eles exigem, da parte do leitor, um empenhamento de nível hermenêutico. Nesta demanda, o leitor, despertado pela sua curiosidade, é estimulado à leitura do corpo da notícia<sup>25</sup>.

Neste processo de transposição intertextual, a leitura do título quebra a sua linearidade e, num movimento vertical paradigmático, procura a fonte inspiradora da linguagem utilizada entre os mais variados componentes desse espaço cultural partilhado. Focaremos, seguidamente, os principais campos inspiradores de ligação intertextual a partir dos títulos do corpus que sustenta esta investigação.

### **a) Provérbios**

A fonte mais profícua de conotações analógicas intertextuais em relação aos títulos do corpus, prende-se com o riquíssimo manancial de provérbios e máximas que fazem parte da memória colectiva portuguesa. Entendemos aqui provérbios como enunciados lexicalizados, pertencentes à língua (existem, mesmo, dicionários de provérbios), com autonomia sintáctica e textual (o que os distingue de simples expressões idiomáticas), valor semântico de verdade geral (inserir uma situação particular numa classe geral de

---

<sup>25</sup> A importância da referência intertextual como estratégia usada nos títulos de imprensa para estimular a leitura dos artigos correspondentes é sublinhada por Carmen Muñoz Cachón: “El lector, al conocer parcial o totalmente la estructura del titular, entra a formar parte del juego establecido por el periódico, consistente en hallar el paralelismo entre el encabezamiento y el texto-modelo y a continuación buscar una relación entre ambos contenidos, para lo cual es imprescindible leer el artículo. La estrategia empleada por el periodista habrá surtido efecto, el objetivo – lectura del artículo – se ha logrado” (1990: 221).

situações)<sup>26</sup> e de autoria desconhecida (o anonimato distingue-os de certas frases célebres que se tornaram muitíssimo populares)<sup>27</sup>.

A escolha do provérbio como antecedente de uma relação intertextual do título da notícia não é fortuita. Sendo aquele um tipo textual de pequena dimensão, serve na perfeição para entrar num palimpsesto verbal com um título. Nos palimpsestos verbais desta categoria, o sub-enunciado que é o provérbio, unidade lexicalizada, faz-se sobrepor pelo sobre-enunciado que é o título da notícia e que, frequentemente, o deslexicaliza, alterando a sua estrutura. Esta sobreposição intertextual título/provérbio está claramente presente nos seguintes exemplos do corpus:

(190) De Espanha... um bom casamento

(1920) Maus ventos de Espanha

Em cada um destes títulos, identificamos imediatamente uma alusão ao provérbio *De Espanha, nem bom vento nem bom casamento*<sup>28</sup>. Tal como acontece frequentemente nas alusões intertextuais, o texto de partida encontra-se alterado<sup>29</sup>. No caso do exemplo (190), o título opera através da supressão de parte do enunciado original, incluindo a supressão do elemento de negação, o que faz com que o significado resulte antitético em relação ao texto de partida. A leitura da notícia é assim, estimulada, numa tentativa de redução do alto grau de informatividade<sup>30</sup>. A aparente falta de coerência e coesão textual provocada pela presença da expressão “um bom casamento” no título de uma notícia de política internacional leva o leitor a associar-lhe, quer o antetítulo “Terminou a cimeira da identidade ibérica”, quer a passagem “delegações (...) identificadas nos objectivos que pretendiam ver atingidos” e, assim, esclarecer o enigmático texto titular. Já o título (1920) suprime o segmento final do provérbio e apresenta uma inversão na ordem das palavras originais. O

<sup>26</sup> Lakoff e Turner, na parte final do livro *More than Cool Reason*, apresentam uma interessante análise do provérbio, em que discutem o processo pelo qual uma expressão que parece não ter nenhuma conexão explícita com a situação presente se aplica a ela. A explicação reside na estrutura do *schema* imagem do provérbio e da situação presente. A metáfora O GERAL É ESPECÍFICO estende a situação mencionada no provérbio a um tipo geral de situações no qual se engloba aquela que se experiencia no momento da aplicação do provérbio. Na mesma linha, Todd Oakley (1998) define estes pequenos textos nos seguintes termos: “Maxims or proverbs are wise sayings generally well known in the discourse community. They are ‘condensed bits of wisdom’ that can be used in an indefinite number of occasions” e aplica a teoria dos espaços múltiplos de Fauconnier e Turner ao estudo de expressões idiomáticas.

<sup>27</sup> Cf. ARNAUD, 1993. Ver ainda, no âmbito dos estudos paremiológicos portugueses, as teses de Ana Cristina Macário Lopes (1992) e Maria Gabriela C. B. Funk (1993). Um estudo sociolinguístico de provérbios e expressões populares brasileiras pode ser encontrado em VELLASCO, 1996.

<sup>28</sup> Cf. MACHADO, 1997: 168.

<sup>29</sup> Robert Galisson utiliza, neste sentido, a expressão “deslexicalização”: “L’expérience montre, en effect, que le texte le moins délexicalisé (le moins déconstruit, donc le plus proche du sous-énoncé originel) n’est pas nécessairement mieux compris que le texte le plus délexicalisé (le plus déconstruit, donc le plus éloigné du sous-énoncé de base). C’est la **référence culturelle** qui joue, prioritairement, le rôle de sésame dans l’accès au sens des palimpsestes” (1995: 107).

<sup>30</sup> No sentido de Beaugrande & Dressler que já temos referido.

elemento de negação mantém-se, mas é mais condensado, ou seja, “nem bom” é substituído por “mau”. Uma leitura metafórica é igualmente pretendida, desta vez referindo, como se lê no lead da notícia, as más influências da economia espanhola na portuguesa, no âmbito da comunidade europeia: “A Espanha é atribuída uma modesta evolução de 0,5 por cento, facto a que a economia portuguesa não poderá ficar indiferente”.

(740) DEPOIS DA TEMPESTADE/ VEM SEMPRE A BONANÇA

Já neste exemplo, o sub-enunciado proverbial não foi desestruturado<sup>31</sup>. A sua leitura metafórica geral – significando que a uma situação de agitação segue-se uma situação de calma – engloba a explicação que o texto fornece para o facto de que o Sporting e o Belenenses “irão lutar de forma a conseguirem averbar pontos para a tranquilidade voltar a reinar nas suas cores”.

(1063) COLLOR “MORTO”/ ITAMAR “POSTO”

Neste terceiro caso ilustrativo, o sobre-enunciado titular deixa antever o sub-enunciado proverbial *Rei morto, rei posto*<sup>32</sup>, alertando, juntamente com o uso das aspas, o leitor para uma descodificação metafórica, não literal. Tratando-se de um texto de primeira página, esta identificação é fundamental a fim de evitar interpretações erradas e fatalistas da sorte do presidente brasileiro. O título interior esclarece o mistério: RENÚNCIA DE COLLOR/ ANTECIPOU POSSE DE ITAMAR.

Os provérbios utilizados nos exemplos que acabámos de apresentar condensam uma pequena história no título da notícia, a qual é interpretada através de um processo de projecção conceptual. Assim, o casamento do exemplo (190) é projectado no acordo político; no (740) a tempestade é projectada na instabilidade, e a bonança na tranquilidade proporcionada pelos resultados dos clubes desportivos mencionados; finalmente no (1063), o “morto” projecta-se na demissão e o “posto” na posse presidencial. Ou seja, nas palavras de Mark Turner:

“Proverbs frequently present a condensed implicit story to be interpreted through projection (...) The target story – the story we are to understand – is not even mentioned overtly, but through our agile capacity to use both story and projection, we project the overt source story onto a covert target story. “When the cat’s away, the mice will play” said at the office, can be projected onto a story of boss and workers. Said in the classroom, it can be projected onto a story of teacher and students. Said of sexual relationships, it can be projected into a story of infidelity (...). If we find [it] out of context, in a book of proverbs or in a fortune cookie, we can project it onto an abstract story that might cover a great range of specific target stories and muse over the possible targets to which it might apply” (1996: cap.1)

<sup>31</sup> Quando muito, podemos considerar que houve a adjunção do advérbio “sempre”, uma vez que, segundo a recolha de Fernando Mello, por exemplo, a forma original será “Depois da tempestade, vem a bonança” (1988: 344). José Pedro Machado, em *O Grande Livro dos Provérbios*, regista a forma: “Após a tempestade a bonança” (1997: 87).

<sup>32</sup> Cf. MACHADO, 1997: 540.

Ao utilizar um provérbio no título de uma notícia, o redactor estabelece uma projecção entre a pequena história do provérbio e a história real relatada no texto da notícia. A segunda história é, deste modo, escondida, no título, atrás da primeira, o que faz despertar o sentido lúdico do leitor na descodificação do significado camuflado.

A pequena dimensão do provérbio/título exige, portanto, que uma selecção prévia dos elementos informativos mais importantes noticiados no texto seja feita neste processo de projecção. Uma máxima condensação da história é, assim, conseguida no título, à semelhança do provérbio que lhe está na base.

Neste uso do provérbio no título da notícia verificamos, ainda, que aquele não é citado através de uma alusão explícita ao seu estatuto de texto proverbial, como acontece em certos contextos em que o locutor introduz o provérbio com expressões como “lá diz o povo que...”, “como diz o provérbio...” e outras<sup>33</sup>. Aqui, pela brevidade textual, não temos a inserção do provérbio subjacente numa estrutura discursiva mais vasta, uma frase introdutória em que ele se encontre englobado e da qual ele seria um constituinte. Assim, o leitor só o poderá identificar como tal pelo facto de o reconhecer dentro desta vasta gama de textos estereotipados armazenados no repositório da memória colectiva da comunidade linguística. Daí a cumplicidade de que falávamos entre emissor e receptor do texto.

---

<sup>33</sup> Ver outras fórmulas em LOPES, 1992: 401-402 e FUNK, 1993: 80-85.

## b) Frases bíblicas

Do mesmo modo que o provérbio, também frases e expressões bíblicas famosas são utilizadas em conexões intertextuais estabelecidas nos títulos de notícia. No corpus encontramos os seguintes exemplos:

(17) O gigante com pés de barro

(652) FUTEBOL/ PORTUGUÊS/ TEM PÉS/ DE BARRO

Estes dois títulos<sup>34</sup> remetem para uma passagem bíblica do livro de Daniel sobre um sonho de Nabucodonosor, a estátua compósita (Dn 2, 31-45), que é interpretado pelo profeta Daniel<sup>35</sup> como referindo a fragilidade de um reino. A interpretação de partida é, assim, menos alterada no exemplo (17) do que no (652). De facto, o primeiro destes títulos remete para uma notícia na secção de economia cujo antetítulo, Alemanha espera recessão, NOS dá conta da fragilidade, não de um reino, mas do sistema económico de um país. No segundo destes títulos, apenas a ideia da fragilidade é transferida. O subtítulo, -DIZ JOSÉ ROMÃO, indica tratar-se de uma citação. Na realidade, como se pode constatar pela leitura da notícia, a classificação do futebol português como tendo pés de barro é feita pelo treinador do Famalicão. Neste caso, o conhecimento intertextual da expressão torna-se particularmente importante, uma vez que ela não é explicada em nenhum ponto da notícia.

<sup>34</sup> Plett designa por serialização (*serialization*) intertextual o processo cuja base é do tipo *um texto* → *muitos textos*, ou seja, uma série de intertextos procedendo de um único texto (1991: 23-24). Karrer (1991: 127-128) chama a atenção para o facto de que as técnicas de imitação–variação nos títulos levam à formação de paradigmas de tipo sintáctico (reprodução de certas estruturas), de tipo semântico (não–variação de um conceito ou marcador semântico), de tipo fonético/grafemático (reprodução de padrões sonoros ou de letras) ou de tipo sigmático (reprodução do mesmo referente).

<sup>35</sup> Uma versão portuguesa do texto original (Dn 2, 31-45) é a seguinte: “<sup>31</sup>Tiveste, ó rei, uma visão. Era uma estátua. Enorme, extremamente brilhante, a estátua erguia-se diante de ti, de aspecto terrível. <sup>32</sup>A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze; <sup>33</sup>as pernas eram de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila. <sup>34</sup>Estavas olhando, quando uma pedra, sem intervenção de mão alguma, destacou-se e veio bater na estátua, nos pés de ferro e argila, e os triturou. <sup>35</sup>Então se pulverizaram ao mesmo tempo o ferro e a argila, o bronze, a prata e o ouro, tornando-se iguais à palha miúda na eira de verão: o vento os levou sem deixar traço algum. E a pedra que havia atingido a estátua tornou-se uma grande montanha, que ocupou a terra inteira. <sup>36</sup>Tal foi o sonho. E agora exporemos a sua interpretação, diante do rei. <sup>37</sup>Tu, ó rei, rei dos reis, a quem o Deus do céu concedeu o reino, o poder, a força e a honra; <sup>38</sup>em cujas mãos ele entregou, onde quer que habitem, os filhos dos homens, os animais do campo e as aves do céu, fazendo-te soberano deles todos, és tu que és a cabeça de ouro. <sup>39</sup>Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu, e depois ainda um terceiro reino, de bronze, que dominará a terra inteira. <sup>40</sup>Haverá ainda um quarto reino, forte como o ferro, como o ferro que reduz tudo a pó e tudo esmaga; como o ferro que tritura, este reduzirá a pó e triturará todos aqueles. <sup>41</sup>Os pés que viste, parte de argila de oleiro e parte de ferro, designam um reino que será dividido: haverá nele parte da solidez do ferro, uma vez que viste ferro misturado à argila de oleiro. <sup>42</sup>Como os pés são parcialmente de ferro e parcialmente de argila de oleiro, assim esse reino será parcialmente forte e, também, parcialmente fraco. <sup>43</sup>O facto de teres visto ferro misturado à argila de oleiro indica que eles se misturarão por casamentos, mas não se fundirão um com o outro, da mesma forma que o ferro não se funde com a argila. <sup>44</sup>No tempo desses reis o Deus do céu suscitará um reino que jamais será destruído, um reino que jamais passará a outro povo. Esmagará e aniquilará todos os outros reinos, enquanto ele mesmo subsistirá para sempre. <sup>45</sup>Foi o que pudeste ver na pedra que se destacou da montanha, sem que mão alguma a tivesse tocado, e reduziu a pó o ferro, o bronze, a argila, a prata e o ouro. O grande Deus manifestou ao rei o que deve acontecer depois disso. O sonho é verdadeiramente este, e digna de fé é a sua interpretação.” (*A Bíblia de Jerusalém*).

Apenas a sua forma completa surge no último parágrafo da mesma a propósito de José Romão: “um homem que acredita que um dia terá a oportunidade de treinar um grande clube do “gigante com pés de barro” que é o futebol português.”

(63) ALEMANHA: CHEGOU AO FIM/ O TEMPO DAS VACAS GORDAS  
 (1909) COMUNIDADE/ EM ANO/ DE VACAS/ MAGRÍSSIMAS  
 (1916) COMUNIDADE EUROPEIA PREPARA-SE/ PARA ANO DE “VACAS MAGRAS”

Em cada um destes títulos, temos uma alusão a uma conhecida passagem bíblica (Gn 41, 15-32): a do sonho relatado a José, filho de Jacó, pelo Faraó sobre sete vacas gordas e sete vacas magras, o qual é interpretado por aquele como referindo-se respectivamente a anos de abundância e a anos de miséria e fome<sup>36</sup>. No texto jornalístico referente ao título (63), encontramos a notícia de um decréscimo económico na Alemanha: “um crescimento de 0% do PIB para 1993./ O défice do Estado irá atingir os 43 mil milhões de marcos, mais cinco milhões do que em 1992 (...). A própria linguagem figurada do título é resultado de uma citação apresentada no lead: “O tempo das vacas gordas chegou ao fim”. Esta afirmação, feita recentemente por um responsável político, mostra bem a seriedade da situação económica na Alemanha(...). É pois, aqui, estabelecido o paralelo metafórico VACAS GORDAS SÃO ANOS DE ABUNDÂNCIA, que, tendo sido aplicado na situação do Egipto antigo, é transposto para a Alemanha contemporânea. Situação semelhante é a relatada nos exemplos (1909) e (1916), títulos da mesma notícia e publicados respectivamente na primeira página e em página interior do mesmo número de jornal, os quais se referem a uma previsão das dificuldades económicas eminentes na comunidade europeia. A legenda da fotografia que acompanha a notícia traduz a linguagem metafórica dos títulos nos seguintes termos: “a Comunidade prepara-se para anos de dificuldades”. Estas dificuldades são mais salientadas no título de primeira página, através do uso do grau superlativo absoluto no adjectivo.

(114) “OS QUATRO MANDAMENTOS”/ PARA O CRESCIMENTO DA CEE

Como vimos atrás em relação à alusão a um provérbio, neste título a alusão intertextual à Bíblia é igualmente marcada pelo uso das aspas. Na expressão original, *Os Dez*

<sup>36</sup> Uma versão portuguesa do texto original (Gn 41, 15-32) é a seguinte: “<sup>15</sup>O Faraó disse a José: “Eu tive um sonho e ninguém pode interpretá-lo. Mas ouvi dizer de ti que quando ouves um sonho podes interpretá-lo.” <sup>16</sup>José respondeu ao Faraó: “Quem sou eu! É Deus quem dará ao Faraó uma resposta favorável.” <sup>17</sup>Então o Faraó falou assim a José: “Em meu sonho, parecia-me que estava de pé na margem do Nilo. <sup>18</sup>Eis que subiram do Nilo sete vacas bem cevadas e de bela aparência, que pastavam nos juncos. <sup>19</sup>Mas eis que outras sete subiram depois delas, extenuadas, de aparência feia e mal alimentadas, jamais vi tão feias em toda a terra do Egipto. <sup>20</sup>As vacas magras e feias devoraram as sete primeiras, as vacas gordas. <sup>21</sup>E depois que as devoraram, não demonstravam tê-las devorado, porque sua aparência permanecia tão feia quanto no início. Então acordei. <sup>22</sup>Depois vi em sonho sete espigas subindo de uma mesma haste, cheias e belas. <sup>23</sup>Mas eis que sete espigas secas, mirradas e queimadas pelo vento oriental, nasceram depois delas. <sup>24</sup>E as espigas mirradas devoraram as sete espigas belas. Eu narrei isso aos magos, mas não há ninguém que me dê a resposta.” <sup>25</sup>José disse ao Faraó: “O Faraó teve apenas um sonho: Deus anunciou ao Faraó o que ele vai realizar. <sup>26</sup>As sete vacas belas representam sete anos e as sete espigas belas representam sete anos, é um só e mesmo sonho. <sup>27</sup>As sete vacas magras e feias que sobem em seguida representam sete anos e também as sete espigas mirradas e queimadas pelo vento oriental: é que haverá sete anos de fome. <sup>28</sup>É como eu disse ao Faraó; Deus mostrou ao Faraó o que vai realizar: <sup>29</sup>eis que vêm sete anos em que haverá grande abundância em toda a terra do Egipto; <sup>30</sup>depois lhes sucederão sete anos de fome, e se esquecerá toda a abundância na terra do Egipto; a fome esgotará a terra, <sup>31</sup>e não mais se saberá o que era a abundância na terra, em face dessa fome que se seguirá, pois ela será duríssima. <sup>32</sup>E se o sonho do Faraó se repetiu mais duas vezes, é porque o facto está bem decidido da parte de Deus e Deus tem pressa em realizá-lo.” (*A Bíblia de Jerusalém*).



*Mandamentos* (ou *Decálogo*) dizem respeito à lei mosaica e fazem parte de uma aliança entre Deus e os homens, por intermédio de Moisés, em que são estabelecidas regras de conduta para o povo (Ex 20,1-21). Na notícia em questão, o texto começa precisamente por apresentar as regras que tornarão possível o crescimento, neste caso económico, da comunidade europeia: “A estratégia de crescimento económico da CEE impõe uma acção política, coordenada por parte dos Estados-membros, centrada na reorientação dos recursos, na diminuição das ajudas estatais ao sector industrial, na moderação salarial do sector público e nas baixas das taxas de juro(...)/ Estes são os quatro mandamentos fundamentais para a Comunidade sair do quadro sombrio que foi desenhado pela avaliação da situação económica da CEE em 1992 e nas perspectivas para 1993”.

Dentro das alusões bíblicas, encontramos ainda os casos em que o título, apropriando-se de um tipo de linguagem metafórica característica destes textos, acaba por não remeter para nenhum deles em particular. No entanto, a sensação da viagem intertextual permanece intacta, como no seguinte exemplo:

(1431) As trevas depois da luz

Este título utiliza uma linguagem metafórica que é muito utilizada em passagens bíblicas (por exemplo: Sb 7,26; Sl 4,7; Mt 6,23; Lc 11,36; Jo 8,12), mas que não é, no entanto exclusiva desse tipo textual, encontrando-se, igualmente, em textos literários e outros. Nestes casos, a atribuição do pré-texto da relação intertextual não pode ser realizada com grande segurança pelo leitor que se limita à descodificação do título isolado. A ligação ao intertexto religioso fica mais clara no lead e no corpo da notícia: “(...) os Cosmic City Blues de «Light» (o LP de estreia) morreram. O pacto com o diabo foi selado ontem (...)/ (...) um repertório novo, mais diversificado (...)/ Começemos então pelos pecados: os CCB devem, de facto, repensar se vale ou não a pena interpretar uma «cover» do «Gimme Shelter» (Jagger/Richards) nos moldes em que o fizeram”. Por outras palavras, o redactor aproveita o nome do primeiro LP da banda musical em questão, intitulado *Light* para entrar num jogo de palavras metafórico em que o contraste entre a nova sonoridade do grupo e a anterior encontra um paralelo na dicotomia luz/trevas.

Por vezes, a alusão intertextual é ainda mais subtil e revela-se, conseqüentemente, mais difícil de detectar, só se tornando clara aquando da leitura do co-texto. É o que acontece no exemplo:

(217) AMERICANOS RESSUSCITAM/ EM DUELO DE GIGANTES NO PAR

Neste título da secção desportiva sobre a final de pares da taça Davis (ténis), o domínio fonte da linguagem metafórica está relacionado com o intertexto bíblico. Daí a metáfora da ressurreição em relação à vitória do par americano Sampras/McEnroe e a referência ao “duelo de gigantes” caracterizando a grande e inesperada dificuldade com que essa vitória foi obtida. A alusão ao combate bíblico de David e Golias (1Sm 17), no entanto, só fica explicitada no corpo da notícia: “Todos aqueles que esperavam uma final em que o desequilíbrio de forças seria uma constante, não levaram em conta o enorme desejo de vencer por parte dos suíços, que à partida fariam

figura de David perante o autêntico Golias que é a formação norte-americana, apelidada de ‘Dream Team’ do ténis”.

Estas e outras alusões intertextuais, mais ou menos evidentes, a textos religiosos, nomeadamente a Bíblia, explicam-se pela grande divulgação do intertexto dentro da comunidade linguística. De facto, mesmo que o leitor não seja capaz de identificar exactamente qual a passagem aludida, nem tenha presente a totalidade das conotações de partida fornecidas pelo seu simbolismo, pelo menos a linguagem decalcada ser-lhe-á, certamente, de algum modo familiar, tal como acontecia com a linguagem dos provérbios na secção anterior.

### c) Títulos de obras literárias

Tal como a Bíblia, outros textos que fazem parte da herança cultural não só da comunidade linguística envolvida, em particular, mas também da humanidade em geral – como é o caso de textos literários famosos – são utilizados em jogos intertextuais nos títulos de notícia. Os excertos literários mais utilizados, nesse sentido, são os títulos de obras famosas e certas frases que se tornaram célebres. Quer num caso, quer no outro, o tamanho do enunciado decalcado presta-se à sua utilização em texto titular do âmbito jornalístico. Vejamos alguns exemplos que encontramos no corpus:

(153) OS ‘QUATRO/ MOSQUETEIROS’/ ESTÃO JUNTOS/ NOVAMENTE

Este título decalca o título da célebre obra de Alexandre Dumas *Les Trois Mousquetaires*, conhecida em português pelo título *Os Três Mosqueteiros*. A acção decorre no séc. XVII e relata as aventuras de uma equipa de mosqueteiros cujo lema “Um por todos e todos por um” se tornou emblemático da equipa ideal, coesa e invencível. São estas as conotações que o título da notícia sobre a reconstituição da equipa técnica do Benfica pretende transmitir e que o texto confirma: “Em plena fase de ascensão de forma, nomeadamente no que diz respeito a resultados, o grupo de trabalho benfiquista parece, finalmente, ter encontrado a calma e serenidade, importantes para quem segue no trio da frente (...).” Evidentemente, à escolha deste paralelo intertextual não esteve alheia a coincidência do número de elementos constitutivos da equipa técnica em questão: quatro (lembramos que os três mosqueteiros e a personagem principal, D’Artagnan, formavam igualmente uma equipa de quatro elementos). Quanto à desconstrução efectuada sobre o texto citado, podemos dizer que o

título operou duas alterações<sup>37</sup>: uma por substituição, substituindo o quantificador “três” pelo quantificador “quatro”, outra por desenvolvimento, utilizando o SN daí resultante como o sujeito de uma frase completa.

(1268) CRÓNICA DE UMA CHICOTADA ANUNCIADA

Estamos perante mais um exemplo de um decalque de título de obra literária célebre<sup>38</sup>, neste caso da autoria do escritor colombiano Gabriel García Marquez, cujo título original, *Crónica de una muerte anunciada*, foi traduzido em português por *Crónica de uma morte anunciada*.<sup>39</sup> A crónica original relata os acontecimentos que rodeiam a morte anunciada do personagem Santiago, o qual é publicamente ameaçado pelos irmãos Vicaro como uma forma de proteger a honra de sua irmã e família (embora não tenham na realidade essa intenção e, no fundo, desejassem ser disso impedidos). O fim de Santiago surge, assim, como algo de previsível mas inevitável dadas as circunstâncias. São essas mesmas características que estão presentes no fim relatado na notícia. Não se trata do fim da vida mas do fim de um contrato. Segundo o texto noticioso, “Bernardino Pedroto é o novo treinador do Vitória de Guimarães, sucedendo a Marinho Peres, que viu o seu pedido de demissão ser aceite(...)/ A rescisão do contrato que ligava Marinho Peres ao Vitória de Guimarães já se adivinhava há algum tempo. Os maus resultados precipitaram os acontecimentos e a derrota sofrida, no Domingo, com o Gil Vicente apenas serviu de pretexto menor para uma atitude que muitos tinham por inevitável”. Entre os dois títulos, o de García Marquez e o da notícia desportiva, encontramos um paralelismo formal muito grande.

<sup>37</sup> Segundo um estudo de Michel Bastiaensen sobre 450 títulos de imprensa italianos com ligações intertextuais a textos literários, os casos em que o título altera o texto de partida são a maioria: “La majeure partie de notre corpus (362 cas, 80,4%) consiste en des citations «déformées», encore que facilement reconnaissables et réductibles à un modèle cité” (1994: 332). As pistas linguísticas fornecidas para a identificação do texto literário de partida são, segundo o autor, de vária natureza: “On peut raisonnablement supposer qu’il y a, parmi les «indices d’intertextualité», des phénomènes tels que la présence dans le titre de mots statistiquement rares (*untore* ne peut qu’évoquer Manzoni), ainsi que de noms propres personnels (*Galeotto* ne peut renvoyer qu’à Dante), de mots d’une autre langue ([x] *mon amour*, Françoise Sagan; *De bello* [x], César), de constructions et de figures de style insolites (l’hypallage *il silenzio verde*, Carducci), d’archaïsmes (*vo* pour *vado*; mots «tronqués», cf. *altar*, etc.); des faits de syntaxe, de morphologie, d’accentuation, de rythme interviennent également. Il est probable que la présence simultanée de plusieurs de ces faits rendra plus forte la présomption qu’il y a réminiscence littéraire et que le degré de certitude de cette présomption croîtra en fonction de la quantité d’information [no sentido de informatividade] donnée par les éléments du titre” (1994: 230).

<sup>38</sup> O factor celebridade é fundamental, como temos vindo a ilustrar com os exemplos anteriores, para a escolha do sub-texto do jogo intertextual. Neste caso, ela é ainda reforçada pela adaptação ao cinema desta obra, num filme, com o mesmo título, interpretado por Rupert Everett, Ornella Muti e Irene Pappas.

<sup>39</sup> Não é a primeira vez que este título de G.G.Marquez é decalcado em jogos intertextuais na imprensa portuguesa. Arnaldo Saraiva faz uma recolha de alguns exemplos: “Um título de Gabriel García Marquez, sobretudo quando foi transposto para o cinema, gerou entre nós uma avalanche de títulos jornalísticos como estes: “Crónica substantiva da sobrevivência continuada” (*O Primeiro de Janeiro*, 7/11/87); “Crónica de uma fuga anunciada” (*Jornal de Notícias*, 10/11/87); “Tormes: crónica de uma subida anunciada” (*O Jornal*, 20/11/87); “Crónica de um lançamento anunciado” (*Letras & Letras*, Jan/88); “México: crónica de uma vitória amargurada” e “Crónica de um sonho proibido” (*Expresso*, 16/7 e 20/8/88); “Crónica do renascimento anunciado” (*Jornal do Fundão*, 2/9/88); “Crónica de uma vitória anunciada” (*O Comércio do Porto*, 16/1/89); “O sismo anunciado” (*Diário de Notícias*, 3/1/91); “CDS – Crónica dos deputados anunciados” (*Gazeta do Interior*, 23/5/91); “Crónica de um crime inexplicável” (*Público*, 3/12/91); “Crónica de um regresso anunciado” (*Intercidades*, Dez/91); E até o sobrevivente Carlos Cruz apareceu num título de *O Jornal* (18/11/88) como um “Crónico da morte anunciada” (SARAIVA, 1992: 28-29).

Apenas um lexema é substituído: “morte” por “chicotada”. O elemento metafórico é introduzido e, deste modo, os dois lexemas remetem para o fim de algo, uma vez que, na linguagem desportiva a mudança de treinador numa equipa é chamada metaforicamente de “chicotada psicológica” devido à suposta nova dinâmica e impacto que a mudança terá sobre o desempenho dos jogadores.

(1492) E TUDO/ O LOBO COMEU

Neste título, fica clara a alusão ao título do romance de Margaret Mitchell, *E Tudo o Vento Levou*, título português de *Gone With The Wind*. Esta foi uma obra literária galardoada com o prémio Pulitzer de 1937 e que, logo no primeiro dia de venda terá vendido mais de 50.000 exemplares<sup>40</sup>. As transformações operadas na transferência intertextual já foram referidas na secção 4.1.1.1. (pág. 129-139). Resta referir que a adaptação ao cinema deste romance, num filme de Victor Fleming com o mesmo título, contribuiu ainda mais para a sua divulgação junto do público. Como tal, este é um exemplo que poderia, simultaneamente, figurar no próximo ponto, em que se consideram as relações intertextuais com títulos de filmes.

Estas alusões intertextuais a títulos de obras literárias são intencionais da parte do redactor e, como vimos nos exemplos, podem mesmo ser assinaladas e destacadas através do uso de aspas e/ou referências no texto que levam o leitor a estabelecer as relações pretendidas. Este fenómeno não pode ser confundido com a livre associação que mentalmente um título suscita no leitor e que o faz evocar determinado livro que leu e cujo título fixou em sua memória<sup>41</sup>. Nos casos das relações intertextuais, há uma intenção prévia na transmissão de determinadas associações e conotações por confronto com o texto ausente.

#### d) Títulos de filmes

Como foi já referido a propósito dos títulos das obras literárias, uma parte das obras cinematográficas é desenvolvida a partir de guiões baseados em obras literárias famosas. Deste modo, a fronteira entre esta secção e a anterior torna-se demasiado fluida e os dois tipos de relação intertextual acabam por se confundir nesses casos. De qualquer

---

<sup>40</sup> Esta informação foi recolhida na Internet em <http://geocities.com/Hollywood/Set/3140/text.html>

<sup>41</sup> O título (1927) *Hormonas no fio da navalha*, por exemplo, poderá levar um leitor de Somerset Maugham a evocar o livro *O Fio da Navalha* (título português de *The Razor's Edge*). Mas também poderá levar um admirador do grupo rock AC/DC a evocar o álbum do grupo com o mesmo título. Na realidade, a expressão é bastante mais antiga; segundo o *Oxford English Dictionary*, ela aparece documentada já no séc. XVII (MURRAY et al., 1970, Vol. VIII, p. 186).

modo, a influência do cinema através dos títulos dos filmes é um recurso demasiado utilizado em jogos intertextuais nos títulos de imprensa para que possa ser ignorado. Alguns exemplos retirados do corpus são:

(510) Morgado, o mau da fita

Este exemplo decalca o título do filme português *Kilas, o mau da fita*. Trata-se de um filme de 1980 com argumento de José Fonseca e Costa, Sérgio Godinho e Tabajara Ruas e que relata a vida de um pequeno marginal lisboeta, Kilas (corruptela de *killers*), líder de um restrito grupo de filhos da noite. No título da notícia, “Kilas” é substituído por “Morgado”, referindo Alexandre Morgado, o árbitro que marcou duas “grandes penalidades muito contestadas pelos dirigentes do Estoril” e que possibilitaram o empate 2-2 com o Sporting, em futebol. A aproximação a Kilas, surge na sequência da atribuição de características de alegada desonestidade à sua actuação: “as duras críticas feitas pelos estorilistas à arbitragem do juiz do Porto. Soares Franco foi claro: “Fomos completamente roubados neste jogo. Roubados e roubados! Pronto, já disse!” (...) (...) o árbitro portuense a inventar, inverter e provocar situações pouco claras, sempre em prejuízo do Estoril. Quando assim é...”

(2002) O clube das fábricas mortas

Neste exemplo, o decalque intertextual é feito a partir do título de filme *O Clube dos Poetas Mortos*, título português de *Dead Poets Society*, de 1989 realizado por Peter Weir e que recebeu um Óscar para o melhor argumento original, escrito por Tom Schulman. O filme relata a história de um professor de Inglês pouco convencional, Jack Keating, que, num colégio interno masculino, é confrontado, por um lado, com as ideias tradicionais da direcção da escola e, por outro, com a juventude, imaginação e sede de liberdade dos seus alunos, com os quais revive uma experiência do seu passado: um clube secreto onde se recita e cultiva a poesia, o clube dos poetas mortos, com o lema *Carpe diem*. A ideia de reviver o passado é aproveitada no título de notícia, onde se substitui “poetas” por “fábricas”, e explicada no texto, em que se relata a abertura da “primeira exposição sobre o património industrial portuense. (...) visa sensibilizar os portuenses para o valor arquitectónico dos edifícios onde as antigas indústrias funcionavam (...). Verifica-se que muitas dessas fábricas, depois de desactivadas, ficaram ao abandono, pondo-se o problema de converter os edifícios utilizando-os como memoriais de actividades produtivas entretanto desaparecidas”. Uma vez que o lexemas “mortas” é aqui atribuído a fábricas, ele adquire um carácter metafórico que não lhe era conferido no texto citado.

Fica claro, pelos exemplos, que a leitura do título da notícia é enriquecida pelas conotações trazidas do intertexto que, sendo também ele um título, está ligado, por sua vez, a um co-texto mais lato, onde se relata toda uma história, com todas as suas implicações.

### e) Letras de canções

As letras das canções, especialmente se forem objecto de grande divulgação no momento em que a notícia é publicada, são igualmente alvo de conexões intertextuais nos títulos de notícia. São disso exemplo, no nosso corpus de trabalho:

(188) Não há *estrelas* no céu...

(1475) Há «Estrelas» no céu...

Nestes dois títulos, se verifica o decalque de uma canção do cantor português Rui Veloso. Enquanto a letra da referida canção mencionava a ausência de estrelas no céu, um dos títulos, o (1475) transforma a frase colocando-a na afirmativa. Nos dois casos existe um

jogo de palavras com o lexema “estrelas” que, no exemplo (188) remete para a derrota do Estrelas da Avenida face ao Benfica no nacional de basquetebol e, no exemplo (1475), remete, não para uma derrota, mas para uma vitória, a do Estrela da Amadora face ao Campomaiorense em futebol, e daí a transformação referida.

(1635) ALVES QUER A PASSAGEM/ PARA A OUTRA... ‘MARGEM’!

Este título também alude a uma canção portuguesa, desta vez do grupo Já Fumega. A expressão original, *A ponte é uma passagem para a outra margem*, sofre uma desconstrução, por substituição, a nível do sujeito e do verbo, mantendo-se o resto da frase inalterado. A “margem” do título da notícia refere, metaforicamente, as expectativas de João Alves, treinador do Estrela da Amadora, em relação à actuação do seu clube face ao jogo de futebol com o Paços de Ferreira a decorrer no dia seguinte. O texto da notícia explica a linguagem metafórica, explicitando que “o consagrado técnico pretende passar para a outra “margem”, ou seja, a eliminatória seguinte”.

Também nesta alínea sobre intertextualidade com letras de canções se pode verificar uma fronteira pouco nítida com a intertextualidade com obras literárias, uma vez que, por vezes, as letras das canções são poemas que não foram escritos propositadamente com o fim de serem musicados.

#### f) *Slogans* publicitários

O *slogan* publicitário apresenta-se, pelo seu tamanho, sonoridade e riqueza apelativa, como um texto que tem muitas características em comum com o título de imprensa, nomeadamente o objectivo da captação da atenção do público alvo. Por estas características, tornam-se enunciados particularmente adequados a um decalque intertextual, como podemos observar nos títulos:

(53) Ténis de barba rija

Este exemplo evocaria no leitor da notícia um *slogan* publicitário a uma marca de lâminas de barbear: *Para homens de barba rija*. A ideia de masculinidade que se pretendia associar ao *slogan*, é aqui transposta para uma notícia sobre um torneio de ténis em que se verificou a anulação do quadro feminino por falta de inscrições. O próprio subtítulo, Torneio Expotex sem damas, coloca esta ideia em lugar de destaque.

(947) Mars dá mais energia ao futebol

Neste caso, uma vez que a própria notícia refere a marca publicitária, uma marca de chocolates, aproveita o seu *slogan*, *Mars dá mais energia*, e desenvolve-o acrescentando

um complemento indirecto. Uma leitura metafórica é, neste processo, requerida, uma vez que a ideia que se pretende transmitir é a de que a referida marca irá ser um dos patrocinadores da Liga dos Campeões.

Tal como em relação às letras das canções em voga, a escolha de enunciados publicitários traz em si a marca da actualidade e da pertença a um grupo, a uma comunidade particular, com a sua cultura e seus saberes partilhados. Daí esta ser uma estratégia no sentido de, por um lado, captar a atenção do leitor e, por outro, de apelar ao seu sentido de cumplicidade, de pertença e de, assim, o envolver na mensagem.

### g) Cognomes reais

Quando o tema da notícia é uma personalidade conhecida do público, detentora de poder em determinada área, uma das estratégias intertextuais do título é a apropriação de um cognome que, tendo pertencido a um personagem real historicamente famoso, é desconstruído e atribuído, metaforicamente, à personalidade noticiada. É o que se verifica nos exemplos:

(614) Agnelli, o príncipe imperfeito

Neste título, refere-se Giovanni Agnelli, patrão da Fiat, bem como presidente e mecenas do clube desportivo Juventus. O texto da notícia desenvolve a metáfora do “príncipe” em vários pontos: “este príncipe dos negócios (...) futebol mantém-se para os seus olhos como um simples divertimento, um benefício dos príncipes (...) ele “reina” também na Lancia (...) continua, de qualquer modo, a acompanhar os seus trabalhadores nos estádios de futebol, onde a sua nobreza não se incomoda por se submeter ao contacto com a plebe.” O título evoca, no leitor português, o cognome do nosso rei D. João II, *o Príncipe Perfeito*. A “imperfeição” com que se brinca no texto de chegada em jogo intertextual tem a ver com a vida passada de Agnelli, com o seu carácter e critério de decisão: “durante muito tempo (...) não foi mais que um jovem rico e despreocupado, levando uma vida de sonho e pouco virtuosa. (...) Intratável como homem de negócios (...) Como se pode ele permitir oferecer 40 biliões de liras por Roberto Baggio e 24 biliões por Gianluca Vialli, quando o contexto económico o obriga a restringir as vantagens sociais dos seus empregados?”

(1765) O Presidente-Sol

Aqui temos a adaptação do cognome de Luís XIV de França, *Le Roi Soleil*, traduzido em português por *O Rei Sol*. Evocando a opulência e a majestade de uma época áurea de um monarca, o título transpõe essas conotações para as expectativas criadas em torno da eleição de Bill Clinton como presidente dos Estados Unidos: “A América espera muito do novo Presidente. Espera demasiado, espera tudo de Bill Clinton. E este, que foi eleito por razões pragmáticas, por vários grupos distintos, sabe que, para não desapontar, só lhe resta mergulhar na dimensão do transcendente, na dimensão da poesia. Investir-se de majestade, desempenhar um deus a quem seja reconhecida uma Razão para além do julgamento do real”.

(219) O Conquistador no charco

(1473) Sem espírito de *conquistador!*

Estes títulos de notícias desportivas envolvem ambos referência ao Vitória de Guimarães. A associação intertextual com o cognome do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, *O Conquistador*, explica-se pela ligação histórica entre este rei e a cidade berço da nossa nacionalidade. Ao mesmo tempo, o significado de “conquistador” é metaforicamente utilizado para transmitir a ideia da vitória no jogo que está a ser noticiado. Assim, no exemplo (219), a notícia refere a vitória do Guimarães por 3-1 ao Boavista, num campo encharcado pela chuva (a metáfora do “charco” poderá induzir em erro o leitor que se limite à leitura do título); e no (1473) a preposição “sem” nega essa mesma ideia de vitória, uma vez que se trata da notícia da derrota do Guimarães face ao Beira-Mar por 1-0. Ao mesmo tempo, neste último exemplo, a ausência do “espírito de conquistador” transmite metaforicamente, ainda, a ideia de que o jogo não foi disputado com muito entusiasmo e empenhamento: “a equipa da «cidade-berço» jogava a «meio-gás», com um futebol muito denunciado.”

Os cognomes reais são expressões linguísticas extremamente condensadas, ricas de sentido mas concentradas no menor número de lexemas possível, um ou dois, no máximo. Daí que, quando são evocadas em títulos, como os que vimos acima, tragam uma forte carga conotativa que vai ser transferida para o novo “cognominado”, ao mesmo tempo que fazem com que o leitor o compare com o primeiro detentor da expressão<sup>42</sup>. O apelo aos conhecimentos extralinguísticos, culturais é, pois, mais uma vez, uma das estratégias fundamentais neste tipo de recurso.

### **h) Expressões idiomáticas**

Tal como os provérbios de que falámos em a), também as expressões idiomáticas portuguesas são utilizadas em jogos intertextuais. A alteração da expressão original pode

---

<sup>42</sup> Este paralelo estabelecido entre duas entidades utilizando a sua denominação é, de certo modo, semelhante ao processo intertextual da interfiguralidade (*interfigurality*) com que, em estudos literários, W. G. Müller designa a interdependência de certas personagens literárias cujos nomes remetem intertextualmente para o de outras personagens de obras anteriores, fazendo-as evocar na mente do leitor (ex: a personagem O’Thello numa paródia irlandesa ao drama de Shakespeare, Othello).



ser maior ou menor, mas nunca de tal modo que se perca a possibilidade de a identificar, de a ler em palimpsesto, como acontece nos seguintes títulos:

(2006) De *alma* e sem corpo!

Neste exemplo, tirado da secção desportiva, temos a desconstrução da expressão idiomática *de corpo e alma*, que significa originalmente: “empenhando toda a energia, convicção, entusiasmo” (SANTOS, 1990: 14) e que aqui surge com os termos da coordenação invertidos e um deles negado. O título pretende, através do jogo de palavras antitético, referir, por um lado, o espírito do clube desportivo Sport Comércio e Salgueiros (conhecido, nos meios, pela expressão “alma salgueirista”) e, por outro, uma carência física (metaforicamente referida por “corpo” no título) relatada logo no primeiro parágrafo da notícia: “O Salgueiros exige transparência à Câmara Municipal do Porto na construção do seu desejado complexo desportivo”.

(1181) Visitantes fechados a onze... chaves

Neste título, o nome do clube motiva a escolha da desconstrução de uma expressão idiomática, *fechar a sete chaves*, que significa “guardar alguma coisa em cofre, gaveta, quarto, etc. bem fechado” (SANTOS, 1990: 105). A alteração que aqui é feita é a da substituição do quantificador “sete” por “onze”, o que se explica pelo empenho que o Chaves, equipa (de onze jogadores) visitante, demonstrou em jogar para o empate (0-0) face ao Beira-Mar: “À medida que o tempo passava, mais se demonstrava a falta de interesse dos flavienses em acercar-se do último reduto contrário, limitando-se a não deixar jogar os locais, e defendendo de qualquer maneira, para a repartição de pontos. (...) No segundo tempo, a turma de Vítor Urbano continuou a ver-se envolvida no “espartilho” flaviense, e mostrou-se incapaz de ultrapassar o sistema visitante montado por quatro defesas, (...) além de um meio-campo super-povoado que destruíra à nascença todo o jogo dos locais”.

(1154) PRINCESA SEM “MOURO” NA COSTA...

(1204) ANDA MOURO/ NOS CANOS/ DA RUA...

Temos, mais uma vez, dois títulos diferentes e que, no entanto, fazem uma mesma ponte intertextual para um mesmo texto de partida, neste caso a expressão idiomática *andar mouro na costa*, que tem o significado de “1) haver indícios de que algo de inesperado está iminente; pressentir uma ameaça, um perigo que se aproxima; 2) aparecer um pretendente amoroso” (SANTOS, 1990: 126). É neste segundo sentido que a expressão é utilizada no título (1154), como nos indica a leitura do último parágrafo da notícia: “(...) a princesa Diana parece feliz. O “conto de fadas” acabou e agora ela é uma pessoa livre. Só que não é qualquer pessoa... e vai despertar o interesse dos fotógrafos de “flagrantes”, até ao momento em que as objectivas fixem algum dos momentos que farão a delícia das “revistas do coração”. Quando houver “mouro na costa”...” Neste caso, a expressão idiomática é revitalizada através de um jogo de palavras em que o lexema “costa” está simultaneamente presente no seu sentido literal, já que se trata de uma notícia sobre as férias da princesa nas Caraíbas, acompanhada de uma fotografia em que ela se diverte na água do mar com o filho. Quanto ao título (1204), anuncia uma notícia completamente diferente, que tem a ver com a insatisfação dos moradores da Rua da Fonte da Moura no Porto com os canos que rebentam frequentemente. O primeiro dos sentidos que referimos acima é aqui o escolhido, pois, como se lê na legenda da fotografia que acompanha a notícia: “Pessoal dos SMAS abre mais um buraco para colocar mais uma emenda que, todos os fins-de-semana, rebenta. Em três anos já estoirou, segundo um morador, 58 vezes. Digno de ‘Guinness’.”

Não é apenas em relação ao sentido seleccionado que estes dois títulos diferem a nível da relação intertextual com a expressão “andar mouro na costa”<sup>43</sup>. Apesar de nenhum deles reproduzir a expressão na sua totalidade, eles operam supressões em locais diferentes da sua cadeia sintagmática: o primeiro prescinde do verbo e o segundo do sintagma preposicional da expressão original.

As expressões idiomáticas, cujo sentido não pode ser deduzido da soma dos sentidos das palavras que a compõem<sup>44</sup>, fazem aumentar no leitor que as descodifica esse sentido de pertença a uma comunidade linguística e, conseqüentemente, o sentimento de cumplicidade e partilha de que falávamos atrás.

### **i) Manchetes de outros jornais**

Há um exemplo no corpus, o título (1319), que retoma uma manchete de um jornal estrangeiro:

(1319) Honecker *sobrevive* ao juiz

A relação, porém, só é clarificada no lead da notícia, onde se lê:

(...) “sobreviver ao seu próprio juiz” era a manchete de ontem do matutino “Tageszeitung” que se publica na capital alemã.

O título original, em alemão, não é, no entanto, facultado ao leitor. Assim, a relação intertextual, que o leitor, à partida não faria, é-lhe feita sentir pelo próprio texto.

---

<sup>43</sup> Em NEVES (1992: 22-23) encontramos um terceiro significado para a expressão idiomática *andar mouro na costa* que, no entanto, não nos parece ser o pretendido em nenhum dos nossos exemplos: “Serve a frase para exprimir a ideia de que, em dada conversa ou situação, se deve fazer silêncio ou paragem, porque alguém pode ser espião ou alguma coisa pode acontecer que venha a tornar-se dificuldade ou empecilho./ A expressão tem origem, certamente, nos piratas árabes que, vindos do Norte de África, assolavam as costas de Portugal e Espanha e possuíam em terra espiões que os informavam da partida e natureza dos carregamentos dos navios que depois eram assaltados no alto mar”.

<sup>44</sup> Este sentido coincide com a noção de *frasema completo* na teorização de Mel’cuk. Para este autor, o frasema completo, o frasema pragmático, o semi-frasema e o quase-frasema constituem os quatro tipos de frasema, ou seja, “Un phrasème de la langue L est une expression multilexémique de L qui ne peut pas être produite, à partir d’une situation donnée ou d’un sens donné, selon un dictionnaire de mots de L et à partir des règles générales standard de L” (1993: 83).

### j) Relatos e citações

No capítulo 4.1.1.3 (pp. 195 a 204), fizemos já um enquadramento da utilização, no título da notícia, de discurso directo (discurso citado), tendo analisado os seguintes títulos bissegmentais encontrados no corpus:

(282) GUÍMARO: "FOI SÓ FUMAÇA..."

(550) PAULO CARDOSO: "PROBLEMAS DO FUTEBOL/ RESIDEM NA QUALIDADE DOS HOMENS"

(926) ANTÓNIO PINTO: "AZAR IMPEDE-ME/ DE COLHER FRUTOS DE 1992"

Este tipo de apresentação do discurso directo, fazendo lembrar texto dramático, vem de encontro, como vimos, ao objectivo de concisão da linguagem titular, devido à omissão dos *verba dicendi*. No entanto, muito raramente – apenas um exemplo no corpus – estes verbos podem, de facto, ser utilizados como introdutores de discurso directo:

(58) IELTSINE AVISA/ DEPUTADOS/ -"NÃO PISEM O RISCO"

A parte citada é, neste caso, colocada entre aspas.

Por vezes, todo o título é colocado entre aspas, o que o faz corresponder à emissão verbal original, sem qualquer tipo de introdução. É o que acontece nos exemplos:

(291) "É uma criança saudável/ e vai sobreviver"

(653) "AS PESSOAS VÊEM FANTASMAS/ ONDE ELES NÃO EXISTEM"

(767) "São autênticos socos no tecidos urbano envolvente"

Ao contrário dos exemplos precedentes, nestes títulos o leitor é convidado a estabelecer a relação intertextual no co-texto subsequente, ou seja, é na sua leitura que lhe é facultada a identificação do autor das palavras. Esta relação catafórica, como qualquer um dos diversos tipos de relação catafórica que temos vindo a identificar em outros níveis da análise, funciona, pois, como um estímulo extra à leitura do texto noticioso. É assim que o leitor dos títulos acima transcritos é convidado a entrar no mundo textual descobrindo

quem são os autores das palavras neles transcritas. Assim, ao título (653) segue-se o subtítulo A afirmação é de Lopes da Silva, que garante a continuidade/ de Queirós à frente das selecções; quanto ao leitor do (767) tem de esperar até ao quinto parágrafo do texto para ler Em relação aos dois empreendimentos em causa, o autarca do PSD considera que eles “são autênticos socos no tecido urbano existente à sua volta”; mas o leitor do (291) só encontrará a citação atribuída ao seu emissor no 15º e último parágrafo do texto: Kozirev referiu as dificuldades que a Comunidade Europeia está a atravessar com o tratado de Maastricht, mesmo depois de várias décadas de experiência: “A CEI vai também desenvolver-se através de crises e problemas. Vai desenvolver-se de muitas maneiras e a várias velocidades. Mas é uma criança saudável e vai sobreviver.”

Os títulos seguintes, embora tenham em comum com os que acabámos de referir o facto de apresentarem uma citação assinalada por aspas, são precedidos de antetítulo onde a identificação do autor original é fornecida:

- (392) “As minhas únicas armas/ são as palavras”
- (1457) “Fundos estruturais/ não são o ouro do Brasil”
- (1871) ‘Isso é papel/ molhado’

Assim, para o (392), temos o antetítulo Nobel da Paz para líder índia; o (1457) é precedido pelo antetítulo Braga de Macedo reafirma contenção salarial; e, para o (1871), temos Gil y Gil e a ida de Futre para o Benfica. Nestes casos, o antetítulo forma, juntamente com o título, uma unidade semelhante à que se verifica nos títulos bissegmentais que vimos acima, embora nos bissegmentais a condensação de linguagem seja bastante superior.

O encaminhamento para as palavras de outrém, que é feito por todos estes tipos de títulos, está também presente nos casos em que o discurso indirecto (discurso relatado) é utilizado:

- (681) ECCLESTONE PROPÕE/ INTRODUIR UMA ‘LEBRE’/ NAS CORRIDAS DE F1
- (1743) ESTUDANTES ACUSAM GOVERNO/ DE ASFIXIAR ACÇÃO SOCIAL
- (1745) Comandante dos Açores/ diz que sacrifício/ é ‘arma’ dos militares

Estes títulos pertencem a um pequeno número de títulos do corpus – apenas um total de cinco – em que encontramos discurso indirecto, o qual, como já referimos no capítulo 4.1.1.3, parece ser bastante raro neste tipo de discurso por ir contra o objectivo de condensação da mensagem.

Todos os exemplos que acabámos de apresentar têm em comum o facto de o leitor ser alertado, quer pelos *verba dicendi*, quer pela utilização das aspas, para a existência de uma relação intertextual com uma produção verbal de um emissor que será objecto da notícia a desenvolver. No entanto, esta situação nem sempre se verifica. Existem títulos onde essas marcas estão completamente ausentes e o leitor só se apercebe que o título contém discurso citado mais tarde na sua leitura. O redactor do título faz suas as palavras do autor original, identificando-o depois como tal:

(269) Morder os calcanhares...  
(1213) SEM ANZÓIS/ NEM PEIXE  
(2034) TEMOS DE PROVOCAR UM "SISMO"/ NA ÁREA DA INVESTIGAÇÃO

No título (269) faz-se a selecção de uma parte do discurso de Eduardo Luís, técnico da equipa ovarense. A expressão é retirada do terceiro parágrafo, onde integra a frase: Não temos veleidades quanto à subida de divisão, mas continuamos a tentar morder os calcanhares das equipas candidatas. Em relação ao (1213), lê-se, no lead: (...) um Varzim excessivamente rendilhado e falho de pontaria. Razão tinha um espectador local, que desabafava: "Sem anzóis não se apanha peixe". O (2034), por sua vez, reproduz parte das palavras do primeiro locutor, o qual é identificado no subtítulo – Apelo do Ministro do Planeamento Valente de Oliveira – e cujas palavras escolhidas para título da notícia são adaptadas de um discurso mais longo transcrito no corpo da notícia: "(...) impulso forte ao sismo que temos de provocar para abanar as relações entre todos, fazendo-os

convergir numa acção otimizada”. O uso da primeira pessoa no título é já um indício de que este constituirá uma reprodução das palavras de alguém, já que normalmente não se encontram, nos títulos das notícias, orientações deícticas nem em relação ao redactor nem em relação ao leitor.

A ausência das aspas dificulta, de qualquer modo, o reconhecimento das palavras do título como reprodução de um discurso anterior. Nos seguintes títulos, são os subtítulos que fazem consciencializar essa ponte intertextual:

(3) FALTA DINHEIRO AOS HOSPITAIS/ PARA COMBATER A EPIDEMIA

Subtítulo: Avisa o Prof./Francisco Antunes

(313) FRANÇA NÃO ESTÁ ISOLADA/ NA "BATALHA" DO GATT

Subtítulo: -GARANTE O MINISTRO ROLAND DUMAS

(652) FUTEBOL/ PORTUGUÊS/ TEM PÉS/ DE BARRO

Subtítulo: -DIZ JOSÉ ROMÃO

Outras vezes, a identificação da situação do título como um discurso alheio é feita pelo antetítulo:

(6) PORTUGAL DEVE SER PONTE/ ENTRE EUROPA E AMÉRICA

Antetítulo: Defende Virgílio de Carvalho

(895) "FORÇAS DE BLOQUEIO"/ NÃO TRAVAM VIA DO INFANTE

Antetítulo: Afirmou o primeiro-ministro em Faro

(900) Caçar euromilhões/ só com plano

Antetítulo: Valente de Oliveira ao "CM"

Neste último exemplo verificamos a ausência de *verba dicendi* no antetítulo, ao contrário dos dois casos anteriores. Este tipo de verbos é bastante variado nos antetítulos e subtítulos que desempenham a função de introdutores do discurso citado nos respectivos títulos. O quadro 29 apresenta o levantamento que desses verbos foi feito na base de dados:

<i>Verbum dicendi</i>	antetítulo	subtítulo	total
acusar	3	0	3
admitir	0	1	1
afirmar	1	8	9
aliciar	1	0	1
apontar	0	1	1
avisar	2	1	3
concluir	0	2	2
considerar	0	4	4
defender	1	0	1
denunciar	1	0	1
dizer	2	4	6
garantir	1	2	3
prometer	0	1	1
propor	0	1	1
protestar	1	0	1
reclamar	0	1	1
revelar	0	2	2
vincar	0	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>29</b>	<b>42</b>

**Quadro 29** – *Verba dicendi* presentes nos antetítulos e subtítulos do corpus

Alternativamente, embora menos frequente já que apenas encontramos 9 casos em todo o corpus, a identificação do discurso do título pode ser feita através de um nome deverbal presente no subtítulo, como acontece nos seguintes casos:

(653) "AS PESSOAS VÊM FANTASMAS/ ONDE ELES NÃO EXISTEM"

Subtítulo: A afirmação é de Lopes da Silva, que garante a continuidade/ de Queirós à frente das selecções

(915) PSP DÁ COBERTURA/ AO TRÁFICO DE DROGA NA SÉ

Subtítulo: –GRAVE ACUSAÇÃO DE MORADORES

(2034) TEMOS DE PROVOCAR UM "SISMO"/ NA ÁREA DA INVESTIGAÇÃO

Subtítulo: –APELO DO MINISTRO DO PLANEAMENTO VALENTE DE OLIVEIRA

Em discurso directo ou em discurso indirecto, mais fácil ou mais dificilmente identificável, a linguagem de todos estes títulos tem em comum a relação intertextual com um discurso prévio efectuado por um dos intervenientes focados no texto da notícia. O

discurso primeiro apresenta-se, assim, como o ponto de génese da linguagem metafórica titular, que destaca essa projecção conceptual para o lugar mais saliente do texto noticioso. Por vezes, porém, apesar do título colocar “na boca” do locutor primeiro a expressão metafórica, verificamos, pela leitura do texto e pela transcrição mais detalhada do seu discurso, que, de facto, essa expressão metafórica não teria sido originalmente utilizada. Ela é, nesse caso, uma escolha consciente do redactor do título com o objectivo de tornar mais rica, adequada e compacta a linguagem do título. Apresentámos exemplos em que esta situação se verificava no capítulo 4.1.1.3, nas páginas 201 e 202.

### **k) Outros pequenos textos**

Qualquer género textual, especialmente se for susceptível de apelar ao leitor e de fazer parte da sua memória colectiva, pode ser utilizado em pontes intertextuais num título de notícia. É o que se verifica nos seguintes títulos do corpus:

(222) Locomotiva, precisa-se

Encontramos, neste título, a utilização de uma estrutura textual típica de um pequeno anúncio. Ao contrário do que normalmente acontece no texto de partida, o leitor é, no sobre-enunciado resultante, convidado a fazer uma leitura metafórica, que o próprio texto acaba por descodificar, no final: “a Alemanha deixou de funcionar como locomotiva da Comunidade. Durante muito tempo, não faltou quem agitasse o fantasma dos perigos desta liderança: os perigos duma Alemanha forte./ Hoje, a locomotiva perdeu força e ninguém está em condições de assumir esse papel – mau certamente para a Alemanha e para a Europa também”.

(1110) Erupção à vista

Neste exemplo, o leitor português não deixará, certamente, de evocar o grito típico do marinheiro vigilante, *Terra à vista!*, símbolo do anúncio de algo pelo qual se esperou e que, finalmente, está próximo. Tal como no exemplo anterior, também aqui se exige uma leitura metafórica do enunciado titular. A mesma linguagem é utilizada no lead da notícia: “A uma semana da eleição dos delegados, o PS-Açores continua sem candidato a líder à vista. E, com a leitura das moções, arrisca-se a ficar entupido o “saco da roupa suja”. Deverá rebentar no início de Fevereiro, isto se não for decidido o adiamento do Congresso”.

Os textos de partida apresentados nos exemplos acima têm em comum a sua pertença a um universo cultural partilhado e um tamanho adequado ao seu decalque num texto de dimensão relativamente reduzida como é o título de notícia.



### **4.5.3. CONCLUSÕES PARCIAIS - NÍVEL INTERTEXTUAL**

Neste subcapítulo, abordamos a dimensão intertextual do título de imprensa metafórico, ou seja, a relação do título com outros enunciados verbais que lhe são mais ou menos distantes. A dimensão intertextual subverte assim, a noção de que o texto é auto-suficiente e hermético, fechado em si mesmo, mas, ao contrário, prova que o texto se presentifica na evocação de outros textos. Esta realidade é ainda mais pertinente em relação ao pequeno texto que é o título, já que este, como vimos, se distingue pela sua dependência em relação ao texto que anuncia.

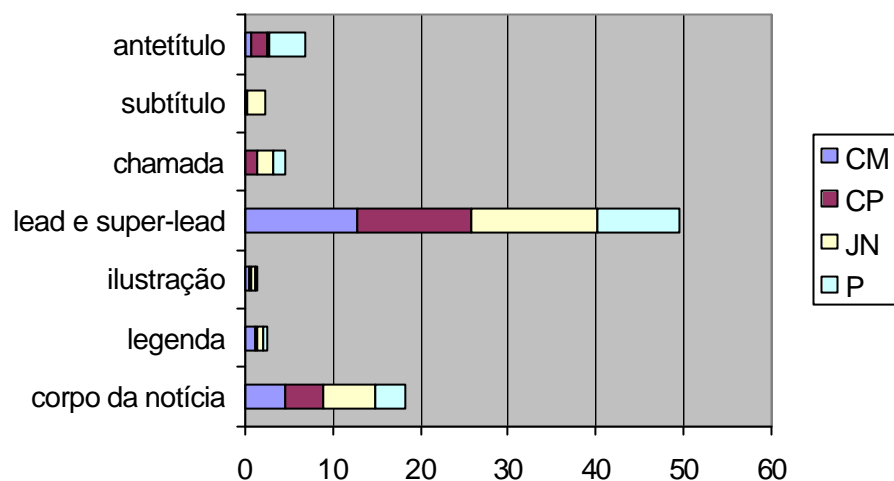
Esta dependência do título em relação ao co-texto e as eventuais relações estabelecidas com textos exteriores ao da própria notícia, levaram-nos a dividir este capítulo em dois pontos fundamentais de análise: a intertextualidade interna e a intertextualidade externa. Da análise destes pontos, salientamos as seguintes observações gerais e conclusões:

#### **a) Intertextualidade interna**

##### **- A importância do lead na descodificação da linguagem metafórica**

Uma das primeiras e mais pertinentes observações no que respeita às relações intertextuais do título com os outros componentes da notícia – intertextualidade interna – prende-se com a localização de pistas explícitas para a identificação do teor metafórico. Da análise dos dados tratados, chegámos à conclusão de que o lead, primeiro parágrafo

da notícia (que, quando destacado graficamente, é denominado de super-lead), é o componente textual que, percentualmente, mais vezes fornece este tipo de ajuda. Este claro predomínio sobre os outros elementos co-textuais pode ser facilmente visualizado através da observação do gráfico 13:



**Gráfico 13** – Percentagens dos elementos co-textuais onde se fornecem pistas para a descodificação da linguagem metafórica presente nos títulos das notícias (cf. distribuição de frequências absolutas no quadro 26)

Neste gráfico, podemos constatar que o lead é o elemento co-textual ao título que mais frequentemente apresenta ao leitor a “chave” para a resolução do enigma proposto pela expressão metafórica. Esta situação poderá ser explicada por duas razões:

–Em primeiro lugar, e como foi já salientado atrás (cf. cap. 4.1., pp. 106-107) o título é, na maior parte dos casos, construído a partir do lead. Assim, o facto do título apresentar uma linguagem metafórica, e de se encontrar no lead o termo, ou termos, do correspondente domínio alvo, indica que houve uma razão para a passagem para um discurso de tipo conotativo. Se, como foi referido a propósito do nível sintáctico, o título tende a reproduzir as estruturas gramaticais já presentes no lead, podemos interrogar-nos sobre as razões que fazem com que haja uma mudança para uma linguagem metafórica no

título em vez da simples reprodução da linguagem utilizada no lead. Assim, se o título, pelas suas características de destaque e convite à leitura, que temos vindo a referir, exige uma linguagem chamativa, podemos atribuir a essa característica a causa da mudança a esse nível.

–Uma segunda razão que poderá explicar a importância do lead na descodificação do veículo metafórico tem a ver com a própria organização temática do texto noticioso<sup>45</sup>. Assim, logo no lead, são apresentados os elementos informativos mais importantes e o leitor não necessitará de percorrer toda a notícia para os identificar.

A ajuda presente no lead para a descodificação da expressão metafórica do título faz com que o leitor não seja obrigado a esperar muito para a resolver, pois, ao contrário das charadas e adivinhas de carácter puramente lúdico que mantêm o decifrador durante um tempo mais ou menos longo a pensar, nos títulos, pretende-se que a resposta seja atingida rapidamente e que a leitura prossiga sem impedimentos.

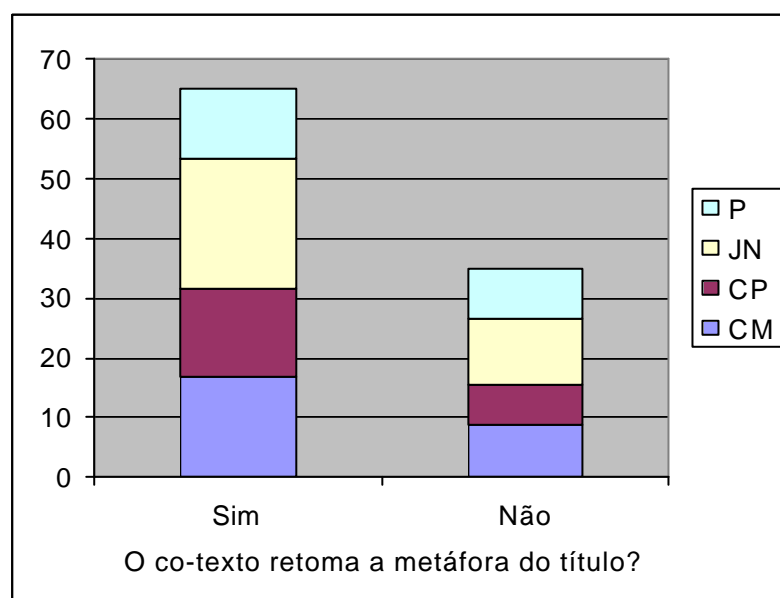
**- A possibilidade de jogos entre a expressão metafórica do título e outras expressões linguísticas presentes no co-texto**

---

<sup>45</sup> A realização temática da notícia, segundo Van Dijk (1988b) obedece a certas regras de organização dos tópicos que a integram, que se poderão designar por “regras de especificação” (*specification rules*): a) A estrutura temática é organizada “de cima para baixo” (*top down*), pelo que o leitor será confrontado com o tópico principal da notícia logo pela leitura do título e lead. b) Outra característica típica que se encontra relacionada com a anterior, é que a estrutura temática obedece à “ordem da maior relevância” (*relevance controlled*), pelo que os factos ou participantes com maior relevância em termos noticiosos terão prioridade na ordem de apresentação (esta organização é conhecida, no meio, como a estratégia da “pirâmide invertida”). c) A estrutura temática do texto noticioso escrito é “cíclica”, narrada às “prestações” (*cyclical, in installments*), ou seja, não é cronológica. Não se narra tudo de uma vez; os factos vão sendo ciclicamente retomados ao longo do texto e de cada vez se acrescentam mais pormenores a cada um deles, pormenores estes que vão sendo cada vez menos essenciais. Estas três regras de especificação adequam-se quer às condições de produção, quer às condições de leitura deste tipo textual. Assim, a redacção do jornal poderá, por imperativos de espaço na página, cortar os parágrafos finais sem a perda da informação essencial. Por outro lado, uma leitura incompleta do texto não resultará numa compreensão parcial mas apenas na perda de alguns detalhes menos importantes.

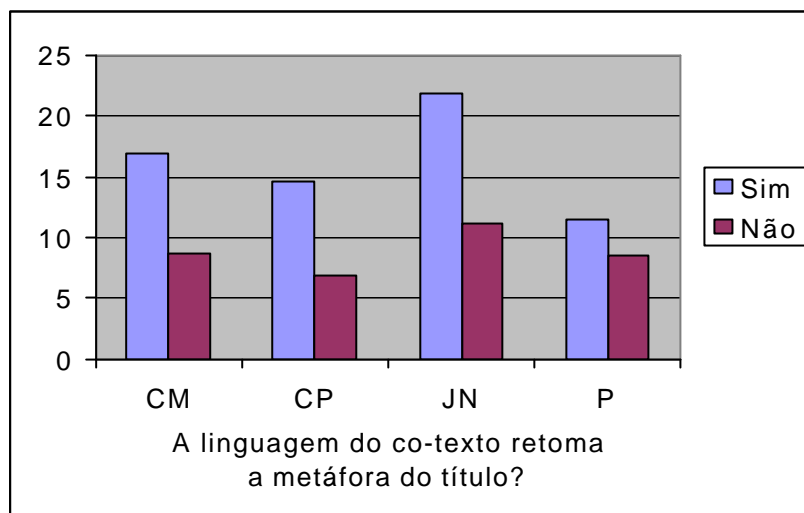
Outra observação que deveremos salientar da análise da intertextualidade interna do título noticioso de linguagem metafórica tem a ver com a ligação deste tipo de discurso a outras expressões, também elas metafóricas, presentes no co-texto. Vimos, neste capítulo, ao longo do ponto 4.5.1.2, que estas expressões podiam simplesmente repetir a do título, desenvolver o paralelo metafórico dentro da mesma projecção ou diversificar a linguagem, apresentando metáforas alternativas. Repetição, extensão e diversificação são, portanto, os três tipos de ligação entre a linguagem metafórica do título e a linguagem metafórica do respectivo co-texto.

Os casos em que o co-texto retoma a figura do título, repetindo-a ou ampliando-a, são, no gráfico 14, estatisticamente comparados com o número de casos em que não são encontradas no co-texto expressões do mesmo domínio fonte:



**Gráfico 14** – Percentagem de títulos metafóricos cujo domínio fonte é ou não retomado no co-texto (cf. distribuição de frequências absolutas no quadro 27)

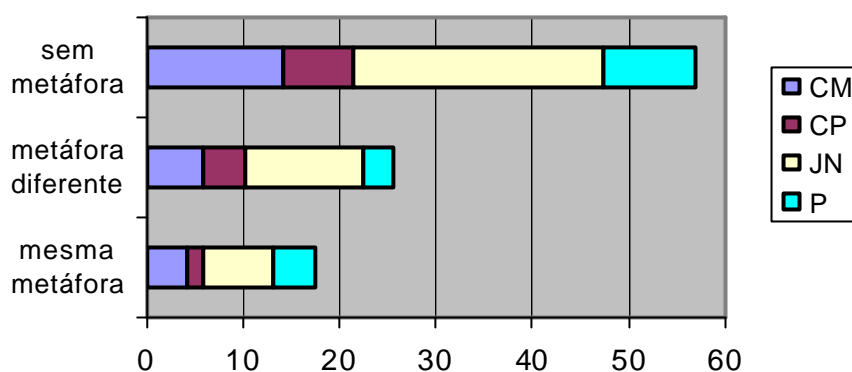
O gráfico 15, permite-nos uma leitura dos mesmos resultados por jornal, demonstrando que a tendência para retomar a linguagem metafórica titular no co-texto noticioso é comum aos quatro jornais analisados:



**Gráfico 15** – Percentagem de títulos metafóricos cujo domínio fonte é ou não retomado no co-texto, por jornal (cf. distribuição de frequências absolutas no quadro 27)

Por outro lado, observámos, no ponto 4.5.1.3, que a expressão metafórica do título, ou outras do mesmo domínio conceptual, podia ser retomada no co-texto mas em sentido literal, dando origem a interessantes jogos de palavras polissémicos.

Curiosas são também as relações entre um título metafórico de primeira página e o correspondente título junto à notícia, no interior do jornal. Interessou-nos, no ponto 4.5.1.4, verificar se o título interior utilizava a mesma metáfora do título da primeira página, se apresentava uma metáfora alternativa ou se simplesmente não utilizava linguagem metafórica. O gráfico 16 permite-nos constatar que esta última situação é claramente predominante em todos os jornais analisados:



**Gráfico 16** – Percentagens, em relação ao total de notícias com dois títulos, da linguagem do título de página interior em relação ao título de primeira página (cf. distribuição de frequências absolutas incluída no quadro 28)

A grande quantidade de títulos interiores sem linguagem metafórica, por oposição aos respectivos títulos manchete, levou-nos a observar que o efeito perlocutório pretendido nestes últimos – levar ao leitor a comprar o jornal e a ler a notícia – é maior do que o dos primeiros – chamar a atenção para a notícia – e daí, o seu carácter mais atractivo que lhe é conferido pela metáfora.

Podemos, pois, concluir que, quando a metáfora não é retomada, ela assume mais claramente o seu papel de apelo à leitura, o qual é um dos imperativos principais da construção do título.

## **b) Intertextualidade externa**

### **- A cumplicidade do leitor**

Além das relações com elementos do co-texto, o título pode conter alusões mais ou menos evidentes, a textos ausentes da situação comunicativa. Em relação a esta

intertextualidade externa, o primeiro problema que se levanta é o do próprio reconhecimento da sua presença<sup>46</sup>. Se em certos casos podemos encontrar um marcador de relação intertextual (como as aspas, por exemplo), na maioria dos casos é o apelo para a pertença cultural do leitor e, conseqüentemente, a sua cumplicidade no processo comunicativo que desempenha o papel fundamental. Podemos, no entanto, considerar que o prazer do seu reconhecimento é proporcional à dificuldade e abstrusidade da alusão.

Seja qual for o texto de partida para a relação intertextual, o texto de chegada, neste caso o título da notícia, é enriquecido com significados não expressos na superfície textual mas que, pelo sentido de pertença a uma identidade cultural comum, são feitos chegar num processo de resolução de problemas (no sentido, que temos aqui vindo a utilizar, de Beaugrande e Dressler) recorrendo à estratégia da procura para fora do próprio texto<sup>47</sup>. Nesta procura, o leitor pode ser levado a inúmeras paragens textuais num espaço infinito. Para Barthes, o intertexto significava tanto o próprio texto como o espaço entre todos os textos, no qual nos movemos enquanto leitores e no qual não podemos evitar de

---

<sup>46</sup> Daí a pertinência da observação de que “The test for allusion is that it is a phenomenon that some reader or readers may fail to observe” (PREMINGER & BROGAN, 1993, apud LOVE, 1996).

<sup>47</sup> Esta procura nem sempre é bem sucedida, como verificámos num trabalho anterior em que foi distribuída, a 66 alunos pré-finalistas, uma lista de títulos de notícia descontextualizados e lhes foi pedido para os interpretarem (não lhes era expressamente pedido que identificassem conexões intertextuais): “Um outro aspecto que por vezes surge nos títulos é o das referências intertextuais. No exemplo “Em busca das camélias perdidas”, ficava claro, pelo conteúdo da notícia, a presença de uma relação intertextual com o título do filme “Em busca da esmeralda perdida” (seguido de “Em busca do templo perdido”). Nestes filmes, foca-se a procura de algo de precioso, tal como a notícia refere as camélias que outrora foram plantadas, com grandes custos económicos, pela cidade do Porto, mas que, tendo sido colhidas pelas pessoas, se acabaram por perder. A ideia da busca das camélias perdidas está relacionada com um concurso de camélias promovido pela câmara da cidade. Na realidade, parte dos inquiridos identificou a existência de uma relação intertextual neste título (12 referiram os títulos dos filmes que mencionámos, 9 referiram a obra de Dumas “A dama das camélias” e 1 a obra de Proust “Em busca do tempo perdido”), mas não conseguiram identificar a relação (alguns referiram expressamente a sua incapacidade). Aliás, apenas 5 outras respostas consideraram que o texto se referiria realmente às flores. Sem o contexto da notícia, fica pois claro que o leitor pode localizar a necessidade de um recurso ao nível da intertextualidade, e não ter elementos para estabelecer a relação pretendida” (PARKER & COIMBRA, 1993: 398).

nos mover incessantemente: “Et c’est bien cela l’intertexte, l’impossibilité de vivre hors du texte infini – que ce texte soit Proust, ou le journal quotidien, ou l’écran télévisuel” (1973: 59).

A saída para fora do texto que é o título da notícia, pode levar o leitor à evocação, como vimos pelos exemplos apresentados neste capítulo, dos mais variados géneros textuais e dos mais diversos pequenos textos pertencentes a um património cultural comum: provérbios, passagens bíblicas, títulos de obras literárias e cinematográficas, letras de canções, *slogans* publicitários, cognomes reais, expressões idiomáticas, manchetes de outros jornais, relatos e citações, etc. Podemos mesmo dizer que a intertextualidade do título da notícia, uma vez que esta é, de certo modo, um texto actual mas efémero<sup>48</sup>, espelha o estado cultural da sociedade no momento em que o jornal é publicado. Assim, as canções em voga, os filmes que passam no momento nas salas de cinema, os *slogans* publicitários que na altura se ouvem na televisão e na rádio, etc., são remetidos para jogos intertextuais que se tornarão incompreensíveis para o leitor que, passados uns anos, pegar novamente no jornal e olhar esses títulos. O valor da actualidade é, pois, fundamental neste processo.

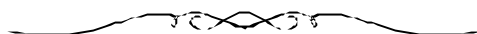
Numa palavra, o jogo intertextual no título de imprensa vem de encontro aos ideais de condensação de linguagem e de apelo à leitura, devido, por um lado, à concentração, no texto actual, de significados e conotações transpostos do texto evocado e, por outro

---

<sup>48</sup> Falamos aqui, obviamente de uma efemeridade relativa, na medida em que o leitor usualmente não guarda os jornais que lê, tal como guarda os romances na estante depois de lidos, e na medida em que se destina a uma leitura imediata, ao contrário dos textos literários que continuam a ser lidos muitos anos e mesmo séculos depois de terem sido escritos.



lado, à cumplicidade do leitor no reconhecimento e decodificação da ligação intertextual que, nos exemplos visados neste trabalho, traz, para o texto, linguagem metafórica ou ela se sobrepõe, aumentando o seu poder retórico.



## ***5. Conclusões finais***

## 5. CONCLUSÕES FINAIS

Os 2.060 títulos de notícia com linguagem metafórica que serviram de corpus de análise nesta tese foram, ao longo dos capítulos que a constituem, analisados de um modo que procurámos que fosse objectivo e científico. Tentámos caracterizar, sob o ponto de vista linguístico, o emprego da metáfora nos títulos das notícias de jornal. Para isso, utilizámos o corpus que foi apresentado na secção 3.2, ou seja, trabalhámos sobre exemplos reais que foram, de facto, fornecidos ao público leitor português.

Nas secções em que os dados são estudados, de acordo com os diversos níveis de análise linguística, foram já apresentadas algumas considerações gerais sobre os resultados obtidos. Pretendemos agora salientar os aspectos que, ao longo da pesquisa efectuada, nos pareceram mais relevantes.

O presente trabalho de investigação seguiu uma linha de análise que partiu da apresentação da problemática em estudo e de uma panorâmica das pesquisas que linguistas anteriores desenvolveram, quer no âmbito do estudo da linguagem do título, quer no âmbito do estudo da linguagem metafórica. Para a análise dos dados, seguimos um percurso que partiu da configuração sintáctica dos títulos e identificação dos constituintes correspondentes aos veículos metafóricos; identificámos as principais metáforas conceptuais utilizadas no corpus e conseqüente influência na escolha do léxico utilizado; seguiu-se uma abordagem à expressão material da mensagem, ou seja, à sua face fonética e gráfica, envolvendo, respectivamente, os jogos sonoros e o destaque gráfico dos veículos metafóricos no título; e, finalmente, saímos do âmbito do enunciado titular e enquadrámo-lo

na dimensão do intertextual, quer com o co-texto imediato, quer nas relações estabelecidas numa perspectiva do intertexto externo.

Da abordagem destes diversos níveis linguísticos, salientamos as seguintes conclusões que apresentamos do modo que se segue: a) As três dimensões da linguagem metafórica no título da notícia; b) As características linguísticas mais recorrentes no título metafórico.

#### **a) As três dimensões da linguagem metafórica no título da notícia**

Em todos os níveis se verifica que a linguagem metafórica não apresenta apenas um cariz informativo. Ela permite uma dimensão conceptual múltipla através da evocação de conotações, uma motivação à leitura do texto e uma condensação semântica que, de outro modo, seriam impossíveis de realizar. Estas foram as vertentes que, na secção 3.1 colocámos, aquando da formulação da hipótese de trabalho, como eventualmente inerentes à utilização de linguagem metafórica no texto titular da notícia. A observação dos dados permitiu-nos confirmar que estas três dimensões são, de facto, atingidas no título por acção da presença de metáfora.

#### **- O papel da metáfora na verbalização de conceitos**

Dada a sua natureza multifacetada, a utilização da linguagem metafórica, que nesta tese abordámos em relação aos títulos de imprensa, não pode ser encarada, numa perspectiva redutora, como uma simples curiosidade linguístico-psicológica. É, mais do

que isso, uma forma única de transmitir e apreender a mensagem jornalística, chegando mesmo a veicular o que, de outro modo, seria quase inexprimível. Nesta pesquisa, tentámos, pois, fazer uma abordagem à utilização desta figura nos títulos de imprensa, encarando-a como um fenómeno do significado com conteúdo cognitivo próprio e como elemento participante no texto a todos os níveis. De facto, a linguagem metafórica assume, neste tipo textual, um lugar insubstituível na verbalização de certos conceitos e realidades cuja descodificação, por vezes, apela ao envolvimento do leitor – com as suas experiências e conhecimentos linguísticos e extralinguísticos – na descodificação deste tipo de linguagem. Este envolvimento do leitor em relação ao texto titular da notícia pode assumir a forma do reconhecimento de alusões a textos mais ou menos distantes, como vimos na secção 4.5, sobre o nível intertextual, ou da interpretação de jogos sonoros e gráficos, como os apontados nas secções 4.3 e 4.4.

Tal envolvimento não é, no entanto, isento de dificuldades. Duas características das notícias de imprensa, em geral, e dos seus títulos, em particular, fazem aumentar, de certo modo, a complexidade a nível da descodificação dos conceitos verbalizados metaforicamente:

A primeira característica prende-se com o facto de que estes textos não são, ao contrário do texto epistolar pessoal ou de uma circular institucional, por exemplo, dirigidos a uma pessoa em particular nem mesmo a um grupo limitado e culturalmente homogéneo de indivíduos. Pelo contrário, o grupo dos leitores de um jornal nacional é aberto e diversificado a nível profissional, etário, cultural, político e religioso. Embora se possam verificar algumas tendências dominantes, não podemos ignorar a grande heterogeneidade

de experiências, capacidades, interesses e conhecimentos dos diversos leitores, heterogeneidade esta que vai, no momento da recepção do texto, contribuir para uma abordagem igualmente diversa na descodificação da linguagem utilizada. Assim, as metáforas conceptuais que identificámos durante a presente investigação, os jogos sonoros e gráficos e as alusões intertextuais eventualmente presentes nos títulos metafóricos poderão passar despercebidos a alguns leitores ou ser objecto de diferentes interpretações, captando diversas nuances de sentido.

A segunda característica deste tipo de texto que determina a sua descodificação decorre do facto de que os textos de imprensa não apresentam um carácter dialógico, como acontece com as interacções orais. Assim, qualquer dificuldade de interpretação ficará por resolver, já que o receptor não terá a possibilidade de, no contexto espacial e temporal da recepção textual, interagir com o respectivo autor na transmissão de questões e problemas, bem como na recepção de respostas, correcções, esclarecimentos, reformulações. Deste modo, a linguagem metafórica não poderá, em princípio, ser de tal modo hermética que impeça o leitor médio, por si só, de atingir a profundidade textual e captar os significados transmitidos. Na secção 4.2, sobre a análise no nível semântico da linguagem, vimos como os veículos metafóricos tendem a ser extraídos de domínios conceptuais familiares ao leitor e à sua experiência de vida – as viagens, as lutas, a vida, a luz e a escuridão, etc., o que faz com que haja uma evocação de conceitos mais próximos e uma mais eficiente veiculação de conotações.

### - O papel da metáfora na motivação à leitura do texto

O desafio colocado pela descodificação da linguagem metafórica, e dos jogos de palavras sonoros e intertextuais que tantas vezes lhe são concomitantes, convida o leitor a entrar num processo lúdico semelhante ao da resolução de enigma. O texto apela à sua cumplicidade ao exigir, implicitamente, o envolvimento da sua experiência pessoal, dos seus conhecimentos linguísticos e enciclopédicos, despertando, conseqüentemente, nele o sentimento de pertença a uma comunidade linguística e cultural envolvente.

Sem atingir as raias do indecifrável, caso em que o texto, em lugar de se tornar apelativo, se tornaria demasiado hermético e desmotivador, o enigma proposto pela linguagem metafórica, alusões e jogos de palavras despertará a natural curiosidade do ser humano em levantar o véu da obscuridade. As metáforas da caça, guerra, doença, calor, plantas, corpo humano, chuva, cozinhados, entre outras, aplicadas a realidades que lhes estão mais ou menos distantes fazem entrar nos títulos, locais destacados na página do jornal, toda uma quantidade de léxico e significado que, de outro modo, não estaria presente nessas secções ou rubricas. O elemento surpresa e inesperado, em certa medida, constitui um dos factores que mais atenção captará da parte do público leitor. Uma linguagem completamente previsível não terá, certamente, o mesmo poder de sedução.

Por outro lado, e como observámos a propósito do subcapítulo sobre o nível sintáctico, a simplicidade da construção frásica compensa esta complexidade semântica, de tal modo que não será de esperar que um título apresente um desafio ao leitor em todos os níveis de realização linguística. Verificámos, neste trabalho, que a linguagem metafórica tendia a surgir em construções elípticas constituídas por um único sintagma nominal ou em

frases simples com verbos transitivos. Vimos, também, que estas construções tendiam a localizar o veículo de linguagem metafórica na parte predicativa da frase, o que mantém intactas as expressões de referência mas torna enigmáticas as expressões predicativas. Sob o ponto de vista do leitor, portanto, a identificação da realidade noticiada é imediata mas o que é dito acerca dela é, de certo modo, obscurecido pela linguagem conotativa. Assim, o título, sem camuflar o referente, propõe um percurso lúdico para a descoberta da informação que acerca dele é fornecida e que passa, em última análise, pela leitura do texto.

#### **- O papel da metáfora na condensação semântica**

Igualmente importante é o factor da condensação semântica. Por imperativos de espaço ao construir a página e por imperativos de tempo ao descodificar os textos, procura-se que o título da notícia seja o mais curto possível mas transmita o máximo de informação. Estes objectivos levam, como vimos na análise sintáctica, a uma tendência para o carácter “telegráfico” da linguagem titular, através da omissão de elementos como determinantes, verbos auxiliares e copulativos, e do uso de frases elípticas sem verbos.

A condensação de linguagem relaciona-se, de modo muito estreito, com a presença da linguagem metafórica que, ao concentrar na mesma expressão, sentidos conotativos, provenientes da projecção entre domínios conceptuais distintos, torna mais rica de conteúdo semântico a mensagem do título. A presença simultânea de jogos de palavras concorre, ainda mais, para este objectivo. Assim, um título como o (122) BENFICA TRANSPÔS/ “MURALHA” DO CASTELO concentra, numa estrutura simples de SU-V-OD com



elisão de determinantes, uma multiplicidade de informações, como seja: que o Benfica ganhou um desafio desportivo; que a equipa adversária era o Castelo da Maia; que essa vitória foi encarada, pelo redactor como difícil de conseguir. Só pela leitura do texto se tornam claros todos estes componentes informativos e se captam novos dados, como o resultado desse jogo de volei ter sido 3-2. Assim, o facto da linguagem condensar múltiplos significados constituiu também um desafio e um convite implícito ao seu desdobramento, para o que o leitor será motivado à descodificação de todo o texto.

#### **b) As características linguísticas mais recorrentes no título metafórico**

O tratamento e estudo dos dados, objecto do capítulo 4, constituiu o ponto principal desta pesquisa e permitiu uma caracterização linguística, nos seus diversos níveis de análise, dos títulos metafóricos da imprensa em Portugal. Várias foram as observações e conclusões que, no decorrer da referida apresentação, foram sendo apresentadas. Não queremos, todavia, deixar de salientar, nestas conclusões finais, alguns aspectos que consideramos merecerem especial destaque.

Sob o ponto de vista da análise sintáctica, propusemos uma divisão tripartida dos títulos, em frásicos, elípticos e bissegmentais. Verificámos que estas categorias se poderiam ainda subdividir e constatámos que as configurações mais frequentes no corpus diziam respeito aos títulos elípticos constituídos por um único sintagma nominal ou aos títulos constituídos por uma frase simples com sujeito, verbo transitivo e objecto directo. Neste último caso, bem como em todos os títulos frásicos em geral, o veículo de linguagem

metafórica, ou seja o termo proveniente do domínio fonte, situa-se na parte predicativa da frase. Além disso, as frases apresentam uma tendência para seguir a ordem normal dos constituintes frásicos e para omitir constituintes sintacticamente opcionais.

Quanto ao nível léxico-semântico, isolámos um total de 70 metáforas presentes no corpus em estudo. É curioso notar que as metáforas que identificámos e as mnemónicas que propusemos são quase todas diferentes das compiladas por Lakoff e seus colaboradores (LAKOFF et al., 1991). Esta situação poderá ter origem no facto de que a *Master Metaphor List*, além de ter como objecto a língua inglesa, baseia-se numa recolha de expressões idiomáticas, frases feitas, sintemas e outras expressões utilizadas pelos falantes de língua inglesa. Não é, pois, baseada num corpus de determinado tipo textual. Salientamos, da nossa análise em relação a este nível, a possibilidade de transferência de conotações e transmissão de nuances de sentido que a linguagem metafórica permite; o poder de atracção exercido sobre o leitor pela variedade lexical e semântica; o predomínio do domínio desportivo como domínio alvo e da guerra ou viagem como domínios fonte.

No nível fonológico, destacamos a presença de jogos de palavras que, quando co-existent com a utilização de metáfora, interferem na escolha do vocabulário, permitem a condensação semântica e a reanimação de metáforas gastas. Particularmente interessantes, sob o ponto de vista retórico, são os jogos homonímicos de tipo onomástico. Estatisticamente, contudo, constatámos que predominam os jogos polissémicos.

Graficamente, verificámos que uma boa parte dos títulos do corpus apresenta os veículos de linguagem metafórica assinalados, sobretudo através de aspas, embora a

maioria não apresente qualquer destaque e, conseqüentemente, não é fornecida ao leitor a identificação, à partida, da presença de linguagem figurada.

Finalmente, no nível intertextual, dividimos, em intertextualidade interna e externa, as relações que o título estabelece, respectivamente, com o co-texto e com textos ausentes da situação comunicativa. Em relação à primeira, notámos a importância do lead na descodificação da metáfora, já que foi neste elemento co-textual onde, mais frequentemente, eram dadas pistas para essa tarefa, nomeadamente a identificação do teor metafórico. Verificou-se, ainda, que o co-texto, na maioria dos casos, retoma a metáfora titular, reiterando-a ou desenvolvendo-a. Quanto à intertextualidade externa, embora não muito frequente no corpus, apresenta-se como um factor de motivação à leitura, pela cumplicidade gerada em relação ao potencial leitor.

A reunião de todas as características estatisticamente predominantes no mesmo título não é um fenómeno, no entanto, muito abundante. Apesar disso, pesquisámos, na base de dados, a possibilidade da coexistência de todas estas características, filtrando todos os títulos que, uma a uma, as acumulassem. Dessa filtragem, resultou um total de 30 títulos do corpus que a seguir enunciamos:

- (51) Estatuto da docência no adro
- (55) Agências em pé de Guerra
- (100) Espanha e Portugal na mesma luta
- (158) Três décadas de luta
- (171) "SALVAR POMBEIRO"/ DÁ MAIS UNS PASSOS
- (297) Golpe de teatro
- (336) Nuvens/ sobre/ o oásis
- (403) 'Encarnados' e 'engenheiros'/ em luta pelo segundo lugar
- (633) Reforma deu mais um passo
- (648) SUÉCIA A CAMINHO/ DA UNIÃO EUROPEIA
- (670) Sampaio a caminho da reeleição
- (729) Últimos tiros na guerra de palavras
- (828) Faldo dá passo gigante

- (846) TRÊS DA FRENTE JÁ CRIAM FOSSO
- (929) Guerra de bastidores
- (962) Os reis do mar alto/ à deriva
- (1084) Guerra aberta no Pinhal da Amorosa
- (1096) Guerra de nervos no gás natural
- (1121) A guerra das televisões
- (1178) PARTIDOS AQUECEM MÁQUINAS/ PARA CONQUISTA DE CÂMARAS
- (1260) GRÃ-BRETANHA/ EM ROTA DE COLISÃO/ COM A COMUNIDADE
- (1270) CRUIJFF PROVOCA/ GUERRA DE NERVOS
- (1287) Barcelona em guerra
- (1352) Rede de gás em marcha
- (1471) A luta contra o desperdício
- (1598) CDS de Esposende/ em pé de guerra
- (1732) Guerras entre a desgraça
- (1737) Guerra por Camarate
- (1767) Sopa Seca a pique
- (1978) Pró-Vida na estrada do futuro

Estes títulos são, portanto, caracterizados por possuírem todas as particularidades de linguagem que, ao longo do nosso trabalho, se revelaram como as mais típicas dos títulos metafóricos na imprensa portuguesa. Assim, os títulos supracitados caracterizam-se, sintacticamente, por apresentarem uma configuração de tipo SN ou SU-V-OD (neste caso apresentando o veículo metafórico no predicado); semanticamente incluem domínios fonte relacionados com guerra ou viagem; não apresentam jogos sonoros; o veículo da linguagem metafórica não se encontra destacado graficamente; e, em relação ao nível intertextual, não apresentam alusões intertextuais externas, o lead fornece as pistas para a decodificação da metáfora e o co-texto retoma a projecção metafórica proposta no título.

Sendo os títulos com maior número de características típicas, não são, no entanto, os títulos do corpus mais interessantes sob o ponto de vista retórico. De facto, os títulos que utilizam domínios conceptuais mais raros ou em que a metáfora, não sendo tão vulgar vem assinalada por aspas ou outro recurso gráfico, que incluem jogos sonoros e alusões intertextuais tornam-se, à partida, mais complexos, mas também mais atraentes e

inesperados. De qualquer modo, como verificámos, a linguagem titular nunca é demasiado hermética, pois uma dificuldade excessiva de descodificação linguística levaria, por certo, a um menor índice de leitura.

## **OUTRAS PISTAS DE ANÁLISE**

Não gostaríamos de dar por terminada esta investigação sem referirmos outras possibilidades de pesquisa que poderiam ter sido também abordadas.

O acesso aos diversos níveis de análise aqui considerados – sintáctico, léxico-semântico, fonológico, gráfico e intertextual – permitiu uma caracterização do tipo textual em estudo que estava por fazer em Portugal. Estes campos de análise, no entanto, não estão separados a não ser por razões de investigação como acontece, aliás, com qualquer análise científica. Pelo contrário, eles encontram-se profundamente integrados e correlacionados, no próprio funcionamento textual, e o texto torna-se, assim, o ponto de partida e, simultaneamente, o ponto de chegada da pesquisa efectuada. Neste processo, outras pistas de pesquisa e outros caminhos de análise seriam, certamente possíveis. Os fundamentos teóricos aqui considerados e que poderão ser aprofundados através do estudo das referências bibliográficas indicadas no fim deste volume, pareceram-nos, no entanto, os mais actualizados e adequados ao objectivo a que nos propusemos com este trabalho.

Obviamente que esta pesquisa, por necessidade de delimitação do campo de estudo, deixa, no entanto, alguns pontos em aberto. O corpus por nós organizado constitui

um bom instrumento de trabalho futuro e permitirá, sem dúvida, alargar esta investigação. Pensamos que seria interessante, por exemplo, fazer o mesmo estudo, nos mesmos níveis de análise linguística, aos títulos de notícia não metafóricos que foram publicados nos jornais de onde se extraíram os títulos metafóricos que compuseram o corpus e fazer um estudo comparativo entre os dois grupos. Poder-se-ia, portanto, pesquisar se, nos títulos não metafóricos, surgem as mesmas configurações sintáticas, se apresentam efeitos sonoros ou alusões intertextuais, quais os domínios conceptuais predominantes, etc., ou seja, aplicar os mesmos instrumentos teóricos a esse segundo corpus e extrair conclusões da comparação estabelecida.

Outra pesquisa proveitosa seria a compilação de metáforas jornalísticas em diversos estratos cronológicos. Não será descabida a hipótese de que a linguagem titular noticiosa se terá progressivamente tornado mais “arrojada” com a expansão da imprensa e o aumento do número de jornais concorrentes.

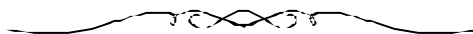
Do mesmo modo, o estudo comparativo entre a imprensa regional e a imprensa nacional se poderá revelar importante, nomeadamente na determinação de uma possível correlação entre a proximidade do leitor e a menor heterogeneidade do público regional, por um lado, e a escolha de determinadas metáforas, por outro.

Outro aspecto que nos parece que poderia trazer-nos informações complementares sobre este tipo de texto seria uma pesquisa baseada num corpus jornalístico genérico vs um corpus temático. Seria interessante pesquisar se os jornais temáticos (desportivos, por exemplo) desenvolvem especificidades linguísticas no que respeita ao uso figurado da linguagem.

Finalmente, uma abordagem comparativista entre títulos de imprensa portugueses e títulos de imprensas estrangeiras revelar-se-ia útil na identificação de tendências gerais, por um lado, e específicas de determinada imprensa ou língua, por outro.

Assim, as propostas de análise, em relação aos títulos portugueses, que aqui apresentámos, algumas baseadas, mesmo, em instrumentos de análise originais – caso da tipologia das configurações sintácticas apresentada no ponto 4.1; da maioria das mnemónicas e de todos os esquemas fornecidos no ponto 4.2; da identificação dos três tipos de jogos onomásticos apresentados na página 355, das características dos jogos de palavras polissémicos sistematizada no diagrama 29 e das quatro estratégias de jogos paronímicos em 4.3.3.3 e 4.4.3 (resumo nas páginas 377-378); dos esquemas caracterizadores da relação do título de primeira página com os títulos interiores correspondentes (cf. quadro 38, fórmulas da página 444 e diagramas das páginas 446 e 447) – poderão ser levadas mais longe na sua aplicação prática, enriquecendo e desenvolvendo um trabalho que, como todos de índole científica, nunca se poderá dar por concluído.

Consideramos, no entanto, ter contribuído, com este nosso estudo, para um melhor conhecimento do modo como o texto jornalístico procura, recorrendo às mais diversificadas estratégias linguísticas, atrair a atenção dos potenciais leitores, como aqui procurámos deixar evidenciado.



## ***6. Apêndices***



## 6.1. APÊNDICE 1: O CORPUS DE TÍTULOS

Este apêndice contém a transcrição de todos os títulos que constituem o corpus que serviu de base ao trabalho apresentado nesta tese. Cada título é precedido por um número que corresponde ao número da respectiva ficha na base de dados. As três últimas colunas identificam a sua proveniência, localizando-o em relação ao jornal, dia de publicação e página.

N.º	Título	Jornal	Data	Pág.
1	Pressão judicial alemã/ não trava neonazis	CM	01/12/92	20
2	'ARMAS' SÃO BONS PREÇOS/ E ATENDIMENTO PERSONALIZADO	CM	01/12/92	VI
3	FALTA DINHEIRO AOS HOSPITAIS/ PARA COMBATER A EPIDEMIA	CM	01/12/92	9
4	A ponta de um icebergue	CM	01/12/92	9
5	Hospitais/ sem verba/ para/ combate/ à Sida	CM	01/12/92	1
6	PORTUGAL DEVE SER PONTE/ ENTRE EUROPA E AMÉRICA	CM	01/12/92	36
7	TODA/ A HISTÓRIA/ DO GRANDE/ EUSÉBIO/ SOBE/ AO PALCO/ DA LUZ	CM	01/12/92	1D
8	LONGE VAI O TEMPO... DA "DEGOLA"	CM	01/12/92	5D
9	Agências contra/ "guerra" na aviação	CM	01/12/92	15
10	Greves/ 'emperram'/ fronteiras/ e minas/ da/ Panasqueira	CM	01/12/92	16
11	UGT BATE COM PORTA/ DA CONCERTAÇÃO	CM	01/12/92	18
12	Velhice e pobreza de «mão dadas»	CP	01/12/92	5
13	UGT bate com a porta	CP	01/12/92	3
14	SIDA: a luta contra a morte	CP	01/12/92	5
15	A novela das propinas	CP	01/12/92	7
16	Docência agita sindicatos	CP	01/12/92	7
17	O gigante com pés de barro	CP	01/12/92	32
18	Indonésia estreita laços	CP	01/12/92	30
19	Cimeira-relâmpago/ reúne no Vaticano	CP	01/12/92	1
20	BENFICA E SPLIT (CROÁCIA)/ MEDEM HOJE FORÇAS NA LUZ	JN	01/12/92	21
21	"CARRASCO" DOS BULLS/ PERDEU EM DETROIT!	JN	01/12/92	21
22	EUSÉBIO: O FUTEBOL/ AGRADECE À "PANTERA"	JN	01/12/92	17
23	TANTO "TRABALHO"/ PARA SEREM PRESOS	JN	01/12/92	10
24	CUNHA E SILVA/ SUBIU EM FLECHA/ NO "RANKING" ATP	JN	01/12/92	17
25	COMISSÃO EUROPEIA/ PREVÊ QUADRO NEGRO/ PARA O PRÓXIMO ANO	JN	01/12/92	1
26	É URGENTE/ INVESTIR/ NO COMBATE/ À SIDA	JN	01/12/92	1
27	CEE: PERSPECTIVAS SOMBRIAS PARA 1993	JN	01/12/92	2
28	DISCURSO FATALISTA/ É UM CANCRO QUE CORRÓI/ A INOVAÇÃO DO ENSINO	JN	01/12/92	8
29	JOÃO CUNHA E SILVA/ PULOU 18 LUGARES	JN	01/12/92	22
30	TITULARIDADE DO MATADOURO/ GERA CONVULSÕES CÁMARA/IROMA	JN	01/12/92	25
31	FESTAS NICOLINAS ENSOMBRADAS/ POR PÂNICO E BEBEDEIRAS	JN	01/12/92	26
32	CPP: "GUERRA" TOTTA/BANIF/ GARANTE ÊXITO DA PRIVATIZAÇÃO	JN	01/12/92	31
33	INVESTIR/ NO COMBATE/ À SIDA	JN	01/12/92	6
34	Julgamento de Collor/ na recta final	P	01/12/92	13
35	Levanta-se o pano	P	01/12/92	14
36	Oposição pede/ a cabeça de Lamont	P	01/12/92	15
37	Arma económica com objectivos políticos	P	01/12/92	16
38	UGT bate com a porta da concertação social	P	01/12/92	22
39	Hipermercados/ para dançar/ a sul/ do Porto	P	01/12/92	53

40	Os hipermercados da dança	P	01/12/92	54
41	Aposta no Vouga	P	01/12/92	57
42	Casino de Tróia avança	P	01/12/92	58
43	JAPÃO UNE-SE AO CORO/ CONTRA ACORDO GATT	CM	02/12/92	12
44	Aço marca/ nova etapa/ da 'guerra/ comercial'	CM	02/12/92	14
45	CAVACO SILVA BATE/ O PÉ A JOHN MAJOR	CM	02/12/92	16
46	DOIS PRIMEIROS APROVEITAM/ DESLIZES DA CONCORRÊNCIA	CM	02/12/92	4D
47	Muita 'parra' e pouca 'uva'	CM	02/12/92	7D
48	'MATUTINOS' NA FRENTE.../ COM ARCO-ÍRIS 'À PERNA'	CM	02/12/92	10D
49	A serra desceu à cidade	CP	02/12/92	6
50	Sismos não abalam	CP	02/12/92	6
51	Estatuto da docência no adro	CP	02/12/92	8
52	Fortalezas encerram portas	CP	02/12/92	11
53	Ténis de barba rija	CP	02/12/92	26
54	Agricultores no coração da Europa	CP	02/12/92	29
55	Agências em pé de Guerra	CP	02/12/92	30
56	Sonhos de pano	CP	02/12/92	37
57	Manta de vozes	CP	02/12/92	36
58	IELTSINE AVISA/ DEPUTADOS/ -"NÃO PISEM/ O RISCO"	JN	02/12/92	1
59	UMA "ILHA"/ NO MEIO/ DE RAMALDE	JN	02/12/92	1
60	XANANA SOFREU/ LAVAGEM/ AO CÉREBRO?	JN	02/12/92	1
61	UMA/ ARTISTA/ DE PALMO/ E MEIO	JN	02/12/92	1
62	CARAMBOLA TRÁGICA ESMAGA/ CICLISTA DEBAIXO DE AUTOCARRO	JN	02/12/92	10
63	ALEMANHA: CHEGOU AO FIM/ O TEMPO DAS VACAS GORDAS	JN	02/12/92	16
64	JUVENIS PARTEM PARA ITÁLIA/ NA MIRA DO TÍTULO EUROPEU	JN	02/12/92	25
65	DIANA: DEUSA DE PALMO E MEIO/ À CAÇA DE UM GRANDE FUTURO	JN	02/12/92	26
66	CONQUISTA POLACA	JN	02/12/92	49
67	DISCOTECAS E PARQUE DE FEIRAS/ SOB A "MIRA" DO GOVERNO CIVIL	JN	02/12/92	28
68	PELES "VOAM" DE LOJA	JN	02/12/92	29
69	ORÇAMENTO APROVADO/ COM GRANDE AGITAÇÃO	JN	02/12/92	30
70	UNIÃO DE PAREDES/ CAMINHA PARA O ABISMO	JN	02/12/92	31
71	JUNTA DE S.PEDRO DA COVA/ GANHOU "GUERRA DOS PORTÕES"	JN	02/12/92	31
72	AMEAÇAS CHINESAS FAZEM CAIR/ A BOLSA DE HONG KONG	JN	02/12/92	35
73	FUTEBOL É NOTA DOMINANTE/ NA GUERRA DAS AUDIÊNCIAS	JN	02/12/92	37
74	INSTITUTO DO VINHO DA MEALHADA/ PODERÁ FECHAR AS PORTAS	JN	02/12/92	27
75	A era nuclear/ nasceu há 50 anos	P	02/12/92	1
76	O "demónio" na República de Alá	P	02/12/92	4
77	Novo matadouro/ com solução à vista	P	02/12/92	45
78	Um orçamento servido a frio	P	02/12/92	51
79	A MÁQUINA QUE DEVOROU GEORGE MICHAEL	P	02/12/92	VI
80	'Xanana sofreu lavagem ao cérebro'	P	02/12/92	44
81	50 MIL ARMAS/ EM 'BOAS MÃOS'	CM	03/12/92	1
82	Overdose rouba/ vida a jovem	CM	03/12/92	4
83	OBRAS NAS ESTRADAS ALGARVIAS/ DEIXAM CONDUTORES 'ÀS ARANHAS'	CM	03/12/92	6
84	FUNCHAL "ESTRANGULADO"/ SÓ PODE CRESCER/ PARA CONCELHOS VIZINHOS	CM	03/12/92	8
85	TEMPORAL FUSTIGA/ A GRÃ-BRETANHA...	CM	03/12/92	26
86	Um mundo de fragrâncias/ perfuma este Inverno	CM	03/12/92	30
87	França recolhe apoios/ na «guerra» do GATT	CM	03/12/92	19
88	OBRAS E ACTIVIDADES CULTURAIS/ DÃO VIDA AO MOSTEIRO DA BATALHA	CM	03/12/92	34
89	CAVACO/ E GONZÁLEZ/ "LIMPAM ARMAS"	CM	03/12/92	21
90	'CONSTRUÇÃO CIVIL/ É O MOTOR DO PAÍS'	CM	03/12/92	44
91	HÁ/ 'PODRIDÃO'/ A MAIS/ NO/ 'CALCIO'!!!	CM	03/12/92	2D
92	Escalada da guerra/ na capital bósnia	CM	03/12/92	25
93	Plutónio sob fogo	CM	03/12/92	8
94	'AVALANCHA' DE REFORMAS/ VAI MUDAR ENSINO SUPERIOR	CM	03/12/92	20

95	Salgueiros faz anos/ e promete 'explodir'	CM	03/12/92	1D
96	"Tomba-gigante" em Picassinos	CM	03/12/92	5D
97	De mãos dadas...	CP	03/12/92	1
98	Estado <i>encaixou</i> 40,8 milhões	CP	03/12/92	1
99	Governo deve combater a droga	CP	03/12/92	4
100	Espanha e Portugal na mesma luta	CP	03/12/92	5
101	«Morreu» o símbolo da resistência	CP	03/12/92	6
102	Gaidar ataca Parlamento russo	CP	03/12/92	13
103	Futuro Sombrio da «Traslar»	CP	03/12/92	17
104	Fraca adesão no combate à SIDA	CP	03/12/92	21
105	... <i>Cócegas</i> aos favoritos	CP	03/12/92	23
106	Macau já <i>cavalga</i>	CP	03/12/92	29
107	Governo andaluz em «xeque»	CP	03/12/92	30
108	CONSTRUÇÃO CIVIL/ É MOTOR/ DO DESENVOLVIMENTO	JN	03/12/92	1
109	DROGA É A "MÃE"/ DA MAIORIA/ DOS CRIMES/ NA REGIÃO DO PORTO	JN	03/12/92	1
110	EDIMBURGO/ NO HORIZONTE/ DA CIMEIRA/ IBÉRICA/ DO FUNCHAL	JN	03/12/92	1
111	REVISORES/ DE CONTAS/ -ESTATUTO/ É "PRENDA/ DE NATAL"...	JN	03/12/92	1
112	A NOITE DAS FACAS LONGAS	JN	03/12/92	2
113	ESPÍRITO DE MAASTRICHT/ ESTÁ ADORMECIDO	JN	03/12/92	3
114	"OS QUATRO MANDAMENTOS"/ PARA O CRESCIMENTO DA CEE	JN	03/12/92	3
115	DROGA É A "MÃE"/ DE QUASE TODOS OS CRIMES	JN	03/12/92	12
116	COMPROMISSO NA RÚSSIA NEGOCIADO/ NOS BASTIDORES DO CONGRESSO	JN	03/12/92	15
117	ITAMAR FRANCO É ALVO/ DE UMA TEMPESTADE/ DE CRÍTICAS	JN	03/12/92	15
118	ONU VÊ COM OLHOS OPTIMISTAS/ PERSPECTIVAS PARA MOÇAMBIQUE	JN	03/12/92	16
119	DEMOCRACIA A EMAGRECER/ E PRESIDENTE A "DORMIR"	JN	03/12/92	17
120	ALAIN PROST "VOADOR"/ NOS TESTES DO ESTORIL	JN	03/12/92	24
121	"GUERRA DOS PATROCÍNIOS"/ LEVA SAINZ PARA A LANCIA	JN	03/12/92	24
122	BENFICA TRANSPÔS/ "MURALHA" DO CASTELO	JN	03/12/92	25
123	FRANÇA JÁ VIVE/ O PESADELO DA RECESSÃO	JN	03/12/92	34
124	Onda de violência racista/ ensombra ratificação de Maastricht	P	03/12/92	2
125	Houve lavagem ao cérebro?	P	03/12/92	8
126	Uma "guerra" metropolitana	P	03/12/92	25
127	Uma gare em "cima do joelho"	P	03/12/92	50
128	PSD-Barreiro "arruma" a casa	P	03/12/92	55
129	Badminton quer aproveitar o "empurrão" olímpico	P	03/12/92	35
130	Banesto com a maior fatia do CPP	P	03/12/92	38
131	FALTA DE EQUIPAMENTO/ NÃO VERGA COMANDOS	CM	04/12/92	8
132	DITADOR DA INDONÉSIA/ CONDECORA 'DAMA DE FERRO'	CM	04/12/92	23
133	Socialistas/ "às voltas" com/ as leis eleitorais	CM	04/12/92	24
134	ITÁLIA ESTÁ/ A 'MATAR'/ O FUTEBOL	CM	04/12/92	2D
135	CONCERTO DOS GUNS NA ARGENTINA/ PODE DAR PARA O TORTO	CM	04/12/92	44
136	GONZÁLEZ PEDE A CAVACO/ QUE AJUDE A 'PUXAR O CARRO'	CM	04/12/92	52
137	Governos ibéricos/ acertam «agulhas»/ para Edimburgo	CP	04/12/92	1
138	<i>Chicotada</i> no Imortal	CP	04/12/92	21
139	VILA/ DO CONDE:/ NA ANTIGA/ ALFÂNDEGA/ VAI "MORAR"/ O MUSEU NAVAL	JN	04/12/92	1
140	GOVERNO ABRE "GUERRA"/ À IMIGRAÇÃO CLANDESTINA	JN	04/12/92	5
141	AUTOCARRO JOVEM/ NO COMBATE À SIDA	JN	04/12/92	6
142	MISERICÓRDIA DE ÁGUEDA/ ALARGA BENEFÍCIOS	JN	04/12/92	11
143	"FERNÃO MENDES PINTO"/ COM OS OLHOS NO FUTURO	JN	04/12/92	13
144	INUNDAÇÕES SEMEIAM O CAOS/ NO SUL DA GRÃ-BRETANHA	JN	04/12/92	14
145	SALGUEIROS EM ODIVELAS/ PARA DEFRONTAR NA "TAÇA"/ SOBREVIVENTE DA 3ª DIVISÃO	JN	04/12/92	19
146	VAMOS DISCUTIR/ O JOGO COM O PORTO/ COM AS ARMAS QUE TEMOS	JN	04/12/92	19
147	MPLA tem luz verde/ para contra-atacar	P	04/12/92	1

148	Edimburgo em ponto de mira	P	04/12/92	14
149	A última batalha de Collor	P	04/12/92	22
150	Estreia morna	P	04/12/92	56
151	Os "pontos negros"/ do distrito de Coimbra	P	04/12/92	57
152	Contratados nas escolas vítimas do jogo do empurra	CM	05/12/92	20-21
153	OS 'QUATRO/ MOSQUETEIROS'/ ESTÃO JUNTOS/ NOVAMENTE	CM	05/12/92	1D
154	JOGOS 'QUENTES'/ NO INVERNO/ DA EUROPA	CM	05/12/92	2D
155	CHAVES PROMETE/ LUTAR COM DIGNIDADE	CM	05/12/92	5D
156	Grandes jogam hoje/ no 'aconchego do lar'	CM	05/12/92	6D
157	Professores ameaçam lutar/ contra despedimentos	CM	05/12/92	21
158	Três décadas de luta	CP	05/12/92	4
159	A festa da passagem de testemunho	CP	05/12/92	5
160	Soares não pode «lavar as mãos»	CP	05/12/92	6
161	Sé recusa ser bode espiatório	CP	05/12/92	10
162	Temporal até árvores <i>varreu</i>	CP	05/12/92	11
163	Bombeiros sem mãos a medir	CP	05/12/92	19
164	Bolsa de Hong Kong «quebrou»	CP	05/12/92	32
165	CORUNHA:/ VIDA NEGRA/ SABE DEUS/ ATÉ/ QUANDO	JN	05/12/92	1
166	MADEIRA ESCOLHIDA PARA SÍMBOLO/ DA APOSTA IBÉRICA EM MAASTRICHT	JN	05/12/92	2
167	MAASTRICHT ABRE PORTAS/ MAS NÃO IMPÕE CAMINHOS	JN	05/12/92	2
168	ÁLVARO CUNHAL: A LUTA CONTINUA/ ENQUANTO TIVER UM SOPRO DE VIDA	JN	05/12/92	3
169	CHOVEU A POTES.../ E FORAM RIOS DE PROBLEMAS	JN	05/12/92	8
170	BRAGA DA CRUZ/ SUBLINHA PRIORIDADES	JN	05/12/92	11
171	"SALVAR POMBEIRO"/ DÁ MAIS UNS PASSOS	JN	05/12/92	13
172	TELEFONES "SURDO-MUDOS"/ EM ARCO DE BAÚLHE	JN	05/12/92	13
173	COLÉGIO DE GAIA RECEBE/ O "CARRASCO" DO BENFICA	JN	05/12/92	23
174	JUVENIS PORTUGUESES/ "ESMAGARAM" INGLATERRA	JN	05/12/92	23
175	"MARINES"/ COM ORDEM/ PARA MATAR/ A FOME/ NA SOMÁLIA	JN	05/12/92	1
176	Governo prepara-se/ para o "golpe final"	P	05/12/92	16
177	DOIS MIL TRAZEM RIM/ EM "SEGUNDA MÃO"	CM	06/12/92	40
178	Diplomacia estende a mão a deficientes	CM	06/12/92	12
179	Carvalhas atira à 'queima-roupa'	CM	06/12/92	16
180	COM JUSKOWIAK 'FUNDIDO'/ BRILHOU A LUZ DE CADETE	CM	06/12/92	3D
181	'MASSACRAR' NÃO CHEGA/ É NECESSÁRIO ALGO MAIS	CM	06/12/92	5D
182	Cascais e Ciências de Sevilha/à conquista da Taça Ibérica	CM	06/12/92	9D
183	IELTSIN CANTA DE GALO	CM	06/12/92	24
184	REVOLVER ESPANHOL/ DISPAROU ROCK A LISBOA	CM	06/12/92	36
185	Preço da sardinha cai 30 por cento	CM	06/12/92	1
186	Golpe na praga dos esticões	CP	06/12/92	8
187	Não sairemos de mãos a abanar	CP	06/12/92	19
188	Não há <i>estrelas</i> no céu...	CP	06/12/92	24
189	Acidente no IP5 ceifa duas vidas	CP	06/12/92	32
190	De Espanha... um bom casamento	CP	06/12/92	1
191	Um «jardim» de cimeira	CP	06/12/92	3
192	CAVACO E GONZALEZ/ QUEREM MAASTRICHT/ SEM RETICÊNCIAS	JN	06/12/92	1
193	CRIANÇAS "INVADEM" <i>FIL</i> / DURANTE QUATRO DIAS	JN	06/12/92	12
194	ANGOLA CONTINUA A BALANÇAR/ ENTRE A GUERRA E A PAZ	JN	06/12/92	16
195	IELTSINE GANHA BRAÇO-DE-FERRO/ AOS DEPUTADOS EX-COMUNISTAS	JN	06/12/92	17
196	VIVEIROS DE MARISCO/ "DE LUTO" NA GALIZA	JN	06/12/92	18
197	BENFICA:/MARÉ VAZIA/ POR CULPA/ DO BEIRA MAR	JN	06/12/92	19
198	VOAR PARA O PASSADO!...	JN	06/12/92	20
199	"ÁGUIA" CONTINUA SEM ENCONTRAR NINHO	JN	06/12/92	20
200	LEIXÕES CAIU NA MADEIRA	JN	06/12/92	24
201	A "MAGIA" DE MARQUES/ DE REGRESSO À RAQUETA	JN	06/12/92	24
202	"GIGANTES" ECONÓMICOS/ DESPEDEM TRABALHADORES	JN	06/12/92	35
203	"RADIOGRAFIA" PASTORAL/ DA DIOCESE DE VIANA DO CASTELO	JN	06/12/92	36

204	"Popularidade de Cavaco/está em queda acentuada"	P	06/12/92	12
205	Ieltsin evita "golpe"	P	06/12/92	20
206	Sindicalistas propõem criação/ de frente luso-espanhola	P	06/12/92	34
207	A Corunha na ressaca da tragédia	P	06/12/92	37
208	Bill Gates jogará mesmo limpo?	P	06/12/92	41
209	Erikson, Ivic, Toni./ a mesma luta	P	06/12/92	51
210	Guerra total à sucata	P	06/12/92	55
211	Crise bate com força/ à nossa porta	CM	07/12/92	1
212	CONCESSIONÁRIOS DE PRAIA/ GANHAM "GUERRA" NO ALGARVE	CM	07/12/92	12
213	CAÇADORES CONTRA/ "APARTHEID" CINEGÉTICO	CM	07/12/92	28-29
214	'CARAVELA' DE BELÉM/ NAUFRAGOU/ EM ESPINHO	CM	07/12/92	1D
215	BENFICA PERDULÁRIO/ QUER 'LAVAR A CARA'	CM	07/12/92	6D
216	MILÃO "TROPEÇOU"/ MAS... NÃO CAIU	CM	07/12/92	7D
217	AMERICANOS RESSUSCITAM/ EM DUELO DE GIGANTES NO PAR	CM	07/12/92	10D
218	Cascais conquista Taça Ibérica de rãguebi	CM	07/12/92	56
219	O Conquistador no charco	CP	07/12/92	1
220	Na rota do Infante	CP	07/12/92	6
221	"Profes" em sentido	CP	07/12/92	8
222	Locomotiva, precisa-se	CP	07/12/92	1
223	Dois pontos ao charco	CP	07/12/92	16
224	Deslizes fatais... à chuva	CP	07/12/92	17
225	Frango tostado de amarelo	CP	07/12/92	18
226	A ferro e fogo	CP	07/12/92	19
227	Maia perde terreno	CP	07/12/92	22
228	Líderes destronados	CP	07/12/92	26
229	Guimarães destronado	CP	07/12/92	26
230	Saber de sabor luso	CP	07/12/92	48
231	GUIMARÃES BRILHOU/ NA "PISCINA" DO BESSA	JN	07/12/92	1
232	TURISMO/ NORTENHO/ É SÓ/ POSTAL/ ILUSTRADO...	JN	07/12/92	1
233	UM "PINTO" QUE QUIS SER "GALO"	JN	07/12/92	23
234	FEIRENSE DESTRONOU CINFÃES	JN	07/12/92	28
235	MUROS "TRISTES" NA PRAÇA D A ALEGRIA	JN	07/12/92	9
236	DESPORTIVO DO VISO/ CONQUISTOU SUPERTAÇA	JN	07/12/92	32
237	A "DANÇA"/ DE MILAN PANIC	JN	07/12/92	19
238	ALBERTINA E REGALO/ BRILHARAM EM FRANÇA	JN	07/12/92	32
239	ANDEBOL PORTUGUÊS/ BRILHA NA DINAMARCA	JN	07/12/92	21
240	MIÚDOS DO VIGOROSA/ BRILHARAM EM DUAS FRENTES	JN	07/12/92	33
241	DA PENUMBRA DAS ANTAS (PSV PHILIPS)/ ATÉ AO SOL DA MEIA-NOITE SUECO..	JN	07/12/92	22
242	CHAVE DE OURO/ ENTREGUE A NOGUEIRA/ PARA "ABRIR CAMINHOS"	JN	07/12/92	14
243	BELENENSES/ "NAUFRAGOU"/ EM ESPINHO	JN	07/12/92	21
244	TRADIÇÃO GANHA DUELO À CHUVA	JN	07/12/92	22
245	"MODERNA" JÁ ARRANCOU	JN	07/12/92	7
246	DESPORTO É TRAMPOLIM/ PARA CARREIRA DE DIPLOMATA	JN	07/12/92	33
247	Passagem/ de testemunho	P	07/12/92	1
248	Pedradas no charco	P	07/12/92	7
249	Lua-de-fel entre Paris e Bona	P	07/12/92	13
250	Açores na mira dos traficantes	P	07/12/92	20
251	Boavista e Belenenses em queda	P	07/12/92	1
252	PREÇOS COR-DE-ROSA	P	07/12/92	4E
253	XEQUE À RAINHA	P	07/12/92	6E
254	COMÉRCIO EMPALIDECEU	P	07/12/92	26E
255	O peso das gripes	P	07/12/92	28
256	A morte dos intelectuais	P	07/12/92	34
257	Benfica afina 'motor'/ para receber o Dínamo	CM	08/12/92	1
258	Delors/ admite/ Europa/ a várias/ velocidades	CM	08/12/92	1

259	ELÉCTRICOS PROCURAM/ "CORACÃO" NOVO NA ALEMANHA	CM	08/12/92	9
260	Eléctricos/ vão de 'boleia'/ até/ à Alemanha	CM	08/12/92	1
261	BENFICA E PORTO/ COM EUROPA/ ENTRE MÃOS	CM	08/12/92	1D
262	ABRAM JÁ OS PÁRA-QUEDAS/ QUE A COISA ESTÁ PRETA...	CM	08/12/92	8D-7D
263	BENFICA E FC PORTO "VINGARAM"/ DESAIRES DA PRIMEIRA VOLTA	CM	08/12/92	10D
264	CASCAIS VENCE ESPANHÓIS/ E CONQUISTA TAÇA IBÉRICA	CM	08/12/92	12D
265	'RESTAURAR A ESPERANÇA':/ OS ESPINHOS DA MISSÃO	CM	08/12/92	24
266	Dentistas apostam/ na prevenção da cárie	CM	08/12/92	44
267	Reforma a meio gás	CP	08/12/92	6
268	Temporal semeou pobreza...	CP	08/12/92	19
269	Morder os calcanhares...	CP	08/12/92	27
270	Mobiliário à conquista do Japão	CP	08/12/92	33
271	Novela do GATT longe do fim	CP	08/12/92	33E
272	"Arma Alimentar" contra a fome	CP	08/12/92	40
273	BACALHAU/ RADIOACTIVO/ SÓ NO PREÇO	JN	08/12/92	1
274	MAIS/ UM COMPASSO/ DE ESPERA/ -ATÉ QUANDO?	JN	08/12/92	1
275	TRÊS GATUNOS ENCAPOTADOS/ REABASTECERAM-SE NA "GALP"	JN	08/12/92	7
276	OBRAS TORNARAM A CASA/ NUMA ESPONJA BOLORENTA	JN	08/12/92	8
277	MAR DE LAMA/ FAZ DESCARRILAR COMBOIO	JN	08/12/92	11
278	DADOS INEXACTOS INCENDIARAM/ ASSEMBLEIA DE ALBERGARIA	JN	08/12/92	13
279	ÍNDIA A FERRO E FOGO/ APÓS DESTRUIÇÃO DE MESQUITA	JN	08/12/92	16
280	MILIONÁRIOS/ DO TÊNIS/ À CONQUISTA/ DA TAÇA/ GRAND SLAM	JN	08/12/92	17
281	BARCELONA "REI E SENHOR"/ NA LIGA ESPANHOLA	JN	08/12/92	20
282	GUÍMARO: "FOI SÓ FUMAÇA..."	JN	08/12/92	21
283	SALGUEIROS ESPERA LUZ VERDE/ PARA O COMPLEXO DESPORTIVO	JN	08/12/92	22
284	VIANENSE FEZ VIDA NEGRA/ AO LÍDER GUEIFÃES	JN	08/12/92	25
285	PORTUGUESES ABRIRAM/ EM OVIEDO/ "CAÇA" AOS GRANDES MESTRES	JN	08/12/92	26
286	EIQUIPETROL E BAD:/ "REIS" DA JORNADA	JN	08/12/92	26
287	CAMPINAS E UNIDOS AO PORTO/ BRILHARAM/ NA JORNADA INAUGURAL	JN	08/12/92	26
288	"Record" ganha terreno	P	08/12/92	40
289	Corrida reaberta na Secil e CMP	P	08/12/92	43
290	Cruz Vermelha levou/ "calor humano" a Xanana	P	08/12/92	6
291	"É uma criança saudável/ e vai sobreviver"	P	08/12/92	18
292	Números amargos/ para Andrés Perez	P	08/12/92	19
293	Sóbria filigrana de som	P	08/12/92	32
294	Fernando Couto e Filipe muito frios	P	08/12/92	36
295	"Marmelada" no campeonato brasileiro	P	08/12/92	40
296	A última barreira contra Maastricht	P	08/12/92	1
297	Golpe de teatro	P	08/12/92	11
298	DINOSSAUROS/ "INVADEM"/ LISBOA	CM	09/12/92	12
299	ENFERMEIROS/ RECUSAM/ PAGAR 'BURACOS'/ DA SAÚDE	CM	09/12/92	19
300	BENFICA/ DE ALTA TENSÃO/ REBENTOU/ COM/ O DÍNAMO	CM	09/12/92	1D
301	"Dragões" prontos/ a cuspir lume/ em Gotemburgo	CM	09/12/92	1D
302	'ENCARNADOS'/ COM PONTARIA /DESAFINADA	CM	09/12/92	7D
303	Três centenas de atletas "invadiram" piscina do Algés	CM	09/12/92	9D
304	Cavaco mostra o amarelo	CP	09/12/92	3
305	Acusações em boomerang	CP	09/12/92	3
306	Dentistas em folhetim	CP	09/12/92	4
307	Governo «em peso»	CP	09/12/92	4
308	CHEQUES "CARECAS"/ SOMAM E SEGUEM	JN	09/12/92	24
309	CRUDE DA FIGUEIRA DA FOZ/ "NAVEGOU" TRÊS SEMANAS	JN	09/12/92	5
310	"VENTOS" DA REFORMA/ TAMBÉM SOPRAM EM ESPANHA	JN	09/12/92	7
311	NOVO "CORACÃO" ALEMÃO/ PARA VELHO ELÉCTRICO	JN	09/12/92	10
312	"BOMBA" EM ÍLHAVO/ PÔE A NU FALTA DE VARIANTE	JN	09/12/92	24
313	FRANÇA NÃO ESTÁ ISOLADA/ NA "BATALHA" DO GATT	JN	09/12/92	30
314	Álbum dos "Zero" é bem feito/ mas não faz ferver o sangue	JN	09/12/92	11SF
315	Vitaminas contra a recessão	P	09/12/92	2

316	Sérvios denunciam fantasma turco	P	09/12/92	12
317	"Listas negras" ganham legitimidade	P	09/12/92	20
318	Ondas na rádio e na televisão	P	09/12/92	22
319	Projectos na gaveta	P	09/12/92	53
320	Obras na gaveta	P	09/12/92	55
321	Doença/ crónica	P	09/12/92	56
322	Águas semeiam poluição	P	09/12/92	58
323	São Paulo já conquistou Tóquio	P	09/12/92	41
324	PETROQUÍMICA/ COM 'BURACO'/ DE 247 MILHÕES	CM	10/12/92	1
325	Lei de Bases é obra/ de 'cristãos novos'	CM	10/12/92	3D
326	'CLÍNICAS' DE GOLFE/ NO 'CORAÇÃO' DE LISBOA	CM	10/12/92	9D
327	Há árvores/ 'assassinas'/ numa/ estrada/ de/ Mafra	CM	10/12/92	1
328	DESEMBARQUE NA SOMÁLIA/ SOB "FOGO" DOS "MEDIA"	CM	10/12/92	24
329	Cavaco já 'ganhou'/ no atletismo	CM	10/12/92	19
330	Lama/ "engoliu"/ centenas/ na Bolívia	CM	10/12/92	44
331	Seguradoras/ no vermelho	CM	10/12/92	3E
332	REHN(A) 'REINOU'/ E ERIKSSON MARCOU	CM	10/12/92	3D
333	Gelo nas suas relações/ acaba em separação	CM	10/12/92	1
334	CIMEIRA/ DE EDIMBURGO/ ESTÁ 'REFÉM'/ DA DINAMARCA	CM	10/12/92	19
335	GANHAMOS EM PODER/ EM TROCA DE 'PITADA'/ DE SOBERANIA	CM	10/12/92	22
336	Nuvens/ sobre/ o oásis	CM	10/12/92	6E
337	FC do Porto perdeu-se/ na Baía de Gotemburgo	CP	10/12/92	1
338	A dança dos salários	CP	10/12/92	7
339	Foi um golpe duro!	CP	10/12/92	23
340	Artur Jorge soma e segue	CP	10/12/92	24
341	Mansell não faz <i>marcha-atrás</i>	CP	10/12/92	28
342	F.C.PORTO: NOITE DE ECLIPSE EM GOTEMBURGO (0-1)	JN	10/12/92	1
343	"CASO" DA CENTRAL DE CAMIONAGEM/ É "CAIS" DE POLÉMICA	JN	10/12/92	12
344	MOVELMODA "DESTROÇOU"/ UM "CORREIO"/ MUITO FRÁGIL	JN	10/12/92	25
345	UNIVERSIDADE PÚBLICA/ NAS MALHAS QUE A POLÍTICA TECE	JN	10/12/92	14
346	PARLAMENTO RUSSO/ CONTRA O "PAI DAS REFORMAS"	JN	10/12/92	15
347	AMBIÇÕES DO F.C.PORTO/ "CONGELADAS" ATÉ MARÇO	JN	10/12/92	19
348	NOITE PORTISTA DEMASIADO FRIA	JN	10/12/92	21
349	MILANÍSSIMO "OFUSCOU" PSV	JN	10/12/92	22
350	ESPERANÇAS "DERRETIDAS"	JN	10/12/92	22
351	SÓ O AUXERRE/ NÃO É DE "PESADELO"	JN	10/12/92	23
352	NOS ACESSOS À PONTE DE MONÇÃO/ A MAIOR " FATIA" DO ORÇAMENTO	JN	10/12/92	13
353	Norberto Castro rompe/ e UNITA aceita Governo	P	10/12/92	1
354	Shoppings da Boavista/ estão na mira da CCRN	P	10/12/92	54
355	Câmaras furam/ greve da ANMP	P	10/12/92	9
356	Congresso "chumba" Gaidar	P	10/12/92	14
357	MPLA "em guerra"/ com Eduardo dos Santos	P	10/12/92	16
358	O despertar dos índios	P	10/12/92	18
359	Rotunda virada do avesso	P	10/12/92	59
360	Cavalgando as ondas do Inverno	P	10/12/92	40
361	Novo golpe de teatro em Angola	P	10/12/92	56
362	HOLANDESES DO MILÃO/ 'ENTRISTECEM' HOLANDA	CM	11/12/92	3D
363	Guarda-redes/ russo/ deu 'frango'	CM	11/12/92	3D
364	POLÍTICOS "TRAVAM"/ LIMPEZA DA COSTA	CM	11/12/92	6
365	Marselha deu 'baile'	CM	11/12/92	3D
366	Minas 'disfarçam' quebra da indústria	CM	11/12/92	17
367	CADETE QUER "FACTURAR"/ NO CAMPO/ DA AMOREIRA	CM	11/12/92	7D
368	ALGARVE/ CRISE BATE À PORTA	CM	11/12/92	1
369	FRIO SUECO/ AZEDOU/ FUTURO/ AO FC PORTO	CM	11/12/92	1D
370	SOARES "ALFACINHA"/ DÁ MÃO A SAMPAIO	CM	11/12/92	5
371	BRITÂNICOS APRESENTAM/ NOVO TECTO ORÇAMENTAL	CM	11/12/92	17
372	MÉDICOS CHAMAM/ ENFERMEIROS/ E PARAMÉDICOS/ PARA A LUTA	CM	11/12/92	21

373	Goran Ivanisevic/ 'bombardeiro' dos ases/ eliminou John McEnroe	CM	11/12/92	1D
374	Edimburgo joga/ futuro da Europa	CP	11/12/92	1
375	Edimburgo baralha e volta a dar	CP	11/12/92	5
376	Caça aos condutores perigosos	CP	11/12/92	8
377	Rússia: crise política ao rubro	CP	11/12/92	15
378	Visita do PM está a dar frutos	CP	11/12/92	22
379	Leixões em maré de esperança!	CP	11/12/92	25
380	Perafita com outro rosto	CP	11/12/92	26
381	Citroen em peso	CP	11/12/92	29
382	"Verde Gaio" renasce	CP	11/12/92	25
383	TENSÃO AO RUBRO/ EM MOSCOVO/ -IELTSINE/ DECLARA GUERRA/ AO CONGRESSO RUSSO	JN	11/12/92	1
384	F.C.PORTO:/ RETOMAR/ EM MARÇO/ O FÔLEGO/ PERDIDO/ EM/ GOTEMBURGO	JN	11/12/92	1
385	NÃO SE CRUCIFIQUE VÍTOR BAÍA/ PELO ECLIPSE DO F.C.PORTO	JN	11/12/92	19
386	AVIDEZ DE UM BOM NEGÓCIO/ "MATOU" UMA REDE DE DROGA	JN	11/12/92	10
387	SERVIÇOS DA EDP/ DE CAVALO PARA BURRO	JN	11/12/92	12
388	RIBEIRAS DE CERVA EM FÚRIA/ DESTRUÍRAM MARGENS E CAMPOS	JN	11/12/92	13
389	AUTARQUIAS E EMPRESAS/ DISPUTAM "BOLO" COMUNITÁRIO	JN	11/12/92	15
390	Grã-Bretanha abre portas/ à duplicação dos fundos	P	11/12/92	1
391	Portugal atrás do "quebra-gelo"	P	11/12/92	7
392	"As minhas únicas armas/ são as palavras"	P	11/12/92	17
393	Febre nacionalista sobe nos Balcãs	P	11/12/92	20
394	Bispo/ em xeque	P	11/12/92	53
395	IROMA e Governo sob o fogo na reestruturação das carnes	P	11/12/92	43
396	O nó dinamarquês	P	11/12/92	3
397	BURACO QUASE/ "ENGOLE" CARRO	CM	12/12/92	5
398	ASSALTANTES 'LIMPARAM'/ MAIS UMA VEZ A AMI	CM	12/12/92	6
399	POUPAR E PRIVATIZAR/ SÃO METAS NA TAP	CM	12/12/92	22
400	Táctica estudada/ para 'picar leões'	CM	12/12/92	1D
401	Louletano no Bonfim sem sonhar muito alto	CM	12/12/92	5D
402	Cadete e Juskowiak são grandes "quebra-cabeças"	CM	12/12/92	6D-7D
403	'Encarnados' e 'engenheiros'/ em luta pelo Segundo lugar	CM	12/12/92	9D
404	Real Madrid soma e segue	CM	12/12/92	11D
405	SEPARAÇÃO DE CARLOS E DIANA/ "ECLIPSA" CASAMENTO DE ANA	CM	12/12/92	31
406	PESSIMISMO/ DESVANECE-SE/ EM EDIMBURGO	CM	12/12/92	48
407	Dinamarca «reina» em Edimburgo	CP	12/12/92	1
408	Às voltas por Maastricht	CP	12/12/92	3
409	AM ao rubro em Guimarães	CP	12/12/92	16
410	EDIMBURGO: UMA LUZ/ AO FUNDO DO TÚNEL	JN	12/12/92	1
411	CÂMARAS/ FECHARAM/ -AUTARCAS/ REABRIRAM O "LIVRO/ DE RECLAMAÇÕES"	JN	12/12/92	1
412	VILA CHÃ:/ MARÉ ALTA/ DE PROTESTOS/ CONTRA/ POLUIÇÃO/ DE RIBEIRO	JN	12/12/92	1
413	VOLKSWAGEN/ APERTA O CINTO	JN	12/12/92	1
414	CAMPEONATO/ ALEMÃO/ VAI DAR HOJE/ UM PONTAPÉ/ NO RACISMO	JN	12/12/92	1
415	VÊ-SE UMA LUZ/ AO FUNDO DO TÚNEL	JN	12/12/92	3
416	ESBOÇADOS OS CAMINHOS/ DO RELANÇAMENTO ECONÓMICO	JN	12/12/92	3
417	NARCISO NA "ILHA"/ DA CRUZ DE PAU	JN	12/12/92	7
418	ASSALTO A RESIDÊNCIA/ "RENDEU" 3500 CONTOS	JN	12/12/92	8
419	MAIS UM PASSO DADO/ EM APOIO DOS DEFICIENTES	JN	12/12/92	9
420	MICHAEL STICH VENCEU/ NA "GUERRA/ DOS SERVIÇOS"	JN	12/12/92	15D
421	PROJECTO QUEIRÓS É IGUAL/ AO TRATADO DE MAASTRICHT!...	JN	12/12/92	16
422	GUIMARÃES MANTÉM/ SILÊNCIO-TALISMÃ	JN	12/12/92	17
423	BARCELONA E SÃO PAULO/ À CONQUISTA EM TÓQUIO/ DA TAÇA INTERCONTINENTAL	JN	12/12/92	19
424	PSD "furou"/ greve autárquica	P	12/12/92	1
425	Ieltsin e Congresso/ mantêm duelo	P	12/12/92	1



426	À PROCURA DA SAÍDA DO BECO	P	12/12/92	11
427	Um passo em frente, dois passos atrás	P	12/12/92	14
428	Às voltas com o álcool e a velocidade	P	12/12/92	20
429	PIDDAC e Cavaco agitam deputados	P	12/12/92	47
430	Senhor do Padrão soma e segue	P	12/12/92	50
431	Clube de Portugal na forja	P	12/12/92	30
432	Caça aos prejuízos na TAP	P	12/12/92	36
433	Tribunal de Vila Franca/ evita pirataria informática	CM	13/12/92	4
434	Artesanato/ é "rei"/ na Marinha/ Grande	CM	13/12/92	12
435	"FUMO BRANCO" EM EDIMBURGO/ PARA O REINO DA DINAMARCA	CM	13/12/92	18
436	JORNADA ESCALDANTE/ PARA OS TRÊS "GRANDES"	CM	13/12/92	3D
437	"LEÕES" ALGARVIOS PROMETEM/ VIDA NEGRA AO BELENENSES	CM	13/12/92	4D
438	Compromisso põe fim/ a "tempestade" na Rússia	CM	13/12/92	24
439	Americanos/ "calam"/ atiradores/ somalis	CM	13/12/92	40
440	O FC de Perafita sonhou/ e o novo complexo nasceu	CP	13/12/92	1
441	Sonho tornado realidade!	CP	13/12/92	23
442	MAASTRICHT E DELORS II/ "SALVOS" EM EDIMBURGO	JN	13/12/92	1
443	EDIMBURGO SALVA MAASTRICHT/ E A DUPLICAÇÃO DE FUNDOS	JN	13/12/92	3
444	OS PARTIDOS DA OPOSIÇÃO/ TÊM DE ACABAR/ COM OS TRUQUES BAIXOS	JN	13/12/92	4
445	DIREITOS DO CONSUMIDOR/ NÃO PASSAM AINDA/ DE UMA MIRAGEM	JN	13/12/92	10
446	IGREJA TEM DE PROCURAR/ O SEU PERFIL EVANGÉLICO	JN	13/12/92	12
447	VILA CHÃ EM PÉ DE GUERRA/ CONTRA POLUIÇÃO DE RIBEIRO	JN	13/12/92	15
448	CHANG FOI ÀS/ CONTRA OS ASES/ DE IVANISEVIC	JN	13/12/92	21
449	F.C.PORTO EM GUIMARÃES/ COM ESPÍRITO DE CONQUISTA	JN	13/12/92	21
450	SALGUEIROS COM ALMA/ PARA QUEBRAR/ O ENGUIÇO CASEIRO...	JN	13/12/92	21
451	BOAVISTA EM AVEIRO/ PARA RECUPERAR O FÔLEGO	JN	13/12/92	22
452	NA CIDADE-BERÇO/ GUIMARÃES E F.C.PORTO/ NÃO PODEM ADORMECER	JN	13/12/92	22
453	ACABAR COM A MALAPATA/ DOS EMPATES EM CASA	JN	13/12/92	23
454	BOMBARDEAMENTO/ DE ROCKETS/ "ESTILHAÇOU" BULLS	JN	13/12/92	27
455	"MAR" FEMININO/ ESTÁ UM "CÃO"!	JN	13/12/92	27
456	TRABALHADORES DO HOTEL DO LUSO/ COM O EMPREGO "POR UM FIO"	JN	13/12/92	32
457	CENTRO DOCUMENTAL DO DÃO/ "ARQUIVADO" EM NELAS	JN	13/12/92	33
458	Dinamarca: novo referendo à vista	P	13/12/92	3
459	Esperança volta a renascer	P	13/12/92	62
460	A esperança a morrer	P	13/12/92	66
461	Famalicão encostado à parede	P	13/12/92	46
462	Polónia acelera crescimento	P	13/12/92	48
463	Estoril rasteira Sp orting/ árbitro rasteira Estoril	CM	14/12/92	1
464	Guterres pede ao Governo/ cuidado com Segundo "pacote"	CM	14/12/92	20
465	"BRAÇO DE FERRO" NA AR/ COM AS LEIS ELEITORAIS	CM	14/12/92	22-23
466	'LEÕES'/ QUASE/ CAÇADOS/ POR/ 'CANARINHOS'	CM	14/12/92	1D
467	Quem 'tropeçou'/ foi o Belenenses	CM	14/12/92	1D
468	Jejum de seis semanas/ foi interrompido	CM	14/12/92	3D
469	FALTOU ALMA AOS LOCAIS/ PARA VISITANTE INSPIRADO	CM	14/12/92	4D
470	'PAI NATAL'/ DO PORTO/ VEIO SALVAR/ 'LEÃO-PERU'	CM	14/12/92	6D
471	'AZUIS' VOLTAM A FALHAR EM 'CASA'	CM	14/12/92	7D
472	ENTRADA DE CLINT/ ACORDOU SADINOS	CM	14/12/92	8D
473	Fomos atropelados/ por um Ferrari!	CM	14/12/92	9D
474	Vento, chuva e neve/ não dão tréguas/ nos Estados Unidos	CM	14/12/92	26
475	NOVOS ACHADOS/ REVOLUCIONAM/ A ARQUEOLOGIA	CM	14/12/92	37
476	Goya bate recorde	CM	14/12/92	37
477	FC Porto mais líder/ de corpo e alma	CP	14/12/92	1
478	Governo em «maré negra»	CP	14/12/92	5
479	Capão dá mote de feira	CP	14/12/92	8
480	Desporto anima escolas primárias	CP	14/12/92	9
481	«Rato» não escapou	CP	14/12/92	11

482	<i>Frango</i> de cabidela	CP	14/12/92	16
483	O primeiro golo foi o diabo...	CP	14/12/92	16
484	Galos encheram o papo	CP	14/12/92	20
485	Pão de ló amargo e doce!	CP	14/12/92	22
486	Ermesinde sonha...	CP	14/12/92	24
487	Boavista afundou-se	CP	14/12/92	30
488	"GUERRA FRIA"/ NA CGTP/ ATÉ AO CONGRESSO	JN	14/12/92	1
489	GUTERRES APLAUDE/ RESULTADOS DA CIMEIRA	JN	14/12/92	2
490	JOHN MAJOR VENCEU/ A BATALHA DA COESÃO	JN	14/12/92	2
491	ACORDO TIRADO A FERROS/ PELA FORÇA ESPANHOLA	JN	14/12/92	3
492	"ÁGUIA" CHAMUSCA-SE NO "CALDEIRÃO"!...	JN	14/12/92	22
493	"BRINDES" QUEBRAM TRADIÇÃO	JN	14/12/92	23
494	JARDINS-DE-INFÂNCIA/ TÊM ALGUNS "ESPINHOS"	JN	14/12/92	10
495	QUE GRANDE CARECADA!	JN	14/12/92	24
496	BAIRRO DA TELHEIRA/ -O "PARAÍSO" DAS BARATAS	JN	14/12/92	12
497	A REDENÇÃO DOS "JESUÍTAS"	JN	14/12/92	26
498	NACIONALISMO ALEMÃO AGITA SILÉSIA	JN	14/12/92	19
499	NANTES DESTRONOU PSG	JN	14/12/92	26
500	FAMALICÃO E BOAVISTA/ TAMBÉM CONQUISTADORES	JN	14/12/92	21
501	NOVA ALAMEDA EM VILA DO CONDE/ "DEVOLVERÁ" A CIDADE AO RIO	JN	14/12/92	11
502	MONDEGO ERA CEMITÉRIO/ DAS "ENGUIAS-BEBÉS"	JN	14/12/92	16
503	PORTUGUESES DO DONDO/ RECORDAM DIAS DE PESADELO	JN	14/12/92	20
504	IPSS/ EM "GUERRA"/ COM O GOVERNO	JN	14/12/92	8
505	DOIS "TIROS"/ DE CLINT	JN	14/12/92	28
506	BOAVISTA SEM "GOLPE" NO MAR	JN	14/12/92	29
507	"DRAGÕES" TRAVADOS/ PELO BEIRA MAR	JN	14/12/92	34
508	Contas arrumadas/ Maastricht nublado	P	14/12/92	1
509	UDP "lights"	P	14/12/92	8
510	Morgado, o mau da fita	P	14/12/92	VIII
511	Belém a resvalar	P	14/12/92	X
512	Os "anjos da guarda"/ da Faixa de Gaza	P	14/12/92	18
513	Festa brasileira em Tóquio	P	14/12/92	XI
514	Alta tensão no Douro	P	14/12/92	49
515	Fernandes e Dâmaso discutem título	P	14/12/92	XIV
516	O fantasma sueco saiu ao intervalo	P	14/12/92	IV
517	Stich ganhou o "Totoloto"	P	14/12/92	XV
518	Beira Mar entregou os pontos	P	14/12/92	VII
519	Legalização de clandestinos a passo de caracol	P	14/12/92	23
520	Marítimo ao ataque	P	14/12/92	III
521	O "frango" do Rui	P	14/12/92	VI
522	A Sérvia entre dois fogos	P	14/12/92	11
523	A guerra das árvores	P	14/12/92	26
524	Cogumelos provocam vaga/ de intoxicações mortais	P	14/12/92	32
525	Telectu e Cutler: um concerto morno	P	14/12/92	37
526	Cooperação com África/ poderá mudar de mãos	P	14/12/92	42
527	CONFEDERAÇÕES/ EM GUERRA	CM	15/12/92	1
528	ODETTE FERREIRA/ APOSTA NA JUVENTUDE	CM	15/12/92	6
529	BASQUETE/ DO/ BENFICA/ PRONTO/ A/ 'ENCESTAR'/ UCRANIANOS	CM	15/12/92	1D
530	COMÉRCIO DECLARA/ 'GUERRA' À INDÚSTRIA	CM	15/12/92	19
531	Segurança rodoviária/ é prioridade nas Caldas	CM	15/12/92	8
532	'NOVA TRAIÇÃO DA UGT/ DEIXA AUMENTOS PENDURADOS'	CM	15/12/92	22-23
533	"Merengues" seguem/ na luta pelo título	CM	15/12/92	3D
534	ESTRELAS BRILHAM/ NO CÉU DA AMADORA	CM	15/12/92	5D
535	ASSIM SE CONTA A FÁBULA DA FORMIGA E DAS CIGARRAS	CM	15/12/92	6D-7D
536	Totobola e Totoloto/ enchem 'sapatinho' a quatro	CM	15/12/92	44
537	Dinamarca... esse «enfant terrible»	CP	15/12/92	3

538	Água potável é prioridade	CP	15/12/92	5
539	Wiriamu saltou as fronteiras	CP	15/12/92	6
540	Três «galos» para um poleiro	CP	15/12/92	6
541	Lamas e Sport em foco	CP	15/12/92	27
542	FALSÁRIOS/ DE BARCELOS/ NÃO PASSARÃO/ DE "PEIXE/ MIÚDO"	JN	15/12/92	1
543	COMBATE/ À SIDA/ É LUTA DE TODOS	JN	15/12/92	1
544	REFORMA DO ENSINO:/ NOVO SISTEMA/ DE AVALIAÇÃO/ É UM QUEBRA-CABEÇAS	JN	15/12/92	1
545	PROJECTOS DE FRANCELOS/ VÃO PARAR AO... CHARCO	JN	15/12/92	1
546	CLUBISMO/ EXAGERADO/ ESTÁ A MATAR/ O FUTEBOL	JN	15/12/92	1
547	"MARINES" NA "CIDADE DOS MORTOS QUE ANDAM"	JN	15/12/92	16
548	MALES DO FUTEBOL/ TÊM RAÍZES/ DE CARÁCTER CULTURAL	JN	15/12/92	19
549	OPOSIÇÃO DINAMARQUESA/ GANHOU A "BATALHA EUROPEIA"	JN	15/12/92	2
550	PAULO CARDOSO: "PROBLEMAS DO FUTEBOL/ RESIDEM NA QUALIDADE DOS HOMENS"	JN	15/12/92	20
551	MAU TEMPO... PROFISSIONAL/ PARA OS METEOROLOGISTAS	JN	15/12/92	8
552	SELECÇÃO DE SUB-20/ A ENSAIAR/ PARA O "MUNDIAL"/ DA AUSTRÁLIA	JN	15/12/92	21
553	NA LUTA CONTRA A SIDA/ TODOS DEVEM PARTICIPAR	JN	15/12/92	10
554	LEIXÕES: SOLENIDADE DOS 85 ANOS/ SEM O "FILHO" E O "PATRÃO DA CASA"	JN	15/12/92	22
555	AVALIAÇÃO FOI A EXAME EM LISBOA/ E LEVOU UM "CHUMBO" DOS PROFESSORES	JN	15/12/92	11
556	CASAIS JÁ FAZEM BICHAS/ PARA A ADOÇÃO DE CRIANÇAS	JN	15/12/92	8
557	CRIADORES DE MODA PORTUGUESES/ À CONQUISTA DO MERCADO ESPANHOL	JN	15/12/92	8
558	NOVO SISTEMA/ DE VERIFICAÇÃO/ DAS "BAIXAS" POR DOENÇA	JN	15/12/92	10
559	METEOROLOGISTAS/ -APROXIMA-SE/ A "TEMPESTADE"	JN	15/12/92	1
560	JULGAMENTO EM BARCELOS/ PROCURA DESFAZER/ MEADA DAS NOTAS FALSAS	JN	15/12/92	25
561	ALTERAÇÕES AO TRÂNSITO/ NA "ALBERTO SAMPAIO"/ NÃO SEDUZEM MORADORES	JN	15/12/92	25
562	INSTALAÇÃO DE GASODUTO/ EM COMPASSO DE ESPERA	JN	15/12/92	27
563	VEREADOR DE VAGOS EM FOCO	JN	15/12/92	26
564	EX-DIRECTORA/ DA "VORGAN"/ ROMPE COM A UNITA	JN	15/12/92	29
565	Ieltsin deixou cair Gaidar	P	15/12/92	12
566	Eleições sérvias sob ameaça/ de uma "Tempestade nos Balcãs"	P	15/12/92	14
567	Rede de moeda falsa/ no tribunal de Barcelos	P	15/12/92	21
568	Departamento de Mecânica/ suspende as aulas	P	15/12/92	25
569	Uma embaixada de desesperados	P	15/12/92	57
570	Régie suspira de alívio	P	15/12/92	28
571	O turbilhão chadiano de Nantes	P	15/12/92	35
572	Adeus ao bagaço	P	15/12/92	43
573	A arma do serviço público	P	15/12/92	52
574	Sorteio da UEFA/ 'premiou' o Benfica/ com meio milhão	CM	16/12/92	1
575	CGTP veste-se/ de Pai Natal/ para atacar o Governo	CM	16/12/92	17
576	Emigrantes/ na Europa/ viram costas/ ao voto	CM	16/12/92	17
577	Doze arriscam-se/ a perder corrida/ da alta definição	CM	16/12/92	18
578	"SUPER-DRAGÕES" DAS ANTAS/ ATACAM VIZINHOS DO BESSA	CM	16/12/92	3D
579	FC Porto "apadrinha"/ melhoramentos do Amares	CM	16/12/92	4D
580	AMADORISMO IMPERA/ NO INFANTE DE SAGRES	CM	16/12/92	8D
581	UKYO KATAYAMA/ ASSINOU PELA TYRRELL	CM	16/12/92	11D
582	APELO DE BRAGA DE MACEDO/ CAIU EM SACO ROTO	CM	16/12/92	40
583	PSD «chumba» a Oposição	CP	16/12/92	3
584	As dores de cabeça dos seguradores	CP	16/12/92	29
585	Renovação arranca em Janeiro	CP	16/12/92	8
586	Somaliana em maus lençóis	CP	16/12/92	12
587	Moçambique de «mãos estendidas»	CP	16/12/92	13
588	Luz verde para nova Biblioteca	CP	16/12/92	18

589	Famalicão e Liga em <i>pé de guerra</i>	CP	16/12/92	22
590	Couto e Aroso na «mouche»	CP	16/12/92	27
591	Uma «arma» chamada NAFTA	CP	16/12/92	29
592	Portugal «pródigo» em nado-mortos	CP	16/12/92	5
593	BENFICA/ NÃO FUGIU/ À "SINA/ ITALIANA"/ -JUVENTUS/ VEM À LUZ	JN	16/12/92	1
594	AFINAL NÃO VAMOS TER/ UM MAR DE DINHEIRO	JN	16/12/92	6
595	SIDA TEM CONTRIBUÍDO/ PARA O "REGRESSO" DA TUBERCULOSE	JN	16/12/92	10
596	PRENDA DE SUB-SOLO/ PARA IR DE CARRINHO	JN	16/12/92	15
597	NEM TUDO SÃO ROSAS/ NA PRAÇA DAS FLORES	JN	16/12/92	15
598	REDE DE LEITURA/ AUMENTA	JN	16/12/92	15
599	PESADELO DE CRAXI/ - SONHO DE BOSSI	JN	16/12/92	16
600	F.C.PORTO QUER DEITAR JÁ HOJE/ UMA MÃOZINHA NA "SUPERTAÇA"	JN	16/12/92	19
601	PARIS JÁ ESTÁ A ARDER/ COM O FUTEBOL DO PSG...	JN	16/12/92	22
602	CONSTRUÇÃO/ DE ESCOLAS C+S/ NÃO ATA NEM DESATA	JN	16/12/92	26
603	NOVO HOSPITAL DE LAMEGO/ IRÁ ARRANCAR EM 1994	JN	16/12/92	28
604	NARCISO VISITA/ "ILHAS" DE MATOSINHOS	JN	16/12/92	29
605	A "cartada" da negociação	P	16/12/92	4
606	Diálogo de surdos em Angola	P	16/12/92	9
607	Desenha-se o fim/ da guerra do Vietname	P	16/12/92	10
608	Exame médico	P	16/12/92	16
609	Câmara empenhada/ no combate à droga	P	16/12/92	47
610	"Lock-out político do PS"	P	16/12/92	48
611	Corrupção agita Setúbal	P	16/12/92	49
612	Seguradoras no vermelho	P	16/12/92	34
613	Rede de leitura pública alargada	P	16/12/92	29
614	Agnelli, o príncipe imperfeito	P	16/12/92	31
615	Governo quer 'alargar'/ reforma da PAC	P	16/12/92	35
616	ECAN vai absorver três milhões de contos	P	16/12/92	36
617	Reformas de estado niveladas/ pela Segurança Social	P	16/12/92	44
618	Vem aí o temporal/ que fustiga os Açores	CM	17/12/92	1
619	VAGA DE ASSALTOS/ LEVA CLUBE À FALÊNCIA	CM	17/12/92	4
620	"Levantaram" mil contos	CM	17/12/92	4
621	"O BOXE FOI O ALICERCE/ DE TODA A MINHA VIDA"	CM	17/12/92	6D
622	COMPRAS DE NATAL/ A "MEIO GÁS"	CM	17/12/92	27
623	Médicos 'infectam'/ saúde da província	CM	17/12/92	10
624	Rússia/ avança/ com/ orçamento	CM	17/12/92	16
625	OCDE PREVÊ QUEBRA/ NA ECONOMIA PORTUGUESA	CM	17/12/92	17
626	Nasce hoje/ o maior mercado/ do mundo	CM	17/12/92	18
627	Espanha/ congela/ salários/ públicos	CM	17/12/92	18
628	"Sub-20" preparam/ ataque ao "Mundial"	CM	17/12/92	3D
629	POLÉMICA ENTRE AUTARCAS/ "AFOGA" LAGOA DE ÓBIDOS	CM	17/12/92	6
630	Capitais circulam livremente	CM	17/12/92	16
631	Luz verde para o Orçamento	CP	17/12/92	3
632	Lufada de ar para o Chiado	CP	17/12/92	6
633	Reforma deu mais um passo	CP	17/12/92	7
634	«Deixou» o ouro em Campanhã	CP	17/12/92	10
635	Baidoa acolhe comboio militar	CP	17/12/92	12
636	RENAMO já mora no Maputo	CP	17/12/92	14
637	Inesperada prenda de Natal	CP	17/12/92	18
638	Queiroz na <i>corda bamba</i>	CP	17/12/92	21
639	Cabral: <i>dragão em lapidação</i>	CP	17/12/92	22
640	FC Porto «rouba» Matthäus	CP	17/12/92	23
641	O "xeque" veio do banco...	CP	17/12/92	24
642	Eureka cresceu	CP	17/12/92	29
643	Fisher em maus lençóis	CP	17/12/92	48
644	ADVOGADOS/ DE COLLOR/ APRESENTAM/ NOVOS TRUNFOS	JN	17/12/92	1

645	SUPERTAÇA: BOAVISTA/ BRINDOU NAS ANTAS	JN	17/12/92	1
646	NOVAS LEIS ELEITORAIS/ -PSD E PS PREPARAM/ TERRENO DA NEGOCIAÇÃO	JN	17/12/92	2
647	FUNDOS COMUNITÁRIOS/ PRIVILEGIAM TECIDO PRODUTIVO	JN	17/12/92	3
648	SUÉCIA A CAMINHO/ DA UNIÃO EUROPEIA	JN	17/12/92	3
649	NOVA LEGISLAÇÃO "TRAVA"/ EXPERIÊNCIAS EM ANIMAIS	JN	17/12/92	8
650	IELTSINE PROCURA EM PEQUIM/ "RECEITA" PARA REFORMAS	JN	17/12/92	17
651	CLINTON JÁ REUNIU IDEIAS/ PARA O RELANÇAMENTO DOS EUA	JN	17/12/92	18
652	FUTEBOL/ PORTUGUÊS/ TEM PÉS/ DE BARRO	JN	17/12/92	19
653	"AS PESSOAS VÊM FANTASMAS/ ONDE ELES NÃO EXISTEM"	JN	17/12/92	20
654	FICHER/ EM XEQUE/ COM/ ORDEM/ DE PRISÃO	JN	17/12/92	25
655	O "ARARA" FOI MESMO...ARARA/ -"BOMBAY" COM RUMO NO "BCP"	JN	17/12/92	25
656	SANTIAGO DE COMPOSTELA/ SEGUNDA "IRMÃ" ESPANHOLA	JN	17/12/92	27
657	LAVRADORES DO OESTE/ "DESANCAM" NA GNR	JN	17/12/92	29
658	MEL É NEGÓCIO DOCE/ PARA DOIS MIL PRODUTORES	JN	17/12/92	29
659	COMPETITIVIDADE É A CHAVE/ DA ECONOMIA NACIONAL	JN	17/12/92	35
660	Sampaio e Gomes/ a caminho da reeleição	P	17/12/92	1
661	O "fantasma" de Xanana	P	17/12/92	4
662	Cavaco arrefece euforia "laranja"	P	17/12/92	5
663	Os novos trunfos de Meneses	P	17/12/92	5
664	"Guerra das cadeiras"/ perturba reforma parlamentar	P	17/12/92	6
665	O social-imperialismo morreu	P	17/12/92	8
666	...e o imperialismo/ já não é um "tigre de papel"	P	17/12/92	9
667	No coração das trevas	P	17/12/92	14
668	Carros sem catalisador/ condenados à morte	P	17/12/92	26
669	Gomes/ a caminho/ da reeleição	P	17/12/92	57
670	Sampaio a caminho da reeleição	P	17/12/92	66
671	Boavista deu a volta	P	17/12/92	36
672	Baleia "visitou" iate espanhol	P	17/12/92	38
673	DEMOLIÇÃO/ AQUECE ÂNIMOS/ EM RAMADA	CM	18/12/92	5
674	BAILES 'POUCO CATÓLICOS'/ FECHAM CAPELA/ DURANTE DOZE ANOS	CM	18/12/92	14
675	NOVO TROÇO/ DE ESTRADA/ "NASCE"/ EM SINTRA	CM	18/12/92	15
676	CAVACO NÃO ABRE A BOLSA/ APESAR DOS MILHÕES DA CE	CM	18/12/92	20
677	"MINISTÉRIO QUER ENVENENAR/ RELAÇÃO MÉDICO/DOENTE"	CM	18/12/92	22
678	Pereira Reis herda/ um fardo pesado	CM	18/12/92	22
679	APOSTA ESTÁ GANHA/ EM CASTELO BRANCO	CM	18/12/92	1
680	'LEÕES' ALGARVIOS ESTÃO/ COM 'FOME' DE VITÓRIAS	CM	18/12/92	4D
681	ECCLESTONE PROPÕE/ INTRODUIR UMA 'LEBRE'/ NAS CORRIDAS DE FI	CM	18/12/92	11D
682	LA UNION NA BATALHA/ PROMETEM 'ORGASMO' MUSICAL	CM	18/12/92	44
683	Ministério envenena relações médico-doente	CP	18/12/92	1
684	Arlindo bate o pé	CP	18/12/92	4
685	Rede de gás começa em Matosinhos	CP	18/12/92	8
686	Shoppings geram «batalha» política	CP	18/12/92	9
687	Lutar por um Norte coeso	CP	18/12/92	29
688	Défice na balança comercial	CP	18/12/92	30
689	Planetas a nascer	CP	18/12/92	35
690	VILAR DO PARAÍSO/ GANHA BATALHA/ CONTRA A MORTE	JN	18/12/92	1
691	CAMPO ALEGRE/ -A LUZ AO FUNDO/ DOS TÚNEIS	JN	18/12/92	1
692	GOVERNO BRASILEIRO EM GUERRA/ COM O SECTOR FARMACÊUTICO	JN	18/12/92	17
693	FEBRE DE BOLA EM PARIS/ COM VISITA DO MARSELHA	JN	18/12/92	19
694	SENHORA DA HORA/ EM RITMO ALBANÊS	JN	18/12/92	19
695	A "HORA" ALBANESA/ DO SENHORA DA HORA	JN	18/12/92	20
696	Câmara "trava"/ embargo da CCRN	P	18/12/92	1
697	Campanha suja	P	18/12/92	14
698	Travão no embargo	P	18/12/92	53
699	Teia de contradições	P	18/12/92	54

700	Médicos fazem barulho	P	18/12/92	56
701	A maternidade dos planetas	P	18/12/92	29
702	Direcção da FPF reage/ à "cambalhota" de Virgílio	P	18/12/92	40
703	CAVACO QUER/ RIGOR NO PACOTE	CM	19/12/92	1
704	Chamas devoram/ palácio Sotto-Mayor	CM	19/12/92	6
705	ROMENOS QUEREM "SALTAR"/ DA EUROPA PARA O CANADÁ	CM	19/12/92	6
706	S.João da Madeira/ com Taluda/ no sapatinho	CM	19/12/92	12
707	JOVENS "INVADEM" A FIL/ EM BUSCA DE INFORMAÇÃO	CM	19/12/92	22
708	BENFICA JÁ 'FERVE'	CM	19/12/92	1D
709	SEIXAL-VITÓRIA DE SETÚBAL/ PROMETE "DISCUSSÃO" EMOTIVA	CM	19/12/92	10D
710	SIDA INVADE A ÁSIA	CM	19/12/92	29
711	Lagarta/ do Natal/ já «mexe»	CP	19/12/92	1
712	O reverso do «Pacote»	CP	19/12/92	5
713	Portas abertas para o diálogo	CP	19/12/92	5
714	Escola está desligada do meio	CP	19/12/92	7
715	Natal numa lagarta mágica	CP	19/12/92	8
716	Grande afluxo de turistas	CP	19/12/92	18
717	Um «rei» civilizado	CP	19/12/92	27
718	Banco canadiano na mira do BPA	CP	19/12/92	30
719	ENGENHARIAS/(CIVIL/E MECÂNICA)/SÃO FÁBRICAS/DE CHUMBOS"/NA/UNIV.DO PORTO	JN	19/12/92	1
720	FPF: BURACO DE 160 MIL CONTOS	JN	19/12/92	1
721	MINISTÉRIO ENVENENA/ AS RELAÇÕES MÉDICO-DOENTE	JN	19/12/92	10
722	ENGENHARIA MECÂNICA/ E ENGENHARIA CIVIL/SÃO FÁBRICAS DE "CHUMBOS"	JN	19/12/92	12
723	BURACO FINANCEIRO DA FPF/ É DE CERCA/ DE 160 MIL CONTOS	JN	19/12/92	19
724	"CANARINHOS" DEPENDADOS/ PELA JUSTIÇA FEDERATIVA	JN	19/12/92	21
725	MITHARSKI E REBELO/ -OS "MÍSSEIS" PARA BARCELOS	JN	19/12/92	23
726	RESTELO E ALVALADE/ SÃO PÓLOS DE ATRACÇÃO	JN	19/12/92	24
727	SELECIONADOR/ E FEDERAÇÃO/ DEITAM BOLAS FORA...	JN	19/12/92	19
728	FAÇA FAVOR DE SE METER/ NA SUA ÁREA	JN	19/12/92	20
729	Últimos tiros na guerra de palavras	P	19/12/92	12
730	O fim da "telenovela Collor"	P	19/12/92	20
731	CDS arruma a casa	P	19/12/92	49
732	Carvalheiras abre jogo	P	19/12/92	52
733	Cursos chumbados reconhecidos	P	19/12/92	27
734	Jogo viciado	P	19/12/92	39
735	FUTURO DAS PESCAS/ JOGA-SE EM BRUXELAS	CM	20/12/92	15
736	BENFICA EM VELOCIDADE/ ARRASA ESTORILISTAS	CM	20/12/92	1D
737	'FILANTROPO' PACHECO/ DEU OS GOLOS TODOS	CM	20/12/92	3D
738	'Desvios de receitas/ visam "asfixiar" FPF'	CM	20/12/92	4D
739	'FARENSE ESTÁ VIVO/ E DE BOA SAÚDE'	CM	20/12/92	4D
740	DEPOIS DA TEMPESTADE/ VEM SEMPRE A BONANÇA	CM	20/12/92	5D
741	XUTOS DERAM PONTAPÉ/ NA SOLIDÃO DE MUITOS	CM	20/12/92	32
742	TEJO VÊ NASCER ORQUESTRA/ QUE É UM "OVO DE COLOMBO"	CM	20/12/92	34
743	CINEMA CONTINUA A ANIMAR MERIDIEN	CM	20/12/92	37
744	Túneis no sapatinho	CP	20/12/92	1
745	Benfica tira «jackpot» na Luz	CP	20/12/92	1
746	O milagre económico de "A LORD"	CP	20/12/92	6
747	Fevereiro... um mês chave	CP	20/12/92	7
748	Túneis: a prenda de Gomes	CP	20/12/92	8
749	Saúde rumo ao nível europeu	CP	20/12/92	9
750	Senhor do Padrão cede no <i>Café</i>	CP	20/12/92	22
751	Itália bate Malta	CP	20/12/92	23
752	LUTA PELO PODER/ OBRIGA IELTSINE/ A INTERROMPER/ VISITA À CHINA	JN	20/12/92	1
753	OBRAS NA ZONA CRÍTICA DE GAIA/ GERAM ENGARRAFAMENTO MONUMENTAL	JN	20/12/92	16
754	MILAN PANIC/ ACENA AOS ELEITORES SÉRVIOS/ COM O FIM DAS SANÇÕES	JN	20/12/92	19

755	"COSMÉTICA ÀS CONTAS" DA FPF/ TRANSFORMA PREJUÍZOS EM LUCRO APARENTE!	JN	20/12/92	22
756	BANCARROTA NO CASINO...	JN	20/12/92	22
757	SENHOR DO PADRÃO/ "ENGASGADO" PELO CAFÉ LISBONENSE	JN	20/12/92	24
758	F.C.PORTO SUPEROU/ À TANGENTE O SALGUEIROS	JN	20/12/92	24
759	F.C.PORTO À VONTADE/-BARCELOS À TANGENTE	JN	20/12/92	26
760	CELTICS E LAKERS/ HUMILHADOS EM CASA	JN	20/12/92	27
761	TRABALHADORES CRISTÃOS/ LUTAM POR UMA VIDA DIGNA	JN	20/12/92	40
762	Braço-de-ferro/ entre a ONU e Israel	P	20/12/92	1
763	Duelo eleitoral/ em Belgrado/ não resolve guerra	P	20/12/92	2
764	Justiça no Algarve à beira da ruptura	P	20/12/92	24
765	Fumos de negligência nos fogos de verão	P	20/12/92	25
766	Câmara e CCRN de costas voltadas	P	20/12/92	65
767	"São autênticos socos no tecido urbano envolvente"	P	20/12/92	66-67
768	"Conquista da maioria absoluta/ lançará Gomes noutros voos"	P	20/12/92	71
769	As armadilhas de plástico	P	20/12/92	35
770	Cruz Verde:/ a guerra em defesa do ambiente	P	20/12/92	37
771	Faldo nas asas do vento	P	20/12/92	54
772	'Azuis' de Belém/ não/ resistem/ à fúria/ do 'leão'	CM	21/12/92	1
773	Algarve tem dificuldade/ em escoar o vinho	CM	21/12/92	1
774	"Natal/ Tranquilo"/ já viu 13 mortos	CM	21/12/92	5
775	CORAÇÃO CONTINUA/ A SER UM MARTÍRIO	CM	21/12/92	6
776	NÃO SE FAZEM 'EINSTEINS'/ SÓ COM LÁPIS E PAPEL	CM	21/12/92	22
777	ARTILHARIA/ DE/ ALVALADE/ AFUNDOU/ CARAVELA/ DE BELÉM	CM	21/12/92	1D
778	Barca de Aveiro resistiu à tormenta das Antas	CM	21/12/92	1D
779	G.P. Natal deixou/ prenda no sapato/ de Luís Jesus	CM	21/12/92	1D
780	VERDADEIRA "MURALHA DE AÇO"	CM	21/12/92	3D
781	Golos bracarenses 'pesaram' em demasia	CM	21/12/92	3D
782	"Tigres" engolem "jesuítas"...	CM	21/12/92	4D
783	ILHÉUS QUASE EMPERRARAM/ A 'MÁQUINA' BOAVISTEIRA	CM	21/12/92	5D
784	Turma forasteira/ de vento em popa	CM	21/12/92	4D
785	STAN VALCKX E BALAKOV/ 'MATARAM' FORASTEIROS	CM	21/12/92	6D-7D
786	ATRAVESSAR O OCEANO/ E MORRER NA PRAIA...	CM	21/12/92	8D
787	ITÁLIA IA CAINDO/ NA VALETTA	CM	21/12/92	9D
788	Chicago Bulls cede a "lanterna vermelha"	CM	21/12/92	10D
789	Oliveirense 'mete'/ P.Arcos na 'linha'	CM	21/12/92	11D
790	O ANO NEGRO/ DO PS FRANCÊS	CM	21/12/92	26
791	Novelas "cor-de-rosa"/ separaram Carlos e Diana	CM	21/12/92	26
792	Domingo negro/ para Futre & Cia.	CM	21/12/92	44
793	Dragões em eclipse	CP	21/12/92	1
794	Doze dão «prenda» a Portugal	CP	21/12/92	3
795	Agitação na Função Pública	CP	21/12/92	4
796	PCP com um sorriso cauteloso	CP	21/12/92	5
797	Monges deram vida a Tibães	CP	21/12/92	6
798	Barcelona «cai»	CP	21/12/92	23
799	Justo mas sem brilho	CP	21/12/92	23
800	Capoeiras abertas!...	CP	21/12/92	24
801	Dragões no comando	CP	21/12/92	32
802	São Paio no <i>pedestal</i>	CP	21/12/92	34
803	Incêndio devora prédio antigo em Lisboa	CP	21/12/92	43
804	Artistas portugueses «brilham» na Praia	CP	21/12/92	43
805	PESCAMOS/ UM BOM/ ACORDO NA CEE	JN	21/12/92	1
806	JORNADA "NEGRA"/ PARA "GRANDES" DE MADRID	JN	21/12/92	32
807	PEDRINHA DO BEIRA MAR/ NO SAPATINHO/ DO F.C.PORTO	JN	21/12/92	1
808	PEUGEOT ATACA EM GRANDE/ COM O PEQUENO "106"	JN	21/12/92	36
809	PSE CDU PERTO DA RUPTURA/ NA CÂMARA DE COIMBRA	JN	21/12/92	3
810	SINGAPURA/ DESENCADEIA "GUERRA"/ AOS FUMADORES	JN	21/12/92	54

811	FESTA DA COOPERATIVA "A TELHA"/ ABRIGOU CRÍTICAS ÀS TAXAS DE JURO	JN	21/12/92	8
812	DOIS PASSOS EM FALSO	JN	21/12/92	23
813	"SAPATINHO" DE TÁBUA/ COM MUITAS PRENDAS E PROMESSAS	JN	21/12/92	11
814	JOGO NAS AVES COM MUITOS "TIROS"...	JN	21/12/92	24
815	NEM O F.C.PORTO ESCAPOU/ À RATOEIRA DO BEIRA MAR	JN	21/12/92	19
816	MUITA PARRA/ E POUCA UVA	JN	21/12/92	26
817	PRIMEIRA PARTE DE SONHO	JN	21/12/92	21
818	"RUGIDOS" NO LAMAÇAL	JN	21/12/92	22
819	"TONELADAS"/ DE SOLIDARIEDADE/ PARA MOÇAMBIQUE	JN	21/12/92	12
820	ARTUR: UM REI/ NA CORTE DO BESSA	JN	21/12/92	19
821	EM ESTADO DE GRAÇA	JN	21/12/92	21
822	VILANOVENSE E ATAENSE/ DESALOJARAM ALPENDORADA	JN	21/12/92	28
823	SELECÇÃO PAULISTA CONQUISTOU TROFÉU RTP	JN	21/12/92	31
824	PS E CDU À BEIRA/ DA RUPTURA/ NA CÂMARA/ DE COIMBRA	JN	21/12/92	1
825	CÂMARA E GOVERNO SINTONIZADOS/ NA RECUPERAÇÃO DA "BIQUINHA"	JN	21/12/92	7
826	MAR "DISTRIBUI" CRUDE PELA PRAIA	JN	21/12/92	11
827	Autarcas socialistas/ travam ambições de Gomes	P	21/12/92	6
828	Faldo dá passo gigante	P	21/12/92	XIV
829	PSOE na mó de baixo	P	21/12/92	9
830	Kevin Young sem barreiras	P	21/12/92	XV
831	Bater com a cabeça na rocha	P	21/12/92	V
832	Crianças e idosos/ animam o Natal/ de Matosinhos	P	21/12/92	45
833	Os limites da alma...	P	21/12/92	VI
834	Barcelona perde comando	P	21/12/92	X
835	FC Porto tropeçou nas Antas	P	21/12/92	I
836	Vitória sem brilho	P	21/12/92	VI
837	O "rei" Van Basten	P	21/12/92	X
838	Portela da Azóia/ em guerra com Loures	P	21/12/92	48
839	TRAGÉDIA/ ATERROU/ EM FARO	CM	22/12/92	1
840	ANDAR CAMARÁRIO "VIRA"/ ANTRO DE MARGINAIS	CM	22/12/92	4
841	INDÚSTRIA/ E COMÉRCIO/ CONTINUAM/ EM QUEDA	CM	22/12/92	17
842	BOLA DE FOGO MATA/ MEIA CENTENA EM FARO	CM	22/12/92	18
843	Alemanha a todo o "gás"/ derrota Uruguai frágil	CM	22/12/92	D3
844	O FÁLICO RUGIDO/ DO 'LEÃO' SONDADO	CM	22/12/92	4D
845	UM PORTO DE ROLHA ESTRAGADA/ E A "FAMA" QUE VEIO DE LONGE	CM	22/12/92	6D-7D
846	TRÊS DA FRENTE JÁ CRIAM FOSSO	CM	22/12/92	8D
847	DELORS TIRA DA MANGA/ PELOURO DE DEUS PINHEIRO	CM	22/12/92	48
848	Comerciantes cortam/ com industriais	CM	22/12/92	48
849	As férias que morreram no avião	CP	22/12/92	3
850	Os «pequenos» já cresceram!	CP	22/12/92	22
851	Artur, rei de xadrez!	CP	22/12/92	22
852	Obviamente... ao ataque	CP	22/12/92	23
853	Aveiro <i>bate</i> recordes	CP	22/12/92	27
854	Mercedes brilha	CP	22/12/92	28
855	Aposta renovada em 1993	CP	22/12/92	28
856	CCP de costas voltadas para a CIP	CP	22/12/92	37
857	PSD/PORTO:/ MENESES/ "DEIXA CAIR"/ VICE-/ PRESIDENTES	JN	22/12/92	1
858	COMISSÃO EUROPEIA/ NA "NOITE DAS FACAS LONGAS"	JN	22/12/92	3
859	AUTOCARRO DOS "AUMENTOS"/ É O ÚNICO A CHEGAR PONTUALMENTE	JN	22/12/92	14
860	F.C.PORTO A BARALHAR/ -FAMALICÃO DÁ CARTAS	JN	22/12/92	17
861	BEIRA MAR COMPLICOU/ "PASSEIO" DO F.C.PORTO	JN	22/12/92	18
862	TRIO COMANDA EM FRANÇA	JN	22/12/92	20
863	"Wind shear": um assassino de aviões	P	22/12/92	4
864	A 'dança' dos comissários	P	22/12/92	10
865	Alargamento "arranca"/ em Fevereiro de 93	P	22/12/92	11
866	Sopa Seca/ em queda	P	22/12/92	56



867	Engarraamento saúde/ abertura de túnel	CM	23/12/92	9
868	ESTACIONAMENTO DEIXA/ RESIDENTES 'PELOS CABELOS'	CM	23/12/92	9
869	"Casca de noz"/ enfrenta o Atlântico	CM	23/12/92	11
870	TRATAMENTO DE CHOQUE COMEÇA A DAR FRUTOS	CM	23/12/92	IV-V
871	Jaime Pacheco/ quer mostrar/ que 'está/ vivo'	CM	23/12/92	D1
872	NENO ACREDITA/ NA VITÓRIA/ PARA LUTAR PELO TÍTULO	CM	23/12/92	4D
873	CASTROMARINENSE VENCE/ E CIMENTA PRIMEIRO LUGAR	CM	23/12/92	6D
874	DUPLA "CM"/CREA/ FIRME NO COMANDO	CM	23/12/92	8D
875	SPORTING SONHA/ COM TÍTULO/ MAS ESTÁ/ UM 'LIMÃO/ ESPREMIDO'	CM	23/12/92	10D
876	Não podemos/ hipotecar o futuro	CP	23/12/92	1
877	Tréguas de Natal	CP	23/12/92	1
878	Acidente <i>encosta</i> Artur	CP	23/12/92	1
879	UNAVEM confirma/ marcha-atrás da UNITA	CP	23/12/92	1
880	Deus com a Comunidade «nas mãos»	CP	23/12/92	4
881	O mundo «virado» para Faro	CP	23/12/92	6
882	Turismo com «nova cara»	CP	23/12/92	7
883	As «ilhas» de Ramalde	CP	23/12/92	8
884	PORTUGUESES QUEREM/ CONQUISTAR KILIMANJARO	CP	23/12/92	11
885	JUDICIÁRIA DESMANTELOU/ GRANDE REDE DE BURLA	JN	23/12/92	9
886	SAPATARIA FICOU DESCALÇA	JN	23/12/92	9
887	SERRA DO MARÃO APOSTA/ NA PROMOÇÃO CONJUNTA	JN	23/12/92	11
888	UM PLANO "CINZENTO"/ À ESPERA DE BRUXELAS	JN	23/12/92	11
889	ZONA DE CAÇA TURÍSTICA/ "CHUMBADA"/ EM PONTE DE LIMA	JN	23/12/92	12
890	PROFESSOR NECA/ DISPOSTO/ A "APAGAR" A LUZ	JN	23/12/92	17
891	BOAVISTEIRO ARTUR/ SEIS A OITO SEMANAS NO "ESTALEIRO"	JN	23/12/92	18
892	BAIRRO DAS CAMPINAS/ MORA NO TOPO	JN	23/12/92	20
893	Norte perde batalha	P	23/12/92	49
894	Imagem da CE nas mãos de Deus	P	23/12/92	37
895	"FORÇAS DE BLOQUEIO"/ NÃO TRAVAM VIA DO INFANTE	CM	24/12/92	6
896	ALMOÇO DE NATAL REUNIU/ FAMÍLIA 'CORREIO DA MANHÃ'	CM	24/12/92	10
897	Seguros/ de Portugal/ apostam/ no Leste	CM	24/12/92	14
898	PC QUEIXA-SE/ DOS 'PODRES'/ DO GOVERNO	CM	24/12/92	17
899	PS ataca/ publicidade/ enganosa	CM	24/12/92	20
900	Caçar euromilhões/ só com plano	CM	24/12/92	6E
901	Os rostos da crise	CM	24/12/92	8E
902	Nuvens negras/ assombram/ a economia	CM	24/12/92	10E
903	BENFICA ACERTA/ (COM) PAÇOS/ NA PERSEGUIÇÃO/ AO LÍDER	CM	24/12/92	1D
904	SUBIDA À DIVISÃO DE "HONRA"/ NO HORIZONTE DO CONDESTÁVEL	CM	24/12/92	5D
905	'EXPRESSO' DO BENFICA/ FOI COMETA EM ALVALADE	CM	24/12/92	8D
906	RITUAL TEJO EM GUERRA/ COM EX-EMPRESÁRIO	CM	24/12/92	33
907	Vamos lavar a face/ à Torre dos Clérigos	CP	24/12/92	1
908	Rede decapitada	CP	24/12/92	6
909	PCP contra presente envenenado	CP	24/12/92	6
910	Sporting <i>apagou-se</i> na Luz	CP	24/12/92	28
911	BAIRRO DA SÉ:/ O PARAÍSO/ DA DROGA/ É UM INFERNO/ PARA/ MORADORES	JN	24/12/92	1
912	UEFA MOSTROU/ CARTÃO VERMELHO/ A PORTUGAL	JN	24/12/92	1
913	VIA DO INFANTE É A CONCRETIZAÇÃO/ DE UM SONHO DE DÉCADAS	JN	24/12/92	3
914	FEBRE DE NATAL/ CONSOME-SE NO "HIPER"	JN	24/12/92	8
915	PSP DÁ COBERTURA/ AO TRÁFICO DE DROGA NA SÉ	JN	24/12/92	11
916	SE OS LISBOETAS FOSSEM RICOS/ LISBOA SERIA UM PARAÍSO...	JN	24/12/92	12
917	PESADOS CHOCAM EM CADEIA/ NA AUTOESTRADA DO NORTE	JN	24/12/92	26
918	CONTRA/OS "RATOS"/ -MÍSSEIS/ ANTITANQUE!	JN	24/12/92	47
919	FC PORTO "SEMEIA"/ NO CAMPO DE FÉRIAS/ CRAQUES DO FUTURO	JN	24/12/92	17
920	BENFICA A TRÊS "PASSOS" DO PORTO	JN	24/12/92	18
921	ALFREDO SANTOS (SPORT/"DIERA") PINTOU A MANTA NA GALIZA...	JN	24/12/92	21
922	FERRARI APRESENTOU EM ITÁLIA/ "BOMBA" PARA O PRÓXIMO ANO	JN	24/12/92	21

923	BENFICA "HUMILHOU" (11-5)/ SPORTING EM ALVALADE	JN	24/12/92	21
924	BLAZERS "BANZADOS"	JN	24/12/92	21
925	NAÇÕES UNIDAS/ PASSARAM A "BOLA"/ PARA O LADO DO GOVERNO	JN	24/12/92	14
926	ANTÓNIO PINTO: "AZAR IMPEDE-ME/ DE COLHER FRUTOS DE 1992"	JN	24/12/92	17
927	Portugal/ no Clube/ do Espaço	P	24/12/92	1
928	Portugal/ no clube/ do espaço	P	24/12/92	2
929	Guerra de bastidores	P	24/12/92	10
930	Agitação na Assembleia	P	24/12/92	40
931	Trancas à porta	CP	25/12/92	6
932	CARDEAL/ PATRIARCA/ ABRE OS OLHOS/ AOS "PSEUDO-/ -INTELECTUAIS"	JN	25/12/92	1
933	S.JOÃO/ DA MADEIRA/ PUXA LUSTRO/ À TECNOLOGIA/ DO CALÇADO	JN	25/12/92	1
934	CEDOFEITA/ -PEÃO/ JÁ É REI	JN	25/12/92	1
935	FESTA DE NATAL/ TEM RAÍZES PAGÃS	JN	25/12/92	3
936	TECNOLOGIA DO CALÇADO/ NÃO DEIXA EMPRESAS DESCALÇAS	JN	25/12/92	11
937	Teatro Aberto/ aposta tudo/ em 'Três Vinténs'	CM	26/12/92	1
938	OBRAS "DESPEJAM"/ SURDOS DE ALMADA	CM	26/12/92	6
939	POLÍTICOS CARREGAM/ BATERIAS NO NATAL	CM	26/12/92	14
940	MEIA-MARATONA DE LISBOA/ ESTARÁ RECHEADA DE 'ESTRELAS'	CM	26/12/92	10D
941	Quebrar ciclo da violência/ é prioridade para Clinton	CM	26/12/92	19
942	Professores recusam/ ser parentes pobres	CM	27/12/92	1
943	Têxtil com Natal negro	CP	26/12/92	15
944	As aldeias «perdidas»	CP	26/12/92	16
945	Liga inglesa ao <i>rubro</i>	CP	26/12/92	20
946	Mimosa alarga rede	CP	26/12/92	26
947	Mars dá mais energia ao futebol	CP	26/12/92	26
948	A «guerra» da concorrência	CP	26/12/92	26
949	Natal ensombrado em Belém	CP	26/12/92	32
950	Lopes à <i>cabeça do pelotão</i>	CP	26/12/92	25
951	MONTANHISTAS/ DE S.JOÃO/ DA MADEIRA/ À CONQUISTA/ DO... ATLAS!	JN	26/12/92	1
952	VÉSPERA/ "NEGRA"/ NAS ESTRADAS	JN	26/12/92	3
953	NO RESCALDO DO NATAL/ HÁ SEMPRE MAIS LIXO	JN	26/12/92	7
954	MOINHO DO SORDO/ ESVENTRADO PELA CHEIA	JN	26/12/92	10
955	CÂMARA REVITALIZA/ TRIÂNGULO COMERCIAL	JN	26/12/92	10
956	SER GIGANTE DE NATAL/ -A TENTAÇÃO DO INFESTA	JN	26/12/92	13
957	TAVARES NA HORA/ DE MATAR SAUDADES/ EM S.MAMEDE	JN	26/12/92	13
958	ORANGE BOWL: O PRIMEIRO SUMO/ COM SABOR A FUTURO PRÓXIMO	JN	26/12/92	17
959	Carrinhas-piratas	P	26/12/92	37
960	Pedra no "sapatinho"/ de Heitor Carvalheiras	P	26/12/92	39
961	Taxistas contra carrinhas-piratas	P	26/12/92	38
962	Os reis do mar alto/ à deriva	P	26/12/92	20-21
963	"PONTE" NA RECOLHA DO LIXO/ DEIXA LISBOA/ MAIS SUJA	CM	27/12/92	9
964	AGRICULTORES RECEBEM/ 'PRESENTE ENVENENADO'	CM	27/12/92	16
965	Professores recusam ser parentes pobres	CM	27/12/92	16
966	FUTURO DE TIMOR 'CONGELADO'/ ATÉ AO ENCONTRO DE ROMA	CM	27/12/92	18
967	COMUNIDADE PAGA FACTURA/ DO 'NÃO' DINAMARQUÊS	CM	27/12/92	19
968	Chuva de reformas agita mundo laboral	CM	27/12/92	19
969	BENFICA/ EM VILA DO CONDE/ NA SENDA DAS GOLEADAS	CM	27/12/92	D5
970	CASCAIS TEM ANO DE OURO/ AO VENCER EM TRÊS FRENTES	CM	27/12/92	8D
971	V.SETÚBAL-ATLÉTICO/ DUELO DE EMOÇÃO	CM	27/12/92	10D
972	O despertar dos esquizofrénicos	CP	27/12/92	5
973	Com pernas para andar	CP	27/12/92	17
974	Aston Villa <i>humilhado</i>	CP	27/12/92	20
975	Nintendo «ataca» em três frentes	CP	27/12/92	28
976	Estrumpfes estão órfãos	CP	27/12/92	31
977	NASCE UMA ESPERANÇA/ PARA DOENTES ESQUIZOFRÉNICOS	JN	27/12/92	5

978	PREVENÇÃO CONTRA A SIDA/ -ESCOLA É O ALVO PRINCIPAL	JN	27/12/92	6
979	F.C.PORTO A PATINAR/ NA LINHA DA FRENTE	JN	27/12/92	15
980	ÉPOCA DE PISTA COMEÇOU/ MAS... A MEIO GÁS	JN	27/12/92	19
981	Deus Pinheiro/ não muda equipa	JN	27/12/92	1
982	Mais imóveis/ na mira da CCRN	P	27/12/92	1
983	Comissário português/ não mexe na equipa	P	27/12/92	6
984	"Demónios sociais" à solta na China	P	27/12/92	8
985	A longa mão de Deus	P	27/12/92	16
986	Outros empreendimentos/ estão na mira da Comissão	P	27/12/92	51
987	Acabaram-se as prendas de Natal	P	27/12/92	54
988	O crepúsculo da Estrela	P	27/12/92	36
989	ESPAÇO CRIATIVO/ NASCE NA ÁREA/ DA BIBLIOTECA	CM	28/12/92	10
990	EUROPA DE LESTE É/ ARMA CONTRA JAPÃO	CM	28/12/92	12
991	PROMESSAS DE SURPRESA/ DESMAIARAM DE REPENTE	CM	28/12/92	6D-7D
992	UNS DORMIRAM CEDO/ OUTROS ACORDARAM TARDE	CM	28/12/92	8D
993	AUTARQUIAS/ NÃO PEDEM CÉU/ MAS RECUSAM/ O INFERNO	CM	28/12/92	18
994	Barcelos goleia Parede e 'cola-se' ao Benfica	CM	28/12/92	11D
995	DEFESO NO BRASIL/ AGITA MERCADO	CM	28/12/92	2D
996	FERRARI APRESENTOU/ A SUA NOVA 'ARMA'/ PARA O 'MUNDIAL' DE 93	CM	28/12/92	11D
997	Aston Villa/ baqueou em Coventry	CM	28/12/92	2D
998	AMBIÇÃO AMADORENSE/ BANALIZOU ALGARVIOS	CM	28/12/92	5D
999	Espírito natalício/ contagia mercados	CM	28/12/92	12
1000	SALGUEIROS TOMBOU/ NO PELADO DE ODIVELAS	CM	28/12/92	1D
1001	DETERMINAÇÃO/ VENCEU A 'ALMA'/ SALGUEIRISTA	CM	28/12/92	4D
1002	Sadinos salvos/ ao cair do pano	CM	28/12/92	4D
1003	Taça amarga/ para equipas/ do Norte	CP	28/12/92	1
1004	A "mão pesada" do novo Código	CP	28/12/92	4
1005	Por uma torrente de solidariedade	CP	28/12/92	7
1006	Assalto «rendeu» mil contos	CP	28/12/92	8
1007	Três flechas e um arco	CP	28/12/92	19
1008	Balizas às sete chaves!	CP	28/12/92	20
1009	Empurrãozinho do árbitro	CP	28/12/92	24
1010	Fonte da Moura brilha	CP	28/12/92	29
1011	Casa de Graf <i>invadida</i>	CP	28/12/92	32
1012	Desporto em maus <i>lençóis</i>	CP	28/12/92	32
1013	TAÇA: ODIVELAS/ TOMBOU/ SALGUEIROS	JN	28/12/92	1
1014	"REVEILLON" FORA DE CASA/ -CASAMENTO COM A DIVERSÃO	JN	28/12/92	3
1015	SOLUÇÃO ALTERNATIVA A S.MAMEDE/ GANHA CORPO EM PROJECTO INTERMODAL	JN	28/12/92	6
1016	QUANDO TEATROS FECHAM AS PORTAS/ O "AVENIDA" RENASCE	JN	28/12/92	10
1017	NÓ DAS PIRÂMIDES/ "BARALHA" TRÂNSITO/ EM DIRECÇÃO AO NORTE	JN	28/12/92	11
1018	TAÇA: SALGUEIROS BORDA FORA/ POR OBRA E GRAÇA DO ODIVELAS	JN	28/12/92	15
1019	FARENSE/ SEM ESTRELA/ NA AMADORA	JN	28/12/92	15
1020	PAULO DEU VIDA E MORTE	JN	28/12/92	16
1021	SUB-14: TROFÉU NATAL-92/ NA ÁRVORE PORTUENSE	JN	28/12/92	19
1022	PORTUGAL FEZ A VIDA NEGRA/ À SELECÇÃO DINAMARQUESA	JN	28/12/92	22
1023	"PACOTE DELORS II"/ NÃO É REMÉDIO/ PARA TODOS OS MALES	JN	28/12/92	27
1024	O ano em que o dinheiro/ caiu do céu	P	28/12/92	1
1025	Dinheiro do céu	P	28/12/92	2
1026	Cavaco sem álibis/ enfrenta faca de dois gumes	P	28/12/92	4
1027	Um ano amargo-doce	P	28/12/92	10
1028	O cerco aperta-se/ em volta da Amorosa	P	28/12/92	37
1029	"Grandes" avançam na Taça	P	28/12/92	I
1030	Nem cautelas, nem "caldinhos"	P	28/12/92	III
1031	O BOMBEIRO DOS BANCOS	P	28/12/92	15E
1032	Uma luta pelo coração da China	P	28/12/92	23

1033	PORTUGAL "AZEDO" COM EUA/ COMPRA CAÇAS À HOLANDA	CM	29/12/92	16
1034	JORNADA HERÓICA DO ODIVELAS/ AFASTA TAÇA DE 'MAUS VINHOS'	CM	29/12/92	5D
1035	Diego Maradona já "perfuma" relvados	CM	29/12/92	6D-7D
1036	Três centenas de atletas vão 'invadir' Carnide	CM	29/12/92	8D
1037	ATLÉTICO PASSOU EM SETÚBAL/ E QUELUZ BAQUEOU NO MONTIJO	CM	29/12/92	10D
1038	<i>Sapatinho</i> cheio com bens alheios	CP	29/12/92	11
1039	Associações lutam na OID	CP	29/12/92	19
1040	Troféu BMW M3 na <i>forja</i>	CP	29/12/92	27
1041	TALHA/ DOURADA/ DAS CARMELITAS/ -RESTAURO/ EM MEIAS/TINTAS...	JN	29/12/92	1
1042	ASSEMBLEIA DEU "LUZ VERDE"/ AO PLANO DA CÂMARA DO PORTO	JN	29/12/92	7
1043	PERIGO ESPREITA CRIANÇAS/ EM SANTA MARIA DE ARNOSO	JN	29/12/92	9
1044	"GUERRA" ENTRE IRMÃOS/ ATIRA JUNTA PARA A RUA	JN	29/12/92	11
1045	DELEGAÇÃO DA OUA DEIXA ANGOLA/ COM "PUXÃO DE ORELHAS" A SAVIMBI	JN	29/12/92	12
1046	REDUÇÃO DOS ARSENAIS NUCLEARES/ ESTÁ A MARCAR PASSO EM GENEBRA	JN	29/12/92	14
1047	Pobreza num mosaico de povos	P	29/12/92	11
1048	Paços de Ferreira/ à espera de chicotadas	P	29/12/92	31
1049	ESTREIA DE MACAÉ/ ATIROU COM CHAVES/ PARA FORA DA TAÇA	CM	30/12/92	1D
1050	Voleibol/ feminino/ está/ em rodagem/ no Luxemburgo	CM	30/12/92	1D
1051	RAÍ NÃO 'CAIU'/ NA PORTELA	CM	30/12/92	5D
1052	CASTROMARINENSE VAI SER/ SUJEITO A 'PROVAS DE FOGO'	CM	30/12/92	6D
1053	HENRIQUE CRISÓSTOMO/ A "ESTRELA" QUE FALTAVA	CM	30/12/92	9D
1054	SABOTAGEM FOI "PRENDA/ DE NATAL PARA AS BALEIAS"	CM	30/12/92	24
1055	POLÓNIA TEM ÊXITOS/ NA BATALHA/ CONTRA A POLUIÇÃO	CM	30/12/92	25
1056	«Tobias» renasceu das cinzas	CP	30/12/92	4
1057	Trânsito saiu dos eixos	CP	30/12/92	5
1058	Larápio «levantou» 250 contos	CP	30/12/92	9
1059	Beirute recusa «abertura» israelita	CP	30/12/92	14
1060	Comboio invade a estrada	CP	30/12/92	17
1061	Freamunde <i>larga viveiros</i>	CP	30/12/92	22
1062	DalGLISH «pesca» na Suécia	CP	30/12/92	23
1063	COLLOR "MORTO"/ ITAMAR "POSTO"	JN	30/12/92	1
1064	FUNCIONÁRIOS/ CAMARÁRIOS/ DE VIANA/ DO CASTELO/ COM A CABEÇA/ "NO CEPO"	JN	30/12/92	1
1065	PODERÃO "ROLAR CABEÇAS"/ NA CÂMARA MUNICIPAL	JN	30/12/92	10
1066	CIDADE DOS AUTOMÓVEIS/ AINDA CIRCULA DEVAGARINHO...	JN	30/12/92	13
1067	TAÇA: AMORA/ FECHOU/ PORTAS/ AO CHAVES	JN	30/12/92	17
1068	Guerra de nervos/ no gás natural	P	30/12/92	1
1069	Aumentos no "sapatinho"	P	30/12/92	6
1070	Judiciária vai quebrar/ segredo bancário	P	30/12/92	20
1071	Comboio/ invade/ estrada	P	30/12/92	1
1072	Comboio invadiu a estrada	P	30/12/92	46
1073	Arrumar a casa	P	30/12/92	23
1074	GNR DE OLHO/ NO ÁLCOOL	CM	31/12/92	1
1075	CAVACO DÁ 'PRENDA'/ À IMPRENSA REGIONAL	CM	31/12/92	18
1076	CONVICÇÃO/ E PONTARIA/ PARA BRINDAR/ NOVO ANO	CM	31/12/92	5D
1077	Atletas do Distrito estiveram em foco	CM	31/12/92	7D
1078	Embate de 'gigantes'/ com vitória justa	CM	31/12/92	8D
1079	HONDA/ NA ONDA/ DA/ 'INDYCAR'	CM	31/12/92	D11
1080	COLLOR CONDENADO / À 'TRAVESSIA NO DESERTO'	CM	31/12/92	24
1081	GOVERNO QUER ARRUMAR/ E EQUILIBRAR O PAÍS	CM	31/12/92	40
1082	Educação "engorda"/ quadro de excedentes	CM	31/12/92	40
1083	Com um pé na Europa	CP	31/12/92	6
1084	Guerra aberta no Pinhal da Amorosa	CP	31/12/92	17
1085	Vinho Dão galga fronteiras	CP	31/12/92	16
1086	Limpeza de balneário nas Antas	CP	31/12/92	31

1087	Um passo em frente	CP	31/12/92	27
1088	Escândalo KIO nas mãos da justiça	CP	31/12/92	29
1089	O novo «grito» da IBM	CP	31/12/92	30
1090	Expo-98 já «mexe»	CP	31/12/92	34
1091	LOCOMOTIVA "ASSASSINA"/ NÃO TINHA DEFICIÊNCIAS	JN	31/12/92	10
1092	LIMA E MACHADO SÃO "TRUNFOS"/ NA CARTADA DO DESENVOLVIMENTO	JN	31/12/92	11
1093	MARADONA VESTIU A "PELE" DE ÁRBITRO	JN	31/12/92	20
1094	"FAVA" DO BOLO-REI/ SAIU AOS COMERCIANTES	JN	31/12/92	24
1095	MATOSINHOS DÁ OUTRO PASSO/ NA CONSTRUÇÃO DO EMISSÁRIO	JN	31/12/92	24
1096	Guerra de nervos no gás natural	P	31/12/92	34
1097	"Jogada" de antecipação	P	31/12/92	7
1098	A CNN da Europa	P	31/12/92	18
1099	Reviravolta no crime da Avenida das Américas	P	31/12/92	22
1100	Carlos Queirós abre o jogo	P	31/12/92	31
1101	Os homens da maratona	P	31/12/92	39
1102	Espanha: ano mágico acaba em crise	CP	01/01/93	16
1103	1993 herda diversos conflitos	CP	01/01/93	17
1104	Turistas invadem a Estrela	CP	01/01/93	20
1105	Paredes/Móvel arranca em grande	CP	01/01/93	27
1106	OPOSIÇÃO ACUSA SAMPAIO/ DE "SONHAR" COM BELÉM	JN	01/01/93	9
1107	VOOS PARA LISBOA/ COM "ASAS" AINDA ESTE MÊS	JN	01/01/93	11
1108	MINISTRO QUER "LIMPAR O PÓ"/ DOS MUSEUS ITALIANOS	JN	01/01/93	16
1109	INDÚSTRIA ALEMÃ/ DECLARA GUERRA/ À XENOFOBIA	JN	01/01/93	18
1110	Erupção à vista	P	01/01/93	5
1111	Dante desce ao Inferno	P	01/01/93	18
1112	"Far west"/ desaparece	P	01/01/93	37
1113	Herdeiros de Pinto de Magalhães/ vencem o primeiro assalto	P	01/01/93	26
1114	Dinamarca "herda"/ presidência da CE	CM	02/01/93	14
1115	SUPERCAMPEONATO/ COM "GIGANTES" EUROPEUS	CM	02/01/93	2D
1116	HUMILDADE, TRABALHO E... DINHEIRO/ SÃO OS TRUNFOS DO PORTIMONENSE	CM	02/01/93	4D
1117	FAMÍLIA REAL EXIGE "CABEÇA"/ DO SECRETÁRIO DE ISABEL II	CM	02/01/93	23
1118	«Mexidas» na Segurança Social	CP	02/01/93	16
1119	Seleccionadores e <i>vassouradas</i>	CP	02/01/93	19
1120	África: continente flagelado	CP	02/01/93	12S
1121	A guerra das televisões	CP	02/01/93	19S
1122	Uma novela a «Metro»	CP	02/01/93	22S
1123	Governo e autarquias «às avessas»	CP	02/01/93	27S
1124	Hóquei sob patins de ouro	CP	02/01/93	40S
1125	Barcelona: capital do Mundo	CP	02/01/93	42S
1126	Preços a flutuar...	CP	02/01/93	24
1127	SPORTING: ENTRADAS DE LEÃO/ EM PAÇOS DE FERREIRA (3-0)	JN	02/01/93	15
1128	ALBERTINA DIAS/ E JUNQUEIRA/ ENTRARAM/ COM/ O PÉ DIREITO	JN	02/01/93	15
1129	CONTRA A CORRENTE	JN	02/01/93	16
1130	JOÃO JUNQUEIRA/ FOI "LEÃO" NA AM ADORA	JN	02/01/93	19
1131	Ano Novo com cheiro a pólvora	P	02/01/93	10
1132	Senhor do Padrão/ sonha com o título	P	02/01/93	32
1133	A febre da fuga aos impostos	P	02/01/93	23
1134	Dúvidas sobre a acção das polícias/ congelam Acordo de Schengen	P	02/01/93	28
1135	Cruzamento 'armadilhado'/ em S.Domingos de Rana	CM	03/01/93	6
1136	CÂMARA DE LAGOA APOSTA/ NA HABITAÇÃO SOCIAL	CM	03/01/93	10
1137	'AZUIS' FORMAM BARREIRA/ NO CAMINHO DO BENFICA	CM	03/01/93	1D
1138	CABEÇA DO 'REI MAGO' TONI/ PÕE PINTO DA COSTA FELIZ	CM	03/01/93	3D
1139	PEUGEOT REVITALIZA O '405'/ E PÕE MAIS PORTAS NO '106'	CM	03/01/93	12D
1140	Americanos/ 'cortam'/ na força/ para a Somália	CM	03/01/93	40
1141	Quando a vida/ é um pesadelo!	CP	03/01/93	1
1142	Apartamento/ «cilindrado»/ em Ermesinde	CP	03/01/93	1

1143	Caça aos auto-rádios	CP	03/01/93	10
1144	«Caça às bruxas» no Tadjiquistão	CP	03/01/93	12
1145	Checos e eslovacos: dois caminhos	CP	03/01/93	12
1146	OLP à margem do processo de paz	CP	03/01/93	14
1147	Robot desce ao «inferno»	CP	03/01/93	14
1148	FC Porto <i>suou</i> em Valongo	CP	03/01/93	25
1149	Levantar o turismo interno	CP	03/01/93	27
1150	China invade Hong-Kong	CP	03/01/93	28
1151	Aspirina soma e segue	CP	03/01/93	31
1152	MENSAGEM DE SOARES/ NÃO PROVOCOU "ONDAS"	JN	03/01/93	3
1153	UM ARRASTÃO FEZ-SE AO MAR/ E "FUROU" PARALISAÇÃO EM MATOSINHOS	JN	03/01/93	5
1154	PRINCESA SEM "MOURO" NA COSTA...	JN	03/01/93	14
1155	HÓQUEI AZUL E BRANCO/ A ROLAR SOBRE ESFERAS	JN	03/01/93	15
1156	FOGUETES NOS ÚLTIMOS SEGUNDOS!...	JN	03/01/93	16
1157	BOAVISTA "ENTROU" O ANO/ A GOLEAR O SALGUEIROS	JN	03/01/93	19
1158	UNIÃO DESUNIU UNIÃO...	JN	03/01/93	18
1159	AMADORES: RIBEIRENSES NA "COLA"/DO SR DO PADRÃO/-UNIDOS AO PORTO A RECUPER	JN	03/01/93	20
1160	F.C.PORTO PASSOU/ À TANGENTE EM VALONGO	JN	03/01/93	21
1161	FAMALICENSE E SANJOANENSE/ "NÃO DESCOLAM"	JN	03/01/93	21
1162	BOAS ENTRADAS/ DO FÂNZERES EM JUVENIS	JN	03/01/93	21
1163	Autarca de Braga/ passa ao contra-ataque	P	03/01/93	1
1164	Quebra-cabeças	P	03/01/93	8
1165	O último tratado da Guerra Fria	P	03/01/93	9
1166	A menina mimada da União desfeita	P	03/01/93	20-21
1167	Um arraial de protesto/ contra lixeira de Ossela	P	03/01/93	45
1168	Passagem de ano/ em estado de graça	P	03/01/93	29
1169	Um golpe de banco	P	03/01/93	32
1170	Gatunagem 'ataca'/ no Bairro Económico de Queluz	CM	04/01/93	1
1171	Regresso da 'ponte'/ com menos/ dores de cabeça	CM	04/01/93	1
1172	Foram injectados de 85 para cá/ 420 milhões na Agricultura	CM	04/01/93	1
1173	Posto/ médico/ põe bombeiros/ fora de/ combate	CM	04/01/93	1
1174	BAIRRO DE QUELUZ/ EM MÃOS MARGINAIS	CM	04/01/93	4
1175	TRÂNSITO FLUIDO/ NO REGRESSO A LISBOA	CM	04/01/93	5
1176	Novo 'tropeção'/ dos algarvios	CM	04/01/93	8D
1177	FC Porto 'passa' em Valongo (3-2)	CM	04/01/93	11D
1178	PARTIDOS AQUECEM MÁQUINAS/ PARA CONQUISTA DE CÂMARAS	CM	04/01/93	15
1179	Escândalo derruba ministro alemão	CM	04/01/93	17
1180	Marinho/ Peres/ com um pé/ fora/ do Guimarães	CM	04/01/93	1D
1181	Visitantes fechados a onze... chaves	CM	04/01/93	5D
1182	ALMA QUEBROU O JEJUM!	CM	04/01/93	6D-7D
1183	Quando a velocidade/ ...custa a engatar	CM	04/01/93	7D
1184	POSTO MÉDICO "ENTALA"/ QUARTEL DOS BOMBEIROS	CM	04/01/93	6
1185	Final feliz/ na "guerra"/ de famílias/ contra empresa	CM	04/01/93	15
1186	FUTEBOL CAIU/ NAS TREVAS/ SEM PINGO/ DE VERGONHA	CM	04/01/93	3D
1187	Cantos tristes	CP	04/01/93	1
1188	Cidadãos... na gaveta	CP	04/01/93	4
1189	Suíça à defesa e Espanha ao ataque	CP	04/01/93	5
1190	Ponto final na «guerra fria»	CP	04/01/93	13
1191	Russos e americanos «próximos»	CP	04/01/93	13
1192	Até Jesus dá frangos!	CP	04/01/93	16
1193	Marinho Peres deixa o <i>berço</i>	CP	04/01/93	16
1194	De coração nas mãos...	CP	04/01/93	18
1195	Rio Ave nas alturas	CP	04/01/93	20
1196	Vila Real esmagado!	CP	04/01/93	22
1197	Mar de expectativas a abrir o ano	CP	04/01/93	I
1198	Vilanovense de novo isolado	CP	04/01/93	26

1199	Lomba só no comando	CP	04/01/93	27
1200	Régua encaixou doze	CP	04/01/93	28
1201	Esgueira <i>imortal</i>	CP	04/01/93	32
1202	Edifício histórico é pasto das chamas	CP	04/01/93	40
1203	CRÉDITO FÁCIL/ TRANSFORMA-SE/ EM ESCRAVATURA	JN	04/01/93	1
1204	ANDA MOURO/ NOS CANOS/ DA RUA...	JN	04/01/93	1
1205	BUTROS GHALI/ VIU-SE GREGO/ EMMOGADÍSCIO	JN	04/01/93	1
1206	BARCELOS CONQUISTOU GUIMARÃES/ -BELENENSES ATRASOU BENFICA	JN	04/01/93	1
1207	UFFE ELLEMANN-JENSEN/ -UM DIPLOMATA POLÉMICO/ AO LEME DA COMUNIDADE	JN	04/01/93	3
1208	PINTO FERREIRA/ ENCABEÇA LISTA/ DOS TSD/PORTO	JN	04/01/93	3
1209	ASPIRINA TAMBÉM "COMBATE"/ O ENFARTE DE MIOCÁRDIO	JN	04/01/93	5
1210	TELEFONES: SOOU O "DESPERTAR"/ PARA A MUDANÇA DA QUALIDADE	JN	04/01/93	7
1211	NO CALOR DOS BRINDES/ O FIM DA GUERRA FRIA	JN	04/01/93	16
1212	BELENENSES/ "EMPATOU"/ BENFICA	JN	04/01/93	17
1213	SEM ANZÓIS/ NEM PEIXE	JN	04/01/93	22
1214	"PESADELLOS"/ NA FINALIZAÇÃO	JN	04/01/93	22
1215	UMA POBREZA FRANCISCANA	JN	04/01/93	19
1216	FOGUETE/ DE NUNO	JN	04/01/93	22
1217	"FACTURAÇÃO"/ DE LÍDER	JN	04/01/93	21
1218	UMA ÚNICA/ AZEITONA	JN	04/01/93	23
1219	DOIS GOLOS/ DE "RAJADA"	JN	04/01/93	21
1220	DEFESA/ DE MANTEIGA	JN	04/01/93	23
1221	UMA "AULA"/ DE BOM FUTEBOL	JN	04/01/93	21
1222	RIO AVE "ENCHEU-SE" MUITO E BEM EM OVAR	JN	04/01/93	12
1223	O VENENO/ DE COBRA	JN	04/01/93	21
1224	ALGARVIOS/ ASFIXIADOS	JN	04/01/93	21
1225	ÀS TRÊS PANCADAS!...	JN	04/01/93	18
1226	GUIMARÃES: "BOA COLHEITA" NA RÉGUA	JN	04/01/93	23
1227	CORUNHA MANTÉM O COMANDO	JN	04/01/93	25
1228	ALPENDORADA TOMBOU/ EM CAÍDE DE REI	JN	04/01/93	26
1229	DORMIR EM CIMA/ DO VULCÃO	JN	04/01/93	43
1230	De peça de engrenagem/ à condição de pessoa produtiva	P	04/01/93	15
1231	Estado aperta controlo do jogo nos casinos	P	04/01/93	16
1232	Feiras provocam/ guerra comercial	P	04/01/93	33
1233	Sesimbra: reconversão de pedreiras marca passo	P	04/01/93	38
1234	A "batalha" do Restelo	P	04/01/93	III
1235	Descida ao Inferno adiada	P	04/01/93	21
1236	Vaga/ de frio/ mata/ na Europa	CM	05/01/93	1
1237	Obras a preço de saldo/ mancham contas de 1992	CM	05/01/93	16
1238	DEUS PINHEIRO 'RETOCA' IMAGEM DOS DOZE	CM	05/01/93	19
1239	Resistência congela/ poderes de Xanana	CM	05/01/93	19
1240	BARROSO FECHA-SE COM DIPLOMATAS/ PARA COZINHAR POLÍTICA EXTERNA	CM	05/01/93	20
1241	Trabalho infantil/ é uma 'epidemia'	CM	05/01/93	20
1242	OCEANO 'AFOGOU' SONHO/ DO ATLÉTICO DE MADRID	CM	05/01/93	3D
1243	Gullit fez de... Van Basten	CM	05/01/93	3D
1244	Vitória/ de Guimarães/ "esmagou"/ Régua	CM	05/01/93	4D
1245	VAGA DE FRIO JÁ MATOU/ SEIS PESSOAS EM FRANÇA	CM	05/01/93	22
1246	START II pode 'esbarrar'/ no Congresso russo	CM	05/01/93	22
1247	CONGRESSO DOS EUA/ ABRE COM UMA/ AGENDA 'PESADA'	CM	05/01/93	23
1248	LAPAROSCOPIA 'PUXA'/ INDÚSTRIAS DE PONTA	CM	05/01/93	28
1249	Chamas devoram escritórios/ de fábrica têxtil na Maia	CP	05/01/93	1
1250	Obras públicas em «queda livre»	CP	05/01/93	29
1251	Inamb «meteu água» ao suspender as análises	CP	05/01/93	38
1252	Pneus «carecas» na Camac	CP	05/01/93	5
1253	Vaga de frio mata na Europa	CP	05/01/93	11

1254	«Caça ao homem» em Israel	CP	05/01/93	15
1255	Luta no apoio à indústria	CP	05/01/93	17
1256	Proleite aposta em duas frentes	CP	05/01/93	19
1257	Guerra de nervos no Barcelona	CP	05/01/93	26
1258	Trabalho infantil/ «é uma epidemia»	CP	05/01/93	1
1259	O martírio dos pequenos obreiros	CP	05/01/93	7
1260	GRÃ-BRETANHA/ EM ROTA DE COLISÃO/ COM A COMUNIDADE	JN	05/01/93	2
1261	TECTO SALARIAL/ COMPLICADA CONTRATAÇÃO	JN	05/01/93	3
1262	TURVAS/ ANDAM/ AS ÁGUAS	JN	05/01/93	3
1263	DESFILE DE IRREGULARIDADES/ NUMA ESCOLA DE ESTILISMO	JN	05/01/93	8
1264	GRANADA FEZ "EXPLODIR" O LUBANGO	JN	05/01/93	12
1265	F.C.PORTO: VIRAGEM DE CAMPEÃO	JN	05/01/93	15
1266	BOAVISTA COM A "MÃO"NA SUPERTAÇA/ -F.C.PORTO VAI TENTAR A FINALÍSSIMA...	JN	05/01/93	16
1267	ARTILHEIROS ESTRANGEIROS/ DOMINAM CAÇA AO GOLO	JN	05/01/93	16
1268	CRÓNICA DE UMA CHICOTADA ANUNCIADA	JN	05/01/93	17
1269	EQUIPETROL "GATOU"/ NA UNIVERSIDADE LUSÍADA	JN	05/01/93	18
1270	CRUIJFF PROVOCA/ GUERRA DE NERVOS	JN	05/01/93	18
1271	ECLIPSE DOS SUNS/ A CINCO SEGUNDOS DO FIM	JN	05/01/93	19
1272	OBRAS PÚBLICAS ESTÃO EM CRISE/ E COM PREÇOS DE SALDO	JN	05/01/93	27
1273	Saúde e Comércio em guerra	P	05/01/93	1
1274	O império do plutónio	P	05/01/93	2
1275	Super-reactores: sonho ou pesadelo?	P	05/01/93	3
1276	Diplomatas em todas as frentes	P	05/01/93	4
1277	Governo de Angola/ prepara "limpeza" do Huambo	P	05/01/93	10
1278	Tropeções da paz no Camboja	P	05/01/93	14
1279	Tudo em família	P	05/01/93	51
1280	Frio fustiga Algarve	CM	06/01/93	9
1281	Tranquilidade-Vida/ já tem "luz verde"	CM	06/01/93	14
1282	CDS de Portimão anda/ de 'candeias às avessas'	CM	06/01/93	18
1283	FPF analisa/ incidentes/ no Restelo/ e 'prendas'/ do Sporting	CM	06/01/93	1D
1284	INCIDENTES DO RESTELO/ E PRENDAS DO SPORTING	CM	06/01/93	D5
1285	'CM' DEU 'PASSO DE GIGANTE'/ PARA VENCER TAÇA IBÉRICA...	CM	06/01/93	8D
1286	DIA NEGRO/ PARA MARADONA	CM	06/01/93	9D
1287	Barcelona em guerra	CM	06/01/93	9D
1288	TELENOVELAS E FUTEBOL/ ESTÃO A "MATAR" O CINEMA	CM	06/01/93	36
1289	DIPLOMACIA PORTUGUESA/ EM MARÉ DE RECADOS	CM	06/01/93	40
1290	GILLESPIE "ADORMECEU"/ AO SOM DO SEU TROMPETE	CM	06/01/93	37
1291	No calor da UGT	CP	06/01/93	1
1292	Hoje há reis/ na supertaça	CP	06/01/93	1
1293	Torre(s) dá xeque ao governo	CP	06/01/93	3
1294	Plano para «fintar» dificuldades	CP	06/01/93	17
1295	Pinto da Costa «demite» ministro	CP	06/01/93	22
1296	Empresas «desviam» subsídios	CP	06/01/93	31
1297	VAMOS A BRAÇO-DE-FERRO/ PARA AUMENTOS DE 9%	JN	06/01/93	3
1298	HABITAÇÃO COOPERATIVA E SOCIAL/ AVANÇA EM GONDOMAR	JN	06/01/93	8
1299	PARQUE DE EXPOSIÇÕES/ ARRANCA NO CAMPO DO CASTELO	JN	06/01/93	11
1300	ARTUR:/ A ESTRELA AUSENTE	JN	06/01/93	20
1301	CAIXA ECONÓMICA/ OPERÁRIA/ RENASCE DAS "CINZAS"!...	JN	06/01/93	22
1302	PORTUGAL BRILHA/ EM BARCELONA	JN	06/01/93	23
1303	"GUERRA DAS AUDIÊNCIAS"/ -CINEMAS E VIDEOCLUBES/ ATINGIDOS PELOS ESTILHAÇOS	JN	06/01/93	33
1304	"A conta gotas"	P	06/01/93	4
1305	Jardim Fernandes "abre mão"/ do ministro da República	P	06/01/93	5
1306	Os cenários do pior	P	06/01/93	8
1307	Bósnios submetidos/ a fortes pressões	P	06/01/93	9
1308	Ásia Central pressiona Moscovo	P	06/01/93	10
1309	Petroleiro encalha/ em santuário marinho	P	06/01/93	20



1310	Telecomunicações/ com nova arrumação	P	06/01/93	30
1311	ENGENHEIROS DO TÉCNICO/ QUEREM SEDUZIR EMPRESAS	CM	07/01/93	19
1312	Maioria corta "vazas" ao PC/ no horário de trabalho	CM	07/01/93	22
1313	ESPECTACULAR/ BOAVISTA/ CONQUISTA/ A SUPERTAÇA	CM	07/01/93	1D
1314	... E O VIZINHO DO BESSA/ CONTINUA A SORRIR	CM	07/01/93	3D
1315	APAGOU-SE/ UMA ESTRELA	CM	07/01/93	36
1316	Onda negra invade as Shetlands	CP	07/01/93	1
1317	Recolha de óleos arranca em Abril	CP	07/01/93	10
1318	Inverno «ataca» Sarajevo	CP	07/01/93	13
1319	Honecker <i>sobrevive</i> ao juiz	CP	07/01/93	13
1320	<i>Aperta-se o cerco</i> a Israel	CP	07/01/93	14
1321	<i>Maré negra</i> nas Shetlands	CP	07/01/93	16
1322	Itália e Suíça atacam em força!	CP	07/01/93	23
1323	Turismo a velocidade cruzeiro	CP	07/01/93	31
1324	Dívidas <i>encalham</i> navio brasileiro	CP	07/01/93	39
1325	PARAÍSO/ ESCOCÊS/ É AGORA/ UM/ INFERNO	JN	07/01/93	1
1326	NOTAS FALSAS/ DE CINCO MIL/ INUNDAM/ A REGIÃO/ DAS BEIRAS	JN	07/01/93	1
1327	NOTAS FALSAS DE CINCO CONTOS/ INUNDARAM REGIÃO DE VISEU	JN	07/01/93	8
1328	ASSEMBLEIA DE ANADIA/ "TEATRO" DE ACUSAÇÕES	JN	07/01/93	10
1329	VENDEDOR/ ANDAVA ÀS "COMPRAS"	JN	07/01/93	8
1330	RESTAURO URBANÍSTICO/ MUDARÁ A "CARA" DA VILA	JN	07/01/93	13
1331	LUANDA SOMA E SEGUE/ NO CERCO AO HUAMBO	JN	07/01/93	14
1332	IRAQUE NA MIRA/ DE ULTIMATO/ NORTE-AMERICANO	JN	07/01/93	14
1333	EUA PATERNALISTAS/ E NÃO "POLÍCIAS" DO MUNDO	JN	07/01/93	15
1334	ILHAS SHETLAND:/ PARAÍSO ECOLÓGICO/ É AGORA UM INFERNO	JN	07/01/93	16
1335	BESSA: ALTAR DO FUTEBOL/ SEM SÍMBOLOS NAZIS	JN	07/01/93	19
1336	MANSELL RENASCE/ EM PHOENIX	JN	07/01/93	22
1337	RUDOLF NUREYEV:/ A ÚLTIMA LENDA DA DANÇA	JN	07/01/93	27
1338	SCHWARZENEGGER "SEM" MÚSCULOS/ NA COMÉDIA "GÊMEOS"	JN	07/01/93	33
1339	Nureyev morreu/ a lenda começou	P	07/01/93	1
1340	O fim da vida/ em cor-de-rosa	P	07/01/93	1
1341	"Crude" invade a ilha das aves	P	07/01/93	2-3
1342	Cabo Verde coloca jornalistas na prateleira	P	07/01/93	19
1343	Morreu o pássaro mítico	P	07/01/93	24
1344	A senhora cor-de-rosa	P	07/01/93	26
1345	Marlon, "killer" das ilusões azuis	P	07/01/93	29
1346	Uma faca de dois gumes	P	07/01/93	38
1347	Perigo espreita/ na quinta via	CM	08/01/93	6
1348	ALGARVE PREPARA "ATAQUE"/ AOS FUNDOS COMUNITÁRIOS	CM	08/01/93	10
1349	Soares pede pressão/ para paz em Angola	CM	08/01/93	22
1350	Marselha 'escorrega'/ no gelo de Lille	CM	08/01/93	2D
1351	MAU TEMPO ADIA/ COMBATE À MARÉ NEGRA	CM	08/01/93	26
1352	Rede de gás em marcha	CP	08/01/93	5
1353	Mudar a fachada, manter a filosofia	CP	08/01/93	5
1354	CDC poderá arrancar este ano	CP	08/01/93	18
1355	Salamanca «de Alves» está vivo!	CP	08/01/93	23
1356	«Ibero-Magrebe» arranca hoje	CP	08/01/93	24
1357	Chicotada? É mentira!	CP	08/01/93	29
1358	Nureyev: Ecos por todo o mundo	CP	08/01/93	37
1359	BUSH GANHA/ BRAÇO DE FERRO/ A SADDAM/ NO ÚLTIMO "ROUND"	JN	08/01/93	1
1360	CEE NÃO É/ O PAI/ NATAL/ DOS ORTODOXOS	JN	08/01/93	1
1361	DEZANOVE IMÓVEIS MILITARES/ A CAMINHO DA HASTA PÚBLICA	JN	08/01/93	2
1362	CÂMARA E JUNTA AUTÓNOMA/ DESATAM NÓS DA CINTURA INTERNA	JN	08/01/93	9
1363	ACIDENTE PROCOVA/ BICHA DE QUILÓMETROS	JN	08/01/93	10
1364	RAJADA DE ASES/ COLOCA/ ALEMANHA/ NA FINAL/ DA TAÇA HOPMAN	JN	08/01/93	22

1365	BULLS "TOUREADOS"/ EM CLEVELAND	JN	08/01/93	23
1366	NESTLÉ METE ÁGUA/ (NÃO NO LEITE...)	JN	08/01/93	49
1367	O martírio de volta	P	08/01/93	2
1368	Decano do Parlamento/ "bate com a porta"	P	08/01/93	7
1369	Saddam já pestanejou?	P	08/01/93	10
1370	Violação é arma de "limpeza étnica"	P	08/01/93	18
1371	RR e RDP a solo nos Açores	P	08/01/93	21
1372	Oliveira de Azeméis em pé de guerra	P	08/01/93	49
1373	Externato ao rubro	P	08/01/93	50
1374	A morte cresce nas Shetland	P	08/01/93	26
1375	Petroleiros são/ 'bombas flutuantes'	P	08/01/93	26
1376	Que mil foguetões/ desabrochem!	P	08/01/93	28
1377	O homem com bochechas de hamster	P	08/01/93	30
1378	Saldos de Inverno/ 'aquecem' a Baixa	CM	09/01/93	1
1379	SE EMPATAMOS/ EM ALVALADE/ PODEMOS GANHAR/ EM "CASA"	CM	09/01/93	4D
1380	É difícil ser 'rei' jovem na Europa	CM	09/01/93	8D
1381	ESGUEIRA-BENFICA/ EM DUELO DE GIGANTES	CM	09/01/93	10d
1382	'El Matador' matou mesmo...	CM	09/01/93	11D
1383	Manhã «cinzenta» no Tejo	CP	09/01/93	3
1384	Esquerda igual ao lince da Malcata?	CP	09/01/93	6
1385	Roubos «rendem» quase 800 contos	CP	09/01/93	10
1386	Vamos dar o <i>litro</i> !	CP	09/01/93	23
1387	Milão de <i>sonho</i> domina cena europeia	CP	09/01/93	25
1388	Open da Madeira dá o primeiro passo	CP	09/01/93	27
1389	Beleza/ doutorou-se/ 'em/ beleza'	CM	09/01/93	1
1390	"TEMPESTADE"/ REGRESSA/ AO GOLFO	JN	09/01/93	1
1391	OS SALDOS/ ENTRARAM/ EM SALDO...	JN	09/01/93	1
1392	SAVIMBI/ COM/ A CORDA/ NA/ GARGANTA	JN	09/01/93	1
1393	ALTOS VOOS EUROPEUS/ PARA O AEROPORTO/ DE PEDRAS RUBRAS	JN	09/01/93	1
1394	ESQUERDA TEM FUTURO/ MAS NÃO PODE CONTINUAR/ A DAR TIROS NO PÉ	JN	09/01/93	2
1395	UMA EUROPA "À LA CARTE"/ É UM SÉRIO RISCO	JN	09/01/93	3
1396	SÓ A UNIÃO PODERÁ COMBATER/ AS DIFICULDADES/ QUE SURGIRÃO ESTE ANO	JN	09/01/93	5
1397	BRAGA TEVE NAS MÃOS/ A TALUDA DOS REIS	JN	09/01/93	6
1398	"CABEÇAS"/ ROLARAM/ EM ADELAIDE	JN	09/01/93	22
1399	AEROPORTO SÁ CARNEIRO/ NA MIRA DA CE PARA "ALTOS VOOS"	JN	09/01/93	9
1400	CONSUMIDORES MAIS ESCLARECIDOS/ CONTRA A "DITADURA DOS SALDOS"	JN	09/01/93	10
1401	"RATOS"/ APANHADOS/ EM FLAGRANTE	JN	09/01/93	10
1402	HOTÉIS E PENSÕES DA CURIA/ A "ARDER" COM CALOTES DA CE	JN	09/01/93	13
1403	EQUIPAMENTOS NO VALE DAS FLORES/ AFECTARÃO ESCOAMENTO/ NA ESTRADA DA BEIRA	JN	09/01/93	13
1404	MANSELL:/ O "LEÃO"/ JÁ MOSTROU/ AS UNHAS/ NO CIRCUITO/ DE PHOENIX	JN	09/01/93	17
1405	MANSELL MOSTROU AS "UNHAS"/ NA PISTA OVAL DE PHOENIX	JN	09/01/93	22
1406	IC7 "ARRANCA"/ NA PRÓXIMA SEMANA	JN	09/01/93	6
1407	A ressurreição da ONU	P	09/01/93	2
1408	As flores amargas/ de João Paulo II	P	09/01/93	21
1409	"Guerrilha linguística"/ nas escolas da Galiza	P	09/01/93	22
1410	Prelada: moradores vão lutar	P	09/01/93	49
1411	SEC acusada/ de "troglodítica"	P	09/01/93	27
1412	Parada de estrelas	P	09/01/93	28
1413	Privatização do BPA marca passo	P	09/01/93	37
1414	Ossela/ e Pindelo/ em guerra/ contra lixeira	CM	10/01/93	1
1415	ENGARRAFAMENTOS NA PONTE/ DEVEM CONTINUAR AMANHÃ	CM	10/01/93	6
1416	'Gigantes mundiais'/ suprimem empregos	CM	10/01/93	12
1417	ACÇÃO SOCIAL/ "FURA" INFLACÇÃO	CM	10/01/93	15
1418	Assassinato em Sarajevo: um golpe para a paz	CM	10/01/93	16-17
1419	'EQUIPA DE SONHO'/ DOMINA A EUROPA	CM	10/01/93	2D
1420	FARENSE CHEIO DE GARRA/ PROMETE SOMAR ÊXITOS	CM	10/01/93	5D

1421	"MILAGRE" EM NOVA DELI	CM	10/01/93	18
1422	Maré negra atinge economia escocesa	CM	10/01/93	18
1423	FRANÇA "RESSUSCITA" ARAGON/ DEZ ANOS DEPOIS DA SUA MORTE	CM	10/01/93	24
1424	Iraque fez/ marcha-atrás/ nos mísseis	CP	10/01/93	1
1425	Benfica e Sporting «irmãos»/ no teste em terras nortenhas	CP	10/01/93	1
1426	Saddam «encolhe as garras»	CP	10/01/93	10
1427	BMB ameaça com onda de violência	CP	10/01/93	12
1428	Ribeirenses no <i>poleiro</i>	CP	10/01/93	22
1429	Barcelos cantou de galo	CP	10/01/93	24
1430	Haxixe «pescado às toneladas»	CP	10/01/93	31
1431	As trevas depois da luz	CP	10/01/93	30
1432	BENFICA PASSOU/ EM PAÇOS/ DE FERREIRA	JN	10/01/93	1
1433	MARGENS/ DO DOURO/ "REMAM"/ PARA/ A RECUPERAÇÃO	JN	10/01/93	1
1434	DIPLOMACIA PORTUGUESA/ "ENCOSTADA" A GONZALEZ	JN	10/01/93	2
1435	UMA TONELADA DE HAXIXE/ "PESCADA" EM PRAIA DE ALBUFEIRA	JN	10/01/93	28
1436	"TÓNICA" DO PLANO MUNICIPAL POSTA NAS COMUNICAÇÕES	JN	10/01/93	13
1437	SUSANA FEITOR "MARCHOU"/ PARA O RECORDE NACIONAL	JN	10/01/93	29
1438	ABATE DE ÁRVORES RARAS/ ARRASA SÉCULOS DE HISTÓRIA	JN	10/01/93	15
1439	INDÚSTRIA DO MINHO/ VIVE NUMA ENCRUZILHADA	JN	10/01/93	35
1440	TRIO DA FRENTE/ ENTROU COM O PÉ DIREITO/ NA SEGUNDA VOLTA	JN	10/01/93	19
1441	BRUNO SABY DOMINA/ NAS AREIAS DO SAHARA	JN	10/01/93	25
1442	PASSOS E "BENTOS" FAVORÁVEIS...	JN	10/01/93	20
1443	ABC PERDEU EM ZAGREB/ MAS AINDA SONHA/ COM A QUALIFICAÇÃO	JN	10/01/93	26
1444	BOAVISTA E BELENENSES/ EM DUELO "EUROPEU"	JN	10/01/93	22
1445	PORTUGUESAS LUTAM HOJE/ PELO SEGUNDO LUGAR	JN	10/01/93	26
1446	SANTA MARIA FOI A BANHOS... NAS TAIPAS	JN	10/01/93	23
1447	FÓRMULA 1 EM EBULIÇÃO	JN	10/01/93	25
1448	A SORTE EM FORMA DE BALÃO	JN	10/01/93	21
1449	BRAGA ENTORTOU RÉGUA	JN	10/01/93	23
1450	RIBEIRENSES NA FRENTE/ COM "ASAS" DO PASSARINHOS	JN	10/01/93	24
1451	F.C.PORTO PASSOU À TANGENTE/ NO RINQUE DO TURQUEL	JN	10/01/93	26
1452	ESGUEIRA NÃO TRAVOU/ O LÍDER BENFICA	JN	10/01/93	27
1453	FEDERAÇÃO E INATEL"DESAFINADOS"/NO DES...CONCERTO DAS FILARMÓNICAS	JN	10/01/93	15
1454	REUNIÃO DE GENEVRA ENSOMBRADA/ PELA MORTE DE MINISTRO BÓSNIO	JN	10/01/93	17
1455	ABC AINDA ESTÁ/ NA CORRIDA EUROPEIA	JN	10/01/93	19
1456	O papel/ de Milosevic	P	10/01/93	3
1457	"Fundos estruturais/ não são o ouro do Brasil"	P	10/01/93	9
1458	Leixões <i>perdeu-se</i> no Mar	CP	11/01/93	XVI
1459	JUSTIÇA/ E FISCO/ À MERCÊ/ DE PIRATAS	CM	11/01/93	1
1460	BOAVISTA/ ENCALHOU/ EM BELÉM	CM	11/01/93	1D
1461	UMA EFICIENTE RECEITA/ CHAMADA CONTRA-ATAQUE	CM	11/01/93	4D
1462	COMEÇAR A CILINDRAR/ PARA ACABAR ESMAGADO	CM	11/01/93	6D
1463	ABC DERROTADO EM ZAGREB/ "SONHA" COM APURAMENTO	CM	11/01/93	11D
1464	Senna/ a 'meio-passo'/ de assinar/ pela Penske	CM	11/01/93	12D
1465	HOJE É DIA 'D' PARA/ PORTAGENS NA PONTE	CM	11/01/93	44
1466	Autoridades/ 'pescam'/ mais droga	CM	11/01/93	44
1467	Barcelona atrasa-se/ na corrida para o título	CM	11/01/93	44
1468	«Dragões»/ não cedem/ e «Galos/ voltam a cantar»	CP	11/01/93	1
1469	Ressuscitar o transporte marítimo	CP	11/01/93	4
1470	O fim do maná sul-africano	CP	11/01/93	5
1471	A luta contra o desperdício	CP	11/01/93	6
1472	O descanso dos <i>guerreiros</i>	CP	11/01/93	XIX
1473	Sem espírito de <i>conquistador!</i>	CP	11/01/93	II
1474	O despertar dos mágicos	CP	11/01/93	III
1475	Há «Estrelas» no céu...	CP	11/01/93	VIII

1476	Brilhante Ermesinde!	CP	11/01/93	X
1477	Braga: pontaria afinada (14-0)	CP	11/01/93	XVI
1478	Salgueiros em foco	CP	11/01/93	XVI
1479	Portugal <i>agarra</i> 2º lugar	CP	11/01/93	XIX
1480	GNR dismantela redes de tráfico	CP	11/01/93	7
1481	ACIDENTES/ LABORAIS/ EM CRESCIMENTO/ NA EUROPA	JN	11/01/93	1
1482	GIL VICENTE CANTOU/ DE GALO EM BRAGA	JN	11/01/93	1
1483	AVENIDA DOS COMBATENTES/ - A SOMBRA DA DEGRADAÇÃO	JN	11/01/93	1
1484	MOBILIDADE DOS PROFESSORES/ - A OUTRA FACE DO INSUCESSO	JN	11/01/93	6
1485	A IGREJA DA MONTARIA/ É UMA JÓIA RESTAURADA	JN	11/01/93	11
1486	MOINHOS DE PENACOVA/ À ESPERA DE MELHOR "VENTO"	JN	11/01/93	12
1487	SOCIALISTAS DE ÁGUEDA/ "CHUMBARAM"/ PLANO DA JUNTA	JN	11/01/93	14
1488	MARÉ/ VAZIA	JN	11/01/93	23
1489	CRUZ NO CALVÁRIO...	JN	11/01/93	23
1490	EMPATE/ AMARGO	JN	11/01/93	23
1491	MASTIGADO/ E SEM GOSTO	JN	11/01/93	24
1492	E TUDO/ O LOBO COMEU	JN	11/01/93	24
1493	ÊXITO/ TANGENCIAL	JN	11/01/93	24
1494	INJUSTIÇA/ AO "CAIR DO PANO"	JN	11/01/93	25
1495	FAVORITOS DE "PEDRA E CAL"	JN	11/01/93	25
1496	SALGUEIROS CONQUISTOU UM PONTO/ -AC VISEU VENCEU NA FEIRA	JN	11/01/93	25
1497	BENFICA VOOU/ PARA O SEGUNDO POSTO	JN	11/01/93	30
1498	Apreensões de cocaína em crescendo	P	11/01/93	20
1499	A cooperação amacia/ diferenças regionais	P	11/01/93	42
1500	Janeireiros aquecem Espinho	P	11/01/93	44
1501	Outra vez "passarinhos"	P	11/01/93	IIID
1502	Recuperando do pesadelo	P	11/01/93	XD
1503	Domingos Castro/ brilhou em Espanha	P	11/01/93	XID
1504	Bulls tropeçam de novo	P	11/01/93	XID
1505	O REGRESSO DO "PRÍNCIPE" DAS CONSERVAS	P	11/01/93	8E-9E
1506	AO SABOR/ DAS NOVIDADES	P	11/01/93	33E
1507	DÓLAR SOB PRESSÃO	P	11/01/93	23E
1508	Governo aperta/ com lares ilegais	CM	12/01/93	1
1509	GNR 'DEITA MÃO'/ A DROGA E ARMAS	CM	12/01/93	6
1510	NEVOEIRO 'ATACA'/ COM MENOS FORÇA	CM	12/01/93	10
1511	GOVERNO APERTA CERCO/ A LARES FORA DE LEI	CM	12/01/93	17
1512	BENFICA/ JOGA/ CARTADA/ NA TAÇA/ DA EUROPA	CM	12/01/93	1D
1513	Paris Saint-Germain a dois pontos do 'céu'	CM	12/01/93	3D
1514	RUSSOS FORAM 'REIS'/ NA CAPITAL ALGARVIA	CM	12/01/93	9D
1515	Cineasta independente/ conquista o reconhecimento	CM	12/01/93	30
1516	Ponte do Freixo já mexe	CP	12/01/93	1
1517	Ponte do Freixo já arrancou	CP	12/01/93	9
1518	Conversações de Genebra marcam passo	CP	12/01/93	12
1519	Base económica é factor «chave»	CP	12/01/93	20
1520	Uma «ilha» fantástica	CP	12/01/93	38
1521	PORTUGAL TRANSFORMA-SE/ NUM IMENSO "MUCEQUE"	JN	12/01/93	6
1522	PENA DE MORTE AGITA O BRASIL	JN	12/01/93	14
1523	MOTOCICLISMO/ DE VELOCIDADE/ COM "CARA NOVA"	JN	12/01/93	17
1524	CABRAL MONTEIRO DE VOLTA/ AO "LEME" DO BEIRA MAR	JN	12/01/93	20
1525	FECHA-SE O CERCO/ AO "OPEN" DA AUSTRÁLIA	JN	12/01/93	20
1526	VENDAVAL DE TRANSFERÊNCIAS/ MARCOU DEFESO INTERNACIONAL	JN	12/01/93	21
1527	CÂMARA APOSTA/ NOS FUNDOS COMUNITÁRIOS	JN	12/01/93	22
1528	JAPÃO: DESEMPREGO/ AUMENTA EM FLECHA	JN	12/01/93	30
1529	Portagens bem, funil na ponte	P	12/01/93	1
1530	"Um funil de dois bicos"	P	12/01/93	4
1531	SINDICATOS "ENGORDAM"/ À CUSTA DE CLANDESTINOS	CM	13/01/93	8

1532	CASTROMARINENSE 'ESCORREGA'/ E SAMBRENSE É O NOVO LÍDER	CM	13/01/93	6D
1533	Sporting 'esmaga' AD de São Roque	CM	13/01/93	8D
1534	CONCORRÊNCIA DESLEAL/ DÁ MULTAS PESADAS	CM	13/01/93	36
1535	Saddam insiste no braço-de-ferro	CM	13/01/93	14
1536	A "arma" secreta do FC Porto	CM	13/01/93	23
1537	Será africana a estrela de amanhã?	CM	13/01/93	25
1538	Camac baralha e volta a dar	CP	13/01/93	6
1539	Despejadas 60 famílias em Loures	CP	13/01/93	39
1540	"JOGADA"/ DE 800 MIL/ CONTOS/ NO CASINO/ DA PÓVOA	JN	13/01/93	1
1541	INDÚSTRIA VIDREIRA/ -ESTILHAÇOS À VISTA	JN	13/01/93	1
1542	UMA CRISE DE CORTAR À FACA/ NA INDÚSTRIA VIDREIRA	JN	13/01/93	5
1543	FUTURO DA CAMAC/ ESTÁ NAS MÃOS DO BCP	JN	13/01/93	5
1544	DESPEJO "PANORÂMICO"/ EM CAMARATE/ DEIXA 60 FAMÍLIAS NA RUA	JN	13/01/93	12
1545	ANGOLA: ESCALADA MILITAR/ VARRE TODO O PAÍS/ E CAUSA CENTENAS DE MORTOS	JN	13/01/93	16
1546	"CRUDE" E NEVE FLAGELAM A ESCÓCIA	JN	13/01/93	16
1547	COUTO DOS SANTOS/DÁ UMA SEMANA À FPF PARA "ATACAR"/DESORDEM NO FUTEBOL	JN	13/01/93	18
1548	FERNANDO COUTO/ E BANDEIRINHA/ ESTÃO "TOCADOS"	JN	13/01/93	19
1549	OBRAS DE FUNDO VÃO ALTERAR/ ROSTO DA "ZONA DE COUROS"	JN	13/01/93	22
1550	DUPLO TRAÇO CONTÍNUO/NA ESTRADA NACIONAL/"CORTA"ACESSO EM ALBERGARIA	JN	13/01/93	24
1551	FUTEBOL EM DIRECTO DOMINA/ A "GUERRA DAS AUDIÊNCIAS"	JN	13/01/93	33
1552	Parlamento cansado de ser "o mau da fita"	P	13/01/93	5
1553	Os verdes anos	P	13/01/93	8
1554	Greve a uma voz	P	13/01/93	19
1555	Vieira dribla Governo	P	13/01/93	41
1556	Vieira de Carvalho/ finta Governo e GNR	P	13/01/93	42-43
1557	Em compasso de espera	P	13/01/93	23
1558	"Revolução" vem aí	P	13/01/93	25
1559	Despertar para o golfe	P	13/01/93	29
1560	OCIDENTE PUXA/ ORELHAS/ A SADDAM	CM	14/01/93	1
1561	Guarda Fiscal pescou/ 1,4 toneladas de haxixe	CM	14/01/93	1
1562	"PESCA" DA GUARDA FISCAL VALE/ 1,4 TONELADAS DE HAXIXE	CM	14/01/93	6
1563	Santa Casa de Lisboa/ quer sair do vermelho	CM	14/01/93	17
1564	Empresários são 'milagrosos'	CM	14/01/93	18
1565	REGIÕES/ ADMINISTRATIVAS/ VIVEM HOJE/ O SEU "DIA D"	CM	14/01/93	20
1566	Negociações gasosas	CM	14/01/93	5E
1567	GUIMARÃES/ 'ROUBA'/ TREINADOR/ AO/ BELENENSES	CM	14/01/93	1D
1568	GRD DE SERRO/ VENTOSO/ 'SONHA'/ SUBIR/ DE DIVISÃO	CM	14/01/93	5d
1569	A VIDA COMEÇA ÀS 40!	CM	14/01/93	11D
1570	INCURSÕES NO KOWEIT/ FORAM A 'GOTA DE ÁGUA'	CM	14/01/93	24
1571	Aliados puxam/ orelhas a Saddam	CP	14/01/93	1
1572	Convenção de Paris enterra armas químicas	CP	14/01/93	1
1573	Santa Casa afugenta as crises	CP	14/01/93	3
1574	Português «vai longe» no Canadá	CP	14/01/93	7
1575	Mau tempo invade Esmoriz	CP	14/01/93	11
1576	Xeque-mate às armas químicas	CP	14/01/93	15
1577	Indústria minhota vive encruzilhada	CP	14/01/93	27
1578	ANJE não quer perder comboio europeu	CP	14/01/93	29
1579	Calçado põe «pés a caminho»	CP	14/01/93	31-32
1580	A rainha Madonna	CP	14/01/93	38
1581	PONTE DE LIMA CRESCE/ MAS NÃO "DESAPARECE"	JN	14/01/93	1
1582	JUÍZES AINDA AGUARDAM/ "SENTENÇA" QUE DITARÁ/ MELHORES REMUNERAÇÕES	JN	14/01/93	6
1583	EMILIO ECLIPSADO/ NOS "COURTS" DE SYDNEY	JN	14/01/93	20
1584	ITALIANOS "MUDOS"/ COM A IMPRENSA	JN	14/01/93	20

1585	GUARDA ABANDONA/ REUNIÃO DE AVEIRO/ CONTRA "NÚCLEO DURO"	JN	14/01/93	18
1586	SHORT AGRADECEU/ "HIPNOSE" DE TIMMAN	JN	14/01/93	20
1587	VASCO GONÇALVES/ EM "ÓRBITA"/ NO SATÉLITE DE LISBOA	JN	14/01/93	17
1588	ASSOCIAÇÕES CONSTOEM/ "PUZZLE" FEDERATIVO	JN	14/01/93	17
1589	ANTÓNIO/ CARLOS:/ ESTAR INACTIVO/ É UMA TORTURA	JN	14/01/93	17
1590	PONTE DO FREIXO/ AINDA É MIRAGEM/ ENTRE AS DUAS MARGENS/ DO DOURO	JN	14/01/93	9
1591	PSD INDISPONÍVEL/ PARA "DESCONGELAR"/ VENCIMENTOS	JN	14/01/93	6
1592	CASTELO DE PAIVA: JÁ "ROLA"/ O GIMNODESPORTIVO	JN	14/01/93	25
1593	INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS/ DEVEM DAR PRIORIDADE/ À INTERNACIONALIZAÇÃO	JN	14/01/93	29
1594	"Foi só uma pequena tarefa"	P	14/01/93	2-3
1595	César procura "gerais"	P	14/01/93	10
1596	Cavaco "passa a bola" ao Parlamento	P	14/01/93	10
1597	O adeus à "bomba atômica dos pobres"	P	14/01/93	16
1598	CDS de Esposende/ em pé de guerra	P	14/01/93	55
1599	Guimarães à beira do pesadelo	P	14/01/93	34
1600	Supersonics vencem duelo	P	14/01/93	35
1601	Maratona oceânica	P	14/01/93	36
1602	Fugas ao fisco/ não terão tréguas	CP	15/01/93	1
1603	PSD e CDS "chumbam" regionalização	P	15/01/93	3
1604	Amaral pisca os olhos a Clinton	CP	15/01/93	4
1605	Parada de <i>estrelas</i> no Estoril	CP	15/01/93	22
1606	Benfica fecha a porta!	CP	15/01/93	23
1607	Calçado português/ com «pernas»/ para correr mundo	CP	15/01/93	1
1608	Calçado português no bom caminho	CP	15/01/93	30
1609	Editora nasce em Guimarães	CP	15/01/93	34
1610	FUNÇÃO PÚBLICA AMEAÇA/ VIRAR PAÍS DO AVESSE	CM	15/01/93	18
1611	Municípios rejeitam/ 'colete de forças'	CM	15/01/93	29
1612	CAVACO SILVA 'ALFAIATE'/ QUER REGIÕES À MEDIDA	CM	15/01/93	21
1613	FÁTIMA EM ALVALADE/ A CONTAR COM 'MILAGRE'	CM	15/01/93	1D
1614	FÁTIMA DEFRONTA SPORTING/ À ESPERA DE UM MILAGRE	CM	15/01/93	6d-7d
1615	Reunião com equipas de F1/ ficou em 'águas de bacalhau'	CM	15/01/93	9D
1616	TRANSPORTES MARÍTIMOS/ SÃO PRESA FÁCIL DOS "PIRATAS"	JN	15/01/93	3
1617	"DANÇA" DOS ADIAMENTOS/ NO JULGAMENTO DOS "SKINS"	JN	15/01/93	8
1618	GHALI "ABENÇO" ATAQUE/ -DEPUTADOS RUSSOS/ QUEREM EXPLICAÇÕES	JN	15/01/93	16
1619	COROADO... NA EUROPA	JN	15/01/93	18
1620	LIVERPOOL "HUMILHADO"/ NA TAÇA DE INGLATERRA	JN	15/01/93	20
1621	AURIOL E MARMIROLI MAIS RÁPIDOS/ EM VÉSPERA DO PESADELO	JN	15/01/93	21
1622	MANUEL RESENDE:/ O "PAI" DO ANDEBOL LEIXONENSE	JN	15/01/93	22
1623	A dança/ das cadeiras	P	15/01/93	31
1624	Fumo branco no gás natural	P	15/01/93	38
1625	Monárquicos na corda bamba	CP	16/01/93	6
1626	ISCE recebe sentença de morte	CP	16/01/93	20
1627	Feira de qualidade na forja	CP	16/01/93	29
1628	Os caminhos do desenvolvimento rural	CP	16/01/93	30
1629	As primeiras dores de cabeça para Clinton	CP	16/01/93	39
1630	PSP corta "asas"/ a bando da Amadora	CM	16/01/93	6
1631	AVENIDA DA LIBERDADE/ MUDA DE FISIONOMIA	CM	16/01/93	9
1632	COUTADA DE 'SONHO'/ PROJECTA MÉRTOLA/ A NÍVEL INTERNACIONAL	CM	16/01/93	10-11
1633	'FUTEBOL DEIXOU DE SER/ JOGO PARA CRIANÇAS...'	CM	16/01/93	2d-3d
1634	Treino/ à porta-fechada/ e "lei da rolha"/ de Toni	CM	16/01/93	2d-3d
1635	ALVES QUER A PASSAGEM/ PARA A OUTRA... 'MARGEM'!	CM	16/01/93	5d
1636	BENFICA E OVARENSE/ "DISCUTEM" 1º LUGAR	CM	16/01/93	9d
1637	BARCELOS PROMETE/ AQUECER AS ANTAS	CM	16/01/93	11d
1638	NOVO BRAÇO-DE-FERRO/ ENTRE ONU E IRAQUE	CM	16/01/93	22

1639	Collor/ diz -se vítima/ da sua/ transparência	CM	16/01/93	23
1640	"Rato" de automóveis/ apanhado em Albufeira	CM	16/01/93	40
1641	SADDAM/ CONTINUA/ NA MIRA DOS ALIADOS	JN	16/01/93	1
1642	CÂMARA NÃO QUER/ UM "MURO DE BERLIM"/ EM MATOSINHOS	JN	16/01/93	1
1643	FUNÇÃO PÚBLICA ESPERA QUE A GREVE/ ABRA O CAMINHO AO DIÁLOGO	JN	16/01/93	6
1644	COUTO DOS SANTOS "APADRINHOU"/ NOVOS DIRIGENTES DA FAP	JN	16/01/93	7
1645	ISCE NÃO ACREDITA/ NO DESPACHO/ DO SEU "CHUMBO"	JN	16/01/93	7
1646	"ESTICADOR" APANHADO/ COM A "BOCA NA BOTIJA"	JN	16/01/94	8
1647	MAR "ENGOLE" CASEBRE/ EM CASTELO DO NEIVA	JN	16/01/93	11
1648	PLANO "MUDA A CARA"/ A OLIVEIRA DO BAIRRO	JN	16/01/93	12
1649	CRIANÇAS ÀS PORTAS DA MORTE/ COM INTOXICAÇÃO ALCOÓLICA	JN	16/01/93	12
1650	ELECTRIFICAÇÃO DA LINHA FÉRREA/ ARRANCA AINDA ESTE ANO	JN	16/01/93	12
1651	NOVO MERCADO ABASTECEDOR/ ARRANCA NO MÊS DE JUNHO	JN	16/01/93	13
1652	BRAGA À PROCURA/ DO CAMINHO DAS VITÓRIAS	JN	16/01/93	20
1653	LEIÇÕES: UM "MAR" DE ELEIÇÕES/ PARA ASSEMBLEIA GERAL DE HOJE	JN	16/01/93	21
1654	Nuvens na Europa./ guerras em África	P	16/01/93	6
1655	O despertar da minoria húngara	P	16/01/93	12
1656	Sindicatos anunciam/ novas lutas contra o Governo	P	16/01/93	22
1657	"Guerra" de análises divide/ delegada de Saúde e Quercus	P	16/01/93	52
1658	Moeda/ irlandesa/ na corda/ bamba	P	16/01/93	40
1659	Parque da cidade vai arrancar	CP	17/01/93	7
1660	Milagre esteve à vista...	CP	17/01/93	19
1661	Santa Clara a «arder»	CP	17/01/93	24
1662	Infante Santo do avesso	CM	17/01/93	10
1663	"Parte de leão" fica em Lisboa	CM	17/01/93	15
1664	SANTANA MAIA VAI "AGITAR"/ DIÁLOGO COM O GOVERNO	CM	17/01/93	17
1665	ELEIÇÕES EM SALDO PROMOVEM A GUERRA	CM	17/01/93	20-21
1666	"Duche gelado" servido por Nelson Bertolazzi	CM	17/01/93	9d
1667	OFTALMOLOGIA/ DE COIMBRA/ -OS OLHOS/ DA ESPERANÇA	JN	17/01/93	1
1668	NO UNIVERSO DA SUCATA/ NÃO HÁ REI NEM ROQUE	JN	17/01/93	10
1669	UM CENÁRIO AZUL AO RUBRO/ NA FESTA GRANDE DA "TAÇA"	JN	17/01/93	19
1670	JESUS QUER RESSUSCITAR/ SEM IR A BELÉM	JN	17/01/93	22
1671	CRISTÃOS PORTUGUESES/ ABREM CAMINHOS DE UNIDADE	JN	17/01/93	36
1672	Iraque põe condições à ONU/ e "namora" Bill Clinton	P	17/01/93	1
1673	Em luta contra o narcotráfico	P	17/01/93	27
1674	Em luta pela semana inglesa	P	17/01/93	63
1675	Um cheirinho a taça	P	17/01/93	44
1676	Cavaco Silva "apertado"/ por jovens empresários	P	17/01/93	48
1677	Taça da emoção transbordou nas Antas	CP	18/01/93	1
1678	Política de saúde mental «é de loucos»	CP	18/01/93	4
1679	GNR trava «aceleras»	CP	18/01/93	6
1680	Exército apoia <i>passo</i> democrático	CP	18/01/93	14
1681	Raul José - o «carrasco» do costume	CP	18/01/93	20
1682	Boavista: <i>xequ</i> ao rei	CP	18/01/93	26
1683	MERCADOS "ABALADOS"/ PELAS BOMBAS NO GOLFO	CM	18/01/93	12
1684	CORDÃO HUMANO POR XANANA	CM	18/01/93	16
1685	'FESTIVAL' DE RAUL JOSÉ/ GARANTE QUALIFICAÇÃO	CM	18/01/93	3d
1686	DEZ MINUTOS DE 'OURO'/ DÃO VITÓRIA A 'TRICOLORES'	CM	18/01/93	5d
1687	Mostovoi foi 'pai' do empate	CM	18/01/93	7d
1688	QUINTA DO VALE MINHOTO:/ UM PARAÍSO EM TONDELA	CM	18/01/93	30
1689	NO JOGO DE GIGANTES/ NENHUM TOMBOU	JN	18/01/93	1
1690	HORÁRIOS: UMA OUTRA FACE/ DA SUBALTERNIDADE...	JN	18/01/93	7
1691	APLAUSOS SELARAM/ FIM DO BLOQUEIO EM OSSELA	JN	18/01/93	11
1692	NOVO QUARTEL DA GNR/ ARRANCA EM MARÇO	JN	18/01/93	12
1693	MAIS DOIS APARELHOS/ "ATERRAM" EM PALMEIRA	JN	18/01/93	14
1694	PASSIVO QUE VEM DE LONGE/ "TRAVA" CARREIRAS URBANAS	JN	18/01/93	15

1695	F.C.PORTO E BENFICA/ -LUZ VERDE/ SÓ NA LUZ	JN	18/01/93	19
1696	ESPAÑA: CORUNHA NÃO DESARMA!...	JN	18/01/93	25
1697	NOGUEIRENSE/ TRAVOU ATAENSE	JN	18/01/93	26
1698	ESTRELA DA SORTE BRILHOU/ NOS ÚLTIMOS SEGUNDOS	JN	18/01/93	29
1699	Chuva de mísseis	P	18/01/93	1
1700	A economia/ norte-americana/ na encruzilhada	P	18/01/93	1
1701	Acordo com PS/ não passou	P	18/01/93	7
1702	Perigo espreita à entrada das aulas	P	18/01/93	43
1703	Albertina Dias de vento em popa	P	18/01/93	IX
1704	Medo de lixeira nuclear/ volta a agitar Sayago	P	18/01/93	22
1705	Parque de Matosinhos já arrancou	CP	19/01/93	11
1706	Esperança renasce na África do Sul	CP	19/01/93	14
1707	A herança de George Bush	CP	19/01/93	15
1708	Neve «engole» 300 pessoas	CP	19/01/93	15
1709	Morta «hospedou-se» num aeroporto	CP	19/01/93	15
1710	Agricultores «paralisam» mercado	CP	19/01/93	19
1711	Alentejo em xeque	CP	19/01/93	29
1712	CE «descongela» a situação	CP	19/01/93	30
1713	Novo Colgate «demolidor»	CP	19/01/93	30
1714	Novo fôlego para o porto de Maputo	CP	19/01/93	30
1715	"Pulmão"/ de Lisboa nasce/ na Encosta/ da Saúde	CM	19/01/93	9
1716	PS ACHA QUE SAÚDE VIVE/ EM 'REPÚBLICA DE BANANAS'	CM	19/01/93	18
1717	Câmara de Coimbra posta em xeque	CM	19/01/93	20
1718	DINAMARCA DESLIZA/ PARA 'SIM' A MAASTRICHT	CM	19/01/93	21
1719	Benfica mais/ isolado na 'cabeça/ do pelotão'	CM	19/01/93	1d
1720	Aston Villa 'à martelada'/ nos 'diabos' de Manchester	CM	19/01/93	3D
1721	AC Milão continua/ 'cavalgada heróica'	CM	19/01/93	3D
1722	Bundesliga não gosta/ de se ver ao espelho	CM	19/01/93	3D
1723	QUANDO A TARDE É DE PRATA(S)/ O SILÊNCIO É DE... OIRO	CM	19/01/93	6d-7d
1724	"ESTRELA" DE CUNHA E SILVA/ SÓ DUROU TRÊS PARTIDAS	CM	19/01/93	9d
1725	DA BOAVISTA/ AO MARQUÊS/ VAI SER UM "TIRO"	JN	19/01/93	1
1726	NA RUA DAMIÃO DE GÓIS/ NASCE ALTERNATIVA/ À CONSTITUIÇÃO	JN	19/01/93	9
1727	EDITAL PÕE A "NU" EM AMARES/ UM "MONSTRO" ARQUITECTÓNICO	JN	19/01/93	12
1728	"REDS" DE LIVERPOOL/ DESCEM AO INFERNO	JN	19/01/93	20
1729	Imprensa na mira do PSD	P	19/01/93	1
1730	Rússia faz tremer aliança/ contra o Iraque	P	19/01/93	2-3
1731	Empresa Greendays/ na mira autárquica	P	19/01/93	56
1732	Guerras entre a desgraça	P	19/01/93	58
1733	Economia dos Doze em derrapagem	P	19/01/93	40
1734	Turismo "engorda" receitas cambiais	P	19/01/93	41
1735	Telefones mortos, bomba na companhia	P	19/01/93	47
1736	Bill Clinton rejeita/ «prenda» de Saddam	CP	20/01/93	1
1737	Guerra por Camarate	CP	20/01/93	3
1738	Magistrados superiores em luta	CP	20/01/93	6
1739	Assuntos «quentes» à espera...	CP	20/01/93	11
1740	Cordão humano por Timor	CP	20/01/93	38
1741	BANCO ESPÍRITO SANTO/ COMEÇA "DIETA"	CM	20/01/93	15
1742	Ganhámos/ o Óscar/ da melhor/ moeda	CM	20/01/93	14
1743	ESTUDANTES ACUSAM GOVERNO/ DE ASFIXIAR ACÇÃO SOCIAL	CM	20/01/93	16
1744	PARLAMENTO VAI DAR/ 'CAÇA' À VÍRGULA	CM	20/01/93	18
1745	Comandante dos Açores/ diz que sacrifício/ é 'arma' dos militares	CM	20/01/93	18
1746	Manchester United é 'rei' de Inglaterra	CM	20/01/93	3D
1747	'MUNDIAL' DE RALIS/ ARRANCA AMANHÃ/ EM MONTE CARLO	CM	20/01/93	10D
1748	Sporting sozinho/ na luta pelo título	CM	20/01/93	10d
1749	ESTREIA NEGRA DE LENDL/ FOI FESTA PARA SUECO	CM	20/01/93	12d
1750	SECTOR DA CONSTRUÇÃO/ ESTÁ EM MARÉ BAIXA	CM	20/01/93	II
1751	BUSH DEIXA A CLINTON/ UM PRESENTE ENVENENADO	CM	20/01/93	22-23



1752	REALIZADORES POSSESSOS/ COM A ACADEMIA FRANCESA	CM	20/01/93	37
1753	CENTENAS FAZEM 'CORDÃO'/ NAS RUAS DE LISBOA	CM	20/01/93	40
1754	CLINTON:/ COMEÇA HOJE/ A "NOVA ERA"	JN	20/01/93	1
1755	UNITA: UMA MÃO/ NO PETRÓLEO/ OUTRA/ NOS DIAMANTES	JN	20/01/93	1
1756	GOLFE/ CONQUISTA/ QUINTA DO FOJO	JN	20/01/93	1
1757	DE UMA ERA/ À "NOVA ERA"	JN	20/01/93	12
1758	BÓSNIA AMEAÇA VOLTAR/ AS COSTAS À CROÁCIA	JN	20/01/93	13
1759	SOCIALISTAS/ FRANCESES/ VÃO SER/ ESMAGADOS/ NAS ELEIÇÕES?	JN	20/01/93	13
1760	FURACÃO SUECO EM MELBOURNE	JN	20/01/93	17
1761	"PUZZLE" FEDERATIVO/ -CONSENSO OU RUPTURA?	JN	20/01/93	19
1762	CABEÇA DE LENDL/ "ROLOU" EM MELBOURNE	JN	20/01/93	21
1763	ECONOMIA ALEMÃ/ CONTINUA SAUDÁVEL	JN	20/01/93	30
1764	Dia um/ da era/ Clinton	P	20/01/93	1
1765	O Presidente-Sol	P	20/01/93	2-3
1766	O triângulo infernal	P	20/01/93	20
1767	Sopa Seca a pique	P	20/01/93	60
1768	Há alternativa à escola biodegradável?	P	20/01/93	30
1769	Intercharter arranca em Junho	P	20/01/93	44
1770	BES: concorrência esmaga resultados	P	20/01/93	46
1771	Homens-chave na política externa	CP	21/01/93	12
1772	Em Hope renasceu a esperança	CP	21/01/93	13
1773	Brilhou a «Festa das Fogaceiras»	CP	21/01/93	18
1774	Hawks <i>arrancam</i> vitória	CP	21/01/93	25
1775	Clinton promete/ 'nova era'	CM	21/01/93	1
1776	Judiciária 'descarrila'/ comboio de dinheiro	CM	21/01/93	4
1777	DINAMARCA/ NÃO LEVARÁ/ 'BARCO' EUROPEU/ A BOM PORTO	CM	21/01/93	21
1778	regresso de Futre/ ao Sporting/ 'abafa' quotidiano/ dos 'AA'	CM	21/01/93	1d
1779	'SUB 21' ESTÃO/ ESPERANÇADOS/ EM 'DAR BANHO'/ AOS MALTESES	CM	21/01/93	1d
1780	'Gigantes' em queda/ no 'Open'/ da Austrália	CM	21/01/93	1D
1781	SEM A 'POÇÃO MÁGICA'/ DE 'PAPINZIX' E 'CANTONIX'	CM	21/01/93	3D
1782	MARCO PAULO 'AGARRA'/ LUGAR NO 'ONZE' NACIONAL	CM	21/01/93	6D
1783	CLINTON PROMETE/ 'UMA NOVA ERA'	CM	21/01/93	26
1784	SAVIMBI/ VOLTA/ A CANTAR/ DE GALO	JN	21/01/93	1
1785	EUROPA A DUAS VELOCIDADES/ "PASSA" EM ESTRASBURGO	JN	21/01/93	3
1786	OBRAS DO NÓ FERROVIÁRIO/ AVANÇAM A TODO O VAPOR	JN	21/01/93	9
1787	SOUSA/ CINTRA/ À CONQUISTA/ DE FUTRE	JN	21/01/93	17
1788	CHANG E KRAJICEK/ "TORRADOS" AO SOL	JN	21/01/93	22
1789	TROÇO DO IP-3 "ESBARRA"/ COM POVOAÇÃO FENÍCIA	JN	21/01/93	23
1790	TRIBUNAL DEU LUZ VERDE/ AO ATERRO DE RIBA DE AVE	JN	21/01/93	25
1791	BENFICA/ "ENTERROU"/ TAÇA/ DA EUROPA/ NA CROÁCIA	JN	21/01/93	26
1792	A mudança é um amigo	P	21/01/93	1
1793	Cabinda na mira de Savimbi	P	21/01/93	2-3
1794	Guterres e Bessa acertaram agulhas	P	21/01/93	7
1795	Primavera em Washington	P	21/01/93	8
1796	Legalização de imigrantes/ a passo de caracol	P	21/01/93	21
1797	Testemunha "fantasma"/ e advogado suspenso	P	21/01/93	23
1798	RTP desliga...	P	21/01/93	30
1799	Requiem por uma companhia	P	21/01/93	32
1800	"Black-out" em Madrid	P	21/01/93	34
1801	Arbitragem precisa de "um 25 de Abril"	P	21/01/93	35
1802	Mota Amaral acena a Clinton	P	21/01/93	52
1803	Uma luz para docentes e não docentes	CP	22/01/93	8
1804	Sala do Tesouro nasce na Sé Catedral	CP	22/01/93	11
1805	Saddam brinca ao «gato e ao rato»	CP	22/01/93	14
1806	Armando Moreira «abre» a corrida	CP	22/01/93	15
1807	AM com o lixo como prato forte	CP	22/01/93	17
1808	Tirsense destronado	CP	22/01/93	22

1809	ABONOS/ CRESCEM 6%	CM	22/01/93	1
1810	MARADONA DISPOSTO/ A RECONQUISTAR/ LUGAR NA SELECÇÃO	CM	22/01/93	D3
1811	METRO/ PORTUENSE/ TEM/ LUZ VERDE/ DO/ GOVERNO	JN	22/01/93	1
1812	MAIA LEVANTA VOO/ COM NOVO AERÓDROMO	JN	22/01/93	7
1813	ESCRITÓRIO ERA "BANCO"/ E OS GATUNOS SOUBERAM	JN	22/01/93	8
1814	BOMBAS DA MOBIL/ "VISITADAS" DE NOVO	JN	22/01/93	8
1815	ASSALTANTES NA MIRA DA GNR	JN	22/01/93	8
1816	CENTRAL DE TRANSFORMAÇÃO/ RECEBEU LUZ VERDE	JN	22/01/93	12
1817	OTAN DE MÃOS DADAS/ COM EXÉRCITO FRANCO-ALEMÃO	JN	22/01/93	14
1818	PAULO FUTRE À BEIRA/ DE UM ATAQUE DE NERVOS/ -TREINOU MEIA HORA/ E EVAPOROU-SE...	JN	22/01/93	17
1819	SELECÇÃO A "MEIO-GÁS"/ VENCEU FANHÕES POR 4-0	JN	22/01/93	18
1820	TAÇA DE ESPANHA: SEVILHA/ PASSOU MESMO À TANGENTE	JN	22/01/93	20
1821	CHUVA EM MELBOURNE/ REFRESCOU FAVORITOS	JN	22/01/93	21
1822	Na sucursal do Inferno	P	22/01/93	2-3
1823	Um anjo de cara linda	P	22/01/93	30
1824	Agricultura ganha/ guerra do açúcar	P	22/01/93	39
1825	Prova de fogo	CP	23/01/93	1
1826	À luz do Plano Director	CP	23/01/93	14
1827	À beira de um ataque de nervos	CP	23/01/93	18
1828	«Bulls» de <i>pedra e cal</i>	CP	23/01/93	21
1829	Rali Sopete ao <i>rubro</i>	CP	23/01/93	23
1830	O milagre do «Expresso»	CP	23/01/93	30
1831	Penhores/ à beira/ da morte	CM	23/01/93	1
1832	Famílias de Camarate/ realojadas a conta-gotas	CM	23/01/93	6
1833	CASAS DE PENHORES/ ESTÃO NO "PREGO"	CM	23/01/93	10
1834	Excedente/ comercial/ 'dispara'/ no Japão	CM	23/01/93	17
1835	Jornada tranquila com duelo açoriano	CM	23/01/93	10d
1836	JOGADORES DE ESPANHA/ DOMINAM 'DUELO IBÉRICO'	CM	23/01/93	12d
1837	CLINTON/ JÁ COMEÇOU/ A FAZER JUSTIÇA/ -MINISTRA/ FOI AO AR...	JN	23/01/93	1
1838	ISENÇÃO/ DE PROPINAS/ -UM BODO/ AOS POBRES	JN	23/01/93	1
1839	CAÇA/ AO ZAIRENSE/ NAS RUAS/ DE LUANDA	JN	23/01/93	1
1840	SECTOR TÊXTIL/ TRABALHOU A MEIO GÁS	JN	23/01/93	5
1841	INFORMAÇÃO EM "CARROSSEL"/ NAS PARAGENS DOS <i>STCP</i>	JN	23/01/93	8
1842	"CAÇA" AOS ZAIRENSES/ NOS MERCADOS DE LUANDA	JN	23/01/93	15
1843	SENADO DERROTOU CLINTON/ -JUSTIÇA SEM MÃO DE MULHER	JN	23/01/93	16
1844	ATINGIR OS "QUARTOS" SERÁ/ UM TÓNICO PARA O CAMPEONATO	JN	23/01/93	19
1845	BENFICA "ENSAIA"/ LIDERANÇA DO CASCAIS	JN	23/01/93	20
1846	PORTUGUESES/ (IN)FELIZES/ COM REIS/ EM "XEQUE"	JN	23/01/93	20
1847	MONICA TURBO E JIM DIESEL	JN	23/01/93	21
1848	JORNADA "QUENTE"/ EM QUATRO PAVILHÕES	JN	23/01/93	22
1849	Caça aos zairenses em Luanda	P	23/01/93	1
1850	Explosão/ provoca/ chuva de pedras/ em Braga	P	23/01/93	1
1851	Delegados/ em branco	P	23/01/93	5
1852	A "caça ao zairense"	P	23/01/93	12
1853	Chuva de pedras em Braga	P	23/01/93	50
1854	O Homem-Caixa	P	23/01/93	27
1855	Sporting «corta»/ com o Benfica	CP	24/01/93	1
1856	Sporting corta relações com Benfica	CP	24/01/93	16
1857	Facilidades no aborto/ põem EUA em «guerra»	CP	24/01/93	1
1858	A «estrela» nos bastidores	CP	24/01/93	5
1859	Rocha dos Santos por um fio	CP	24/01/93	5
1860	Leça sobe em flecha	CP	24/01/93	18
1861	Jorge na <i>Bica</i> do êxito	CP	24/01/93	22
1862	Benfica brilhou na Luz	CP	24/01/93	22
1863	Laranjas amargas e doces	CP	24/01/93	24
1864	Portugal na mira dos húngaros	CP	24/01/93	25

1865	SPORTING CORTA COM BENFICA	CM	24/01/93	1
1866	MONTEIRO INTOCÁVEL VENCE/ TEMPESTADE EM COPO DE ÁGUA	CM	24/01/93	16
1867	Domingos/ e Rui/ Águas/ na frente/ de ataque	CM	24/01/93	1d
1868	Resultado apagado em jogo sem brilho	CM	24/01/93	3d
1869	SPORTING ANUNCIA CORTE/ DE RELAÇÕES COM BENFICA	CM	24/01/93	4d
1870	LOCAIS CHEGARAM/ A MASSACRAR	CM	24/01/93	5d
1871	'Isso é papel/ molhado'	CM	24/01/93	4d
1872	ITÁLIA IA 'CAINDO'/ EM LA VALETTA...	CM	24/01/93	6d
1873	Mau tempo "ataca"/ em todo o mundo	CM	24/01/93	19
1874	GRAÇA LOBO/ ATACA 'OS HOMENS'	CM	24/01/93	29
1875	SPORTING/ CORTA RELAÇÕES/ COM O BENFICA	JN	24/01/93	1
1876	SUBSÍDIOS A CONTA-GOTAS/ AGRAVAM DESEMPREGO EM BEJA	JN	24/01/93	6
1877	PRÉDIO EM COIMBRÕES (GAIA)/ PROVOCA "ONDAS" ENTRE VIZINHOS	JN	24/01/93	11
1878	SPORTING CORTOU/ RELAÇÕES/ COM O BENFICA	JN	24/01/93	19
1879	SEM SABER LER NEM ESCREVER	JN	24/01/93	21
1880	DIRECÇÃO DE CINTRA/ CORTA RELAÇÕES/ COM A DE BRITO	JN	24/01/93	22
1881	TAMPINHA "SALTOU"/ NO TORNEIO VÍTOR BAÍA	JN	24/01/93	25
1882	"MOSCARDOS" PICARAM "TOUROS"/ EM PLENO CHICAGO STADIUM	JN	24/01/93	27
1883	CDUL "CHUMBOU" EM COIMBRA	JN	24/01/93	29
1884	PORTUGUESES BRILHAM/ EM SEVILHA	JN	24/01/93	29
1885	A ONU de rabo na boca	P	24/01/93	10
1886	Matosinhos na crista da onda	P	24/01/93	50
1887	A surpresa Garrafeira do Lino/ e o brilho da estrela Tampinha	P	24/01/93	51
1888	A árvore das patacas	P	24/01/93	27
1889	Sporting/ corta relações/ com o Benfica	P	24/01/93	1
1890	Sporting cortou relações com o Benfica	P	24/01/93	37
1891	Contas cruzadas na LAR	P	24/01/93	42
1892	Selectiv: os têxteis em tom de moda	P	24/01/93	42
1893	Patronato em cheque-mate	CP	25/01/93	16
1894	Nó cego na circular urbana	CP	25/01/93	17
1895	Senhora da Hora baqueou!	CP	25/01/93	26
1896	Dragões contundentes	CP	25/01/93	27
1897	Seleção/ 'triste'/ tira/ a ferros/ vitória/ em Malta/ (1-0)	CM	25/01/93	1
1898	DÍVIDAS E INDISCIPLINA/ ENSOMBRAM ANIVERSÁRIO/ DOS BOMBEIROS DO MONTIJO	CM	25/01/93	6
1899	Voluntários/ de Leiria 'ardem'/ com cem/ mil contos	CM	25/01/93	6
1900	MERCADO DA MARINHA/ 'REBENTA PELAS COSTURAS'	CM	25/01/93	8
1901	PRIMAVERA AMERICANA/ CONTAGIA INVESTIDORES	CM	25/01/93	14
1902	VALE A PENA SER AUTARCA/ COM 'VITAMINAS' DA COMUNIDADE	CM	25/01/93	20
1903	Poder local quer fumar cachimbo da paz	CM	25/01/93	20
1904	CHUVA ADIA PROGRAMA/ E PIERCE DÁ 'BICICLETA'	CM	25/01/93	10D
1905	Croata bate israelita/ e Mota é... 'amuleto'	CM	25/01/93	10D
1906	BENFICA 'ESMAGA' VALONGO NA LUZ	CM	25/01/93	11D
1907	"Mar de luz" contra o racismo	CM	25/01/93	22
1908	CORAÇÕES "EM LUTA"/ NO CORAÇÃO DA CIDADE	JN	25/01/93	1
1909	COMUNIDADE/ EM ANO/ DE VACAS/ MAGRÍSSIMAS	JN	25/01/93	1
1910	MONTEIRO PROMETE À DIREITA/ "VISTAS" PARA O PODER	JN	25/01/93	3
1911	(DES)ORDEM NAS FORÇAS DE SEGURANÇA/ PROVOCA BRAÇO DE FERRO/ ENTRE AS POLÍCIAS	JN	25/01/93	5
1912	"PIÃO" FATAL	JN	25/01/93	13
1913	"MAR DE LUZ" EM VIENA/ EM DEFESA DOS ESTRANGEIROS	JN	25/01/93	15
1914	ABEBE E MONEGHETTI/ OS EXPRESSOS DO ORIENTE	JN	25/01/93	25
1915	BENFICA "DRAMATIZOU"/ CASCAIS (19-13)	JN	25/01/93	27
1916	COMUNIDADE EUROPEIA PREPARA-SE/ PARA ANO DE "VACAS MAGRAS"	JN	25/01/93	31
1917	Croatas e sérvios reocupam a cena	P	25/01/93	10
1918	Felipe González toma/ as rédeas do PSOE	P	25/01/93	13
1919	Hospital de Aveiro/ novamente na berlinda	P	25/01/93	41
1920	Maus ventos de Espanha	P	25/01/93	4E

1921	Dólar perdeu terreno contra o marco	P	25/01/93	23E
1922	A nostalgia/ dos anos de ouro	P	25/01/93	26
1923	Vaivéns: sistema de lançamento moribundo	P	25/01/93	30
1924	«Semáforos-polícias» em Gaia	CP	26/01/93	8
1925	Venda de peixe atropela a lei	CP	26/01/93	11
1926	Lamy brilhou	CP	26/01/93	28
1927	Hormonas no fio da navalha	CP	26/01/93	29
1928	Aquário Vasco/ da Gama/ com novos/ "inquilinos"	CM	26/01/93	10
1929	EMPRESÁRIOS PESSIMISTAS/ E ECONOMIA DESACELERA	CM	26/01/93	15
1930	"RECITAL" DO ESGUEIRA/ NA VITÓRIA EM OVAR	CM	26/01/93	8D
1931	'CIRCO' DA F-1/ REGRESSOU/ AO ESTORIL	CM	26/01/93	10d
1932	"PIRATARIA" INFORMÁTICA/ CHEGA AOS TRIBUNAIS	JN	26/01/93	8
1933	HOMOSSEXUAIS:/ DOR DE CABEÇA/ PARA CLINTON	JN	26/01/93	14
1934	COMITIVA NORTENHA/ ENTRE O CÉU E O INFERNO	JN	26/01/93	18
1935	FUTRE É DO BENFICA/ APÓS "MARATONA IBÉRICA"/ NA SEDE DO PARTIDO DE GIL	JN	26/01/93	19
1936	DESPORTIVO DA CORUNHA:/ CAMPEÃO DE INVERNO/ "NADA" EM DINHEIRO!...	JN	26/01/93	19
1937	EDBERG RESSUSCITADO/ E FERREIRA IMOLADO	JN	26/01/93	20
1938	"MAGIC" E MALONE/ FUMARAM O CACHIMBO DA PAZ	JN	26/01/93	20
1939	Gesinfo acusada/ de pirataria informática	P	26/01/93	20
1940	Não se faz política com capelas	CP	27/01/93	1
1941	Torres Couto «seduz» japoneses	CP	27/01/93	5
1942	Estudantes massacram ministro	CP	27/01/93	7
1943	Falta de pessoal «emperra» IPO	CP	27/01/93	12
1944	Alba em «pé de guerra»	CP	27/01/93	21
1945	«Loucura» de Futre na Luz	CP	27/01/93	21
1946	Sub-16 atacam... albaneses!	CP	27/01/93	22
1947	A «guerra» informática	CP	27/01/93	30
1948	Gás/ em fuga/ esventra/ prédio/ de/ habitação	CM	27/01/93	1
1949	AZEITE 'ESCORREGOU' E PRODUÇÃO CAIU PARA 50%	CM	27/01/93	1
1950	"Fechámos a porta"/ a 22 brasileiros	CM	27/01/93	6
1951	Novo Código/ de Avaliações/ foi chumbado	CM	27/01/93	15
1952	Torres Couto condena/ 'capelinhas' no Japão	CM	27/01/93	17
1953	DOZE ESTÃO A 'FURAR'/ LIVRE CIRCULAÇÃO	CM	27/01/93	18
1954	SOARES E CAVACO TÊM/ UM 'BOM CASAMENTO'	CM	27/01/93	19
1955	Tunísia/ quer meter/ lanças em África/ pela mão/ de Portugal	CM	27/01/93	19
1956	FC PORTO "VOA"/ PARA OS "QUARTOS"?	CM	27/01/93	2d
1957	Episódios mais 'quentes'/ da telenovela Paulo Futre	CM	27/01/93	7d
1958	HOMOSSEXUAIS/ NO EXÉRCITO/ -CLINTON/ EM GUERRA/ COM OS GENERAIS	JN	27/01/93	1
1959	CAI A ÁGUIA/ OU TOMBA O DRAGÃO	JN	27/01/93	1
1960	CENTRO SOCIAL DE SOUTELO/ NÃO CHEGA PARA AS "ENCOMENDAS"	JN	27/01/93	9
1961	BENFICA E F.C.PORTO:/ DUELO À LUZ (16H) DA TAÇA	JN	27/01/93	17
1962	FUTRE "DÁ GÁS"/ AO BENFICA-F.C.PORTO	JN	27/01/93	18
1963	CLUBE DE CAÇADORES DE MATOSINHOS/ -UMA NOITE DE GRANDES TIROS...	JN	27/01/93	23
1964	LITERATURA SERÁ UM "PRATO"/ DAS JORNADAS GASTRONÓMICAS	JN	27/01/93	24
1965	ONDAS AGITADAS/ NO RÁDIO CLUBE	JN	27/01/93	25
1966	UM "CHEIRO" A ELEIÇÕES/ NA CÂMARA DA MEALHADA	JN	27/01/93	26
1967	Futre no "ninho das águias"	P	27/01/93	1
1968	Lisboa como "ponte"/ para os PALOP	P	27/01/93	7
1969	Clinton trava pelos "gays"/ o seu primeiro combate	P	27/01/93	12
1970	Barricada contra/ chuva de pedras	P	27/01/93	49
1971	Governo Regional "deixa cair"/ reitor da Universidade da Madeira	P	27/01/93	26
1972	"Futremania" ataca na Luz	P	27/01/93	32-3
1973	Chuva de golos em Itália	P	27/01/93	33
1974	Porto/ sem/ chama	CP	28/01/93	1
1975	Um húngaro no «coração de Portugal»	CP	28/01/93	3

1976	Não à praga da burocracia	CP	28/01/93	5
1977	Uma janela para a reinserção	CP	28/01/93	10
1978	Pró-Vida na estrada do futuro	CP	28/01/93	17
1979	Ao leme da solidariedade	CP	28/01/93	19
1980	Sumo <i>abençoa</i> americano	CP	28/01/93	27
1981	Crédito mal parado «ganha asas»	CP	28/01/93	29
1982	Presidente húngaro no 'coração' de Portugal	CM	28/01/93	22-3
1983	ÁGUIAS EM VOO PICADO/ ESBURACARAM O DRAGÃO	CM	28/01/39	d6-d7
1984	F.C.PORTO/ PERDEU-SE/ NA LUZ	JN	28/01/93	1
1985	ATROFIA NOS SERVIÇOS/ DE ORTOPEDIA INFANTIL	JN	28/01/93	7
1986	NOVOS ESTATUTOS DA AAC/ RECEBEM "LUZ VERDE"	JN	28/01/93	8
1987	COMPLEXO DESPORTIVO DO SALGUEIROS/ NÃO ATA NEM DESATA NA CÂMARA	JN	28/01/93	11
1988	MADRID AFOGA-SE/ ENTRE RUÍDO E SUJIDADE	JN	28/01/93	15
1989	BENFICA FOI ÁGUIA NALUZ/ -F.C.PORTO FORA DOS "QUARTOS"	JN	28/01/93	17
1990	TOYOTA DE AURIOL/ VOOU PARA A GLÓRIA	JN	28/01/93	17
1991	AURIOL ATACOU/ COM A FACA/ CERRADA NOS DENTES	JN	28/01/93	21
1992	INVESTIGADOR "POETA"/ PAGAVA COM FLORES	JN	28/01/39	24
1993	ESCOLA PREPARATÓRIA JÁ TEM "LUZ VERDE"	JN	28/01/93	26
1994	JUSTIÇA, EMPREGO E FINANÇAS/ -AS FONTES DA BUROCRACIA	JN	28/01/93	31
1995	Luta das propinas/ reacende-se hoje	P	28/01/93	1
1996	Narciso em guerra/ contra a Sopete	P	28/01/93	1
1997	Futre foi talismã/ na vitória encarnada	P	28/01/93	1
1998	A Turquia "nunca será o Irão"	P	28/01/93	15
1999	A procissão ainda vai no adro	P	28/01/93	24-25
2000	Narciso vai abrir/ guerra à Sopete	P	28/01/93	49
2001	Cine Águia d'Ouro/ em banho-maria...	P	28/01/93	50
2002	O clube das fábricas mortas	P	28/01/93	64
2003	Acordo a ferros	P	28/01/93	40
2004	Salgueiros/ sem complexo/ «aperta»/ a Câmara	CP	29/01/93	1
2005	Água - Situação está «negra»	CP	29/01/93	18
2006	De <i>alma</i> e sem corpo!	CP	29/01/93	21
2007	Novo «duelo» Seles/Graf	CP	29/01/93	26
2008	Na rasteira do «time-sharing»	CP	29/01/93	29
2009	MINISTÉRIO/ DA EDUCAÇÃO/ VAI ENCOLHER	CM	29/01/93	1
2010	Futre/ não consegue/ fintar/ a tropa	CM	29/01/93	1
2011	Há 'redes' a meter cá brasileiros	CM	29/01/93	1
2012	Larápios "abotoam-se"/ com 15 câmaras de vídeo	CM	29/01/93	4
2013	GOVERNO DETECTA/ REDES DE IMIGRAÇÃO/ CLANDESTINA	CM	29/01/93	12
2014	COUTO ENCOLHEU/ A EDUCAÇÃO	CM	29/01/93	22
2015	UTL quer "dar a volta" à lei das propinas	CM	29/01/93	22
2016	UM IRLANDÊS/ 'DURO DE ROER'	CM	29/01/93	8d
2017	PEDREGULHO/ "FANTASMA"/ ATINGE CAMIÕES/ NA/ AUTO-ESTRADA	JN	29/01/93	1
2018	HUNGRIA PRETENDE SER/ A PONTE PARA O LESTE	JN	29/01/93	1
2019	COMPANHIA VELHA/ E CASA DO DOURO/ -DIVÓRCIO À VISTA	JN	29/01/93	1
2020	UM "RATO" COM AZAR/ E OUTRO COM SORTE	JN	29/01/93	10
2021	FINAL DE RAINHAS EM MELBOURNE	JN	29/01/93	19
2022	GRAF E SELES À PROCURA/ DE UM LUGAR AO SOL	JN	29/01/39	23
2023	Adesão à Comunidade/ não é "curso de cavalos"	P	29/01/93	8
2024	CE com nervos de aço	P	29/01/93	38
2025	Sargentos reacendem polémica	CP	30/01/93	4
2026	Brasil crucifica Portugal	CP	30/01/93	6
2027	Fumo cinzento em Adis Abeba	CP	30/01/93	12
2028	EUA provocam guerra do aço	CP	30/01/93	33
2029	LINHA DE SINTRA TARDA/ A ENTRAR NOS EIXOS	CM	30/01/93	12
2030	PODER JUDICIAL E POLÍTICO/ EM CHOQUE DE COMPETÊNCIAS	CM	30/01/93	22-23
2031	EXPLOÇÃO/ DE VIOLÊNCIA/ NA CAPITAL/ DO ZAIRE	CM	30/01/93	24

2032	Purga na Sérvia	CM	30/01/93	25
2033	CLINTON A 'MEIO GÁS'/ EM DEFESA DOS 'GAYS'	CM	30/01/93	26
2034	TEMOS DE PROVOCAR UM "SISMO"/ NA ÁREA DA INVESTIGAÇÃO	JN	30/01/93	7
2035	CARRO "DESCALÇO"/ ASSENTA EM TIJOLOS/ NA AVENIDA DA LIBERDADE	JN	30/01/93	12
2036	FEDERAÇÃO E LIGA/ "DE COSTAS VOLTADAS"	JN	30/01/93	21
2037	BULLS "ABATIDOS" EM HOUSTON/ COM GEORGE BUSH NA BANCADA	JN	30/01/93	21
2038	Futre abate direcção da RTP	P	30/01/93	1
2039	Um bebé com 10.000 anos	P	30/01/93	22
2040	Sismo Futre na 5 de Outubro	P	30/01/93	30
2041	O enterro do G7	P	30/01/93	37
2042	Porto de Mar em maré alta	CP	31/01/93	15
2043	Em velocidade de cruzeiro	CP	31/01/93	19
2044	Senhor do Padrão perdido no <i>Paraíso</i>	CP	31/01/93	23
2045	Os Sete moribundos	CP	31/01/93	27
2046	Sombras no auditório	CP	31/01/93	29
2047	Plástico «destrona» madeira	CP	31/01/93	28
2048	FARENSE EM FORÇA/ PARA DAR O 'SALTO'	CM	31/01/93	4D
2049	NOVAMENTE ISAÍAS/ O 'QUEBRA-MONOTONIAS'	CM	31/01/93	6D-7D
2050	LISBOA NA ROTA/ DA PAZ ANGOLANA	CM	31/01/93	22
2051	PRESIDÊNCIA/ ABERTA/ "FECHADA"/ ÀS QUEZÍLIAS	JN	31/01/93	1
2052	DIA NEGRO PARA AS RELAÇÕES/ LUSO-BRASILEIRAS	JN	31/01/93	6
2053	UNIVERSIDADE PORTUGUESA/ CONTINUA "OPACA E SECRETA"	JN	31/01/93	8
2054	SOLAR DESFEITO PELO FOGO/ AGUARDA "MANGUEIRA" DA <i>SEC</i>	JN	31/01/93	13
2055	PORTO/ DE CAMPEONATO/ CONTINUA FINO/ E SABOROSO	JN	31/01/93	19
2056	BENFIQUISTAS/ NÃO PASSARAM/ EM BARCELOS	JN	31/01/93	19
2057	ESTRELAS/ SEM BRILHO	JN	31/01/93	22
2058	AMARES: VITÓRIA SUADA/ EM JOGO "QUENTE" ...	JN	31/01/93	22
2059	"Calcio" num mar de lama	P	31/01/93	47
2060	Cowboys à caça dos Buffalo Bills	P	31/01/93	53



## 6.2. APÊNDICE 2: INVENTÁRIO DAS CONFIGURAÇÕES SINTÁCTICAS DOS TÍTULOS DO CORPUS

Com este segundo apêndice, pretendemos complementar a informação contida nos quadros e nas análises do capítulo 4.1, já que, nesse capítulo, apenas foram transcritos alguns exemplos de cada uma das configurações sintáticas encontradas. Assim, nas tabelas abaixo fornecidas, encontram-se inventariados todos os títulos do corpus, através do seu número de ordem (consultar o Apêndice 1 para a identificação do título e sua localização no respectivo jornal), de acordo com a configuração sintáctica apresentada.

### A. Títulos frase:

#### Categoria A.1

1	98	177	283	371	462
10	99	189	288	372	470
16	102	192	298	373	472
18	118	193	299	374	474
20	122	199	303	378	475
25	123	202	304	386	476
29	124	205	316	388	479
30	128	206	317	389	480
36	129	212	322	397	484
44	131	215	323	398	487
46	132	218	330	405	489
52	134	227	337	413	490
62	137	234	341	418	492
71	142	236	344	422	493
72	144	244	349	424	494
74	147	257	355	425	498
80	160	259	356	429	499
85	162	263	362	433	503
86	170	268	363	439	515
87	171	275	364	443	517
89	173	277	365	446	518
94	174	278	366	454	524

---

539	690	870	1060	1264	1466
546	696	871	1061	1267	1467
548	700	876	1070	1270	1479
549	703	878	1071	1277	1480
556	704	879	1072	1280	1487
560	707	884	1081	1281	1492
561	709	885	1082	1283	1499
565	710	893	1085	1285	1500
568	721	895	1091	1288	1512
574	731	896	1093	1295	1515
578	732	899	1100	1296	1522
579	736	902	1103	1308	1526
583	737	910	1104	1311	1533
594	738	919	1108	1313	1534
604	741	921	1113	1316	1546
611	742	922	1114	1318	1549
615	743	923	1117	1324	1550
616	745	935	1134	1326	1551
620	751	938	1137	1327	1555
623	753	939	1150	1330	1556
625	758	942	1152	1341	1561
627	763	946	1157	1349	1562
629	774	955	1158	1362	1565
633	777	964	1178	1363	1568
635	782	965	1179	1366	1572
640	783	967	1182	1378	1573
644	785	968	1184	1385	1575
647	788	970	1192	1387	1577
649	791	981	1193	1388	1578
650	803	995	1200	1389	1582
651	805	996	1208	1396	1585
652	822	998	1209	1397	1586
653	823	999	1212	1403	1588
662	826	1001	1222	1405	1595
664	827	1006	1227	1413	1600
671	828	1015	1231	1416	1602
672	832	1017	1232	1417	1603
673	834	1020	1237	1419	1606
674	840	1026	1238	1420	1610
676	842	1035	1239	1422	1611
677	843	1036	1242	1423	1614
678	846	1043	1244	1424	1626
681	847	1045	1245	1426	1635
682	853	1046	1248	1438	1636
683	861	1055	1249	1449	1637
684	867	1058	1251	1452	1642
686	869	1059	1261	1458	1643



---

1644	1712	1782	1874	1942	1993
1647	1716	1783	1876	1943	2004
1656	1721	1791	1877	1946	2010
1657	1727	1794	1882	1948	2012
1664	1730	1806	1897	1952	2013
1665	1734	1811	1898	1953	2014
1671	1736	1812	1901	1954	2017
1679	1741	1816	1903	1955	2025
1680	1742	1819	1906	1969	2026
1685	1745	1821	1911	1971	2028
1691	1753	1824	1915	1980	2034
1694	1756	1836	1917	1981	2038
1697	1774	1845	1921	1983	2047
1704	1775	1850	1925	1984	2054
1708	1776	1866	1938	1986	
1710	1778	1869	1941	1988	

**Categoria A.2**

19	309	642	1010	1299	1504
21	310	665	1016	1302	1510
42	329	675	1029	1314	1516
50	367	708	1039	1317	1517
75	382	711	1051	1322	1518
101	393	740	1062	1329	1531
106	406	750	1065	1336	1569
135	407	781	1066	1343	1574
155	420	787	1090	1347	1609
156	452	798	1105	1350	1650
164	459	804	1112	1354	1651
179	471	808	1128	1356	1659
180	481	835	1148	1374	1670
183	486	839	1160	1379	1677
187	516	850	1161	1382	1689
200	534	854	1170	1386	1692
214	570	862	1177	1398	1693
217	580	865	1186	1406	1698
231	582	917	1204	1415	1701
238	585	975	1228	1429	1702
239	598	977	1236	1432	1705
240	601	987	1247	1441	1706
243	603	989	1253	1451	1715
245	607	991	1269	1460	1726
254	626	997	1290	1482	1747
287	630	1000	1298	1503	1762

1769	1786	1834	1872	1895	1972
1772	1798	1840	1873	1900	1991
1773	1804	1860	1881	1902	2009
1784	1805	1862	1883	1926	2056
1785	1809	1870	1884	1956	

**Categoria A.3**

2	343	666	990	1395	1723
6	351	679	1023	1455	1725
8	354	680	1050	1457	1746
26	392	714	1052	1465	1749
28	399	719	1054	1485	1750
73	402	722	1077	1514	1763
90	421	723	1092	1519	1779
108	434	726	1116	1543	1792
109	445	739	1130	1548	1833
113	448	767	1202	1564	1844
115	455	775	1241	1570	1871
117	483	841	1258	1590	1935
153	502	859	1262	1594	1964
161	531	886	1272	1615	1997
204	538	905	1282	1616	1998
232	542	913	1325	1633	2018
246	543	916	1355	1641	2023
313	597	940	1360	1660	2053
325	621	941	1370	1663	2055
334	658	976	1375	1678	
339	659	986	1380	1687	

**Categoria A.4**

7	260	624	1022	1309	1535
11	266	636	1056	1368	1558
13	300	641	1057	1390	1563
24	333	657	1111	1391	1631
38	335	685	1132	1427	1645
49	444	702	1136	1433	1718
64	526	705	1140	1437	1722
68	528	761	1147	1439	1724
70	533	848	1163	1440	1728
84	545	872	1243	1445	1789
157	553	887	1246	1446	1801
185	564	892	1256	1463	1855
194	581	897	1297	1497	1865
211	595	898	1301	1508	1899
222	618	983	1305	1527	1918

---

1931	1960	1992	2029
1932	1990	1999	2035

**Categoria A.5**

43	290	628	1033	1567	1790
45	369	794	1042	1571	1910
82	370	797	1075	1593	1950
88	390	810	1109	1596	1962
136	414	811	1293	1604	2000
140	437	907	1312	1630	2015
178	464	912	1348	1648	
184	501	915	1351	1686	
195	530	932	1359	1744	
284	536	933	1547	1751	
285	576	947	1560	1758	

**Categoria A.6**

121	600	779	1203	1709	1889
146	619	789	1240	1743	1890
176	634	925	1342	1777	1916
258	727	937	1364	1856	
276	752	1034	1521	1857	
312	755	1044	1544	1875	
575	768	1095	1579	1878	
577	773	1106	1632	1880	

**Categoria A.7**

3	469	772	815	1319	1511
438	754	778	1094	1509	1802

**Categoria A.8**

83	868	963	1173	1612
532	936	1138	1205	1639

**Categoria A.9**

91	327	1292	1668
188	953	1475	2011

**Categoria A.10**

1049

**Categoria A.11**

262	385	728
-----	-----	-----

**Categoria A.12**

60	208	1537	1768
125	1369	1759	

**Categoria A.13**

468	473	1172	1951
-----	-----	------	------

**Categoria A.14**

35	535	776	1028	1320	1940
415	735	914	1315	1525	1995

**Categoria A.15**

467	903
-----	-----

**Categoria A.16**

58	314	463	994	1443	1837
95	332	555	1037	1468	1904
167	340	593	1139	1496	1905
169	353	602	1151	1532	1949
181	375	873	1153	1538	1959
216	404	875	1206	1581	1987
264	411	980	1331	1618	
291	430	992	1339	1672	
308	440	993	1394	1813	

**B. Títulos elípticos****Categoria B.1.1**

47	348	717	1119	1344	1520
66	396	816	1164	1442	1553
126	485	837	1187	1476	1566
150	500	959	1191	1488	1580
252	509	1007	1201	1490	1601
294	608	1027	1215	1493	1713
321	697	1030	1218	1501	1765

---

1766	1847	1863	1912	2007
1797	1854	1896	1947	2045

**Categoria B.1.2**

79	233	849	1024
----	-----	-----	------

**Categoria B.1.3**

4	127	255	387	540	669
5	130	256	391	541	670
9	133	261	394	551	688
12	138	267	395	552	689
15	141	270	401	557	692
17	143	271	403	558	693
23	145	272	409	562	694
34	148	279	417	563	695
37	149	280	423	566	698
39	151	292	431	567	699
40	154	293	432	569	701
41	158	295	435	571	706
48	159	296	436	572	712
51	163	297	447	573	715
53	175	302	449	584	716
54	182	305	450	586	718
55	186	306	451	587	729
56	191	307	456	588	730
57	196	311	460	589	744
59	201	315	465	590	746
61	203	318	478	596	756
67	207	319	482	599	759
76	210	320	488	605	762
77	213	324	497	606	764
81	219	326	504	610	765
92	221	328	505	612	766
93	223	331	506	622	769
96	224	336	511	631	771
100	230	338	512	632	780
103	235	346	513	637	784
104	237	357	514	638	790
105	247	358	519	643	792
107	248	361	520	648	793
110	249	376	521	654	795
112	250	379	522	660	796
114	251	380	523	661	801
119	253	381	527	663	802

---

806	972	1143	1286	1486	1707
807	979	1144	1287	1489	1711
809	982	1146	1289	1494	1714
812	984	1154	1294	1495	1720
813	985	1155	1306	1498	1729
814	988	1156	1310	1505	1731
817	1003	1162	1321	1507	1732
818	1004	1165	1323	1513	1733
819	1008	1166	1328	1523	1737
824	1009	1167	1332	1524	1738
829	1012	1168	1338	1530	1739
830	1014	1169	1340	1536	1740
833	1019	1171	1346	1540	1760
836	1025	1174	1352	1542	1764
838	1031	1175	1361	1554	1767
844	1032	1176	1367	1576	1771
856	1040	1180	1371	1587	1780
858	1047	1185	1372	1597	1787
864	1048	1188	1373	1598	1793
866	1064	1189	1377	1599	1795
877	1068	1190	1381	1605	1796
880	1069	1195	1383	1607	1799
882	1074	1197	1392	1608	1800
883	1076	1214	1393	1613	1803
888	1078	1216	1399	1617	1807
894	1079	1217	1402	1619	1815
901	1084	1219	1407	1623	1823
904	1086	1220	1408	1624	1825
906	1087	1221	1409	1625	1828
909	1088	1223	1412	1627	1829
920	1089	1234	1414	1628	1830
927	1096	1250	1421	1629	1831
928	1097	1252	1428	1634	1835
929	1098	1254	1431	1638	1839
930	1099	1255	1444	1649	1841
931	1101	1257	1447	1652	1842
943	1107	1259	1448	1654	1846
945	1110	1260	1450	1655	1848
948	1115	1263	1456	1658	1849
950	1118	1268	1459	1661	1851
951	1121	1271	1464	1662	1852
952	1122	1273	1470	1669	1853
957	1123	1274	1471	1675	1858
960	1124	1276	1472	1684	1859
961	1126	1278	1474	1699	1861
962	1131	1279	1478	1700	1864
969	1133	1284	1481	1703	1867

---

1885	1919	1957	1982	2027	2046
1886	1920	1958	1985	2030	2048
1888	1922	1966	1996	2031	2050
1891	1924	1967	2001	2032	2052
1893	1927	1970	2002	2033	2057
1894	1928	1973	2003	2036	2059
1907	1930	1974	2020	2039	2060
1908	1934	1975	2021	2040	
1909	1944	1977	2022	2041	
1913	1945	1978	2024	2042	

**Categoria B.1.4**

614	510	851	1345	2049	
-----	-----	-----	------	------	--

**Categoria B.1.5**

345	547	891	1817	2016	
427	845	1529	1887	1968	

**Categoria B.2.1**

220	821	1213	1557	1826	2043
226	852	1225	1673	1827	
408	1005	1291	1674	1976	
426	1083	1304	1757	1979	
428	1129	1473	1781	2006	
667	1194	1506	1822	2008	

**Categoria B.2.2**

97	241	918	1211	1879	
190	352	973	1230		

**Categoria B.3.1**

1141	1183	1376			
------	------	------	--	--	--

**Categoria B.3.2**

416	1539				
-----	------	--	--	--	--

**Categoria B.3.3**

360	1502				
-----	------	--	--	--	--

**Categoria B.3.4**

33	453	831	1149	1462
198	687	900	1229	1469
269	786	1073	1353	1559

**Categoria B.4.1**

120	281	592	1333	1621
152	301	874	1425	1748
172	477	890	1584	1752
273	529	1199	1591	

**Categoria B.4.2**

31	442	757	1038	1434	1788
69	457	760	1063	1435	1808
78	461	800	1080	1436	1810
116	466	825	1135	1453	1814
166	491	855	1142	1454	1832
225	507	881	1181	1461	1868
228	508	889	1196	1552	1937
229	591	908	1198	1583	1939
242	609	924	1224	1620	1965
289	613	944	1235	1640	2037
347	617	949	1307	1646	2044
350	668	954	1365	1666	2051
359	713	966	1400	1676	
400	724	974	1401	1683	
419	733	1002	1411	1717	
441	734	1011	1430	1719	

**Categoria B.5**

274	749	956	1357	1735
495	799	1384	1491	

**C. Títulos bissegmentais**

14	111	265	384	537	645
22	139	282	410	544	646
27	165	286	412	550	656
32	168	342	458	554	691
63	197	368	496	559	720
65	209	377	525	639	725



---

747	1018	1226	1477	1688	1933
748	1021	1233	1483	1690	1936
770	1041	1265	1484	1695	1961
820	1053	1275	1528	1696	1963
857	1067	1300	1541	1754	1994
863	1102	1303	1545	1755	2005
911	1120	1334	1589	1761	2019
926	1125	1335	1592	1770	2058
934	1127	1337	1622	1820	
958	1145	1358	1653	1838	
971	1159	1404	1667	1892	
978	1207	1410	1681	1914	
1013	1210	1418	1682	1923	

**D. Títulos mistos**

383	860	1818	1929
655	1266	1843	1989



### 6.3. APÊNDICE 3: INVENTÁRIO DOS ESQUEMAS FONOLÓGICOS UTILIZADOS EM ALGUNS TÍTULOS DO CORPUS

Neste terceiro apêndice, identificamos, através do número correspondente na base de dados (consultar o Apêndice 1 para a localização completa do título), os títulos que apresentam os esquemas fonológicos estudados no capítulo 4.3. Esta informação pretende colmatar, com mais casos, as exemplificações aí fornecidas.

#### Aliteração

201	404	984	1185	1432	1892
226	430	1030	1252	1438	1968
230	920	1031	1271	1514	1992
279	924	1106	1280	1568	2023
308	942	1133	1302	1668	2029
332	958	1151	1331	1824	2044
340	965	1166	1349	1873	

#### Rima

332	1041	1267	1613	1757	1879
599	1063	1391	1635	1805	1987
602	1158	1581	1697	1860	2049

#### Jogos de palavras baseados na homonímia

188	496	812	1079	1431	1653
191	534	903	1181	1442	1695
233	641	920	1201	1489	1698
337	655	988	1204	1492	1861
459	695	1019	1213	1514	1961
492	741	1020	1389	1619	2057

#### Jogos de palavras baseados na polissemia

50	151	175	219	246	300
52	154	184	223	253	301
65	165	196	225	257	318
76	169	198	235	273	321
122	172	199	241	294	333

341	677	912	1251	1460	1846
343	680	919	1252	1468	1874
348	683	933	1262	1475	1877
379	691	934	1263	1482	1881
394	719	936	1264	1486	1882
413	721	950	1269	1488	1883
448	722	958	1271	1540	1892
452	724	979	1274	1541	1899
454	727	1003	1279	1557	1908
457	728	1005	1290	1561	1934
466	733	1007	1292	1562	1949
470	734	1018	1303	1579	1951
478	756	1034	1316	1582	1958
484	757	1049	1318	1587	1959
485	765	1056	1323	1595	1963
487	777	1057	1324	1607	1964
494	782	1066	1350	1608	1965
495	805	1067	1365	1667	1974
497	811	1107	1366	1670	1983
529	814	1108	1371	1677	1985
531	818	1111	1383	1682	1989
545	819	1124	1391	1693	2005
551	820	1131	1393	1695	2010
555	830	1142	1399	1712	2024
559	839	1147	1418	1716	2029
569	844	1155	1422	1720	2031
597	845	1171	1425	1762	2037
608	849	1210	1429	1772	2042
620	851	1211	1433	1776	2044
623	859	1212	1437	1786	2051
629	886	1218	1446	1791	2054
645	889	1221	1449	1798	2055
654	890	1225	1450	1812	2058
658	892	1235	1453	1821	2060
674	910	1242	1458	1833	

### Jogos de palavras baseados na paronímia

230	1158	1336	1453	1872
332	1228	1382	1723	
787	1293	1442	1846	



#### 6.4. APÊNDICE 4: INVENTÁRIO DOS DESTAQUES GRÁFICOS DOS VEÍCULOS METAFÓRICOS NOS TÍTULOS DO CORPUS

Com este quarto apêndice, pretendemos complementar a informação do capítulo 4.4, apresentando todos os casos de destaque gráfico do veículo metafórico, uma vez que no referido capítulo apenas se apresentaram alguns casos exemplificativos (consultar o Apêndice 1 para a localização do título no respectivo jornal).

##### **Itálico**

98	482	945	1119	1324	1605
105	589	950	1122	1386	1680
106	638	974	1148	1387	1682
138	639	1011	1193	1428	1774
162	802	1012	1201	1458	1828
188	853	1038	1319	1472	1829
337	878	1040	1320	1473	1861
341	910	1061	1321	1479	1980

##### **Aspas**

2	68	109	134	176	214
8	71	111	136	177	215
9	76	114	137	179	216
10	81	115	139	180	231
12	83	119	140	181	233
21	84	120	151	191	235
22	87	121	153	193	237
23	89	122	154	196	242
32	91	126	156	201	243
44	94	127	160	202	257
47	95	128	164	203	259
48	96	129	172	205	260
59	101	132	173	212	263
67	107	133	174	213	281

---

285	391	540	696	864	1034
286	397	542	702	865	1035
290	398	547	705	868	1036
295	400	549	707	869	1042
298	402	554	708	871	1044
299	405	555	709	875	1045
303	407	558	711	880	1051
307	411	559	712	881	1052
308	417	566	717	882	1053
309	418	574	719	883	1054
310	420	579	722	888	1058
311	424	583	725	889	1059
312	434	587	730	890	1062
313	435	590	737	891	1063
317	438	591	738	898	1064
324	439	592	742	905	1065
325	442	593	745	918	1069
326	454	595	755	919	1075
327	455	604	757	920	1078
328	456	605	776	922	1080
329	457	610	780	923	1082
330	464	615	781	924	1089
332	465	620	783	925	1090
334	467	622	785	938	1091
335	470	623	789	940	1092
343	471	629	791	944	1094
344	478	634	794	948	1097
346	481	640	798	952	1106
347	488	641	804	960	1107
349	493	649	806	963	1108
350	494	650	810	964	1112
351	496	656	813	966	1114
352	501	657	814	975	1115
356	504	661	818	980	1117
357	505	664	819	984	1118
362	506	666	826	994	1122
363	509	672	837	996	1123
364	512	674	840	1001	1130
365	517	675	843	1004	1135
366	521	680	850	1006	1138
367	529	681	857	1017	1140
373	530	682	858	1029	1142
386	536	686	859	1030	1144
389	537	695	861	1033	1147

---

1152	1285	1419	1550	1646	1762
1153	1288	1421	1551	1647	1775
1154	1290	1423	1552	1648	1776
1157	1294	1425	1558	1653	1777
1159	1295	1426	1562	1657	1778
1161	1296	1430	1564	1661	1779
1170	1301	1433	1565	1663	1780
1171	1303	1434	1567	1664	1781
1176	1304	1435	1568	1666	1782
1177	1305	1436	1570	1672	1783
1184	1312	1437	1574	1676	1785
1185	1318	1442	1579	1678	1788
1190	1328	1450	1581	1681	1789
1191	1329	1453	1582	1683	1791
1209	1330	1463	1584	1685	1797
1210	1333	1464	1585	1686	1800
1212	1338	1465	1586	1687	1801
1214	1345	1466	1587	1693	1805
1217	1348	1468	1588	1694	1806
1219	1350	1475	1591	1708	1813
1221	1359	1486	1592	1709	1814
1222	1365	1487	1595	1710	1819
1226	1368	1494	1596	1712	1833
1234	1370	1495	1597	1713	1834
1238	1375	1501	1603	1715	1836
1241	1378	1505	1607	1716	1841
1242	1379	1509	1611	1719	1842
1243	1380	1510	1612	1720	1845
1244	1383	1513	1613	1721	1846
1246	1385	1514	1615	1724	1848
1247	1389	1519	1616	1725	1852
1248	1390	1520	1617	1727	1855
1250	1395	1521	1618	1734	1857
1251	1398	1523	1620	1736	1858
1252	1399	1524	1622	1739	1872
1254	1400	1530	1630	1741	1873
1258	1401	1531	1632	1744	1877
1264	1402	1532	1634	1745	1881
1266	1405	1533	1635	1746	1883
1269	1406	1536	1636	1750	1899
1277	1409	1540	1640	1753	1900
1281	1411	1544	1642	1754	1902
1282	1416	1547	1644	1757	1904
1283	1417	1548	1645	1761	1905

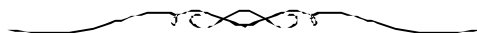
1906	1931	1952	1971	2011	2037
1907	1932	1953	1975	2012	2047
1908	1935	1954	1981	2015	2048
1910	1936	1956	1982	2016	2049
1912	1941	1957	1986	2017	2051
1913	1943	1960	1992	2020	2053
1915	1944	1962	1993	2023	2054
1916	1945	1964	1998	2033	2058
1924	1947	1966	2004	2034	
1928	1949	1967	2005	2035	
1930	1950	1968	2007	2036	

**Parênteses**

332	903	1293	1366	1723	1846
-----	-----	------	------	------	------

**Reticências interiores**

8	224	747	1183	1619
48	537	852	1188	1635
169	545	951	1243	1723
190	551	980	1446	1905
216	655	1181	1453	1946



## ***7. Referências bibliográficas***



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Nas 43 páginas deste capítulo, encontram-se as indicações bibliográficas completas das citações que, ao longo do trabalho, foram sendo indicadas de modo abreviado pelo nome de autor e data de publicação. Elas apresentam-se aqui ordenadas alfabeticamente e, dentro desta ordem, secundariamente por ordem cronológica. As expressões iniciadas pela sequência <http://> significam endereços de páginas da Internet, onde alguns artigos se encontram publicados.

Não incluímos, nesta bibliografia, as obras que, tendo sido lidas ao longo do tempo durante o qual esta tese foi elaborada, não foram citadas por não se relacionarem com a pesquisa. Apesar disso, todas as leituras feitas contribuíram para um alargar de horizontes e um crescimento sem o qual não teria sido possível a realização desta tarefa e provando, mais uma vez, que nenhuma pesquisa científica é obra de uma só pessoa.

1985

*A Bíblia de Jerusalém*, S.Paulo, Edições Paulinas.

ABRAHAM, Werner, 1975

*A Linguistic Approach to Metaphor*, Lisse: The Peter De Ridder Press.

ABREU, Luís Machado de (coord.),1996

*Diagonais das Letras Portuguesas Contemporâneas: Actas do II Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro: Fundação João Jacinto de Magalhães.

ADAMSON, Tim; JOHNSON, Greg; ROHRER, Tim & LAM, Howard, s.d.

'Metaphors We Ought Not Live By: Rush Limbaugh in the Age of Cognitive Science', *Metaphor Center Online*, University of Oregon.  
<http://darkwing.uoregon.edu/~rohrer/rush.htm>

ALARCOS LLORACH, Emilio, 1987

*Estudios de Gramatica Funcional del Español*, Madrid: Ed. Gredos.

ALCOBA, S. & PEREZ-TORNERO, J.M., 1985

'Titling and Journalistic Utterance', in: PARRET, H.; RUPRECHT, H.G. & COQUET, J.C. (coord.), *Exigences et Perspectives de la Sémiotique: Recueil d'Homages pour Algirdas Julien Greimas*, Amsterdam: Benjamins, pp. 397-408.

- ALLEN, J.P.B. & CORDER, S. Pit (coord.), 1974  
*Techniques in Applied Linguistics. The Edinburgh Course in Applied Linguistics*, Volume 3, London: Oxford University Press.
- ALLPORT, Floyd H. & LEPKIN, Milton, 1943  
'Building War Morale with News-Headlines', *Public Opinion Quarterly*, 7, pp. 211-221.
- ALMEIDA, Cirlene Magalhães, 1989  
'Predicação Metafórica e Gerativismo', *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 17, pp.147-162.
- ANDRESEN, Julie, 1981  
'Linguistic Metaphors in Charles de Brosses's *Traité* of 1765 and the History of Linguistics', *Linguisticae Investigationes*, V/1, pp. 1-24.
- APTER, Michael J., 1982  
'Metaphor as Synergy', in: MIALL, David S. (coord.), *Metaphor: Problems and Perspectives*, Sussex: The Harvester Press, pp. 55-70.
- ARISTÓTELES  
*Arte Poética e Arte Retórica*, (trad. de António P. Carvalho), Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1969.
- ARISTÓTELES  
*Poética de Aristóteles*, coord. de Valéentin García Gebra (ed. trilingue), Madrid: Gredos, 1992.
- ARNAUD, Pierre, 1993  
*Les Proverbes*, Workshop realizado na Universidade de Aveiro em 1 de Março de 1993.
- ATTARDO, Salvatore, 1991  
'Gorfein, D.S. (coord.): *Resolving Semantic Ambiguity*' (recensão), *Language*, 67/1 pp. 177-178.
- AUSTIN, J.L., 1978  
*How to do Things with Words*, Oxford: Oxford University Press.
- BAPTISTA, José Afonso, 1993  
*A Linguagem dos Desportos*, Lisboa: Ministério da Educação.
- BARBARESE, J.T., 1986  
'The Measure of the Eye: The Inadequacies of a Critical Metaphor', *Semiotica*, 58-3/4, pp. 315-328.

- BARBOSA, Jorge Morais, 1994  
*Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*, Coimbra: Livraria Almedina.
- BARDIN, Laurence, 1977  
*Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70.
- BARTHES, Roland, 1973  
*Le Plaisir du Texte*, Paris: Seuil (traduzido em português com o título *O Prazer do Texto*, Lisboa: Ed.70, 1974).
- BASTIAENSEN, Michel, 1994  
'Littérature et Titres de Presse: Le Cas Italien', *Meta: Journal des Traducteurs*, Mar., 39/1, pp. 229-240.
- BAUDIN, Fernand, 1990  
'"La Typographie" «entre Guillemets»', *Communication et Langages*, 84, pp. 117-118.
- BAULT, Danielle, 1990  
'Quand le Sens n'est pas dans les Mots', *Le Français dans le Monde*, 234, pp. 61-65.
- BAUSCH, K. Richard, 1968  
'La Métaphore dans la Langue de la Presse d'Aujourd'hui', *Meta*, 13-4, pp. 171-179.
- BEAUGRANDE, Robert de & DRESSLER, Wolfgang, 1981  
*Introduction to Text Linguistics*, New York: Longman.
- BELL, Allan, 1991  
*The Language of News Media*, Oxford/Cambridge: Blackwell.
- BERNARDO, M. Gabriela Cabral, 1985  
*A Ordem dos Constituintes da Frase em Português* (dissertação para as P.A.P.C.C.), Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- BERTHOFF, Ann E. (coord.), 1991  
*Richards on Rhetoric. I.A.Richards: Selected Essays (1929-1974)*, New York/Oxford: Oxford University Press.
- BEX, Tony, 1998  
'Book Review. *Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction* edited by Teun A. van Dijk', *Language and Literature*, Vol. 7, N°2, pp. 179-182.
- BIBER, Douglas, 1986  
'*Strategies of Discourse Comprehension* by Teun A. Van Dijk, and Walter

- Kintsch – review article’, *Language*, 62-3, pp. 664-668.
- BIBER, Douglas, 1991  
*Variation across Speech and Writing*, Cambridge/New York/Melbourne/  
Port Chester/Sydney: Cambridge University Press.
- BICKERTON, D., 1969  
‘Prolegomena to a Linguistic Theory of Metaphor’, *Foundations of  
Language*, 5/1, (reimpresso em Ching, M. et al (coord.), *Linguistic  
Perspectives on Literature*, London: Routledge & Kegan Paul, 1980).
- BIERMAN, Ina, 1997  
‘When Metaphor Counts’, *Language and Literature*, VI/1, pp. 57-68.
- BIRCH, Barbara M., 1990  
‘Charles Ruhl, On Monosemy: A Study in Linguistics Semantics’, *Language*,  
66-4, pp. 881-882.
- BIRCH, David, 1989  
“Working Effects with Words” -Whose Words?: Stylistics and Reader  
Intertextuality’, in: CARTER, Ronald & SIMPSON, Paul (orgs.), *Language,  
Discourse and Literature: An Introductory Reader in Discourse Stylistics*,  
London: Unwin Hyman, pp. 259-277.
- BISCHOFSHAUSEN, Sharon; MAKOID, Lois A. & COLE, James, 1989  
‘Effects of Inference Requirements on Comprehension and Recognition of  
Metaphors’, *Metaphor and Symbolic Activity*, 4(4), pp. 227-246 (resumo  
na Internet).
- BLACK, Elizabeth, 1993  
‘Metaphor, Simile and Cognition in Golding’s *The Inheritors*’, *Language  
and Literature*, II/1, pp. 37-48.
- BLACK, Max, 1988  
‘More About Metaphor’, in: ORTONY, Andrew (coord.), *Metaphor  
and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 19-43.
- BLACK, Max, 1992  
‘Como as Metáforas Funcionam: uma Resposta a Donald Davidson’, in:  
Sacks, S. (coord.), *Da Metáfora*, São Paulo: EDUC/Pontes, pp. 183-193.
- BOERS, Frank & DEMECHELEER, Murielle, 1997  
‘A Few Metaphorical Models in (Western) Economic Discourse’, in: WOLF,  
Andreas Liebert; REDEKER, Gisela & WAUGH, Linda (coord.), *Discourse  
and Perspectives in Cognitive Linguistics*, Amsterdam/Philadelphia: John  
Benjamins Publishing Company, pp. 116-129.

- BOLINGER, Dwight, 1990  
*Language, The Loaded Weapon: The Use and Abuse of Language Today*, London/New York: Longman (cf. cap. 12: "Rival Metaphors and the Confection of Reality").
- BOONS, Jean-Paul, 1971  
'Métaphore et Baisse de la Redondance', *Langue Française*, 11, pp. 15-16.
- BOOTH, Wayne C., 1974  
*A Rhetoric of Irony*, Chicago/London, The University of Chicago Press.
- BOSRENDON, B. & TAMBA, I., 1992  
'Thème et Titre de Presse: Les Formules Bisegmentales Articulées par un "Deux Points"', *L'Information Grammaticale*, 54, pp. 36-44.
- BOYD, Richard, 1988  
'Metaphor and Theory Change: What is "Metaphor" a Metaphor for?', in: ORTONY, A. (coord.), *Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 356-408.
- BRIDGEMAN, Teresa, 1996  
'On the *Likeness* of Similes and Metaphors (with special reference to Alfred Jarry's *Les Jours et les Nuits*)', *The Modern Language Review*, 91(1), pp.65-77.
- BRODERICK, Victor, 1991  
'Young Children's Comprehension of Similarities Underlying Metaphor', *Journal of Psycholinguistic Research*, 20-2, pp. 65-81.
- BROEKSTRA, Gerrit, 1996  
'The Triune-Brain Metaphor: The Evolution of the Living Organization', in: GRANT, D. & OSWICK, C. (coord.), *Metaphor and Organizations*, London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, pp. 51-73.
- BROOKE-ROSE, Christine, 1958  
*A Grammar of Metaphor*, London: Secker and Warburg.
- BUSSE, Winfried & VILELA, Mário, 1986  
*Gramática de Valências*, Coimbra: Livraria Almedina.
- CAMPOS, Maria Henriqueta C. & XAVIER, Maria Francisca, 1991  
*Sintaxe e Semântica do Português*, Universidade Aberta.
- CARDONNE-ARLYCK, Élisabeth, 1984  
'Nom, Corps, Métaphores dans «Les Diaboliques» de Barbey d'Aurevilly', *Littérature*, 54, pp. 3-19.

- CARTER, Ronald & SIMPSON, Paul (orgs.), 1989  
*Language, Discourse and Literature: An Introductory Reader in Discourse Stylistics*, London: Unwin Hyman.
- CARVALHO, José G. Herculano de, 1962  
'Inovação e Criação na Linguagem: A Metáfora', *Separata da Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XX.
- CARVALHO, Nelly, 1996  
'O Léxico da Publicidade', *Language and Literature Today (Proceedings of the XIXth Triennial Congress of the International Federation for Modern Languages and Literatures)*, 2º Vol., Brasília: Universidade de Brasília, pp. 713-720.
- CASAD, Eugene H. 1989  
'Wolf Paprotté and René Dirven (coord.), The Ubiquity of Metaphor' (recensão), *Word*, 40/3, pp. 382-399.
- CASAD, Eugene H., 1992  
'George Lakoff: Women, Fire and Dangerous Things' (recensão), *Word*, 43-2, pp. 227-317.
- CHILTON, Paul & LAKOFF, George, 1989  
'Foreign Policy By Metaphor', *CRL Newsletter* (revista do Center for Research in Language, da Universidade da Califórnia, San Diego), Jun., Vol. 3, nº5.
- CHING, Marvin K.L.; HALEY, Michael C. & LUNSFORD, Ronald F., 1980  
*Linguistic Perspectives on Literature*, London: Routledge & Kegan Paul.
- CHOMSKY, Noam, 1995  
*Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge: MIT Press.
- CHRISTENSEN, Jon, 1996  
'Word Wars', *Great Basin News*, Winter 1996.  
<http://www.sierrawave.com/GreatBasinNews/96winter/wordwars.htm>
- CLEVENGER, Theodore & EDWARDS, Renee, 1988  
'Semantic Distance as a Predictor of Metaphor Selection', *Journal of Psycholinguistic Research*, 17-3, pp. 211-226.
- COIMBRA-E-SILVA, Rosa Lúcia, 1990  
*A Metáfora e a Coesão Lexical no Texto Poético* (trabalho de síntese no âmbito das P.A.P.C.C.), Aveiro: Universidade de Aveiro.
- COIMBRA, Rosa Lúcia, 1996  
'Metáforas de *Perder e Ganhar* nos Títulos de Imprensa Desportivos', in:

- ABREU, Luís Machado de (coord.), *Diagonais Contemporâneas das Letras Portuguesas*, Aveiro: Fundação João Jacinto de Magalhães, pp. 161-169.
- COIMBRA, Rosa Lúcia (no prelo)  
'(Re)ler é Preciso: A Propósito de Algumas Fórmulas de Títulos de Imprensa', *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*.
- COLLOT, Michel, 1987  
'L'Espace des Figures', *Littérature*, n° 65, pp. 84-95.
- COOPER, David E., 1989  
*Metaphor*, Oxford: Blackwell.
- CORACINI, Maria José R. Faria, 1989  
'O Título: Uma Unidade Subjectiva (Caracterização e Aprendizagem)', *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 13, pp. 235-254.
- CORNER, John & HAWTHORN, Jeremy (coord.), 1989  
*Communication Studies: An Introductory Reader*, 3ª ed., London/New York: Edward Arnold.
- COSTERMANS, Jean & ELOSÚA, M. Rosa, 1988  
'Les Réseaux Sémantiques: par delà des Métaphores Spatiales', *Bulletin de Psychologie*, XLI-384, pp. 165-176.
- CORTÈS, Jacques, 1985  
'La Grande Traque des Valeurs Textuelles: Quelques Principes Liminaires pour Comprendre la GT', *Le Français dans le Monde*, n° 192, pp. 28-34.
- COULSON, Seanna, 1995  
'Analogic and Metaphoric Mapping in Blended Spaces: Menendez Brothes Virus', *CRL Newsletter* (Center for Research in Language, University of California), Vol.9, n.1.
- CRISP, Peter, 1996  
'Imagism's Metaphors: A Test Case', *Language and Literature*, 5/2, pp. 79-92.
- CRUSE, D.A., 1992  
'Charles Ruhl, On Monosemy: A Study in Linguistics Semantics' (recensão), *Linguistics*, 30-3, pp. 577-599.
- CRYSTAL, David, 1986  
*A Dictionary of Linguistics and Phonetics*, 2ª Ed., Oxford: Basil Blackwell.

- CRYSTAL, David, 1993  
*The Cambridge Encyclopedia of Language*, Cambridge University Press.
- CRYSTAL, David & DAVY, Derek, 1980  
*Investigating English Style* (cf. cap.7: "The Language of Newspaper Reporting"), London: Longman.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley, 1986  
*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições Sá da Costa.
- DAHER, Zoubeida, 1995  
'Analysis of Analogies Used by Science Teachers', *Journal of Research in Science Teaching*, 32/3, pp. 259-270 (resumo nº EJ514103 na base de dados Eric).
- DAHL, Östen, 1989  
'George Lakoff: Women, Fire and Dangerous Things' (recensão), *Linguistics*, 27, pp. 1143-1152.
- DÄLLENBACH, Lucien, 1979  
'Intertexto e Autotexto', in: *Intertextualidades* (trad. de Poétique nº 27), Coimbra: Livraria Almedina, pp. 51-76.
- DANESI, Marcel, 1989  
'The Role of Metaphor in Cognition', *Semiotica*, 77-4, pp. 521-531.
- DANESI, Marcel, 1990  
'Thinking is Seeing: Visual Metaphors and the Nature of Abstract Thought', *Semiotica*, 80-3/4, pp. 221-237.
- DAVIDSON, Donald, 1992  
'O que as Metáforas Significam', in: SACKS, S. (coord.), *Da Metáfora*, São Paulo: EDUC/Pontes, pp. 35-51.
- DAVIES, Alan & WIDDOWSON, H.G., 1974  
'Reading and Writing', in: ALLEN, J.P.B & CORDER, S. Pit (coord.), *Techniques in Applied Linguistics*, London: Oxford University Press, pp. 154-201.
- DEBATY-LUCA, Thierry, 1988  
'Syntagme et Synthème: une Distinction Irréductible', *La Linguistique*, 24-1, pp. 143-150.
- DEIGNAN, Alice, 1995  
*Metaphor*, London: Harper-Collins Pub.



- DEMERS, Ginette, 1994  
'Actualité Internationale: Les Titres de Presse en Anglais et en Français', *Meta, Journal des Traducteurs*, 39-3, pp.520-529.
- DI PIETRO, Robert J., 1978  
'The Role of Metaphor in Linguistics', in: JAZAYERY, Mohammad Ali et al (coord.), *Linguistics and Literary Studies in Honor of Archibald A. Hill*, The Hague/ Paris/ New York: Mouton Publishers, pp. 99-107.
- DILLER, Anne-Marie, 1991,  
'Cohérence Métaphorique, Action Verbale et Action Mentale en Français', *Communications*, 53, pp. 109-228.
- DOUAY, Michèle, 1988  
'De la Presse à la Pub: l'Ambiguïté entre en Jeu', *Modèles Linguistiques*, 10, pp. 21-31.
- DOUGALL, Pamela Stoll, 1994  
*El Discurso de la Prensa Femenina: Análisis de los Actos de Habla en Titulares de Revistas Femeninas Británicas*, Alicante: Universidade de Alicante.
- DOWNES, William, 1993  
'Reading the Language Itself: Some Methodological Problems in D.C. Freeman's "According to my Bond": King Lear and Recognition', *Language and Literature*, II/2, pp. 121-128.
- DROSTE, Flip G., 1983  
'Reflections on Metalanguage and Object-language', *Linguistics*, 21, pp. 675-699.
- DROSTE, Flip G., 1986  
'On Metaphor and Meta-metaphor', in *Linguistics*, 24, pp. 755-771.
- DUBOIS, J.; EDELINE, F.; KLINKENBERG, J.M.; MINGUET, P.; PIRE, F. & TRINON, H., 1974  
*Retórica Geral*, São Paulo: Editora Cultrix.
- DUNFORD, Richard & PALMER, Ian, 1996  
'Metaphors in Popular Management Discourse: The Case of Corporate Restructuring', in: GRANT, D. & OSWICK (coord.), *Metaphor and Organizations*, London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, pp. 95-109.
- DYSON, Anne Haas, 1990  
'Weaving Possibilities: Rethinking Metaphor for Early Literacy Development', *The Reading Teacher*, 44-3, pp. 202-213.

- ECO, Umberto, 1979  
*The Role of the Reader: Explorations in the Semiotics of Texts* (cf. cap. 2: "The Semantics of Metaphor", pp.67-89), Blomington/London: Indiana University Press.
- ECO, Umberto, 1984  
*Conceito de Texto* (trad. de Carla Queirós), São Paulo/Lisboa: Editora da Universidade de São Paulo/E.P.L.T.C.
- ECO, Umberto, 1994  
'Metáfora', in: ROMANO, Ruggiero (coord.), *Enciclopédia Einaudi*, vol. 31: Signo, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 200-246.
- ECO, Umberto; SANTAMBROGIO, Marco & VIOLI, Patricia (coord.), 1988  
*Meaning and Mental Representations*, Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press.
- EDWARDS, Renee & CLEVINGER, Theodore, 1990  
'The Effects of Schematic and Affective Processes on Metaphorical Invention', *Journal of Psycholinguistic Research*, 19-2, pp. 91-102.
- EHRlich, Marie-France & TARDIEU, Hubert, 1986  
'Le Rôle du Titre sur le Temps de Lecture et de Rappel de Trois Types de Textes', *Bulletin de Psychologie*, XXXIX-375, pp. 397-406.
- EICH, Raymund F., 1997  
'Selfish Gene Metaphors in Ball-and-Goal Sports', Jan.97.  
<http://www-bioc.rice.edu/~rfe/ballandgoal.html>
- ELWOOD, William N., 1995  
'Declaring War on the Home Front: Metaphor, Presidents, and the War on Drugs', *Metaphor and Symbolic Activity*, 10(2), pp. 93- (resumo na Internet).
- EMIG, Elmer, 1928  
'The Connotation of Newspaper Headlines', *The Journalism Quarterly*, 4, pp. 53-59.
- EMPSON, William, 1991  
*Seven Types of Ambiguity*, London: The Hogarth Press.
- ENGEL, Mary, 1996  
'Does George Lakoff Know Something Conservatives Don't?: Hayward Alker Parker Probes Lakoff About His New Book', *Santa Fe Institute Bulletin*, vol. 11, N.2.

- ENGLISH, Earl, 1994  
'A Study of the Readability of Four Newspaper Headline Types', *Journalism Quarterly*, 21, pp. 217-229.
- EVANS, Mary Ann & GAMBLE, Dianna Lynn, 1988  
'Attribute Saliency and Metaphor Interpretation in School-age Children', *Journal of Child Language*, 15, pp. 435-449.
- FABER, Pamela & WALLHEAD, Celia, 1995  
'The Lexical Field of Visual Perception in *The French Lieutenant's Woman* by John Fowles', *Language and Literature*, IV/2, pp. 127-144.
- FAIRCLOUGH, Norman, 1992  
*Language and Power*, London/New York: Longman.
- FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês & GOUVEIA, Carlos A.M. (coord.), 1996  
*Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark, 1994a  
'Conceptual Projection and Middle Spaces', *Cognitive Science Technical Report*, 94/01.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark, 1994b  
*Blending and Grammar*, Conference on Conceptual Structure, Discourse and Language, University of California, San Diego, Nov.1994.  
<http://www.wam.umd.edu/~mturn/WWW/csdl.rtf>
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark, 1996  
'Blending as a Central Process of Grammar', in: GOLDBERG, Adele (coord.), *Conceptual Structure, Discourse, and Language*, Stanford: Center for the Study of Language and Information, pp. 113-129.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark, 1997  
'Conceptual Integration', *A Lecture Series in Cognitive Science*, Trento: Instituto Trentino di Cultura/ Instituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica.  
<http://www.wam.umd.edu/~mturn/WWW/trento97.rtf>
- FAYOL, Michel, 1989  
'Une Approche Psycholinguistique de la Ponctuation: Étude en Production et Compréhension', *Langue Française*, 81, pp. 21-39.
- FEIJÓ, Luiz César, 1994  
*A Linguagem dos Esportes de Massa e a Gíria no Futebol*, Rio de Janeiro: UERJ/Tempo Brasileiro.

- FIALA, Pierre & HABERT, Benoit, 1989  
“La Langue de Bois en Éclat: Les Défigements dans les Titres de la Presse Quotidienne Française”, *Mots*, 21, pp. 83-99.
- FIRBAS, Jan, 1992  
*Functional Sentence Perspective in Written and Spoken Communication*,  
Cambridge: Cambridge University Press.
- FIUMARA, Gemma Corradi, 1995  
*The Metaphoric Process: Connections Between Language and Life*,  
London/New York: Routledge.
- FÓNAGRY, Ivan, 1979  
*La Métaphore en Phonétique*, Ottawa: Didier.
- FONSECA, Ana Teresa de Melo, 1994  
*A Expressão Metafórica na Pedagogia da Produção Escrita: Contributo para a Formação de Professores* (dissertação de mestrado policopiada),  
Universidade de Aveiro.
- FONSECA, Fernanda Irene, 1994  
*Gramática e Pragmática: Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto: Porto Editora.
- FONSECA, Joaquim, 1992  
*Linguística e Texto/Discurso: Teoria, Descrição, Aplicação* (cf. estudo "Os Elementos de Coesão do Texto 'Porque Apoio Eanes'", pp.105-226),  
Lisboa: ICALP.
- FONSECA, Joaquim, 1993  
‘Predicação do Complemento Directo em Português’, *Máthesis*, 2, pp. 47-68.
- FONSECA, Wilton, 1996  
‘O Alvo Errado’ [estudo comparativo dos livros de estilo de jornais portugueses de maior tiragem], *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 16, pp.39-58.
- FONTANIER, Pierre, 1968  
*Les Figures du Discours*, Paris: Flammarion.
- FORCE, Pierre, 1991  
‘Figures Impossible’, *Poétique*, 22(85), pp. 111-127.
- FORCEVILLE, Charles, 1995  
‘IBM is a Tuning Fork: Degrees of Freedom in the Interpretation of Pictorial Metaphors’, *Poetics*, 23, pp. 189-218.

- FORCEVILLE, Charles, 1996  
*Pictorial Metaphors in Advertising*, London/New York: Routledge.
- FOWLER, Roger, 1977  
'Headlines: A Counter-Example to the Ohmann Thesis', *UEA Papers in Linguistics*, 3, pp. 36-48.
- FOWLER, Roger, 1986  
*Linguistic Criticism*, Oxford/New York: Oxford University Press.
- FOWLER, Roger, 1987  
'The Intervention of Media in the Reproduction of Power', in: ZAVALA, Iris et al (coord.), *Approaches to Discourse Poetics and Psychiatry*, Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, pp. 67-80.
- FOWLER, Roger, 1991  
*Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*, London/New York: Routledge.
- FOWLER, Roger; HODGE, Bob; KRESS, Gunther & TREW, Tony, 1979  
*Language and Control*, London/Boston/Henley: Routledge & Kegan Paul.
- FRADIN, Bernard, 1988  
'Approche des Constructions à Détachement: la Reprise Interne', *Langue Française*, 78, pp. 26-56.
- FREEMAN, Donald C., 1993a  
'According to my Bond': *King Lear* and Re-cognition', *Language and Literature*, 2-1, pp. 1-18.
- FREEMAN, Donald C., 1993b  
'Read "Reading the Language Itself" Itself', *Language and Literature*, II/2, pp. 129-133.
- FUNK, Maria Gabriela C. B., 1993  
*A Função do Provérbio em Português e em Alemão: Análise Contrastiva de um Corpus de Provérbios Cotextualizados*, tese de doutoramento policopiada, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- FURET, F. & FONTANA, A., 1968  
'Histoire et Linguistique: Les Titres d'Ouvrages au XVIIIe Siècle', *Languages*, 11, pp. 112-138.

- GALISSON, Robert, 1995  
‘Les Palimpsestes Verbaux: Des Actualiseurs et Révélateurs Culturels Remarquables pour Publics Étrangers’, *Études de Linguistique Appliquée*, 97, pp. 104-128.
- GANS, Herbert J., 1980  
*Deciding What's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*, New York: Random House Inc.
- GARCIA, Luiz (coord.), 1993  
*O Globo: Manual de Redação e Estilo*, 17ª ed., São Paulo: Editora Globo.
- GELPE, Dominique, 1993  
‘Influence des Objectifs de Lecture sur les Effects Structuraux de Titres: Etude sur le Rappel d'un Récit’, *Bulletin de Psychologie*, XLVI-412, n° 16-18, pp. 662-670.
- GENETTE, Gérard, 1970  
‘La Rhétorique Restreinte’, *Communications*, 16, pp.158-171 (retomado em *Figures III*, Paris: Ed du Seuil, 1972, pp. 21-40).
- GENETTE, Gérard, 1982  
*Palimpsestes. La Littérature au Second Degré*, Paris: Éditions du Seuil.
- GENETTE, Gérard, 1987  
‘Les Titres’, in: GENETTE, Gérard, *Seuils*, Paris: Ed. du Seuil, pp. 54-97.
- GENTNER, Dedre, 1982  
‘Are Scientific Analogies Metaphors?’, in: MIALL, David S. (coord.), *Metaphors: Problems and Perspectives*, Sussex: The Harvester Press, pp. 106-132.
- GENTNER, Dedre & GENTNER, Donald, 1983  
‘Flowing Waters or Teeming Crowds: Mental Models of Electricity’, in: GENTNER, D. & STEVENS, A.L. (orgs.), *Mental Models*, Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- GENTNER, Dedre & STEVENS, Albert L. (orgs.), 1983  
*Mental Models*, Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- GERRIG, Richard J., 1989  
‘Empirical Constraints on Computational Theories of Metaphor: Comments on Indurkha’, *Cognitive Science*, 13, pp. 235-241.
- GIBBS Jr, Raymond W. & GERRIG, Richard J., 1989  
‘How Context Makes Metaphor Comprehension Seem «Special»’, *Metaphor and Symbolic Activity*, 4(3), pp. 145-158 (resumo na Internet).

- GIBBS, Raymond W.; KUSHNER, Julia M. & MILL, W. Rob, 1991  
'Authorial Intentions and Metaphor Comprehension', *Journal of Psycholinguistic Research*, 20-1, pp. 11-30.
- GINESTE, Marie-Dominique, 1987  
'Les Analogies et les Métaphores: leur Rôle dans la Compréhension de Textes Informatifs', *Bulletin de Psychologie*, XL-380, pp. 473-479.
- GIROD, Claudine, 1985  
'Libé: La "Une" Mode d'Emploi', *Le Français dans le Monde*, 194, pp. 64-74.
- GLUKSBERG, Sam, 1989  
'Metaphors in Conversation: How Are They Understood? Why Are They Used?', *Metaphor and Symbolic Activity*, 4(3), pp. 125-143 (resumo na Internet).
- GOATLY, Andrew, 1987  
'Interrelations of Metaphors in Golding's Novels: a Framework for the Study of Metaphoric Interplay', *Language and Style*, 20/2, pp. 125-144.
- GOATLY, Andrew, 1997  
*The Language of Metaphors*, New York: Routledge.
- GOLA, Elisabetta, 1996  
'Knowing Through Metaphor: A Survey of the New Theories about Non Literal Language' (recensão de ORTONY A. (coord.), *Metaphor and Thought*), *Beitraege zur Geschichte der Sprachwissenschaft*, 6/1, pp.141-151.
- GÓMEZ, María A., 1994  
'The Relevance of Theme in the Textual Organization of BBC News Reports', *Word*, 45-3, pp. 293-305.
- GONÇALVES, Maria Filomena, 1993  
'Para uma História da Pontuação Portuguesa: Dos Pontos aos Punctemas', *Actas do VIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Colibri-APL, pp. 225-237.
- GOODMAN, Sharon, 1997  
'"One" and the Pun: How Newspapers Keep the Monarchy in its Place', *Language and Literature*, 6/3, pp. 197-209.
- GOOTTFRIED, Gail M., 1997  
'Using Metaphors as Modifiers: Children's Production of Metaphoric Compounds', *Journal of Child Language*, 24/3, pp. 567-602.

- Encontro da APL*, pp. 225-237.
- GORDON, Paul, 1990  
'The Enigma of Aristotelian Metaphor: A Deconstructive Analysis', *Metaphor and Symbolic Activity*, 5(2), pp. 83-90 (resumo na Internet).
- GORFEIN, David S. (coord.), 1989  
*Resolving Semantic Ambiguity*, New York/Berlin: Springer.
- GRANT, David & OSWICK, Cliff (coord.), 1996  
*Metaphor and Organizations*, London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage.
- GREEN, Christopher D. & VERVAEKE, John, 1996  
'Fusion, Protolanguage, and Pictures' (Paper presented at the *American Psychological Convention* (Division 10), August, 1996, Toronto).  
<http://www.yorku.ca/dept/psych/people/faculty/cgreen/papers/fpp.htm>
- GREEN, Georgia M., 1989  
*Pragmatics and Natural Language Understanding* (cf. 'Metaphor', pp. 120-124), Hillsdale/New Jersey/Hove/London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- GREGORY, Monica E., 1993  
'Metaphor Comprehension: From Literal Truth to Metaphorical and Back Again', *Metaphor and Symbolic Activity*, 8(1), pp. 1-21 (resumo na Internet).
- GRÉSILLON, Almuth, 1988  
'Ambiguïté et Double Sens', *Modèles Linguistiques*, 10, pp. 9-20.
- GRICE, Paul, 1993  
*Studies in the Way of Words*, 3<sup>a</sup> ed., Cambridge: Harvard University Press.
- GRIVEL, Charles, 1978  
'Les Universaux de Texte', *Littérature*, 30, pp. 25-50.
- GRUSH, Rick & MANDELBLIT, Nili, 1997  
'Blending in Language, Conceptual Structure, and the Cerebral Cortex', in: BRANDT, Per Aage; GREGERSEN, Frans; STJERNFELT, Frederick & SKOV, Martin (coord.), *The Roman Jakobson Centennial Symposium: International Journal of Linguistics Acta Linguistica Hafniensia*, vol.29, Copenhagen: C.A.Reitzel, pp. 221-237.
- GUIRAUD, Pierre, 1980  
'Typologie des Jeux de Mots', *Le Français dans le Monde*, 151, pp. 36-41.



- HALLIDAY, M.A.K., 1989  
*Spoken and Written Language*, Oxford: Oxford University Press.
- HALLIDAY, M.A.K., 1994  
*An Introduction to Functional Grammar*, 2<sup>a</sup> Ed., London/  
Melbourne/Auckland: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, Ruqaiya, 1985  
*Cohesion in English*, London/New York: Longman.
- HALLIDAY, M.A.K.; GIBBON, J. & NICHOLAS, H. (coord.), 1990  
*Learning, Keeping and Using Language*, Vol. II, Amsterdam/ Philadelphia:  
John Benjamins P.C.
- HALSTED, David, 1989  
‘Mathematical Puns, Metaphor, and Discovery in *The Crying of Lot 49*’,  
*Semiotica*, 73-1/2, pp. 85-100.
- HARIMAN, Robert & BEER, Francis (orgs.), 1996  
*Post-Realism: the Rhetorical Turn in International Relations*, MSU Press  
Rhetoric & Public Affairs, Michigan State University Press.
- HASKINS, Jack B., 1966  
‘Headline-and-Lead Scanning vs. Whole-Item Reading in Newspaper  
Content Analysis’, *Journalism Quarterly*, 43, pp. 333-335.
- HAYNES, John, 1995  
*Style* (cf. Cap. 3: "Live and Dead Metaphors"), London/New York:  
Routledge.
- HERMAN, Vimala, 1994  
‘Metaphor by David E. Cooper’ (recensão), *The Modern Language  
Review*, 89/1, pp. 171-173.
- HERVEY, Sandor G., 1971  
‘Notions on the Manipulation of Non-Denotational Meaning in Speech’, *La  
Linguistique*, 7/1, pp. 31-40.
- HOEK, Leo H., 1981  
*La Marque du Titre: Dispositifs Sémiotiques d'une Pratique Textuelle*, La  
Hague/Paris/New York: Mouton Publishers.
- HOFFMAN, Robert R., 1985  
‘Some Implications of Metaphor for Philosophy and Psychology of Science’,  
in: PAPROTTÉ, N. & DIRVEN, R. (coord.), *The Ubiquity of Metaphor*,  
Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 327-380.

- HURFORD, James R. & HEASLEY, Benda, 1985  
*Semantics: A Coursebook*, Cambridge: Cambridge University Press.
- IAROVICI, E. & AMEL, R., 1989  
'The Strategy of the Headline', *Semiotica*, 77-4, pp. 441-459.
- JACKENDOFF, Ray & AARON, David, 1999  
'More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor. by George Lakoff and Mark Turner' (recensão), *Language*, 67/2, pp. 320-338.
- JAKOBSON, Roman, 1963  
*Essais de Linguistique Générale* (cf. cap. 2: 'Deux Aspects du Langage et deux Types d'Aphasies'), Paris: Editions de Minuit.
- JAYYUSI, Lena, 1991  
'The Equivocal Text and the Objective World: An Ethnomethodological Analysis of a News Report', *Continuum, The Australian Journal of Media and Culture*, vol.5, n.1.
- JAZAYERY, Mohammad Ali; POLOMÉ, Edgar & WINTER, Werner (coord.) 1978  
*Linguistic and Literary Studies in Honor of Archibald A. Hill*, The Hague/Paris/New York: Mouton Publishers.
- JEANNERET, Yves, 1992  
'Le Choc des Mots: Pensée Métaphorique et Vulgarisation Scientifique', *Communication et Langages*, 93, pp. 99-113.
- JENKINS, Helen, 1990  
'Train Sex Man Fined: Headlines and Cataphoric Ellipsis', in: HALLIDAY, M.A.K.; GIBBON, J. & NICHOLAS, H. (coord.), *Learning, Keeping and Using Language*, Vol. II, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins P.C.
- JOHNSON, Janice, 1989  
'Factors Related to Cross-Language Transfer and Metaphor Interpretation in Bilingual Children', *Applied Psycholinguistics*, 10-2, pp. 157-177.
- JOHNSON, Janice & ROSANO, Teresa, 1993  
'Relation of Cognitive Style to Metaphor Interpretation and Second Language Proficiency', *Applied Psycholinguistics*, 14-2, pp. 159-175.
- JOHNSON, Mark, 1987  
*The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*, Chicago/London: The University of Chicago Press.
- JONASSON, Kerstin, 1991  
'Les Noms Propres Métaphoriques: Construction et Interprétation', *Langue*

*Française*, 92, pp. 64-81.

JUCKER, Andreas H., 1992

*Social Stylistics: Syntactic Variation in British Newspapers*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

KARRER, Wolfgang, 1991

'Titles and Mottoes as Intertextual Devices', in: PLETT, H.F. (coord.), *Intertextuality*, Berlin/New York: Walter de Gruyter, pp. 122-134.

KAYSER, Wolfgang, 1985

*Análise e Interpretação da Obra Literária (Introdução à Ciência da Literatura)*, Coimbra: Arménio Amado Editora.

KEEP, Christopher, 1995

'Palimpsest', *The Electronic Labyrinth*.  
<http://web.uvic.ca/~ckkeep/hfl0243.html>

KEEP, Christopher & McLAUGHLIN, Tim, 1995

'Intertextuality', *The Electronic Labyrinth*.  
<http://web.uvic.ca/~ckkeep/hfl0278.html>

KEMPSON, Ruth M., 1986

*Semantic Theory*, Cambridge: Cambridge University Press.

KENNEDY, Victor, 1993

'Mystery! Unraveling Edward Gorey's Tangled Web of Visual Metaphor', *Metaphor and Symbolic Activity*, 8(3), pp. 181-193 (resumo na Internet).

KENNEDY, John M.; GREEN, Christopher D. & VERVAEKE, John, 1993

'Metaphoric Thought and Devices in Pictures', *Metaphor and Symbolic Activity*, 8(3), pp. 243-255 (resumo na Internet).

KITTAY, Eva Feder, 1990

*Metaphor: Its Cognitive Force and Linguistic Structure*, Oxford: Clarendon Press.

KITTO, Michael, 1984

'Understanding Telex Messages', *Reading in a Foreign Language*, 2-1, pp. 182-187.

KINTSCH, Walter & VAN DIJK, Teun A., 1975

'Comment on se Rappelle et on Résume des Histoires', *Languages*, 40, pp. 98-116.

KNIFFKA, Hannes, 1980

*Soziolinguistic und empirische Textanalyse: Schlagzeilen- und*

*Leadformulieren in amerikanischen Tageszeitungen*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

KNOP, Sabine De, 1985

'Linguistic and Extralinguistic Aids for Reconstruction and Interpretation of Metaphors in Headlines', in: PAPROTTÉ, W. & DIRVEN, R., (coord.), *The Ubiquity of Metaphor*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins P.C., pp. 243-262.

KNOP, Sabine De, 1987

*Metaphorische Komposita in Zeitungüberschriften*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

KRESS, Gunther, 1979

'The Social Value of Speech and Writing', in: FOWLER, R. et al., *Language and Control*, London/Boston/Henley: Routledge & Kegan Paul, pp. 46-62.

KRESS, Gunther, 1990

'The Structures of Speech and Writing', in: CORNER, John & HAWTHORN, Jeremy (coord.), *Communication Studies: An Introductory Reader*, London/New York: Edward Arnold, pp. 85-93.

KRESS; LEITE-GARCÍA & LEEUWEN, 1997

'Discourse Semiotics', in: Van DIJK, Teun A. (coord.), *Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*, 1º vol., London: Sage.

KREUZ, Roger J. & ROBERTS, Richard M., 1993

'The Empirical Study of Figurative Language in Literature', *Poetics*, 22, pp. 151-169.

KRISTEVA, Julia, 1969

*Shmeiwlich`*. *Recherches pour une Sémanalyse*, Paris: Éditions du Seuil.

KUHN, Thomas S., 1988

'Metaphor and Science', in: ORTONY, A. (coord.), *Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 409-419.

LACA, Brenda & TASMOWSKI, Liliane, 1994

'Le Pluriel Indéfini de l'Attribut Métaphorique', *Linguisticae Investigationes*, XVIII/1, pp. 27-48.

LAKOFF, George, 1988

'Cognitive Semantics', in: ECO, Umberto et al (coord.), *Meaning and Mental Representations*, Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, pp. 119-154.

- LAKOFF, George, 1990  
*Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago/London: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George, 1991  
'Metaphor and War: The Metaphor System Used to Justify War in the Gulf', *Peace Research*, 1 May, pp. 39-.  
<http://darkwing.uoregon.edu/~rohrer/lakoff-1.html>
- LAKOFF, George, 1992  
'Multiple Selves: The Metaphorical Models of the Self Inherent In Our Conceptual System', *The Conceptual Self In Context: A Conference of the Mellon Colloquium on the Self at the Emory Cognition Project*, Emory University, Atlanta, 1 e 2 de Maio de 1992.  
[http://www.ac.wvu.edu/~market/semiotic/lkof\\_msl.html](http://www.ac.wvu.edu/~market/semiotic/lkof_msl.html)
- LAKOFF, George, 1993a  
'A Response to President Bush's Address to the Nation on Drugs'.  
[http://www.ac.uk.wvu.edu/~market/semiotic/lkof\\_drg.html](http://www.ac.uk.wvu.edu/~market/semiotic/lkof_drg.html)
- LAKOFF, George, 1993b  
'How Metaphor Structures Dreams: The Theory of Conceptual Metaphor Applied to Dream Analysis', *Dreaming*, 3(2), pp. 77-98.  
[http://www.ac.wvu.edu/~market/semiotics/lkof\\_drm.html](http://www.ac.wvu.edu/~market/semiotics/lkof_drm.html).
- LAKOFF, George, 1994  
'The Contemporary Theory of Metaphor', in: ORTONY, A. (coord.), *Metaphor and Thought*, 2ª Ed., Cambridge: Cambridge University Press, pp. 202-251.
- LAKOFF, George; ESPENSON, Jane & SHWARTZ, Alan, 1991  
'Master Metaphor List', Second Edition, University of California at Berkeley,  
<ftp://cogsci.berkeley.edu/pub/cogling/Metaphor/>
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M., 1980  
*Metaphors We Live By*, Chicago: Chicago University Press.
- LAKOFF, G. & TURNER, M., 1989  
*More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*, Chicago: Chicago University Press.
- LAPA, M. Rodrigues, 1984  
*Estilística da Língua Portuguesa*, 11ª ed., Coimbra: Coimbra Editora Lda.
- LAPAIRE, Jean-Rémi, 1994a  
'Le Cas Lakoff', *Modèles Linguistiques*, 29(XV-1), pp. 99-118.

- LAPAIRE, Jean-Rémi, 1994b  
'Le Vide et le Plein dans l' Étude du Langage', *Modèles Linguistiques*, 29 (XV-1), pp. 119-130.
- LAMIROY, Béatrice, 1987  
'Les Verbes de Mouvement: Emplois Figurés et Extensions Métaphoriques', *Langue Française*, 76, pp. 41-58.
- LANDOW, George P., 1992  
*Hypertext: The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*, London: The Johns Hopkins University Press.
- LAUSBERG, Heinrich, 1967  
*Elementos de Retórica Literária*, 3ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LAWLER, John M., 1980  
'Metaphors We Live By. By George Lakoff and Mark Johnson' (recensão), *Language*, 59-1, pp. 201-207.
- LE GUERN, Michel, 1973  
*Sémantique de la Métaphore et de la Métonymie*, Paris: Larousse.
- LEE, Christopher, 1990  
'Some Hypotheses Concerning the Evolution of Polysemous Words', *Journal of Psycholinguistic Research*, 19-4, pp. 211-219.
- LEECH, Geoffrey N., 1966  
*English in Advertising: A Linguistic Study of Advertising in Great Britain*, London: Longman.
- LEECH, Geoffrey N., 1983  
*A Linguistic Guide to English Poetry*, New York: Longman.
- LEECH, Geoffrey N. & SHORT, Michael H., 1981  
*Style in Fiction: A Linguistic Guide to English Fictional Prose*, London/New York: Longman.
- LEVIN, Samuel R., 1979 (1977)  
*The Semantics of Metaphor*, Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press.
- LERMAN, Claire Lindegren, 1985  
'Media Analysis of a Presidential Speech: Impersonal Identity Forms in Discourse', in: Van DIJK, Teun A. (coord.), *Discourse and Communication: New Approaches to the Analysis of Mass Media*

*Discourse and Communication*, Berlin/New York: Walter de Gruyter, pp. 185-215.

LOFFLER-LAURIAN, Anne-Marie, 1975

'Lexique et Fonctions dans les Titres de Presse', *Cahiers de Lexicologie*, 26/1, pp. 110-124.

LOFFLER-LAURIAN, Anne-Marie, 1994

'Réflexions sur la Métaphore dans les Discours Scientifiques de Vulgarisation', *Langue Française*, 101, pp. 72-79.

LOPES, Ana Cristina Macário, 1992

*Texto Proverbial Português: Elementos para uma Análise Semântica e Pragmática* (tese de doutoramento policopiada), Coimbra: Universidade de Coimbra.

LÓPEZ MAESTRE, Maria Dolores, 1995

*Análisis del Estilo de los Titulares del Periódico "The Times" Período (1979-1990)*, (tese de doutoramento em microfilme), Universidade de Murcia.

LOVE, Tim, 1996

*Allusions.*

<http://www2.eng.cam.ac.uk/~tpl/texts/allusions.html>

LOW, Graham D., 1988

'On Teaching Metaphor', *Applied Linguistics*, 9-2, pp. 125-147.

LYONS, John, 1977

*Semantics*, Vol. II, Cambridge/London/New York/Melbourne: Cambridge University Press.

LYONS, John, 1980

*Semântica I* (trad. de Wanda Ramos), Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes.

McBROOM, Patricia, 1996

'Father Figures Figure In Lakoff's Family Politic', *Berkelyan Campus Newspaper*, 28-8-96.

MAC CORMAC, Earl R., 1990

*A Cognitive Theory of Metaphor*, Cambridge/Massachusetts/London: MIT Press.

MACCHI, Yves, 1995

'Le Participe Passé dans les Titres de Journaux Espagnols: Histoire et Mécanique Discursive', *Modèles Linguistiques*, 32-XVI/2, pp. 95-109.

- MACHADO, José Pedro, 1990  
*Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.
- MACHADO, José Pedro (coord.), 1991  
*Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 6 vols., Lisboa: Publicações Alfa.
- MACHADO, José Pedro, 1993  
*Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa: Ed. Confluência/Livros Horizonte.
- MACHADO, José Pedro, 1997  
*O Grande Livro dos Provérbios*, Círculo de Leitores.
- MAC-LENNAN, Carol H.G., 1994  
‘Metaphors and Prototypes in the Learning Teaching of Grammar and Vocabulary’, *IRAL: International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, XXXII-2, pp. 97-110.
- MAI, Hans-Peter, 1991  
‘Intertextual Theory: A Bibliography’, in: PLETT, H.F. (coord.), *Intertextuality*, Berlin/New York: Walter de Gruyter, pp. 237-250.
- MARÇALO, Maria João, 1993  
‘O Sintagma Fixo ou Sintema’, *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Colibri, pp. 279-290.
- MARÇALO, Maria João, 1994  
‘Synthèmes dans la Presse Portugaise’, *La Linguistique*, 30/1, pp. 79-83.
- MARÇALO, Maria-João, 1995  
‘Synthèmes et Unités qui Tendent à la Synthématisation dans la Presse Portugaise’, *XIX Colóquio Internacional de Linguística Funcional - Actas*, Coimbra: Faculdade de Letras.
- MARTIN, J.& HARRÉ, R., 1982  
‘Metaphor in Science’, in: MIALL, David S. (coord.), *Metaphor: Problems and Perspectives*, Sussex: The Harvester Press, pp. 89-105.
- MARTINET, André, 1995  
*Éléments de Linguistique Générale*, 3ª ed., Paris: Armand Colin.
- MARTINS, Maria Raquel Delgado, 1992  
*Ouvir Falar: Introdução à Fonética do Português*, 2ª ed., Lisboa: Ed. Caminho.



- MASUHIRO, Nomura, 1993  
'Language as Fluid: A Description of the Conduit Metaphor in Japanese', *Kansas Working Paper in Linguistics*, 18 (resumo nº ED357653 na base de dados Eric), pp. 75-90.
- MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês & FARIA, Isabel Hub, 1992  
*Gramática da Língua Portuguesa*, 3ª Ed., Lisboa: Editorial Caminho.
- MATEUS-SILVA, Helena, 1994  
'Do Agente da Passiva e da sua Ocultação', *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 421-435.
- MATOS, Gabriela & DUARTE, Inês, 1986  
'Se "Impessoal": Sua Caracterização Sintáctica', *Actas do I Encontro Nacional da APL*, Lisboa, pp. 335-352.
- MATTHEWS, Robert J., 1971  
'Concerning a "Linguistic Theory" of Metaphor', *Foundations of Language*, 7, pp. 413-425 (reimpresso em Ching et al (coord.), 1980, *Linguistic Perspectives on Literature*, London: Routledge & Kegan Paul).
- MEL'CUK, Igor, 1993  
'La Phraséologie et son Rôle dans l'Enseignement/Apprentissage d'une Langue Étrangère', *Études de Linguistique Appliquée*, 92, pp. 82-113.
- MELLO, Fernando Ribeiro de, 1988  
*Nova Recolha de Provérbios Portugueses e Outros Lugares-comuns*, Lisboa: Edições Afrodite.
- MELO, Gladstone Chaves de, 1976  
*Ensaio de Linguística da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Padrão Livraria Ed.
- MENÉNDEZ, Fernanda Miranda, 1992  
'De Alguns Títulos de Gramática Setecentista', *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Colibri, pp. 243-256.
- MESCHONNIC, Henri, 1970  
'L'Organisation Métaphorique', in: MESCHONNIC, H., *Pour la Poétique I*, Gallimard, pp. 98-138.
- METZELTIN, Michael & CANDEIAS, Marcolino, 1990  
*Semântica e Sintaxe do Português*, Coimbra: Livraria Almedina.
- MIALL, David S. (coord.), 1982  
*Metaphor: Problems and Perspectives*, Sussex: The Harvester Press.

- MILLER, George, 1988  
'Images and Models, Similes and Metaphors', in: ORTONY, A. (coord.), *Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 202-250.
- MILLER, Steven I. & FREDERICKS, 1990  
'Perceptions of the Crisis in American Public Education: The Relationships of Metaphor to Ideology', *Metaphor and Symbolic Activity* 5(2), pp. 67-81 (resumo na Internet).
- MILLIKEN, Jennifer L., 1996  
'Metaphors of Prestige and Reputation in American Foreign Policy and American Realism', in: HARIMAN, Robert & BEER, Francis (orgs), *Post-Realism: The Rhetorical Turn in International Relations*, MSU Press Rhetoric & Public Affairs, Michigan State University Press.
- MILLS, Dominic, 1997  
'There's No Fun in a Pun if the Punters Don't Understand', *Campaign-London*, Apr. 25 (resumo na base de dados em CD-Rom *ABI-Inform*).
- MININNI, Guiseppe, 1989  
'Metaphor as Polilogic Semiosis', *Semiotica*, 73-3/4, pp. 233-247.
- MOLINO, J.; LASSAVE, F.; MARTIN, J.M.; TAPPERO, R. & VALETTE, B., 1974  
'Sur les Titres des Romans de Jean Bruce', *Languages*, 35, pp. 87-116.
- MONVILLE-BURSTON, Monique, 1993  
'Les Verba Dicendi dans la Presse d'Information', *Langue Française*, 98, pp. 48-66.
- MORAIS SILVA, António de, 1987  
*Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, 3ª ed., 5 vols., Lisboa: Ed. Confluência.
- MORIER, Henri, 1961  
*Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique* (art. 'Métaphore'), Paris: Presses Universitaires de France, pp. 645-717.
- MORINET, Christiane, 1987  
'Métaphore, Repères et Phonétique', *Semiotica*, 64-3/4, pp. 249-258.
- MORINET, Christiane, 1988  
'De la Métaphore au Métaphorique: Applications sur *Pierrot* de P. Verlaine', *Semiotica*, 68-3/4, pp. 331-354.

- MORRIS, Ray, 1993  
‘Visual Rhetoric in Political Cartoons: A Structuralist Approach’, *Metaphor and Symbolic Activity*, 8(3), pp.195-210 (resumo na Internet).
- MOSENTHAL, Peter B.,1987  
‘The Conduit Metaphor and the Academic Goal of Reading’, *The Reading Teacher*, 41-4, pp. 448-450.
- MOUILLAUD, Maurice, 1968  
‘Le Système des Journaux: Théorie et Méthodes pour l’Analyse de Presse’, *Langages*, 11, pp. 61-83.
- MÜHLHÄUSLER, Peter, 1988  
‘David E. Cooper: *Metaphor*’ (recensão), *Linguistics*, 26/3, pp. 495-497.
- MÜLLER, Wolfgang G., 1991  
‘Interfiguralidade: A Study on the Interdependence of Literary Figures’, in: PLETT, H.F., *Intertextuality*, Berlin/New York: Walter de Gruyter, pp. 101-121.
- MUÑIZ-CACHÓN, Carmen, 1990  
‘Retórica en los Titulares de Prensa’, *Actas del II Simposio Internacional de la Asociación Española de Semiótica (Retórica y Lenguajes)*, vol. II, Madrid: Universidade Nacional de Educación a Distancia, pp. 215-222.
- MURRAY, J.A.H.; BRADLEY,H.; CRAIGIE,W.A. & ONIONS,C.T. (coords), 1970  
*The Oxford English Dictionary* (13 vols).
- NELSON, Elizabeth M. McGhee, 1992  
‘Memory for Metaphor by Nonfluent Bilinguals’, *Journal of Psycholinguistic Research*, 21-2, pp. 111-125.
- NELSON, Nancy, 1990  
‘Metaphor and the Media’, in: THOMAS, S. & EVANS, W.A. (coord.), *Communication and Culture: Language, Performance, Technology and Media*, Norwood/New Jersey: Ablex Publishing Corporation, pp. 17-24.
- NESI, Hilary, 1995  
‘A Modern Bestiary: A Contrastive Study of the Figurative Meanings of Animal Terms’, *ELT Journal*, Jul., 49/3, pp. 272-278.
- NEVES, Orlando, 1992  
*Dicionário das Origens das Frases Feitas*, Porto: Lello & Irmão Editores.
- NEWFIELD, Madeleine & LAFFORD, Barbara A., 1991  
‘The Origins of the Specious: The Creation and Interpretation of Puns’, *Language and Style*, 24/1, pp. 77-89.

- NEWMARK, Peter, 1985  
‘The Translation of Metaphor’, in: PAPROTTÉ, W. & DIRVEN, R., (coord.), *The Ubiquity of Metaphor*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins P.C., pp. 195-326.
- NOPPEN, Jean-Pierre van; HOLS, Edith, 1990  
*Metaphor II: A Classified Bibliography of Publications 1985 to 1990*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- NOPPEN, Jean-Pierre van; KNOP, S. de & JONGEN, R., 1985  
*Metaphor: A Bibliography of Post-1970 Publications*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- NORIKO, Iwamoto, 1995,  
‘The Analysis of Wartime Reporting: Patterns of Transitivity’, *Edinburgh Working Papers in Applied Linguistics*, 6, pp. 58-68 (resumo n° ED383206 na base de dados Eric).
- NORMAND, Claudine, 1995  
‘Le Cours de Linguistique Générale Métaphores et Métalangage’, *Langages*, 120, pp. 78-90.
- NÖTH, Winfried, 1985  
‘Semiotic Aspects of Metaphor’, in: PAPROTTÉ, W & DIRVEN, R. (coord.), *The Ubiquity of Metaphor*, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, pp. 1-16.
- NOVEK, Eleanor M., 1992  
‘Read it and Weep: How Metaphor Limits Views of Literacy’, *Discourse and Society*, 3-2, pp. 219-233.
- OAKLEY, Todd V., 1998  
‘Creativity as Projection: Conceptual Integration Networks and Idioms’.  
<http://www.compapp.dcu.ie/~tonyv/MIND/todd.html>
- ORTONY, Andrew, 1980  
‘Metaphor’, in: SAPIRO, R.J., BRUCE, B.C. & BREWER, W.F. (coord.), *Theoretical Issues in Reading Comprehension*, Hillsdale/New Jersey: Lawrence Erlbaum, pp. 349-365.
- ORTONY, Andrew (coord.), 1988  
*Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press.
- ORTONY, Andrew (coord.), 1994  
*Metaphor and Thought*, 2ª Ed., Cambridge: Cambridge University Press.

- PAGLIANO, Antonino, 1983  
*A Vida do Sinal: Ensaio sobre a Língua e outros Símbolos*, 2ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PALMER, F.R., 1979  
*A Semântica* (trad. de *Semantics - A New Outline* por Ana M.M. Chaves), Lisboa: Edições 70.
- PAPAFRAGOU, Anna, 1996  
‘Figurative Language and the Semantics-Pragmatics Distinction’, *Language and Literature*, 5/3, pp. 179-193.
- PAPIN, Liliane, 1992  
‘This is Not a Universe: Metaphor, Language and Representation’, *PMLA*, 197(5), pp. 1253-1265.
- PAPROTTÉ, Wolf, 1985  
‘Metaphor and the First Words’, in: PAPROTTÉ, W. & DIRVEN, R. (coord.), *The Ubiquity of Metaphor*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins P.C., pp. 425-480.
- PAPROTTÉ, Wolf & DIRVEN, René (coord.), 1985  
*The Ubiquity of Metaphor*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins P.C.
- PARKER, John Morris & COIMBRA, Rosa Lúcia, 1988  
‘Factores de Coesão no Ensino do Texto Poético’, *Actas do 1º Encontro Nacional de Didáticas e Metodologias de Ensino*, Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 416-434.
- PARKER, John Morris & COIMBRA, Rosa Lúcia, 1990  
‘A Metáfora e a Linguística Textual’, *Actas do V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Outubro de 1989), Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 267-283
- PARKER, John Morris & COIMBRA, Rosa Lúcia, 1992  
‘A Metáfora nos Títulos de Imprensa em Portugal’, *Actas do VII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 317-329.
- PARKER, John & COIMBRA, Rosa Lúcia, 1993  
‘Os Títulos de Imprensa Revisited’, in: *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 391-401.
- PARRET, H.; RUPRECHT, H.G. & COQUET, J.C. (coord.), 1985  
*Exigences et Perspectives de la Sémiotique: Recueil d’Hommages pour Algirdas Julien Greimas*, Amsterdam: Benjamins.

- PARSIGIAN, Elise K., 1992  
*Mass Media Writing*, Hillsdale/New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- PAVEL, Silvia, 1991  
'Changement Sémantique et Terminologie', *Meta, Journal des Traducteurs*, 36/1, pp. 41-48.
- PAYNE, Doris, 1990  
'Discourse and Communication. Edited by Teun A. van Dijk' (recensão), *Language*, 66/1, pp. 175-180.
- PERES, João Andrade, 1984  
*Elementos para uma Gramática Nova*, Coimbra, Almedina.
- PERES, João Andrade & MÓIA, Telmo, 1995  
*Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa: Ed. Caminho.
- PERFETTI, C.A.; BEVERLY, S.; BELL, L.; RODGERS, K. & FAUX, R. 1987  
'Comprehending Newspaper Headlines', *Journal of Memory and Language*, 26-6, pp. 692-713.
- PIACENTINI, Jacques Antoine, 1981  
'La Création des Synthèmes Publicitaires et leur Intégration dans le Langage Courant', *La Linguistique*, 17-1, pp. 49-76.
- PICKENS, James D.; POLLIO, M.R. & POLLIO, H.R., 1985  
'A Developmental Analysis of Metaphoric Competence and Reading, in: PAPROTTE, W. & DIRVEN, R. (coord.), *The Ubiquity of Metaphor*, Amsterdam/Philadelpjia: John Benjamins P. C., pp. 481-523.
- PICOCHÉ, J., 1995  
'Combien y a-t-il de Coeur(s) en Français?', *Langue Française*, 105, pp. 120-125.
- PICOCHÉ, Jacqueline & HONESTE, Luce, 1994  
'Les Figures Éteintes dans le Lexique de Haute Fréquence', *Langue Française*, 101, pp. 112-124.
- PINTO, Alexandra Guedes, 1997  
*Publicidade: Um Discurso de Sedução*, Porto: Porto Editora.
- PLETT, Heinrich F., 1991  
'Intertextualities', in: Plett, H. F. (coord.), *Intertextuality*, Berlin/New York, Walter de Gruyter, pp. 3-29.

- PLETT, Heinrich F. (coord.), 1991  
*Intertextuality*, Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- PONOT, René, 1989  
'Classification Typographique', *Communication et Langages*, 81, pp. 40-54.
- POPIEL, Stephen J. & McRAE, Ken, 1988  
'The Figurative and Literal Senses of Idioms, or All Idioms Are Not Used Equally', *Journal of Psycholinguistic Research*, 17-6, pp. 475-487.
- POTTIER, Bernard, 1978  
*Linguística Geral: Teoria e Descrição*, Rio de Janeiro: Presença/USU.
- POWELL, Mava Jo, 1987  
'Benveniste's Notion of Subjectivity in the Active Metaphors of Ordinary Language', *Semiotica*, 67-1/2, pp. 39-59.
- PREMINGER, Alex & WARNKE, Frank J. & HARDINSON, O.B (coord.), 1975  
*Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*, London/Basingstoke: The MacMillan Press Ltd.
- PYLYSHYN, Zenon W., 1988  
'Metaphorical Imprecision and the "Top-Down" Research Strategy', in: ORTONY, A. (coord.), *Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 420-436.
- RAPOSO, Eduardo J.B. Paiva, 1981  
*A Construção "União de Orações" na Gramática do Português* (Dissertação de Doutorado) Lisboa: Universidade de Lisboa.
- REDDY, Michael J., 1969  
'A Semantic Approach to Metaphor', *Papers from the Fifth Regional Meeting of Chicago Linguistic Society*, Chicago, U.C. (reimpresso em Ching et al. (coord.), *Linguistic Perspectives on Literature*, London: Routledge & Kegan Paul, 1980).
- REDDY, Michael J., 1988  
'The Conduit Metaphor: A Case Conflict in Our Language about Language', in: ORTONY, A. (coord.), *Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 284-324.
- REEDER, Harry P., 1986  
'Logic and Interpretation: Norm and Polyseme', *Word*, 37(1-2), pp. 111-123.

- REINHART, Tanya, 1980  
'On Understanding Poetic Metaphor', in: CHING, M. et al. (coord.), *Linguistic Perspectives on Literature*, London/Boston/Henley: Routledge & Kegan Paul, pp. 91-111.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M., 1990  
*Dicionário de Narratologia*, Coimbra: Livraria Almedina (cf. 'Título', pp. 395-398).
- REIS, Carlos, 1981  
*Técnicas de Análise Textual*, 3ª ed., Coimbra: Livraria Almedina.
- REYNOLDS, Ralph E. & SCHWARTZ, Robert M., 1983  
'Relation of Metaphoric Processing to Comprehension and Memory', *Journal of Educational Psychology*, 75-3, pp. 450-459.
- RICARDO, Daniel, 1989  
*Manual do Jornalista*, Lisboa: Edições "O Jornal".
- RICARDOU, Jean, 1971  
*Pour une Théorie du Nouveau Roman*, Paris: Éditions du Seuil.
- RICHARDS, I.A., 1978  
*Practical Criticism: A Study of Literary Judgement*, London/Henley: Routledge & Kegan Paul.
- RICOEUR, Paul, 1976  
*Interpretation Theory: Discourse and the Surplus of Meaning* (cf. cap.3: 'Metaphor and Symbol', pp. 45-69), Fort Worth-Texas: The Texas University Press.
- RICOEUR, Paul, 1983  
*A Metáfora Viva* (trad. de *La Métaphore Vive*, por J.T.Costa e A.M. Magalhães; Introdução de M.B.Pereira), Porto: RÉ S Editora.
- RIFFATERRE, Michael, 1969  
'La Métaphore Filée dans la Poésie Surréaliste', *Langue Française*, 3, pp. 46-60.
- RIFFATERRE, Michael, 1983  
*Sémiotique de la Poésie*, Paris: Éd. du Seuil.
- RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ, Elisa, 1995  
'La Naturaleza Morfosintáctica del Infinitivo: ¿Verbo o Sustantivo?', in: SANTANA-SANJURJO, Victoriano (coord.), *Actas del V Encuentro de Jóvenes Hispanistas*, Universidad de Las Palmas de Gran Canaria.



- ROHRER, Tim, 1995a  
'The Metaphorical Logic of (Political) Rape: The New Wor(l)d Order',  
*Metaphor and Symbolic Activity*, Spring, vol.10 n.2, pp. 115-137.
- ROHRER, Tim, 1995b  
'The Cognitive Science of Metaphor from Philosophy to Neuropsychology'.  
<http://darkwing.uoregon.edu/~rohrer/neurophl.htm>
- ROHRER, Tim, 1996  
*Annotated Bibliography of Metaphor and Cognitive Science*, 27/12/1996.  
<http://metaphor.uoregon.edu/annbib.htm>
- ROHRER, Tim, 1997a  
*Annotated Bibliography of Metaphor and Cognitive Science*, 04/08/1997.  
<http://metaphor.uoregon.edu/annbib.htm>
- ROHRER, Tim, 1997b  
'Conceptual Blending on the Information Highway: How Metaphorical Inferences Work', in: *International Cognitive Linguistics Conference '95 Proceedings*, vol.2, Amsterdam: John Benjamins.
- SACKS, Sheldon (coord.), 1992  
*Da Metáfora*, São Paulo: EDUC/Pontes.
- SAMANIEGO-FERNÁNDEZ, Eva, 1998a  
'Estudios sobre la Metáfora', *Especulo, Revista de Estudios Literarios*,  
Universidad Complutense de Madrid, Año III, Nº 8, Março-Junho.  
[http://www.ucm.es/info/especulo/numero8/e\\_saman1.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero8/e_saman1.html)
- SAMANIEGO-FERNÁNDEZ, Eva, 1998b  
'Estudios sobre la Metáfora II: La Metáfora y los Estudios de Traducción',  
*Especulo, Revista de Estudios Literarios*, Universidad Complutense de  
Madrid, Año III, Nº 9, Julho-Outubro.  
[http://www.ucm.es/info/especulo/numero9/e\\_saman3.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero9/e_saman3.html)
- SANTOS, António Nogueira, 1990  
*Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas: Português*, Porto: Edições  
João Sá da Costa.
- SAPIRO, R.J.; BRUCE, B.C. & BREWER, W.F. (coord.), 1980  
*Theoretical Issues in Reading Comprehension*, Hillsdale/New York:  
Lawrence Erlbaum.
- SARAIVA, Arnaldo, 1992  
*O Livro dos Títulos (À Falta de Melhor Título)*, Porto: Foco.

- SCANLON, Jim, 1996  
'Violence Invades Speech', *The Coastal Post*, April 96.  
<http://coastalpost.com/96/4/15.htm>
- SCHANK, Roger & ABELSON, Robert, 1977  
*Scripts, Plans, Goals and Understanding: An Inquiry into Human Knowledge Structures*, Hillsdale/New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- SCHEFFLER, Israel, 1979  
*Beyond the Letter: A Philosophical Inquiry into Ambiguity, Vagueness and Metaphor in Language*, London/Boston/Henley: Routledge & Kegan Paul.
- SCHRAW, Gregory, 1995  
'Components of Metaphoric Processing', *Journal of Psycholinguistic Research*, 24-1, pp. 23-38.
- SEARLE, John R., 1974  
*Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*, London: Cambridge University Press.
- SEARLE, John R., 1985 (1979)  
*Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts*, cf. cap. 4: 'Metaphor' (pp.76-116) e cap. 5: 'Literal Meaning' (pp.117-136), Cambridge: Cambridge University Press.
- SEARLE, John R.; KIEFER, Ference & BIERWISH, Manfred (ccord.), 1980  
*Speech Act Theory and Pragmatics*, Dordrecht: D. Reidel.
- SEMINO, Elena, 1992  
'The Taming of the Text Ed. by W. van Peer' (recensão), *Language and Literature*, 1/2, pp. 147-150.
- SHIBLES, Warren A., 1971  
*Metaphor: An Annotated Bibliography and History*, Wisconsin: The Language Press.
- SHEN, Yeshayahu, 1989  
'Symmetrical and Asymmetrical Comparisons', *Poetics*, 18, pp. 517-536.
- SHEN, Yeshayahu, 1995  
'Cognitive Constraints on Directionality in the Semantic Structure of Poetic vs. Non-poetic Metaphors', *Poetics*, 23, pp.255-274.
- SHEN, Yeshayahu & COHEN, Michal, 1998

'How Come Silence is Sweet but Sweetness is not Silent: A Cognitive Account of Directionality in Poetic Sinaesthesia', *Language and Literature*, 7/2, pp. 123-140.

SHORT, Michael, 1991

'Speech Presentation, the Novel and the Press', in: Van PEER, Willie (coord.), *The Taming of the Text*, London/New York: Routledge, pp. 61-81.

SIHAMY, Henri, s.d.

*As Figuras de Estilo*, Porto: Rés Editora.

SILVA, Augusto Soares da, 1992

'Significados e Acepções: Dois Tipos de Polissemia', *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Colibri, pp. 419-430.

SILVA, Augusto Soares da, 1993

'Sobre a Unidade da Palavra Polissémica', *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Colibri, pp. 477-487.

SIMON, J.C. (coord.), 1980

*Spoken Language Generation and Understanding*, Dordrecht: D. Reidel.

SIMON-VANDENBERGEN, Anne-Marie, 1993

'Speech, Music and Dehumanisation in Nineteen Eighty-Four', *Language and Literature*, II/3, pp. 157-182.

SMITH, Michael K. & MONTGOMERY, Michael B., 1989

'The Semantics of Winning and Losing', *Language and Society*, 18-1, pp. 31-57.

SMITH, Michael K.; POLIO, H.R. & PITTS, M.K., 1981

'Metaphor as Intellectual History: Conceptual Categories Underlying Figurative Usage in American English from 1675-1975', *Linguistics*, 19, pp. 911-935.

SOUBLIN, Françoise, 1971

'Sur une Règle Rhétorique d'Effacement', *Langue Française*, 11.

SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre, 1986,

*Relevance: Communication and Cognition* (cf. Cap. 4.8: 'Literalness and Metaphor'), Oxford: Basil Blackwell Lda.

STEEN, Gerard, 1989

'Metaphor and Literary Comprehension: Towards a Discourse Theory of Metaphor in Literature', *Poetics*, 18, pp. 113-141.

- STEEN, Gerard, 1994  
*Understanding Metaphor in Literature*, London/New York: Longman.
- STEPNEY, Susan, 1997<sup>a</sup>  
'George Lakoff and Mark Johnson: Metaphors We Live By' (recensão).  
<http://public.logica.com/~stepneys/bib/nf/lakoff.htm>
- STEPNEY, Susan, 1997<sup>b</sup>  
'George Lakoff: Women, Fire and Dangerous Things' (recensão).  
<http://public.logica.com/~stepneys/bib/nf/lakoff.htm>
- STERELNY, Kim, 1984  
'Against Conversational Implicature', *Journal of Semantics*, 1, pp. 187-194  
(cf. resumo no vol. 10).
- STOCKWELL, Peter, 1992  
'Do Androids Dream of Electric Sheep?', *Language and Literature*, I/2, pp. 79-99.
- STROIK, Thomas S., 1988  
*The Pragmatics of Metaphor*, Bloomington/Indiana: Indiana University Linguistics Club.
- SWEETSER, Eve, 1990  
*From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*, Cambridge: Cambridge University Press.
- TAMBA-MECZ, Irène, 1981  
*Le Sens Figuré: Vers une Théorie de l'Énonciation Figurative*, Paris: Presses Universitaires de France.
- TAMBA-MECZ, Irène, 1994  
'Une Clé pour Différencier deux Types d'Interprétation Figurée, Métaphorique et Métonymique', *Langue Française*, 101, pp. 26-34.
- TAMINE, Joelle, 1979  
'Métaphore et Syntaxe', *Language*, 54, pp. 65-81.
- TANNENBAUM, Percy H., 1953  
'The Effect of Headlines on the Interpretation of News Stories', *Journalism Quarterly*, 30, pp. 189-197.
- TATILON, Claude, 1995  
'Autour de la Phrase: Examen Critique de la Typologie Fonctionnaliste des Énoncés', *Actas do XIX Colóquio Internacional de Linguística Funcional*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 259-262.

- TESAK, Jürgen, 1994  
‘Dutch Telegraphese’, *Linguistics*, 32, pp. 325-344.
- TESAK, Jürgen & DITTMAN, Jürgen, 1991  
‘Telegraphic Style in Normals and Aphasics’, *Linguistics*, 29, pp. 1111-1137.
- THOMAS, Sari & EVANS, William A. (coord.), 1990  
*Communication and Culture: Language, Performance, Technology and Media*, Norwood/New Jersey: Ablex Publishing Corporation.
- THOMAS, Susan, 1993  
‘Allan Bell, The Language of News Media. Roger Fowler, Language in the News: Discourse and Ideology in the Press’ (recensão), *Language in Society*, 20/1, p. 115-121.
- TIRRELL, Lynne, 1991  
‘Reductive and Nonreductive Simile Theories of Metaphor’, *The Journal of Philosophy*, 88-7, pp. 337-358.
- TORRE, Manuel Gomes da, 1992  
‘Acerca da Tradução da Metáfora’, *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas*, II Série, vol. IX, pp. 209-226.
- TORRES LOPEZ, Maria Concepción, 1990  
*Estructuras Sintácticas de los Titulares Periodísticos*, (tese de doutoramento em microfilme), Universidade de Granada.
- TRAUGOTT, Elisabeth Closs, 1985  
‘"Conventional" and "Dead" Metaphors Revisited’, in: PAPROTTÉ, W. & DIRVEN, R. (coord.), *The Ubiquity of Metaphor* Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins, pp. 17-56.
- TURNER, Mark, 1986  
‘Symmetry and Literature’, *Language and Style*, Spring 86, pp. 164-183.
- TURNER, Mark, 1991  
*Reading Minds: The Study of English in the Age of Cognitive Science*, Princeton: Princeton University Press.
- TURNER, Mark, 1994  
‘Design for a Theory of Meaning’, in: OVERTON, W. & PALERMO, D. (coord.), *The Nature of Ontogenesis of Meaning*, Lawrence Earbaum Associates, pp. 91-107.
- TURNER, Mark, 1996  
*The Literary Mind*, Oxford University Press.

O primeiro capítulo, "Bedtime with Shahrazad", foi publicado na Internet no endereço

<http://www.wam.umd.edu/~mturn/WWW/lmx.html>

TURNER, Mark, 1998

'The Classical Foundation', in: KATZ, Albert; CACCIARI, Cristina; GIBBS, Raymond & TURNER, Mark (coord.), *Figurative Language and Thought*, Oxford University Press.

TURNER, Mark & FAUCONNIER, Gilles, 1995

'Conceptual Integration and Formal Expression', *Journal of Metaphor and Symbolic Activity*, 10/3, pp. 183-203.

TURNER, Mark & FAUCONNIER, Gilles, 1998

'Metaphor, Metonymy, and Binding', in: BARCELONA, António (coord.), *Metonymy and Metaphor*, Mouton de Gruyter.

<http://www.wam.umd.edu/~mturn/WWW/metmet.html>

ULLMAN, Stephen, 1964

*Semântica: Uma Introdução à Ciência do Significado* (trad. de *Semantics: An Introduction to the Science of Meaning* por J.A. Osório Mateus), 4ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

UNGERER, Friedrich & SCHMID, Jorg, 1996

*An Introduction to Cognitive Linguistics*, London/ New York: Longman [cf. capítulo 3: 'Conceptual Metaphors and Metonymies'].

URRUTIA-CÁRDENAS, Hernan, 1981

'Apelación y Procedimientos Léxicos en Titulares Periodísticos del Ámbito Político', *Revista Española de Lingüística*, 11-2, pp. 403-417.

VAN BUUREN, 1984

'La Métaphore Filée chez Zola', *Poétique*, 54, pp. 53-63.

VAN DER AUWERA, Johan, 1984

'Against "Against Conversational Implicature". A reaction to Kim Sterelny', *Journal of Semantics*, 1, pp. 399-400.

VAN DIJK, Teun A., 1972

*Some Aspects of Text Grammars: A Study in Theoretical Linguistics and Poetics* (cf. cap 7: 'Semantic Operations. Processes of Metaphorization'), The Hague/Paris: Mouton.

VAN DIJK, Teun A., 1980

*Text and Context: Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*, London/New York: Longman.

- VAN DIJK, Teun A., 1985a  
'Structures of News in the Press', in: VAN DIJK, Teun A. (coord.), *Discourse and Communication: New Approaches to the Analysis of Mass Media and Discourse*, Berlin/New York: Walter de Gruyter, pp. 69-93.
- VAN DIJK, Teun A. (coord.), 1985b  
*Discourse and Communication : New Approaches to the Analysis of Mass Media Discourse and Communication*, Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- VAN DIJK, Teun A., 1988a  
*News Analysis: Case Studies of International and National News in the Press*, Hillsdale/New Jersey/Hove/London: Lawrence Erlbaum A.P.
- VAN DIJK, Teun A., 1988b  
*News as Discourse*, Hillsdale/New Jersey/Hove/London: Lawrence Erlbaum A.P.
- VAN DIJK, Teun A. (coord.), 1997  
*Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction* (2 vols), London: Sage.
- VAN DIJK, Teun A. & KINTSCH, Walter, 1983  
*Strategies of Discourse Comprehension*, New York: Academic Press.
- VAN PEER, Willie (coord.), 1991  
*The Taming of the Text*, London/New York: Routledge.
- VEALE, Tony, 1995a  
*Metaphor, Memory and Meaning: Symbolic and Connectionist Issues in Metaphor Interpretation*, Dublin: Dublin City University.  
Tese de doutoramento disponível na Internet em  
<http://www.compapp.dcu.ie/~tonyv/Thesis>
- VEALE, Tony, 1995b  
'The Logic of Literal Meaning, Expressibility and Anomaly in Metaphor Comprehension'.  
<http://www.cs.tcd.ie/www.raveale/logic.html>
- VEALE, Tony, 1998  
'Pragmatic Forces in Metaphor Appreciation: The Mechanics of Blend Recruitment in Visual Metaphor', (publicado em: Veale, T. (1998). *Pragmatic Pressures in Metaphor Appreciation*, apresentado no CMA2, *An International Workshop on Computation for Metaphors, Agents and Analogy*, Aizu, Japan, Abril 1998 (a ser publicado por Springer Verlag na colecção *Lecture Notes in Artificial Intelligence*).  
<http://www.compapp.dcu.ie/~tonyv/Pragmatic/pragmatic.html>

- VEALE, Tony, s.d.  
'A Survey of the Metaphor Field: Being That Most Classical And Revered Of Language Studies'.  
<http://www.compapp.dcu.ie/~tonyv/trinity/survey.html>
- VELLASCO, Ana Maria M. S., 1996  
*Provérbios: Um Estudo Sociolinguístico*, Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília. Uma parte desta tese, incluindo todo o corpus, foi publicada na Internet no endereço  
<http://www.utas.edu.au/docs/flonta/DPbooks/VELLASCO/BRASILEIRO.html>
- VERON, Eliseo, 1981  
*Construire l'Événement: les Médias et l'Accident de Three Mile Island*, Paris: Editions de Minuit.
- VERSCHUEREN, Jef, 1985  
*International News Reporting: Metapragmatic Metaphors and the U-2*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins P.C.
- VICENTE, Begoña, 1996  
'On the Pragmatics of Metaphor: Coming Full Circle', *Language and Literature*, 5-3, pp. 195-208.
- WAGNER, Roy, 1990  
'Mark Johnson: The Body in the Mind' (recensão), *Language in Society*, 19-1, pp. 142-143.
- WAY, Eileen Cornell, 1994  
*Knowledge Representation and Metaphor*, Oxford: Intellect Books.
- WALL, Anthony, 1989  
'Sur un Chemin à l'Écart de la Métaphore', *Semiotica*, 75-1/2, pp. 43-62.
- WATERHOUSE, Keith, 1981  
*Daily Mirror Style*, London: Mirror Books.
- WAXMAN, Sandra, 1989  
'George Lakoff: Women, Fire and Dangerous Things' (recensão), *Applied Psycholinguistics*, 10-4, pp. 493-497.
- WHALLEY, George, 1975  
'Metaphor', in: PREMINGER, Alex; WARNKE, Frank J. & HARDINSON, O.B (coord.), *Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*, London/Basingstoke: The MacMillan Press Ltd, pp. 490-495.



- WHITE, Roger, 1996  
*The Structure of Metaphor: The Way the Language of Metaphor Works*,  
Oxford: Blackwell Publishers Ltd.
- WERTH, Paul, 1994  
'Extended Metaphor - A Text-World Account', *Language and Literature*,  
3/2, pp. 79-103.
- WIERZBICKA, Anna, 1989  
'Prototypes in Semantics and Pragmatics: Explicating Attitudinal Meanings in  
Terms of Prototypes', *Linguistics*, 27, pp. 731-769.
- WILLIAMS-WHITNEY, Diana; MIO, J.S. & WHITNEY, P., 1992  
'Metaphor Production in Creative Writing', *Journal of Psycholinguistic  
Research*, 21-6, pp. 497-509.
- WINSHIP, Elizabeth C. & ALLPORT, Gordon W., 1943  
'Do Rosy Headlines Sell Newspapers?', *Public Opinion Quarterly*, 7, pp.  
205-210.
- WITTGENSTEIN, Ludwig, 1987  
*Tratado Lógico-Filosófico: Investigações Filosóficas* (trad. M.S.  
Lourenço), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- WHORF, Benjamin Lee, 1969  
*Linguistique et Anthropologie* (trad. de *Language, Thought and Reality*  
por Claude Carme), Paris: Ed. Gonthier.
- XAVIER, Maria Francisca & MATEUS, Maria Helena (coord.), 1992  
*Dicionário de Termos Linguísticos*, vol. II, Lisboa: APL/ILTEC.
- YAGUELLO, Marina, 1981  
*Alice au Pays du Langage: Pour Comprendre la Linguistique*, Paris: Ed.  
du Seuil.
- YNGVE, Victor H., 1991  
'Charles Ruhl, On Monosemy: A Study in Linguistics Semantics' (recensão),  
*Word*, 42-1, pp. 95-100.
- ZAVALA, Iris; DIAZ-DIOCARETZ, M. & VAN DIJK, Teun A. (coord.), 1987  
*Approaches to Discourse, Poetics and Psychiatry*, Amsterdam/  
Philadelphia: J.Benjamins.
- ZBIKOWSKI, Lawrence, 1997  
'Conceptual Blending and Song'. Resumo da comunicação em:  
<http://humanities.uchicago.edu/faculty/zbikowski/research.html>

ZBIKOWSKI, Lawrence, 1998

'Metaphor and Music Theory: Reflections from Cognitive Science', *Music Theory Today Online*, 4/1, Jan.98. Resumo em:  
<http://humanities.uchicago.edu/faculty/zbikowski/research.html>

ZBIKOWSKI, Lawrence (no prelo)

'Conceptual Blending in Music: The Nineteenth-Century Lied', in: HERMAN, Vimala (coord.), *Cognitive Poetics*. Resumo em:  
<http://humanities.uchicago.edu/faculty/zbikowski/research.html>



**Páginas sobre metáfora consultadas na Internet:**

Analogy and Metaphor

<http://www.cs.may.ie/~dod/references.html>

Center for the Cognitive Science of Metaphor Online:

<http://metaphor.uoregon.edu/metaphor.html>

<http://darkwing.uoregon.edu/~rohrer/metaphor.htm>

Figurative Language Network

<http://www.mailbase.ac.uk/lists/fln/>

George Lakoff's Conceptual Metaphor Home Page:

<http://cogsci.berkeley.edu/>

Mark Turner:

<http://www.wam.umd.edu/~mturn/>

Meta Project Databank: Examples of Usage of Metaphors of Mind

<http://www.cs.bham.ac.uk/~jab/ATT-Meta/Databank/>

Metaphor and Metonymy Abstracts and Papers

<http://www.psyc.nott.ac.uk/met/abstracts.html>

Metaphor and Symbol Journal Online:

<http://citd.scar.utoronto.ca/metaphor/journal.html>

Metaphor: From Plato to the Postmodernists

<http://www.netspace.org/~erica/m4/>

MetaSelf: Metaphor Model Home Page:

<http://www.metaself.org/model/>

Rhetorical Figures

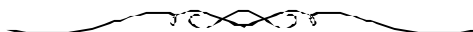
<http://www.uky.edu/ArtsSciences/Classics/rhetoric.html>

The Metaphor and Metonymy Group (Nottingham):

<http://www.le.ac.uk/psychology/metaphor/metaphor.html>

The Metaphor Home Page:

<http://www.compapp.dcu.ie/~tonyv/metaphor.html>



## ***8. Índice de quadros, gráficos e diagramas***

## 8. ÍNDICE DOS QUADROS, GRÁFICOS E DIAGRAMAS

### 8.1. QUADROS:

<b>Quadro 1</b> – Distribuição das quatro categorias sintáticas dos títulos do corpus por jornal (quadro de frequências absolutas) .....	123
<b>Quadro 2</b> – Distribuição das configurações sintáticas da categoria A (títulos frase) por jornal (frequências absolutas) .....	125
<b>Quadro 3</b> – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintática A.1 (SU-V-OD) por jornal .....	128
<b>Quadro 4</b> – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintática A.2 (SU-V) por jornal .....	131
<b>Quadro 5</b> – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintática A.3 (SU-VPRED-PREDSU) por jornal .....	134
<b>Quadro 6</b> – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintática A.4 (SU-V-OBL) por jornal .....	137
<b>Quadro 7</b> – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintática A.5 (SU-V-OD-OI) por jornal .....	139
<b>Quadro 8</b> – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintática A.6 (SU-V-OD-OBL) por jornal .....	141
<b>Quadro 9</b> – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintática A.7 (SU-V-OI) por jornal .....	142
<b>Quadro 10</b> – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintática A.8 (SU-V-OD-PREDOD) por jornal .....	144

<b>Quadro 11</b> – Distribuição de frequências absolutas das variantes da configuração sintáctica A.9 (V-OD) por jornal .....	145
<b>Quadro 12</b> – Distribuição dos títulos frase interrogativos pelas categorias correspondentes (frequências absolutas por jornal) .....	149
<b>Quadro 13</b> – Distribuição dos títulos frase na voz passiva pelas categorias activas correspondentes (frequências absolutas por jornal) .....	150
<b>Quadro 14</b> – Distribuição dos títulos constituídos por frases coordenadas pelas combinações de configurações sintácticas (frequências absolutas por jornal) .....	154
<b>Quadro 15</b> Distribuição das configurações sintácticas da categoria B (títulos elípticos) por jornal (frequências absolutas) .....	159
<b>Quadro 16</b> – Quadro sinóptico das variantes da metáfora actividade com objectivo é viagem .....	269
<b>Quadro 17</b> – Nomes das rubricas dos jornais do corpus .....	340
<b>Quadro 18</b> - Distribuição dos diversos tipos de jogos sonoros por jornal .....	347
<b>Quadro 19</b> – Tipos de jogos de palavras onomásticos por jornal .....	355
<b>Quadro 20</b> – Utilização de itálico nos veículos metafóricos dos títulos por jornal .....	384
<b>Quadro 21</b> – Utilização de aspas nos veículos metafóricos dos títulos por jornal .....	385
<b>Quadro 22</b> – Utilização de parênteses para salientar veículos metafóricos nos títulos por jornal .....	392
<b>Quadro 23</b> – Utilização de reticências para salientar veículos metafóricos nos títulos por jornal .....	395

---

<b>Quadro 24</b> – Distribuição, por jornal, dos elementos co-textuais aos títulos de primeira página (frequências absolutas) .....	408
<b>Quadro 25</b> – Distribuição, por jornal, dos elementos co-textuais aos títulos de página interior (frequências absolutas) .....	408
<b>Quadro 26</b> – Distribuição, por jornal, dos elementos co-textuais onde se fornecem pistas para a descodificação da linguagem metafórica presente no título (frequências absolutas) .....	419
<b>Quadro 27</b> – O co-texto e a metáfora do título (distribuição de frequências absolutas por jornal) .....	421
<b>Quadro 28</b> – Relação entre a linguagem metafórica do título de primeira página e a linguagem do(s) título(s) interior(es) correspondente(s) (distribuição de frequências absolutas por jornal) .....	437
<b>Quadro 29</b> - <i>Verba dicendi</i> presentes nos antetítulos e subtítulos do corpus ..	472

## 8.2. GRÁFICOS:

<b>Gráfico 1</b> - Percentagem das configurações sintáticas da categoria A (títulos frase) por jornal .....	156
<b>Gráfico 2</b> - Percentagem das configurações sintáticas da categoria B (títulos elípticos) por jornal .....	183
<b>Gráfico 3</b> – Frequências absolutas dos títulos de configuração sintáctica da categoria C (títulos bissegmentais) por jornal .....	205
<b>Gráfico 4</b> - Percentagem das quatro categorias sintáticas de títulos do corpus .....	206
<b>Gráfico 5</b> – Percentagem das configurações sintáticas dos títulos do corpus por jornal .....	207
<b>Gráfico 6</b> – Percentagem de títulos frase com a ordem dos constituintes sintáticos alterada vs. ordem normal, por subcategorias .....	210
<b>Gráfico 7</b> – Percentagem de títulos frase com e sem constituintes sintáticos opcionais, por subcategorias .....	210
<b>Gráfico 8</b> – Distribuição de frequências absolutas das metáforas conceptuais no corpus .....	337
<b>Gráfico 9</b> – Percentagens de títulos da secção desportiva (frequências relativas ao total de títulos de cada jornal no corpus) .....	339
<b>Gráfico 10</b> – Distribuição dos diversos jogos sonoros por jornal .....	373
<b>Gráfico 11</b> – Distribuição dos diversos jogos de palavras por jornal .....	376
<b>Gráfico 12</b> – Distribuição dos destaques gráficos dos veículos metafóricos	



nos títulos, por jornal ..... 398

**Gráfico 13** – Percentagens dos elementos co-textuais onde se fornecem

pistas para a descodificação da linguagem metafórica presente nos

títulos das notícias ..... 475

**Gráfico 14** – Percentagem de títulos cujo domínio fonte é ou não

retomado no co-texto ..... 477

**Gráfico 15** – Percentagem de títulos cujo domínio fonte é ou não

retomado no co-texto, por jornal ..... 478

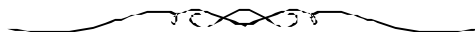
**Gráfico 16** – Percentagens, em relação ao total de notícias com dois títulos,

da linguagem do título de página interior em relação ao título de primeira

página ..... 479

### 8.3. DIAGRAMAS:

<b>Diagrama 1</b> – Exemplo de uma projecção metafórica .....	57
<b>Diagrama 2</b> – Os espaços múltiplos de Fauconnier e Turner .....	62
<b>Diagrama 3</b> – Exemplo de rede transicional .....	77
<b>Diagrama 4</b> – Percurso comunicativo do discurso noticioso segundo H. Burger .....	200
<b>Diagramas de metáforas conceptuais:</b>	
<b>Diagrama 5</b> – ACONTECIMENTOS INTERLIGADOS SÃO NOVELAS .....	224
<b>Diagrama 6</b> – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É CAÇA .....	226
<b>Diagrama 7</b> – PONTARIA AFINADA/PONTARIA DESAFINADA.....	229
<b>Diagrama 8</b> – FALHAR O GOLO É PONTARIA DESAFINADA.....	230
<b>Diagrama 9</b> – FALHAR O GOLO É PONTARIA DESAFINADA.....	231
<b>Diagrama 10</b> – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É DISPARAR .....	232
<b>Diagrama 11</b> – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É ENTRAR EM CASA .....	235
<b>Diagrama 12</b> – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É EXAME.....	237
<b>Diagrama 13</b> – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É LUTA .....	250
<b>Diagrama 14</b> – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É SUBIR AO TRONO .....	253
<b>Diagrama 15</b> – ACTIVIDADE COM OBJECTIVO É VIAGEM .....	267
<b>Diagrama 16</b> – BOM É DOCE/ MAU É AMARGO .....	274
<b>Diagrama 17</b> – BOM É EM CIMA/ MAU É EM BAIXO .....	276
<b>Diagrama 18</b> – BOM É LIMPO/ MAU É SUJO .....	277
<b>Diagrama 19</b> – BOM É QUENTE/ MAU É FRIO .....	284
<b>Diagrama 20</b> – BOM É SAUDÁVEL/ MAU É DOENTE .....	286
<b>Diagrama 21</b> – COMPETIÇÃO É CORRIDA .....	288
<b>Diagrama 22</b> – DESPORTO É ESPECTÁCULO DE PALCO .....	296
<b>Diagrama 23</b> – ENTIDADES EM EVOLUÇÃO SÃO PLANTAS .....	299
<b>Diagrama 24</b> – ENTIDADES ORGANIZADAS SÃO CORPOS HUMANOS .....	303
<b>Diagrama 25</b> – EXISTÊNCIA É VIDA .....	308
<b>Diagrama 26</b> – IMPEDIR A PROGRESSÃO É CONGELAR .....	311
<b>Diagrama 27</b> – INACTIVO É ADORMECIDO/ ACTIVO É ACORDADO .....	313
<b>Diagrama 28</b> – RELACIONAMENTO É CASAMENTO .....	324
<b>Diagrama 29</b> – Características dos jogos de palavras polissémicos nos títulos de notícia .....	366
<b>Diagrama 30</b> – Ilustração das duas impossibilidades na combinação de características dos jogos de palavras polissémicos nos títulos de notícia .....	367



## ***9. anexo***